

**CONVERSAÇÃO  
FAMILIAR, E  
EXAME CRÍTICO,  
EM QUE SE  
MOSTRA...**

---

Severino : de São Modesto,  
José Maria Fonseca de Évora











# CONVERSACÃO FAMILIAR, E EXAME CRITICO,

Em que se mostra reprovado o Methodo de estudar,  
que com o titulo de Verdadeiro, e additamento  
de util á Republica, e á Igreja, e proporciona-  
do ao estylo, e necessidade de Portugal

*Expoz em dezeseis Cartas*

O R. P. FREY \* \* \* \* BARBADINHO

Da Congregação de Italia:

E tambem: frivola a Repolha do mesmo Reverendo  
às solidas Reflexões

Do P. FREY ARSENIO DA PIEDADE,  
Religioso Capucho.

A U T H O R

O P. SEVERINO DE S. MODESTO,  
Presbytero.

*Cõmunica-o a seus amigos*

ROZENDO ELEUTHERIO DE NORONHA,  
Particular amigo do Author.



**V A L E N S A.**  
Na OFFICINA DE ANTONIO BALLE

Anno M. DCC. L.

*Com todas as licenças necessarias.*



# INDEX.

## C A P. I.

*Amotaçoens ao primeiro titulo da Reposta. P. 3*

**N** Este cap. satyriza o *Critico* as Escólas de *Santo Thomás*, e *Escoto*. 6, 7, e 8. Introduz a historia fingida de hum Sermaõ do P. M. *Jeronymo de Castilho*. 9; e huma muito satyrica com grave injuria dos Generaes Portuguezes na guerra da Acclamação. 10, 11, e 12.

## C A P. II.

*Trata da Reflexão primeira da Reposta. P. 13.*

Mostra-se ser satyrica a Dedicatoria do *Critico* á *Gravissima, e Doutissima* Provincia Lusitana da Companhia de JESUS. 13. Transcrevem-se para eterno elogio do methodo, e estudos Publicos da Companhia varias clausulas das Bullas do Glorioso Reinante Pontifice *Benedicto XIV*. 16, e 17. He falso affirmar o *Critico*, que *Santo Thomás* peccára contra o Decreto do S. P. *Gregorio IX* cõmentando ao Filosofo. 18: ser justo cercear alguns privilegios ás Religioens, por haverem cessado (como impia, e ignorantemente diz) os motivos delles, e serem alguns dos mesmos privilegios usurpados. 19, e 20: e tambem que Roma todos os dias extingue, e aniquila Religioens. 21, 22, e 23. Misloens da Companhia de JESUS. Ibid. Sente irrisoriamente do titulo de Braço direito da Igreja de Deos, dado pela Sé Apostolica á Sagrada Religião da Companhia de JESUS: 24, 25, e 26. Introduz certos escritos do R. P. *Concina* contra o doutissimo P. *Benci* Jesuita; e a tudo se responde de pag. 16 até 30. Mostra-



## Index

se, que Prólogos, e Dedicatorias sempre foraõ couza diversa.

### C A P. III.

*Contra a Reflexão segunda da Reposta.* P. [33.](#)

Justamente se introduz a Jansenio na classe dos Hereges. [34](#) até [37.](#) Refuta se o delirio, que admite ser a alma dos brutos espirital, e discursiva. [39.](#) Mostra-se contra o *Critico*, que o ar fôrma humana abóbada, que cerca o globo da terra. [40](#) He indubitavel contra o *Critico*, que Cartesio, e meynos Cartesianos não justamente desapprovados, e que desterraraõ deste mundo os accidentes, e extingui-raõ as côres. [42.](#)

### C A P. IV.

*Da Ortografia.* P. [43.](#)

Erra o *Critico* em querer introduzir palavras novas, e diverso modo de escrever. [43](#) até [46.](#) A introdução de palavras novas pertence ao uso das Naçoens, e aos doutos dellas. [47,](#) e [48.](#) Mostra-se como se deve escrever: quando he preciso dobrarem-se as letras: como, e quando se devem unir as consoantes entre duas vogaes; e como se haõ de pronunciar as palavras, &c. [49](#) até [51.](#) São escufadas Escólas de Grammatica Portugueza: e nada convencem os exemplos dos Gregos, e Latinos, nem os de França, e Italia. [51](#) até [55.](#) O que diz da formalidade nas cartas, e sobrescritos he inat-tendivel, como tambem nas censuras dos livros sobre os titulos, que chama podres. [56](#) até [58.](#) Reprova-se a regra magistral, que affina, para se desterrarem as letras dobradas, e tambem os hh. [59.](#) Trata-se da pronuncia do *x*, e do *ch*, e de outras letras. [59](#) até [61.](#)

### C A P. V.

*Da Grammatica, e Latinidade.* P. [61.](#)

Declara-se o sentido, em que Grammatica, e Latini-



## *Index*

e Latinidade faõ a mesma couza, e que a Grammatica serve para fallar bem Latim. [62](#), e [64](#). Elogio do illustre Fidalgo Tudesco, e bom Catholico Gaspar Scioppio. [66](#) até [69](#). Prudente, e desinteressado juizo do douto *Facciolato*, que diz ser taõ exactamente perfeito o methodo da Grammatica, de que usa a Companhia, e taõ geralmente aceito de toda a Italia, que protesta, que sempre o seguirá (no Seminario de Padua, de que he Regente) naõ se apartando de hum m. thodo, que foy composto por Varoens os mais diligentes, e mais praticos no universal magisterio, e que poem em desesperaçaõ as diligencias, e as esperanças de se achar outro melhor. [70](#). Verdadeiros elogios do P. *Manoel Alvares*, e da sua grande *Arte*. [69](#) até [77](#). Erros do *Critico* convencidos em abono da *Arte* do P. *Alvares*. [78](#) até [97](#).

### *Continuaçaõ do Cap. V. P. [97](#).*

As linguas Grega, e Hebraica naõ sãõ hoje precisas para a intelligencia das Escrituras Sagradas dos Concilios, e obras dos DD. da Igreja, nem para se saber Theologia Domagtica. A *Vulgata* estã declarada por authentica pelo Concilio Tridentino na Sess. IV, Can. II; ainda que por essa declaraçaõ naõ intentou deprimir a authoridade das fontes Grega, e Hebraica, que naõ estivessem viciadas, o que hoje serã difficuloso achar; porque os Lutheranos, e Calvinistas tem depravado a pureza de hum, e outro texto. [97](#) até 102. De [400](#) Bispos Catholicos, que assistiraõ no Concilio Ariminense, nenhum delles possuia a lingua Grega. 103. Mostraõ-se os excessos de preferencia da *Vulgata* sobre os Exemplares Gregos, e Hebraicos. [103](#), e 104. Declaraõ-se varias significaçõs de palavras Gregas, e Hebraicas apontadas pelo *Critico*; como tambem a intelligencia de alguns textos, que insinuou, sem necessidade de recorrer



## Index

correr ás linguas Orientaes. [104](#) até [108](#). Pódem convencer-se efficaçmente os Hereges com os textos da *Vulgata* juntos com os argumentos, que trazem os Dogmaticos. [109](#). Não deve de todo omitir-se o estudo das linguas Santas. [111](#). Referem-se dous casos, que finge o *Critico*, succedidos aos Missionarios Jesuitas; hum em Gibraltar, e outro no Malabar. [112](#) até [115](#).

### Conclusão do Cap. V. P. [116](#)

Declaraõ-se varias ineptias do *Critico* sobre a Grammatica, e seu estudo. Transcrevem-se advertencias de Scioppio em grande louvor do M. *Manoel Alvares*, ainda com prejuizo da fama de Francisco Sanches, Mestre do mesmo Scioppio. Approva-se o castigo, q se dá aos estudantes nas Escólas de Portugal: tudo de [116](#) até [120](#). Reprovaõ-se alguns ditames do *Critico* ácerca dos estudos dos rapazes. [121](#), e [122](#).

### C A P. VI.

#### Da Rhetorica. P. [122](#).

Maledicencia do *Critico* em dizer, que em Portugal se não sabe Rhetorica, e que os Mestres da Companhia não usão senão da de *Pompey*: e que a do *Cypriano Soares* tem os defeitos, que lhe nota o mesmo *Critico* com *Morós*. [123](#) até [127](#). Mostra-se, que sendo hum só o fim da Rhetorica, não he hum só o modo, o estylo, e o uso della. [128](#). e [129](#). Não he erro contra a Rhetorica usar de conceitos nos Sermoens; e esse engenhoso modo de prégar, de que foy inventor o Eloquentissimo P. *Francisco de Mendoça* da Companhia de JESUS, illustre Portuguez, passou a Italia, e á mesma Roma. [130](#) até [140](#). A Eloquencia floreceo, e floresce em Hespanha, e Portugal. [140](#), e [141](#). Mostra se, que a divisaõ dos Assumptos dos Sermoens em tres pontos,



## Index

tos, como fizeraõ alguns Prégadores Portuguezes, não he erro; e que tambem em Italia, e França praticaraõ, e praticaõ ainda não poucos Prégadores este methodo: o que se mostra nos titulos de varios Sermoens. [143](#) até [146](#). Que não he erro nos Sermoens de Exequias eleger themas da Escriitura, e muito menos censuravel o serem do Testamento velho; e se comprova com o exemplo dos melhores Oradores Francezes, e Italianos. [146](#) até [152](#). Não diz bem o *Critico* em affirmar, que na Escriitura antiga ha poucos exemplos de mulheres heróicas, e que porisso recorrem logo os Prégadores; para os Sermoens de Exequias de Senhoras, a buscar a mulher do dragaõ. [152](#) até [155](#). Não copiou fielmente o capit. do Concilio de Trento, e menos soube applicar a sua prohibiçaõ, estendendo-a aos Sermoens de Exequias, e intentando com isto fazer culpavel o uso das Escrituras nos Panegyricos funebres: exemplifica-se o uso dellas em semelhantes occasioens com *S. Bernardo*, e *Santo Ambrosio*. [156](#) até [159](#). Reprehende injustamente os Pregadores a respeito dos Sermoens das tardes; e em lhe querer impôr a obrigação de pré-garem do Evangelho da Dominga, e não de thema livre com divisaõ para cada tarde: se lhe estranha a petulancia, com que falla de certo Prégador. [159](#) até [162](#). He fingida a historia, que conta de certo Padre da Congregaçaõ de S. Vicente de Paulo para desdouro do Clero de Portugal: e se lhe mostra, quanto floresce neste Reyno o mesmo Clero nas Universidades, e Cidades principaes do Reyno, e em todo elle. [163](#) até [167](#). Mostra-se de pag. [168](#) até [248](#) a insipiencia, com que o *Critico* blasfemou do sempre Grande, immortal, e nunca affás louvado *P. Antonio Vieira*. De pag. [183](#) até [194](#) se illude a critica contra o Sermaõ de *Santo Antonio*. De pag. [211](#) até [233](#)  
a do



## *Index*

a do Sermaõ da Gloria de *MARIA Mãy de Deos* em dia da sua gloriosa Assumpção. E do de *S. Bartholomeu* de pag. 236 até 248.

---

### C A P. VII.

*Da Poesia.* P. 248.

Mostra-se a ignorancia, com que o *Barbadinho* critica a *Camões*; atrevendo-se a dizer, que o que fez de bom, o tornou dos Poétas de Italia; pois se reconhece, que imitou a *Virgilio*, e quasi o excedeo: 251 até 254. Mayor ignorancia, a com que reprovou o Poëma Epico do mesmo *Camões*. 254 até 256. A incivilidade, com que argue a *Antonio da Fonseca Soares*, a quem intitula o *Chagas* 256 até 258. Transcreve-se o prezado Soneto do *Critico*, ou de algum dos seus *Confrades*. 259. Afastelhe o desprezo, com que falla dos Poétas Portuguezes 261 até 263; e nesta pag. se referem muitos insignes Poetas Authores de Poëmas Epicos. A p. 264. e 265, em q. falla dos Epigrãmas, fere a dous AA. modernos. Mostra-se levantar testemunho aos Portuguezes em os fazer inventores dos Equivocos; pois devem o herço á Italia. 265, e 266. Crassa ignorancia, com que reprova os Elogios. 266, e 267. E muito mais crassa, a com que critica as primeiras cinco regras do primeiro Elogio do *P. jaglar*. 268 até 272. Mostra-se, que os Romanos antigos nas suas inscripçoens, que chama elogios, não pretendiaõ mostrar a sua eloquencia, mas sómente perpetuar na memoria da posteridade algumas empresas, e obras 273. Calumnia, com que pertendeo escurecer a gloria de certo Poeta, que compoz em a Universidade de Evora hum Tragedia por occasião da solemne Apotheóse dos Santos Luiz Gonzaga, e Estanisláo Kostka: á qual o *Critico* falsificou o titulo; e até mentio, dizendo, que os Jesuitas de Roma lepidamente lhe chamaraõ Livro de

---

*Orti,*



## Index

*Ortu*, & *Interitu* [273](#) até [278](#). *Petulancia* atrevida, com que censurou os Hymnos da Igreja. [278](#), e [279](#). Mostra-se não contêr impropriedade o Soneto de *Antonio da Fonseca Soares* feito em metáfora de Solfa á hum cavallo do Conde de Sabugal: o que se convence com exemplos; sendo mais concludente o de *Virgilio*, não em huma Ecloga, mas em hum Poêma heroico, e grave, em que introduz chorando hum cavallo: e o de *Ovidio*, que não duvidou dar aos cavallos, que tiravaõ pelo coche do Sol, os pratos da mesa dos seus Deoses. [281](#), e [282](#). Defença geral de todos os Poétas Portuguezes. *Ibidem*, e [283](#).

### C A P. VIII.

#### *Da Logica. P.* [284](#).

Mostra-se, que com razão duvida *Arsenio* de algumas partes da Historia Filosofica do *Critico*; e se apontaõ varias incertezas, e duvidas de Historias: e de caminho se castiga o arrojo do *Fr. Barbadinho* em criticar a Historia da Apparição de Christo ao Santo Rey, o Senhor D. Affonso o [1](#), e do óleo da Sagração dos Reis de França. [284](#) até [286](#). Nega-se todo o dialogo, que teve com certo Mestre, e se affirma, que he de Fé haver fórmas substanciaes, e accidentaes distintas; e como estas são, as que admite *Aristoteles*, atinou com a verdade, como tambem a respeito da Liberdade. [286](#) até [288](#). Que he falso dizer, que do fim do Concilio de Trento tinhaõ os Theologos aberto os ólhos sobre a Theologia, e que esta se não devia misturar com a Filosofia Peripatetica. [289](#), e [290](#). Mostra-se, que *S. Agostinho* seguio varias resoluções de *Aristoteles*. [290](#). Que os livros de *Aristoteles* foraõ expurgados. [291](#). Affirma-se, que as Academias de Filosofias experimentaes são de muito proveito; porêm que não infringem os principios Aristotelicos. [291](#) até [297](#). Os livrinhos Filo-

## Index

foscos em estylo Oratorio, em dialogos, e cartas familiares são excellentes para Cavalheiros, e Senhoras. [292](#). Mostra-se, que os novos Mestres destas Filosofias são, os que pertendem introduzir com os seus Méthodos huma grande cegueira. [293](#) até [296](#). Mostra-se, que o ar, que nos cerca, he pezado. [297](#), e [298](#). Mostra-se a utilidade dos Syllogismos. [301](#) até [303](#). Não appareceo a idéa da Logica prometida pelo *Critico*. [307](#).

### C A P. IX.

#### *Da Metafisica. P. [309](#).*

Mostra-se não haver prejuizo em demorar a mocidade nestes estudos. [310](#). Que he tambem util a Fysica especulativa. [311](#). Qual seja o emprego da Metafisica. [312](#). Censura do *Critico* contra o illustissimo Mestre *Feijó*. [316](#), e [317](#). Elogios dados ao mesmo pelos Eminentissimos *Cardeaes Cienfuegos*, e *Quirini*, e pelo S. P. *Benedicto XIV* nosso Senhor. [318](#) até [320](#). Não ha arengas nos Peripateticos. [321](#). Mostra-se, que he material o discurso dos brutos. [323](#), e [324](#). Declara-se ignorar o *Critico*, que couza seja o Vacuo. [325](#). Deve o *Critico* envergonhar-se de não saber as propriedades do Ente. [326](#). E muito mais de ignorar a divizaõ delle em Ente Divino, e creado. [327](#), e [328](#). Frivola impugnação contra a definição da possibilidade. [328](#), e [329](#). Cauza estranha admiração o dizer, que se admira, que os Peripateticos supponhão certa a definição do Espírito. [329](#), e [330](#). Disparates do *Critico* sobre a possibilidade. [331](#). Não se deve dellerrar a Especulação. [332](#).

### C A P. X.

#### *Da Fysica. P. [333](#).*

Mostra-se, que não he querer contraditórios, unir *Aristoteles* com as experiencias modernas.



## Index

334. Responde o *Fr. Arsenio* com os principios Aristotelicos a dez experiencias propostas pelo *Fr. Barbadinho*. 314 até 341. Accrescenta o *P. Arsenio*, que se houver alguma experiencia, que claramente prove alguma contra a doutrina de *Aristoteles*, que sem duvida a devem os Peripateticos largar. 341, e 342. Que he falso afirmar o *Critico*, que *Arsenio* dissera, que as experiencias, e instrumentos eraõ Systema moderno. 342, e 343. He petulancia dizer, que as novas Academias deitaraõ abaixo as parvoíces de *Aristoteles*. 344. He certo, que, examinados todos os systemas, se veyo a concluir, que o Aristotelico concordava mais com os dogmas da Religiaõ: e tambem he mais que certo, que as obras do Filosofo naõ foraõ mandadas queimar pelo Papa; mas só prohibidas até se expurgarem. 346 até 349. Refere-se a historia da redoma de metal cheya de agoa, e a conferencia entre o *Critico*, e hum Jesuita. 350 até 352. Blasfemia do *Critico* em assentar, que *Cicero* entendera melhor *Aristoteles*, do que *S. Thomás*; e atrevimento em dizer, que os PP. *Kirker*, e *Scheiner* eraõ máos Filósofos. 352, e 353. Chama o *Critico* fallada inintelligivel ás vozes de materia, forma, privação, actos primeiros, e segundos, e se lhe reconvém com huma bem lepida instrucção, que da sua Fyfica póde dár ao seu cozinheiro. 355. Responde-se ao ascenso da agoa na seringa: á cor da tintura do xá, &c. 357, e 358. Notavel *Critico*, que até condena a leitura do *Larraga*, e outros taes Moralistas. 358, e 359; e isto na Fyfica!

### C A P. XI.

#### Da Ethica, P. 359.

Erra o *Critico* egregiamente em presumir, que na Theologia senaõ trata tudo, que pertence á Ethica: convence-se, que na presente providen-



## Index

cia não ha bemaventurança natural. Que  $\neg$  óde o homem conformar se com a boa razão, e evitar os vícios, não pela *Ethica* dos Gentios, mas pela da doutrina *Theologica de actibus humanis*: e errou o *Critico*, por affirmar, que não basta a pura *Theologia* sem a *Ethica*. 359 até 362. Falla-se dos Deístas, e se declara o primeiro herege desta Seita. 363. Erra o *Critico* em affirmar, que os Casuistas não affinaõ razão. 364, e 365. Não sabe, que couza he Probabilismo, e o confunde com a laxidaõ. Jacta-se de que os hereges escarnecem dos Casuistas. 365 até 370. A *Ethica* dos Filósofos Gentios não chega, nem he habil para ensinar, em que consiste a suprema felicidade do homem; nem explicar as virtudes, e modo de a conseguir. 372. Forte disparate do *Critico* em dizer, que *Plutarco*, *Cicero*, e *Seneca* escreveraõ melhor, que os Theologos de profissaõ. 373. Erra, e torna a errar, asleverando, que medo, e concupiscencia se oppoem á liberdade dos actos: e he agora ensinado, para saber, como ha de fallar no que não vio, nem estudou. 374 até 376.

### C A P. XII.

#### *Da Medicina.* P. 376.

Mostra-se contra o *Critico*, que do Medico não he proprio o ser Anatomico; que bastará ser instruído na Anatomia, sabendo especulativamente a estrutura do corpo humano. 377 até 379. Sem razão diz mal do *Curvo*, e dos *Galenicos*; chegando a examinar os remedios. 380, e 381. Ridicula facécia de Carlos Muzitano, Medico moderno. 381, e 382. Repróva os remedios de muitos ingredientes, e os simplez. 382 até 384. Mostra-se, que se fóra de Portugal ha esses Medicos oppostos a *Galenos*, nem porisso fazem milagres. 384, 385, e seg. Que a experiencia do Medico no curativo, indepen-



## Index

pendente dos systemas Filosoficos modernos, he o melhor constitutivo do Medico. 386 até 389. Systema, supposição, e hypothese tudo he o mesmo. 389. Faz-se lembrança de certa Historia de Filosofia mal succedida na revisão, e exame dos Censores Romanos: e tambem das cartas do *Barbadinho*. 389, e 390. Trata-se da circulação do sangue, da qual *Harveo* não foy o descobridor, mas o primeiro, que a affirmou. *Mangetto* cita treze lugares de *Hypocrates* claros, e demonstrativos da mesma circulação. 391 até 393. Os Medicos modernos só em méras palavras se distinguem dos *Galenistas*; e para serem menos mal succedidos nas curas, recorrem a abraçar a doutrina de *Hypocrates*, e *Galeno*, ou o exercicio della. 392. O Parlamento de França prohibio aos modernos com graves penas a transfusão do sangue nos racionais; e com mayores S. Santidade ainda nos irracionais. Delirio grande destes inventores a respeito do sangue humano, e belluino. 394. Outros delirios fantasticos dos modernos. Ibid. e 395. Trata-se da Triága magna; e todos se devem rir do que dizem della o *Critico*, e os que elle cita; e muito mais da resurreição, que conta, de hum animal. 395 até 397.

### C A P. XIII.

*Do Direito Civil, e Canonico. P. 397.*

Neste cap. se estranha a petulancia, com que o *Critico* falla dos Jurisconsultos Portuguezes, e dos que neste Reyno ensinao, estudaõ, e se exercitaõ em hum, ou outro Direito; ou sejaõ Ministros, ou Advogados 398 até 400. Exaggéra, como em Inglaterra, e Hollanda se sabem Leys, e todas as sciencias Divinas, e humanas melhor, que em nenhuma outra parte. Ibid. Affirma, que *Hugo Grócio* foy hum dos melhores Theologos do seu seculo, e hum dos mais doutos Interpretes da Escritura. Descreve-se



## Index

creve-se o caracter d'elle, que sendo dotado de grande modestia, e de exquisita erudição, principalmente profana, foy herege Protestante, e depois sectario do Calvinismo, e errou torpemente na exposição de muitos livros Sagrados. 401, e 402. Repete a ignorancia dos DD. em Leys, e Canones, deste Reyno, e se escandaliza da sua presunção, e grande satisfação. 403. Na *Resposta* ao *l. r. Arsenio* modifica a proposição, e diz, que elle cõmummente falla dos Estudantes, e Bacharéis. 403, e 404. Persuade, que a Ethica, e a Historia são as fontes do Direito. Negase, que o seja a Historia; porque a Ley não nasceo da Historia, antes ella nasceo da Ley. 404. He notavel o dictame do *Critico* em afirmar, que he preciso sair fóra do Reyno para ser bom Conselheiro da Fazenda, Ultramar, Secretario de Estado, e das Mercês. 407, e 408. Affirma certas falsidades, authorizando-as com D. Luiz da Cunha, e com o Conde de Tarouca. 409, e 410. Que os Interpretes fizeraõ mais escuro a *Santo Thomás*. 410 até 415. Trata-se do estudo do Grego, e da Historia, e se resolve, que não he condição *siuè quã non* para se saber Jurisprudencia Civil, 416, e 417. *Graciano* injustamente vituperado do *Critico*. 418, e 419. Errou este em dizer, que tudo, que trataõ os Moralistas em materias Canonicas, e em questoes pertencentes aos Sacramentos, pela mayor parte são sutilezas, que se não deviaõ tratar. 424. Affirma varios despropósitos sobre a materia deste cap. 425 até 427. Mostra a sua inconsideração na inflexivel petulancia, com que falla na Universidade de Coimbra a respeito de huma, e outra Jurisprudencia; e he justamente reprehendido. 428, e 429. Na dita p. 428. se transcreve o elogio do *S. P. Clemente XI* dado a mesma Universidade, &c.

CAP.



# Index

C A P. XIV.

*Da Theologia. P. 430.*

No §. 1. se mostra a verdadeira divisaõ da Theologia. 430 até 437. No §. 2. se manifesta a antiguidade da Especulativa, antes de ter methodo. 138 até 441. No §. 3. se convence, que a Escolastica Peripatetica servio nos Concilios Florentino, e Tridentino. 441. Mostra-se, que *mentiu*, não o *Fr. Arsenio*, mas o *Critico*, negando, que a questão do Principio *Quo productivum* se tivesse tratado no Concilio Florentino, e se transcrevem os argumentos dos Latinos, e repostas de Marcos Grego, Metropolitano de *Efeso*. 442 até 445. A pag. 444 se mostra, que o Bispo de Rhodes no seu argumento citou Aristoteles. Os Theologos todos, ou quasi todos, do Concilio Tridentino forão Aristotélicos. 446, e 447. Os Summos Pontifices elogiáraõ a doutrina Theologica das tres Celebres Escólas, de *Santo Thomás*, *Seráfica*, e *Jesuítica*. 503, e 504. No §. 4. se declara, que a Escolastica he aborrecida, e impugnada pelos Hereges, e se não occultaõ os fins, que para isso tem, por mais, que os disfarcem. O nosso *Critico* na sua *Resposta* quiz explicar-se, dizendo, que só condena a Escolastica Peripatetica, ou cõmua Escolastica, que suppoem fórmas, e accidentes distintos: porém o tiro delle, e o daquelles he contra a Theologia, e Aristoteles mero pretexto. 448 até 451. Adverte-se, que *Santo Agostinho*, sendo Platonico, admittio fórmas distintas. Ibidem. No §. 5 se mostra ser a Theologia Escolastica necessaria ao Dogmatico: e que raro será o erro contra a Fé, que não conheça quem for versado na speculativa. 451 até 455. O systema de *Aristoteles*, depois de expurgado, não he opposto á nossa Religiaõ. Accusa injustamente o *Critico* a *Arsenio*, por dizer, que para a Dogmatica serve a Historia Ecclesiastica,

## Index

siastica, e pouco a Civil. 456, e 457. Estulticia do *Critico* em dizer, que o principal ponto da nossa Religião, qual a verdade de ambos os Testamentos, não se prova, senão com a fundada noticia da Historia profana. 457 até 461. Mostra-se, qual seja a Historia Ecclesiastica, que possa ser util ao Dogmatico, e ao Escurituario. 461 até 463. Trata-se das Profecias de *Daniel*. 463 até 465. Grande erro do *Critico* em affirmar, que o Testamento Velho pela mayor parte he huma historia. 465, e 466. Segue-se, que se o estudo da historia Civil fosse necessario ao Dogmatico, tambem o seria o de todas as Sciencias, e ainda de algumas fabulas, da Poesia, historia dos Reptis &c. 466 até 468. Declara-se o caracter do Cardeal *Bellarmino*. 468, e 469. Nega *Arsenio* serem fortes os argumentos dos Hebrêos, e mostra a ignorancia dos mesmos Hebrêos, até a respeito do seu idioma: e ultimamente mostra contra o Reverendo *Critico*, como se devem convencer, e reduzir os Hebrêos. 469 até 481. Não deve omittir-se a noticia de huma perigosa disputa, que o *Critico* teve com hum Judêozinho em Italia; e confessa, lhe custou muito fahir della honradamente. 476, e 477. No § 6. a pag. 481. se mostra, que o *P. Arsenio* notou com acerto algumas proposições do *Critico*.

### PROPOSICAM I.

O peccado de nosso primeiro Pay nos trouxe por castigo sermos sujeitos ao engano. Esta a proposição do *Critico* p. 308 da sua 1. parte. Na *Resposta* porém ao *P. Arsenio*. 124 confessa, que *Adão* antes de peccar, bem claro he, que se enganou.

### PROPOSICAM II.

( Posto que o *Critico* a não separou da primeira ) Porisso nós peccamos, e peccando nos desviamos

## Index

mos da Ley Divina, que he taõ conforme á boa razãõ; porque naõ damos attençaõ à dita verdade. O Critico, á vista da censura do Fr. Arsenio, modificou a Proposiçaõ, dizendo a pag. 124 *se examinasse* (o homem) *bem fundamentalmente a conformidade do preceito com a razãõ, cõmummente naõ peccaria.*

### PROPOSIC,AM III. P. 485.

O accidente da cor consiste na diversa disposiçaõ de hum corpo, que reflecte a luz; que he o mesmo, que dizer, que naõ he hum entidade distinta da substancia. Esta Proposiçaõ foy notada pelo que respeita aos accidentes Eucharisticos. O Critico na *Resposta*, para se justificar, cahe no absurdo de dizer a p. 126, que Wickleff naõ negara os accidentes; quando he indubitavel, que negou os accidentes reaes, e absolutos. &c. 486 até 492.

### PROPOSIC,AM IV. P. 489.

A natureza humana unida á Pessoa do Verbo naõ he Pessoa humana, mas Divina. Na *Resposta* a pag. 130 afirma, que só quizerá dizer, que a natureza humana unida ao Verbo, perde a sua subsistencia, e subsiste na Divina: Proposiçaõ bem diversa da primeira. Mostra-se a rectidaõ da censura. 492 até 498.

### PROPOSIC,AM V. P. 498.

Quando a natureza creáda se une á hum Pessoa Divina, perde o alto dominio, que tinha nas suas acçoens, que se ficaõ attribuindo á Divina. Na *Resposta* a pag. 133 diz, que pelas palavras *alto dominio* quizerá dizer, que perdia a sua subsistencia, e subsistia na Divina. Mostra-se a censura. 498 até 500.

### PROPOSIC,AM VI. P. 500.

Homem, que naõ despe primeiro, por meyo  
§§§ da



## Index

da *Ethica*; os vícios do animo, todas as acções deste homem não são officios, mas vícios, e maldades. O Critico na sua *Resposta* a pag. 133, por fugir da condenação do Santo P. Gregorio XIII. ás proposições 25, e 35 de Bayo, diz, que não falla no sentido *Filosofico*, ou *Theologico*: falla no sentido vulgar, e *Politico*. Quis umquam audivit tale?

### PROPOSIC,AM VII. P. 502

*A Theologia fundada sobre as formas accidentaes, e substanciaes he prejudicial aos Dogmas da Religião.* Proposição injuriosa até aos Pontifices Romanos.

### PROPOSIC,AM VIII. P. 509

*Deos no estado da innocencia ensinou aos homens muitas verdades.* Transeat.

### PROPOSIC,AM IX. P. 510

*Da Tradição nasce a authoridade da Igreja universal, dos Concilios Gerais, e da Igreja Romana.* Foy com grande prudencia advertido o perigo, que poderia haver na intelligencia desta proposição a respeito de se lèrem separados os dous lugares *Theologicos Concilios Gerais, e Papa*: para se evitar toda a equivocação, se expende de pag. 514 até 517, que Igreja he o Pontifice com o Concilio Geral. De pag. 517 até 521, que o Papa sem o Concilio Geral he Juiz infallivel nas controversias *circà fidem, & mores*. E de pag. 521 até 527, que das sentenças, e decretos definitivos do Papa se não póde apellar *ad futurum Concilium*.

### PROPOSIC,AM X. P. 527

*Depois do seculo sexto dilatandose a jurisdicção dos Pontifices não só sobre os seculares, mas tambem sobre os Ecclesiasticos em algumas couzas* Pudéra o Critico explicar-se melhor.

PRO-

## Index

### PROPOSIC, A M XI.

P. 519

*A authoridade dos PP. antigos he infallivel.* Foy doutamente censurada pelo *P. Arsenio*: e ainda com mayor razão outra, que escreveo o mesmo *Critico* na sua *Resposta* a pag. 141: *Que a doutrina de Santo Agostinho em materia de Graça deo sempre regras ás definiçoens da Igreja.* Tal couza não havia de dizer o Santo Doutor; antes disse o contrario com immortal gloria do seu nome, e doutrina.

### PROPOSIC, AM XII, E ULTIMA. P. 533

*A Cartilha chamada do Mestre Ignacio he couza indigna.* Na *Resposta* a pag. 142 diz, *a chamada indigna*; porque não he *hum breve Catecismo historico*; isto he; porque lhe falta a historia abbreviada de ambos os Testamentos: he indigna a *Cartilha*, porque não he *Compendio historico*. Tambem na mesma *Resposta* falla em Clerigos queimados, &c. e em Congregaçoens da Doutrina Christã: e a tudo se responde de pag. 534 até 536.

No §. 7. de pag. 538 até 550 se trata da doutrina Theologica do *Clavis Prophetarum* do Grande *P. Antonio Vieyra*: e a pag. 540, e 541 se transcrevem duas cartas; huma da Augusta Rainha a Senhora D. Maria Sofia de Neobourg, Mãe do Fidelissimo Rey nosso Senhor, escrita ao *P. Vieyra*: e outra do R.mo Geral da Companhia, escrita á mesma Augusta Magestade. Referem-se as satyras do *Critico* contra o mesmo *Clavis Prophetarum*, e os elogios mais estupendos desta Obra. 541 até 540.

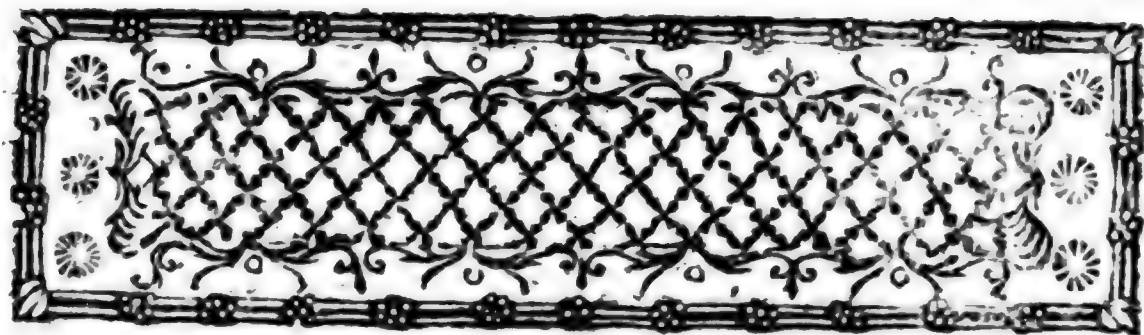
### C A P. XV.

P. 550

Extracto do *Methodo de estudar* do *P. Lamy*. 550 até 555. Indigna petulancia do *Critico*, e justa reprehensão do mesmo. 555 até 558. Conclusão do *P. Severino*, em que faz huma boa exhortação ao *P. Fr. Barbadinho* das \* \* \*. 558 até 561.

CON-





# CONVERSACÃO FAMILIAR, E X A M E CRITICO, &c.

## NOTICIA PRE'VIA.



OSTUMAÕ vários amigos honrar a minha casa , passando algumas horas desoccupadas do estudo em lêr livros , ou papeis curiosos , ponderando o que lhes parece ; e como entre tantos não he facil , que sempre concordem os pareceres , desta diversidade resultaõ não poucas disputas , ou teimas ; huns defendendo , outros impugnando o que disse o A. Nestes dias se occupaõ em discorrer sobre as *cartas do*  
A *Verda-*

*Verdadeiro Methodo de estudar.* Diziaõ huns, que mostrando grande noticia de livros, raras vezes dá no corpo das *cartas*, o que promette nos titulos; e a proposito disto se fallou nas *Reflexões* contra o *Methodo*, e *Reposta* a ellas. Algum houve, que quiz defender que as *Reflexões* varias couzas provavaõ, a que não satisfaz a resposta: muitos appellaraõ para o tempo futuro, o qual com sua prudente dilação mostrará o fruto, que produzirá o trabalho do *P. Barbadinho*: e não faltou quem quizesse sustentar, que a *Reposta* não tinha resposta. Como eu sabia, que o *P. Severino* tinha feito algumas annotaçoes nesta materia, lhe pedi, que as quizesse lêr. Com bastante difficuldade cedeo aos meus rógos, e antes de lêr as suas annotaçoes, nos disse:

Meus amigos, tenho lido os tres *opusculos*, e não repareis em que, enchendo as *cartas* do *Methodo* dous tomos, eu lhe chame *opusculo*; porque como cada carta trata de materia, que póde occupar muitos livros, tratando-se plenamente, com justa razão pódem os dous tomos ser collecção de *opusculos*. Nestas tres obras observey em geral hum notavel desprezo, com que as *cartas* trataõ a nossa Nação, e tambem os mais famosos AA, que não saõ della: donde nasceo, que accendendo-se os animos, se notaõ bem solemnes epítetos nas *Reflexões*, e na *Reposta*, que nada fazem para o caso, e saõ trovoádas seccas, que não lançaõ huma gotta de agoa: de tudo tem muita culpa o *Critico*, que devia escusar a continuada invectiva contra a Nação, e podia contentar-se com critica mais moderada, de que logo fallarey. Acabado este preambulo, lêo o seguinte.



## C A P I T U L O I.

## ANOTAC, OENS

*Ao primeiro Titulo da Reposta.*

**N**A Advertencia do Impressor se diz o grande empenho, com que de toda a parte da Europa são procurados os livros do *Méthodo*; como se lá todos soubessem a lingua Portugueza: e que elle se resolve a imprimilos segunda vez. Não sabemos, onde se gastou a primeira impressão. Diz, que os Doutos os procuraõ. Se são os de Portugal; além de que, na sua opiniaõ, neste Reyno não os ha; o mesmo A. o experimentaria, se assistisse ás praticas, que ha entre os professores das Faculdades, que critica, e ouviria o que ninguem lhe vay dizer. Conheceria, o quanto lhe agrada hum livro, em que se pertende mostrar, que toda a Nação erra na Orthografia; os danos, que resultaõ da sua Grammatica Latina; e os abusos, que se introduziraõ no ensino della: que he necessaria lingua *Grega*, e *Hebraica* para se saber *Theologia*; que os Prégadores são totalmente ignorantes da *Rhetorica*; que entre nós só ha *Versejadores*; máo modo, com que trataõ a *Filosofia*; que em Portugal não entendem, o que he *Fysica*; que da ignorancia da *Anatomia* se segue, que os Portuguezes não pódem saber *Medicina*; a desmedida presunção, que tem de saberem *Direito*; que tem máo método em estudar *Canones* &c. E isto he só nos titulos das *cartas*, que no contexto dellas são mais numerosos os desprezos; bautizando a muitos, e alguns ainda vivos, pelo seu nome.

Talvez não teria tão má aceitação, se o *Critico*, sem dizer mal do método, que usamos, propuzesse o seu, como mais util, e com boa Rhetorica procurasse ganhar a benevolencia dos Leitores, usando daquella urbanidade, e suavidade de palavras muito propria da Nação Italiana, a quem, diz, que pertence, e da Franceza, da qual tudo lhe agrada: e principalmente, se deixasse as Criticas contra DD. tão estimados no mundo, como *S. Thomás, Escoto, Soares, Vieyra &c.* porque assim imitaria o estylo cortez, e nunca ahlás louvado, do *P. Lamy*, Oratorista Francez da Congregação do Cardeal de *Berul*, no seu livro, que intitidou: *Entretiens sur les Sciences*, que val o mesmo, que *Entretenimentos sobre as Sciencias*, nos quaes ensina, como estas devem servir para fazer o coração recto, e o espirito justo. Deste A. tirou o titulo quasi identico a idéa, e não poucos materiaes; e para fallar pela frase do mesmo *Critico*, elle he do *P. Lamy*, omittida a decencia, a urbanidade, e a moderação, hum continuo, e enfadonho repetente.

Não he facil de perceber o empenho dos Dou-  
tos, que de todas as partes da Europa procuraõ o  
livro. Assim o affirma. Se elles, como estrangeiros,  
ignoraõ regularmête a lingua Portugueza; que soccor-  
ro literario pôdem conseguir com a lição de semelhante  
livro? Diz, que o ha de traduzir em Francez, e em Ita-  
liano. Escusada diligencia. Que serventia pôde ter  
hum tal livro naquelles paizes, aonde se tem publica-  
do, de tempos em tempos, nóvos métodos de es-  
tudiar; tantos em numero, e tanto melhor diges-  
tos, que o do *Critico*, que á vista delles ficaria o  
seu *Método* sem estimação, e elle *Collector Me-  
thodico* injuriado. Pouco, ou nenhum emolumen-  
to receberiaõ os Varoens estudiosos, que nasceraõ;  
e vivem fóra de Portugal, comprando semelhante  
droga.

*droga*, quero dizer, *livro*; pois foy Deos servido; *abrissem já os olhos*. A muitos os desejo eu de todo, e verdadeiramente abertos; milagre, que não ha de fazer o *Métbodo* do nosso *Critico*, por mais que lhe ponha a alcunha de *Verdadeiro*, e o pregoe *util á Republica, e á Igreja*. Pois qual será o fim desta segunda impressão, e também o das versões em idiomas estranhos? Será, para se alegrarem aquelles Doutos, vendo que houve hum Portuguez, que no bom gosto os quize imitar? Não; porque o *Critico* he Italiano. Será para formarem conceito, de que em Portugal todos são idiotas? Não he outro o seu fim. Pelos avanços de titulo tão honorifico devem ficar os Portuguezes immortalmente obrigados a S. P; aceitando-lhe o trabalho, como obsequio, feito em crédito do Reyno, e gloria da Nação. Por serviços tão relevantes bem póde resolver-se a pedir a S. Magestade huma tença, para se adiantar cadavez mais nos seus formidáveis estudos, e expedir para o prélo (se surgirem da classe do futuro) os seus espantosos, e já decantados escritos; mas recomendo-lhe, que em todo o caso appense á petição as suas *cartas*, como certidoens, e *fé de officios*, e não gaste mais papel em memoriaes, que eu lhe prometto effectivo o despacho.

Entra logo o *Critico* a vomitar innumeraveis improperios contra *Fr. Arsenio*, cuja defenſa me não pertence, por ser fóra do meu assumpto, e nesta parte a nenhum devo louvar. Verdade he, que ouvi dizer, que as *Reflexoens* de *Arsenio* foraõ accrescentadas, sem elle poder embaraçar a publicação dellas: seja, ou não seja assim. Mas que hey de dizer aos ameaços do *Critico*, dando a entender as muitas repostas, que póde publicar? E não póde acontecer-lhe o mesmo, se os Doutos da Nação escandalizados começarem a defender-se; e sendo elle  
hum.

hum só, achar-se-há com poder bastante para lhes tapar a boca? Não lhe pôde succeder o mesmo, que experimentou, como diz, o *P. Cordára*, publicandose contra elle tantas *Menippéas*, quantas são as Faculdades, que accusa? Que dirão as Religioes Seráfica, e Dominicana, lendo nas cartas de hum, que diz ser filho de S. Francisco? *Nasceraõ nas Escolas os actos primeiros, e segundos com todos os ingredientes da Filosofia Peripatetica, e que se augmentou esta frenesia; porque Durando Dominicano, e Okam Franciscano usaraõ outro modo livre de opinar: que as heresias de Luthéro, e Calvino mostraraõ claramente, que fallavaõ muito, mas não sabiaõ nada de Theologia.* Na mesma carta de Theologia accrescenta: *Dizey a hum Thomista, que a Sũma de S. Thomás não serve nestas Eras: acabou-se tudo. Dizey a hum Escotista, que não fazeis caso do que diz Escoto: grita por El Rey.* Em outra carta diz sem a minima duvida: *Aquella cadeira de Escoto, e Durando &c. totalmente se devem pôr de parte; porque se elles obrigaõ a explicar o dito A. he frenesia; porque nem Escoto, nem Durando são textos, que devaõ explicar-se na Era presente, nem menos se devem ler.*

O mesmo digo da cadeira de S. Thomás. Este Santo tambem não he *A. Sagrado*, para que devamos sujeitar-nos ao que elle diz; he hum Doutor Escolastico. Assim o diz na sua carta 16. a pag. 189. S. Thomás sim he Doutor Escolastico, mas tambem hum V. Doutor da Igreja, a quem devem os Princepes o méthodo para a verdadeira razão de Estado, que mostrou em hum singular livro, offerecido a El Rey de Chipre: a Filosofia lhe deve hum Aristoteles concordado com Christo: a Theologia hum Agostinho reduzido a méthodo; e a Igreja hum Doutor universal contra todas as heresias;



refias ; porque nenhuma se pôde mover , que se não ache préocupada com os seus *principios* , se cremos a S. Pio V , e também a Paulo V. (1) *Cujus scriptorum clypeo militans Ecclesia hæreticorum tela feliciter elidit*. Lancemos pois fóra das aulas a estes grandes homens , porque diz o *Critico* , que não servem nestas Eras ; e entrem em seu lugar o grande *Cartesio* , *Gassendo* , *Malebranche* , *Galilei* , *Newton* , e outros seus adherentes. Em lugar desta Theologia entre a Fyfica mecanica , e veja , se com os seus instrumentos , e experiencias pôde destruir a Filosofia *Aristotelica* , e introduzir outra pouco coherente com o que cremos na Eucharistia , e use-se do méthodo, que inculca *Lamy* em o seu *Discurso* pag. 298. sobre a Filosofia , no livro , que este A , sem satyrisar os mais , compoz , de que já demos noticia , e delle em grande parte se aproveitou o *Critico*. Não se falle mais em Theologia *Escolastica* ; porque nella vem algumas questões mais especulativas, que necessarias. Não se acõmodará porém com isto o doutissimo P. *Salmeirão* , Theologo Pontificio no Concilio Tridentino , (2) o qual no tom. 1. da sua obra *super Evangelia* diz o seguinte: *Scholastica Theologiæ studium, in quo brevi compendio, ac certâ methodo multarum rerum, quæ tùm in Scripturarum studio, tùm in doctrinâ SS. PP. Latissimè, & firmissimè pertractantur, veritates assequimur, non est hominis Catholici respuere; nam contemnere hæretici est, & prorsus de Ecclesia Catholica malè meriti, quæ hoc genus Theologiæ multis modis amplexata est*. E he de notar , que este Douto Padre , como companheiro de Santo Ignacio , havia de seguir a Santo Thomás , e era Aristotelico , como lhe encõmenta o seu Instituto ; e nas palavras citadas não deixa de alludir á doutrina do Doutor Angelico.

Pare-

[1] Apud Natal. Alex. sect. 13. cap. 4. [2] Prologom. 9. q. 5. r.

Parece, que nas censuras acima apontadas se esqueceo o *Critico* do que diz, fallando das tres Escólas Thomista, Escotista, e Media: *Não quero com isto dizer, que não se sigão estas doutrinas, ou reprehender em couza alguma estas Escólas veneraveis: fallo dos individuos particulares, (como se não nomeasse a Santo Thomás, e Escoto) que abração cegamente estas doutrinas... digo pois, que estas censuras são paixoens demasiadas; porque cada hum póde defender as suas doutrinas, se he que tem fundamento para isso, sem romper nestes extremos, que não fazem ao caso.* Tudo isto está muito bem dito, mas não se acha executado nas suas cartas: antes, sendo ellas anonymas, ou com nome fingido, que val o mesmo, lhe quadra a definição, que lhe dá *Bluteau* nas suas *Profas Academicas*. (3) Lêa o *Critico* o que aqui diz este Douto Padre, e talvez não fique contente com a definição, que eu não traslado, porque não diga lhe faço sátyras.

Se o Author das *Reflexoens* fallou mal, para que he imitálo com tanto improprio? Isto he cahir no mesmo erro, que reprehende: não ha melhor castigo para hum destes, que convencêlo grave, e seriamente, para que o mesmo estylo sezudo lhe sirva de espelho, em que veja a fealdade do seu. He verdade, que a cólera não costuma dar lugar a esta reflexão. Não tem porém razão em lhe censurar a confiança de fallar em todas as materias das suas cartas, *quando cada qual dellas póde occupar hum grande homem toda a sua vida.* Isso são as materias, mas não as cartas, nas quaes se não expendem todas as sciencias; falla em géral, allegando os livros pertencentes a cada huma, e que mais lhe agradaraõ; toca alguns principios geraes,

crítica

[3] *Bluteau* *Profas Academicas* pag. 255. & seqq.

crítica a especulação demasiada, e propoem o *Methodo*, que deve guardar, quem se quizer occupar neste estudo moderno. E para fallar alguma couza neste particular, he necessaria a vida de muitos homens, e saber plenamente todas as sciencias, ou he privilegio particular do *Critico*. Eu nada sey de Pintura, nem da Estatuaria; mas se hum pintor me disser, que achou modo, com que sem debuxo, ou sem claro, e escuro, possa fazer hum painel, e melhor, que os antigos mais celebrados; e se affirmar o estatuario, que para a perfeição de huma estatua são escusadas medidas, direy, que ambos se enganaõ; porque para esta reposta não he precisa a noticia plena destas artes.

Aqui introduz a historia de hum Sermaõ, que, diz, pregára o *P. Jeronymo de Castilho* em louvor de Santa Quiteria, e que parecendo satyrico, fôra delatado a Roma, e que o dito Padre, para se defender, o traduzira em Latim, Francez, e Italiano, e com o original o mandara a Roma; e que o *P. Geral*, que entaõ era o discretissimo *Miguel Angelo Tamburini*, examinara o Sermaõ, reprehendera os delatores, e accrescentara estas palavras: *Utinam omnes sic prædicassent!* E que o caso era publico entre os Jesuitas. Eu tive a curiosidade de perguntar por esta historia a varios Padres, e todos me responderaõ ser apocrifo; porque tal Sermaõ de Santa Quiteria não fôra delatado; e accrescentáraõ, que mal podia o dito *P.* vertê-lo em Francez, porque não possuía aquella lingua: e na verdade, que se o *P. Geral* era Italiano, e lho mandava na sua lingua patria, que papel hia lá fazer o Francez? O que deste caso se pode inferir he, que prégando o *P. Castilho* com o estylo, que se usa em Portugal, ainda assim agradou tanto ao *P. Geral Italiano*, que desejara, que todos prégassem,

como elle: *Utinam omnes sic prædicassent!* Também advirto, que o mesmo P. estudou Theologia em Roma, e lá lhe dictaraõ a Theologia Escolastica da mesma forte, que cá usamos, e com as mesmas questões, e sem serem com Latim oratorio, mas conciso, e ao modo escolastico; o que tudo se pôde vêr das postilas, que elle trouxe; e ainda contierva pessoa, que sem repugnancia as mostrará.

Depois desta historia aponta outra, e recomenda, que a tenhamos muito na memoria; e he a do General *Schomberg*, que descontente de Portugal, deo causa a que nos livros Estrangeiros se dislesse, que Portugal de todo se havia perdido, se *Schomberg* não tivesse militado nos nossos exercitos: *Actum de Lusitanis videbatur, nisi Schombergius contigisset &c.* Mas se o Critico com isto quer, que se não use de satyras, para que fim reproduz esta? He certo, que os Portuguezes não desafiaraõ a *Schomberg*, para dizer mal delles, como faz o Critico. Foy aquelle General estimado entre os Portuguezes; e basta para louvor seu, o que delle escreveo na sua Historia o famoso Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes: (4) O Conde de *Schomberg* taõ util á conservação deste Reyno, como depois se experimentou. (5) Com poucos dias de descanso passou a Arronches a dar ordem a se fortificar, o que dispoz com a brevidade, e acerto, que costumava em todas as acções, que emprendia. Também lhe não faltou o agradecimento; porque o Rey lhe dêo o titulo de Conde de Mértola com dezoito mil cruzados de renda, entrando os despachos de seus filhos; conveniencias, que lograraõ em sua vida: *Foy ingrato á Nação*, como aqui confes-

(4) Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes tom. 2 liv. 56 pag. 301. (5). Liv. 5. pag. 762.



## II

confessa o Critico ; e ás finezas , que os nossos lhe fizeraõ. Aqui declarou o nosso Padre ser Portuguez. A Schomberg , diz S. P. , *algumas particulares injurias o escandalizaraõ*. Elle sómente encontrou em dous Generaes Portuguezes alguma enulação ; e como eraõ de pessoas particulares , não deviaõ effas bastar para dizer mal de todos ; e por isso incorreo na nota de ingrato.

Mas para que fim refuscita o *Barbedinho* esta historia , referindo , ou fingindo , o encontro , que diz , tivéra com o Flamengo de Gante ? E porque , havendo copiado do *Appendiz ad Rationarium temporum* de Petavio o *Actum de Lusitanis videbatur* , não transcreveo o que se diz no mesmo *Appendiz* (6) *Hi , Lusitani , alienæ dominationis pertasi , eã excussã , domesticum Regem sibi sumserunt Joannem , Bragantiæ Ducem , atavis editum Regibus. In ejus verba miro animorum consensu omnes Lusitani regni Urbes , & Provinciæ Indicæ sinè mora jurarunt. Natum hinc gravissimum bellum , quod per aliquot annos tenuit ; irriti tamen fuere omnes Hispanorum conatus. Novus namquè Rex , Anglorum , Gallorum , Batavorumquè subnixus auxiliis , & suorum amore munitus , satis se contrà Hispanos inèi potuit , adeò , ut bi regnum illud tandem missum facere debuerint. Ità ergò in libertatem sese iterùm vindicavit Lusitania anno 60. postquàm à Philippo II. in Hispanorum potestatem fuerat redacta.*

Não lhe acho mais fim , que para infamar os grandes Generaes , que teve Portugal ; quaes foraõ nessas gloriosas Campanhas , D. Affonso de Portugal , Conde do Vimioso : Martim Affonso de Mello , Conde de S. Lourenço : Joaõ Rodriguez de Vasconcelos , Conde de Castello-melhor : D. Antonio Luiz de Menezes , Marquez de Marialva :

B 2

D. San-

(6) *Appendiz cap. 1. pag. 616.*

D. Sancho Manoel, Conde de Villa-flor : D. João da Costa, Conde de Soure, Francisco de Mello, Marquez de Sande : D. Diogo de Lima, Visconde de Villa-Nova de Cerveira : o Conde de Obidos ; o de Atouguia ; Diniz de Mello de Castro, Conde das Galveas : D. Alvaro de Abranches : Nuno da Cunha de Ataide : Joanne Mendes de Vasconcellos : Affonso Furtado de Mendoça : Dom João da Silva : Pedro Jaques de Magalhaens, e outros muitos de igual reputação, e sciencia militar.

Não fica porém com discredito a Nação, por ter nella sido General hum Estrangeiro ; assim como então o não ficou Castella, por ser hum dos seus Generaes o Principe de Párma. Quem diria, que padeceraõ eclipses na gloria militar Alema-nha, por encarregar o governo dos seus exercitos ao Principe Eugenio de Saboya ; e França, por fazer nesta ultima guerra seus Marechaes ao Conde de Saxonia Alemaõ, e ao de Lovendal Sué-co. Bem pudéra advertir o Reverendo *Critico*, que Portugal na guerra da Acclamação se conservou dezenove annos sem os bons serviços de *Schomberg* ; pois como se lê na Historia do Conde D. Luiz de Menezes : (7) *Schomberg entrou neste Reyno a 11 de Novembro de 1665 ; e o primeiro rompimento com Castella foy a 9 de Junho de 1641* : Daqui se infere, não merecer credito algum o disparate, que o *Critico* suppoem, lhe dissera aquelle Flamengo : *Como pôdem saber os Portuguezes a Arte Militar, se ignorão os primeiros principios della ; como evidentemente prova o mesmo Schomberg no livro, que imprimio das Campanhas de Portugal ?* Tudo isto são injurias, que por todos os modos accumula o fingido *Barbadinho*, e não legitimo Portuguez, contra o nosso Reyno.

CAPÍ-

[7] Hist. do Conde D. Luiz de Menezes tom. 2. liv. 5. pag. 301

## C A P I T U L O II.

*Trata da Reflexão primeira da Reposta.*

Nesta Reflexão nega o *Critico*, que a dedicatória do seu *Methodo* seja satyra contra a Religião da Companhia de JESUS. Pergunte se aos que a lêraõ: e quantos tenho ouvido fallar nella sem paixão, a julgaõ por tal. Não ha duvida, que saõ muitos, e estimaveis os grandes elogios, que nella lhe faz; mas tudo, quanto tem dito, mostra desfazer, com concluir dizendo: *Eu me desdigo, e dou por não dito, quanto atéqui tenho significado.* E ainda que diga ser a retratação huma figura de Rhetorica; o sentido natural, e obvio, de quem se desdiz do que tem dito, he dar a entender, que tem dito mal, e que julga o contrario; e quem assim julga, mostra, que os seus louvores foraõ por ironia. Se eu disser a Sempronio, que he muito douto, affavel, virtuoso, de grande animo, de talento singular, e que na sua pessoa admiro unidas tantas excellencias, que qualquer dellas bastaria a fazer hum homem estimavel; e concluir o cumprimento com dizer: Eu pôrêr me desdigo de tudo, quanto lhe tenho dito, sem duvida, que Sempronio teria o cumprimento por chasco. Se hum Author dedicar o seu livro a hum grande Cavalheiro, desfazendo-se em louvores delle; mas no corpo do livro se lêrem censuras contra seus Ascendentes, querendo provar, que huns na guerra não fizeraõ acçoens heroicas, outros nas letras nada se adiantaraõ, cobrindo tudo com a capa da Critica, he possivel que o Cavalheiro tenha por obsequio a dedicatória? Eu o não creyo, e tenho muitos do meu parecer. He

He verdade que o livro se dedica á Sagrada Religião da Companhia de JESUS; mas que obra se lhe dedica? Humas *cartas*, em que pretende mostrar, que os seus Religiosos não sabem ensinar; que o seu Eximio *Soares*, e outros desta gradação, não atinárao com o verdadeiro Methodo; que o seu *Vieyra* não foy tão grande Prégador, como se diz; que a *Arte do P. Manoel Alvares* he incapaz; a *Cartilha do Mestre Ignacio* couza indigna, e outras censuras semelhantes; e quer, que estes Reverendos Padres lhe agradeção a dedicatória? Tudo será; mas eu não me persuado a isso, e não me faltao companheiros.

Nem me faz grande força a definição, que allega da satyra: *Poema jocosum, liberum, aculeatum ad reprehendē los, corrigendosque mores corruptos*; porque esta não he adequada; e se o fosse, seguia-se, que não haveria satyra em prosa, mas por força devia ser em verso burlesco: *Poema jocosum*. No *Calepino*, verbo *Satyra*, se lê o seguinte. *Duo satyrarum genera fuisse constat; alterum antiquius, quod solā carminum varietate constabat: alterum recentius apertam hūminum reprehensionem, & acrem vitiorum objurcationem continens*. Esta deve ser a sentença de S. P; pois na sua *carta da Poesia* a pag. 259. diz: *Pelo contrario os que fazem satyras obscurissimas, como Persio, e dos modernos Gracian no seu Criticón*. E como este ultimo não compuzesse em verso, deve confessar, que tambem ha satyras em prosa, como, no seu juizo, a de *Gracian*: e no de todos, as suas dezeseis *cartas*. Porém seja, qual for, a sua sentença: *Filippe Nunes* na sua *Arte Poetica* diz, que huma obra cheya de remosques he satyra; e o vicio para a satyra não he preciso seja o mesmo, que peccado; basta ser defeito; que possa servir de afronta, e não he medîocre asse-



asseverar nas *cartas do Método*, que os Portuguezes são ignorantes, como já acima disse; e por não ser extenso, não refiro tudo, o que se lê no corpo das *cartas*, onde são continuos os diâmetros de *parvoíces, rapaziadas, puerilidades, ingredientes da Filosofia, o Clero de Portugal ignorante, juizes de pedra, e cal, que não tem percepção, e ás vezes nem menos, uso de razão*, como diz na carta 9. pag. 4. Sem reparar, que de caminho vay censurando gravissimos Authores de todo o orbe literario, que promoverão, e illustrarão os estudos, que agora condena, como se só, os que de presente allega, entrassem no Templo de Minerva: nelles se inclue o mundo culto, o bom gosto das letras, e só elles tem os olhos abertos, os mais são toupeiras.

Tambem me parece pouco verosimel, o que refere dos muitos, que em Roma nas suas Orações dizem mal dos estudos da Companhia de JESUS. E basta isto para crermos ser evidente este novo *Método*, e se deva desterrar o antigo? Eu tenho varias Conclusões modernas, impressas em Roma, Bolonha, Ferrara, Alemanha, Polonia, e França, e nellas observey proporem-se as mesmas questões, que em Portugal se defendem. E que evidencia fazem as Orações dos PP. Somascos, *Escolas pias*, e outros, declamando oratoriamente contra este, ou aquelle método de estudar? Não são oráculos de Concilios, nem tapão a bocca aos contrarios, para que tambem com muito boa Latinidade louvem as suas doutrinas, e declamem contra as oppostas. Tudo isto são flores de *Rhetorica*, que tem mais apparencia, que substancia. O elegante *Facciolato* (1) na sua V. *Oração*, que bem podia servir de pratica muito espiritual, feita aos Theologos, se empenha em provar, que não póde ser Theologo, quem .

[1] Facciolato na sua 5. *Oração*.



quem não for justo, tomando por assumpto: *Theologus nemo dici potest, nisi probus vir*. Está dito com elegancia; mas não implica, que possa algum ser máo nos costumes, e saber bem Theologia, tanto *Escholastica*, como *Dogmatica*: muito máo he o demonio, e sabe mais Theologia que nós. O mesmo *Facciolato* na sua *Oração ad Grammaticam* não acaba de se oppôr aos Grammaticos; e de tudo isto não se segue, que se ponhão de parte os livros, que ensinão Grammatica. Elle mesmo o confessa na sua *Epistola*, que se lê no fim da sua *Oração*, por estas palavras: *Quid igitur, inquis, in oratione istac tua de Grammaticis blateras? Ego verò nihil dixi, nisi exercendi styli gratiâ*. O mesmo digo das mais oraçoens.

Mayor authoridade tem as Bullas Pontificias, e por deixar as antigas, quero referir algumas clausulas do Breve, que o Papa Reynante mandou passar em 24 de Abril do anno passado, fazendo á Companhia a graça de hum lugar perpetuo na Sagrada Congregação de Ritos, onde diz: *Constantem omnium sensum, Pontificio etiam confirmatum oraculo, Omnipotentem nimirum Deum, sicut alios aliis temporibus Sanctos viros, ita Luthéro, ejusdemque temporis hæreticis S. Ignatium, & institutam ab eo Societatem objecisse, adeò Religiosi ipsius alumni luculentissimis tanti Parentis vestigiis insistentes per assidua religiosarum virtutum exempla, & præclara omnium doctrinarum, ac præsertim sacrarum documenta comprobare pèrgunt, ut quemadmodum non mediocre ad gravissimas Catholicæ Ecclesiæ rationes saluberrimè accurandas, componendosque mores, atque in bonis artibus instituendos Adolescentes, subsidium conferre satagunt, ita nova Apostolicæ benignitatis argumenta promereri videantur; satis enim, superque compertum est universis, atque*  
explo-

exploratum, quibus per omne tempus religiosus viris; & Christianâ pietate, & omnium disciplinarum splendore, & multiplici Literarum cognitione, æternæque Christi fidelium salutis zelo cōmendatissimis addictissima huic Sanctæ Sedi ipsa JESU Societas locupletatur adhuc, veluti generosa Mater, non immerito gloriatur &c. Tambem não deixarey de transcrever humas preciosas clausulas de duas Bullas do mesmo Soberano Reynante Pontifice; nas quaes declara os merecimentos da Companhia, e a Pontificia Benignidade, com que não cessa de a attender: e foram dadas; huma aos 24 de Abril de 1748. VIII. do seu Pontificado: a outra, que he, e tem o titulo de *Aurêa*, aos 27 de Setembro do mesmo anno, e IX da sua exaltação ao throno Apostolico; e nellas se lê o seguinte.

*Præclaris Romanorum Pontificum Prædecessorum Nostrorum de inclytâ Societate JESU benemeritissimorum vestigiis insistentes eandem Societatem, cujus Religiosi Alumni Christi bonus odor sicut, & ubique gentium habentur, ex eo præsertim quod, ut Adolescentes ad eorundem sacras ædes, & Scholas accedentes, tam in bonarum artium, doctrinarum, ac disciplinarum studiis, quam in Christianæ Religionis, ac pietatis operibus, & exercitationibus erudiantur, omnem operam, studiumque impendere magno cum eorundem Adolescentium profectu pergunt, novis Nostra, etiam Pontificiæ benignitatis testimoniis cumulare non dubitamus &c.*

Nunc ad declarandum magis, magisque propensum Nostrum studium. . . erga dilectum Filium Franciscum Retz præfatæ Societatis Præpositum Generalem, ejusdemque Societatis Alumnos, quorum strenuam, atque fidèlem operam in propagandâ, aut asserendâ per universum Terrarum Orbem Catholicæ fidei, atque unitatis, Christianæque doctrinæ, ac pietatis integritate. .

*gritate... plurimi facimus; quosquè pro devotâ, quam profitentur, & exhibere non cessant, in Nos, & Apostolicam Sedem observantiâ, singulari Paternæ Charitatis affectu prosequimur.*

Nesta mesma *Reflexão* argûe o *Critico* ao *P. Arsenio*, de não saber Logica moderna; porque tirou esta illação; *Critica a Doutrina de S. Thomás*: logo critica a innocencia. O argumento he de *subje-cto non supponente*; porque tal consequencia se não achará tirada daquelle antecedente: e fingir, que o contrario diz hum despropósito para lho impugnar, se não he malevolencia, parece-o. Diz *Arsenio* falando de S. Thomás: *Este Santo Doutor he o mesmo, a quem a Cabeça da Igreja, e os melhores Sabios veneraõ por Anjo das Escolas. Pois até a innocencia lhe quiz o Critico tirar; porque disse hum... que o Santo peccara em suppor as idéas de Aristoteles. E daquelle antecedente peccou, tira por consequencia: Logo não teve innocencia.* Esta consequencia he tão bem deduzida, como he certo, que o peccado se oppoem á innocencia. E não he verdade que o *Critico* diz na carta 14 pag. 204. que S. Thomás cõmentou *Aristoteles*, não porque entendesse ser util? Do que se infere, que ensinou contra o que julgava, que he falta de sinceridade: E que não custa pouco aos *Thcologos* disculpálo, por ter cõmentado ao *Filosofo*, quando era prohibido (em seu lugar mostrarey, que prohibição foy esta) e aqui temos o Santo notado de desobediente á prohibição do Papa; e finalmente, que a *Faculdade Parisiense*, escrevendo a *Clemente VII*, expressamente diz, que Santo *Thomás* peccara contra o *Decreto* de *Gregorio IX*. Como naquelle tempo se publicáraõ satyras contra a Sagrada Religião Dominicana, não seria muito, que de caminho pertendessem escurecer a melhor Luz, com que ella resplandecia.

Aqui

Aqui pertende sustentar a sua sentença, proferida contra os privilegios das Religioens, dizendo: *Ser justo cercear alguns, que se tem concedido, porque de alguns tem cessado o motivo.* Ao menos não izentaria a Religião de S. Francisco, de quem diz ser filho? Antes de responder aos factos, com que o quer provar, digo, que o privilegio concedido a favor da Igreja, ou Religião, não se deve cercear; mas pelo contrario *ample interpretandum est, licet aliquo modo deroget juri cōmuni*, como ensinão os DD. com *Castropalão*. (2) E isto ainda que a interpretação *lata* ceda em prejuizo do concedente, como deduz da regra 15, e 16 de Bonifacio VIII. (3) e da Ley 3. (4) o *P. Pickler in Compendio juris Canon.* (5) e taes são os privilegios concedidos a favor das Religioens, (6) *ut est cōmune cūm Sanch. Consil.* O privilegio, que se perde, cessando a causa final, he quando tem trato successivo, e cessa a causa *contrariè*; como v. g. o privilegio de comer carne na Quaresma por causa de infirmitade, a qual cessando, cessa o privilegio; porém se a causa sómente cessa *negativè*, dura o privilegio, como resolvem os DD. Muito mais, quando o Princepe concede o privilegio *propter merita*; porque então, quando menos, tem a natureza de doação aceita, a qual he irrevogavel. Póde com tudo revogar-se no caso rarissimo, quando a concessão passar a ser prejudicial á utilidade publica, e bem commum, como diz *Carden.* (7) *Privilegium remuneratorium Principis Ecclesiastici est per se irrevocabile: Dixi per se, nam per accidens revocari potest, quando adest justa causa revocandi, scilicet utilitas publica;*

C 3

e o

[2] Castrop. d. 4. p. 10. [3] Bonif. VIII. de Reg. jur. in 6.  
 [4] E da Ley 3. ff. de Constit. Princip. [5] P. Pickler in compendio juris Canon. lib. 5. tit. 33. n. 6. [6] Conf. lib. 6. c. 9. d. 1. n. 40. (7) Carden. dissert. 2. c. 6. n. 356.



e o prova com a Bulla de Gregorio XV. revocatoria dos privilegios concedidos *Vivæ vocis oraculo*. E nota doutamente o P. Soares (9) que em tal caso não he propriamente revogaçãõ, mas declaraçãõ que o Principe faz, de que os taes privilegios, nunca se entenderãõ concedidos naquelle caso, em que passãõ a serem prejudiciaes á utilidade, e bem publico. Conclue Pickler (10) *Si tamen privilegians temerè, & sinè justa causa revocaret, illicitum foret, & Principe indignum*. E verdadeiramente seria cousa inaudita, que se o Principe concedesse a hum seu vassallo algum especial privilegio em remuneraçãõ de ter alcançado huma importante victoria, dahi a pouco lho revogasse, porque se acabou a guerra, e cessaraõ as batalhas!

Nem he defensavel dizer, que os taes privilegios sãõ usurpados; como se a tença, que ElRey dá a hum soldado, se deva chamar usurpaçãõ. Se alguns, como accrescenta, e não me consta, foraõ liberdades, que usurparaõ, justamente se deveriaõ esbulhar dessa posse; porque em tal caso elles os não tem prescripto por posse immemorial, ou centenaria, por ser bem sabido que esta se não adquire com má fé, a qual sempre se presume ter, quem usurpa algum privilegio contra direito, porque entãõ he furto. E menos se pôde dizer com acerto, que sendo os privilegios vulnerativos do direito, neste sentido se podem chamar usurpaçãõ. Por ventura o Papa, que fez a Ley geral, tem mais authoridade que o seu successor, quando isenta ao privilegiado desse direito commum? E quem aceita o privilegio, hade ser tido por usurpador? Bom exemplo temos, e muito proprio, da Religiaõ Serafica, na immaculada Conceyçãõ de Nossa Senhora. Diz a Ley geral, que todos os descendentes de

Adaõ

(9) P. Soar. L. 8. de Legib. c. 37. (10) Pickler citat. n. 2.



Adão contrahirão o peccado original: desta Ley se isentou a Senhora; e quem dirá, que ella foy usurpadora, porque foy concebida em Graça?

Passemos agora ás provas, que se deduzem de exemplos de facto. Huma dellas he, que em Roma se está fazendo isto *todos os dias*, que por conhecer, que não existem já os motivos, porque se introduzirão varias Religioens, as tem aniquilado, ou secularizado, e não huma, ou duas, mas muitas mais, e algumas dellas em Portugal. A fallar verdade, he demasiada hyperbole, que nem ainda zombando se devia dizer: assim como o Critico na carta 6. reprova hum poéta, que chamou a hum nariz pyramide do Egypto. Se em Roma todos os dias se fazem estas execuções de aniquilar Religioens, não entendo, como ainda apparece alguma! Mas pela graça de Deos vemos o contrario. Quanto mais, que se alguma Religião se aniquilasse, nada com isso prova; porque em tal caso não se lhe cerceavaõ os privilegios, que he o ponto da questão, mas tirava-se tudo, religião, e privilegios, que esla he a força da aniquilação; porém cercear he tirar huma parte, deixando outra; o que senão poderá verificar de huma cousa aniquilada. As Religioens, que se aniquiláraõ, foraõ: a Militar dos Templarios no Concilio Vienense V por Clemente V: a Ordem dos Humiliatos, fundada por S. João Oltrato de Meda, extincta por S. Pio V. no anno de 1571: a antiquissima Ordem dos Cruciferos, fundada, segundo a melhor opiniaõ, por S. Cyriaco, XV Bispo de Jerusalém, extincta por Alexandre VII no anno de 1556: a Ordem dos Jesuítos, fundada por S. João Columbino, extincta por Clemente IX no anno de 1668. A dos Frades de Santa Maria, que ministravaõ aos enfermos no Hospital de Sena, fundada pelo Beato Soror, e restau-



restaurada pelo Beato Agostinho Novello da Ordem Eremitica Augustiniana; e a do Bom JESUS, e Santa Margarida, fundada por Jeronymo Malufello, e pela Veneravel Virgem Margarida Molli, acabaraõ por falta de fugeitos, que nellas entrassem. Algumas, como foraõ varias Congregaçoens de Conegos Regulares, acabaraõ pela tyrannia dos Infieis, que entraraõ, e possuirãõ as terras, em que residiaõ, e estavaõ religiosamente estabelecidas. Tambem se uniraõ humas a outras; como a dos Monges Lerinenses, instituida no fim do quarto seculo por Santo Honorato, unida á Congregaçaõ Cassinense no Pontificado de Leaõ X, anno de 1515. A dos antigos Religiosos Barnabitas, que tendo declinado da sua primitiva Observancia, foraõ reformados pelo Arcebispo de Milaõ no Pontificado de Gregorio XI, e depois por Eugenio IV no anno de 1441; florece ao presente, reduzida a hum Congregaçaõ, intitulada *dos Prades de Santo Ambrosio ad Nemus Mediolanum*. Neste Reyno alguns Mosteiros, e Conventos de humas Religioens passaraõ para outras, mas conservadas sempre neste Reyno as mesmas Religioens, ainda que diminutas em Mosteiros: o que naõ succedeo assim nos Religiosos Menores Claustres; porque, sahindo de Portugal, entraraõ os Observantes nos Conventos, que aquelles occuparaõ. Omitto a Congregaçaõ dos Conegos de S. Jorge de Alga em Veneza, fundada pelos annos de 400, e supprimida por Clemente IX em 1602, porque florece com grande observancia no nosso Reyno. Eis-aqui a que se reduz a prova hyperbolica do *Critico*.

Interpretando porém o dito a melhor parte, supponho, chamou aniquilaçaõ á extinçaõ, que em França, Portugal, e outros Reynos se tem feito de alguns Conventos reduzidos a Cômendas, ou da-  
dos

dos, como fica dito, a outras Religioens. Mas que se prova deste facto? Para o fundamento vir em boa Logica, devia provar, que os privilegios das Religioens estão distribuidos tantos por cada Convento, e dahi inferir, que ao mesmo passo, que se cerceão os Conventos de huma Religiao, se lhe vão cerceando os privilegios. Porém quem ha de conceder tal antecedente? Os privilegios concedidos ás Religioes não estão annexos a hum, ou outro Convento, mas ao cômum da Religiao, sejaõ muitos, ou poucos os Conventos; assim como se não accrescentaõ os privilegios, ao mesmo passo, que se accrescentaõ os Conventos. Não nego, que algum Convento particular tenha alguma prerogativa especial; como v. g. o Prior de Santa Cruz de Coimbra ser Cancellario daquella insigne Universidade: o Reitor do Collegio de Evora dos Padres da Companhia, ser tambem Reitor da Universidade Eborense; mas essas prerogativas, ainda que se tirassem, não entendem com os privilegios concedidos ao cômum da Religiao, que he o nosso ponto. Nem tambem faz prova alguma a historia, que traz dos Ritos da China, e Malabar. E que quer com isso provar? Que se prohibissem aos Jesuitas hir ás taes Missoens, lhes cerceavaõ os privilegios? E quaes eraõ? No seu Compendio não se acha esse? Quando vão a taõ trabalhosas Missoens, e onde ha pouco tem fete dado a vida, por pré-garem a nossa Santa Fé, he pelo zelo da salvação das almas, cumprindo com o seu Instituto; e se lho prohibissem, ficavaõ desobrigados de tomar esse trabalho: mas não duvidariaõ buscar em diversos climas novos theatros para o seu zelo, a pezar da emulação sempre glorioso. Animados do espirito, verdadeiramente de fogo, de seu abrazado, e Santo Pay, augmentariaõ (como cada dia augmentaõ) as 273 Mis-

Missoens , de que são actuaes Operarios ; entrando nesse numero as de Chio , Bacséfarai , Constantinopla , Kriméa , Smyrna , Santorin , Thessalonica , Alépo , Antoura , Damasco , Graõ Cayro , ou nova Memphis , Naxia , Seyde , Tripoli , &c.

Nesta sua *Reflexão* parece zombar do elogio dado á Companhia com o titulo de *Braço direito da Igreja*. Diz que isto são cumprimentos das Bullas, que os Papas não approvaõ, e que ninguem faz caso delles. E são mais relevantes, ou approvadas pelo Papa as Oraçoens de *sapientia*, que allega contra os estudos da Companhia? E que dirá, se lhe disserem, que este elogio não he cumprimento de Bulla, mas dado por Clemente VIII. *Vivæ vocis oraculo* no anno de 1600. Este Papa não aprovava o que dizia? *Amo Societatem, atque unicè charam habeo, eamque dextram Ecclesiæ brachium meritò profiteor, profiteborque.* Lêa *Christvao de Avendaño Carmelitano* no titulo de *Sanctis*. Soares (9) *Imago primi sæculi* (10) O peor he dizer, que deste elogio se podem naturalmente tirar varias blasfêmias, sem advertir, que he elogio dado por hum Pontifice. Diz I. que se póde inferir, que Christo fundou a sua Igreja sem braço direito. II. Que lhe faltou este braço por 1540 annos. III. que Christo não soube, o que era necessario para dirigir a sua Igreja.

Digo pois, que taes consequencias se não podem tirar *naturalmente*, mas sómente por quem não quizer, ou não souber distinguir o sentido literal do allegorico; e faltando esta distincão, poderá algum ignorante tirar outras semelhantes: v. g. que o Ceo não está seguro contra os ladroens, porque no Apocalypse se mostrou a S. João em figura de huma

-[9] Soar. tom. 4. de Relig. lib. 1. cap. 7. n. 5. (10) *Imago primi Sæculi* lib. 5. cap. 9. fol. 664.



huma Cidade com muralhas ; e portas : que o Pai-  
 dre Eterno he corpóreo ; porque diz o Credo: *Sc-*  
*det ad dexteram Patris* : que Christo no Ceo ainda  
 tinha quem o perseguisse ; porque disse a S. Paulo ,  
 quando hia para Damasco : *Saule , quid me perse-*  
*queris* ? Que a Igreja fundada por Christo era huma  
 tunica ; porque apparecendo a S. Pedro Alexandri-  
 no com a tunica despedaçada , lhe disse ; *Arius ve-*  
*stem meam , quæ est Ecclesia , dilaceravit* , Que Chri-  
 sto fundara com pouca firmeza a sua Igreja ; por-  
 que , symbolizada na Basilica Lateranense , se re-  
 presentou a Innocencio III. na extremidade de ca-  
 hir , concorrendo S. Francisco ao mesmo tempo , e  
 sustentando-a com seus hombros , para lhe evitar tão  
 imminente ruína. Que o nosso Portuguez Santo An-  
 tonio he alguma caixa de páo , ou cofre de madei-  
 ra ; porque o Papa Gregorio IX , ouvindo prégar ao  
 Santo em Roma , o appellidou *Arca do Testamento* ,  
 titulo verdadeiramente de relevante gloria. Dispa-  
 rates são estes , que só ignorantes os pôdem infe-  
 rir. Assim como he reprehensivel o abuso , que se  
 faz do sentido proprio das Escrituras ; qual o da-  
 quelle , que em hum congresso de homens eruditos  
 ( e não era Portuguez ) disse : que o Ceo , á manei-  
 ra de vivente , padecera suas cataratas ; e que o  
 Divino Oculista lhas tirara , juxta illud Gen.7. *Cata-*  
*ractæ Cæli apertæ sunt* : tambem he censuravel ne-  
 gar o sentido allegorico ás Escrituras , e locuções  
 da Igreja.

A verdade he , que os Operarios , que tra-  
 balhaõ pela salvação dos proximos , e em defen-  
 da Igreja , são os Braços , que cultivaõ a vinha do  
 Senhor ; mas nem porisso occorre dizer , que as  
 mais Sagradas Religioens não se exercitem na mes-  
 ma cultura. O mesmo Benedicto XIV , que o *Cri-*  
*tico* diz , *chamou aos Jesuitas Captiosos* , ( e tam-

bem pudêra aqui dizer, e com mayor razaõ, que *saõ preambulos, que o Papa não approva*) dandose-lhe noticia, que huns Missionarios da Companhia tinham sido mortos na India pela Fé, disse: *Elles saõ accusados; mas com tudo lá morrem pela Fé.* Estes trabalhos gloriosos, e mortes, por causa delles, não mereciaõ aquelle elogio de Clemente VIII? Talvez, quando o proferio, se lembrasse de hum S. Francisco Xavier, convertendo na India hum milhaõ, e duzentas mil almas; dos Missionarios, que abertas pelo mesmo Santo as portas do Japaõ, passaraõ á China, e aos mais Reynos da Asia para a prégaaõ Evangelica; dos que a plantaraõ em Monomotapa, e Ethiopia; dos que por esta causa atravessaraõ os dilatados certoens da América; dos que na Europa com a penna, e com a lingua se oppuzeraõ ás heresias, que nella se levantaraõ: cumprindo-se o que se lê nas Liçoens deste Santo Patriarca: *Constans fuerit omnium sensus, etiam Pontificio confirmatus Oraculo, Deum, sicut alios aliis temporibus sanctos viros, ita Luthero, ejusdemque temporis hæreticis, Ignatium, & institutam ab eo Societatem objecisse.* Bastaõ estes elogios referidos, porque todos pôdem encher tomos: veja ao menos o Critico ao P. Damiaõ Lugonés, Franciscano, (11) ao P. Gravina, Dominicano, na 2. p. de *Voce Turturis*, (12) e até ao seu louvado Gaspar Scio-pio in *suo Arcano Dædalo*, (13) e á vista do que ler, não se admirará de dizer o P. Arsenio, que a Companhia foy chamada, *Braço direito da Igreja.*

Com pouca acõmodaçaõ se acha tambem nesta sua *Reflexaõ* a obra do P. Concina Dominicano. Diz, que este Padre escreveu contra os Moralistas da Companhia; e mostrando os danos, que nascem

(11) P. Lugonés, pag. 11. col. 2. (12) P. Gravina, 2. parte de *Voce Turt.* cap. 30. p. 126. (13) Scio-pio in *Arc. Dæd.* p. 204. & 205.

nascem do seu Probabilismo. Antes de tudo advirto, que a opiniaõ, que diz, se póde seguir, o que he provavel, *relicto probabiliori*, não he só da Companhia, he de muitos, que não são desta Religiaõ, e alguns delles a não seguirão; como foy o Reverendissimo *Thyrso*, *Elizalde*, *Munieffa*, e outros: tambem não duvido, que os mais afamados AA. della a seguem; como foraõ o Eminentissimo *Toledo*, o Eximio *Soares*, os doutissimos *Sanchez*, *Azor*, *Lessio*, *Layman*, *Valença*, e o Piissimo *P. Señeri*, a quem o *P. Concina* diz, que muito venera. Isto supposto, digo, que não he o mesmo ser Probabilista, que ser largo na eleiçaõ das opinioes. Veja-se o *P. Carden*. allegado por *La-Croix*(14) (por esta vez me dará licença para o allegar) onde achará hum grande Catálogo de opinioes regeitadas pelos Probabilistas contra os AA. que as defendiaõ; e achará humas regeitadas contra oito, outras contra doze, vinte, quarenta, e mais AA. Basta para defenfa dos Jesuitas Probabilistas a Apologia impressa em Colonia no anno de 1706, na qual se mostraõ provadas com grande evidencia estas proposições. Primeira: que os Jesuitas *in materia morum* sempre seguirão as opinioes, que naquelle tempo eraõ mais cõmuas nas Escólas. Segunda: que se alguns delles seguirão algumas opinioens contra o cõmum, a mayor parte dos outros se lhes oppuzeraõ. Terceira: se alguma sentença foy condenada pela Sé Apostolica, elles tambem a regeitaraõ, e não consentiraõ, que algum dos seus livremente a ensinasse.

Nem tambem he o mesmo ser Probabilista, que fugir das opinioens largas: não me faltariaõ provas; mas como a questãõ não he do meu intento, só referirey algumas palavras do *P. Señeri*, tiradas da *carta*, que se imprimio nas suas obras.

*Caetano*; diz o Padre, *be A. que seguiu o Probabiliorismo*: lea-se porem a sua nobre *Summa*, e se verão as muitas doutrinas largas, que nellas traz regeitadas pelos Probabilistas. Na palavra jejunium affirmou, que salvo o escandalo, e o desprezo, não era peccado mortal faltar ao jejum da Igreja: e o mesmo julgou de outro qualquer preceito Ecclesiastico. Admitta-se este principio, e veja-se, quantas laxidoes se podem delle seguir. O certo he, que o dano, que se segue, ou póde seguir, não vem de ser Probabilista; vem de não escolher a verdadeira probabilidade, e separála da falsa, e apparente; vem do abuso do principio geral de podermos usar da opiniaõ benigna contra a rígida, julgando por opiniaõ benigna; a que he destituída de fundamento prudente: e por esta causa não menos cuidaraõ Alexandre VIII, e Clemente XI na Bulla *Unigenit.* em prohibir as proposicoens falsamente rígidas, do que Alexandre VII, e Innocencio XI. em condenar as que eraõ falsamente benignas. Que couza mais propria para hum Bispo, que a benignidade taõ recõmendada por S. Paulo na *Epist. ad Titum*? E se alguns subditos abusarem da benignidade do seu Pastor, podemos dizer, que della se seguirãõ varios danos? Deve-se dizer com toda a verdade, que a culpa toda vem do abuso.

Diz mais, que o mesmo P. *Concina* escreveu contra o livro do P. *Benci* Jesuita, que defendia se podiaõ tocar os peitos das mulheres sem peccado, *sepposito periculo*. Este modo de propôr o caso he muito alheyo do sentido do P. *Benci*. Nem seria racional censurar aquella sorte de toque em geral, e universalmente; por ser certo, que o Cirurgiaõ o póde fazer, quando he preciso curar huma mulher da queixa de algum cancro, ou de outra enfermidade, que padeça. Nem tambem está  
exposto



exposto com fidelidade ; porque o P. Benci no sentido, em que falla, nem nega, que possa haver peccado interno ; antes o suppoem, para decidir a questão, que logo direy ; nem tambem nega, que no acto externo daquelle toque se possa considerar malicia venial. Daqui infiro, que as palavras, com que se propoem pelo *Critico*, não estão muito ajustadas.

O P. Benci não compoz Tratado algum sobre a presente materia, mas o seu intento foy escrever, á instancia do Patriarca de Veneza, e de outros Prelados daquelle Republica, dos casos reservados, os quaes, para se incorrerem, he necessario, que não fiquem meramente internos, mas se devem manifestar com alguma acção por sua natureza gravemente peccaminosa ; ou para melhor dizer, indicativa de culpa grave. Isto supposto, pergunta o Padre, se incorrerá na reservação, o que tocar os peitos de hum mulher ? Para a resolução devia ver, se o tal tacto *ex naturá sua*, & de se significa peccado mortal ; mas como elle se póde fazer por necessidade, ou *absque libidine*, no qual sentido não significa peccado grave, como diz Santo Thomás, (14) precisamente devia inquirir, se o tal tacto póde ser de si venial, e porisso o suppoem nestas suas palavras : *Actus subimpudici de se veniales, genas vellicare, mamillas tangere, & solam ex pravo affectu, vel ex prava intentione mortales* ; onde se deve advertir, que o Padre não os livra da culpa grave, que lhe provém do affecto, ou má intenção ; só suppoem, que possam ser veniaes, quanto ao que externamente significaçõ, como se fossem *ex joco, ex levitate, ex petulantia*, e não sérios, e deliberados. De tudo infere o P. Benci, que se o tacto for *ex joco, vel levitate*, não se incorre o reserva-

[14] S. Thom. 2. 2. q. 154. in Corp.

reservado; porque se não manifesta por acto externo *graviter* máo, e sem duvida se incorrerá pelos tactos deliberados, e sérios. Eis aqui o que diz o P. *Benci*, que he tão diverso da proposta, que insinua o *Critico*, quanto vay do preto ao branco.

Eu não defendo a opiniaõ do P. *Benci*, por ser questaõ, que me não importa: digo com tudo, que a supposiçaõ, que insinua, não he destituída de AA. e não duvido allegasse alguns: e ainda que os não nomeasse, devia o P. *Concina* fazer diligencia por ver, se os havia; e se a fizesse, acharia *Zanardo*, (15) *Candido*, (16) *Sylvest.* (17) *Sporer* (18) o qual depois de apontar tres circumstancias, nas quaes se incorre culpa grave, quaes são, se se exercitarem *deliberatè, & seriò; ex intentione captandi delectationem libidinosam; ex periculo animadverso consentiendi in delectationem venream*, accrescenta: *Seclusis his tribus, tactus, oscula, amplexus, etiam inter solutos, vel non nisi peccata venialia erunt, si otiose ex mera levitate fiant; accedente autem justâ causâ, omni culpa liberabuntur. . . quæ quidem omnia hætenus dicta in his terminis apud omnes certissima sunt.* Tudo isto disse, não porque me agrada a opiniaõ do P. *Benci*, que ao menos, por mal entendida, pôde causar alguma ruína espiritual; mas para mostrar ao *Critico*, que na *Resposta* introduzio esta historia mais enorme, do que ella he, fazendo-a de idade de tres annos, sendo que ella conta mais de seis.

Conclûe S. P. esta *Reflexaõ* com se mostrar escandalizado, de que *Arsenio* lhe notasse unir a Dedicatoria do seu livro com o Prólogo; e para o convencer dá esta regra geral: *Os Prólogos, e Dedicato-*

[15] Zanardo in Direct. p. 2. in 6. & 9. præceptum cap. 14. §. Quinto deduco. [16] Candido tom. 1. disquisit. 11. dub. 2. §. Dico tertio. [17] Sylvest. in Summa verb. Delectatio. [18] Sporer Theol. Sacr. part. 4. cap. 3. sect. 6. §. 4º

*dicatorias sempre foram a mesma couza.* Não estou pela regra; porque ordinariamente a Dedicatoria falla com hum, ou muitos; e o Prólogo com outros diversos, quaes são os leitores, insinuando o que contém a obra, ou as causas, que o moverão a publicála: assim como seria desconcerto escrever huma carta a Pedro, e dirigir ametade aos vizinhos. Boa será esta união, quando o A. não tenha que dizer aos leitores, e só falle com aquelle, a quem a dedica, posto que de caminho lhe dê noticia breve da obra, que lhe offerece. Este he o estylo observado por milhares de AA. que nestes ultimos seculos derao livros á imprensa, e do Tridentino para cá abrião os olhos: de sorte, que de mil, apenas se acharão dous, ou tres, que fação o contrario: e como S. P. tanto estima seguir os exemplos do mundo culto, ou ha de conceder, que fazem mal em separar a Dedicatoria do Prólogo; ou ao menos concedernos ser falsa a sua regra geral: *Os Prólogos, e Dedicatorias sempre foram a mesma couza;* sendo verdade o contrario, isto he, que Prólogo, Dedicatoria, e Proemio são tres couzas distintas, segundo o presente uso dos AA. que hoje escrevem. Na Dedicatoria falla o A., como já disse, com o seu Mecenaz. No Prólogo falla aos leitores: veja-se o *Calcp.* O Proemio, que he o mesmo, que Exordio, e Preludio, propriamente, como diz o mesmo *Calepino*, se dizia aquella Sonata, que antes de entrar ao certame dos instrumentos, tocavao os Musicos; e daqui se transferio o vocabulo para os Exordios das oraçoens: porque assim como os Musicos no principio procuravao conciliar os animos dos ouvintes; assim os Oradores, antes de tratar a materia da sua oração, expõem no Exordio algumas couzas dirigidas ao argumento, de que haõ de tratar, para conciliar os animos dos juizes, ou ouvintes;



vintes; e porisso o principio de qualquer couza se chama Proemio, e isto quiz dizer Juvenal na Satyra V. *Miseræ cognosce proemia rixæ.*

Supposta esta distincão, segue-se, que mandar hum discurso, ou obra a hum amigo, não se póde propriamente chamar Dedicatoria, conforme a cômum significacão, mas impropriamente; em cujo sentido diz Cicero apud *Bluteau*, que dedicar o livro, he *librum ad aliquem mittere*. Segue-se tambem, que o Prólogo, que regularmente he dirigido aos leitores, assim como he obra separada da materia do livro, assim se poem separado della. Esta he a razão, porque nos theatros a primeira pessoa, que nelles apparecia antes de começar a Tragedia, era Prólogo, que expunha aos ouvintes a materia della. Segue-se finalmente, que Proemio, ou Exordio não he, nem se póde dizer Dedicatoria, ou Prólogo. Entra agora o *Critico* a querer desculpar-se, por unir a Dedicatoria do seu livro ao Prólogo; e diz, que Cicero nos livros de *Oratore ad Quintum Fratrem* fez em cada hum seu Prólogo ao irmão, que juntamente he Dedicatoria: e nisto claramente se engana; porque nem são Prólogos, nem Dedicatorias, mas Proemios, ou Exordios, que assim lhe chamaõ os seus Cômmentadores com o insigne *Jacobo Proust* no Cômmentario, que fez *ad usum Delphini*. E a isto não ser assim, diga o *Critico*, que os Exordios de tantas oraçoens de Cicero, feitas no Senado nas causas dos réos, que patrocinaava, eraõ Dedicatorias aos Juizes, com quem fallava. Nem tambem he Prólogo, ainda que trate da divisão da obra; porque isto mesmo tem aquella parte da oração, a que os Rhetoricos chamaõ *Propositio*. O mesmo se deve dizer do livro *Orator ad Marcum Brutum*, dos Paradoxos de *Fimibus*, e *Questoens Tusculanas* ao mesmo Bruto, e dos

dos *Tópicos* a Trebacio Testa, a quem o *Critico* quer chamar Dedicatoria, e Prólogo, quando os Doutos lhe chamaõ Proemio, Exordio, e Prefacção.

Vejamos agora a *carta* de Cicero a Varraõ, com a qual lhe manda as *Questioens Academicas*. Nesta familiarmente o argüe Cicero de lhe não ter mandado as suas obras, como lhe promettera; e com as *Questioens*, de que lhe faz presente, o desafia, para que cumpra a sua palavra, as quaes lhe envia por prova da sua amisade. Desculpa-se com o estylo dos *Diálogos*, em dizer, fallara com elle couzas, que nunca lhe tinha dito, e offerece-se para com elle tratar outras materias literarias; desejando para isso tempo mais socegado, e livre das perturbaçoens, em que entaõ se achava a Republica: deseja-lhe boa jornada, e feliz successo na compra, que intentava, e diz ser de sua approvaçãõ. Esta he a summa da *carta*: e onde vay aqui a Dedicatoria, e Prólogo? Assim devem ser os mais exemplos, que allega.

### C A P I T U L O III.

#### *Contra a Reflexaõ segunda da Reposta.*

**N**A *Reflexaõ* segunda da *Reposta*, deixados os dictérios, e retratos, que todos me parecem ricos feitos, indignos de se escreverem, e de se lerem, nota, que se comparem as suas idéas com as de Plataõ: não me pertence a acõmodaçãõ, e menos duvido da differença, que ha entre os conceitos, e idéas Platónicas; mas não he preciso, que as couzas comparadas sejaõ em tudo iguaes. Compara-se hum homem valeroso com hum leaõ,

E

e não

e não se deve a comparação canonizar por parvotice; porque o leão tem juba, garras, e quatro pés, e nada disto se acha no homem.

Outra accusação he de não saber, *que os hereges não só admittem, e abraçam aquelles quatro Santos Padres, que aponta; (Santo Ambrosio, Agostinho, Jeronymo, e Gregorio) mas todos até S. Gregorio Magno. E isto (diz S. P.) he hum erro consideravel.* Lêa-se a *Reflexão de Arsenio*, e não se achará, que elle diga o contrario. Diz, *que os hereges se fingirão devotos dos Santos Padres dos primeiros seculos; e por exemplo nomêa os quatro sobreditos.* Diga agora, onde acha o erro, salvo se julga, que era obrigado a nomear todos hum por hum; mas elle não ha de querer estar por esta obrigação? Se dissesse, que os hereges sómente abraçavaõ aquelles quatro Santos Padres, boa estava a critica; mas se elle o não diz, para que he fingir erro para o confutar?

Na terceira nota diz estas palavras: *Unis além disso Jansenio com os mais hereges, como se tivesse as mesmas opinioens, sem saberes, que Jansenio errou sem pertinacia, submetteu-se á Igreja, foy, e morreu Catholico. Pois era necessario saber tudo isto para não meter petulantemente Jansenio na classe dos hereges.* Confesso, que todas as clausulas desta nota me causaõ grande admiracão. A primeira he, *como se tivesse as mesmas opinioens.* Para nomear Jansenio com os mais hereges, não he preciso, que todos tenhaõ o mesmo sentimento; basta, que todos errem na Fé. Quem disser, que os Arrianos, e Hussitas foraõ hereges, diz muito bem, e nenhum Catholico o deve censurar, ainda que os erros dos primeiros foraõ diversos dos segundos; ou os primeiros foraõ mais antigos, que os segundos. Quanto mais, que as cinco famosas proposiçoens



coens de Jansenio envolvem, e renovaõ os erros de outros hereges já condenados. Lêa o *P. Viva*, que he Italiano, na doutissima explicação destas cinco proposições, e achará na Synopsis da primeira: *Hæc doctrina repugnat definitionibus Tridentinæ adversus Lutherum, & Calvinum*. Na segunda: *Passim docuit cum Calvino, & Petro Molinaeo, & aliis gratiam interiorẽ sufficentem esse monstrum gratiæ*. Na quarta: *Quod vero (Semipelagiani) in hoc erant hæretici, quod vellent posse arbitrium gratiæ resistere, docuit Jansenius, & olim Calvinus*. Na explicação da quinta num. 1. post medium: *Hoc idem docuerat olim Calvinus* 3. *Instit. in c. 17. Joan.*

A segunda clausula he: *Sem saberes, que Jansenio errou sem pertinacia*. Digo, que não he facil desculpálo da pertinacia, quando escreveo as suas proposições; porque não ignorava, que nellas se envolviaõ os erros de Luthero, Calvino, Molinæo, e Semipelagianos: e quem, sabendo isto, diz o contrario, não erra por inadvertencia, mas com adhesão opposta ao que sabe estar já condenado; e por esta razão diz o *P. Viva* no seu num. 5. fallando de Bayo, e Jansenio: *Cum errorcs disertissimè ab Ecclesia damnatos recoquere ausi sint*. Confirma-se o que tenho dito, reparando em algumas clausulas da vida de Jansenio, que traz Bernino na sua *Historia das Heresias*, (1) onde diz, que Jansenio foy em Lovaina discipulo de Jansonio, acerrimo defensor das proposições de Bayo, e as imprimio no seu discipulo, o qual contrahio estreita amizade com Vergerio, inficionado da mesma heresia, e se retiraraõ a Lourdes, onde tomaraõ o empenho de defender as opinioens de Bayo: Vergerio escrevendo sobre a direcção dos costumes; e Jansenio tratando da materia da graça, e livre arbitrio. Con-

E 2

tinuou

[1] Bernino, in *Hist. Heresum*. tom. 4. pag. 617.

tinuou nos seus erros por muitos annos, sem nunca lhe occorrer retractar-se do que tinha escrito no seu livro *Augustinus*; até que sendo Bispo de Ipre, antes de morrer encômendou a Reginaldo seu Capellaõ, que fizesse estampar o seu galante livro, protestando, que não seria facil achar nelle couza digna de emenda ( tanta era a adhesaõ, que tinha á sua sentença ) concluindo porẽm, que em tudo se sujeitava á Igreja. De tudo infere Bandoni (2) e Viva acima citado, que o seu protesto não foy de coraçaõ, e como quem deveras se desdizia do seu erro. *In hoc autem (diz Viva) sapientissimi, ac laudandi, quod ille (Bayo) post sententiam Pontificum tandem errores retractarit. Hic verò (Jansenio) in suo testamento omnia Ecclesie judicio submisserit, tanquam filius obsequentissimus; esto credatur juxta sapientiam hujus mundi inimicam Deo non ex animo, sed solam ore tenus ad censuras declinandas ea prestitisse, cum errores disertissime ab Ecclesia damnatos recoquere ausi sint; & passim (N. B.) haeresiarum consuetum fuerit virulentam, quam evomunt, doctrinam Ecclesie judicio callide in speciem subicere.*

Concedamos porẽm, que na hora da morte de coraçaõ se submettesse á Igreja: isso não obsta, para que não tivesse sido herege; pois he certo, que quem profere, e escreve com tanta advertencia proposicoens hereticas, não he bom Catholico; e não se póde negar, que as suas cinco proposicoens sejaõ hereticas, e tomadas no mesmo sentido obvio, que elle as escreveo, como tudo consta das Bullas de Innocencio X. Alexandre VII, e Clemente XI. na qual perscreve a forma do juramento, que manda dár, e ordena se diga o seguinte. *Ego quinque propositiones ex Cornelii Jansenii libro, cui nomen Augustinus, decerptas, prout illas*

[2] Bandoni part. 8. cap. 9.

*illas per dictas Constitutiones Sedes Apostolica damnavit, sincero animo rejicio, & damno &c.* E na verdade se os Jansenistas são hereges, mal pôde o Author desta doutrina ser Catholico, ao menos no largo tempo, em que as conservou, e não se retratou dos seus erros. E quando o *Critico* diz, que *Jansenio* foy, e morreu Catholico, supponho, quiz dizer, que algum tempo foy Catholico, mas sempre, não se pôde concordar bem com as definições contra o seu livro.

Quanto á alma dos brutos ser espirital, e discursiva; respondo, que nem tudo, o que diz hum, ou outro Author, se deve seguir, mas ponderar com madureza os fundamentos desses AA. E que prova he, para admittirmos a alma espirital, a illação, com que inferem: *Logo a materia conhece?* Tal consequencia se não segue, porque a materia L he potencia puramente receptiva, e o imperfeito conhecimento dos brutos provém da forma, que he material; e não he pequeno absurdo, que devaõ dizer os modernos, que isto seguem, para guardar coherencia, que tambem seja espirital a alma dos caens, e gattos; e que as taes almas, por serem *de ordem inferior*, não tem *jus á bemaventurança*; e nesta parte parece, fiação iguaes com as almas racionais dos meninos, que morrem sem baptismo, que tambem por causa do peccado Original nenhum jús tem á bemaventurança. Se a tal opiniaõ agrada ao *Critico*, pôde segui-la; e será obrigado a confessar, que tendo os jumentos discurso, e alma espirital, raciocinaõ, que he o mesmo que serem racionais; em cujos termos grande he a injustiça, que lhe faz a geral persuasão dos homens em os julgar por brutos irracionais. Mas nunca impedirá, que não desprezem os mais prudentes opiniaõ semelhante, e  
nisto.



nisto imitarão a S. P. que por escarneo chama ás questões especulativas *ingredientes*, sendo tratadas por homens de grande capacidade; quando com mais razão se deve desprezar huma opinião tão mal fundada, e opposta ao cômum parecer dos Sabios. Veja o erudito *Petavio in Elencho Thiriace*, (3) onde descreve a differença, com que obra o homem, e o bruto, e diz: *Nam & si judicium utriquè commune, necnon voluntarium a S. Thoma tribuitur, non idcirco species eadem est utrobiquè judicii; sed generè solo ambo inter se conveniunt; quemadmodum naturæ ipsæ genere uno continentur animalis, ac sensu præditi; sed formâ, & essentiâ discrepant. Sic judicium in brutis phantasie solius est, & ejus partis, quam æstimativam vulgò nominant. Voluntarium autem sensitivi, quem vocant, appetitus. In homine rationis illud est.* Toda esta doutrina vem deduzida do seu n. 3. & sequentibus do mesmo cap. Onde acabará o *Critico* de saber, qual seja o discurso dos brutos, e com quanta razão se deve desprezar huma sentença tão alheya da boa razão, e opposta á universal doutrina dos doutos.

Que seja mal fundada, se mostra I. Porque nos brutos se não acha operação alguma espirital, nem percepção de objectos espirituaes, ou abstractos. II. Porque a razão natural, com que se prova a immortalidade da nossa alma, he por ser espirital; e admittindo espiritalidade nas almas dos brutos, já não val o fundamento; ou se deve admittir, que tambem estas são de sua natureza eternas. III. Porque sendo espirituaes, seriaõ de si capazes de conhecer objectos espirituaes; e não ha razão para as alligarem sómente ao conhecimento de couzas materiaes, e singulares. E porque eu não pertendo compor questões, e explicar esta materia, remetto

[3] *Petavio in Elencho Thiriaco* no fim do cap. II.

metto o *Critico* á leitura do *P. Fr. Joseph Antonio Ferrari*, que he Author muito moderno, e Italiano de Bolonha na sua *Filosofia Peripatetica*, (4) e ahi verá a questão doutamente discutida contra as novas Filosofias, e de caminho entenderá, que ainda em Italia se defende Aristoteles.

E não só se defende, mas o que mais he, que de lá se ordena aos Jesuitas, que sigão a este Filosofo. O *Critico* diz, que não sabe a causa desta prohibição; e eu a direy tirada do *P. Reguera*, que tambem he Author moderno, e compoz em Roma as suas obras *Theologicas* com summa erudição. Nas Congregaçoens Geraes desta Religião costumão assistir homens doutos, e que tambem devão pertencer ao mundo culto, porque se ajuntão das Naçoens Europeas; por cuja razão se não deve julgar sem timeridade, que as suas determinações sejaõ imprudentes, e destituidas de solidos fundamentos. Nasce esta prohibição de varias questões: em primeiro lugar, por se conformarem com a prudente Constituição de seu glorioso Patriarca. (5) *In Logica, & Philosophia Naturali... Doctrina Aristotelis sequenda est.* Na Congregação 3. decret. 47. se ordena o mesmo, e tambem no *Ratio studiorum*, composto por homens doutissimos, e que tambem tem os olhos abertos: e advertindo as Congregaçoens subseqüentes, e mais chegadas aos nossos tempos, que se introduziaõ varias opinioens mal fundadas, e oppostas á mais solida Theologia, renovarão as mesmas prohibições, e fizeraõ novos Catalogos de proposições prohibidas a seus subditos, onde se achaõ algumas contra *Cartesio*; como se póde ler nas Congregaçoens 9. 15. e finalmente na 16.

Nesta mesma *Reflexão* se mostra o *Critico* muito

[4] P. Fr. Joseph Antenius Ferrari tom. 3. disp. 4. quest. unica.

[5] Const. 4. part. cap. 14. §. 3.

muito escandalizado de dizer *Arsenio*, que o ar  
faz huma abobeda, que cerca o globo da terra; e  
naõ fazendo caso do argumento, diz algumas frias  
leiras, que podiaõ ter bom retorno; e pergunta,  
em que piláres se sustenta esta abobeda. Bem pu-  
dera eu pedir-lhe, que me dissesse, em que pilares  
se sustenta o arco Iris, a quem a Escriptura no  
Genesis cap. 9. dá este nome: *Arcum meum ponam in  
nubibus*, e com a resposta satisfaria á sua pergunta. Se  
quer saber, como os doutos se explicaõ com seme-  
lhantes termos, quando fallaõ nesta materia, lêa o  
douto *Ferrari* (6) e achará o seguinte: *Quippe aer  
hic secundum omnes lineas premit, & rectas, &  
obliquas, & omni ex parte equaliter propter sphæ-  
ricam hemisphæriorum figuram, inde circa eadem  
hemisphæria fit quedam veluti concameratio externi  
aeris undique circumambientis*. Quer saber como se  
chama também abobeda a agoa, que cerca aos que  
mergulhaõ, sem os opprimir? Veja o mesmo Au-  
thor. (7) *Quare sic tota aqua gravitat, ut partes  
superiores instar fornicis ab inferioribus, & latera-  
libus sustineantur*. Eis-aqui como humas partes ser-  
vem de pilares ás outras; de sorte, que esta par-  
te do ar, que cerca o nosso Emisferio, sustenta-se  
na outra, que cerca o dos antipodas: veja o mes-  
mo Author citado (8) *Quoniam fluidi natura est,  
ut partes sese mutuò sustineant*.

Finalmente com mais cólera, que razãõ, argue  
ao P. *Arsenio*, porque disse que *Cartesios*, e meyos  
*Cartesianos* desterráraõ os accidentes, e extinguiraõ  
as cores. E continuando na sua reprehensãõ; de-  
clara, que o tal religioso, naõ podia condenar as  
opinioens de *Cartesio*, que homens taõ doutos, e  
pios defendem. He possivel, que tenha o Critico  
licença

(6) *Ferrari* tom. 2. q. 6. pag. 121. (7) *Idem* in quæst. 4.  
pag. 96. §. Respondetur. (8) *Idem* pag. 125. §. Quare.



licença para condenar doutrinas, que milhares de homens doutos, e pios defendem neste mesmo seculo, seguindo a *S. Thomás, S. Bravventura, Escoto, Soares, Toledo, Fonseca, Conimbricenses*, e outros de tão alta esfera; e não teremos nós acção para desapprovarmos a *Cartesio*, como se elle se pudesse comparar com tão grandes gigantes da sabedoria? Que ha de ser, se elle adora ao seu *Cartesio*! Palmo da devoção, que lhe professa! Elle o diz na sua carta 8. pag. 280. Confesso a *V. P.* que não posso fallar no tal *Filosofo* sem grandissima veneração. Toda lhe levou o seu adorado *Descartes*, e porisso nenhuma lhe ficou, nem ainda para os DD. da primeira Jerarquia, e professores do mais distinto merito, e respeitavel authoridade. Mas não valha a censura do *P. Arsenio*: póde ler a que lhe dá *Reguera*, que imprimio em Roma no anno de 1740, e a pag. 608. n. 782. diz o seguinte, fallando de *Cartesio*: *Serpit indies istiusmodi philosophandi ratio, maximè in Galliâ, Belgio, & Britannia, non parùm per Italiam, vix in Hispania, & Germania. Promoveruntque hanc viam post Cartesium le Grand, Fabri, Maignanus, Siguens, Malebranche, Tosca, Constantinus Grimaldus inter alios. Contrà quos steterunt pro veteri Philosophia Raynaudus, Huetius, Daniel, Semeri, Palancus, Benedictis (aliis Alietinus) missis aliis. Ouçamos agora a censura. Non verò mittendum, quòd in Galliâ ipsâ, & Belgio Cartesiana novitas à sui exordio, tam regiis edictis, quam praelatorum, & Universitatum censuris graviter excepta est; & in Romano indice inter libros prohibitos, sub Descartes, Malebranche, Saguensii, & Grimaldi nominibus adhuc continetur, ut audienda cautè. A'lem das muitas incoherencias, que se achão nos escuros documentos de *Cartesio*, como bem prova *Ferrari*, tratando do systema Car-*

*tesiano*, basta para se regeitar o pouco, ou nada, que concorda com a verdadeira doutrina dos actos sobrenaturaes, e meritorios, da graça auxiliante, e santificante, e accidentes Eucharísticos; que são questões muito importantes na Theologia Escolastica.

Tambem se não deve o *Critico* admirar de lhe dizerem, que os *Cartesianos* desterraraõ os accidentes; porque assim se infere dos seus principios, como diz *Reguéra*: (9) *Negant omnia sive realia, sive modalia (saltè si spiritualia excipias) accidentia verè talia; sed ponunt unicè accidentia Logica penès corpuscula subtiliora, & minus immutabilia mixtum, & penès determinationes varias sinè additamento alicujus entitatis*. E na verdade corpusculos, sem additamento de alguma entidade, não são accidentes, e só delles tem o nome. E que mayor prova, que a mesma confissão do *Critico*, o qual diz na carta 9. pag. 13. *O accidente da cor consiste na diversa disposição da superficie de hum corpo, que reflecte a luz: que he o mesmo que dizer, que não he huma entidade distinta da substancia*. E que outra couza he isto, senão *extinguir as cores*? O certo he, que o *Critico* na idéa da Logica, em que diz couzas muito boas, mostrando a facilidade, com que nos podemos enganar, se deve servir dessas mesmas razoes, para considerar, que o mesmo lhe póde acontecer em muitas doutrinas, que approva; nem tem mais privilegio para nos persuadir as suas idéas, que os AA. que reprovão estas novas Filosofias. Não negão as experiencias mecanicas, que são feitas com grande felicidade, mas não são obrigados a estar pelas consequencias, que dellas querem tirar.

CAPITULO

## CAPITULO IV.

*Da Orthografia do Critico.*

Nesta *Reflexão* se compadece muito o *Critico* da errada Logica, com que o *Arsenio* começa a fallar na materia presente; e para o mostrar, truncandolhe o seu periodo, e não percebendo as forças d'elle (onde dizia, que sendo as palavras finaes arbitrarios, que as Nações introduzirão; e que sendo o uso de cada Nação huma ley na materia, errava o *Critico* em querer introduzir palavras novas) diz o seguinte: *Para provar alguma coiza, devieis provar, que não se podia admitir palavra nenhuma* (melhor dissera palavra alguma) *sem huma ley feita pelo Senado, ou por ElRey.* Nem tal consequencia se segue, nem he necessaria essa ley do Senado, ou do Monarca. Do que *Arsenio* diz, unicamente se segue, que sendo o uso de cada Nação ley, nada faz contra ella, quem não tem poder para tirar esse uso: para o que bastaria, se houvesse uso contrario; mas este não o introduz hum particular, usando de huma, ou outra palavra nova, e desnecessaria; e escrevendo deste, ou daquelle modo. Não lhe veyo á imaginação dizer, que não possa o *Critico* usar das palavras, que quizer, e escrever, como lhe parecer; porque isso vemos nos que fallaõ errado, e escrevem peór. O ponto he, se quem assim falla, ou escreve, e manda escrever contra esse mesmo uso dos cultos da Nação, erra, ou acérta? Digo, que erra; porque o voto de hum particular não he attendivel, quando a Nação julga o contrario, e o dispoem; por ser couza, que totalmente depende do seu livre arbitrio, como quem na materia he legisladora.

F 2

Para



Para melhor me explicar, digo ; que cada huma das Nações tem particular modo de pronunciar ; particulares palavras , com que se explica ; particulares regras de Orthografia, com que escreve ; e particular politica, com que huns se trataõ aos outros. Toda a diversidade, que ha nas palavras Portuguezas, nasce deste principio. Em Portugal dizemos *Deos*, em Castella *Dios*, em Latim *Deus*, em Grego *Théos*. A pronuncia, de, que usamos , nem deve fazer exemplo para as mais Naçoens , nem as destas para a nossa , seguindo cada huma o seu uso: nós dizemos *Taranto* com a penultima longa, em Italia com a mesma breve: dizemos *Anastásia* com *i* breve, em Roma longo: escrevemos , e pronunciamos *Rey* ; em França, escrevendo *Roy*, pronunciaõ *Roá* : escrevemos *Jeronymo*, *João*, *Jacome* com *J*, e *Caetano* com *C* ; em Italia com *G*. *Gerolamo*, *Giovame*, *Giacomo*, *Gaetano*. Tambem ha diversidade nas politicas : em Italia, Alemanha , e França ha Senhores com o titulo de *Princepes* ; em Portugal, e em Castella he titulo reservado para o herdeiro da Coroa. E qual he a razãõ desta diversidade? Naõ se póde dar outra, que seja cabal, senãõ, que dependendo do arbitrio da Naçaõ, esse mesmo abraçado pelos cultos, e doutos, faz regra certa.

Nem se póde duvidar de ser certa a tal regra ; porque, como depende do livre arbítrio da Naçaõ, que assim o determinou, naõ póde ser errada, e sómente mudando-se o uso, se acabará; assim como se abrogaõ muitas Leys pelo contrario uso legitimamente introduzido. Daqui nasce, que nem he erro na Europa tirar o chapéo, e o será na Asia em algumas Naçoens descobrir a cabeça; nem he erro para os Portuguezes escrever *Jeronymo*, nem para os Italianos *Gerolamo*: he acerto para nós dizer, e escrever *Deos*, e o he para os Latinos :

**Latinos Deus.** Se hum estrangeiro nos perguntar; porque razão pronunciamos com *i* longo estas palavras: *aleivosia*, *gelosia*, *alegria*, e o fazemos breve em *chicoria*, *palmetoria*, *bazofia*; devemos dizer, que este he o uso da Nação: e se replicar, que erramos, devendo guardar coherencia em ambas as partes, he certo, que nos riremos delle. O mesmo digo em outras muitas couzas, de que não ha razão mais cabal, que o uso. Chamamos por *Tu* a Deos; e fallando em Latim com hum Monarca, lhe damos o mesmo *Tu*: fallando porêem em Portuguez, erraremos crassamente, se lhe não dèmos o tratamento de *Magestade*, e aos Grandes o de *Excellencia*; e com muita rusticidade os trataremos por *Vós*, ou por *Elle*. Nada disto he contra a boa politica em França, onde, dado o primeiro tratamento, se continûa a prática com hum *Vous*, que he o nosso *Vós*; e em Italia com o *lei*, que para nós val tanto como *elle*.

Nos tempos antigos usavaõ-se varias palavras, que hoje se não julgaõ polidas; mas daqui não devemos inferir, que os antepassados eraõ necios, ou fallavaõ com erro; e nisso lhe fariamos injuria, porque entre elles havia muitos sabios: mas como no seu tempo aquellas eraõ as palavras, com que os cultos se explicavaõ, he sem duvida, que entaõ não erravaõ: hoje porêem errariamos, porque o uso mudou as palavras, assim como tambem introduzio novas modas no vestir; sendo que para aquelle tempo taõ bom era o seu modo de trajar, como para nós he o presente. Imaginaõ os cultos (diz o douto *Bluteau* na primeira das suas *Profas Academicas*) que as palavras saõ como as flores, sã chei-rosas, quando frescas. Quando em jogo de armas diziaõ os antigos *hoste por arrayal*, *bacinete por casco de ferro*, *cota por veste de armas*, *lidar por pe-  
lejar*,

*dejar, az por batalhas, e trons por bombardas; nem porijõ estavaõ menos firmes, que hoje, os batamboes; menos rijas as batalhas, e menos certas as victorias... As palavras dos antigos eraõ claras, como a luz:.. naõ se queixaõ da sua extinçaõ, e morte; sõ quizerãõ ter na memoria dos seus Nacimaes huma honrada sepultura. Naõ se queixaõ do silencio, em que estaõ, sim do desforezo, que se lhes faz. Finalmente o uso dos cultos he a regra certa de fallar, de escrever, de guardar politica, por serem sinaes, que a Naçaõ arbitrou, e abraçou; e nesta parte naõ póde haver engano. Erraõ Naçoës inteiras em assentarem, que ha muitos Deoses; outras, que o Papa naõ he Cabeça da Igreja; e outras, que as doutrinas de Luthéro, e Calvíno saõ boas; porque na sua liberdade naõ está a verdade de haver hum só Deos, nem a da authoridade do Papa, e certeza da doutrina Catholica: mas o modo de fallar, de escrever, e os termos da politica estaõ totalmente no seu arbitrio; e por essa causa, usando das suas regras dentro do seu territorio, naõ erraõ. Esta he a força do argumento, que fez *Arsenio* em poucas palavras, dizendo, que estes sinaes arbitrarios saõ impóstos pela Naçaõ, e esta era a regra, que assinaava; e que quem quizesse dar outra, errava; porque se hum regra he certa, a oppósta deve ser falsa; assim como sendo verdadeira hum propoliçaõ, necessariamente ha de ser falsa a sua contraditoria.*

*Argumenta o Critico. Em quanto deixais a introduçaõ ao uso, deveis saber, que alguem deve ser o primeiro a introduzilas, outro a abraçálas, e assim se vay fazendo o uso. Respondo com os mesmos termos. Em quanto deixais a introducçaõ ao uso, deveis saber, que sendo vós hum só, naõ vos deveis persuadir, que entendeis melhor esta materia, do que*

*os*



os doutos, e cultos de toda a Nação; e assim devcis seguir as regras, que perscrevem, até que haja uso em contrario; e em quanto não o ha, não devcis de antemão dar novas regras, e de caminho excutalas, se quereis escrever sem erro: o mais que se vos pôde admittir he, que deis o conselho, que vos parecer; mas não a sentença, porque não sois o Juiz. Continúa o seu argumento, e diz: Pergunto agora, quem ha de ser o Introduçtor? Hum sapateiro, ou hum homem douto? Sem duvida, que o homem douto; e neste caso que provais? Nada. Respondo pelos mesmos termos. Quem ha de ser o Introduçtor? O uso da Nação, e não hum çapateiro, nem hum particular, ainda que aliundê douto. E neste caso, que provais com as novas regras, que quereis introduzir contra o uso? Nada. Erra o douto escrevendo contra o uso cômum da Nação, por escrever contra a regra, que ella determina como certa; e muito mais, quem se mostra tão esquecido do Portuguez, que a cada passo tropeça nelle com Italianismos.

Supponhamos que hum, prezado de latino, affirmava, que deviamos dizer *flagellar*, *interrogar*, *manducar*; e assim o executava em lugar de *açoutar*, *perguntar*, e *comer*. Todos diriaõ com o mesmo Critico, que errava, querendo usar de palavras alatinadas, havendo-as genuinas, e Portuguezas. Ora supponhamos, que a Nação culta abraçava, e introduzia aquellas palavras; já quem as usasse, não errava: tanta he a força do uso, e arbitrio da Nação abraçado pelos eruditos. O mais he, que o mesmo Critico na carta da Orthografia muitas vezes allega o uso. Na pag. 20. diz, que o *H* se pôde pôr em *Herodes*, e *Homero*; ainda que podiaõ passar sem isso; por serem letras da origem. Item: que muitos nomes se não podem escrever de outra maneira v. g. *Pneumatologia* &c. ou ainda que se possa escrever

escrever, não estão geralmente recebidos, nem ainda pelos mesmos eruditos; e assim não gozão do privilegio Portuguez. Na pag. 21. A regra geral he, que todos os nomes de origem antiga, e são frequentemente usurpados, ou por todos, ou pelo cômum dos doutos, devem-se escrever, como se pronuncião. Na pag. 31. diz, que o uso serve de reposta. Na pag. 46. Finalmente advertirão os Grammaticos, e Oradores de melhor nome, que a Orthografia está sujeita ao costume, e allega Quintiliano, Varraõ, e Mario Victorino. Na pag. 51. Estas são as regras estabelecidas pelo melhor uso. Na ultima pag. desta carta defendendo, que se não escreva devasão, mas devosaõ, dá por unica razão, que assim o mostra a analogia; muito mais, porque assim o pronuncião os doutos. Siga pois o Critico o que aqui diz, e não se canse em novas regras oppostas ao uso cômum.

Nada fazem ao caso os versos de Horacio, que manda construir: *Dixeris egregiè, notum si callida verbum Reddiderit junctura novum &c.* O que nelles reparo, he vêr hum verso mal trasladado; porque Horacio não diz: *Licentia sumpta prudenter*, mas *prudenter*; porquanto *prudenter* tem a primeira longa, e fazia o verso errado. Elles não fallão da Orthografia, que he a questão, mas da introdução de novas palavras; e diz que estas se introduzem, quando são precisas para significar couzas, que os antigos não tinham; que he o que quer dizer: *Si fortè necesse est Indiciis monstrare recentibus abdita rerum.* Isso mesmo temos em Portugal em muitas palavras Gregas, como *Geographia*, *Astrologia*, *Theologia &c.* Como tambem, para explicarmos couzas novas, tomando o nome dos Estrangeiros, como *Sege*, *Paquette*, *Chambre &c.* Sem para esse uso necessitarmos de regras de fallar, porque a mesma necessidade as introduzio, e fez aceitar; mas que

que necessidade temos cá para estas palavras do *Critico*, *noto*, *inoto*, *esfogado*, *aquistar*, *crins*, e outras varias. Use porém das que quizer, e escreva como lhe parecer; o que negamos he, que o seu uso haja de servir de regra para a Nação, nem os exemplos dos Italianos, que para cá não fazem argumento.

Mas ainda que os versos de *Horacio* não trataõ da Orthografia, he de advertir, que tomando os Latinos algumas palavras dos Gregos, como elle diz: *Et habebunt verba fidem, si Græco fonte cadant*, sempre conserváraõ as letras da sua origem; porisso conservavaõ o *Theta*, como *Theatrum*; o *Pbi*, como *Philosophus*; o *Chi*, como *Chelis*; o *Y*, como *sympathia*. E se *Horacio* serve para argumento de novas palavras, sirva tambem para se conservarem as letras, como as tem as latinas, e dobrem-se os *ss*. os *ll*. e os *pp*. porque *amasssem*, *lesssem*; *applaudir* derivaõ-se de *amasssent*, *legissent*, *applaudere*, como ensina o uso constante dos Eruditos. Desculpa-se o *Critico*, por escrever *u* depois do *g* nas palavras *guerra*, *guiar*, e diz que nellas se ouve muito bem o *u*: sem duvida, que nós somos surdos, porque tal *u* não ouvimos. He verdade que serve de final, para se pronunciarem com a differença das palavras *gente*, e *gigante*; mas como S. P. dá o remedio dos acentos agudos para evitar os *hh*; distinguindo com elles *é*, terceira pessoa do verbo, do *e*, quando val por conjunção, podia guardar coherencia, escrevendo *gérra* com o acento agudo, e *gigante* sem elle, Não tem porém soluçãõ, que dê ao outro exemplo das palavras *que*, *quem*, *quiz*, *quizer*, com que lhe argumentou *Arsenio*. Lá na sua carta pag. 18. quiz acudir ao argumento, mas não dá soluçãõ. Diz, que na palavra *aquelle*, *aquillo*, *em que parece*, se não ouve o *u* (e parece bem) pro-



*vêm da pronuncia, que o toca levemente.* Melhor differa, que provêm de se não pronunciar, porque de nenhuma sorte se toca, e he falsa a sua proposição geral: *em todas as palavras Portuguezas o que faz pronunciar o u, como se mostra claramente das palavras já apontadas; e não he solução cabal querer provar a sua proposição universal com as palavras particulares quando, quanto; porque nestas se faz menção do u, mas não nas outras que, quem, querendo, quebrado &c.*

Nota S. P. o modo, com que *Arsenio* explicou o *aõ* Portuguez, porque (como diz) *naõ sabe, que a consoante entre duas vogaes se une sempre com a vogal seguinte.* Assim he, excepto o *aõ*, porque se não pôde pronunciar bem, sem unir o *m* com a vogal antecedente, pronunciando *vi e-ran-to*, e faça cada hum a experiencia, e achará que na pronuncia primeiro se toca levemente o *m*, e depois o *o*; e tambem verá, que pronunciando o *m* no fim, v.g. nas palavras *maom, vieraom*, faz hum som despropositadissimo. Daqui passa o *Critico* a sustentar, que algumas vezes depois do ponto basta escrever letra pequena, e que *he engano seguir o contrario, e contra a pratica dos que melhor escrevem.* Respondo, que a pratica dos que melhor escrevem, he a contraria, e o mesmo *Critico* a observa em oraçoens, que não enchem huma regra: e observo, que se alguma vez escreve letra pequena depois do ponto, he escrevendo o ponto, onde não tinha ainda lugar, por não estar acabado o sentido, e só devia escrever ponto, e virgola, ou dous pontos. A sua solução he a seguinte. *Naõ sabeis, que o mesmo dizem os melhores Ortografos, e praticaõ hoje os melhores Escriitores?* Dando por agora credito á sua allegação, nego que nesta parte se-jaõ estes os melhores; e ainda que o fossem para outros.

outros Reynos, no nosso ha diverso uso praticado por todos os Doutos; e nestes termos não devemos seguir a novidade de dous, ou tres. Para cá vem os livros das impressões de Amsterdaão, Italia, e Alemanha, e nunca observey nelles tal novidade, e não usou della a Antuerpiana de Moreto. Nem tambem creyo, que os livros classicos impressos em Padua por direção de *Facciolati* pratiquem tal uso; porque as Orações do mesmo *Facciolati* impressas em Padua no anno de 1744 o não trazem, mas começam com letra grande depois do ponto. O que principalmente notou, foy dizer o *Critico*, que a letra grande offende a vista. Eu confesso, que consultando varios amigos, não pudémos penetrar a energia deste fundamento.

Vamos agora ás escolas da Grammatica Portugueza. Diz S. P. *Parece-vos novo, que o Critico as deseje em Portugal?* E logo allega o costume dos Gregos, e Latinos. Póde responder, que não seja novo o seu desejo, mas que he escusadissimo em Portugal; e a experiencia o tem mostrado, que esta idéa nunca se introduzio. A razão he; porque em todo o Reyno se falla da mesma sorte, e sem differença substancial; e só na gente rustica se encontra huma, ou outra palavra mal pronunciada, ou antiga; de sorte, que quem correr o Reyno, entenderá, que em todo elle corre a mesma lingua, e nas terras mayores a mesma cultura, e pronuncia; e ainda sem andar o Reyno, os que vivem na Corte, o podem observar nos homens graves, que a ella concorrem das mais partes. Isto supposto, quem ha de frequentar estas escolas? Os rusticos, e gente plebéa nenhum caso faz dessas miudezas no fallar, contentando-se com entender, e ser entendida. A gente culta tambem não; porque se ella falla bem, que ha de aprender?

der? Dirá, que mandem lá os seus filhos: mas se os pays sem essas lições a fallaõ bem, que mayor lição pôdem ter os filhos fóra de sua casa, quando nella a tem continuada, ouvindo sempre fallar bem?

Passemos aos exemplos dos Gregos, e Latinos, com que argumenta, dizendo, que assim o usavaõ, ainda quando a sua lingua era viva; o que concedo. A isto respondeo *Arsenio*, que os Romanos tinhaõ especial razaõ, por ser a lingua Latina cheya de muitas regras, e excepções; farta de nomes, e verbos anomaes, miuda na conjugação dos verbos, &c. A esta reposta chama o *Critico*, *Magistralde*; palavra, que não se entende, no que vay pouco, e accrescenta: *Vede, quantas asneiras aqui dizeis juntas*. A prova consiste em dizer, que a nossa lingua tem as mesmas linguagens, que a Latina; que as regras da Syntaxe, e anomalias são as mesmas, como diz o *P. Argote*; e logo se contradiz, accrescentando: *Que tenha mais, ou menos, isso não obsta para a necessidade das regras*. E com isto dá por provadas as asneiras: digaõ agora os Leitores, de que parte ellas apparecem?

Vamos porém observando em parte as regras de huma, e outra lingua. A Latina tem cinco declinações de nomes com plural, e singular, além dos Patronimicos, e Gregos, que tem sua diversidade na declinação. No Portuguez nenhuma declinação temos; porque todos os nomes são indeclinaveis: passaõ do singular para o plural com hum só *s*; como *amigo*, *amigos*, *Poesia*, *Poesias*: outros em accrescentar hum *es*, como *fervor*, *fervores*; e alguns mudando o *aõ* em *aes*, ou *oës*, como *Capitaõ*, *Capitaes*; *melaõ*, *meloës*. No Latim ha muitos nomes; huns sem nominativo, outros sem vocativo; huns sem singular, outros sem plural; e ainda a regra destes padece excepções. Tem  
mayor



mayor numero de conjugaçoens de verbos; porque *Amo*, *Doceo*, *Utor*, *Dimetior* tem huma só correspondente no Portuguez: *Leggo*, e *Audio* são duas; no Portuguez he a mesma. Nos Latinos ha conjugação de verbos passivos, cômuns, e depoentes; huns delles tem passiva em huns tempos, e não em outros, e ha muita quantidade de verbos anormais. Os Portuguezes não tem mais passivas para os verbos, que ajuntar o Portuguez do verbo substantivo com o participio do verbo, que ha de significar passiva: v. g. *Eu sou amado, lido; elle era amado, lido, &c.* Os generos em Portuguez são só dous; porque o masculino, e neutro he o mesmo: os Latinos tem tres, e com tanta diversidade, como são as letras, em que acabaõ, ou o que significação; e nenhuma destas regras se izenta de miudas excepçoens, aos quaes se ajuntão os nomes Gregos adoptados no Latim, que seguem diversa regra; e na Syntaxe, por não ser extenso, se póde ver, e reconhecer esta verdade, combinando humas regras com outras.

Finalmente as regras da Profodia valem tão pouco no Portuguez, que na pronuncia só attendemos á penultima, ou antepenultima; porque para os versos não se attende mais que ao numero das syllabas, que ha de levar, como v. g. na *Oitava*, ou *Dccima*. Os Latinos devem saber toda a qualidade das syllabas da primeira até á ultima; porque nos seus versos a todas se attende, para o que tem muitas, e miudissimas regras com innumeraveis excepçoens. Esta he a causa, porque os Romanos, para fallarem, e pronunciarem sem erro, se viaõ obrigados a aprender as regras da sua lingua, sem o subsidio das quaes era difficil evitarem erros. O mesmo caso, que aqui aponta o *Critico*, póde servir de reposta. Diz, que Monsieur Montaigne,

gne com o contínuo uso de ouvir, e fallar, se explicava em Latim com muita expedição; mas que lhe era necessario aprender as regras para evitar solecismos. Segue-se pois, que para evitar os erros do Latim, não basta o uso. Prové agora, como tudo isto he necessario em Portugal; para o que será necessario mostrar, que os cultos, que até aqui não aprenderão a Grammatica Portugueza, errão, quando fallão. E se disser, que errão, direy o mesmo, que elle diz, fallando do K, na pag. 18. do qual diz a mayor parte dos nossos Orthografos, que he superfluo; e elle responde: *Não he o mesmo dizelo, que provalo.*

Fallemos agora dos exemplos, que aponta de França, e Italia, Como nestas duas partes ha differença no fallar em suas Provincias, e bem diversa da geral, v. g. Toscana, e Parisiense, he preciso, que os que não são criados com aquella lingua, a aprendão; assim como nós fazemos, se queremos saber alguma lingua estrangeira. Sirva de exemplo para França os Vascos, e Gascoês, cuja linguagem differe tanto da de França, como a nossa; e se a querem fallar, he unico remedio aprendêla. Os que vão das outras Provincias do Reyno para Paris, posto saibão alguma couza da lingua geral, he com grande imperfeição, principalmente na pronuncia, e se vêm obrigados a procurar, quem os ensine em casa; que as escolas são para meninos; e depois de algumas lições, com o uso, e exercicio de fallar com os mais cultos, se acabaão de aperfeiçoar. Isto mesmo succede aos Portuguezes criados na India, ou America, que tem diverso acento na pronuncia; mas se não são rudes, em breves tempos fallão, como os da Corte, sem aprenderem Grammatica. A gente culta, e criada em Paris com o exercicio aprende:  
naõ

naõ duvido , que alguns admittaõ Mestres em casa para ensinar os filhos ; porque muitos tomaõ na Corte o titulo de Mestres para ganharem de comer. Os pays muitas vezes os admitem , para occuparem , e divertirem os filhos , e muito principalmente para lhes ensinarem a Orthografia , a qual he bem difficultosa ; porque a sua pronuncia indica humas letras , e naõ saõ as que se devem escrever , mas outras : e daqui nasce naõ serem muitos os Francezes , que escrevem com acerto. Estas razões naõ militaõ em Portugal , onde a lingua , e a pronuncia he a mesma , e as mesmas letras pronunciadas mostraõ , as que se devem escrever. Esta conformidade de escriptura , e de pronuncia , a naõ a embarçar algum contrario costume , julgava *Quintiliano* precisa em todas as linguas ; pois he a combinação , e o uso das letras hum como deposito das vozes a beneficio dos leitores : *Ego , nisi quod consuetudo obtinuerit , sic scribendum quicque judico , quomodo sonat. Hic enim usus est literarum , ut custodiant voces , & velut depositum reddant legentibus. Itaque id exprimere debent , quod dicturi sumus* ( 1 ) Esta fortuna logra com singular preeminencia a lingua Portugueza.

Conclúe o *Critico* , allegando o *P. Argote*. O certo he , que se elle intentou compôr a sua *Arte* para os Nacionaes aprenderem nas escólas , a experiencia mostra , e mostrará , que nessa parte se enganou ; e porisso naõ disse mal o *P. Arsenio* , que esta *Arte* foy composta principalmente para os estrangeiros ; pois naõ temos visto escola alguma aberta para os Portuguezes aprenderem a sua lingua ; e nisto naõ offendeo a memoria deste erudito Padre : com mais razãõ se podia elle queixar do *Critico* , que na sua carta 1. pag. 13 diz : *Que naõ he Grammatica*

[1] Quintil. lib. 1. cap. 13.



*mática completa*.: introduzindo hum dialogo enfadonho... disse em muitas folhas, o que podia dizer em poucas. Quanto ás regras de reger, nada me agrada. dezipar o seu mejo methodo, por seguir os erros do P. Manuel Alvares, e multiplicar regras sem necessidade, assignando regencias falsas. O que diz do modo de reger a lingua Portuguesa, he hum grande superfluidade, e pedantaria. A *Ortografia* do P. Argote nada vale. Dá porêem licença, que se use della, em quanto não apparece outra, ou se reforma eita. Porêem não será necessaria a tal licença.

A idéa, que o *Critico* dá para o Mestre ensinar aos rapazes, se vê a pag. 9. e he muito boa para a especulação, mas não para a praxe, attendendo á tenra idade, em que os meninos vão á escola, que ordinariamente he até os nove, ou dez annos; tempo, em que tem muito pouca percepção para conhecerem a differença, que ha entre hum livro de *cartas* do P. *Vieyra*, e a historia, que manda, lhes dê o Mestre para lerem, sem lhes assinar letra de mão, pela qual hajaão de aprender; que tem sua diversidade da impressa. Menos pôdem perceber naquella idade, que couza he propriedade de palavras, qual he a differença das menos commuas, e que couza seja affectação, para a evitarem. Nem tambem poderão perceber, qual seja o estylo epistolar, para (como diz) escreverem cartas huns aos outros, e distinguir o lugar, em que devem usar da pontuação. Tudo isto póde cada hum conhecer, se fizer reflexão no fraco conceito, que fazia, naquelles annos, de varias couzas, em que entrou a reparar, quando chegou a mayor idade, para a qual será muito util o estudo, que insinua.

Outra nota se lê na sua *carta*, fallando dos Secretarios dos Bispos, Cardeaes, Fidalgos &c, e diz na pag. 10. *Ainda até aqui não vi Secretario algum*

algum destes, que soubesse escrever duas palavras com juizo. Deixo á consideração dos Leitores, para que julguem, se he isto obsequio á Nação, como elle quer, que seja esta sua obra; ou se he calumnia com tão extravagante exaggeração. Outra nota. Nas cartas costumão pôr no sobrescrito. *Do Bispo fulano, do Marquez sicrano*; ha coiza mais digna de riso, do que esta! As cartas mundaõ-se lacradas, para que se não saiba de quem são. O Critico costuma achar materia de riso em tudo, que lhe parece fer contra a sua opiniaõ; e não he muito de louvar o estylo. Não he digno de censura o uso de huma Nação abraçado pelos Eruditos della; aliás teremos igualmente licença, para nos rirmos de quanto virmos ser opposto ao nosso costume. E que casta de argumento se faz com a paridade de huma Nação em materias de política? Confessa, que vira huma carta em outro Reyno, que só tinha no sobrescrito: *A fulano, sem Senhor, nem titulo, e dentro se assignava, sem lhe fazer cumprimento, como se faz nas patentes*. Parecelhe que será política entre nós tomar o exemplo? Para mudar os tratamentos políticos he precisa a authoridade do Monárca, como ha pouco vimos; quem sem isso começar a exercitar o contrario, começará a ser descortez. E para notar o costume dos que por fóra da carta põem o nome, de quem he, não he argumento dizer, que vão lacradas. Vão para se não saber o que contem, e não para occultar o Author, quando elle se quer declarar; o que se não usa regularmente senão em escriptos, que vão de huma para outra parte da mesma terra.

Tambem mofa dos que põem por fóra das cartas *Pay, Primo &c.* e nos titulos das censuras dos livros *Exprovincial, Exdefinidor, Lente que foy de Leys &c.* e logo vem a prova com o uso de

Italia, que nada faz para Portugal. Mas para que veja, que tambem em Italia ha algum uso semelhante ao nosso, veja a approvação do Censor do 1. tomo de *Bernino*, onde achará o seguinte vertido em Portuguez. *Fr. Boaventura de Santo Elias de Palermo, Mestre na Sagrada Theologia, que foy Examinador, e Procurador na Corte de Roma, de presente Regente geral da Ordem Terceyra de S. Francisco, Consultor da Sagrada Congregação do Indice, e Qualificador da Santa Inquisição universal Romana.* E para que acabe de entender, que este costume não he só de Portugal, mas tambem de Italia, e França, procure os livros seguintes, nos quaes achará titulos actuaes, e preteritos, em grande quantidade. *De Penes Ecclesiast. Praxis absoluta: A. P. Carolo Antomo. Thesaurus Societatis Jesu. Veritas Religionis demonstrata per Fr. Ludovicum Gotti Cardinalem. Le vite de Litterati Salentini scritta de Dominico de Angelis. Compendiaria enarratio virtutum B. Felicis à Cantilicio. Chronologia Historico-Legalís Seraphici Ordinis. Francezes. Dictionnaire de Musique par M. Sebastien de Brossard. Le Portait de la Sageſſe universale par le R. P. F. Leon. De la maniere d'enseigner, e d'estudier les belles lettres par M. Rollin &c.* Não aponto mais, por não fazer Catalogos.

Nota mais, que tenhaõ alguns por descortezia, se lhe escrevem por Secretario, e vêm logo por prova o costume de Italia. Confessa porém, que a primeira carta de cerimonia para pessoa grande se faz de proprio punho; ou quando se responde, a quem escreveo de sua propria letra; e conclue a censura com a seguinte elegancia: *Tudo he entender mal as coizas: he falta de educação: falta de bons livros: e he expor-se ao riso dos homens de juizo. He muito riso!* Respondo, que o uso de  
Roma



Roma não faz argumento para Portugal; e por isso se costuma dizer: *Cum fueris Romæ, Romano vivito more*. Entre os cultos se tem por política escrever de proprio punho a pessoas mayores, quando para o contrario não ha desculpa relevante: e assim como fóra do Reyno se tem por política escrever a primeira carta de proprio punho; assim a nossa politica requer, que se escrevaõ todas: e como ella he dependente da praxe dos cultos, com ella se deve conformar, quem entre nós não quizer parecer rustico.

Na sua Orthografia dá por magistral regra, que se desterrem as letras dobradas, que de nada servem para a pronuncia, como são os dous *ff. pp* e *ll*. Nas linguas mortas diz ter escriptulo de mudar huma letra, mas nas vivas, *em que nós temos todo o poder, e uso.. são superfluas as repetições*. Pois se nós temos todo o poder, e uso, razão ha para se dobrarem as letras, como o uso tem determinado, e faz regra verdadeira, em que não erra usando do seu poder; e não o faz sem razão, por conservar a origem, donde se derivaõ as palavras com letras dobradas, v. g. *amasssem, affecto, elle &c.* de *amassent, affectus, ille*; e tambem porque servem muitas vezes para tirar a equivocação, como *ana-se, amasse; chama-se, chamasse*; e como o uso perscrevêo este meyo, fica sendo superfluo, o que de novo quer introduzir com as riscas.

O mesmo digo dos *hh*, que ensina, se não devem escrever, e com pouca coherencia; porque admite, se escreva nas palavras *Homero, Herodoto, Herodes*, e não quer se escreva nas outras palavras, que tem da sua origem, como *Christo, Henrique &c.* Nem he desculpavel condenar por erro escrever *he, huma, humilde*; porque sendo uso geral dos Eruditos, não ha razão para dizer, que erraõ.

Confessa na pag. 24. que duvidou por algum tempo, se devia escrever *b* antes do *u*; e podendo tirar a duvida, reparando no uso da Nação, que assim o executa, diz que foy tirar a duvida com os Italianos. São bons Authores para a sua lingua, mas para a nossa nada valem. No *x*, em lugar do *ch*, diz que não he erro pronunciar xapéo conforme o uso da Estremadura. Nesta mesma provincia he condemnada a tal pronuncia pelos cultos, e quando com os annos reparaõ no seu erro, procuraõ emendar-se. Muito mais, que devendo nós escrever *chapeo*, *chuva*, *chave*, e *caixa*, *eixo*, devemos diversificar a pronuncia de humas, e outras; porque he erro dizer, que com diversas letras se faça a mesma pronuncia, como elle mesmo o adverte.

Vemos isto na sua pag. 14 onde diz, que os Portuguezes devem escrever a sua lingua da mesma sorte, que a pronunciaõ. Na pag. 16. notando escrever-se *manham* com dous *aa*, diz que na pronuncia se não ouve o segundo *a*, e que a regra da pronuncia ensina o contrario. Na pag. 32 diz, que se devem escrever com diversidade estas duas palavras *aceite*, e *azeite*; e dá logo a razão; porque se ambas se escrevessem com as mesmas letras, não haveria motivo para as distinguir na pronuncia: e assenta que não tem lugar de duvidar, que pronunciando-se differentemente, devem tambem escrever-se com differentes letras. Fazendo agora reflexão nestas regras, que são boas, he de reparar, que o Critico não as executa, quando escreve palavras, que na pronuncia levaõ o *aõ* Portuguez, escrevendo todas com *am*. Da mesma sorte deve escrever *lam*, e *nam*, quando he negação; mulher *villam*, e homem, *villam*; *cam* cabello branco, e *cam* animal; villa da *Certam*, e terra do *Certam*. He certo, e confessa, que as mesmas letras não podem causar diversa pronuncia, como

como prova muito bem das palavras *aceite*, e *azeite*; porque se ambas se escrevessem com as mesmas letras, *naõ haveria motivo para as distinguir na pronuncia*. Escrevendo pois o *Critico* com as mesmas letras *am* as palavras acima expressadas, como villa da *Certam*, e terra do *Certam*, deviamos pronuncialas da mesma forte, e com erro manifesto; e daqui se infere, que se naõ deve desprezar o *aõ*, quando se deve pronunciar, e reservar o *am* para as palavras, que se pronunciaõ sem elle.

## C A P I T U L O V.

### *Da Grammatica, e Latinidade.*

**N**Esta *Reflexaõ*, e *Resposta* he tal a *ancia*, com que pertende censurar o *P. Arsenio*, que logo nas suas primeiras palavras lhe levanta o *Critico* hum falso testemunho, dizendo: *Unis a Grammatica com a Latinidade, e de ambas fallais, como se fosse huma só*. Se elle naõ quiz fazer titulos diversos, e no mesmo expendeo algumas notas, donde se infere, que julgou serem as duas huma só? Tem o *Critico* de sua casa o exemplo. Na *carta* 16. falla da Grammatica até a Theologia; de Medicos, e Cirurgioens; de Direito Civil, e Canonico; e naõ contente com esta miscellanea, trata do exercicio, que devem ter os Confessores, e instrucção das mulheres na economia. Por certo, que mais parentesco tem a Grammatica com a Latinidade, do que o Moral dos Confessores com o governo domestico, que devem ter as mulheres: e he acerto no *Critico* ajuntar tantas couzas em huma *carta*, e he erro no *P. Arsenio* dizer na mesma *Reflexaõ*



*flexaõ* quatro palavras sobre Grammatica; e Latinidade? Diçta a boa razãõ, que se faça justiça às partes. Grande prova allega de *Quintiliano*. *Aliud est Grammaticè, aliud Latinè loqui*; e para o caso tanto val, como esta: *Humã couza he Moral para os Confessores, e outra governo economico para as mulheres*: e se desta segunda se não infere identidade feita pelo *Critico*; porque se ha de inferir da segunda feita por *Arsenio*?

Fallemos porêm na materia sem essas censuras. *Loqui Grammaticè* em hum sentido tem differença de *loqui Latinè*; em outro não. Falla hum Inglez comigo, e porque não sabe a minha lingua, nem eu a sua, explica-se com palavras latinas, e sem erro. Pergunto, em que lingua me falla este homem? Posso dizer com toda a verdade, *Latinè loquitur*; e neste caso he o mesmo *Grammaticè*, & *Latinè loqui*. O sentido, em que falla *Quintiliano*, he contrapondo a pura Grammatica com a locução latina culta, em que se observaõ as regras da boa locução; e ainda neste sentido se distingue a Latinidade da Grammatica, da mesma sorte, que hum todo se distingue de sua parte; e he a distincção, que os Filósofos chamaõ *includentis ab incluso*. Esta Latinidade he hum composto de tres coizas, I. He a *certeza*, e esta pertence á Grammatica; e porisso se inclue na Latinidade: II. He a *clareza*; e III. o *Ornato*. Tudo nos ensina o nosso Mestre *Manoel Alvares* nestes elegantes versos.

*Rôbre fulta trium virtutum Oratio triplex  
Oppositum expugnat vitium. Emendata repellit  
Barbariem. Fugat obscuram Dilucida noctem.  
Prælis inornatæ vires Ornata retundit.*

O mes-

O mesmo Critico o está dizendo naquelle período *Ciceroniano*, que aponta, como culta Latinidade: *Diuturni silentii, quo eram his temporibus usus &c.* e logo, mudando a collocação das palavras, o traz por exemplo de mera Grammatica; mas devia reparar, que ou com collocação, ou sem ella, sempre lhe conserva a certeza da Grammatica; e se o quer vér com evidencia, eu o traslado desta sorte: *Diuturna silentio, quo erat has temporibus usum, hodiernam dies finis attulit.* Eisaqui as mesmas palavras, e com a mesma collocação; e ninguem dirá, que he boa, e culta Latinidade, porque lhe falta huma parte, que he a certeza. Tambem nada faz contra o que tenho dito, affirmar, que os melhores Grammaticos antigos, que se achão em dois tomos de quarto na edição de Putschio, fallão mal Latim. Seja embora, *id est*, sem elegancia. E o P. Manoel Alvares soube menos, que elles, as regras do Latim, e escreveu melhor o Latim nas poucas regras, que nos deixou. Que soubesse menos, não basta dizelo, era necessario provalo: e he de admirar, que aqui se queixe, de que nos deixou poucas regras; e quando lhe parece, nota o trazer muitas.

Entra com segunda censura. *Definistes ex cathedra, que a Grammatica serve para fallar Latim bem:* e logo profere o seu oraculo *ex tripode*: *O que he falso.* Já disse o sentido, em que fallar com Grammatica certa, he fallar Latim. Daõ-se quatro regras de Portuguez a hum rapaz, para que as verta em Latim; se as verteo sem erro, louva-se, dizendo que dissera bem. Falle hum com Latim certo, e sem elegancia alguma, não diremos que falla mal; mas pelo contrario, que falla bem; de sorte, que esta palavra *bem* he geral, e se póde applicar á Grammatica certa; mas nem porisso se quer dizer, que isso baste para a culta Lati-

Latinidade. Deixando porém argumentos à *ratione* usemos da authoridade. Seja a primeira a do *Critico*, que agora censura o mesmo, que tem dito na sua carta pag. 5. fallando dos Gregos: *A sua Grammatica consistia em conhecer bem as differenças das letras, ler, escrever, e fallar bem.* Na pag. seguinte: *Lelio, e Scipião... eram inseparaveis dos seus Mestres Gregos, dos quaes aprendião não só a filosofia, mas também a Grammatica, e o modo de fallar bem, e aperfeiçoar a sua lingua.* Depois desta authoridade venha a de *Vossio*, tão allegado pelo *Critico*; e pasmo, que não repare na sua primeira regra, que he a seguinte: *Grammatica est ars bene loquendi.* Seguese a de *Sanches* na sua *Minerva* (1) com esta definição: *Grammatica est ars rectè Loquendi.* Pareceme, que isto basta para mostrar, que a paixão muitas vezes cega ainda aos mais advertidos. He necessario, que o *Critico* confesse, ou que elle errou com *Vossio*, e *Sanches*; ou que o *Arsenio* disse bem.

Todas as authoridades, que aqui allega de *Cicero* na prefacção da *Grammatica filosofica in Brut*; & lib. 3. de *Oratore*, não vem para o ponto, porque só querem provar, que a elegancia, e estylo não se aprende na Grãmatica; mas *Cicero* não nega, que sirva a *Grammatica* para a culta latinidade, como parte della. Elle mesmo o diz aqui na authoridade allegada, junta com o mesmo cõmento, que lhe vay fazendo o *Critico*, e he a seguinte: *Ut Latine loquamur, non solum videndum est, ut verba efferamus, quæ nemo jure reprehendat* (e logo cõmenta o *Critico*, esta he a pureza) *Et ea sic & casibus, & temporibus, & genere, & numero conservemus,* (o *Critico* diz: esta he a *Grammatica*) *ut nè quid perturbatum, aut discrepans, aut præposterum sit.* (Esta he a parte da

[1] *Sanches* in sua *Minerv.* lib. 1. de partib. Oration pag. 11.



da elegancia.) Aqui confessa claramente, que diz Cicero servir a Grammatica para fallar bem Latim: (isto mesmo dizia *Arsenio*) e se diz, que muitos graves Latinos, como de Clemente XI. confessa o *Critico*, estudaraõ pela *Arte de Manoel Alvares*; he falso, que elle diga na sua *Reflexaõ*, que não pôdem sahir bons Latinos, sem estudarem pela *Arte* do mesmo Padre: só diz, que não o pôdem ser sem Grammatica; ou se estude por esta, ou por aquella; porque bem se sabe, que ella não he unica.

Sendo pois certo, que a Grammatica he precisa para a Latinidade, com pessima, e errada Logica se infere: *Logo basta a Grammatica para a Latinidade?* Porque sendo a Latinidade hum composto das tres partes sobreditas, huma basta, que falte, para não haver composto; mas isto não he dizer, que huma baste para o constituir. Para se desfazer o composto humano basta, que falte a alma, desunindo-se do corpo; mas não basta esta para se constituir. Para se fazer huma estátua he necessaria a cabeça; para hum palacio he preciso alicerse; mas daqui não se deve inferir, que para a estátua baste a cabeça, e o alicerse para o palacio. Deste verdadeiro discurso se vê claramente, com quãta inutilidade allega o *Critico* as *Pauticulas* da *Oração* de *Turselino*, os livros do *P. Vavasseur*, os das *Observações* sobre a elegancia, com toda a ladaïnhade AA. nomeados; porque dizendo todos, o que he preciso para a culta Latinidade, nenhum delles ensina, que a Grammatica não sirva para ella, e só se infere, que não basta. As palavras, que aqui traslada do *P. Pomey*, quando disse, *que com o uso se pôde aprender a fallar huma lingua estrangeira, e que aprendendo-a por preceitos, he mayor trabalho, como ensina a experiencia*; não sey a que fim se allegaõ

legaõ para provar, que a Grãmatica, ou se aprenda com o uõ, ou com as regras, não sirva para a Latinidade. Só daqui se podia inferir, que ainda agora se pôde saber Latim, sem ir á escola da Grammatica; e que muito mais o poderiaõ saber os Romanos, quando a sua lingua era viva; mas isso não quer S. P.

Grande prova lhe parece, que faz com dizer, que *Scioppio* descobriu muitos solecismos nos livros do *P. Strada*, e *Maffei*, e que não obstante isso, confessa, que eraõ bons Latinos. Antes de tudo digo, que aquelle período, ou oração, em que elles errassem a Grammatica, não era de boa Latinidade, por lhe faltar huma parte della; como fica dito, e provado com a authoridade do mesmo Cicero. Vamos porêr ouvindo o elogio, que o *Critico* faz ao Grande *Scioppio*, e diz assim: *Scioppio não era Jansenista, era hum grande fidalgo Turdesco, e tão bom Catolico, que o louvaõ Papas, Cardeaes, Imperadores, e Reys: ninguem atéqui lhe responde... porque acharaõ tinha razão; nem a Companhia se queixou... E os mais famosos Jesuitas o louvavaõ.* Tudo prova com a mesma authoridade de *Scioppio*; porque assim o conta no seu livro *Pædia Aurelia*, em que elle mesmo, sendo parte, he testemunha, e juiz. Fingio o que quiz, como também usurpou para si varios titulos *sine re*, como agora direy.

O *P. Cassani*, Academico do numero da Academia Real Espanhóla. no seu livro segundo, que he o VIII dos Varoens illustres da Companhia de JESUS, a pag. 35, & seqq. traz hum exacto elogio deste grande Fidalgo, e bom Catholico, que em summa he o seguinte. Gaspar Scioppio nasceo em Neumarch, lugar pequeno do Palatinado Superior, no anno de 1576. Seu pay era Lutherano, e foy coveiro de huma

uma Igreja, na qual passou a ser sacristão, mas sempre com o encargo, e exercicio de enterrar os mortos. O filho se applicou aos estudos, e por ter bom engenho, e memoria, sahio perfeito Latino, Poéta, e Rhetorico; e com estas prendas tomou o exercicio de compor Satyras; como foraõ: *Statera linguæ Latine; Scaliger Hybolomineus; Pædia humanarum, ac divinarum literarum; Philosophia Stóica; Infamia Famiani; Observationes lingue Latine; Suspectarum lectionum libri quinque; Verisimilium libri quatuor*. Taes fumaças de vaidade lhe entraraõ na cabeça, que entrou a notar solecismos em Cicero, e falta de méthodo em Virgilio, por cuja causa, sendo applaudido dos ignorantes, foy desprezado dos Doutos.

Passou a Roma, e se introduzio no Collegio Germanico para repassar as liçoens a alguns Seminaristas; e para isto fingidamente (como depois mostrou) se reconciliou com a Igreja, e abjurou a sua heresia Lutherana: aqui pertendeo entrar no serviço do Collegio, mas não se fiando delle, o regeitaraõ; por cuja causa concebeo mayor ódio á Religiaõ da Companhia, e logo escreveo contra o seu *Méthodo* de ensinar, não perdoando com as suas Satyras ao mais sagrado da Religiaõ, nem ás pessoas de mayor dignidade, e ainda Purpuradas: temendo porém o castigo merecido, foy para Milaõ, onde compoz o livro, *Pædia Politices, seu Civilis Philosophia, tum ex Machiaveli libris, tum ex sacris literis hausta*, no qual injuriou, quanto pode, a Corte Romana; sonhando canonizar pela Escritura as maximas Atheistas do *Machiavelo*. Daqui voltou a Alemanha, onde occupando-se em fazer Satyras contra a Igreja, se declarou Lutherano; mas como naquelle paiz era conhecido o seu nascimento, passou a Londres, onde não achou o abrigo, que esperava,

perava; nos Inglezes, e compoz logo huma Satyra contra o Rey Jacobo com o titulo, *Corona Regia*; temendo porém ser descoberto, e pagar com a vida o seu delicto, passou a Espanha, e se unio com dous inimigos capitaes da Companhia, *Roa-les*, e *Espino*, os quaes o ajudaraõ a compor muitas Satyras contra esta Religiaõ cheyas de enormes embustes; mas o medo do Santo tribunal da Inquisicaõ fez, que mudasse de sitio voltando a Milaõ. Tomou aqui tantos titulos para a sua pessoa, como fazia para os seus livros: intitolou-se Cavalleiro da Ordem de S. Pedro, Patricio Romano, Confelheiro Aulico, e logo Marquez de Claraval; mas como estes titulos não davaõ de comer, por serem fingidos, declarou-se Medico; e vendo-se com perigo de ser descoberto, tomou o caminho de Helveçia, e foy a Basileã: aqui por industria do Nuncio Apostolico de Lucerna foraõ apanhados muitos de seus livros, e condenados ao fogo. Finalmente voltou a Passau, onde acabou a vida, coroando-a com o infame papel, que intitolou: *Ars artium, & scientia scientiarum, conservandi animam Summi Pontificis*. Este em compendio o elogio, que faz o P. *Cassani* do grande fidalgo, e bom Catbo'ico *Scioppio*. Algumas outras obras escreveo este infeliz homem, e se referem no Indez da sua *Grammatica Filosofica*; mas taõ indignas, que não merecem, se faça dellas memoria. Assim o affirma o douto *Gutberleth*: *Cetera ejus Theologica, Politica, Satyrica Opuscula parum morantur; & huc non pertinent, maligna partim, partim vana*.

Nenhum erro porém achou em *Strada*, senão os que fingio, como tambem em *Maffei*; e da mesma qualidade dos que descobrio em *Cicero*, *Virgilio*, *Plauto*, *Terencio*, e *Ovidio*. O Critico affirma, que até aqui ninguem lhe respondera: admiro-



admirome porê[m] da sua erudição; porque *Borri-  
gio* no seu livro intitulado *Cogitationes de variis  
Latinæ lingue ætatibus*, traz a pag. 284 a defesa  
de *Strada*, onde mostra com claras authoridades dos  
melhores *Authores Latinos*, que os erros são de  
*Scioppio*, a quem com razão se podia applicar com  
pouca mudança o titulo da sua obra *Infamia Sciop-  
pii*. Deste diz *Facciolato* na sua Oração *ad Gram-  
mat.* que *Hornio* lhe chamou *Miserabilis Lite-  
rator*; *Labbe Kir desultoriæ Levitatis*; *Lambeccio  
Canis Grammaticus*; e *Tobias Gutberletb*, Prefeito  
da Bibliotheca da Universidade de Frane-Kéra; na  
Prefacção á Grammatica Filosofica do mesmo *Sciop-  
pio* lhe faz o seguinte elogio: *Raptus ænulatione,  
atquè invidiâ sæpè numero in ipsa etiam doctrinæ,  
atquè humanitatis studio modestiam, humanitatémque  
omnem solebat exuere... Non probamus acerbitem,  
qua viros maximos plerumquè sinè fronte, sinè fide  
invásit, tanquam scurras de catasta.*

Deixando porê[m] a *Scioppio*, vamos ao que  
diz da *Arte* do *P. Alvares*. Pareceria escusado refe-  
rir os elogios, que dos Doutos, e que não são in-  
vejosos, em toda a Europa conseguio esta *Arte*:  
mas porque o *Critico*; que sem duvida por ella es-  
tudaria; a quer deprimir, he justo expor alguns  
dos seus merecidos louvores. O mayor de todos  
he o applauso, com que se introduzio em toda  
a Europa, onde fez esquecer as mais antigas, e  
ainda hoje se conserva, não obstante as que de no-  
vo se tem publicado; procurando cada hum exal-  
tar a sua, e desfazer nas outras, como adverte  
*Facciolato* citado: *Solent libellorum suorum initio lon-  
gissimè præfari, ubi cæteris, qui ante se, de Gramma-  
ticâ scripsere, diem dicunt, eorum lucubrationes men-  
dosas, nugaces, sordidas, cloacinas (sit verbo Sciop-  
piano vena) audacissimè appellant, sequè.. allatu-*

*ros optima pollicentur.* Outros persuadidos que fazem huma grande obra; e para serem breves, fallão ás regras necessarias, e não fazem couza de utilidade, como bem advertio *Quintiliano* (2) *Quæ (Grammatica) nisi Oratori futuro fundamenta fideliter gesserit, quidquid superstruxeris, corruct.* Alguns, promettendo brevidade, apparecem com Arts diffusissimas, como a que anda impressa em Francez com este titulo: *Novo methodo para aprender facilmente a lingua Latina*; e sendo hum volume bem crescido, não traz declinaçoens dos nomes, nem conjugaçoens dos verbos.

Pelo contrario, a do *Alvares* a nada falta do que pertence ás oito partes da oração, e todas explica com admiravel ordem, e digestão. Delle diz o allegado *Facciolato*: *Ille ipse, deliciæ quondam meæ, Emmanuel Alvares*: e logo adiante: *Fuit ille certè magno ingenio, magnâ industriâ, magnâ Latini sermonis peritiâ.* Na Epistola, que se lê no fim da mesma Oração ad *Grammat.* diz o seguinte: *Nil iniquàm tanti erit, ut me ab eâ docendâ consuetudine avocet, quam diligentissimi Societatis Patres ubique tenent, Emmanuele Alvaro duce. Cum enim acutissimo ingenio viri juventutis rectè instituendæ vias omnes scrutati, viam deniquè illam invenerint, quam (N. B.) Italia omnis amplexa est, quid nos in tantâ virium imbecillitate novi conemur? Satis erit, si ductores sapientissimos, quantum labore, & solertiâ possumus, propè sequamur, desperantes post tot, tantosquè conatus inveniri posse meliora.* Nicoláo Antonio na sua Bibliotheca Hispana, impressa em Roma diz o seguinte: *Emmanuel Alvares Lusitanus... cujus doctrinæ iisigne quidem argumentum reliquit, scribens de Institutione Grammat. lib. qui à viris doctis mirificè probantur.* Gerardo João Vossio na Grammatica

[1] Quintil. lib. 1. cap. 5.

tica lhe chama *doctissimum virum*. O mesmo Scioppio, sendo tão satyrico, na Oração de *Veteris, ac novæ Grammaticæ Latinae origine*, diz delle: *I. se longè cultius dicendi genus, quàm, non dico, Veterum quiquam (nam pessimè omnes Latine scripserunt) sed quàm Recentiores plerique in Arte tradendâ præstitit, & ea ex optimo quoque veterum authorum exemplis seigere curæ habuit, quibus regulæ Artis plurimum stabiliri, & sinè negotio à tyronibus intelligi possunt.* O P. Vargas traz a defenſa do P. Alvares contra Francisco Sanchoes, mostrando com evidencia, serem boas as regras, que aponta; como se pôde vêr na sua *Miscellanea* a pag 371. Hageo faz delle hum grande elogio, e delle tirou, como confessa no titulo, o seu *Lumen Grammaticum*.

Nem em Roma se reformou a tal *Arte* em couza de entidade; nem em França se deixa de usar della; como testemunhaõ, os que de proximo estudaraõ naquelle Reyno. Até o presente não tem apparecido as Artes dos PP. Sômaſcos, e Escolas Pias; como diz o *Critico*; nem a que elle sabe, está fazendo hum dos seus amigos (e bem poderá ser, que seja obra de mais algum!) que sejaõ melhores, e mais claras. Se apparecerem com melhor digestaõ, e método, as abraçaremos; porque ainda atéqui nos não occorreo dizer, que a *Arte* do P. Manoel Alvares he *creatura omnium maxima*: só dizemos, que he a melhor, que tem apparecido. Nada faz ao caso a authoridade, que allega, do grande Scioppio; querendo meter escrupulo aos Bispos com as palavras: *Nè veterem Grammaticam (Alvari) diutius in Scholis tolerare velint; accrescentando que Vetus Grammatica plena est fraudibus, & mendaciis.* Bem pudéra S. P. não levantar esse falso testemunho ao seu familiarissimo Scioppio; pois nesse lugar, que cita a pag. 49. da *Resposta ás Reflexoens do P. Arsenio*, não se lê o nome do Alvares, nem comprehende a sua *Grammatica*. Hey de transcrever fielmente as palavras  
do

do mesmo *Scioppio*, que são as do titulo de hum livro; que compoz, e se imprimio em Amsterdam no anno de 1628; e he o seguinte: *Septem rationes, quæ religionem seu scrupulum Episcopis injicere debent, nè veterem Grammaticam diutius in Scholis tolerare, sed novam in eas inducere velint.* E aonde aqui o nome do P. *Manoel Alvares*, ou accusada a sua *Grãmatica*? O amigo *Scioppio* falla da *Grãmatica* dos antigos, e deste numero não he o *Alvares*. Lêa o abortivo, e aborrecido *Critico* as palavras do mesmo *Scioppio*, que agora transcrevo, e ficará envergonhado; vendo, que elle dá ao Grande *Manoel Alvares* a primazia entre todos os Grammaticos, que por mil annos lhe precederaõ, e os modernos, que até o tempo do mesmo *Scioppio* escreveraõ: (3) *Factum est, ut Veteres omnes, quotquot antè millè hos annos aliquid in eâ arte literis consignatum reliquerunt, (q. quidem duobus voluminibus Francfurti anni 1605 editis continentur) tum Recentiorum complures, ut quisque in Hispaniâ, Galliâ, Germaniâ, & Italiâ, præter cæteros, in eâ præstitisse visi sunt, cognitos habèrem. Inter quos, ut verum fatear, Emmanuéli Alvaro primas debèri animadverti. Nàm & ipse longè cultius. &c.*

Eis-aqui como *Scioppio* distingue ao P. *Alvares*? Nem o incluo nos Grammaticos antigos; pois não pertence á classe delles, por ser posterior em tempo, e preceder a todos em methodo, elegancia, e clareza. Nem o collocou entre os modernos, ou coetâneos, porque em tudo he a todos superior. Pasmo, que sendo S. Charidade tão versado nas Historias, não soubesse, que o P. *Alvares* sim fora mais antigo que o Cavalleiro *Scioppio*; mas que ambos foraõ do mesmo seculo! O *Alvares* acabou de viver em 30 de Dezembro de 1583, e *Scioppio* doze annos depois começou a ser conhecido, porque em 1595, e 1596 imprimio em Amsterdam os livros seguintes:

[3] *Sciop. de Vet ac novæ Gram Lat. orig. dignit, & usu*



guintes: *Verisimilium libri quatuor. Ars critica, si-  
ve mendosos Latinorum Auctorum locos ex ingenio  
emendandi ratio.* Tambem em 1601, 1628, e 1629  
publicou: em Milaõ *Grammatica Philosophica pro  
Lat. linguæ Magistris, & Tironibus &c.* Em  
Francfort *Priapeia, sive diversorum Poetarum in Priapum  
Lusus &c.* E em Amsterdaõ *Rudimenta Gram-  
maticæ Philosophicæ in usum Tironum.* E ainda dirá:  
*Nè veterem Grammaticam (Alvari) diutius in Scho-  
lis tolerare, sed novam in eas introducere velint?*  
Meu Reverendo Critico, peçolhe que se esconda,  
de envergonhado; ou que ao menos puxe o Ca-  
pello, e nelle sepulte cara, e cabeça.

Quanto ao que diz, que em Inglaterra se  
naõ usa de tal *Arte*; quando assim fosse, seria taõ bom  
argumento, como o de quem quizesse provar, que  
a Reforma Gregoriana do estylo velho he errada,  
porque os Inglezes naõ a seguem. Porêm as noti-  
cias do Critico naõ saõ certas; porque pergunta-  
dos, os que, há pouco, lá aprenderaõ, respondem,  
que naquelle Reyno se usa de huma *Arte* com-  
posta por *Guilherme Lili*, com privilegio da Cor-  
te; para naõ se usar de outra em publico; a  
qual só tem boa a *Syntaxe* tirada do *P. Alvares*,  
e no mais he errada. Este privilegio do Predicante  
*Lili* tem mayor vigor no Reyno de Inglaterra;  
que no de Irlanda se usa cõmumente da do *P. Al-  
vares*: e ha pouco vi huma do mesmo *P.*, impressa  
naquelle Reyno, na maõ de hum Seminarista do  
Collegio dos Inglezes. Tambem nas Escólas géraes  
de França se naõ usa da de *Porto Real*. E como vejo  
ferem erradas as suas noticias, com razãõ infiro,  
possa naõ ser absolutamente verdadeira, a que pu-  
blica, de que o Rey de Sardenha tirára moderna-  
mente os Estudos publicos da Companhia; pois me  
consta com indubitavel certeza, os frequentaõ,

debaixo do magisterio da mesma Companhia, os Fidalgos, que são Convictores no Collegio dos Nobres em a Corte de Turim: e que no Reyno de Sardenha, aonde a Companhia tem huma Provincia inteira, e nella, além dos Collegios de estudos Geraes, dous amplissimos Seminarios nas Cidades de Cálher, e Sáffer, não houve, nem há particular innovação alguma. Se no Piamonte a houve, ou de presente a possa haver, (o que nada conduz para o intento do *Critico*) procederia da emulação da nova, ou renovada Universidade de Turim, na qual se assignáraõ algumas opinioens Theologicas, que nunca os Doutores da Companhia defendêraõ, nem já mais defenderaõ; como as de não ter o Papa jurisdicção indirecta (se assim o pedir, em algumas raras circumstancias, o bem da Igreja, e da Religião) *Super juribus temporalibus supremorum Principum*: não ser *extra Concilium Generale legitimus Controversiarum fidei Judex*: e outras tres, firmadas muito antes pelo Clero Gallicano na Assembléa Géral do anno de 1682, e defendidas em hum livro, do qual se entende constantemente ser Author o Illustrissimo Bispo *Jaques Benigno Bossuét*. Porém todas as referidas Proposições Parisienses, escritas em prejuizo do Romano Pontifice, no Reynado do Veneravel servo de Deos Innocencio XI, foraõ depois revogadas (com approvação de Luiz o Grande, Rey Christianissimo, e Zelantissimo Protector da Religião Catholica) pelo Clero, e Bispos de França, no Pontificado do S. P. Innocencio XII; de tal sorte, que exceptuados *Maynburgo*, *Dupin*, e outros intempestivos Escritores, que na verdade escreveraõ antes da proscripção, e revogação das mesmas Proposições, diz o Sapiientissimo Jesuita *Vito Pichler*: (3) *Moderno*

[3] Pichler in Theolog. Polemica p. 1. c. 4. de Capite vitz Ecclesiae, artic. 2. §. 2, num. 14. pag. 761.

dero tempore vix alios reperias, exceptis Jansenism; fautoribus.

Naõ deve pois admirar-se, que a Companhia (que na Universidade de Turim teve sempre insignes Mestres, famosos Escritores, e entre outros o P. Carlos Antonio Thesauro, Ordinario professor dos Sagrados Canones, primeiro na mesma Universidade de Turim, e depois na de Pisa na Toscana, o qual escreveu o livro: *De Panis Ecclesiasticis Praxis absoluta*) deixasse de reger Cadeiras, em que houvesse de ensinar os seus Lentes doutrinas injuriosas á Suprema do Vaticano, *in præjudicium Romani Pontificis*; e oppostas ás decisões dos Concilios Géraes da Igreja, quaes são o Niceno 1. Canone 39: *Qui tenet Sedem Romæ, Caput est, & Princeps omnium Patriarcharum; quandoquidem ipse est primus, sicut Petrus, cui data est potestas in omnes Principes Christianos, & omnes populos eorum, ut qui sit Vicarius Christi super cunctos populos, & cunctam Ecclesiam Christianam: & quicumque contradixerit, à Synodo excommunicatur.* O Chalcedonense (4) e na Epist. ao S. P. Leão: *Quibus Concilii Patribus tu quidem ut Caput præeras.* O Florentino (5) Item *disfinimus, Sanctam Apostolicam Sedem, & Romanum Pontificem in Universum Orbem tenere Primatum, esse successorem B. Petri Principis Apostolorum, & verum Christi Vicarium, totiusque Ecclesie Caput. ... & ipsi in B. Petro pascendi, regendi, & gubernandi Universalem Ecclesiam à Domino nostro JESU Christo plenam potestatem traditam esse.* O Lateranense sub Leone X (ao qual o Rey Christianissimo prometteo huma santa, e Religiosa observancia) ensina na Sess. XI, que o Romano Pontifice: *Et*

K 2

a. u. ho-

[ 4 ] Chalcedonense tom. 2. Concil. pag. 139. edit. Colon.

[ 5 ] Florent. sess. ult. in Litteris Unionis.

*auctoritatem super omnia Concilia habere* : e o prova com exemplos dos antigos Concilios.

Só póde admirarse , quem não sabe , o quanto *Addictissima sit Sanctæ Sedi ipsa JESU Societas* ! Só o deve estranhar , quem ignora , o quanto trabalhaõ os Alumnos da Companhia pela defenfa da Igreja , e das Soberanias do Throno Pontificio ! *Præ devotâ , quam profitentur , & exhibere non cessant , in Nos , & Apostolicam Sedem observantiâ.* São palavras do Santissimo Reynante Pontifice na *Bulla Aurea* , que começa : *Gloriosæ Domine &c.* Que muito deixasse de entrar a Companhia na Universidade de Turim , em obsequio da Doutrina pura , que professa , e em todas as Universidades ensina , e defende ; se no anno de 1714 não duvidou sair do Reyno de Sicilia , no Reynado de Victor Amadeo , pay do presente Rey de Sardenha , deixando heroicamente todas as suas Casas , e Collegios , por obedecer ( com exemplo não de muitos ) ao geral interdicto do S. Padre Clemente XI : consta do Monitorio de Monsenhor Espinola , Arcebispo de Thebas , Juiz delegado do mesmo Santissimo : (6) *In tantâ autem Bonorum omnium oppressione illæsi minimè remanserunt Religiosi Societatis JESU ; ubi enim illi , accepto Brevis Pontificio , sub die 6 Novembris Anni elapsi (1714) expedito , ac qualibet falsâ doctrinâ rejectâ , Ecclesias claudere , Interdictumque Ecclesiasticum cum Fidelium ædificatione exactè observare cæperunt , bonis omnibus (quibus in Diæcesibus , Interdicto subjectis , affluabant) per Laicam Potestatem spoliati , exulâri jussi sunt è Sicilia Regno.* Os Estudos porêm da Corte de Turim , e quaesquer outros , que opposição podem fazer á Grande Arte do P. Manoel Alvares ?

O certo he , que a Arte de Mestre taõ insigni-

(6) Bullarium Clementis XI pag. mæhi 946.



gne, ensinou Grammatica a *Maffeo Barbarino*, que subio ao Pontificado com o nome de Urbano VIII; e a Clemente XI, antes *João Francisco Albani*; aquelle illustre Poeta, este insigne Orador. Por ella estudaraõ os famosos *Bencio*, *Lebbriun*, *Geminio*, *Petiot*, *Maffei*, *Perpiniano*, *Cypriano*, *Jowency*, *Vavasseur*, *Petavio*, *Mendoça*, &c. e os tres, tambem Jesuitas, *Estrada*, *Tarquínio*, e *Petrucio*, aos quaes Urbano VIII encõmendou a correção dos hymnos do Breviario Romano, obra de tanto trabalho, e engenho, como notou *Raynaudo*; (7) e tambem os mesmos, que hoje florecem, e louva o *Critico*; como *Contúci*, *Ventura*, *Cordara*, *Noceti*, *Logomarsini*, *Nicoláo de Florença*, e muitos outros. Por ella se estuda nas vinte e duas florentissimas Universidades da Companhia, em todos os seus publicos, e geraes Collegios, e nos 176 Seminarios, que governa, numerando-se entre elles mais de vinte de Nobres. Em fim ao *Collegio Gregoriano*, que he a segunda Universidade, e *Sapiencia Romana*, vem estudar pela *Arte* de *Manoel Alvares Collegiaes* do *Gymnasio*, *Fuccioli*, *Matthei*, *Salviati*, *Ghislerio*, *Pamphili*, *Neophitos*, e outros, que não estão subordinados ao governo da mesma Companhia. E porque se ha de deixar esta *Arte*, quando a de *Vossio*, *Scioppio*, *Porto Rcal*, e *Minerva* em parte são retalhos desta, e erraõ em tudo o que a contradizem, como succedeo ao *Critico* nos erros, que nella quiz descobrir (e se enganou) como agora mostrarey?

*Erros*

(7) *Raynaudo* tom. 11. punct. 2. pág. 12.

*Erros do Critico nas emendas do P. Manoel  
Alvares.*

**A**ffirma o Critico, que *Scioppio* na sua *Grammatica Philosophica* diz, que não ha mais que quinze regras de *Syntaxe*. Este o primeiro erro do Critico, por se fiar de *Scioppio*. Mas se hei de dizer o que entendo: esta he huma grande (não direy, mentira) equivocação de S. P. E Deos sabe, se por estar esquecido do que lêo naquelle *Grammatico*, ou se por já mais o haver lido! *Scioppio* fim teve grandes presunções de exceder a todos os antigos Mestres (entrando os primeiros, que sempre venerou o Mundo literario, e que floreceraõ desde a segunda guerra dos Carthaginezes, que foy no anno do Mundo 3836: e o que mais he para admirar, não perdoando a seu Mestre Francisco Sanches) que deraõ preceitos, e instituirãõ regras de construção Latina: *Omnes igitur, quotquot jam inde à secundo Bello Punico ad hanc usque diem Latine constructionis precepta dederunt* (unam Francisci Sanctii Syntaxim excipio, quamvis ea nec perfecta, nec satis ordinata, adhuc autem subobscura sit) *Labore se ipsi improbiissimo, etque vano, & irrito confecerunt, nec quisquam eorum extitit, ne Cicero quidem ipse, aut Varro, aut Quintilianus, qui plerumque quae Grammaticè dixisset, aut scripsisset, certam roganti rationem posset reddere, neque aut inepta, aut flagitiosa, aut palam falsa respondendo, ludibrium eruditis deberet: quod ego minime vereor, ne cui audacius, quam verius, insimulare judicer, qui Paradoxa nostra Literaria cognoscere dignum habuerit.* Desmarcada presunção, e justamente intoleravel! Mas tambem lastimoza equivocação a do Critico! Este Padre, pelo que vejo, e tambem pelo que ouço, não he muito verdadeiro! Até aos ami-

amigos levãta de quando em quando seu testemunho !

*Scioppio* ( 8 ) nas suas Annotaçoens á Syntaxe sim escreve, que a sua ( falla da Regular, e não da Mayor, e Figurada ) tem muy poucas regras, porque tudo, o que pertence ao *Nome*, *Verbo*, e *Participio*, comprehende em quinze regras tão breves, que hum mancebo, de boa memoria, e sufficiente juizo (cuido que já capaz de casar) as poderá cõmodamente aprender em hum dia: e não he nada; temos *Arte* para fazer a qualquer, dentro de 24 horas, Grammatico consumado! Ouçamos ao *Scioppio*: *Nostra Syntaxis regulas habet numero paucissimas. Nam de Nomine, Verbo, & Participio, quicquid dici potest, quindecim regulis complexi sumus, quas bonæ memoriæ, & jam judicii nonnullius adolescens vel unâ die edidicerit.* Está já satisfeito Reverendo Senhor? Pois ouça agora, e fique envergonhado. O seu *Scioppio* atesta, e com palavra de Fidalgo, que a sua Sintaxe tem muitas mais regras. E se o negasse, eu o desmentiria. Ora vá V. P. contando, e achará que as regras da concordancia, e da regencia verdadeira, e tambem da falsa dos Nomes, Verbos, Gerundios, Supinos, Participios, Proposicoens, Adverbios, e Conjuncoens não são menos, que 43, e cõmeço da pag. 80. até 122, algumas tão diffuzas, que comprehendem huma, e duas paginas de letra miuda. Estas 43 Regras! separou das quinze já notadas, e são entre si distintas: *Deinde e as, quæ concordiaë inserviunt, ab aliis, quæ casuum rectionem dirigunt, distinximus:* E 15 com 43 já fazem 58. E terá *Scioppio* mais regras na sua Sintaxe? Sim terá P. Reverendo. Tem mais 12 Taboas, das quaes pertencem á Syntaxe regular 7, que na ordem dellas, são a 4, 5, 6, 7, 8, 9, e 10; e á Figurada, ou irregular as de mais. Estas

Taboas

(8) Sciop. Annotat. in Syntaxin. pag. 184.

Táboas são como remissoens ás regras, e se comprehendem debaixo do titulo: *Synopsis Artis Grammaticæ*. Ainda assigna *Duodecim Maximas*, seu *Regulas fundamentales Syntaxeos Latine*. Ultimamente dez, ou onze Regras, que mostra servirem para ambas as Syntaxes Regular, e Figurada, e discorrem da pag. 185 até 194 da sua *Grammatica Philosophica*. Acabou ja de contar, S. P., as regras todas? E que diz? São quinze, ou na verdade passaõ de oitenta? Peçolhe, que daqui em diante seja mais ajustado no seu dizer, e contar.

E que importaria, que *Scioppio* apontasse 15 regras, se ao todo são estas, que tenho numerado! Desengano meu *Critico*: se a Syntaxe de *Gaspar Scioppio* não incluir as regras do nosso Mestre *Manoel Alvares*, ficará diminuta, confusa, e absolutamente inutil. O *Methodo* de *Porto Real*, continúa S. P., dilatando as regras de *Scioppio*, já fez 36. Accrescente, augmente, ou diminua, quantas regras quizer, que nós, em quanto não virmos outra melhor *Arte*, que a do *Alvares*, nem da de *Scioppio*, nem da de *Sanches*, nem do *Methodo* de *Porto Real* havemos de lançar mão. Prosegue, e com vós dezentoadada, e todo elle tremendo de colerico, (o que faz o zelo!) que o *P. Alvares* mudou a ordem da *Grammatica* nas suas divisoens. E quem lhe diz, que aquella, que agora aponta, he a natural? *Scioppio*: grande *Author*! A quem, como notou *Facciolato*, chamaraõ: *Canis Grammaticæ*; ladrava, e nada mais. Vamos ás censuras contra o *P. Alvares*.

I. O adjectivo não concorda com o substantivo proprio, mas com o commun. Em primeiro lugar não assigna o *Barbadinho* diversa razão, porque o adjectivo concorde com o substantivo cõmun, e não como proprio. Antes nos seus Principios con-

corda



corda com o proprio. Prova-se. A pag. 68. tom. 1. diz elle, que a concordancia he, quando as partes concordão em alguma couza cõmun, v. g. o substantivo concorda com outro substantivo em caso, que he cõmun a ambos; atqui o caso, e numero he cõmun ao adjectivo, e nome proprio: logo entre elles ha concordancia de caso, e numero com terminação do adjectivo correspondente ao genero desse nome proprio. Além de que he escusado entender substantivo cõmun, havendo substantivo proprio; v. g. na oração que traz por exemplo, *Petrus est bonus*, entender-se *homo*: porquanto Pedro não he bom absolutamente, nem sempre pela razaõ de homem; pois ha muitos homens, que são máos; mas he bom, por ser tal homem, que he o mesmo que dizer, que he bom, por ser Pedro. Cahindo pois a significação de *bonus* sobre Pedro, com este parece sem duvida, que deve concordar.

Mas dado, que em algumas oraçoens, pela propriedade de fallar, se possa entender substantivo cõmun, em outras infinitas seria grande impropriedade o entendelo, como nesta, *Petrus occisus est a Paulo*: que substantivo cõmun se entende aqui, com o qual concorde o adjectivo participio *occisus*, sem que haja opposição ao vulgar modo de fallar? O mesmo se vê nesta *Jesus est amabilissimus*, e outras muitas. Mais: por força desta doutrina diz o *Barbadinho* pag. 68. que se póde dizer *Prænestæ altus*, entendendo-se o substantivo cõmun *locus*: logo são escuzadas as regras, que elle dá a pag. 64, que os nomes proprios de homens são masculinos &c, porque se o adjectivo não concorda com o nome proprio, mas só se põem na terminação correspondente ao genero do substantivo cõmun, se este for feminino, ou neutro, nada importa, que o substantivo proprio seja masculino; donde se segue serem

L escu-

escusadas as ditas regras. Poderemos logo tambem dizer: *Ulyssipo est magnus*; entendendo *locus*, como em *Præneste*, e he escusado dizerse, que *Ulyssipo* he do genero feminino. Do mesmo modo a qualquer nome proprio se poderá ajuntar o adjectivo em qualquer das terminaçoens; porque nenhum se assignará, ao qual se não possa facilmente applicar substantivo cômum de qualquer genero.

Nem responda, que se não devem entender quaelquer substantivos cômuns, mas só determinados, e que mais immediatamente expliquem a natureza do substantivo proprio; porque o mais proprio immediatamente de *Præneste* he *civitas*, e não *locus*. Antes dahi se segue, que poderemos dizer: *Petrus est optimum*, entendendo *Rationale*, que mais immediatamente exprime a natureza do nome proprio *Petrus*, do que *locus* do nome *Præneste*. E como se haõ de entender os rapazes com esta embrulhada, para distinguirem, qual he o substantivo cômum, a que haõ de attender, tendo taõ perto a regra do genero pertencente ao substantivo proprio? Isto não he explicar Grammatica, he confundila, e com erro.

II. O Relativo concorda com o subsequente em genero, numero, e caso, que he o mesmo antecedente repetido. Primeiramente contradiz-se nesta regra o Critico a si mesmo; porque dizendo mais acima a pag. 69. que o relativo concorda com o subsequente em numero, e caso do mesmo modo, que qualquer adjectivo, dos quaes diz a pag. 68, que não concordão em genero, agora diz, que o relativo concorda tambem em genero. Mas concordando o relativo *qui quæ quod* (contra o que tem dito) tambem em genero com o subsequente, he falso, que este subsequente seja sempre o antecedente repetido. Porque se eu disser com *Virgilio lib. 1. Celeref-*  
*quæ*

*quæ sagittas corripuit fidus, quæ tela gerebat Achates*, por ventura a palavra *tela*, que he a subsequente, com quem concorda o *quæ*, he o antecedente repetido? O mesmo pergunto no exemplo de *Sallustio*: *Est locus in carcere, quod Tullianum appellatur*, aonde o subsequente *Tullianum* não he o antecedente repetido.

Mas dado ainda, que o relativo *qui* concorde sempre com o subsequente, que seja o antecedente repetido, infiro: logo nesta oração: *Diligō Petrum, qui bonus est vir*, o relativo *qui* ha de concordar com o subsequente entendido, que he o antecedente *Petrus*: logo temos, que hum adjectivo, que he o relativo *qui*, concorda com o nome proprio *Petrus*: contra o que diz na pag. 68. Se disser, que nestes casos não val a regra: logo esta não he absolutamente verdadeira, como elle diz; nem assignará razão de não valer aqui, senão o ter dito, que o adjectivo não concorda com os nomes proprios; e isto mesmo he buscar o principio. Porém concedendo-se-lhe finalmente, que o relativo concorde com o subsequente em genero, numero, e caso; dandolhe que esse subsequente (nos nomes, que não são anômalos) seja sempre o antecedente repetido, e ainda tudo isto em nomes proprios contra toda a sua doutrina: ainda digo, que he falsa a regra, quando o antecedente he anômalo daquelle caso, em que estiver o relativo. Eu me explico: nesta oração: *Petrus opem mihi præstavit, quæ mihi necessaria fuit*, como ha de concordar o relativo *quæ*, que está em nominativo, com o subsequente, que seja o antecedente *opem* repetido? Como, digo, ha de concordar em caso, se *opis* não tem nominativo? Isto mesmo pôde succeder em muitos outros: logo he falsa esta regra geral do *Barbadinho*.

III. *Naõ ha mais, que duas concordancias.* Declara o *Critico* as duas concordancias, e diz que saõ as do substantivo com o adjectivo, do verbo com o nome, tom. i. pag. 68. advertindo, que naõ falla daquella entre dous substantivos. Eu tambem naõ fallo desta; porque elle se naõ mete a explicala, deixando, como faz ordinariamente, muitas regras, que se devem declarar, só para nos persuadir, que saõ superfluas na *Arte* do P. *Manoel Alvares*; imitando a confusão, e estilo de *Scioppio*. Quanto ao numero das concordancias he de reparar, que dizendo erradamente, *que o accusativo só he regido do verbo finito, e infinito, de alguns participios, e preposições*; e cortando por muitas regras, que se deviaõ accrescentar a respeito desta regencia, naõ corta por aquelles termos *finito, infinito, e participio*; podendo dizer com mais brevidade, que o accusativo só era regido da preposição, e verbo, nos quaes se incluye a regencia do *finito, infinito, e participio*; e naõ achando que era superflua, veyo a descobrir a superfluidade no numero das concordancias, contra o cõmun dos melhores Grammaticos. *Disput.* pag. 127. de *Synt. accid.* pergunta: *Quotuplex est Concordantia? Triplex. Quomodo? Adjectivi, & substantivi. Relativi, & antecedentis, Verbi cum Nominativo à fronte recto.* O seu escusado empenho he mostrar contra os que melhor sabem da materia, que o adjectivo naõ concorda em genero com o substantivo, nem o nome em pessoa com o verbo. Dá a razãõ do primeiro; porque o genero só he do substantivo, e naõ do adjectivo: do segundo; porque o nominativo naõ tem pessoa, senaõ o verbo.

Em ambas as couzas ou nada diz de novo, ou diz mal. Se nos quer intimar, que o substantivo he, o que determina ao adjectivo para esta,  
ou



ou aquella terminação; e que o adjectivo de si está indifferente, para se acõmodar a este, ou áquelle genero, isso he tão velho, que já não tem dentes. Se quer dizer mais, que isto, ou pertende que desterremos o modo mais proprio de fallar, he trabalho escusado. Não deve porém duvidar, que as mesmas terminações do adjectivo são de certo modo huns generos proprios seus; isto he, que por si não possaõ estar na oração, mas que juntos aos substantivos competentes se acõmodem bellamente a elles, e accrescentem, ou avivem como formas aquelle composto. De outra sorte diga tambem, que não tem numero, nem caso, porque tambem para estes o determina o substantivo; e chame-lhe humas terminações, que só sirvaõ de correspondência, e não de concordancia. Os que entendem destas couzas, dizem, que o adjectivo da mesma sorte tem genero, que numero, e caso: e a diversidade, que achão a respeito do substantivo, he, que este não he o determinado, e adjacente, mas o que substa, e determina; e isso estaõ denotando os seus nomes. Finalmente o genero, numero, e caso dos adjectivos, e os do substantivo independentes. &c.

Mas reparo em huma incoherencia do Critico no modo, com que explica a concordancia do nome, e verbo. Diz, que o verbo concorda com o nome em numero, o qual he commum a ambos, mas não em pessoa, porque esta he sómente do verbo; e acrescenta: *Mas põem-se o verbo em huma terminação correspondente á pessoa, que o nome significa.* Pois se o verbo, por se pôr em huma terminação correspondente á pessoa, que o nome significa, tem pessoa; tambem o adjectivo, por se pôr em huma terminação correspondente ao genero do substantivo, terá genero; porque não menos he deter-

determinada pelo nome a pessoa, e terminação do verbo, do que pelo substantivo a terminação do adjectivo. E quaes são os absurdos, que o *Critico* quer tirar do mundo com estas suas novas regras de concordancia? Os que nelle não ha, e só se achariaõ em alguma ignorante, que cuidasse, que os nomes de numero, como *tres*, e *decem* concordavaõ entre si; ou que os adverbios, que se ajuntaõ, ou entendem, v. g. nos Optativos dos verbos, concordavaõ com os mesmos Optativos. E na verdade eu não lhe acho fim util.

IV. O *Genitivo* não he regido de nenhuma parte mais, que de hum substantivo claro, ou occulto. Esta regra tirou o *Critico* de *Francisco Sanches*, a quem respondeo o *P. Vargas* da Companhia na sua *Grammatica Elucidata* pag. 371. e com o titulo *Antibroccensis*, solidamente o impugna, a quem tambem cita o *P. Franco* na sua *Contramina*. E como poderêmos dár boa razão das partes da oração, sem recorrermos a algum verbo, ou nome occulto, que reja os casos expressos, he impertinencia buscar o rodeyo da figura *Ellipsis*; pelo que podemos dizer, que o genitivo he regido do verbo, ou do adjectivo claro, e fica superfluo buscar substantivos occultos, que rejaõ o genitivo: e isto não he invento do *P. Alvarez*, he do cõmun dos melhores Grammaticos, que escreveraõ antes, e depois delle, dos quaes não faço menção; porque o *Critico* não se contenta com outra authoridade, que não seja a sua. A mesma novidade quiz introduzir *Orlando Pescetti*, a quem respondeo concludentemente o Author do *Efflatio pulveris*.

Engana-se porêem o *Critico* em dizer, que o genitivo sómente he regido do substantivo claro, ou occulto; porque nem sempre se póde entender o mesmo substantivo a qualquer genitivo; nem sempre he facil achar substantivo commum, que se enten-

entenda occulto; antes, ainda que o haja, muitas vezes se não pôde entender, sem ficar improprio o sentido da oração, como se vê das seguintes notas. Em que trabalho se não verá hum rapaz, se lhe he preciso saber hum grande catálogo de nomes cômuns, para saber applicálos aos genitivos! A'lem de que, se ao nome, que determina a significação do verbo, chamamos nominativo do tal verbo, estando no modo finito; se este verbo for de significação transitiva, que passe a exercitar-se em outra couza diversa, porque razão a essa couza não havemos chamar caso do verbo, ou seja genitivo, ou dativo? O mesmo, que se diz nos verbos, devemos dizer nos nomes adjectivos. Nesta oração: *Petrus est doctus literarum*: aqui a significação de *doctus* só se determina por Pedro; e o genitivo *literarum* he caso, que rége *doctus*: porque Pedro, não por ser Pedro, nem homem, mas só por ser douto, rége o tal genitivo, e qualquer outro substantivo occulto he rodeyo escusado, e difficultoso de achar.

Isto se vê claramente neste Latim: *Tunc temporis*, ao qual quizera affinasse o *Critico* o substantivo cômum, como tambem nestes: *Pridiè ejus diei*; *Eò miseriarum*; *Consuetudinis*; *Huc malorum*; *Eousquè audaciæ*; *Terrarum nusquam*; *Ubi terrarum*; *Ubivis gentium*; *Affatim divitiarum*; *Virtutis ergò*; *Satis verborum*. E que voltas não dará o Estudante para buscar substantivos occultos a estes genitivos, os quaes nem o *Critico* affinará no mesmo tempo, que quer, que a Grammatica se aprenda com brevidade, e se ensine com método. A mesma difficultade, para descobrir substantivo, occulto se encontra nesta oração: *Adolescentis est maiores natu verèri*. Alguns Grammaticos quizeraõ aqui entender o nome *officium*, mas sempre he violento; e muitos se

lhe

Ihes oppuzeraõ com razaõ; porque no liv. *Esflatio pulveris* a pag. 260. se convence este erro, e se vê nestes exemplos. *Virg. Æneid. 1. Grates persolvere dignas Non opis est nostræ. Cæsar Bell. Gallic. 1. 7. Mei consilii est facere, quod maiores nostri fecerunt. Cic. Verr. 1. Negavit moris esse Græcorum, ut in convivio virorum accumberent mulieres.* Que substantivos occultos régem estes genitivos, cuja intelligencia não seja frivola, quando taõ claramente temos o verbo *Est*, que os réja? Nem he de pouca força o exemplo do verbo *Potior*, quando significa o mesmo, que *Fruor*. Podemos ufar de *Potior* com genitivo, como se vê nos exemplos seguintes. *De Cic. Lentul. 1. Qui potiantur rerum. De Suet. in Vespas. c. 4. Judæa profecti rerum potirentur. De Sallust. Catill. Urbis potiri.* E se em lugar de *Potior* na mesma oração puzermos *Fruor*, ha de ficar o mesmo genitivo, ou não? Se fica o mesmo, he erro crasso dizer: *Rerum frui, urbis frui*: se val a regra do *Critico*, deve ficar; porque sempre se entende o mesmo substantivo occulto, que regia o tal nominativo; nem ha razaõ para o reger com *Potior*, e não com *Fruor*.

Aqui lembro ao *Critico*, vá fazendo provimento de substantivos occultos para os verbos *Memini*, *Obliviscor*, *Recordor*, *Reminiscor*, *Egeo*, *Indigeo*, *Piget*, *Pœnitet*, *Pudet*, *Tædet*. Não se esqueça de outros para os verbos de accusar, como *Postulavi mancipium criminis*. Procure outros para os verbos de estimar, que levaõ os genitivos *Magni*, *Maximi*, *Pluris*, *Plurimi*, *Parvi*, *Minoris*, *Minimi*. Vá advertindo, como se ha de haver neste caso, se lhe perguntarem: *Ubi celebratum fuit Concilium? Tridenti*: se póde dizer *Tridento*? Responderá, que não: e porque? Ha de dizer, que por causa do substantivo occulto, que só rége o genitivo. Bem está; pois



pois diga tambem o mesmo nesta oração: *Ubi celebratum fuit Concilium? Ulyssiponis*; mas veja, que erra: dê-me porêr a razão, porque o substantivo occulto tem habilitade para causar o genitivo *Tridenci*, e não *Ulyssiponis*? E porque pôde o substantivo occulto fazer, que digamos *Lumborum tenuis*, e em apparecendo o nome do numero singular, já não o rege, e não posso dizer *Capuli*, mas devo dizer *Capulo tenuis*? Finalmente tenho a curiosidade de saber nesta oração: *Petrus est domi*, em que caso está o substantivo occulto, que rege o genitivo *Domus*? Se tambem em genitivo, he necessario outro occulto, que o reja, e temos cadêa de genitivos occultos; e se está em outro caso, faça-nos graça de o apontar claramente.

V. O dativo não he regido de nenhuma parte, mas pôde unir-se ao adjectivo, e a todo o verbo. Em primeiro lugar: esta proposição contradiz outra, que se lê na *carta da Grammatica* pag. 70: He falso, o que se ensina comumente, que o adverbio, conjunção, interjeição, verbo passivo, participio passivo, gerundio, nome adjectivo peça caso; porque o caso, que se acha com elles, he regido de huma parte supressa pela figura *Ellipsis*. Daqui se segue, que o dativo, que se acha nos AA. com o verbo passivo, he regido por huma parte supressa; e como ser regido por huma parte, como diz na *carta* allegada, e não ser regido, como agora diz na *Resposta*, são contradictorios, taes são as duas proposições do *Critico*. Tambem he falso testemunho, e impostura, o que diz no lugar allegado da *carta*, que comumente se ensina, que a conjunção pede caso; porque ninguem ensina isso, salvo for algum *basbaque*.

Mas vejamos a falsidade da proposição, e regra do *Critico*. Diz, que o dativo não he regido de nenhuma parte. Antes de tudo supponho duas

M

cou.

couzas innegáveis. I. Que assim como ha verbos, ha tambem nomes, que tem sua suspensão; porque assim como nesta oração: *Angeli amant Deum*, fica suspenso o sentido, em quanto se não declara a pessoa amada, tambem o fica nesta: *Petrus obvius Francisco*, em quanto se não exprime a pessoa, que Pedro encontrou. II. Que assim como todo o verbo suspensivo he necessariamente Transitivo (por isto não quero dizer, que só são transitivos os verbos, que tem suspensão) assim tambem he transitivo todo o nome, que tem suspensão; e quando não, venha a disparidade? Isto supposto, argumento assim. I. Na primeira oração o verbo *Amo* rége o accusativo *Deum*, que exercita a sua significação: logo tambem na segunda o nome *Obvius* pela mesma razão rége o dativo *Francisco*. II. O verbo *Amo* não tem suspensão, porque pede caso, mas sim pede caso, porque tem suspensão: logo tambem o nome *Obvius*, porque tem suspensão, rége, e pede caso: os AA. só lhe dão dativo: logo este he regido por aquelle nome. III. Se os AA. usassem de *Amo* com dativo, este seria regido por elle; pois bastaria o uso dos AA. para essa regencia, assim como agora basta para o accusativo: logo tambem, porque os AA. sempre usam do dativo com o nome *Obvius*, este rége aquelle caso; sendo innegável a suspensão em ambas as orações. IV. O *Critico* na carta da *Gramm.* pag. 67 só admite verbos activos, e passivos: donde se segue, que *Invigilo* he verbo activo; e como não nega, que o verbo activo peça caso, deve confessar algum a este verbo: não mostrará exemplo, senão de dativo; logo deve confessar, que o tal caso he regido por *Invigilo*.

O mesmo se convence do verbo *Studeo*, quando dizemos: *Petrus studet Grammaticæ*. Se o *Critico* recorrer, a que são verbos comuns, erra: primò;

primò; porque caso cômum he, o que se dá aos verbos, e nomes, álem dos mais casos, que pedem de sua natureza; como se vê em todas as orações, em que ha ablativo de modo, causa, instrumento, e dativo de perda, ou proveito, como nesta: *Libros tuos nobis conserva*. Secundò: não são dativos cômuns; porque estes, como se vê nos AA., sempre são dativos de pessoa; e os de que fallamos, o não são. Dado ainda que os dativos sejaõ cômuns, não se segue, que os verbos, e nomes não os possaõ reger; aliás venha a incompatibilidade de ser dativo cômum, e ser regido? V. Este nome *Similis* acha-se com genitivo, e tambem com dativo na oração: *Petrus similis est Patris, vel Patri*; e como, por ser adjectivo, não rége caso algum, como diz o *Critico*, o genitivo he regido por substantivo occulto conforme a sua regra. Daqui se segue, que se o genitivo he regido por substantivo occulto em virtude da figura *Ellipsis*, o será tambem o dativo, aliás venha a disparidade. Mais. O substantivo occulto ou pede de sua natureza a esse genitivo, ou não? Se o pede, não pôde esse caso mudar-se para o dativo: se o não pede, mostre a causa, por que o tal substantivo não pe e sempre genitivo? Se affirmar, que o genitivo, sendo regido sempre pelo mesmo substantivo, se pôde mudar para dativo; diga tambem, que o nome *Doctus* v. g. pôde ter dativo em lugar do genitivo, e affine o substantivo occulto, mostrando exemplo de tudo? VI. Nesta oração: *Petrus humi sedet*, appareça o substantivo occulto, e em que caso: se em genitivo, desse genitivo agora peço outro substantivo occulto, que o reja; e teremos cadea de nomes occultos, huns regendo genitivos dos outros. Se está em outro caso, diga, qual he, que tenha proposito? Dirá, que se entende *in loco*;

e he o mesmo, que dizer : *Petrus est in loco huius* : que infusa, e ridicula Latinidade!

Diz mais o *Critico* na segunda parte da sua proposição, que o dativo pôde unir-se ao adjectivo, e a todo o verbo. Duvido, se esta doutrina he universal, ou não? Se diz, que não; diga, quaes são os nomes, a que se pôde, ou não ajuntar, e de caminho affine a disparidade, porque se pôde unir a huns, e não a outros? Se comprehende a todos, diga que nome se pôde pôr neste caso; se ha de ser aquelle, em que se exercita a significação do adjectivo, ou outro? O primeiro não pôde ser; porque v. g. em *Doctus* a couza sabida não se pôde pôr em dativo, senão só em genitivo. Em *Opus* a couza, de que se tem necessidade, deve-se pôr em genitivo, ou ablativo, e não em dativo. Nos comparativos, e superlativos a couza, a que outra se compara, não se pôde pôr em dativo, mas com os primeiros em ablativo, e com os segundos em genitivo de plural. Se este dativo ha de ser o outro nome, que se entende, venha a disparidade, porque pôde este pôr-se em dativo, e não o primeiro? E diga mais, se o tal dativo ha de ser cômum, como o de perda, ou proveito? Se diz, que sim, he errada esta generalidade; porque, como já disse, o tal dativo sempre he de pessoa, e a cada passo encontramos nos AA. verbos, e nomes com dativos, que não são de pessoa. Sendo dativo cômum, ou particular em outro sentido, affine-o, e venhão exemplos dos AA., que o dito do *Critico* de si não tem authoridade. Conclue finalmente, que o dativo pôde unir-se ao adjectivo, e a todo o verbo. Estas clausulas parecem exclusivas das outras partes, que não são adjectivo, e verbo: pelo que, diga, qual he o verbo, ou adjectivo, a que se ajunta o dativo, quando o achamos com as interjeições: *Hei mihi*,  
*Ve*



*Ve mibi?* Veja, em que embrulhadas méte os pobres rapazes com esta sua Grammatica, cuidando, que a poem muito clara, e methódica!

VI. O accusativo não he regido de nenhuma parte mais, que do verbo finito, ou infinito, ou participio de significação activa, ou de certas preposições. E porque razão não póde o accusativo ser regido de alguns adjectivos, adverbios, e interjeições? Aos adjectivos, que significação medida, ninguém deve negar semelhante caso; e além dos muitos Grammaticos, que pudéra allegar, assim o ensina *Dispauterio*, que sem duvida he dos principaes, o qual na pag. 179 diz o contrario da regra, se assim se póde chamar, do *Barbadinho*. (10) *Adjectivum, vel verbum regit mensuræ nomen in accusativo, vel ablativo*. Tambem alguns adverbios pedem accusativo, como *Pridiè*, & *Postridie*; e se negar por algum titulo esta regencia, como a póde negar aos demonstrativos *en*, *eccè*, *hèm*, como advertem os melhores com o mesmo *Dispauterio* pag. 147. onde diz: *Hec adverbia demonstrandi en, eccè, hèm petunt post se nominativum, vel accusativum*. O mesmo accrescenta das interjeições *beu*, *ò*, *pròb*. Nem será facil o seu escuro, e embrulhado socorro da figura *Ellipsis*, a qual só se exercita na substituição, quando das mais palavras se póde entender. Mas nestas palavras, *latus pedes duos*, *Eccè novam turbam*, *ò virum fortem*, toda a parte, que se entender, he violenta, e necessita de mais explicações, e regras, do que as que lhe affinao, os que verdadeiramente entendêrao, que couza he Grammatica, e a foubêrao ensinar sem confusão.

VII. O vocativo não he regido por outra parte da oração, mas mostra, a quem se dirige o discurso. Sendo o vocativo caso obliquo, não sey, que.

[10] *Dispauter. de Reg. abl.*

que implicancia possa ter, para não ser régido de outra parte da oração. Não he só o *P. Alvares* o que diz, que *O'* adverbio de chamar rége o dito caso. *Facciolato* no seu *Calepino*, que o *Critico* inculca, diz o seguinte: *O' adverbium vocandi construitur cum vocativo*, e aponta para isso varios exemplos. Tambem no mesmo *A.* note a differença, que faz no mesmo §; porque diz, que *O'* interjeição *adjuugitur, vel nominativo, vel accusativo*, e que *O'* adverbio *construitur cum vocativo*, dando na diversidade destes verbos *adjuugitur*, e *construitur* mais claramente a entender, que o dito adverbio de chamar *O'* rége vocativo, e não só se ajunta ao dito caso. Este he o cômum sentir dos Grammaticos, e quando a questão he de nome, o melhor he falar, e sentir com o cômum.

*Escaligero de causis ling. Lat.* que não quer, que *O'* seja adverbio de chamar, mas interjeição, dá tambem argumento contra o *Critico*. Admitte este, que *O'* interjeição pede caso, como outras interjeições, que traz pag. 411. ibi: *O' ingentem confidentiam*, e dá a razão na mesma pagina; pois falando da interjeição diz: *Ex hac essentia, atque usu illud enatum est, ut etiam casus quosdam querant sibi: in causa enim est efficacia significatus*. E pôde tanto o uso para *Escaligero*, que diz: *Certos alie sibi casus usu potius, quam ratione ascriverunt. Heu me, o ingentem confidentiam*. De sorte, que a efficacia da significação, e o uso de pôr accusativo a *O'* por chamar, faz, que a dita interjeição na opinião de *Escaligero* peça, e faça seu o tal caso; pois achando-se *O'* na mesma significação com vocativo, porque não ha de fazer a mesma efficacia, e o mesmo uso, que o dito vocativo seja caso da tal interjeição? A'lem de que, o mesmo *Escaligero* na pagina citada. propè finem diz assim: *O' advocandi*

*candi munere acceptum transferimus sinè casu in admirationem, & vota: O' mihi präteritos referat si Jupiter annos;* logo achando-se O' na significação de chamar com os casos de vocativo, e accusativo; porque não haõ de ser estes da dita interjeição na opinião de *Escaligero*, ou do dito adverbio na opinião dos mais Grammaticos? De caminho se adverte, que tambem na opinião de *Escaligero* rége a interjeição accusativo, contra o que o *Critico* nota ao *P. Manoel Alvares*: e como louva tanto a *Escaligero*, bem podia deixar de fazer esta censura ao *P. Alvares*, que nisto nem disse couza particular, nem por essa causa se erra na Grammatica.

VIII. O ablativo não he regido por nenhuma outra parte, senão pela preposição. Méte compaixão ver as angustias, em que o *Critico* poém o ablativo; porque, supposta a sua regra, não ha nomes, verbos, participios, e adverbios, que o possaõ reger; e sempre, que acharmos algum ablativo, devemos indagar alguma preposição, que o acompanhe, obrigando-o a pedir-lhe, o que de nada lhe serve. Prova-se brevemente. Nesta oração: *Precibus nostris, & cohortatione non indiges*; qual he a preposição, que rége aquelles ablativos *precibus, & cohortatione*? Nenhuma apparece: dêmos porêm, que com toda a especulação descubra alguma, a quem por *fas*, ou *nefas* attribúa este caso, digo assim: se a tal preposição se entende, e rége occultamente o ablativo, poderá sem destruir as regras da Grammatica apparecer tambem na oração; pois he certo, que quando por elegancia occultamos alguma, sem erro a podemos expressar: e como na sobredita oração se não póde expressar sem erro preposição alguma para aquelle ablativo, e não feria Latim dizer, *ex, de, ab, à precibus nostris,*

*nostris*, & *cohortatione non indiges*, não temos mais remédio, que dizer, que o tal verbo rege hum ablativo, ao qual nem se pôde ajuntar, nem reger preposição alguma; e buíque preposição para o ablativo desta oração: *Grammatica Critici intelligit correctione, & scatet erroribus*.

A mesma prova se tira em outras orações de nomes, adverbios &c. v. g. *Crassus pede imo; vixit annis viginti novem; privatus, aut spoliatus honore*, nas quaes se a sua amada *Ellipsis*, ou qualquer outra figura acudir com alguma preposição, sempre concluiremos, ser preciso compor regras de novo, que ensinem a desenquietar, e arrastar as preposições para lugares improprios, e que de nenhuma sorte lhe pertencem; e teremos com este accrescimo menos regras de *Grammatica*, como sua P. deseja. Por ultimo ouça duas regras, que contradizem a sua: primeira de *Disput.* (11) *Natura faciens regitur sine prepositura. In sexto, a verbis permultis, mobilibusque*. Segunda do mesmo (12) *Quodvis verbum potest regere instrumentum in ablativo, cui nullo modo addi potest prepositio, licet in vernacula lingua audiatur Cum; ut aro equo, scindo panem cultro*, as quaes regras admittem os *Grammaticos*; e se tiver paciencia, busque alguma preposição, que quadre a esta oração: *Scripsi hæc ad te, apposita secunda mensa*.

Não me esquece a prova contra o P. *Alvares*, que pretende arrancar do caso de *Clemente XI.* que louva huma *Arte* feita por *Laurenti*, para por ella estudar seu sobrinho o Principe *Albani*, seguindo as mesmas regras, que sua P. aponta. Se seguio as mesmas regras, resta saber, se o sobrinho sahio tão bom Latino, como o tio, o qual, como confessa o *Critico*, foy hum dos melhores  
Lati-

(11) *Disput.*, de reg. abl. pag. 176, (12) *Idem ibid.* pag. 180



Latinos do seu tempo, final de que a de *Manoel Alva-  
res*, pela qual estudou, como aqui nos diz,  
era boa. E se a *Arte* de *Laurenti* he tão selecta,  
não era melhor, que o *Critico* a mandasse imprir  
para utilidade do publico, e com isso alcan-  
çar huma prohibição contra a do *P. Manoel Alva-  
res*? Mas o effeito mostrou, que esta conserva o  
mesmo credito, e aquella ficou servindo para o  
Albani.

### Continuação do Capitulo V.

**P**Assemos da lingua Latina á Grega, e Hebrai-  
ca. Diz o *Critico*, que o *P. Arsenio* condena  
estes estudos. Tal condenação não acho nas suas *Re-  
flexoens*. Só diz, que estas duas linguas não são pre-  
cisas para entender a Escritura Sagrada, nem para  
saber a Theologia Dogmatica. He certo, que para  
os dogmas da nossa Fé nos valemos da Tradição  
Apostolica, Concilios, e Escritura Sagrada. Quan-  
to á Tradição, como só he *verbum Dei traditum*,  
na Igreja Latina, como Cabeça, e na sua lingua,  
a temos, sem que para a intelligencia necessitemos  
da Grega, ou Hebraica, andando tudo bem expli-  
cado pelos Authores Latinos. Os Concilios, se são  
Latinos, cá nos entendemos com elles, sem o sub-  
sidio de outros idiomas: se são Gregos, andão fi-  
elmente traduzidos em Latim; e seria grave time-  
ridade negar a certeza da sua tradução, sendo feita  
por Varoens doutissimos: e quando tivessem algum  
erro, logo os mais versados naquella lingua o adver-  
tirão, e se emendaria nas muitas edições, que  
se tem feito delles; e porque contém muitas defi-  
nições pertencentes á nossa Fé, não consentiria a  
Igreja, que se allegassem com erro. Temos tam-  
N bem

bem traduzidas as obras dos Santos Doutores da Igreja Grega, como *S. João Chrysostomo*, *Basilio* &c. E até a curiosidade dos Latinos se applicou a traduzir os livros Historicos, Medicos, Filosoficos, e Poéticos, escriptos, e compostos no mesmo idioma Grego. Donde veyo a dizer o erudito *Facciolato*: *Quid habent Græci, quod non sit Latinis Literis mandatum? Cum tamen contrà ex Latinis paucissima Græco sermone legantur.* (13)

Quanto á Escriitura Sagrada do Testamento velho: Era ella possuida pelos Christãos Hebreos, e Gregos; ainda que com caractéres Chaldaicos, depois do cativeiro de Babylonia, por diligencia de *Esdras*. Da Epistola de *S. Paulo ad Hebræos* ha duvida, se foy logo escrita em Hebreo, ou em Grego. Havia mais a Versão dos Setenta em Grego, feita pelos Interpretes, que mandou *Elcazar* a *Ptholomeo* Rey de Egypto. Dilatando-se a Fé, e saindo de Judea para o Occidente, procuraraõ os Catholicos com notavel cuidado, e applicação participar do thesouro das divinas letras reduzidas á Lingua Latina. Foraõ tantos, os que se empenharaõ neste estudo, que com razão disse *S. Agost.* (14) *Hi, qui ex Hebræâ linguâ in Græcam vertèrunt, numerâri possunt: Latini autem nullo modo.* A mais celebrada, que se usou antes da *Vulgata*, foy a *Italica*, de cuja fonte se imprimio o anno passado em Roma o *Evangeliarium quadruplex* em dous grandes tomos dedicados a *Sua Magestade Fidelissima*; e no Prologómeno desta grande obra na *Epist. ad Muselium* se lê o seguinte: *Author fuisti, ut Codicem illum bibliothecæ Veronensis typis cderem, quoniam exhibet antiquam Latinam Italam translationem, jam inde ab Apostolorum temporibus usu receptam,*

[13] Acad. Commission pag 442. [14] S. Agost. l. 2. de doctr. Christ. cap. 11.

*ceptam, cæterisque prælatam (ob verborum tenacitatem cum sententiarum perspicuitate) ferè usque ad tempus S. Gregorii Magni.*

Passaraõ adiante com o mesmo empenho, e por mandado de S. Damaso entrou neste trabalho o Doutor Maximo S. Jeronymo. E revolvendo varias Versoens, conferindo humas com outras, com summa exacção fez a famosa Versaõ, que chamamos *Vulgata*; por cuja causa diz a Igreja, ser este Santo dado pela Providencia Divina por Doutor Maximo *in exponendis Sacris Scripturis*. Mereceo esta Versaõ, entre todas, a mayor estimaçaõ: della por tantos seculos tem usado, e usará a Igreja Catholica. Foy declarada por authentica na *sess. 4. Can. 2.* do Concilio Tridentino com estas notaveis palavras: *Sacrosancta Synodus considerans non parium utilitatis accedere posse Ecclesie Dei, si ex omnibus Latinis Editionibus, quæ circumferuntur, sacrorum librorum, quenam pro authentica habenda sit, immutescat; statuit, & declarat, ut hæc ipsa Vetus, & Vulgata Editio, quæ longo tot sæculorum usu probata est, in publicis disputationibus, lectionibus, prædicationibus pro authentica habeatur; & ut nemo eam rejicere quovis prætextu audeat.* E he sabido entre os Jurisconsultos, que *Authenticum* val o mesmo, que *ipsium originale diploma*, cui fides est adhibenda. Com esta resoluçaõ se oppoz o Concilio ao depravado intento dos Hereges, que procuravaõ diminuir o crédito desta Versaõ, para mais facilmente introduzirem as suas viciadas; como tambem, para que servisse aos Catholicos de escudo contra as heresias, como notou *Graveson*. (15) E posto que com a sobredita declaraçaõ não intentasse o Concilio deprimir a authoridade das fontes Grega, e Hebréa, que não estivessem viciadas; o que contra

N 2

a impos-

(15) Graveson tract. de Script. Sacra s. 6.

a impostura dos Hereges advertio Bellarm. (16) tambem nenhuma, das que actualmente correm, declarou por authentica.

Naõ contém esta *Vulgata* erro algum pertencente á Fé, ou costumes, como notou Graveson citado pag. 149, onde desfaz os argumentos dos Hereges, e conclue com estas palavras: *Ad ultimum respondeo: Editionem nostram Vulgatam, post varias correctiones diversis temporibus à Summis Pontificibus Pio IV. S. Pio V. Sixto V. & Clemente VIII. summis laboribus, & vigiliis adornatas, repurgatam fuisse ab omnibus mendis, quæ antehac in eam irrepserant. Unde persuasum nobis esse debet, Editionem nostram Vulgatam à Summis Pontificibus summo studio castigatam in omnibus exactam esse, primigeniis textibus consonam, nullumquæ continere errorem, qui fidei, & moribus perniciosus sit.* O P. Tirino diz: (17) *Latina vetus Vulgata Bibliorum editio (et si reclamant omnes nostri temporis hæretici) per omnia est authentica, sincera, & infallibilis fidei, non tantum quoad dogmata, & mores (e he o principal) sed etiam quoad rerum gestarum historiam.* Melchior Cano (18) diz, que a *Vulgata* se deve preferir aos Textos Hebréo, e Grego; porque a *Vulgata* he certamente correcta, o que se duvida hoje das mais. E muitos Theologos assentaõ, que se naõ deve recorrer aos Textos Gregos, e Hebrêos, fundados na mesma razaõ; nem Graveson nega a preferencia da *Vulgata*, e a confessa no Tratado já allegado pag. 153. §. *Arguitur tertio, & seq.*

Pelo contrario, do Texto Hebraico diz o doutissimo Tirino: (19) *Textum Bibliorum Hebraicum,*

[16] Bellarm. l. 2. de Verbo Dei. [17] P. Tirin. Controv. 2.º n. 2. [18] Melch. Canus lib. 2. cap. 14. de Locis. (19) Tirin. in Controv. citata n. 3.



cum; quem Lutherani, & Calvinistæ purum, & limpidum fontem appellant, non paucis locis depravatum esse, partim injuriâ temporum, partim inscitâ, vel oscitantâ typographorum, partim incuriâ, vel nequitâ Rabbinorum in odium Christi, & Christianorum, suis hinc indè locis ostendi. E alêm dos lugares, a que se remette, aqui aponta varios erros, como v.g. No Ps.21.v.17. pro Caru, id est, foderunt manus meas, jam est in Hebræo Ca-ari, id est, sicut Leo sunt manus meæ. No Ps.18. v. 5. pro In omnem terram exivit Kolam, id est, sonus eorum; quomodò & Septuagintâ Legunt, & S. Paulus ad Rom. 10. v. 18. Jam in Hebræo est Kavam, id est, perpendiculum eorum. Em Zachar. 9. v.9. pro Moschach, id est, Salvator; ut verterunt etiam Septuaginta, & Chaldæus, jam legitur Noschac, ut verteretur Salvatus; e outros muitos, que se pôdem vêr no lugar citado de Tirino.

O mesmo vicio se acha na Versaõ dos Setenta, como mostra o mesmo Tirino n. 6. Idem evenisse *Versióni Septuaginta Interpretum pluribus exemplis demonstrat S. Hieronymus*, addens tantam esse varietatem Exemplarium, quantam Codicum, que dum Origenes voluit corrigere, corrumpit magis. Et quavis jussu Sixti V. jam correctior prodierit, nondum tamen omninò correctam constat ex Genes. 5. ubi Muthusalem tam senex inducitur, ut quatuordecim annis post diluvium superfuerit; cum tamen certum sit, eum in Arcâ non fuisse, & omnibus penè numeris annorum, qui in Scripturâ tot locis occurrunt, toto cœlo dissident Septuagintâ ab Hebræo, & Latino, & Chaldæo, & Syriaco textu, v. g. Jonæ 3. ubi illi habent: *Adhuc quadraginta dies: in Septuagintâ est: Adhuc tres dies, & Ninive subvertetur, &c.* Do texto Grego diz o mesmo Tirino n. 7. *Græcus textus novi Testamenti non adeò corruptus est,*  
nec

*nec tamen omnino purus ( & si id jactent Lutherani , & Calvinistae ) est autem corruptus hinc inde , vel inscitia amanuensium , vel negligentia typographorum : e logo aponta varios erros , como na 1. Epist. ad Cor. 15. v. 51. aonde a Versaõ Latina tem : Omnes quidem resurgemus , sed non omnes immutabimur ; lê o Grego , e Syriaco : Non omnes dormiemus , sed omnes immutabimur. Na 1. Petr. 2. v. 23 lê o Latino : Tradidit autem judicanti se injuste ; e o Grego : Tradidit autem judicanti juste ; e outros muitos , que se pôdem ver no lugar citado. No num. 8. diz , que a Versaõ Chaldaica ( feita quarenta e dous annos antes da Vinda de Christo ) que mais he Paraphrasis , que Versaõ : Scatet Judaicis fabulis , & Talmudistarum nugis , & aliis erroribus , qui passim legenti occurrunt.*

Naõ contentes os Latinos com todas estas diligencias , muitos delles eruditos nas linguas Grega , e Hebréa , compuzeraõ doutissimos Cõmentarios , e explicaçoens de tudo , quanto se pode de-sejar , para intelligencia de qualquer lugar , ou palavra da *Escuritura Sagrada* , tanto do Velho , como do Novo Testamento ; e saõ em tanto numero , que delles se fórmaõ livrarias inteiras , parte dos quaes se pôdem ver em *Calmet*. De todo este discurso se segue com evidencia , que posto seja de muita estimaçaõ o estudo das linguas Grega , e Hebraica ( e que por naõ se acabar entre os Latinos , pela pouca necessidade , que já della tem , o recõmendasse o Concilio Viennense ) com tudo sem elle podemos entender , e explicar os Textos da *Escuritura* , tendo-a exactamente traduzida em Latim. Santo *Agostinho* , insigne Doutor da Igreja , foy hum grande *Escurituario* , e doutissimamente confutou os *Manichéus* , *Donatistas* , *Arrianos* , *Priscillianistas* , *Pelagianos* , e *Semipelagianos* , valendo-se sempre

pre da Versaõ Latina, e não sabia as linguas Orientaes, como notou *Bellarmino*. (20) E he sem duvida, que muitos dos doutissimos Escolasticos antigos, e ainda Santos Padres, não sabião estas linguas; pois a Hebraica hum unico *S. Jeronymo* a possuio, e muito poucos a Grega: *Quoniam iudicium* (escreveo hum Sabio) *non dicam de scholasticis scriptoribus, sed de ipsis SS. PP. ferendum sit, qui omnes, præter Hieronymum, Hebraicis litteris caruerunt; multi verò etiam Græcis.* (21) He verdade esta tão indubitavel, que achando-se no Concilio Arimin. quatrocentos Bispos Catholicos, nenhum delles sabia a lingua Grega, como diz *Rufino* allegado por *Bellarmino*. (22) E o mesmo diz aqui, fallando da lingua Hebréa: *In Conciliis Generalibus Ecclesiæ aut paucissimi, aut interdum nulli inveniuntur linguæ Hebraicæ periti; concluindo doutissimamente: Male igitur provisum esset Ecclesiæ, si in rebus gravibus non posset fidere Latine Editioni, sed debet recurrere ad Hebraicos Codices, & mendicare à Rabbis hostibus suis veritatem.* Certo, que não diz isto *Bellarmino* por inveja, como o Critico, sem fundamento algum, diz do *P. Arsenio*; porque este Eminentissimo era douto nas duas linguas, como se mostra dos seus livros. O *P. Vieira* tambem não as sabia, e era doutissimo nas Escrituras, como vemos nos seus; e melhor se conheceria, se sahisse a luz o celebrado *Clavis Prophetarum*, do qual daremos hum sufficiente resumo. Daqui se inferem as consequencias seguintes.

I. *In fidei, ac morum disputatione non esse nunc temporis ad Hebraica, Græcæ Exemplaria provocandum, nec ex iis certam controversiarum fidem esse*

[20] *Bellarmino*. de Rom. Pont. tom. 1. c. 10. §. Addo. [21] *Facioli*. disput. 7. ad Sacram Script. Vulgat. pag. 516. (22) *Bellarmino*. cap. 9. de Verbo Dei. pag. 94. §. Quarto.

*esse faciendam.* (23) II. *In his, quæ ad fidem, & morcs pertinent, non esse Latina Exemplaria per Hebraica, vel Græca corrigenda* (24) III. *Modo cum Exemplarium Latinorum una apud omnes concordia sit, potius Græca, (& Hebraica) variantia per nostram Latinam Editionem sunt limanda, atque in pristinam unitatem reducenda: saniorisque Consilii est limpidam aquam è lacunulis defæcatis, quam ex turbato fonte liquorem obscurum bibere.* (25) IV. Que não he necessario aprender estas linguas para entender as palavras Gregas, e Hebréas, que aponta o Critico, e muitas mais, que podia apontar; porque com o trabalho de poucos minutos se achão explicadas nos AA. Latinos. E para prova, de que tudo se acha nos livros Latinos, eu, que não sey Hebraico, nem Grego, lhe quero dizer a sua significação.

*Paralipomenon*, voz Grega, no Hebraico, *Dibrejajam*, id est, *Verba dicrum*, seu *Chronicon*; e em Latim, *Supplementum*: he hum gentivo do plural, que val tanto, como *Prætermissorum*; por ser hum Supplemento historico, por modo de Ephemerides, do que se omittio nos quatro livros dos *Reys*: ou Epitome das acçoens mais nobres, e successos mais notaveis, escrito por *Esdras*, (alguns lhes assinaõ por AA. os Profétas daquelles tempos) que os copiou dos publicos Annaes, e Diários. São dous livros: o primeiro em 29. capitulos; o segundo em 36: referem, como em compendio, toda a historia desde *Adam* até o fim do Cativo de *Babylonia*. *Genesis* Græc., id est, *Origo*: Hebr. *Be-rese'er*, id est, *In principio*: he o mesmo, que *Origem*; porque trata da geração, isto he, da Creação do Mundo, e do Homem, narrando os seus pro-

(23) Can. de Locis lib. 2. cap. 13. pag mihi 53. (24) Idem ibi. (25) Idem ib. cit. c. 14. pag 60.



progressos, e o maravilhoso governo de Deos até a morte de *Joseph* no Egypto; o que tudo compoem o período de quasi dous mil e quatrocentos annos. He *Moyſes* o seu A., como tambem dos quatro seguintes livros, que se dizem Græc. *Pentateucum*, h. *Quintuplex*, Hebr. *Tbora*, seu *Legem*: por quanto a Ley, dada no Sinay, he a parte precippua desses cinco livros. *Exodus*, Latine *Exitus*, Hebr. *Veele Semoth*, h. *Et hæc nomina*: val o mesmo, que *sabida*, ou *exitu*. Trata do egreslo de *Moyſes*, e dos Hebrêos do Egypto para a terra promettida de *Canaan*; e comprehende em 40. capitulos a Historia do *Genesis*, desde a morte de *Joseph* até o anno, em que foy erecto o Tabernáculo: o que constitúe o período de quarenta e seis annos. *Deuteronomium* nome Grego; Hebr. *El-lebadebarin*, id est, *Hæc sunt verba*: Lat. *Lex secunda*: altera *Lex*. Chama-se segunda Ley: não porque seja Ley nova, e diversa da que, trinta e oito annos antes, havia dado Deos a *Moyſes* no monte Sinay; mas repetição da mesma Ley, e explicação della, feita de novo, e participada nas campanhas de Moáb junto ao Jordão defronte de Jericó, em o anno do Mundo 2584, aos filhos daquelles Israelitas, que depois da primeira promulgação acabaraõ no deserto; pois era conveniente, que antes de falecer *Moyſes* o Pay do povo Hebréo não a ignorasse o mesmo povo; e assim na realidade he a mesma Ley, exposta nos tres livros precedentes, *Exodo*, *Levitico*, e *Numeros*: e porisso o *Deuteronomio* se diz tambem *Iteratio Legis*. *Evangelium* he o mesmo, que *Fausta Annuntiatio*, *Bonum Nuntium*; porque nos dá a noticia da vinda do Messias promettido aos Patriarcas; deduzida a etymologia da voz Hebraica, *Eban*, que significa *petra*, e *Gbelion*, id est, manifesta: *Quia in Evangelio generi humano propagatur*

*latur Verus Messias, qui fuit angularis Lapis à perfidâ Synagogâ reprobatus.* He sentença de todos com Joaõ Baptista Jonas, que assim interpréta a palavra: *Evangelium contrà quendam improbum Rabbium, qui Evangelion, id est, manifestam offensam dolosè interpretaverat.* Tambem significa a Prêgação, e Missão, como se deixa ver do cap. 16. da Epist. ad Rom. *Gratia Domini Nostri JESU Christi cum omnibus vobis. Amèn. Hi autem, qui potens est vos confirmare juxtâ evangelium meum, & prædicationem.* E na mesma Epist. *Sed contrà cum vidissem, quòd creditum est mihi evangelium præputii, sicut & Petro circumcisionis. Emmanuel interpréta-se Nobiscum Deus; e tambem Verbum carne vestitum. Apocalypsis he Revelatio, seu Occultorum patefactio. Homousion significa Consubstancial, isto he, da mesma substancia: pelo contrario, Homœusion he o mesmo, que Semelhante na substancia; donde veyo a contenda entre os Gregos, e Latinos: estes dizendo, que o Filho era Consubstancial ao Pay; e aquelles dizendo hereticamente, que sómente era Semelhante. E como o Critico he taõ douto no Grego, escreva com H estas duas palavras. Hypostasis he o mesmo, que Subsistencia. Theotocos significa Mãe de Deos, de cuja verdade se tratou no Conc. Ephes., em que presidio, como Legado do Summo Pontifice, S. Cyrillo Patriarca Alexandrino; declarando esta verdade contra Nestorio, que só queria, se desle á Scnhora o nome de Cbristipara, e não o de Deipara.*

Ouçamos ainda o Critico sobre o mil vezes necessario estudo das linguas Orientaes. Diz elle a pag. 45. da sua Reposta: *Frequentemente na lingua Hebraica hum ponto, ou suffixo, ou letra servil, tira muitas duvidas. (assim he) v.g. se o primeiro homem foy sepultado em Hebron; se o diabo tomou verdadeiro corpo de serpente, &c. Não,*  
R. Fr.

R. Fr. *Barbadinho*; para nos expedirmos de semelhantes duvidas, ou incertezas, não ha necessidade alguma do idioma Hebraico. Principiemos pela questão da serpente. Do Texto da *Vulgata* consta, fora verdadeira, a que tentou a nossos primeiros Pays no Paraíso: *Serpens erat callidior cunctis animalibus* (26) He sentença de todos os PP., exceptuados *Cyrillo*, e *Eugubio*: *Verum hunc fuisse serpentem, in quem naturâ suâ callidum, & vasum vaser diabolus congruè ingressus, in ejus ore, quasi in organo, certâ ratione moto, colliso, & modulato vocem humanam, ut potuit, effinxit.* (27) Agora para sabermos a especie, ou qualidade da tal serpente, isto he, se serpente enroscada, tortuosa, toda complicada em gyros, e industriosa em dissimulados circuitos; util, e muy proporcionado pôde ser o Texto Hebraico, que assim a pinta: *Serpens erat in multas spiras, & gyros complicatus, & involutus.* Vamos já ao lugar do sepulcro de *Adão*. Mas, para o sabermos, nenhum soccorro pôde adoperarmos o Hebrêo; porque não ha Texto Canonico, que o declare. He mera Tradição, que o primeiro homem fora em *Hebrón* sepultado: *Traditio est, Adam sepultum esse in Hebron.* (28) E Vósade, como doutissimo, não ignora, que *Ad Traditionem... hoc tantum requiritur, ut non sit scripta in aliquo libro Canonico.* (29) Nem presuma convencer-nos com o Texto ao cap. 14. v. 15. do livro de *Josué*; pois delle não se prova, que a sepultura de *Adam* fosse em *Hebron*. Eu transcrevo já o texto da *Vulgata*: *Nomen Hebron antè vocabatur Cariath-Arbe: Adam maximus ibi inter Enacim situs est.* E tambem do original Hebraico: *Hebron antea vocata est Chariath-Arbè, is homo maximus fuerat inter Enacim.*

O 2

E cui-

[16] Genes. cap. 3. v. 1. [27] Alap. híc. (28) Idem in Genes. cap. 3. v. 1. [29] Pikler 1. part. Theol. Polem. de Tradit. §. 1.

E cuida S. P., que este homem maximo, este chamado *Adam*, foy *Adam*, o primeiro Pay, e Progenitor do genero humano? Naõ, P, R. Foy *Arbe*, pay de *Enac*, ou *Enacim*, de quem procedeo a desmarcada familia dos Gigantes: *Arbe*, homem maximo na proceridade, e vastidaõ do corpo, maximo no imperio, na dignidade, e em façanhas gloriosas. Homem taõ dignamente maximo teve o nome de *Adaõ*, naõ como proprio, mas por singular antonomasia; e em *Hebron* estabeleceo o throno, e elegeo o sepulcro: *Autonomaslicè cognominatus est Adam, quia homo erat maximus inter gigantes, ac in Hebron sibi sedem, sepulchrumque delegerat.* (30) Assentemos pois, Reverendissimo, que só por Tradição, e naõ por Texto algum do original Hebraico, se pôde entender, que o primeiro homem teve em *Hebron* o seu sepulcro. Naõ ignoro, que alguns com *Origens*, e os Santos *Epiphanio*, e *Ambrosio* escreveraõ, que *Adam* fora sepultado no *Calvario*; porêm *Favorabilis opinio, & mulcens aurem populi, nec tamen vera.* (31) Tanto naõ está pela opiniaõ o Jesuita *Briécio*, que de todo, e com muito boa gente, lhe nega o credito, dizendo: *Non credo, nec mecum credunt Patres enunctæ naris, & qui id scripsere, in fraudem induci videntur: nequè semper cum magnis viris falli lubet.* (32) Finalmente, ou havemos de estar neste ponto pela Tradição; ou resolver com o insigne *Calmet*, que *Primorum parentum sepulchrum ignoratur.* (33) Para texto Canonico, ainda no Hebraico, falta todo o recurso.

Segue-se V. Que bem se pôdem convencer os Hereges com os Textos da *Vulgata* juntos com

os

(30) Alap. ad cap. 14. Jos. (31) D. Hieron. in cap. 27. Mat:  
[32] Brietius ad an. Mundi 930. (33) Calmet Dictionar. Historic. verb. Adam.



os argumentos ; que trazem os Dogmaticos, se elles quizerem abrir os olhos á verdade : e a razão, porque recorrem aos Textos Gregos, e Hebrêos, he, porque tem esles Textos viciados; como fizeram ás Biblias Latinas, e se vê nas varias impressões, que dellas fez Luthéro. VI. Que não tem razão o *Critico* para pedir, que lhe mostrem Bula, que tire a authoridade aos Textos Originaes Grego, e Hebrêo ; porque não se lhe nega a authoridade, não estando viciados : e como sabemos, que a *Vulgata* he correcta, a devemos preferir. VII. Dizer mal o *Critico*, que *argumentandolhe com a intelligencia v. g. das profecias de Daniel, pôde dizer, que não quer ouvir a Versão, mas o texto* ; porque, além de que a *Vulgata* he texto infallivel, fica desobedecendo ao Decreto do Tridentino allegado na *Sess. 4. In disputationibus... nemo eam quovis prætextu rejicere audeat*. Lêa por curiosidade a Epistola de S. Leão Papa ad *Flavianum* contra a heresia de Eutyches, e admirará a grande quantidade de textos, que allega o Santo, e todos da Versão Latina. Julgou este grande Pontifice, que elles bastavaõ para confundir o Herege; e não basta ao *Critico* para a intelligencia do Texto de *Daniel*, explicado por tantos, e tão insignes Doutores, que nos ensinaõ a sua genuina explicação.

Nenhuma attenção merece a authoridade, que allega, do Portuguez *Payva*, em quanto diz, que a *Vulgata* tem muitas faltas; quando o Tridentino, tantos Pontifices, e graves Theologos affirmam o contrario, como tenho provado. E que argumento faz contra o *P. Arsenio* em lhe dizer, que a Sagrada Religião da Companhia teve, e tem homens eminentes nas linguas Orientaes? Quem lhe nega isso? O ponto he não sair fóra da questão.

## CII

taõ. Consiste esta em dizer, que sem Grego, e Hebréo se póde saber Theologia Dogmatica, e entender a Elcritura, estudando pelos AA. Latinos: isto he que devia impugnar o *Critico* com bons argumentos, se os tivesse; e he o que não faz. E na verdade se não nos bastaõ as explicaçoens de tantos, e taõ eruditos AA., de que serve para nós o seu trabalho? Elcusado seria sahirem a luz com os seus livros, se não podemos aproveitar-nos delles, e ficamos obrigados a recorrer ás mesmas fontes, de que elles tiraraõ a verdadeira intelligencia dos Textos; não lhes dando credito á sua authoridade, como se fossem apócrifos, ou novelistas.

Se a *Vulgata*, ainda depois de taõ exactas correçoës, tem erros, e não nos podemos fiar della, enganou-nos o Tridentino, quando a declarou por authentica, e ordenou, que nos servissemos della para as disputas! Se tem erros, para que a manda a Igreja ler nas Missas, e Officios Divinos? Para que a allega constantemente contra os Hereges? He possível, que houvesse de dispor Deos com altíssima Providencia, que o throno da sua Igreja fosse estabelecido no meyo do Lacio: que seja Latino o seu Prelado Supremo; que sejaõ Latinas as Leys, e as Constituiçoens; Latinos os Ritos, e as officiaturas dos Sacrificios; Latinas as preces; e que os livros Sagrados, de que dimanou a nossa Fé, e nos quaes se funda inalteravel a verdade da Religiaõ, que professamos, estejaõ dependentes dos idiomas Grego, e Hebraico; e que os textos da Biblia nesles idiomas sejaõ, os que nos hajaõ de firmar no credito das Divinas verdades, e de forte, que sem o recurso a ellas, nem saibamos de todo crer, nem nos poslamos invencivelmente defender! Fatal necessidade a nossa! Escandalizado dos que assim desprezaõ a *Vulgata*, querendo persuadir, como

### III

mo necessariamente impreterivel, o estudo das Escrituras naquellas linguas para a explicação dos Mysterios da nossa Religião, declamou o erudito Facciolato: *Equidem non intelligo, qui fieri potuerit, ut Deus Optimus Máximus in medio Latio Religionis sedem constituerit, nec ad ejus mysteria explicanda Latinas litteras esse satis. Latinus igitur erit, supremus Religionis Antistes, atque Interpres, Latine ejus Constitutiones, Latine sacrificiorum formulæ, Latine preces; liber verò ille, unde hæc omnia fluxerunt, per quem maximè constant, ad quem unum, tamquam ad lapidem Lydium, exigenda sunt, intelligi ex toto non poterit, nisi ad Græcos, & Hebræos confugerimus?* (34) Reconheço, que se não deve de todo deixar o estudo das linguas Santas; porque serve, e póde servir ao menos para erudição, e muito principalmente para não haver entre os Latinos ignorancia daquellas linguas; mas necessario, e preciso, como S. P. inculca, isto não. O P. Canisio, homem doutissimo, compoz hum admiravel Catecismo da Doutrina Christã, para instruir os Fieis em Alemanha no tempo, em que estavaõ mais estendidas as heresias de Luthéro, e Calvino, e contentou-se com allegar os textos da *Vulgata*. Segue-se finalmente, que *bem podemos confundir os Hereges sem saber estas linguas, em que elles se fundaõ, se quizerem attender á verdade; e se não quizerem, nada fazem as linguas para reduzir coraçoes obstinados.* A lingua Grega, e Hebréa he inutil para a conversão dos Gentes da Asia, onde não ha noticia dellas; e he preciso aos Missionarios aprender a sua lingua, como cada hum faz naquelle Reyno, para onde o levou o seu zelo, ou seja China, ou Mogol, ou Malabar; e com tanta perfeição, que muitos tem  
nellas

[34] Facciol. disp. 6. ad Sac. Script. Vulgatam. pag. 516.

nellas publicado, e composto livros para a redução dos intieis, como fez em Ethiopia o seu Veneravel Patriarca Affonso Mendes, André Gualdames, e Antonio Fernandes, Jesuitas. Em Japão o P. Cosme de Magalhaes; na China o famolo P. Matheus Ricio. Na lingua Tamulica o P. Manoel Martins; na Malabárica o P. Henrique Henriques, e muitos outros, todos Jesuitas.

Aqui entra agora hum caso, que diz o *Critico*, aconteeo no anno de 1732 (grande memoria!) a huns Jesuitas, que vindo das Ilhas, arribaraõ a Gibraltar. Eu não creyo na arribação, porque as nossas Ilhas estaõ no Oceano, e Gibraltar no Estreito, e parece incrivel; mas passe tudo. O caso he, que os Padres fallando com hum Predicante Inglez em hum ponto Theologico, este allegou hum Santo Padre em Grego; e escusando-se os Padres, por não saberem Grego, o Inglez exclamou: *Miror, Jesuitæ cum sitis, ignorētis linguam Græcam*; e que por fim da historia confessaraõ os Padres, que o Predicante tinha razão: *porque a lingua Grega era muito necessaria em tudo*. Eu ainda que dou, que tal couza succedesse, de que os Jesuitas me não daõ noticia, nego de todo o coração, que dêsem tal resposta, *muito necessaria em tudo*. Para consolação destes Padres, por não saberem Grego, se lembrem, como fica insinuado, que *Santo Agostinho*, muitos Theologos de alto bordo, todos os Bispos Catholicos do Concilio Ariminense, e muitos outros, que assistiraõ em Concilios Geraes, tambem não sabiaõ as linguas Orientaes, e nem porisso perderaõ a estimação. Tambem digo, que o Herege devia allegar o Santo Padre em Latim para mostrar a sua razão; porque em Grego estaria viciado, como fazem á Escriptura.

Allega tambem o *Critico* outro caso do  
Malabar,



Allega tambem o Critico outro caso do Malabar, para onde o Reverendissimo Geral da Companhia convidava Alemaens, para se opporem aos Predicantes Dinamarquezes, que ensinavaõ as suas heresias no porto de Trankbar; por quanto (diz elle) em huma disputa se viraõ envergonhados, porque os hereges citáraõ a Escriitura, Tradiçaõ, Historia, e SS. PP. na Lingua, em que escreveraõ, Grega, Hebraica, Syriaca, &c. as quaes elles ignoravaõ; e que por essa causa acudio o Geral da Companhia a este danno, mandando, quem foubesse aquellas linguas. *Sit fides pènes auctorem*; pois me seguraõ, que muitos desses Alemaes, ou quasi todos, ignoravaõ as linguas Orientaes; e conclue: *E aqui tendes, que na mesma India, he mil vezes necessario o estudo das linguas Orientaes, e da Theologia dogmatica, e que a Escholastica nada val.* E tera o Critico Logica, para tirar deste caso por consequencia, que o estudo das linguas Orientaes he necessario para saber Theologia dogmatica? Para se ver a insufficiencia da tal consequencia, finjamos, que os mais sabios Malabares desafiávaõ para humas disputas aos taes Dinamarquezes, e lhes citavaõ a sua Tradiçaõ, Historia dos seus Deoses, e AA. da sua Seita, e tudo na sua lingua Malabarica: escuzavaõ-se os Predicantes dizendo, que não sabiaõ aquella lingua; seria bem tirada esta consequencia? *Aqui tendes, que a lingua do Malabar he necessaria para saber Theologia dogmatica.* E se na disputa entrasse hum China, cuja lingua ignoraõ os Dinamarquezes, tinhamos a mesma consequencia: a lingua Sinica he necessaria para saber Theologia dogmatica. A consequencia legitima, que se pôde tirar daquelle caso he, que para satisfazer aos taes hereges na disputa era necessaria a noticia daquellas linguas; visto elles maliciosamente não que-

P

rerem

rerem ouvir a lingua Latina ; mas que as taes linguas sejam necessarias para a dogmatica , não se prova ; quando todas as Controversias andão tratadas doutrinalmente na lingua Latina por milhares de Authores , ( em que entraõ 283 da Religião da Companhia ) que sabião muito mais , que os Predicantes Dinamarquezes. Nem tambem se segue do caso aquella consequencia. *A Escholastica não val nada* , quando pôde servir para soltar muitas questões , e argumentos *à ratione* , que em varias materias se pôdem ventilar , como em seu lugar direy.

Nesta mesma disputa , se foy certa , ( do que muito duvido ; pois nas *Cartas de Edificação* , que se imprimirão , e continuão a imprimir-se nesta Corte , se lêem factos bem contrarios , e se observa a grande industria , com que esses Dinamarquezes Pseudo-Missionarios procuraõ não se encontrar com os Religiosissimos Missionarios da Companhia ) se descobre a malicia dos Hereges ; porque sabendo Latim , fogem da *Vulgata* , e obras Latinas dos Santos Padres , recorrendo aos Textos Grego , e Hebréo , que os terãõ taõ viciados , como tem feito á Biblia Latina , impressa por intervenção de Luthéro , e outros Hereges seus confederados : porém nisto mesmo daõ a conhecer o seu animo obstinado , e que , *qui malè agit , odit lucem* ; e se quizerem com animo sincero averiguar a verdade , não falta entre os Missionarios Portuguezes , quem lha declare. Para dizer o que entendo da historia , he , que tal desafio para disputa não houve ; mas porque os Missionarios , que trabalhão naquella Reyno , são poucos , e os Hereges nas terras maritimas semeão as suas heresias , foy necessario multiplicar os Obreiros , procurando-os de outras Provincias , como sempre se observou ; porque a de Portugal não pôde acudir ás quatro Provincias ,  
que

que a Religião tem na Ásia, além das duas da América; e para acudir ao Malabar, bem era, que fossem Religiosos adiantados nos estudos: da mesma sorte, que se mandaõ para a China fugeitos, que além das Theologias, saibaõ Mathematicas; e tambem outros insignes em Pintura, e hábeis no uso de instrumentos musicos, para com este pretexto serem admittidos naquelle grande Imperio, e nelle pré-garem a Fé Catholica.

Para confirmação do que tenho dito ácerca das linguas Orientaes, faço huma observação no que diz o *Critico* na sua *Resposta* pag. 14. Aqui refere, que os Missionarios na China, e Malabar tinhaõ unido os ritos idolátricos com os Catholicos: (naõ sey, como naõ disse, que se tinhaõ passado ao Gentilismo) e que finalmente o Papa os prohibio, e declarou por supersticiosos. Isto supposto: quizera me dissesse, como soube o Papa, serem aquelles ritos supersticiosos, e aquellas palavras Sinicas significativas de idolatría. He certo, que para a decisaõ da causa, naõ aprendeo a lingua Malabárica, e Sinica. Estou vendo, que ha de dizer, que para isso teve exactas informações de pessoas, que lá mandou; e que estes lhe explicaraõ os pontos em Latim, ou Italiano, averiguando a genuina significação das palavras, e ritos accusados. Assim foy. Agora o meu argumento. Para S. Santidade dar sentença prohibitiva daquelles ritos, naõ lhe foy necessaria a noticia das taes linguas, e isto havendo de ser o Juiz da causa; julgando, que para a decisaõ bastavaõ os Interpretes, que os explicaraõ. E porque naõ nos bastaráõ os Interpretes da Escritura, e as suas Versões Latinas, para nos capacitarmos da intelligencia dos seus Textos? He certo, que os Interpretes daquellas palavras Sinicas naõ eraõ mais eminentes na tal lingua; e sem

duvida ; que nem tanto , como os AA. da Versaõ Italica , e como os muitos , e doutissimos Interpretes da Escritura ; e muito mais sabia da lingua Grega , e Hebraica S. *Jeronymo* , de que usou para a *Vulgata* , do que os taes Interpretes Sinicos , e Malabáricos. Segue-se daqui , que , sem nos valermos das fontes Grega , e Hebraica , temos tudo , o que se póde desejar , para sabermos a Theologia Dogmatica , e alcançarmos o sentido das Escrituras ; quando não são tão enigmaticas , como o Apocalypse , e alguns lugares dos Profetas , que até aqui se não tem decifrado , nem para os decifrar basta o Grego , ou Hebreo.

### Conclusão do Capitulo V.

**P**Or fim deste capitulo , em que fallámos das Linguas , e principalmente da Latina , direy o que adverti nas *cartas* , em que o *Critico* trata da Grammatica , e Latinidade. Na primeira diz , que deve a Grammatica compor-se na Lingua Portugueza para uso das nossas escolas. O contrario se vê nas muitas Grammaticas impressas , sem ser a de *Manoel Alvares* , como a de *Borrighio* , *Scioppio* , *Brocense* , *Vossio* , *Vargas* , *Limen Grammaticum* , e outras mais , o que tudo se convence com o uso comum , e experiencia. A conjugação dos verbos he necessario seja com a lingua patria , v. g. *Portugueza* : para o mais ha todo o preciso subsidio em *vulgar* , ao que ajuda a explicação do Mestre , costumando logo os rapazes ao uso da lingua Latina. Diz mais , que quem affirma serem os versos uteis para se conservarem na memoria , dá razão pueril. Com esta sentença condena o que vemos usado em varias materias por homens doutissimos ;  
e o



e o que mais he , pelo fenhor Mestre *Gaspar Scioppio* na sua *Grammatica Philosophica* , em o titulo *Discipuli officium*. II. *Discet versus Sanctii de genere nominum* , deque *Dedicationibus* , ut & probe eos intelligat , & memoria contineat. VI. *Ediscet Alvari versus de Verborum Præteritis* , & *Supinis*. VII. *Ediscet ejusdem versus de Syllabarum quantitate*. Meu R. *Barbadinho* , não dá razão pueril , quem dá a razão que vos assignou nas suas *Reflexoens* o Fr. *Arsenio*. He razão de todos , os que pôdem falar na materia , e que nella tem voto.

Ouví mais. Para não esquecerem os nomes dos Signos Celestes , se puzeraõ em verso , *Scit Aries , Taurus , Gemini &c.* Para os impedimentos do matrimonio *Error , conditio &c.* Para saber as occasioens , em que podemos cõmunicar com os ex-cõmungados , *Utile , Lex , Humile &c.* Quando não podemos cõmunicar com os mesmos , *Os , Orare , vale &c.* Para nos lembrarmos das obras , pelas quaes se perdoaõ os Veniaes , *Orans , Tinctus , Edens , &c.* Para a restituição *Jussio , Consilium , Consensus &c.* E o mesmo em outras materias; cada hum o experimenta em si mesmo , que mais facilmente se lembra de hum verso de *Virgilio* , que de hum periodo de *Cicero*. Diz que os versos do P. *Manoel Alvares* saõ embrulhados : os dos Generos , e Preteritos se não pôdem ordenar melhor , unindo nelles os nomes , que se exceptuaõ das regras. Eu não sou o Juiz , que assim o declare ; por competente reconheço a *Scioppio* , e nem V. P. , como taõ parcial , o deve recuzar. Ouça a Sentença , que he elogio do Portuguez *Alvares* : *Omnes has regulas centum & septuaginta versibus hexametris feliciter complexus est Emmanuel Alvares è Societate Jesu , quos ex ejus Grammaticâ pueros petere , memoriæque mandare suadco.* (35) Os versos da Sylla-

syllaba do P. *Alvares* são tanto da approvaçãõ , e ainda admiraçãõ do mesmo *Scioppio* , que recomenda o estudo , e uso delles , antepondo-os aos de seu Mestre *Francisco Sanches* ; os quaes confessa serem para elle de menor aceitação: *Onnem Proodiae Latinae rationem versibus quasi centum sexaginta idem Alvares explicuit , ut nihil præterea desulcrandum videatur. Magister meus Sanctius , & alii , qui eadem de re versis contexuere , ( repare , e admire-se ) minus mihi satisfaciunt. Ad Alvari ergo Acroasin adolescentem mitto , nec eos modo , quibus ingenium ad poeticam factum sortite obtigit , sed etiam quos sive inter legendum , sive in cedendo sermones , ignoratâ Syllabarium quantitate , ludibrium aliis debere pudet. Os mais versos , feitos pelo P. *Vellez* são elegantissimos , e por taes avaliados pelos que sabem , que couza he estilo poético. No livro *Synopsis Annal. Soc. Jesu in Lusitan.* pag. 174. se escreveo , fallando dos taes versos: *Omnia Grammaticæ præcepta conclusit versibus tam fluidis , nitidisque , ut in re nil peti absolutius possit. P. Emmanuel Pimenta , sui temporis præta insignis , aiebat , in re aridâ fieri non posse elegantiora carmina. E esta he a verdade , fallando sem a minima paixãõ. Tambem allega , que alguns Padres da Companhia lhe disserãõ , que o *Alvares* era diffuso , e confuso ; e que os principios de *Scioppio* eraõ claros , e certos. Não o creyo , salvo lho disserãõ por zombaria , nem he possível , que homens doutos cahissem em tal absurdo.**

Finalmente , deixando outros reparos , que não faltavaõ , diz ; que com o seu *Methodo* pôde segurar , se aprende mais Grammatica em hum anno , do que não sabem muitos , que a ensinaõ em trinta. Se fosse tão facil provalo , como he o dizelo , bem estava. Julga ( e com razãõ ) que depois de

sete

fete annos de *Manoel Alvares*, quem não lê os antigos Latinos, ou não passa para a Filosofia, onde a necessidade o obrigue a fallar a tal lingua, fica toda a vida ignorante. E ninguem julgo que duvidará dislo. O mesmo acontece aos que vão fóra do Reyno, e lá se demoraõ annos, que quando voltaõ, fallaõ mal Portuguez; e o mesmo danno sentirão os que seguirem o seu *Método*: tanto assim, que elle mesmo se vê obrigado a confessar que *em hum, e outro systema he verdade, que preceitos sem uso nada valem.*

Na carta 3 da Latinidade pag. 79. reprova o castigo, que os Mestres daõ aos discipulos, e suppoem ser tyrannico; porque diz que o mandão dár por defeitos, de que se não pôdem emendar. Mas he dito sem fundamento. Castigaõ os que não querem estudar, não dando conta das liçoens, nem do que já tem estudado; ou por faltarem á Missa, e por outras semelhantes culpas; e não he costume só de Portugal, mas dos mais Reynos: o castigo não he tal, que lhe faça danno, antes *beneficio*: *stultitia colligata est in corde pueri, & virga disciplinae fugabit eam... Si percusseris eum virga, non morietur.* (36) Aquella idade raras vezes se vence com affabilidade, e premios, mas he preciso que tenhaõ medo; como cada hum dos pays de familia o experimenta em sua casa, quando tem filhos de poucos annos. E se o *Critico* julga, que os rapazes se pôdem levar com brandura, e affabilidade, para que não fintaõ o minimo dissabor, acabe de persuadir ao amigo, ou amigos, que elle sabe, estaõ fazendo huma boa Arte de Grammatica, para que não dilatem o divulgála: que se *Ratherio* Bispo compoz no seculo decimo huma *Arte de Grammatica* com este titulo: *Serva dorsum*, para pou-

[36] Proverbior. cap. 12, & 23.

poupar os açoutes aos rapazes, como escreve *De Trefne* apud Musanc. *Ratperius Episcopus libellum suum de Arte Gram. inscripsit*: *Serva dorsum*: *quod puerorum dorsum servare possit à flagris*: a daquelles (e lho recômando) servirá para livrar os estudantes de chegarem á palmatoria: ponhaõ-lhe por titulo: *Serva manus*; e para se vender a tal *Arte*, não haverá mãos a medir. Será preciso, para que os livreiros a não imprimaõ, tirar logo privilegio Real; e não haja nisso descuido. E porque não usou de civis exprestões nas suas *cartas*, em que pretende o *magisterio universal*, e reformar os estudos da Nação? Devia tratála sem as injurias, que se achaõ nas suas *cartas*, e vaõ em parte apontadas, como justamente advertio o *P. Arsenio*; porque quem quer persuadir, deve procurar a conquista das vontades daquelles, a quem falla, ou escreve, como ensina a boa *Rhetorica*, e não escandalizalos com fatyras injuriozas.

Diz mais na mesma *carta*, que ainda hum estudante não sabe latim, quando já os Mestres lhe daõ hum thema em Portuguez para que o verta. Pois quando quer que lho dem? Quando elle já sabe, he escuzado; para que saiba, he que se lhe dá: para que use da *Grammatica latina*, vertendo o que está em Portuguez. Entra hum rapaz na classe infima, e aprendendo a declinar *Musa Musæ*, e *Sermo Sermonis*, he conveniente, que o mandem declinar *Poeta*, e *Lapis* v. g. para que aprenda a tirar huma declinaçãõ pela outra: o mesmo digo das conjugações dos verbos, e sabendo pela *Arte* a de *Docco*, se deve exercitar na de *Moneo*. Sabendo que *Do Das* pede accusativo da couza, e dativo da pessoa, he bem dar-lhe huma oraçãõ com outro verbo, que peça os mesmos casos, para que elle aprenda aplicar-lhe a mesma regra. Outra nota he, que  
nem



nem *Manoel Alvares*; nem *Bento Pereyra* enfim, a rigorosa differença, que ha nos verbos *Peto*; *Positum* &c. He verdade; e tambem a não ensinaõ os mais Grammaticos, onde o *Critico* não havia de achar essa differença; talvez a fosse bulcar ao *Callepino*, ou ao *Thefouro da lingua Latina*. Censura o costume de dar versos deatados aos estudantes, para que os acertem; e que lhe disserraõ ser a tal diligencia necessaria para a intelligencia da lingua Latina. Se alguem o disse, errou; porque não he esse o intento, mas para que saibaõ buscar a quantidade das syllabas, e unir com certeza os pés, que devem ter os versos: e se os rapazes (como insinua) forem rudes para versos, não os obrigaõ a essa diligencia; e se totalmente saõ incapazes de aprender Latim, devem os Mestres avizar os pays, para que lhe busquem outro emprego.

Na pag. 86 aconselha, que se ensine aos rapazes Geografia, Chronologia, Antiguidades, para formarem conceito dos Authores; e o uso da esfera armilar, para saberem a disposiçaõ do Ceo &c. Tudo isto he bom, mas para outro tempo, e não para fugeitos de pouca idade, que só pertendem entender meramente o Latim, para poderem passar para as Faculdades, que andaõ escritas na mesma lingua, e he o que querem seus pays. Na pag. 101 e 102 faz zombaria da construcção ao pé da letra daquelle verso Virgiliano: *At Regina gravi jam dudum saucia curá*. E que quando ouve a hum Mestre construir ao pé da letra, ensinando a hum rapaz, e dizendo: *Petrus* Pedro *amat* ama *Joannem* a João; assenta, que não sabe Latim. Não sey, de que premissas deduz essa consequencia? Tambem quando ouvir hum Mestre de lêr, e escrever, ensinando a hum menino a dizer A. B. C. e a outro ajudando a soletrar huma palavra, deve assentar consigo,

Q

que

que o tal Mestre não sabe ler; e será huma consequencia péssimamente deduzida. O que daquella construção devia inferir, he, que aquelle rapaz he principiante no Latim, e que por esta causa o vão ensinando com aquelle método; nem ha outro a proposito para ensinar a quem começa. Na pag. 107. quer, que só na ultima classe se falle Latim. Não concorda este preceito com o caso, que conta de *Montagne*, e o que tantas vezes repete, que com o uso se aprende muito esta lingua, como tambem qualquer outra. Finalmente, deixando outros reparos; reprehende (e sem razão) certas cartas, por não terem bom estylo; o que podia fazer sem declarar os nomes dos AA., o Con-  
felheiro F., o Marquez, e o Conde F.; que semelhante modo de allegar foy por todos os prudentes avaliado por incivil.

## C A P I T U L O VI.

### *Da Rhetorica.*

**P**Rincipia o *Critico* a sua *Resposta*, dizendo, que *Arsenio* começava a sua *Reflexão* com doutrinas escusadas: julgará, que só elle tem licença para as dar. Não são porém escusadas; porque querendo S. P. provar, que em Portugal se não sabe Rhetorica, diz, que *vio hum foyeito sem letras exprimir melhor o seu sentimento, que muitos Rhetoricos*. Para mostrar, que este exemplo nada fazia ao intento, respondeo, que havia duas castas de Rhetorica, e que a natural podia em huns vencer a artificial de outros; e esta solução he tão adequada, que não tem resposta. Concedeo *Arsenio*,  
nio,

nio, que entre os Prégadores havia muitos, que pouco se valiaõ da arte de fallar, e ufavaõ mal das suas regras; mas accrescentou, que o melino succederia nos outros Reynos, e que não era justo empurrar-nos todo o pannal. Diz o Critico, que não está desse accordo, e por força nolo quer empurrar todo; e sem razão, nem ainda tenuemente provavel. Que fóra do Reyno tambem haja bom, e máo, nenhum homem prudente o póde duvidar. Nem todos em Roma foraõ como *Cicero*, e *Virgilio*; nem todos em Grecia como *Demosthenes*, e *Homero*; nem todos em Italia como *Seneca*, e *Oliva*; nem todos em França como *Causino Bardaluc*, e outros de igual merito; porque se o fossem, seriaõ tambem celebradas as suas obras, e não ficariaõ sepultadas no esquecimento, sem sahirem a luz.

E para provar, que todos entre nós são máos Prégadores, devia mostrar, que não havia hum, que fosse bom; porque esta a verdadeira prova: *Omnes sunt mali: nullus ergo est bonus*. Tambem nada prova com a censura, que expende, de alguns; porque ainda concedendo, que naquelle lugar dissessem mal, e que *Vieyra* errasse nos seus lugares, e tambem nos Sermoës, que aponta; daqui não se prova, que nos outros Sermoës não dissessem bem; porque as Oraçoens são como as formadas, que nem todas sayem bem cozidas. Daqui se vê, que não diz bem em pedir, que lhe dê a diversa razão. De que lha haõ de dar? Porque concede, que alguns ufaõ pouco, ou nada dos preceitos da Rhetorica, temos obrigação de provar, que todos assim são? O mesmo Critico confessa, que conhece alguns, que estudaõ bem. Pois assim como elle, sendo forasteiro, conhece alguns, nós conhecemos outros, sem haver fundamento para

os lançar fóra da classe dos bons Prégadores.

Dizendo porém, que o cômum do Reyno préga muito mal, accrescenta, que pertencia ao *P. Arsenio mostrar a contraditoria, que o método cômum he optimo*. Diga-nos primeiro, em que Logica achou, ainda que seja daquelles, que intitula *mundo culto*, serem estas duas proposições contraditorias? Esta proposição: *O cômum do Reyno préga mal*, oppoem-se a esta: *Não préga mal*; e se fosse contraditoria, a que elle aponta, seguia-se, que huma só proposição podia ter duas contraditorias; o que he contra a regra dos Logicos: e para ver, que não são contraditorias, basta mostrar-lhe, que ambas pôdem ser verdadeiras. Supponhamos, que elle concede a primeira; e eu faço o mesmo: *O cômum do Reyno préga mal*. Venha a segunda: *O método cômum do Reyno he optimo*. Eu a concedo; e accrescento, que sendo optimo o método, não ha Prégador, que use bem d'elle, e porisso todos prégaõ mal. Eis aqui concedidas ambas, sem se ver nellas contradição. Deixados os termos, ponhamos a questão mais clara. Negou *Arsenio*, que em Portugal se prégue mal: não he obrigado a provar, que o método seja optimo; basta provar, que he bom, e no seu genero não cede ao de França, e Italia; e com isto já não fica em pé a difficuldade. E posto diga o *Critico*: *Todos, os que entendem a materia, se ficaõ rinda de vós*; eu posso inferir o mesmo, e applicar o vós ao *Critico*.

Se o *P. Arsenio* não quiz apontar os muitos do Reyno, que prégarão, e hoje prégaõ bem, he; porque por elles fallaõ os seus Sermonarios, e nelles se encontraõ discursos muito cultos, e com artificio rhetorico, deduzindo do seu Assumpto tudo, o que dizem; mas como o *Critico* quer, que não sejam bons, e chega a dizer o mesmo do

*P. Vicy-*



*P. Vieyra*, pareceo-lhe superfluo apontar exemplos. Julgue embóra o contrario com todos, es que o applaudem, que nós não somos do seu parecer com os muitos, que reprovão o seu *Methodo de estudar*. E que culpa tem disto a *Rhetorica de Pomey*? Respondeo o *Critico*: Muita; porque ella he a *Rhetorica*, por onde estudaõ, os que sabem mais. Com que premissas poderá provar a sua sentença? Quem lhe disse, que por ella sómente se estudava? A que eu fey, que os Mestres da Companhia explicação nas suas classes, he a do *Cypriano Soares*; nem tenho ouvido, que lhes sirva de texto a de *Pomey*. O *P. Arsenio* só diz, que he boa; nem o *Critico* prova o contrario, antes confessa, que explica bem as figuras, e a amplificação: já podemos estudar esta parte por ella. Pouco vay, que diga *Morhof* (se o diz) que em lugar de explicar as regras, que daõ os outros, as embrulha, e confunde tudo; e o que diz de sua casa, são ridicularias, e que ensina, sem saber o que diz. Eu digo, que se o diz, não sabe o que falla; porque vemos o contrario: mas dado, que tudo assim seja, prouve-nos que os *Prégadores* não estudaõ por outra. O certo he, que hum dos *Panegyricos* mais selectos dos *Padres Francezes* he a *Oração* do mesmo *Pomey*, que anda no fim da sua *Rhetorica* com o titulo: *Laus Laudis*. Pudéra o *Critico* fazer o mesmo, trazendo no fim da *carta da Rhetorica* huma *Oração*, que servisse de método. Quanto a que nesta, e nas mais cartas vemos, são a cada passo períodos sem collocação, e propriedade; como v.g. na pag. 5. Não foy, senão depois do terceiro millenario, que os homens se applicaraõ a fallar bem. Quem se explicasse com melhor *Portuguez*, diria: Só depois de tres mil annos se applicaraõ os homens a fallar bem. O *Logico* póde inferir: Logo Adão fallava mal,

maí, e errado. Na pag. 7. chama á arte Militar *Officio das armas*, que he boa palavra para hum elpingardeiro, ou elpadeiro.

Talvez se persuada, que tira huma grande prova da satyra, que allega dos *Jornalistas* da Haya contra os Jesuitas; porque nella se diz, *que tinhaõ perdido o bom gosto da eloquencia, lendo a Pomey*. E perguntara eu, se os *Jornalistas* fallavaõ verdade em dizer, que aquelles Padres tinhaõ perdido a eloquencia? Deve dizer, que naõ; porque approva a doutissima reposta, que deraõ. Logo assim como erraraõ no effeito, que era a perda da eloquencia; assim erraraõ na causa, que era o ler *Pomey*. E na verdade he despropósito affirmar, que ler huma Rhetorica, ainda que seja má, tira o bom gosto da eloquencia, como se esta fosse a unica. Quanto mais, que se ella explica bem as figuras, e a amplificação, já por esta parte naõ impede a eloquencia: e se nas regras, que daõ os outros, as embrulha, e confunde, pertence a quem lê desembrasar-se, e livrar-se da confusão, lendo as mais claras, e tirar de cada huma o que for melhor; imitando as abelhas, que tiraõ o iucco das flores, e naõ as cegonhas, que das hortas só colhem as sevandijas. Nem a reposta contra os *Jornalistas* desfaz em *Pomey*: allega outros muitos Varoens eloquentes; e isto bastava para mostrar o despropósito da satyra.

Com esta occasião louva o *Critico* a Rhetorica do *P. Cypriano Soares*; mas para que se naõ gloriaffe de sahir sem sua reprehensão, nota-lhe tres couzas. I. *Confunde a abundancia do Orador com a amplificação*. Tal confusão naõ apparece; antes a abundancia póde entrar com a amplificação, estendendo os períodos, accumulando definições, testemunhos, leys, &c. e pertence ao Orador

dor a sua devida acõmodaçã. II. *Não aponta o tempo, nem o lugar da amplificaçã.* O lugar, e tempo he, onde caye melhor. III. *Diz muito pouco dos costumes Oratorios.* Diz o que basta, e se dissésse muito, faria grande tomo, e logo diria o *Critico*, que era impertinente. Tambem censura, *querer dar regras para a memoria contra a experiencia.* No cap. 52. de *Memoria* diz *Cyriano*, que de *Chio Simonides* se tirou esta arte com a experiencia; porque lembrando-se dos assentos, em que estavaõ certos convidados, que, cahindo a casa, ficaraõ sepultados nas suas ruínas, usára dèssa advertencia para distinguir, de quem eraõ os cadáveres: allega *Ciccr. 2. de Orat. e Quintil. lib. 18. c. 2.* e diz: *Ex hoc Simonidis factò notatum videtur juvari memoriam, signatis animo sedibus. Quod suo quisque etiã experimento credere potest; nam cum in loca aliqua post tempus reversi sumus, non ipsa agnoscimus tantum, sed etiã quæ in iis fecerimus, reminiscimur.* E isto não he contra a experiencia. No cap. 54. de *Artificio memoriæ* falla das figuras, ou imagens, que pôdem servir para a excitar. Se o *Critico* experimentou, que lhe não servia, não use de tal regra, que ninguem o obriga; e haverá outros, a quem tenha servido com muito bom effeito.

Deixando porêm a *Pomey*, vamos ao seu §. seguinte, onde diz: *Definís magistralmente, que vale pouco, o que diz o Critico satyrizando os Pregadores; e accrescenta, que espera a resposta; porque ficaõ em pé as difficuldades, que promoveo contra o methodo cõmun.* Logo responderey; antes disso he bem reparar no que accrescenta: *Dizeis, que ha dois modos de prégar: hum puramente Oratorio sem uso de conceitos, só apontando os textos da Biblia no sentido literal; outro usando de conceitos tirados do sentido allegorico.* Entra agora a censura:

Só

*Só esta proposição bastava para mostrar aos intelligentes, que não sabeis Rhetorica. E quaes são elles? Os que escrevem intelligentes com hum só? Vamos á prova por tuas formaes palavras. Não ha mais, que hum modo de pregar, o qual explica Cicerão por estas palavras, docere, delectare, movere. E fundado nesta tua errada supposição entra com huma grande trovoadra de allegações, provando, (o que ninguem nega) que a Rhetorica he hum só, e o seu fim he persuadir: vem Agostinho Valerio, que compoz huma Rhetorica Ecclesiastica; que os argumentos se devem dilatar com os principios de Aristoteles. (logo ha de dizer, que as suas obras se queimaraõ) Vem tambem allegado Luiz de Granada, Fr. Lourenço Villazincencio, Pignarola, Fr. Diogo Stella, os doutos Jesuitas com Rapin, e Causino, onde mostra a noticia, que deve ter hum Pregador; e conclue: *Mostray-me hum unico Rhetorico, que tenha accitação entre os doutos, e que diga, que ha dois modos de pregar, hum oratorio, e outro por conceitos.* Esta proposição não está trasladada com fidelidade: repita a do P. Arsenio, que he esta: *Ha dous modos de pregar, hum puramente oratorio sem uso de conceitos; outro usando de conceitos; porque este segundo modo nem impede, nem lança fóra o primeiro, que he oratorio.**

Mas que papel fazem agora estas allegações de AA. que trataraõ da Rhetorica sagrada, ou profana? Todos elles provaõ, que o fim he hum só; mas não provaõ, que seja hum só o modo, estylo, e uso della Rhetorica: e esta devia ser a prova do Critico, provando com todos os AA. allegados, que o mesmo he fim de pregar, e modo, com que se prega. Devia provar, que he contra a Rhetorica meter no Sermaõ authoridades da Escriitura no sentido allegorico, discorrendo sobre o mesmo



mesmo sentido, e bem acomodado ao seu Assump-  
to; e sendo qualquer texto huma prova *ab autho-  
ritate*, mostre ser este modo de provar contra a  
Rhetorica. Digo, que hum Sermaõ, sem mais arti-  
ficio, que huma enfiada de conceitos, talvez todos  
*ad idem*, não tem artificio rhetorico; o que já se lhe  
concedeo: mas que seja contra a eloquencia rheto-  
rica usar de conceitos, não o achará nos AA. que  
allega, nem nos que não allega. Tambem não ha  
de provar, que seja o mesmo o *Modo*, com que se  
préga, e o *Fim*, para que se préga; e porisso he  
falsa a supposiçãõ, com que procede, de que tu-  
do he o mesmo. O fim do Orador he persuadir,  
o que pertende: o modo he o meyo, que busca  
para alcançar esse fim, tambem o estylo, com que o  
quer persuadir, ou seja Laconico, ou abundante  
nas palavras; ou accusando, ou defendendo, ou lou-  
vando, ou vituperando. E porisso se o fim do Pré-  
gador he mover os ouvintes a lagrimas, e contri-  
çãõ, deve o modo ser conducente para o fim, fu-  
gindo de sutilezas, que sécãõ o auditorio. Tam-  
bem na voz he necessario modo: porque se quer  
explicar, quanto padeceo Christo na sua Paixaõ  
sagrada, não deve fallar com tom enfurecido, e  
agastado, senão revestir-se do mesmo affecto, que  
pertende excitar: e se quer reprehender, o modo  
he revestir-se de zelo, e voz mais imperiosa: *Ar-  
deat Orator, si vult incendere.*

Talvez dirá o *Critico*, que a minha autho-  
ridade nada val, e que não está por ella. Venho  
nisso, e appello para a sua, pela qual deve estar.  
Nesta mesma sua *Resposta* a pag. 49. no fim do §.  
*Se vós, &c.* acaba com estas palavras: *Nenbun Rhetorico*  
*ensinou tal modo de prégar por conceitos.* Eis-  
aqui como elle mesmo, sem o advertir, falla do  
*Modo*, como couza diversa do *Fim*. A mesma pa-

R

lavra,

lavra, como couza distinta do Orador, achará no douto *P. Bluteau* no seu Antiloquio, ou Dedicatória ao Marquez de Cascaes, onde diz no principio da pag. 6. *É por esta razão a hum curioso, que ouvindo em terras estranhas Oradores Evangelicos, quizesse formar juizo (N. B.) sobre o seu modo de prégavar, dera eu por conselho, que nesta materia se houvesse com prudencia, e discriçaõ.* Aqui está a palavra *Modo* valendo o mesmo, que *Estylo*; e porisso digo, que pois a sua supposiçaõ, com que quiz arguir ao *P. Arsenio*, era falla, nada valiaõ os AA. que allegava, porque não lhe provavaõ o intento.

Voltemos agora ao intento. Tem dito, que *ficaõ em pé as difficuldades, que promoveo contra o methodo cõmun.* Que méthodo cõmun he este? Usar de conceitos? Até aqui não prova, nem provará, que seja erro usar delles. Sigo-me agora para lhe mostrar, que o seu uso he acertado. Comecemos pelo *P. Bluteau*, que teve mais experiencia do pulpito; porque prégou em França, Italia, e Portugal, e não pertencia a nenhuma destas Naçoens, por ser nascido em Inglaterra, e soube prudentemente acõmodar-se aos seus estylos. Diz elle, falando do diverso estylo concionatorio no lugar já citado. „ Até na palavra de Deos se enxerga pela „ boca dos Prégadores o differente génio, e uso das „ varias Naçoens do Mundo. Em Italia, França, „ Castella, e Portugal, e finalmente em todos os „ Reynos da Christandade ha Prégadores de grande „ nome, e todos no mesmo exercicio tem differen- „ te *estyllo*; porque da natureza da pátria tiveraõ „ todos differente génio. Os Italianos, cujo enge- „ nho he taõ florido, como o seu clima he ame- „ no, e viçosa a sua terra, com flores de rhetori- „ ca, e com ornatos della, enfeitãõ a sua doutrina. Os Francezes dominados de Aries, signo Mar-  
cial,

„ cial, e bellicosa constellação, vigorosamente amar-  
 „ rados ás materias do seu discurso, tudo querem  
 „ averiguar com a espada da razão, e desprezando  
 „ as filigranas da eloquencia com solidos argumen-  
 „ tos inculcão as verdades, que prégaõ. Os Hes-  
 „ panhóes assim Castelhanos, como Portuguezes,  
 „ como engenhos Solares, e singularmente favore-  
 „ cidos daquelle Princepe dos astros, que descobre  
 „ no ár os átomos, e em toda a parte penetra  
 „ com os rayos da sua luz, são capazes de huma  
 „ tão aguda, como profunda especulação, e natu-  
 „ ralmente inclinados á Theologia Especulativa, e  
 „ estudo das Sagradas letras, fazem gala de pro-  
 „ var todas as moralidades dos seus Sermoens com  
 „ futilissimas ponderaçoens escolasticas, e argútas  
 „ reflexoens sobre termos, e succesos da Sagrada  
 „ Escriitura.

„ A primazia, e superioridade na arte de  
 „ prégar, nem estas, nem outras Naçoens a cédem  
 „ huma á outra; porque predominando em cada  
 „ huma o seu proprio génio, alentado com o uso  
 „ da sua pátria, são acerrimos defensores do seu  
 „ proprio uso. Na pag. 15. continúa. „ Do mesmo  
 „ modo na arte de prégar, o primario, e funda-  
 „ mental principio da boa razão he, que o Préga-  
 „ dor excogite, e proponha ao ouvinte as razoens  
 „ mais capazes para o persuadir. E não imagine  
 „ alguma das Naçoens, que nesta materia só ella  
 „ tem bons ólhos; porque nem as mais Naçoens  
 „ são cegas, nem he tão cioso da sua belleza o  
 „ painel da boa razão, que só a huma Nação se  
 „ descubra. O que importa he, que o Pregador  
 „ com boa doutrina se opponha á torrente dos vi-  
 „ cios, ainda que no methodo da prêdica se deixe  
 „ levar da corrente da opiniaõ. Na pag. seguinte  
 „ conclúe. „ A conclusão de todas estas criticas adver-

„tencias he, que em todas as Naçoens prégaõ  
 „bem os bons Prégadores dellas; porque não tira  
 „a diversidade do estylo á palavra de Deos a effi-  
 „cacia; mas antes mais universal se mostra a sua-  
 „vidade da doutrina Divina, quando se acõmoda  
 „ao diverso génio de todas as Naçoens. Affirmar,  
 „que todo o Prégador de França préga bem, he  
 „taõ grande encarecimento, como seria grande in-  
 „juria o dizer, que não ha Prégador bom em Hes-  
 „panha. Bastavaõ as razoes deste discreto A.  
 para persuadir a quem não estivesse preocupado  
 com o empenho de dizer mal de tudo, o que per-  
 tence á nossa Nação. Talvez não lesse o *Critico*,  
 que se vende por *Barbadinho*, o que disse hum ver-  
 dadeiro filho desta illustre Refórma, e Italiano dou-  
 tissimo nos seus *Avvertimenti Rhetorici sacri*, que  
 publicou em Placencia no anno de 1719, onde na  
 conclusaõ do Tratado pag. 324. dá este conselho  
 ao Prégador, que quizer ser bom. *Se souberes co-  
 nhecer o bom, e escolher de diversos, fareis doce  
 composto de eloquencia, tirando dos Oradores Fran-  
 cezes o ameno de pensamentos agradáveis; dos Hes-  
 panhóes a profundidade de solidos conceitos; dos nos-  
 sos Italianos modernos a novidade das Invençoens, e  
 dos antigos as mais agradáveis idéas; dando com a  
 authoridade Veteribus novitatem, & novis authori-  
 tatem.*

Tambem este engenhoso modo de prégar  
 passou para Italia, como affirma o mesmo *Bluceau*  
 no seu *Oraculum utriusque testamenti. Conceptui  
 predicabili patria est Hispania. Illum Neapolitani;  
 ut opinio Italorum est, ab Hispaniá ad Neapolim  
 traduxere; per Italiam, longè, latequè diffusus, &  
 disseminatus, non sinè gloria floruit hoc ingeniosum  
 inventum.* O P. João Paulo Oliva, Prégador de qua-  
 tro Summos Pontifices; o Cardeal *Cassini*, Prégador  
 do



do Palacio Apostolico; o *P. Dolera* dos Ministros dos Enfermos; o Bispo *Zuanel*, Clerigo Secular; e outros famosos Prégadores Italianos usaraõ de conceitos nos seus Sermoens Panegyricos. Grande, e famoso Rhetorico foy o *P. Mendonça*, como mostraõ as suas doutissimas obras, e muitos julgaõ com o mesmo *Bluteau* ser elle o primeiro Mestre, que os ensinou: *Hujus inventi laudem sibi tribunt Lusitani. P. Franciscum de Mendonça Societatis Jesu, in Lusitaniâ Lumen clarissimum, uno ore vocant Conceptuum prædicalilium patrem.* De sorte, que nos tres generos de orar, Judicial, Deliberativo, e Exornativo pôde louvavelmente ter seu lugar: *Per eadem tria genera conceptui prædicabili patet aditus, eoquè non sinè laude utuntur discretissimi Hispaniarum Concionatores.*

Temos pois, que o uso dos conceitos tambem he seguido fóra de Hespanha, e que o ensinou hum grande Mestre da Eloquencia, o *P. Mendonça*, de quem diz o *P. Macedo*: (1)

*Si quando placuit pro rostris dicere: lingvâ  
Quantus erat patriâ, quantus erat Latia!  
Aurea dicentis manabant flumina ab ore,  
Fortius inque ipso flumine fulmen erat.*

Tambem prégou em Roma com applauso, e sabia persuadir prégando com uso de conceitos.

*Virtutem cives mirati, exemplaquè morum,  
Claraquè divini Flaminis indicia.*

*Illum & scribentem omnes, & stupère tonantem:  
Nec Franciscus erat nomine, Paulus erat.* (2)

Ainda ha authoridades mais abonadas para provar, que o uso (e naõ abuso) dos conceitos he estimavel, e injuriosamente condemnado pelo Critico. Os SS. PP. os ensinaõ nas suas Homilias, e Sermoens, e alguns apontou o *P. Arsenio*, de que  
o Critico

[1] Maced. Eleg. 2. [2] Idem Eleg. 3.

*Critico* o reprehende, porque allegou *S. Gregorio Magno* nos *Morales*; como se a authoridade de tão grande Santo não fosse digna de se allegar. Accrescenta, que citar huma, ou outra authoridade de *Santo Agostinho* não prova nada; porque elle não negou, que o sentido allegorico da *Escritura* possa ter seu uso, mas só condena o abuso. Quando lhe parece, condena o uso em geral: porém mostre, quem até aqui defendeo, que se devia seguir o abuso? Diz, que *Santo Agostinho* nos livros de *Doctr. Christ.* encõnenda o estudo da *Rhetorica*, ensina o modo de o conseguir; e que não obstante a diversidade da materia sagrada, e profana, a *Rhetorica* não dá differentes regras para huma, e outra; e que os que as não executão, não pregação, mas fallão, e muito mal. Na verdade, que o *Critico* accumulá algumas allegações, que nada fazem para a questão, como esta. Tambem não sey, com que *Logica* infere destas palavras do Santo Doutor as tres consequencias. I. Se quereis provar alguma coiza, deveis provar primeiro, que o que diz o *Critico* dos *Prégadores* he falso. Quaes *Prégadores*? Os que usão de hum bom discurso unido com o uso dos conceitos predicáveis, ou sentido allegorico, authorizado com os Santos Padres? Sem duvida, que he falsissimo; porque o tal uso não he contra a *Rhetorica*, nem o *Critico* o poderá provar, sem no mesmo tempo reprovar os Santos Padres, que logo citarey. Se falla dos que não usão as regras da *Rhetorica*, já lhe tem dito, que não pregação bem, e que o mesmo acontece aos *Prégadores Italianos*, e *Francezes*, que cayem no mesmo vicio II. consequencia. Deveis provar, que o que diz *S. Agostinho*, e todos os *Rhetoricos Ecclesiasticos*, não vale nada. Deos nos livre! Lá na *Reflexão da Poesia* reprehende o *P. Arsenio*, porque saye fóra da questão. e diz,

diz, que lhe ensinou o contrario. Aquí o mostra, onde se poem muitas leguas longe della. Se lhe não negão, que a Rhetorica he necessaria para o Sermão ser bem composto, como quer que lhe provem, que não serve? A questão he, como já lhe disse o *P. Arsenio*, que não queira empurrar a Portugal todo o pannal: agora diz, que não está por isso; e he o que devia mostrar, e provar, como o uso dos conceitos he contra as regras, que dá *Santo Agostinho*, se quer provar alguma couza, e não pedir provas, do que se lhe não nega. III. *Deveis provar, que o modo de pregar de Estanda, e Portugal he o unico, e verdadeiro de persuadir.* Reparem, que aqui traz a palavra *Modo* de pregar, como distinta do *Fim*. Vamos porêr ao nosso ponto: aqui torna a sahir fóra da questão: Quem disse, que este *methodo* he unico? Digo, que he bom, e em nada opposto á Rhetorica: pertence ao *Critico* provar, que o *methodo* de Hespanha não serve para persuadir; o mais he pedir provas impertinentes.

Na mesma *Resposta* a pag. 54. traz outras tres consequencias da mesma casta das primeiras. Allegou *Arsenio* varias authoridades dos SS. PP., em que usavaõ do sentido allegorico da Escriitura, provando com isto não ser erro nos Pregadores a imitação de tão grandes Doutores da Igreja usando do mesmo sentido, de que elles se valem; e podia accrescentar, que *Santo Agostinho* no Serm. 201. *de Tempore* tanto approva este uso, que affirma, se não póde tirar tanto fruto, attendendo sómente ao sentido literal: *Si hoc tamen volumus intelligere, quod sonat in litera, aut parvam, aut propè nullam edificationem de divinis lectionibus capiemus.* Vem agora a primeira sentença critica: *Confundis o sentido da Escriitura com o mau uso, que della*

*della fazem os Prégadores.* Não he facil descobrir, a que vem esta proposição. Se o *P. Arsenio* allegasse para os Sermoes o sentido da Escriitura arrastado com o mau uito, que della fizerem os Prégadores, boa estava a censura, porque criticava o abuso; mas não allega mais, que o dito dos SS. PP., que assim explicaõ os lugares citados: e quem se aproveita de tão grandes Mestres, e os traz a propósito, e em seu lugar, não usa mal delles; nem isto he confundir, he authorizar, o que diz com testemunhas abonadas. II. *Confundis a exposição dos Santos Padres com os Sermoes.* Não diz *Arsenio*, que as exposições dos SS. PP. são Sermoes; que se o dissesse, seu lugar tinha a censura: mas elle tal não diz, só affirma, que nos Sermoes podem muito bem entrar as exposições dos Santos Padres: assim como quem disser, que a *Prosopopeya* he huma figura da Rhetorica, que pôde ter lugar em huma boa Oração, não quer dizer, que a *Prosopopeya* he Oração; e seria nota indigna dizer-lhe, que confundia huma couza com outra.

III. *Quereis provar isto com S. Jeronymo, sendo hum dos que fallou, e orou melhor; para isto citais algumas palavras; e não olhais para as outras obras suas.* E que mais abono para *Arsenio*, que provar o seu dito com hum Santo, que foy hum dos que fallou, e orou melhor; antes daqui se infere, que quem se valer da authoridade do Doutor Maximo, falla, e óra bem, ao menos na parte, em que o imita. Porém o accrescimo: *E não olhais para as outras obras suas, que quer aqui significar?* Se quer dizer, que o Santo nas mais obras se desdissê destas exposições, pertence ao Critico mostrá-lo, o que sem duvida não poderá fazer. Se he, porque em as outras obras suas não usou do sentido allegorico, nada faz para o caso. Se



Se a materia o não pedia, não usou déssas exposições; e o mesmo deve fazer o Pregador, que as não ha de trazer, onde não tem lugar, nem também amontoálas, porque tudo requer prudente moderação. Accrescenta mais estas notáveis palavras: *Citais S. Gregorio Magno, sem saber, que em materia de eloquencia foy aos que soube menos, e elle mesmo confessa, que cõmetteo muitos erros contra a Rhetorica, e Grammatica.* Diga o Critico, onde allegou o P. Arsenio a este Santo Doutor para a Rhetorica, ou Grammatica? Elle o citou como a Doutor da Igreja na exposição dos lugares da Escriitura; e que tem esta exposição com a Rhetorica, e Grammatica? Bom seria porém advertir, que a confissão, que allega do mesmo Santo Pontifice, he nascida da sua grande humildade, e muito digna de se imitar. Se não quiz usar de mayor eloquencia, elle mesmo dá a razão nas palavras citadas pelo Critico: *Unde & ipsam artem loquendi servare despexi* (não diz, que a não sabia, mas que a desprezou) *quia indignum vehementer existimo, ut verba cœlestis Oraculi restringam sub regulis Donati.* Do mesmo parecer foy S. Cypriano na Epist. 2. ad Donat. *Cum de Domino Deo vox est vocis puræ sinceritas, non eloquentie viribus nititur ad Fidei argumenta.* O mesmo diz S. Pedro Damiaõ ad Bonif. *Causidic. Tu in nostris literis noli accuratæ urbanitatis quærere venustatem: ovina tibi simplicitas placeat, quæ ad Deum provocat.* Digo isto em obsequio do Santo Doutor, a quem não bastou, que a Igreja o intitulasse *Magno*, para escapar da critica do *Barbadinho*; nem que nas Lições da sua vida testemunhasse: *Admirabilia sunt, quæ dixit, fecit, scripsit*; e que Pedro Diácono visse sobre a sua cabeça o Espírito Santo em figura de Pomba.

Sem duvida, que se hum Prégador quizer mostrar, que os trabalhos se guardaraõ para esta vida, que he valle de lagrimas, e o descanso se deve esperar na felicidade da outra, confirmará o seu conceito com a authoridade de *S. Agostinho*: (3) *Hic autem quid? Sic cum volo manere; tu me sequere. Duas ibi vitas cõmendatas novit Ecclesia, una in requie, altera in labore; ista significata est per Apostolum Petrum, illa per Joannem. Declama outro contra os peccadores, que pelas suas culpas mereceraõ o recesso de Deos; e para lhes mostrar a cegueyra, em que ficaõ, allega a S. Jeronymo (4) tratando do retiro, que Christo fez de Judéa para o Egypto. Quando tulit Puerum, & Matrem ejus, ut in Agyptum transeat, nocte tulit, & in tenebris, quia noctem his, à quibus recessit, reliquit incredulis. Se quiz mostrar o engano dos que se promettem larga vida, lizongeados com a flor dos annos, e vigor das forças; porque não ponderará a Golias fiado no seu agigantado valor, e fortissimas armas, a quem os mesmos quarenta dias, que gastou em desafiar os Israelitas, eraõ prefagio da sua breve vida; allegando a S. Agostinho no Serm. 197. de tempore? *Quadraginta dies vitam præsentem significant. Da mesma sorte exortando aos que acharaõ a Deos pela contriçaõ, e confissaõ Sacramental, para que não voltem ao caminho da perdiçaõ, em que tinhaõ andado, se póde valer da doutrina de S. Ambrosio (5) fallando dos Magos, que viéraõ adorar a Christo. Aliã venerunt viã, aliã revertuntur; duæ quippè sunt viæ; una, quæ ducit ad interitum, alia, quæ ducit ad regnum; illa peccatorum est, quæ ducit ad Herodem; hæc Christus est, quã reditur ad patriam.**

Para

[3] S. August. tr. 14. in Ioan. super cap. 11. [4] S. Hieronymus in cap. 2. Mat. [5] S. Ambros. lib. 2. in Luc.

Para mostrar, que as virtudes nos unem com Christo, e desembaraçaõ o coração para ouvir os seus conselhos, pôde allegar S. Jeronymo (6) *Descendente Domino de monte, prius ei occurrunt Leprosi, necdum enim poterat cum Lepra tam multiplicem in monte Salvatoris audire sermonem*. Ou a S. Ambrosio (7) *Prius enim unusquisque sanandus est, ut paulatim virtutibus procedentibus ascendere possit ad montem*. Porque a outro intento se não poderá aproveitar da expoição de S. Ambrosio (8) *Iesus stabat secus stagnum Genesareth: ascendit in Petri navim. Hec est illa navis, quæ adhuc secundum Matthæum fluctuat; secundum Lucam repletur piscibus, ut & principia Ecclesiæ fluctuantis, & posteriora exuberantis agnoscas; pisces enim sunt, qui hanc enavigant vitam. Ibi adhuc Discipulis Christus dormit, hic præcipit; dormit enim tepidis, perfectis vigilat*. Da mesma sorte se pôde aproveitar de S. Jeronymo (9) fallando da filha da Cananéa, para quem a mãy pedia soccorro a Christo: *Filia mea male à dæmonio vexatur. Ego filiam Cananeæ puto animas esse credentium, quæ male à dæmonio vexantur*. Ou de S. Ambrosio (10) *Socrus autem Simonis tenebatur magnis febribus. In typo mulieris illius variis criminum febribus caro nostra languebat, & diversarum cupiditatum immodicis aestuabat febribus*. E assim de muitas outras expoições, e todas muito dignas de se expenderem, e amplificarem com boa rhetorica no pulpito.

Se eu quizesse imitar o Critico, tambem poderia dizer graçolas contra estas expoições, como elle faz contra varios Sermoens; tambem me occorreriaõ, porque he facil dizelas. v. g. na expo-

S 2

sição

(6) S. Hieron. in cap. 8. Mat. (7) S. Ambros. in cap. 6. Luc. (8) S. Ambros. lib. 4. in cap. 5. Luc. (9) S. Hieron. Hom. in cap. 15. Mat. (10) S. Ambros. in cap. 15.

fição de *S. Ambrosio*, em que falla da sogra de *S. Pedro*; ou na de *S. Jeronymo*, que he á cerca da filha da Cananéa, supponhamos que eu dizia: temos a sogra de *Pedro*, e a filha da Cananéa *Universal* de mulheres, porque em cada huma se comprehendem muitas. He certo, que dizia huma grande parvoíce, mas os ignorantes, que não soubessem, de quem eraõ as exposições, applauderiaõ a critica; e diriaõ, que eu era homem de raro talento, que me não levava de qualquer dito, mas que com grande *critério* cavava nas razoes, e especulava miudamente o que diziaõ os mais, que andavaõ enganados, e cegos.

Não nego com isto a Italia, ainda que não use este methodo, os Varoens eloquentes, que nella floreceraõ, e ainda florecem; nem menos o seu *Cicero*, e outros muitos, de cujas obras talvez nos privou a falta das imprensas. O mesmo digo de França, e dos mais Reynos. Porém não he a eloquencia taõ avarenta, que não quizesse tambem visitar as Hespanhas; porque a fecundidade dos Engenhos destes paizes não lhe merecia menos, que os mais da Europa. Nas Hespanhas appareceo dignamente retratada em *Quintiliano*, a quem *Gaspar Barthio*, Brandemburguez, não duvidou darlhe o titulo de eloquentissimo entre os mais Oradores: *Quintilianus omnium, qui unquam scripserunt, Authorum eloquentissimus*. E *Laurenço Valla* o igualou com o Orador Romano. Igualmente se vio em *Marco Anneo Seneca*, pay do outro *Seneca*, Mestre do ingrato *Nero*, que na opiniaõ do sabio Jesuita *Andre Escoto* mereceo ter lugar na Oratoria depois de *Cicero*: e como nem os Reynos de Castella, e Portugal, nem os Astros, mudaraõ de sitio, ainda recebem as mesmas influencias, e foraõ sempre florescendo com Varoens eloquentissimos.

Por-



Portugal com *Rezende*, *Achilles Estação*, *Jeronymo Osorio*, *João de Barros*, *Fr. Bernardo de Brito*, *Cisterciense*, *D. Francisco Manoel*, *Manoel de Faria e Souza*, *Jacinto Freire de Andrade*, *Antonio de Souza de Macedo*, *D. Fernando Correa de Lacerda*, Bispo do Porto, *Fr. Luiz de Souza*, *Dominicano*, os tres Condes da Ericeira *D. Luiz*, *D. Fernando*, e *D. Francisco Xavier de Menezes*, o Conde de Tarouca *João Nunes da Cunha*, *Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo*, *Julio de Mello e Castro*, *Fr. Domingos Teixeira*, *Augustiniano*, o Grande, e eternamente saudoso Marquez de Valença *D. Francisco Paulo de Portugal e Castro*, e infinitos outros, em que se podem contar muitos, e famosos Jesuitas. De Castella pudera fazer hum largo Catálogo: de huma, e outra Monarquia se póde ver a Bibliotheca de *D. Nicoláo Antonio*; e separadamente do nosso Reyno a do Erudito Abade de Sevêr *Diogo Barbosa Machado*. Tambem floreceo sempre Hespanha com insignes Prégadores, entre os quaes tem, e tiverão particular estimação os de Portugal: não digo todos; porque já fica dito, que nas Naçoens sempre houve optimo, bom, medíocre, e máo, tanto nos engenhos, como nas sciencias, e artes. Esta he a variedade, de que se compoem o Mundo; assim como tem sua variedade nas plantas, e frutos: e nenhum homem de juizo se deve persuadir, que para huma Nação Europeá se ajuntarão todos os bons, e para outra todos os máos.

Ponha-se agora em questão, se os bons Prégadores de Italia excedem os bons de França; ou se por elles são excedidos os bons de Portugal? Quem ha de ser o *Paris*, que dê a sentença contra alguma destas Naçoens, cada huma defendendo a sua parte? Quer o *Critico* ser o Juiz, e que estejamos pela sua sentença? Parece demasiado arrojo!

Outro

Outro *Barbadinho*, e na realidade douto, no seu já allegado *Advertimenti Sacri*, dá outra sentença, e prudentíssima: *Cada hum no seu estylo pode pregar optimamente*: e na pag. 323. *Todo o modo de pregar he bom, se for bem praticado*. O mesmo diz o *P. Bluteau*, e he de mayor authoridade; porque prégando em França, Italia, e Portugal, prudentemente se soube acómodar ao estylo destas Nações; e ainda não sabemos, em que pulpito prégou o *Critico Barbadinho*, nem appareceo com obra sua nesta materia, como nem nas mais.

No fim desta sua *Resposta* teima ainda o *Critico* com os Qualificadores do Santo Officio, como se o tivessem aggravado, e diz, que a sua occupação os obriga a serem defensores dos livros: e na sua *carta* honra com o titulo de *ignorantes* (he liberal destas honras) aos que julgaõ o contrario, e de novo manda ler o *Scrutinium doctrinarum*. Pouco mais abaixo mostrarey, como elle mesmo se desdiz. Agora digo, que he errada a sua imaginação, porque he evidente o contrario. Quer hum Author imprimir o seu livro, e para isso pede ao Santo Tribunal, que lhe conceda licença. A primeira diligencia he mandarem, que alguns Qualificadores o revejaõ. E esta diligencia não he, para que o defendão; porque seria contra a razão mandar defender hum livro, que não he réo, nem está accusado de crime algum, porque só o Author sabe delle, e este não pede mela para se accusar. Digo pois, para que mandaõ rever aquelle livro? O Qualificador, para o approvar, ha de intrepôr o seu parecer, e censura, affirmando, que nelle nada achou contra a Fé, ou bons costumes. E se acha, que tem proposição digna de nota, accusa o livro, e o remette com a sua censura ao Tribunal: e esta he a razão, porque os Qualificadores

dores se chamaõ *Censores*, e não *Defensores*. O mesmo praticaõ os Revisores pelo Delembargo do Paço, que lhos não manda para os defenderem, mas para verem, se os livros contêm couza, que se opponha ás Regalias da Coroa, e bem do Reyno; e com a sua informação concede, ou nega o Tribunal Regio a licença pedida. O mesmo observaõ os Revisores do Eminentissimo, e mais Excellentissimos Ordinarios. Tambem se prova este invariavel estylo com o exame dos livros, que vem impreslos de fóra, pois para os rever se determinaõ Qualificadores; e se estes julgaõ, que trazem couza contra a Fé, ou escandalosa, os delataõ ao Santo Tribunal, o qual os confisca; condenando-os a huma justa, e bem merecida reclusaõ perpétua.

Demos huma vista á *carta da Rhetorica*. Chama o *Critico* com boa allusaõ *tripeça* aos Sermoes, cuja proposiçaõ dividem os Oradores em tres partes; e com a mesma razãõ os podia intitular *cordaõ de tres fios*, e *queixal de tres raizes*. Nota mais aos que prégaõ as tardes da Quaresma duas couzas. A primeira: não prégaem sobre o Evangelho da Dominga. A segunda: tomarem hum só thema para todas, repartindo-o em cinco partes; e a este respeito diz com notável graça, que tambem se pôdem dividir em cinco dedos, cinco chagas, &c. E que erro he não se prégar de tarde sobre o Evangelho da Dominga? Tomaõ para discorrer algum thema das obras de *Cartesio*, ou *Newton*? Devia dar a razãõ, porque he erro não prégar sobre o Texto da Dominga: em quanto o não prova, deixe os Prégadores fazer o que entendem. Tambem não mostra, que erro se cõmetta contra a Rhetorica, se o Prégador da mesma sentença da Escriitura tira cinco pontos, e trata delles separadamente em cada huma das tardes. Temos o exemplo nestas.

nestas suas *cartas*. Traz hum titulo geral, que he o thema, com que quer prégar, e diz: *Verdadeiro methodo de estudar*. Reparte logo este thema em tantos particulares, quantos são os sermoens de cada huma das cartas. Antes nessa divisaõ se vê a fecundidade da palavra Divina expressada nos Es- crituras; pois que huma só clausula contém va- rios documentos, e todos bons. Dos Sermoens das tardes fallaremos depois.

Quanto a dividirem alguns Prégadores a proposiçaõ do seu Assumpto em tres partes, cha- me-lhe embóra *tripeça*; que a mesma divisaõ nos ensina a natureza nas arvores, de cujo tronco se deduzem naturalmente varios ramos. O ponto he, que a divisaõ se deduza bem do seu tronco, ou proposiçaõ. Ouça o *P. Bluteau* no seu *Antiloquio* citado, fallando desta divisaõ. *Em todos (os Ser- moens) sempre usey da divisaõ ao modo de França, (he de França o costume) o que depois se foy in- troduzindo de sorte, que hoje raro he o Prégador Portuguez, que, acabado o Exordio, não divida em duas, ou tres partes a materia do seu discursõ. Não foy com tudo este uso muito universal; porque raras vezes se vê praticado pelos grandes Prégado- res da Companhia, como Vieyra, hum, e outro Sá, Paulo Percyra, Reys, Betancart, Sylva, e ou- tros. Ouça tambem ao seu P. Barbadinho, Pizatti de Pontrimoli, na pag. 146, onde pergunta, se he melhor prégar com proposiçaõ dividida em tres pon- tos, ou indivisa? E resolve, que hum, e outro methodo he bom, praticado por grandes homens em diversos tempos, e que este he o presente es- tylo dos Italianos: accrescenta, que os Francezes o aprenderaõ do P. Nardi, que prégando no Pala- cio Apostolico, o usou. Outros dizem, que tam- bem em França se usára nos tempos antigos, e*  
que



que depois de esquecido, o restituíra o *P. Boricat* da Religião da Companhia; e que ás vezes succede, que feita huma divisaõ, fazem varias subdivisoens, ainda que este estylo he mais proprio da Cadeira, que do pulpito; o que se deduz de *Cic. no l. 2. de Orat. Puncta argumentum occultas, ne quis enumerare possit, ut re distinguuntur, verbis consissa esse videantur.*

Lêa o *Critico* os Sermoes do *P. Terri*, Jesuita Italiano, que floreceo com grande fama pelos annos de 1720, e os dedicou a Clemente XI; e no Sermaõ do Natal encontrará com a chamada tripeça. O Menino de Belem Mestre no silencio, Guerreiro na paz, Principe na miseria. No dos Santos Faustino, e Jovita: *A fazer singular a gloria de Faustino, e Jovita, se empenhaõ a Idolatria com as suas perdas, a Crueldade com as suas furias, a Providencia com as suas maravilhas.* Na festa de S. Luiz Gonzaga: *Hum grande Penitente sem delictos, hum grande Martyr sem verdugos, hum grande Santo sem milagres.* Lêa o *P. Joaõ Paulo Cagnoli*, incomparavel Pregador, que estampou os seus Panegyricos, e outras Prédicas no anno de 1721, no Sermaõ de Todos os Santos: *A gloria de Todos os Santos proposta como hum Triunfo da nossa humanidade, como hum Convite á nossa esperança, como huma Reprehensão á nossa cobardia.* No Sermaõ da Conceição de Nossa Senhora: *Tres Soberanias da Virgem na sua Conceição. Neve candidissima pela isenção da mancha, Frigidissima pela extinção do Fomes, Preciosissima pelos thesouros da graça.* No de Santo Estanisláo Kostka: *O Ceo o exalta com as suas graças, a terra com as suas honras, o Inferno com as suas perdas.* Em França o Illustrissimo *Flechiér*, Bispo de Nimes, Esmolero da Delfina, no Sermaõ de S. Bernardo: *Santo cheyo da sciencia de Deos,*  
T  
vestido

vestido da gloria, e poder de Deos, acompanhado em todas as suas emprezas da graça de Deos. No de Santo Agostinho: Ensinou a verdade, e a seguiu; ensinou a humildade, e a praticou; ensinou a charidade, e della foy possuido. No Sermaõ de Santo Ignacio de Loyola em Pariz: O fervor de Santo Ignacio na sua penitencia, o seu zelo para a salvaçaõ dos proximos, o seu valor para vencer os inimigos. Estes bastaõ para mostrar ao Critico, que se a tripeça se arma com tres pés, hum delles pertence a França, outro a Italia, e dê embóra o terceiro a Portugal; porque a divisaõ não he contra a Rhetorica, mas muito propria della, como diz Caufino: (11) *In principiis propositiõnum habet illa (divisio) majestatem*; e traz este exemplo: *Due res sunt, quæ hominem collocare possunt in amplissimo gradu dignitatis, una Imperatoris, altera Oratoris boni.*

Querendo o Critico descobrir erros nos nossos Sermoens, na carta 5. pag. 128. diz o seguinte. Encõmenta-se hum Sermaõ v. g. de exequias de hum General; o meu bom Pregador mostra aqui todo o seu engenho, e eloquencia. Sabe hum texto da Escriitura para thema, e ha de ser do Testamento velho. Mostra que Alexandre Magno em sua comparaçaõ era hum ridiculo &c. Ridicula chamo eu a esta critica, e injuriosa impostura; do modo, que neste lugar a pinta o R. Censor, que diz ser da reformada Recoleta dos Barbadinhos: se quer que o creaõ, diga couzas verosimeis, e não claramente falsas. Acha, que he materia de desprezo tomar hum thema do Testamento velho para hum Sermaõ de Exequias? Acha alguma prohibiçaõ disso nos seus Catalogos de livros? Entre elles, supponho, que não tem os Sermoens do Bispo de Nimes Flechier nas

Ora-

[11] Caufin. lib. 7. de Elocut.

Oraçoens funebres; procureo, e achará nas exequias de Henrique de la Torre de Auvergne, Marechal dos exercitos de França, dito na Igreja de Santo Eustachio aos 10 de Fevereyro de 1676. *Fleverunt eum omnis populus Israel planctu magno, & lugebant dies multos, & dixerunt: quomodo cecidit Potens, qui salvum faciebat populum Israel?* 1. Mach. cap. 9. Nas do primeiro Presidente Dila-moignon em París na Igreja de S. Nicoláo em 18. de Fevereyro de 1679. *Diligite justitiam, qui judicatis terram: sentite de Domino in bonitate, & in simplicitate cordis quærite illum.* Sap. c. 1. v. 1. Nas de M. Miguel le Tellier, Chancellor de França, na Igreja dos Inválidos em 22. de Março de 1686. *Usque ad senectutem permansit ei virtus &c.* Eccles. cap. 46. Veja a Oração funebre do Jesuita de La Neuville nas do Cardeal Hercules de Fleuri, primeiro Ministro de França: *Beatus homo, qui invenit sapientiam... Longitudo dierum in dextrâ ejus, & in sinistrâ illius divitiæ, & gloria. Viæ ejus pulchræ, & omnes semitæ illius pacificæ.* Prov. c. 13. v. 13. e 16: E outros muitos, que não refiro; mas todos com themas do Testamento velho, e do novo nenhum tenho achado entre os AA. que folheey.

Dos Francezes vamos aos Italianos. Procure S. P. os dous tomos de Oraçoens dos mais famigerados Jesuitas com este titulo: *Raccolta di alcuni Discorsi composti d'alcuni Oratori de la Compagnia de Gesu &c.* e lêa ao menos, a Oração funebre nas exequias do Imperador Joseph I, celebradas na Igreja de Santa Barbara em Mantua, feita pelo P. Joseph Antonio Caetano com o thema do Testamento velho: *Feci tibi nomen grande... cunquæ completi fuerint dies tui, thronus tuus erit firmus jugiter.* 2. Reg. 7. Continuando o Critico a sua satyra contra os Prê-gadores diz: *Se as exequias são de mulher, sabe*  
T 2
logo

*logo o Mulierem fortem quis inveniet? E não atendo acobado o sabio, afirma elle, que a gloria de achar esta mulher esteve reservada a sua diligencia. Que mais diria, se o thema fosse tirado de algum titulo de Comedia? Quanto melhor fora ensinar aos Portuguezes com publicar algum Sermaõ seu, que seria humna couza nunca vista. Em quanto não apparece o Sermaõ, busque o de Flechier nas exequias de Madama Julia Lucina d' Angennes de Rambouillet, Duqueza de Montausier, celebradas na Igreja da Abbadia de Hierre em 2 de Janeiro de 1672, que tem o thema: *Mulierem fortem &c.* Tambem para Oraçoens funebres usão em Italia de themas do Testamento velho. O P. Pedro Filippe Mazaroski nas exequias da Duqueza de Módena Carlota de Brunswick de Luxemburgo com o thema: *Surrexerunt Filii ejus, & beatissimam prædicaverunt &c.* Prov. 31. Camillo Maria Audiberti nas da Delfina de França Maria Adelaide de Saboya: *Consummata in brevi explevit tempora multa.* Sap. 4. O P. Antonio Francisco Bellati nas da Duqueza de Mantua: *Dilectus Deo, & hominibus Moyses.* Eccl. 45. O P. Carlos Jacintho Ferreri nas de Joanna Maria Grimaldi, Marqueza de Pianezza: *Scit omnis Populus, qui habitat intra portas urbis, Mulierem te esse virtutis.* Ruth. 3. 11, e outros, todos Jesuitas.*

Continúa a satyra do nosso insigne Prégador. Não me negará V. P. que esta he a pratica deste Reyno, porque lhe mostrarey muytos livros impressos, em que se achão estes Sermoens, e de homens, que tiverão, e cõservaõ grande fama. (Já daqui em diante a perderão, porque assim o ordena sua P.) Em primeiro lugar o thema da Escritura, e as provas tiradas della, são erro de toda a consideração: (tambem o thema da Escritura?) Que algum Expositor moderno dissesse alguma proposição, que se pudesse



desse applicar ao assumto, porisso hey de seguir a?  
 (Bem guiados v'ncos, se seguimos as de S. Car!)  
*Quantos destes Expositores não vemos todos os dias,*  
*que não sabem o que dizem? (Se os não vemos,*  
*como pôde dar razão, do que não vê?) Que ho-*  
*mem prudente faz caso de semelhantes escripturas,*  
*que não funde a sua exposição na doutrina da Igre-*  
*ja? Parece-me que isto he aquillo mesmo, que em bom*  
*Portuguez se chama impostura. Recorrem a hum Ex-*  
*positor, ou Santo Padre, que talvez guiado do juror*  
*do seu zelo, ou com excesso rhetorico disse alguma*  
*proposição, que para não ser heresia, he necessario*  
*tomála muitos furos abaixo do que jóa. Meu R. Cri-*  
*tico, para que são tantos rodeyos? Acabe de se*  
*explicar, e diga, que os Expositores, e o Santo*  
*Padre são hereges; que a tudo chega a sua criti-*  
*ca. Diga, que o Santo Padre não fallou com ze-*  
*lo, mas com furor; que sendo o zelo virtude, o*  
*furor degenerou em vicio. Diga, que o Expositor*  
*he corruptor, e declare-se sem cerimonia. Se lhe*  
*differem, que são muitos os Mysterios, que se en-*  
*cerraão na Escriitura, por serem muitos os sentidos*  
*della, diga, que são imposturas: se acudirem a San-*  
*to Agost. (12) In Scripturis Sacris profunda sunt*  
*mysteria, quæ ad hoc absconduntur, nè vilescant; to-*  
*me a sentença huns furos mais abaixo, para não*  
*ser heresia.*

E desta sorte procederá com coherencia no  
 que diz mais abaixo pag. 132. fallando, ou escar-  
 necendo dos Sermoens de Acção de graças, ou ca-  
 sos extraordinarios: *Eu li hum Sermão, que pertenc-*  
*cia a huma destas classes, em que o Pregador, por*  
*querer dizer huma novidade Theologica, disse huma*  
*heresia, que sómente o não foy na sua boca, porque*  
*não entendeu o que disse. Se a sua Theologia he tão*  
 apurada,

(12) S. August. tom. 6. de Utilit. credendi c. 6.

apurada, que assim descobre heresias, como lhe escaparaõ as proposições, que vão expendidas no cap. da *Teologia*? Teraõ a mesma desculpa, que aqui dá ao Prégador? Accrescenta o seguinte: *Li accon pore u ham S. P. moderno, que cuido jõe S. Bernardo, que lhe deo materia ao conceito*. Não he nada. O conceito foy heretico, deo materia para elle *S. Bernardo*: e como havemos de desculpar o Santo? O Prégador tem por desculpa a sua ignorancia: esta não se póde dar a *S. Bernardo*, que nada tinha de ignorante. Console-se o Doutor Mellifluo com *S. João Damasceno*, que he do seculo oitavo, a quem o *Critico* collocou na classe dos *espiritos sediciosos*; (13) com *S. Gregorio Magno*, de quem diz na sua *Resposta* pag. 54, que foy hum dos que em materia de eloquencia soube menos, e cõmetteo muitos erros contra a Rhetorica, e Grammatica. *Riccardo Licio* foy louco, como diz na *carta* 8. pag. 286, não lhe valendo dar a vida por Christo, e ter culto immemorial em Malhorca. Basta, que seja *petulancia chamar herege a Jansenio, como se tivesse as mesmas opinioens...* foy, e morreo Catolico. (14) Passo em silencio as reflexoens, que daqui podiaõ nascer, para mostrar agora ao R. Fr. *Barbadinho das Estrellas* a lastimosa ignorancia, com que ainda procede na continuacão da sua *Critica* a respeito das Oraçoens funebres.

Não dirá já, que o *thema da Escriitura*, e da Escriitura do *Testamento Velho* em *semelhantes composições he pratica deste Reyno*; pois lhe mostrámos a pag. 147, e 148 o ser familiarissima aos primeiros, e mais célebres Prégadores de Italia, e França: mas elle, como pouco, ou nada instruído na materia presente, nella se declara ignorante desmar-

(13) Carta. 14. pag. 202. (14) Rep. pag. 19.

desmarcado. Hey de ver, se tem conta, e numero (que pezo certamente não) os reparos deste intoleravel *Barbadinho*, filhos todos da sua crassa ignorancia! *Se as exequias são de mulher, sayer logo o Mulierem fortem quis inveniet.* (15) É ainda que esta Senhora fosse Religiosa, e de animo pacifico, não pode deixar de curar o fato de *Juditb*: (*Juditb* dizemos os Portuguezes) a sua espada eraõ as disciplinas, e cilícios: *Holofernes* era a figura do mundo, que ella matou, e prostrou com facilidade, &c. Por hora não vamos adiante. E parecem a S. P. em huma Senhora Religiosa, occupada toda no tranqüillo exercicio da contemplação, impróprias as armas? Pacifica era *Sunamites*, viva figura, e animado symbolo de huma Religiosa; e com tudo, nos exercicios santos do Coro, o mesmo Esposo a deo a ver entre *Marciaes* estrondos, e bélicos apparatus: (16) *Quid vidétis in Sulamite* (in Pacificâ) *nisi Choros castrorum? Ordines Religiosos*, expõem o sempre grande A' *Lapide. Sponsa, cum propter fortitudinem, ac excelsum animi robur, armique militaria Castris est similis; etiam Chorus existit, divinas laudes in ore gerens: accrescenta Theodoreto.*

Espada tem as sagradas Virgens, e Esposas de JESU Christo; não de ferro, e aço, ainda mais invenciveis, e formidáveis. A pudicicia, a modestia, e o pejo são as armas destes invenciveis Espiritos: (17) *Vicit leonem femine pudor: Tigridem superavit speculam pudicitiae: Serpentem contrivit verecundiae typus.* Espada he a gravidade do semblante nas Virgens, que a Deos são dedicadas: (18) *A' facie gladii Columbæ.* Armas das  
sagra-

[15] Carta 5. da Necessidade, e utilid. da Rhetor. pag. 129. & seq.

[16] Cant. 7. v. 1. (17) Joseph. Cactan. Theo-Rhetor. Simulacr. pag. 59. [18] Hierem. cap. 50.

sagradas Virgens são as suas modestas palavras, e armas tão invencíveis, que ao diabolico atrevimento dão a merecida morte: (19) *Percuties eam in labiis caritatis mæ.* Seja licito applicar o texto, que falla de huma illustre Heroína, ás Esposas de Christo: (20) *Hydrem irretivit, inlaqueavit, convicit, & propriis verbis jugulavit, priusquam pugione conficeret.* Tão proprias são estas armas das grandes Heroínas, que até os mesmos Gentios fingirão armadas as suas Deosas Virgens. Armaraõ a Pallas de escudo, e hasta: a Diana de arco, e settas. Assim o advertio o Doutor Maximo na Epist. ad Princip. *Ut scias enim semper Virginitatem gladium habere pudicitie, Gentilis quoque error Deas Virgines finxit armatas.*

Continúa o Reverendissimo, e com a sua costumada pedanteria. Mas como na Escriitura antiga ha poucos exemplos de mulheres heroicas, recorre logo (o Prégador) à nova, e lá vay buscar a mulher do Dragaõ, e discorre das virtudes da dita Senhora. Ora Deos o faça santo, e melhor Frade, do que se considera. Ha poucos exemplos de mulheres heroicas na Escriitura antiga? Como se engana. O que he não abrir, ou não saber folhear a Biblia! Não passemos do Velho Testamento, e nelle acharemos não poucas, e essas de muy distinto mérito. A filha de Jephthé, chamada Seiola, para exequias de Religiosas. Lyra. Pagnino, Vatablo, e muitos Rabbinos escrevem: *Filiam bene non fuisse occisam à patre, sed fecisse eam Nazaræam, id est, Religiosam, & quasi Monacham;* por ser morte civil a vida religiosa, e casta. Sey, que a esta sentença dos AA. citados se oppoem A' Lapide com o cômum dos Padres, afirmando, que Seiola fora na realidade sacrificada. Porém para  
 ser

[19] Judith cap. 9. [20] Joseph. Caet. loco citat.



fer figura de hum espirito religioso, poderá sem temeridade bastar a authoridade, e o sentir de Lyra, e dos mais AA., que deixamos citados.

*Debora* para as exequias de hum Princeza, ou Rainha Regente em tempos calamitosos, e de guerra, v. g. da Augustissima Rainha de Portugal a Senhora D. Luiza, viuva do Inclyto Aflertor desta Monarquia o Senhor Rey D. Joaõ o IV, de eterna recordação; e de outras Augustas Princezas, e Serenissimas Rainhas. (21) *Debora, marito Lapidoth fatis crepto, sic erat superis devota, ut sibi devotos pariter haberet superos, ageretque Judicem, cum sub palmâ populo jura tunc temporis dispensaret. Hec altiore consilio animavit Baracum Principem, ut arma hostium provocaret.* Della disse Santo Ambrosio: *Fœmina judicavit, fœmina triumphavit: &, præliantibus intermixta copiis, imperio viros docuit militare fœmineo.* (22) Nem obsta o não ser Debora coroada, para deixar de representar a Soberania, e a Magestade; porque nos symbolos alguma circunstancia se deve dissimular.

A Esposa dos Cantares em infinitos lugares daquelle livro para as exequias, especialmente de Senhoras, e de Princezas. Para as de casadas *Susanna*: (23) *Susanna, uxor Joachimi, viri inter suos facile Principis, Matrona fuit, in quam natura forme gratias omnes; educatio Numinis timorem; Pietas conjugalis castimonie fidem; Cælum virtutum plurima decora felici dote congesserant.* Para viuvas *Judith*, e não para as das Senhoras Donzellas, e Religiosas: (24) *Juditha uxor Manassis, quartum jam annum vidua, sed etiamnum ætate florida* (trigin-

V

ta

[21] Schuvvarz Instit. Histor. ad annum Mundi 2741. cap. 4. §. 2. n. 3. pag. 182. (22) D. Ambros. lib. de Viduis (23) Schuvvarz ibid. ad ann. Mundi 3438. cap. 5. §. 2. n. 1. pag. 372. [24] Idem Schuvvarz ad an. Mund. 3346. cap. 5. n. 2. pag. 369.

ta trium annorum, teste Sallustio) genere nobilis, opibus locuples, animi magnitudine Amazon, formæ prodigium, & quod prodigio maius, virtutis simul, ac pudicitiae idea, sanctitatis famâ in Urbe celebris, utpote quæ fronte charites, modesto cultu, quotidianis penè jejuniis, cilicioquæ frænabat. Summis in edibus, erecta sibi cremo, cum suis diu, noctuque precibus instabat. Emfim nas Escrituras do Testamento antigo se achão *Esther*, *Jabel*, *Abigail*, *Rachel*, e outras, sem ser absolutamente preciso recorrer ao Testamento Novo, e hir bulcar a *mulher do Dragaõ*. Grande *Lagarto* he este nosso *Barbadinho*! Não achou em taes desposorios huma intoleravel improporção!

A Matrona do *Apocalypse* no sentido literal representa não menos, que a Igreja; e no allegorico a Santissima Virgem *MARIA*: accrescendendo o douto *Ferrari*, que tambem literalmente symboliza a mesma Santissima Virgem; porque muitos Theologos, que cita *Vasques*, (25) como são, primeiro que todos, o *Doutor Angelico*, e depois d'elle *Caetano*, *Valença*, *Molina*, &c. ensinaõ, que hum, e mesmo lugar da Escritura pôde ter muitos sentidos literaes: e nem de outra sorte se explicaria bem o fim intentado pelo Espirito Santo nesta Revelação do cap. 12. do *Apocalypse* vers. 4. Esta Matrona nem pôde, nem deve intitular-se, sem blasfemia, e sacrilego atrevimento, *mulher do Dragaõ*; porque ella, ou como symbolo da Mãe de Deos, ou da primitiva Igreja, Mãe, e fundadora da Igreja Catholica Romana, antes de passar, e voar, qual Mystica Aguia, dos Judêos para os desertos da Gentilidade, triunfou do *Dragaõ*, que por meyo de Herodes intentou devorar a Christo infante; e pelos Heresiarcas, ao povo fiel, e santo:

(25) Vasques disputat. 17. c. 2. A<sup>c</sup> Lap. in 12. Apoc. 4. Alcazar ibidem, & alii.

to: de tal forte triunfou, que *Proiectus est Draco ille magnus, serpens antiquus, qui vocatur diabolus, & satanas*. E que tal esposo seria este ainda para qualquer Matrona, filha da Santa Igreja; quando em sentido acõmodaticio fosse symbolizada na do *Apocalypse*? He linda graça: *A mother do Dragaõ!*

Conclúe a censura contra os Sermoes funebres. *Estes Prégadores não devem ter lido o Concilio de Trento sess. 1. que prohibe o uso de palavras sagradas applicadas a couza profana. Depois disso, quem poderá defender aquellas provas tiradas da Es-critura? . . Porque eu não acho, que semelhante applicação seja outra couza mais, que applicar com grande irreverencia humas palavras santas a hum sentido indigno, profano, e falso, que he o mesmo, que condena o Concilio. Não ha dizer mais atrevido! S. P. certamente não lêo o Concilio, e muito menos na sessaõ 1. Foy esta celebrada aos 13. de Dezembro de 1545, e nada contém mais, do que o Decreto de inchoando Concilio. Na 4. sessaõ, que se celebrou aos 8. de Abril de 1546, e inclúe os Decretos de *Canonicis Scripturis, & de editiõne sacrorum librorum*, não se achão as palavras do Concilio na fórma, que o senhor Padre as transcreveo. Para assim o convencer, julguey preciso fazer as seguintes copias: huma fielmente tirada do Concilio; e outra descrita na carta 5. do *Barbadinho* a pag. 129.*

COPIA DA SESS. IV. COPIA FEITA PELO  
do Concilio. Critico.

**P**ost hæc, temeritatem illam reprimere volens, quâ ad profana quæque convertuntur, & torquentur verba, & sententiæ Sacræ Scripturæ ad scurrilia scilicet, fabulosa, vana, adulationes, detractiões, superstitiones, impias, & diabolicas incantationes, divinationes, sortes, libellos etiam famosos; mandat, & præcipit, ad tollendam hujusmodi irreverentiam, & contemptum, ne de cætero quisquam quomodolibet verba Scripturæ Sacræ ad hæc, & similia audeat usurpare, ut omnes hujus generis homines temeratores, & violatores Verbi Dei Juris, & arbitrii pœnis per Episcopos puniantur.

**Q**uia nonnulli Sacrarum Scripturarum verba, & sententias ad profana quæque detorquent, ad scurrilia scilicet, fabulosa, vana, adulationes, detractiões, superstitiones, impias, & diabolicas incantationes, divinationes, sortes, libellos etiam famosos: ad tollendam hujusmodi irreverentiam, prohibet S. Synodus, nè quisquam quomodolibet verba Scripturæ Sacræ ad hæc, & similia audeat usurpare: atque hujusmodi temeratores, & violatores Verbi Dei Juris, & arbitrii pœnis per Episcopos coerceantur.

Eis aqui a fidelidade, com que o *Barbadi-*  
*n's* transcreve a authoridade de hum Concilio Ge-  
ral da Igreja: e como o fará a respeito dos AA,  
que cita? Ou elle não os lê nas fontes, ou de cer-  
to modo os vicia; como fez ao Decréto do Triden-  
tino! O certo he, que o Concilio não repróva, e  
menos prohibe, o usar-se nos Sermoes de Exe-  
quias das sentenças, e textos da Escriitura. Prohibe  
sómen-



sómente o abuso, que póde haver na profanação dos livros Divinos, viciando-os, corrompendo-os, e applicando-os a objectos indignos, e fazendo uso delles com temeridade, desprezo, e irreverencia. Sem estes vicios houve, e póde haver huma grande copia de excellentes Sermoens funebres. Nelles costumão referir-se as virtudes moraes, politicas, e Christans, que praticou, em quanto vivêo, o Prelado da Igreja, o Rey, o Princepe, o Heróe, a quem se dedicaõ as funeraes honras, e se fazem as exequias. E quem prohibirá o exemplificarem-se virtudes com textos da Escritura, e principalmente, quando com elles se animaõ os ouvintes á pratica das mesmas virtudes? Que irreverencia, ou sacrilegio he provar se, ou demonstrar-se com hum passo das Sagradas letras a acção de hum Soberano Catholico, ou de hum Heróe Christão, ou tambem Heroína? Assim o fizeraõ o *P. Antonio Vieyra*, o *P. Antonio de Sá*, e muitos Sagrados, e excellentes Oradores: e o que mais he, os mesmos Santos Padres, e Inclytos Doutores da Igreja. O *Meilifluo* nas exequias de seu irmão *Gerardo*. Mas deste Santo Padre blasfema o *Critico* na sua carta da *Rhetorica* a pag. 132, dizendo, que he *Santo Padre moderno, e que frequentemente usa de hyperboles*; e ainda accrescenta alguma couza mais, não sem detrimento da illustre fama de tão insigne Doutor, como já com grande lastima insinuámos a pag. 150.

Pois agora hey de allegar hum Santo Doutor antigo; e he o Grande Arcebispo de Milão *Santo Ambrosio* na Oração funebre de *Valentiniano Cesar*. Ora ouça, e com attenção: „ Licet & mihi „ charáctere Domini Schema: *Valentinianus meus*: „ *Juvenis meus candidus, & ruber... Caput ejus* „ *aurum Cephass: oculi ejus sicut columbae super* „ *abundantiam aquarum. Ibi enim sedimus, & fle-* „ *vimus*

„ vimus , dixerunt qui inde venerunt : venter ejus  
 „ pyxis eburnea , qui reciperet oracula Scriptura-  
 „ rum , ut posset dicere : ventrem meum dóleo. Ge-  
 „ næ ejus phialæ aromatis. Labia ejus distillantia  
 „ myrrhâ plena. Manus ejus tornatæ aureæ , plenæ  
 „ tarsis. . . Locutus sum de corpore tuo. Nunc allo-  
 „ quar animam tuam dignam Propheticiis ornamen-  
 „ tis. Jisdem igitur utar exordiis. Quænam hæc est  
 „ prospiciens sicut diluculum , speciosa sicut Luna ,  
 „ electa ut Sol? Videor mihi te videre fulgentem,  
 „ videor audire dicentem : Diluculum mihi est Pa-  
 „ ter. . . . Tuæ ascendenti animæ Gratianus frater oc-  
 „ currit , & complexus eam dicit : Ego fratri meo,  
 „ & super me conversio ejus. . . Veni , inquit , fra-  
 „ ter meus , exeamus in agrum , requiescamus in  
 „ Castellis , diluculò surgamus in vineas. Hoc est ,  
 „ venisti eò , ubi diversarum virtutum fructus pro sin-  
 „ gulorum meritis deferuntur , ubi abundant meri-  
 „ torum præmia. Exeamus ergò in agrum , in quo  
 „ non vácuus labor , sed fæcundus proventus est  
 „ gratiarum , quod in terris seminasti , hîc mete ;  
 „ quod ibi sparsisti , hîc collige. . . In fóribus nos-  
 „ tris omnes fætus arborum , nova , & vétera , fra-  
 „ ter meus , servavi tibi. Quis dabit te , frater , fra-  
 „ trem mihi lactentem ubera matris meæ? Inveniens  
 „ te foris , osculabor te , assumam te , & indúcam  
 „ te in domum matris meæ , & in secrétum ejus ,  
 „ quæ concépit me. Potum dabo tibi à vino operósi  
 „ unguenti , à fluxu malorum granatórum meorum.  
 „ Læva ejus sub caput meum , & dextera ejus com-  
 „ plectétur me. &c.

Eis-aqui parte da Oração funebre de *Santo Ambrosio* nas exequias de hum Principe , e se eu a transcrevesse toda , veria S. P. huma immensa copia dos textos da Sagrada Escritura , e alguns expendidos em estylo certamente concionatorio. Póde  
 o Bar-

o *Barbadinho* para confusão sua lér a citada Ora-  
 ção, e logo na primeira lauda se poderá desfenga-  
 nar. „ Undè Prophetici Threni n. ihi utendum exor-  
 „ dio videtur. Quomodo mæret Italia, quæ abunda-  
 „ bat gaudiis? Plorans ploravit in nocte, & lachry-  
 „ mæ ejus in maxillis ejus... Flet igitur Ecclesia  
 „ Pignus suum: & lachrymæ ejus in maxillis ejus.  
 „ Quid sit maxilla, audi. Qui te percusserit in ma-  
 „ xillam, præbe ei & alteram. Percussa eras, Ec-  
 „ clesia, in maxillâ tuâ; cùm amitteres Gratianum,  
 „ præbuiſti & alteram, quando tibi Valentinianus  
 „ ereptus est. Merito tibi non in unâ maxillâ, sed  
 „ in utrâque sunt lachrymæ, quia piè germanum  
 „ utrumque deploras. E ſaiba o *Critico*, que o Em-  
 perador Valentiniano era ſómente bautizado, *batis-*  
*mo Flaminis*; e o motivo consta da meſma Oração:  
 „ Ille (Christus) te baptizavit, quia humana tibi  
 „ officia defuerunt. Do meſmo eſtylo, e uſo de tex-  
 tos da Eſcritura uſou o Santo Arcebiſpo na Oração  
 funebre de *Satyro* ſeu irmaõ. Eu bem pudéra  
 tranſcrever outras de outros Santos Padres, mas  
 neſta parte baſta o que baſta; e muito principalmen-  
 te, para não ficar infamada a clara memoria, e bem  
 merecida fama dos Prégadores Portuguezes. Feche o  
 Concilio de Trento, que não ſoube allegar, nem  
 ainda trasladar; e não preſuma comprehendere na  
 ſua juſtiſſima prohibição, e ſevéras penas ſemelhan-  
 tes Orações Sabemos entender o Concilio, e não  
 profanar o miniſterio da Prégação, ou fazer uſo  
 das Eſcrituras com irreverencia.

Paſſemos a lembrarnos, mas ſuccintamente,  
 do que S. P. já diſſe, e nós deixámos inſinuado a  
 pag. 144. a reſpeito dos Sermoens das tardes. Quer  
 ſe prégue de tarde ſobre o Evangelho da Dominga.  
 E quem poém eſta ley? Quem? o Reverendiſſimo.  
 Ora recolhaſe; que para legislador não tem barbas  
 ſeme-

semelhante *Barbadinho*. Os Sermoens das tardes foram instituidos para recreação do espirito dos Fieis, para se laxar o animo dentro dos limites da devoção; e porisso os Prégadores buscão thema, divisoens, e materia, em que possaõ unir com o solido da Doutrina Evangelica o agradavel, e o exquisito da invenção Rhetorica, para deste modo instruirem, deleitando os animos, e reprehenderem, suavizando o amargo da correcção. Em tudo deve haver modo, e com especialidade nos empregos espirituaes, e exercicios de devoção. Se N. P. fosse legitimo *Barbadinho*, e filho da Congregação de Italia, fallaria de outra forte. Ora ouça ao Eloquentemente *Vieyra* na Noticia prévia aos cinco divinos *Discursos sobre as cinco Pedras da funda de David*, as quaes o blasfemo *Censor* intitula *Seixadas espirituaes*, e só couza digna de hum menino, que não entende o que he eloquencia. (26) ,, Roma, que em ,, todos os tempos he Cidade Santa, no tempo Santo da Quaresma se excede a si mesma. Não só os ,, dias, senão tambem as noites se santificão com ,, continuos exercicios de piedade, e devoção. A ,, este fim, para divertimento espiritual da Corte, se ,, instituirão os vulgarmente chamados Oratorios, ,, nos quaes por modo de diálogo se representaõ em ,, excellente musica as historias mais celebres da ,, Escritura; como o sacrificio de Abraham, as ca- ,, dêas de Joseph, a tragédia de Aman, e outros ,, de semelhante doutrina: e no meyo desta suavidade, com que maravilhosamente se dispoem os ,, coraçoes, para suavizar o util com o doce, se ,, ouve hum breve Sermaõ. &c. P. R. está sufficientemente dada a razão, porque os Prégadores das tardes não tomaõ para discorrer o Evangelho da Dominga, sobre que já de manhãa se costuma prégar:

(26) Pag. 149. da Carta de Rhetor.



gar: buscaõ texto particular, e delle deduzem argumento engenhozo, plausivel, e tambem importante. E como a Escriitura he abundante mina de soberanas preciosidades, nella achão, e acharão sempre graves, e agradaveis divisoens para as cinco tardes, iem que tenhaõ necessidade de valerse da receita do *Barbadinho*; que sem respeito ao Sagrado ministerio da Prêgação Evangelica, se atreveo a dizer com sacrilego atrevimento, e blasfema petulancia, na sua citada *carta da Rhetorica* pag. 148. *Não sey, como estes Prêgadores engenhosos não tem buscado os cinco Escudos das Armas de Portugal, ou as cinco Quinas; em que se podia dizer muita couza boa. Não sey, como se não tem pegado ás cinco torres de Lisboa, a de S. Gão, do Bugio, de Belém, a Torre Velha, e o Forte da Casa da India: daqui podiaõ sair muitos tiros espirituaes, e se podia dizer muita couza bonita.*

Para não deixar de fazer, e estolidamente, guerra a todo o Racional, diz na mesma carta pag. 148. *Hum Prêgador de boa fama, que ouvi, tomou por assumpto explicar o Racional de Arám. Este titulo de Sermaõ agradou muito aos que tem o juizo nos cotovelos, (S. R. nos calcanhares) que são os mais: Concorri eu tambem para ouvir o Sermaõ, porque casualmente naquelle dia achava-me na dita Cidade. (Ora jure-o pela Madre de Deus! E o que mente o bom do Fradinho!) E como já se fallava muito nas taes Domingas, que foraõ prêgadas em outra parte; fuy ouvir, que assumpto tirava do Racional... Galante modo de explicar o Racional de Arám! Sabindo eu para fóra, encontrey hum Religioso da Companhia meu amigo, e hum dos homens de melhor juizo, que eu tenho cá visto, (Aonde he este cá?) o qual, apertando-me a mão, me disse: Amigo, o Racional he hum peſte: o pobre Arám não esperava, que o tra-*

*tassem tão mal : e conclubio dizendo , que tudo aquillo era huma parvoice.* Esta a historia do *Barbadinho* , e este o estylo , com que costuma fallar das pessoas , que devia venerar , se o negro fumo da sua vã presunção lhe desse lugar a discorrer com acerto. Agora contarey eu tambem a minha historia. Dos Sermoens , de que neste lugar falla o *Critico* , he Author hum dos grandes Mestres , e Prégadores da Companhia , que com innumeravel concurto , e grande applauso foy ouvido na *Universidade de Coimbra* , e com igual estimação , e justamente merecida , na de *Evora*. Por exactas informaçoes que tirey , soube , que nesse anno não apparecera *Barbadinho* algum em *Evora* , mas sim hum Pupillo da Ordem , e de poucos annos , o qual na mesma Universidade se axaminou de Filosofia , enfarinhado em quatro caspas , da que chamaõ da moda , e tão mal engroladas , como mostrou nas occasioens , em que fallava nestas materias , e sempre de modo , que causava riso. Como podia naquelles annos saber , que cousa era Sermaõ bom , ou máo ? E como haveria Jesuita , salvo fosse louco , que desse semelhante censura de hum Prégador da primeira fama da sua Religião , e a declarasse a hum rapaz , de quem se não fazia caso ? Busque quem dê credito ás suas historias , e authorizeas com melhor Author.

Não lhe esqueceraõ os Sermoens Panegyricos dos Santos , e diz na pag. 137. *A outra especie de Sermoens , em que com mais facilidade se dizem despropósitos , são os Panegyricos dos Santos.* Assim em Sermoens , como em outras composições , versos , cartas , dedicatorias , &c. se pôdem dizer despropósitos ; mas tambem se pôdem dizer couzas muito boas. O ponto he distinguir o bom do máo. O *Critico* , sempre pronto para dizer mal , busca o máo , e talvez de quando em quando o finge : outras

tras vezes defata os Sermoes, e póstos sem nexo parecem huma couza, e com o seu nexo são outra. Deixando toda a maledicencia contra os Pregadores ( que a dirigida ao *P. Vieyra* tem lugar separado ) passo a reparar em huma historia, que conta na sua carta 6. pag. 184, e he a seguinte.

*Eu fallei em certa Cidade com hum Religioso, que viera instruir em Rilhafolles os Ordinandos, e me disse, que ficara pasmado de ver a ignorancia destes paizes, principalmente dos Clerigos, muitos dos quaes, não obstante terem fama de doutos, necessitavam de aprender os primeiros rudimentos da Fé. Este fallava por experiencia; pois estivera dois annos em Portugal: era além disso hum homem de muita virtude, e muy moderado no fallar. Que incoherencias, e manifestas mentiras se estão vendo nesta historia! Tem pregado nesta carta, que quem usa de boa Rhetorica, deve valer-se de argumentos verosimeis, e agora nos quer persuadir huma historia composta de partes repugnantes! Quem lhe contou esta historia (se acaso lha contou) não era da Congregação de S. Vicente de Paulo; porque estes não são Religiosos, mas pertencem ao Clero Secular, como diz a Bulla da sua Confirmação: *Ex commissa nobis*, expedida aos 22. de Setembro de 1655. por Alexandre VII. ibi: *Dicta Congregatio non censeatur in numero Ordinum Religiosorum, sed sit de corpore Cleri secularis*. Fallava por experiencia, porque estivera dois annos em Portugal. Que futilidade! E bastariam dous annos para conhecer todo o Clero do Reyno? Nem ainda o de Lisboa! Fallou com todos, para formar conceito da sua ignorancia? Se nesse exame gastava o tempo, quando tratava da direcção nos Exercicios, e do ensino das ceremonias? Se dissera, que vivera em Portugal trinta, ou quarenta annos, e correria o*

Reyno com as suas Missoes, louvavelmente instituidas *ad evangelizandum pauperibus, maxime rusticis*; que tratara com o Clero, não só como Missionario, mas como especial Inspéctor, mandado para se informar do Clero Portuguez, daria algum fundamento verosímel; mas metido dous annos na occupação de Rilhafolles, e com esta experiencia achou grande ignorancia *nestes paizes*? Não se entende, quaes seriaõ estes paizes; salvo se eraõ, os que das suas janélas, e mirante descobrem estes Padres: porque de Rilhafolles não se póde dar noticia dos paizes do Reyno; se não he, que os vio pintados, ou delineados em algum mappa.

Vamos continuando com a historia. *Muitos dos quaes necessitavaõ de aprender os primeiros rudimentos da Fé.* Esta clausula satyriza a Relação do Eminentissimo Senhor Cardeal Patriarca, e aos seus Examinadores; mas isso para o P. Barbadinho são obsequios, que lhes faz, e tambem mostra a má consciencia do *historiador*; pois era obrigado, por acudir ao bem cõmum, a dar parte de tudo a Sua Eminencia. Tambem satyriza a todos os Senhores Bispos do Reyno, quando diz na carta 16. pag. 287. *Admirome muito mais dos Bispos, que ordenaõ estes ignorantes... os Bispos cuidaõ pouco nisso.* E como soube o P. Instructor, que os Ordinandos ignoravaõ a doutrina Christã? A sua occupação era para ensinar as ceremonias da Missa: e os Ordinandos eraõ tão crianças, que se deixavaõ examinar da doutrina Christã? Demos outro passo á historia: *Muitos destes, não obstante terem fama de doutos, necessitavaõ de aprender os primeiros rudimentos da Fé.* Aqui larga o *historiador* as vélas á sua vaidade; mostrando ser tão perspicaz, que ao mesmo passo, que os julgava ignorantes, descobria a mesma, ou mayor ignorancia nos que eraõ tidos por doutos;



doutos; porque na verdade quem julga a hum ignorante por sabio, he tambem ignorante. O fecho da historia he o melhor; pois diz, que o Padre, que o contou, *era alem disso homem de muita virtude, e muy moderado no fallar*. Se esta era a sua moderação, que diria, quando se esquecesse della? Não se encontra nesta historia final de virtude, senão de vicio. O primeiro da *murmuração*, dizendo com tanto encarecimento mal de hum Estado inteiro. Segundo, *falta de charidade*; porque com ella encobreria os defeitos, e só diria o bem, que foubesse. Terceiro, *falta da verdade*, affirmando de hum Reyno, o que elle não podia saber, metido quatro dias, e occupado, em Rilhafolles; antes devia saber o contrario.

A razão he; porque nestes principios os mesmos Padres da Congregação, para instruirem os Ordinandos em ceremonias, se valeraõ de Clerigos seculares, peritos nesse estudo pela lição, que tinhaõ, de *Joaõ de Brito, Lucas de Andrade, Christovaõ Martins*, que escreveo na lingua Latina, *Joaõ Campello de Maccdo, e Joaõ Duarte dos Santos*, todos Portuguezes, e do habito de S. Pedro, além de outros, em que tem distinto lugar os *Mestres de Ceremonias da Santa Igreja Patriarcal*. Para a instrução dos mesmos Ordinandos em os exercicios espirituaes, e praticas ascéticas convidaraõ Clerigos Seculares, e tambem para as Confissoens geraes. Quarto, a *ingratidão*; não devendo fallar mal de hum paiz, onde comeo, e talvez ainda coma o paõ. Mas deixemos *Ceremonias*, que fiquem para os Ordinandos. Se hey de dizer o que sinto, a historia he fingida: e certamente, que o *Critico* não necessitava desta ficção, porque elle mesmo de sua casa accrescenta muito mais; salvo se quiz authorizar o seu dito com a authoridade daquelle

quelle virtuoso, e moderado Religioso.

Continúa na carta 8. a pag. 285 do segundo tomo a dizer com toda a synceridade: Não tenho visto Clero secular tão ignorante, como o de Portugal, e isto mesmo me confessarão ingenuamente alguns Portuguezes, que tem visto outros paizes. Na pag. 286, e 287. Muitos que não tiverão mais, que o primeiro anno de Teologia, muitos juntem duas regras de Larraga.. Esta he a mayor parte.. Tomara que me dicesssem, com que consciencia se ordenão, e aceitam empregos Ecclesiasticos.. não sabem, que couza he ser Ecclesiasticos; que digo eu ser Ecclesiasticos! Achey Sacerdotes, que não entendião o que lião no Breviario, e no Missal, e pronunciado palavras, que nem Latinas erão, nem Gregas, nem Hebraicas, mas inventadas por elles, porque taes couzas se não achavão no Missal. Todas estas injurias, e afrontas achou o Critico no seu Rigorismo, que licitamente se podiaõ dizer de hum estado inteiro, sem seguir no que diz, nem ainda o Probabilismo. Deixando porèm esta reflexão passo a outra. Este he o meyo, que busca para nos afeiçoar ao seu celebrado *Método de estudar*? Como se esqueceo do que tinha dito na sua carta 6. pag. 192. Em quarto lugar deve cuidar muito o Orador (e o Escriitor) em não offender com palavras os seus ouvintes (e Leytores) os homens não gostão de reprehensões publicas (muito menos de afrontas) e parece que com razão. Tudo se pôde persuadir com bom modo, e facilmente concordamos no que nos dizem, se ouvirmos as razões propostas com amizade, e com brandura, e por hum homem, que não faz vaidade da eloquencia, que não ostenta triumphos.. porisso he muitas vezes necessario não condenar tudo. Observey sempre, que quem nega tudo, não conclue nada. Se o Critico executasse esta regra; escreveria com a moderação

dezação, que não mostra, e escandalizaria menos aos que tem lido estas suas *cartas*.

A sentença, que pronunciou contra o *Estado Clerical*, se em todo o tempo, neste, com muita especialidade, se não livra de ser falsa, e injuriosa impostura. Que letrados não acharia no Clero, se quizesse dizer a verdade? Acharia huns condecorados com a Sagrada purpura Romana; álem de dous, que ha pouco falleceraõ, dos quaes hum em Roma mostrou as suas grandes letras, e outro em Portugal a sua grande capacidade. Acharia outros condecorados com as Mitras, tanto no Reyno, como no Ultramar, elevados a taõ alta dignidade pelos merecimentos de suas letras. Repare na *Patriarcal*, onde encontrará letrados, e laureados, por quem ainda suspiraõ os Doutoraes de Coimbra. Nas Cathedraes do Reyno ha de ver Conegos Doutoraes, e Magistraes, entre outros, que o podiaõ ser, Alumnos de Minerva, e justamente graduados nas Universidades. Chegue até Coimbra, e se confundirá, vendo regidas muitas de suas Cadeiras por Sacerdotes Seculares Mestres dignissimos.

Ponha-se hum dia á porta do Desembargo do Paço, e á da Mesa da Conciencia, e repare nos *grandes Mestres*, que verá sahir, com coroas na cabeça, e com a cabeça cheya, e coroada de letras: lance os ólhos para os *Ministros Ecclesiasticos*, e suas Relações, ao grande numero de *Advogados*, e ao mayor de *dignos Parochos*, e de outros, que o mereciaõ fer, se fossem tantos os premios, como os beneméritos delles. Sem sahir da Corte encontrará *doutos Theologos*, *sabios Juristas*, *famosos Pregadores*, e *insignes Academicos*. E que diria, se corresse os Bispados do Reyno? Só no de Braga, e Porto, por occasião de se opporem ás Igrejas

Paro-

Parochiaes , acharia tantos *insignes Mmralistas*, que lhe caufariaõ não pouca admiração. Porém não está mais na sua mão : ha de dizer mal de tudo , o que pertence a Portugal , seja como for !

*Erros da Critica contra o Esclarecido*

**P. ANTONIO VIEYRA:**

**P**Arecherà escusado fazer especial menção da descomposta critica do *Barbadinho* contra o Eloquentissimo, e Venerando *P. Antonio Vieyra*, crédito da Nação Portugueza, e da Religião da Companhia de JESUS: porque o seu illustre nome lhe serve de defenfa, como julgou o *P. Arsenio*, que por esse motivo totalmente desprezou a censura do *Critico* contra os seus Sermoes. Mas porque não cuide, que o calar he consentimento, determiney dizer alguma couza nesta materia. Sempre os homens grandes tiveraõ émulos: huns os criticaõ levados da inveja; porque, conhecendo-se inferiores, procuraõ abatêlos, para ver, se com esta traça se pôdem igualar com elles. Outros feridos da ambição, e desejo de ser nomeados, como *Hirostrato*, que só para o ser no Mundo queimou o celebrado templo de Diana; pois dando a publico a sua censura, ainda que nada ganhem para com os doutos, alguma couza lucraõ para com os que pouco sabem; por quanto vendo estes a hum *Critico* opposto a quem tem adquirido a geral estimação, persuadem-se, que quem o desafia, he ainda mais sabio, e tem *muis agudo criterio*. A verdade he, que outras vezes se fazem *Criticas* contra os que não tem reputação: e pelo contrario, os que a tem, logo encontraõ *Zoilos invejosos*, crescendo a sua



sua invéja, ao mesmo passo, que vêm crescer a sua merecida fama; assim como a torre, que quanto mais alta he, tanto mayor se mostra a sua sombra. Com elegancia Poética declarou esta verdade hum Curioso, a quem convidaraõ para defender *Vieyra* contra outro, ainda que mais moderado, *Critico*; escusando-se com o seguinte

## E P I G R A M M A.

**N**on tali auxilio, nec defensoribus ullis.  
*Indiget ingenium, Magne Vieyra, tuum.*  
*Nec famam, aut meritum minuet Crisis imbia nomen,*  
*Laus tua, quod semper Zailus invideat.*

As estimaçoens, que entre os Doutos alcançou o *P. Vieyra*, são tão extraordinarias, que ainda os que não cultivaraõ as letras, as celebraõ, e conhecem a sua fama, e o seu nome. O douto *P. Muzancio* nas suas Táboas o collocou entre os insignes Oradores, e Escriurarios do seu seculo. O Espelho da Eloquencia de *Castro*, e o Systema Rhetorico de *Lourenço Botelho*, se authorizaõ com muitos lugares tirados dos Sermoens do *Grande Vieyra*. Assombro chamou *Feijó* a cada Sermaõ deste Grande homem, e diz no tom.4. disc. 4. ; Que „ Sermon del *P. Viera* nõ es assombro? Hombre „ verdaderamente sin semejante, de quien me atrevo a dizir, lo que *Velcio Paterculo* de *Homéro*: „ *Nequè antè illum, quem imitarètur, nequè pòst illum, qui eum imitari possit.* O Author do *Mapa* de Portugal confessa, que mereceo applauso cõmum, não só na pátria, mas fóra della, allegando a *Xavier de Oliv.* nas *Memoires Historiq.* concernant le Portug. tom.1. p. 339. O Eminentissimo

Y Cardeal

*Cardcal Percira* na Approvaçaõ da Historia do Futuro diz : „ As óbras deste insigne Varaõ levaõ no „ seu nome a mais insigne approvaçaõ : suppor er- „ ros neste Varaõ illustre , só os argúe a ignorancia. Semelhante elogio lhe dá na Approvaçaõ de hum Sermionario o celebrado Prégador Arcebispo de Ciãganor. *D. Gregorio Mayens e Ciscar*, Bibliothecario do Catholico Rey Filippe V, no Orador Christiano, impresso no anno de 1733. a pag. 23. da Dedicatoria diz : „ Tenho-me valido do mais illustre Ora- „ dor, que no seculo passado teve Hespanha, o „ *P. Antonio Vicyra*, Varaõ de admiravel engenho, „ e singular eloquencia; e como este *Padre* he o „ Principe da prégacaõ Hespanhóla, e o meu in- „ tento he, que se melhore esta, aproximando-se „ mais ao natural modo de orar dos Demosthenes „ Gregos, e Ciceros Romanos; ou para melhor di- „ zer, ao methodo de orar dos mais eloquentes „ Padres da Igreja Grega, e Latina, tenho allega- „ do vários testemunhos do dito *Padre*, de cuja in- „ génua, e generosa confissãõ consta, que o me- „ thodo, que eu proponho de orar, he o melhor, „ supposto, que he o mesmo, que o *P. Antonio „ Vieyra* propoz. Mas he escusado cansar-me com allegar couza taõ sabida; pois naõ achará o *Critico* facilmente Author, que fallando delle, o naõ louve.

O *Critico* porém opposto a todos diz delle na carta 6. pag. 206. *Nos seus Sermoens naõ achará V. P. artificio algum rhetorico, nem hum eloquencia, que persuada.* Mas naõ o dizem, os que sabem, que couza he eloquencia, e fallaõ sem paixãõ. Na pag 220. diz com grande sinceridade: *Eu, que tenbo corrido mais algum numão, e fallado com bastante gente, e conhecido em Roma homens, que tinbaõ tratado com os que ouviraõ o P. Vieyra, naõ achey nada do que ouço dizer delle.* Estas premislas bem

bem pôdem ser verdadeiras, sem que dellas se possa seguir a consequencia que pertende, qual he: *O P. Vieira não teve estimação em Roma*; porque tudo isso pôde dizer o caleceiro, que o conduzio a Roma; que talvez tenha corrido mais terra, e fallado com mais gente, e tratado com muitos, que eraõ filhos, ou netos dos que ouviraõ o *P. Vieira*; e nenhum destes fallaria nem ainda huma palavra do tal Padre. Devia dizer: Tratey em Roma com pessoas doudas, e que tinhaõ noticia dos que ouviraõ prégar o dito Padre, e me disseraõ, que não tivera lá a estimação, que em Portugal se pública. Façamos outra supposição, que não he metafísica. Saye da Corte hum dos moços, que hoje vivem nella, e vay correr toda Europa: volta a Lisboa daqui a sessenta annos, e pergunta-lhe hum Italiano pelas *cartas* do *P. Barbadinho*. Pôde dizer, que vira muito mundo; que estivera em Lisboa, e fallára com muitos, que o conheceraõ, e lhe beijaraõ a manga; mas que não lhe fallaraõ em taes *cartas*, nem ouvira noticia alguma dellas. He isto bastante para se affirmar, que não as escrevera, e para dizer, que aceitação tiveraõ? Mas se não ouvio, talvez seria, por não perguntar. Ouça agora o que diz o Historiador da sua *Vida*, fundado nas exactas informações, que lhe vieraõ de Roma.

Diz elle. „Era taõ elevado o conceito, „que toda a Curia tinha formado deste Portuguez „illustre, que desejavaõ muitos daquelles Prince- „pes ouvilo na lingua Italiana: escusava-se o P. „mas o Reverendissimo P. Geral da Companhia, e „grande Orador João Paulo Oliva, vencido das „instancias de muitos Senhores, e Cardiaes, lhe „ordenou, que prégaſse em Italiano. Obedeceo o „P. e prégo u o Sermaõ das Chagas de S. Francis- „co: (Patriarcha do *Barbadinho*) não se pôde distin-

„guir naquella divina Oraçaõ, qual he mayor?  
 „Se o engenhofo, fe o devoto, fe o discreto. Dahi  
 „por diante fôraõ os concursos taõ numerosos,  
 „que era necessario presidir com soldados as portas  
 „dos Templos para poderem entrar cômodamen-  
 „te os mayores Senhores. Prégando o Sermaõ das  
 „Cadêas de S. Pedro no anno de 1673 na lin-  
 „gua Italiana na Igreja de S. Pedro ad Vincula, com  
 „tanta eloquencia, e agudeza atou as cadêas de  
 „S. Pedro com as fuas chaves, e com as chaves  
 „abrio as cadêas, mostrando a providencia de Chris-  
 „to com S. Pedro, e de S. Pedro com a Igreja,  
 „que naõ necessita dos nossos elogios. Os discursos  
 „sobre as Cinco pedras de David (Seixadas lhe cha-  
 „ma o *Critico*, talvez naõ esquecido da primeira cria-  
 „çaõ) entre os do Grande *Vicyra* parecem os mais  
 „sublimes, por mais que a excellencia de todos  
 „nos deixe sempre indeciso o juizo na preferencia.

E porque naõ diga o *Critico*, que o Au-  
 thor, por Jesuita Portuguez, he suspeito (ainda que  
 refere as noticias, que soube de Roma) do grande  
 applauso, com que o *P. Vicyra* era estimado naquel-  
 la Corte, testemunhava ainda o Eminentissimo Car-  
 deal Corfini, que foy assumpto ao Pontificado com o  
 nome de Clemente XII; porque sendo naquelle tem-  
 po alumno illustre do Seminario Romano, se lem-  
 brava de ter ouvido a este grande Orador, e dos  
 applausos, com que se explicava o lustrosissimo, e  
 numeroso auditorio, que o attendia como a novo  
 Oraculo; o que tudo referio em Roma ao Emi-  
 nentissimo Senhor Cardeal da Cunha, cujo teste-  
 munho he mais abonado, que o do *Critico*. Se em  
 Roma fallasse com pessoas desta qualidade, ellas  
 lhe podiaõ dizer, que prégando no mesmo anno  
 de 673 hum Sermaõ das Quarenta horas em Italia-  
 no, deixaraõ muitos os espectaculos das praças, e  
 diverti-



divertimentos da Corte pelo desejo de o ouvir, entre os quaes se contaraõ dezenove Purpuras, couza, que raras vezes succede. E que diriaõ os mayores homens, que naquelle tempo tinha em Roma a Sagrada Religiaõ da Companhia? Diz o *Critico*: *Fallei com muitos Religiosos da Companhia, que tinhaõ delle perfeita noticia, e me fallaraõ como de hum homem, que era estimado em Portugal, mas naõ em Roma.* Eu sou hum pobre Clerigo, mas naõ duvidarey apostar com o *Critico*, que tal censura, como esta, naõ podiaõ dár aquelles Padres, e que o naõ ha de provar em modo que faça fé. Se o *P. Vieyra* prégou em Roma, ha oitenta annos, que Jesuitas podia lá encontrar o *Critico*, que conhecessem o tal Padre, e tivessem delle perfeita noticia, se naõ fosse hum, ou outro velho, e naquelle tempo ainda naõ seriaõ Jesuitas? O certo he, que com mais verdade lhe podiaõ dizer, que em Roma ainda tivera mais estimaçaõ, do que em Portugal.

Com igual verdade lhe podiaõ dizer, o que tinhaõ ouvido ao *P. Strozi*, que foy Preposito da casa Professa de Napoles, que ouvindolhe hum Sermaõ das Quarenta horas, rompeo nesta admiraçaõ: *Tu non es homo, es Angelus.* Podiaõ-lhe dizer, o que tinha dito o Reverendissimo Joaõ Paulo Oliva, que havendo quem o aconselhasse, que naõ imprimisse o seu Sermaõ junto com o do *P. Vieyra*, prégados ambos na Beatificaçaõ de S. Estanislao Kostka; porque poderia talvez este levar todas as approvaçoẽs, e o seu ficar escurecido; respondeo o sapientissimo Prelado: *Quero, que se imprimãõ ambos, e que o meu Panegyrico sirva de sombra á estimada pintura do P. Antonio Vieyra; e veja o Mundo, que tenho hum taõ grande filho, como este.* Isto podiaõ dizer ao *Critico* os Jesuitas em Roma, que tivessem perfeita noticia da sua fama. Nem he necessario, que  
nos

nos inculque a Rhetorica do seu Capuchinho Serra de Faença, ainda que seja boa; cá temos muitas, e tambem praticadas nos Sermoens do *P. Vieyra*, e com muita especialidade no seu Sermaõ da Sexagesima com o thema: *Semen est verbum Dei*, onde se achão todas as regras para a Oratoria Sacra. Bem o conheceo França no livro impresso em Leão com o titulo: *Dissertationes ad Academicos Christianos*; e no seu Prólogo falla do *P. Vieyra* com tão honrada estimação da sua eloquencia, e sabedoria, quanta será a dor da invéja, vendo admirado nas Naçoens estrangeiras aquelle mesmo, que teve na sua pátria, quem o quizesse deprimir. *P. Antnius Vieyra in Lusitania, totaque Hispania Concionator celebratissimus . . . has Conciones habuit, quibus vir modestissimus laboris sui fructus tulit, non expetitos quidem, meritis tamen literatorum omnium plausus, & admirationem. . . auctoritate scrutandi penitiores sacrarum voluminum sensus, subtilitate incredibili, & explicandi difficiliora quæque Sacra Scripturae loca ad stuporem divina propè felicitate, & facilitate clarissimus.*

He verdade, que na *Resposta* ao *P. Arsenio* tem o *Critico* em parte mudado de parecer; nem a retractação he digna de censura, antes sim de louvor, e della usou *Santo Agostinho*, até nisso grande. Diz pois a pag. 55. *O Vieyra era hum grande homem, e se floresce hoje, abismaria o mundo. Tem muita razão, e faria agora o mesmo, que então fez. Soube prégar, e conheceo a verdade. Deos lho pague. Mas não quiz prégar. Agora isto não, porque os seus Sermonarios dizem o contrario. Porque acõou Portugal preocupado com os estilos Espanhoes, e foylbe necessario conformarse com elles. He regra muito propria da Rhetorica; e se hoje vivesse, não mudaria de estylo; porque com o que usou, se póle prégar perfeitamente.*

Agra-

*Agradou em Roma a alguns, que seguiu as mesmas opiniões; porque naquella tempo Italia tinha algumas preoccupações nesta materia. Sinal he, que já teve de Roma novas, e em parte mais certas noticias. Preoccupações de Italia nesta materia não as teve; porque os Italianos então, e agora seguirão sempre (regularmente) o seu estylo, como se vê nos Sermonarios, que lá se compuzerao. A verdade he, que agradou em Roma, porque o bom he agradável. E porque mudou alguma couza no estylo de prégar, teve suas perseguições. Não ha duvida, que teve perseguições, mas não foy por causa do estylo, com que prégar: outras foraõ as causas, cujo exame me não pertence, nem também ao Critico. Acrescenta finalmente. Mas se quercis saber, em que conceito está hoje, que o mundo tem abertos os olhos, manday-o perguntar a Roma, ou Florença aos melhores Prégadores. Exqu coasta erudição! Já S. P. sabe o que elles haõ de responder? Talvez, se não forem invejosos, digaõ, que foy Insigne Orador. E quem fez aos Prégadores de Roma, ou Florença Juizes dos Sermoes do P. Vieyra? Nem elles o entendem melhor, nem haõ de dizer, que os Sermoes do Vieyra saõ faltos de Rhetorica, e artificio; e se o disserem, de cá lhe responderão, que não dizem bem, e que estes Criticos ainda não tem abertos os olhos; porque nós também sabemos distinguir o bom do máo; e acrescentaremos, que a cantilena, de que o Mundo agora, e ha pouco annos, abrio os olhos, he cega imaginação dos que presumem serem sabios á moda, com mais vaidade, que fundamento. Vejamos porém a critica contra Vieyra: e seja a primeira sobre o Sermaõ seguinte.*

# S E R M A Õ

## DE

# S.<sup>TO</sup> ANTONIO,

## P R E ' G A D O

*Em Roma na Igreja de Santo Antonio dos Portuguezes, do qual se copiáraõ os seguintes numeros.*

Num. 136. **N**este Templo, e naquelle sepulcro se vê dividido Antonio entre Portugal, e Italia: nestes dous Horizontes taõ distantes se vê dividida a Luz do mundo entre Pádua, e Lisboa. Gloriosa Pádua, porque pôde dizer: *Aqui jaz*: gloriosa Lisboa, porque pôde dizer: *Aqui nasceo*. Mas qual das duas mais gloriosas? Não quero decidir a questaõ, dividilla sim. Fiquem as glorias de Santo Antonio de Pádua para a eloquencia elegantissima dos Oradores de Italia. E eu, que me devo acõmodar ao lugar, e ao auditorio, só fallarey hoje de Santo Antonio de Lisboa.

137 Para louvor pois do Santo Portuguez, e para honra, e doutrina dos Portuguezes, que o celebramos, reduzindo estes dous intentos a hum só assumpto, e fundando tudo nas palavras do Evangelho: *Vos estis lux mundi*, será o argumento do meu discurso este: *Que Santo Antonio foy Luz do mundo; porque foy verdadeiro Portuguez: e que foy verdadeiro Portuguez; porque foy Luz do*  
*mun-*



*mundo.* Declaro-me. Bem pudéra Santo Antonio ser Luz do mundo, sendo de outra Nação; mas hum vez que nasceo Portuguez, não fora verdadeiro Portuguez, se não fora Luz do mundo: porque o ser luz do mundo nos outros homens, he só privilegio da graça; nos Portuguezes he tambem obrigação da natureza. Isto he o que hoje haõ de ouvir os Portuguezes de si, e do seu Portuguez.

## §. II.

*Vos estis lux mundi.*

138 **F** Alla Christo nestas palavras com os Apostolos, e nelles com todos seus successores os Varoens Apostolicos. E porque a obrigação do officio Apostolico he allumiar o mundo com a luz do Evangelho; porisso lhes dá Christo por titulo o mesmo caracter da sua obrigação, chamando-lhes luz do mundo: *Vos estis lux mundi.* Esta prerogativa tão gloriosa, que nas outras Nações he graça particular das pessoas, nos Portuguezes não só he graça particular nas pessoas, senão universal de toda a Nação. A Pedro, e a João disse Christo, que eraõ luz do mundo; mas ainda que Pedro, e João eraõ Galilêos, não o disse a toda Galiléa. A Basilio, e Athanasio disse Christo, que eraõ luz do mundo; mas ainda que Basilio, e Athanasio eraõ Gregos, não o disse a toda Grecia. A Cypriano, e Agostinho disse Christo, que eraõ luz do mundo; mas ainda que Cypriano, e Agostinho eraõ Africanos, não o disse a toda a Africa. A Antonio porêm disse-lhe Christo, que era luz do mundo; e não só o disse a Antonio, que era Portuguez, senão tambem a todos os Portuguezes. E qual he, ou póde ser a razão desta differença tão

Z

nota-

notavel? A razão he; porque os outros homens por instituição Divina tem só obrigação de ser Catholicos: o Portuguez tem obrigação de ser Catholico, e de ser Apostolico. Os outros Christãos tem obrigação de crer a Fé: o Portuguez tem obrigação de a crer, e de a propagar. E quem diz isto? S. Hieronymo, ou Santo Ambrosio? Não: o mesmo Christo, que disse: *Vos estis lux mundi.*

139 He gloria singular do Reyno de Portugal, que só elle entre todos os do mundo foy fundado, e instituido por Deos. Bem sey, que o Reyno de Israel tambem foy feito por Deos; mas foy feito por Deos só permissivamente, e muito contra sua vontade, porque teimaraõ os Israelitas a ter Rey, como as outras Naçoens: porêm o Reyno de Portugal, quando Christo o fundou, e instituiu, apparecendo a ElRey (que ainda o não era) D. Affonso Henriques, a primeira palavra, que lhe disse, foy: *Volo: Quero.* Como o Reyno de Portugal havia de ser taõ filho da Igreja Catholica, e lhe havia de fazer no mundo taõ relevantes serviços, quiz Christo, que a sua instituição fosse muito semelhante á da mesma Igreja. A S. Pedro disse Christo: *Tu es Petrus, & super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam:* a D. Affonso disse Christo: *Volo in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire.* A Pedro disse: Quero fundar em ti hum Igreja, não tua, senão minha: *Ecclesiam meam:* a Affonso disse: Quero fundar em ti hum Imperio, não para ti, senão para mim: *Imperium mihi.* A Pedro na instituição da Igreja não disse: *In te, & in semine tuo;* porque como o Imperio da Igreja era universal sobre todas as Naçoens do mundo, quiz, que todas as Naçoens tivéssem direito á eleição da Tiára: o Hebréo como Pedro; o Grego como Anacleto; o Romano como Gregorio; o Alemaõ como

como Victor; o Francez como Martinho; o Hespanhol como Calixto; o Portuguez como Damão. Mas na instituição do Reyno de Portugal disse Christo: *In te, & in semine tuo*; porque como era Reyno particular de huma só Nação, quiz que fosse hereditario, e não electivo, para que se continuasse na successão, e descendencia do mesmo sangue.

140 E porque tudo isto, e para que? Não para o fim politico, que he commum a todos os Reynos, e a todas as Nações, senão para o fim Apostolico, que he particular deste Reyno, e desta Nação. O mesmo Christo o disse nas palavras, com que o instituiu: *Ut deferatur nomen meum in exterar gentes*: Para que por meyo dos Portuguezes seja levado o meu nome ás gentes estranhas. Ainda então não sabia o mundo, que gentes estranhas fossem estas; mas dahi a quatro centos annos, quando tambem o mundo se conheceu a si mesmo, então o soube. Vede, se foy instituição Apostolica. De S. Paulo disse Christo: *Ut portet nomen meum coràm gentibus*: dos Portuguezes disse o mesmo Christo: *Ut deferatur nomen meum in exterar gentes*. Aos Apostolos disse Christo: *Videte regiones, quia albæ sunt ad messem*; e aos Portuguezes disse o mesmo Christo: *Ut sint messores mei in terris longinquis*: e notay, que disse nomeadamente *messores*: segadores; porque se havia de servir tambem do seu braço, e do seu ferro. Quando Christo appareceo a ElRey D. Affonso, estava elle na sua tenda lendo a historia de Gedeam, não só com hum, mas com dous mysterios: primeiro; para que o Rey não desconfiasse da promessa, vendo que os seus Portuguezes eraõ poucos: segundo; para que os mesmos Portuguezes entendessem, que, como soldados de Gedeam, em huma mão haviaõ de levar a trom-

beta, e na outra mão a Luz. A Pedro chamou-lhe Christo: *Cephas*: pedra; em significação do que havia de fer: os Portuguezes primeiro se chamárao Tubales (de Tubal) que quer dizer mundanos, e depois chamaraõ-se Lusitanos: Lusitanos, para que trouxessem no nome a Luz: Mundanos, para que trouxessem no nome o mundo; porque Deos os havia de escolher para Luz do mundo: *Vos estis Lux mundi.*

142 Não ha couza, que mais pareça contraria á Santidade, que a mudança da vocação. S. Antonio era Religioso da Sagrada Ordem de Santo Agostinho: alli se graduou de luz, e alli havia de fer. Pois porque muda de habito, e de profissão? Se o fez pela clausura de Conego Regrante, para fahir, como luz, ao mundo, passára-se aos Eremitas, debaixo da mesma Regra de Santo Agostinho. Porque deixa logo o seu Patriarca, e entre todos os Patriarcas escolhe a S. Francisco? Porque era Portuguez; e resolutio a allumiar o mundo, havia de fer debaixo das Quinas de Portugal; debaixo da bandeira das cinco Chagas. O mesmo Santo Agostinho seu Padre chamou as Chagas de Christo bandeiras de luz: *Fulgentia redemptionis vexilla.* E como entre todos os Patriarcas, entre todos os Generaes da Igreja Militante, só Francisco levava diante a bandeira das cinco Chagas; só debaixo desta bandeyra se devia alistar Antonio, como Portuguez, e como Luz do mundo: como Portuguez, para seguir as Sagradas Quinas; como Luz do mundo, para allumiar com ellas aos infieis.

143 Infiel estava Thomé, e taõ incredulamente infiel, que dizia, e protestava: *Nisi videro fixuram clavorum, & mittam manum meam in latus ejus, non credam*: Se não vir as Chagas dos cravos, e não meter a mão na Chaga do lado, não hey



hey de crer. Aqui reparo. Para crer, e para fazer fe, bastão duas testemunhas: as Chagas dos cravos eraõ quatro; pois porque se não contenta Thomé com as Chagas dos cravos, porque pede tambem a do lado para crer? Porque as Chagas do lado, ainda que eraõ chagas, não eraõ quinas: eraõ quatro, não eraõ cinco. E para converter infieis, para os render, e reduzir a crer, hão de concorrer todas as cinco Chagas. Tertulliano: *Omnibus divinitatis Christi probationibus instructus, dixit: Dominus meus, & Deus meus*. Reduzio-se a infidelidade de Thomé, e rendeo-se á virtude, e efficácia das Chagas de Christo? Sim: mas notay, diz Tertulliano, que não se rendeo a parte dellas, senão a todas: *Omnibus*. Crerás Thomé, se vires as Chagas das mãos de Christo? *Non credam*. Crerás Thomé, se vires as Chagas das mãos, e as dos pés? *Non credam*. E se vires as duas dos pés, e as duas das mãos, e tambem a quinta do lado, crerás? Então sim: *Dominus meus, & Deus meus*. Assim se rendeo a infidelidade de Thomé, e assim se rendeo, e havia de render a do mundo.

144 Porisso disse judiciosamente S. Pedro Chrysologo, que a instancia de Thomé em pedir as cinco Chagas, não só foy incredulidade, senão tambem profecia: *Prophetia sanè magis, quàm cum-ctatio fuit*. Muitas couzas profetizou S. Thomé na India dos Portuguezes, mas esta profecia foy o cumprimento de todas. Que havia de ser conquistada a infidelidade das gentes em virtude das cinco Chagas de Christo: que havia de ser conquistada a infidelidade das gentes, não pelas armas dos Portuguezes, senão pelas armas de Portugal. Deo-nos Christo por Armas, e por Brazaõ as Sagradas Quinas, e estas Quinas foraõ as nossas armas. Quando os filhos de Israel sahiraõ de Egypto para a  
conquis-

conquista da terra de Promissaõ, sahiraõ sem armas, porque lhas vedavaõ, e prohibiaõ os Egyptios; e com tudo diz o Texto, que sahiraõ armados: *Armati ascenderunt filii Israel de terra Egypti*. Pois se sahiraõ sem armas, como diz a Escritura, que sahiraõ armados? Milagrosamente o original Hebrêo: *Ascenderunt filii Israel armati: ascenderunt filii Israel quini, & quini*. Diz, que sahiraõ armados, porque sahiraõ mysteriosamente cinco, e cinco. E como sahiraõ cinco, e cinco: *Quini, & quini*, estas quinas lhes serviraõ de armas: *Ascenderunt quini, & quini: ascenderunt armati*. Estas foraõ as armas, com que os Hebrêos conquistaraõ a terra de Promissaõ: estas foraõ as armas, com que os Portuguezes conquistaraõ o Mundo novo; e estas foraõ as armas, com que Santo Antonio conquistou, allumiou, e renovou o velho. Oh Soberano David Menor, vestido de sayal, e vencedor do Gigante em virtude das Sagradas Quinas!

145 Quando David, entre os irmaõs o menor, houve de sair contra o Gigante, que fez? Dêspe as armas de Saul, veste-se do seu sayal, vay-se ao rio, escolhe cinco pedras, e sahe: *Elegit sibi quinque limpidissimos lapides de torrente*. Para o tiro bastava huma só pedra, como bastou. Pois se bastava huma só, porque leva cinco David? Porque ainda que huma só bastava para o golpe, eraõ necessarias todas cinco para o mysterio. Aquellas cinco pedras eraõ as cinco Chagas de Christo: a torrente, de que as tirou lavadas, era a torrente de seu Sangue. E para hum homem, ou para hum moço taõ pequeno derrubar hum Gigante taõ grande, só na virtude das cinco Chagas podia ser. Dispa logo Antonio as armas de Agostinho, vista-se com o sayal de Francisco, e com as Sagradas Quinas dian-

diante faya seguro, e confiado o Menor, que elle vencerá o Gigante. Estava huma vez prégando Santo Antonio: eisque apparece junto a elle S. Francisco com os braços em Cruz, mostrando as Chagas. Francisco era o Moysés, Antonio o Josué: Francisco sustentava a bandeira, Antonio meneava as armas: Francisco arvorava as Quinas, Antonio alcançava as victorias. No corpo de Francisco estava scintillando a constellação de cinco Estrellas fixas; e pela boca de Antonio sahiaõ os rayos, e as influencias da luz, que confundia, e allumiava o mundo: *Vos estis lux mundi.*

---

*Reparos mal fundados do Barbadinbo.*

**T**Omey o trabalho de trasladar os sobreditos parágrafos do Sermaõ do P. *Vieyra*, para que melhor se conheça a futilidade da critica, combinando-a com os termos, e palavras do mesmo *Vieyra*. Começa a critica. *Pareceo-me o argumento não só singular, mas inaudito, querer fazer, que os Portuguezes fossem Apostolos por natureza.* Reparo no termo, *querer fazer*, que não vem a proposito; porque não *quize fazer*, quize mostrar, que os Portuguezes especialmente tinhaõ obrigação de propagar a Fé, como na realidade o tem executado. A razão fundamental vay exposta no num. 138 in fine, e no num. 140, que vay trasladado, do Sermaõ; e seria atrevimento accrescentar-lhe palavra alguma.

*Tão longe estava de fazer ao Santo hum panegyrico, que lhe preparava huma satyra; pois quando muito diriamos, que prégava de todos os Portuguezes. Bello argumento! Aos Doutores da Igreja deo Christo o nome de Luz do mundo: logo quem*  
disléf-

disse, que Santo Agostinho, S. Jeronymo, e qual-quer outro Santo Doutor foy luz do mundo, preparava-lhe huma satyra, porque pregava de todos os Doutores? Aos Santos Confessores applica a Igreja o Evangelho: *Sint lumbi vestri praecincti*; logo o que pregar de hum Santo Confessor, e disser, que executou o conselho daquelle Evangelho, prepara-lhe huma satyra, porque prega de todos os Confessores? A's Santas Virgens acõmoda a Igreja o Evangelho: *Simile est regnum Caelorum decem virginibus*; se o Prégador disser, que Santa Clara foy Virgem prudente, prepara-lhe huma satyra; porque quando muito diremos, que prega de todas as Virgens? Por certo, que semelhantes consequencias são selectas! Ainda que todos os Santos Doutores sejam luz para illustrarem, e ensinarem, huns illuminarão mais a Igreja, do que outros; huns de hum modo, outros de outro. Se o Reyno dos Portuguezes no sentido de *Vicyra* foy instituido para propagar a Fé, nem todos satisfizerão a esta obrigação, como Santo Antonio; nem todos foraõ, como elle, no luzimento, e resplendor, com que derrotarão as trévas da ignorancia, e sombras da culpa; e sendo nisto entre todos os Portuguezes singular Santo Antonio, de todos se distinguia nos excessos maravilhosos de seus resplandores, e neste excesso se fundava o glorioso de seu elogio.

Os Prégadores Evangelicos no conceito de *S. Paulo 2. ad Philip. 2. 15.* são, *Sicut Luminaria in mundo*: e se hum Orador disser, que os Portuguezes são astros, que tem illustrado a tantas gentes, ainda que dê este titulo ao nosso Santo Antonio, porisso pregará de todos os Portuguezes, e preparará ao Santo huma satyra? Não por certo; porque entre os astros ha muita desigualdade, tanto nas influencias, como nas luzes, e grandeza. Se os  
Portugue-



Portuguezes tem obrigação de serem luzes do mundo, nem todos satisfizerão a este encargo, e obrigação; e porque não será grande, e particular elogio para S. Antonio satisfazer a este empenho mais que todos, e carecer de eclipses a sua luz? Estrellas são os Anjos: *Stellæ manentes in ordine suo Judic. 5. Hæc nempe Angelorum militia est. D: Ambros.* E será improporcionado elogio para S. Miguel o de Estrella? Não por certo; porque esta Estrella da primeira grandeza nunca padece eclipses, quando com a terceira parte dellas o padece a Estrella da Auróra o infeliz Lucifer: *Quomodo cecidisti de Cælo Lucifer, qui manè oriebaris? Stella Auroræ de Cælo Oriens in diluculis.* Tem a Versão Arabica, e Alexandrina.

Anjos são os Prelados da Igreja, conforme o texto do *Apoc. c. 1. v. 20. Septem Stellæ Angeli sunt septem Ecclesiarum. Id est, Episcopi. Alapide hic.* Anjos são os Bispos, porque Legados: *Posuit in nobis verbum reconciliationis pro Christo: ergo Legatione fungimur, tanquam Deo exhortante per nos. 2. ad Corinth. 5.* E não será elogio para S. João Chrysostomo, S. Ambrosio, S. Athanasio &c. dizer-se de qualquer destes Santos Bispos, que foy Estrella? Será elogio grande; porque nenhum delles no governo das suas Igrejas eclipsou os seus resplandores, como succedeo a alguns daquelles sete do Apocalypse: e da mesma sorte o será de S. Antonio ser Luz do mundo, porque excedeo aos mais Portuguezes. Grande elogio fez Christo a S. João Bautista, quando o chamou Anjo, conforme ao texto: *Eccè ego mitto Angelum meum;* mas nem porisso se póde dizer, que, quando muito, elogiava todos os Anjos.

Vay continuando com a sua critica, e nota, que dislése ser *verdade authentica* a apparição

Aa

de

de Christo ao Rey D. Affonso Henriques, e as promessas, que o Senhor lhe fizera. Esta historia não he Canonica, nem definida pela Igreja; mas he autentica pelo juramento, que deo aquelle Monarca, e se lhe deve dar mais fé, que a muitas historias, que S. P. conta, e della direy alguma couza no cap. 9. da *Logica*: por ora digo, que para se fazer menção della, não he preciso, que pertença a algum artigo da nossa Santa Fê. Diz mais: *A isto acrecenta humá profecia de S. Thomé (não sey, em que archivo a achou) que os inficis se conquistariaõ na India com as armas de Portugal.* Não duvido, que não saiba, em que archivo esteja aquella profecia, porque o seu he falto de muitas noticias: eu lhe direy, onde a póde achar. Lêa a Vida de S. Thomé a 21 de Dezembro no *P. Ribadeneyra*, e tambem em *Fr. Diogo do Rosario*, e achará, que pelas informaçoes, que daõ os Missionarios da Companhia, que andaõ por aquellas terras pregando a Fé, se soube, que o Santo Apostolo na Cidade de Calamina fundou humá Igreja, na qual poz humá pedra com esta letra: *Quando chegar o mar a esta pedra, virãõ por disposiçaõ Divina homens brancos de terras muito remotas a pregar a doutrina, que eu agora ensino, e a renovar a memoria della.* E quando os Portuguezes alli chegaraõ, já o mar chegava á dita pedra, de que tiveraõ os Christaõs grande admiração, e consolação.

Accrescenta: *As quaes (Armas) não seriaõ de ferro, mas as do Escudo, que sãõ as Quinas, que Christo, diz elle, deu aos Portuguezes por Armas.* E duvida disto? Pouco importa: não he necessario allegar-lhe AA. Portuguezes; basta o douto *Thomás Blofio*, (27) o qual depois de transcrever as palavras, que Christo disse ao primeiro Rey de

(27) Thom. Blof. apud Ginther Confid. 16. n. 3. pag. 60.

de Portugal: *Ut agnoscant successores tui datorem regni, Insigne tuum ex pretio, quo ego humanum genus emi... compones; accrescenta: Ex illo Insigne Regibus Portugallensibus fuit quinque Christi plagis ornatum vexillum.* Tambem nota a confirmação, que traz *Vieyra*, affirmando, que as cinco pedras de David eraõ as cinco Chagas de Christo, tiradas da torrente de seu sangue, com as quaes derrubou o Gigante. E que tem contra esta consideração? A mesma he de *Ginther* (28) ibi: *Per quinque timidissimos lapides, quos David de torrente selectos in peram suam misit, præfigurata sunt Salvatoris nostri vulnera, in quorum virtute hunc suum validissimum hostem prostravit.*

Vem outra critica, dizendo: *Parceço duro ao Prégador dizer, que os Indios se haviaõ de conquistar com as Quinas, e não com as espadas.* Tal couza não pareceo ao Prégador: pareceria duro, e illicito, se com as espadas se conquistassem os Indios para abraçarem a Santa Fé; porque esta conquista não se faz por força de armas, mas com a efficácia da prégação Evangelica. Conquistou Christo o mundo, mas como? *Domuit orbem non ferro, sed ligno*, disse Santo Agost. no Ps. 54. Passemos adiante. Mas a isto (diz S. P.) achou elle genuina solução na sabida, que os Hebréos fizeraõ do Egypto. Pondera, que sendolhe prohibidas as armas, diga a Vulgata: *Armati ascenderunt filii Israel de terrâ Egypti*; e achou sabida no Original Hebréo, que diz: *Ascenderunt filii Israel quini, & quini.* Daqui inferio *Vieyra*, que as armas eraõ as Quinas final das Chagas de Christo; assim como o foraõ as cinco pedras de David contra o Gigante. Já acima mostrey, que esta significação das cinco pedras de David não era destituída de authoridade.

Aa 2

Vamos

(18) Ginther Confid. 27. n. 2

Vamos agora ao texto da *Vulgata*; e do Hebrêo. Diz o *Critico*, que não pôde perdoar a má interpretação, e explicação do texto Hebrêo; porque a palavra *quintati* he translata, e tirada do estylo bellico; porém que he certo entre os doutos, que os *Israelitas* sahiraõ armados em fôrma de batalha, prontos para acometerem, e se defenderem.

Tal certeza, como esta, não ha. Vamos por partes. O texto Hebrêo usa de buma palavra, que em Latim quer dizer cinco, e cinco. Isto mesmo diz *Vieyra*. Confessa o *Critico*, que esta palavra he translata, e deduzida do estylo bellico. Assim o diz *Vieyra*. A *Vulgata* diz, que sahiraõ armados, e o mesmo diz o Hebrêo: *Chamuschim*, id est, quini & quini. Rabbi Abrahaõ, Aben Esra, Andre Mussio in Josué, e outros: *Chamuschim accipiunt per Cballutim*, id est, armati; e isto mesmo diz o texto da *Vulgata*, e o *P. Vieyra*. O ponto está, que querem significar estes textos, e se se devem entender de armas no sentido material, ou allegoricamente: isto he; se os Hebrêos sahirem armados de lanças, e espadas, ou se sómente se representaraõ armados, por hirem de cinco em cinco, numero, que mysteriosamente representasse as cinco Chagas? Que sahissem os *Israelitas* ordenados em fôrma de batalha, mas sem armas materiaes, se deixa ver de outra lição do texto do Exodo: (19) *Ubi nos habemus Armati ascenderunt, alia translatio habet inermes*. Nem são de pouco pezo as razoes, que persuadem sahirem do Egypto sem armas. I. Porque lhes eraõ prohibidas, como a escravos; nem he crível, que dizendo, hiaõ a fazer sacrificio, lhes emprestassem os Egypcios tantas armas, quantas eraõ necessarias para armar multidaõ taõ prodigiosa, que, como diz

(19) Hug. Cardin. super Exod. cap. 13. v. 18.



diz A' Lapidé, constava de tres milhoens de homens, e gastaraõ cinco horas em passar o mar a pé enxuto. II. Porque os Egypcios, vendo que queriaõ sahir armados, naturalmente deviaõ temer alguma sublevação, e porisso lhas negariaõ; nem elles sendo pobres as podiaõ comprar; nem he verosimel, que achassem tantas armas de venda já feitas, e preparadas. III. Porque sahindo todos armados, e como diz o *Critico*, *prontos para acometerem, e se defenderem*, não seria taõ extraordinario o seu temor, quando descobriraõ o exercito dos Egypcios; porque não só se não animaraõ a acõmettêlos, sendo excessivamente superiores no numero, mas se déraõ logo por perdidos, queixando-se gravemente de Moysés, como se lê no Exodo 14. 10, *Dixerunt ad Moysen: Forsitan non erant sepulchra in Ægypto, ideo tulisti nos, ut moreremur in solitudine: quid hoc facere voluisti, ut aduceres nos ex Ægypto? Multo enim melius erat servire eis, quam mori in solitudine.*

He incrivel, que vendo-se armados, cahissem em taõ grande desmayo; nem Moysés os animou a defenderem-se, mas só lhes prometteo a protecção Divina: *Et ait Moyses ad populum: Nolite timere. Dominus pugnabit pro vobis, & vos tacebitis.* V. 13. *Vos quiescētis*, cõmentou A' Lapidá, *otiose, & jucundè hanc Dei pro vobis pugnam, & prælum spectando.* Semelhante pareceo a vitoria de Davíd contra o Gigante: este vestido de ferro, e armado com lança, e espada; aquelle, ainda que com a sua funda, e cinco pedras, julgou *Santo Ambrosio* no Serm. 88. que hia desarmado; porque só com o mysterio representado nas cinco pedras entrou no duello: *Quantis David incrimis oculis hominum videretur, satis tamen erat gratiá divinitatis armatus.* O douto *Gintber* já citado diz  
no

no num. 7, que as suas armas foraõ as Sagradas Chagas, ou mysteriolas Quinas: *Armatura hæc non alia est, quàm quinque sacratissima vulnera Jeshu.*

Nem he novo nas Escrituras alcançarem-se vitorias milagrosas, naõ por força das armas, com que se pelejava, mas por virtude Divina, significada por algum mysterioso symbolo. Com o da Cruz, figurada no numero de trezentos soldados, venceo Gedeão aos Madianitas: (30) *In tercentis viris, qui biberunt aquas, liberabo eos.* Ouça agora o Critico a exposiçaõ de S. Gregorio Magno: (31) *In iis tercentis, qui in T litera continentur, exprimitur, quod ferrum hostium Crucis signo superetur.* O mesmo sentem Santo Agostinho, (32) S. Paulino, (33) Santo Isidoro, (34) S. Pedro Damiao, (35) Rupert, (36) Gretsero, (37) e outros muitos. O sonho de hum soldado Madianita significou a vitoria de Gedeão: *Videbatur mihi subcinericius panis volvi, & in castra Madian descendere. Panis, tem o Hebreo Psilit, id est, torta panis. Vatabl. Tremor panis.* Expoem aqui Caetan. *Ex quo describitur... quod ejusmodi panis erat orbicularis figuræ; e accrescenta o douto Jesuita Freire nos seus Côment. Quo quid expressius dici potest de Eucharistico pane?* O successo declarou o enigma: *Inmisit Dominus gladium in omnibus castris, & mutua se cæde truncabant.* Nestas occasioens foraõ as vitorias milagrosas, alcançadas naõ por virtude das armas, mas dos symbolos, ou das Chagas, ou da Cruz, ou da Eucharistia.

Insta porêm o Critico, querendo provar, que os Israelitas sahiraõ armados, porque doraõ  
bata-

(30) Judic. 7. [31] S. Greg. Magn. Moral. c. 17. [32] S. August. Serm. 108. de Tempore. [33] S. Paulin. Epist. 2. (34) S. Isidor. cap. 5. [35] S. Petrus Damian. Serm. 49. de Exaltac. S. Crucis. [36] Rupert. hic cap. 11. (37) Gretser. de Cruce.

*batalhas*. Não ha duvida, que deraõ batalha, e venceraõ no undecimo dia aos Amalecitas. Mas este argumento nada prova, e se desfaz com duas palavras. As armas foraõ de Deos, e não dos Israelitas: a vitoria hum evidente milagre. Assim o reconheceo Moysés, quando erigio hum altar em memoria do successo: (38) *Ædificavit Moyses altare, & vocavit nomen ejus: Dominus exaltatio mea, dicens, quia manus solii Domini, & bellum Domini erat contra Amalec.* O Chaldéo: *Dominus miraculum meum: Quia hanc miraculosam victoriam mihi contulit.* Consistio q milagre, em que os Israelitas desfarmados vencestem aos Amalecitas: (39) *Id, quod non minus feliciter, quam gloriose effectum est; nam ab inermibus reportata insignis victoria.. Numini extructa est ara, victorie monumentum.* E ainda que diz o texto do Exodo: *Fugavitque Josue Amalec in ore gladii:* de quem era a espada? Não dos Israelitas, mas de Deos; destruindo com ella os Amalecitas. Assim como succedeo a Gedeão, pelejando por elle a espada de Deos, e não as dos seus soldados: (40) *Inmisit Dominus gladium in omnibus castris, & mutua se cæde truncabant.*

Concedendo porêm, que nesta batalha contra os Amalecitas estivessem os Hebréos armados: e entendendo o texto literalmente; nada daqui prova o *Critico* contra o *P. Vieyra*. Elle só diz, que os Israelitas sahiraõ desfarmados do Egypto: e como esta batalha foy dada ao undecimo dia, depois que passaraõ o mar Vermelho; tempo, em que já estavaõ providos, sennaõ todos, huma grande parte, com boas, e finas armas; estas, que já levavaõ, bastavaõ para alcançar a vitoria. Perguntará o *Critico*: quem deo aos Israelitas estas armas no deserto, e com tanta brevidade? Facil he a resposta. Os cadave-

[38] Exod. 17. v. 16. [39] Schwarz Instruct. 1. cap 4. n. 2. p. 142. [40] Judic. cap 7. v. 22.

dáveres dos Egypcios lhas entregaraõ , trazendo-as á praya. He sentença, que *A' Lap.* (41) tem por indubitavel : *Non dubium Angelum sive per se , sive per ventum , sive per mare Egyptios ad litus ad-versum, in quo erant Hebræi, impulisse . . . ut ipsi hosti-bus spolia detrāhere possent.* Schvvarz citado:(42) *Ca-davera intus cjecta dum Hebræi spoliant , interim Moy-ses cum sorore Maria solenne Deo Eucharisticon into-nuere.* Quizeraõ estes seguir aos Israelitas pelo mesmo caminho , que Deos lhes abrira entre as ondas do mar: entraraõ atrevidamente pela mesma estrada, e unindo-se as agoas, nellas ficaraõ todos sumergidos, e mórtos. O mar , como costuma , os lançou á praya , e todas as suas armas. Nem he inverosimel , que a especial pro-videncia de Deos, que com tantos prodigios os a com-panhou naquella jornada, tambem com modo taõ sua-ve , e natural os fosse armando. Sabia muito bem, que os Amalecitas lhes haviaõ de procurar impedir o passo, como descendentes de Esaú, inimigos dos filhos de Jacob , que lhe tirou o direito da benção , e primo-genitura. Assim o notou o *P. A' Lapide*, (43) expondo os motivos desta guerra : *Tinebant enim Amalecite à tanto exercitu Jacob.eorum, verebanturque , nè jam im-pleretur illa benedictio , quam Jacob fratri suo Esaú parenti ipsorum eripuerat. Gen. 27. Videbant enim Ja-cob.eos cum tantā armatorum manu ad terram promissam tendere: occurrunt ergo illis , ut transitum eorum impedian.* E para que o exercito dos Jacobêos triun-fasse dos Amalecitas, naquella praya lhes deo armas a Providencia. *Jacobêos*, seja como for , nunca se encon-traõ defarmados , sejaõ suas, ou alhéas as armas!

Os mais reparos do *Critico* saõ todos da mesma casta. Diz : *Que parentesco tem isto com as Quinas ?* Tem mais do que o *Critico* com o Ser-maõ

(42) Schvvarz citat. ex Josepho apud Euseb. Præparat. Evang. lib. 9. cap. 23. (43) *A' Lap.* cap. 14. Exod. v. 27.



mao do Vicyra, como tenho mostrado. O *texto* nunca disse: *Ideo armati, quia quini, & quini*. *Pessima Logica*, que de duas couzas sem connexaõ tira tal consequencia. Pessim.o reparo dizer, que naõ tem connexaõ, quando tem concedido, que *quini, & quini* significa o mesmo, que *armati*, como diz a *Vulgata*: e quando duas couzas significao o mesmo, he pessima Logica inferir, que naõ tem connexaõ; antes tem tanta, que passa a ser identidade. Naõ fallo (melhor seria) na applicaçaõ da profecia a Santo Antonio; pois se S. Thomé fallou das Indias, que tem isto que fazer com Santo Antonio, que prégou na Europa? Veja-se o que diz o P. Vicyra no num. 144; e ahi está a resposta. Naõ fallo nas pedras de David, cuja applicaçaõ tem tanta proporçaõ, como ha entre hum, e cinco. Tem a mesma proporçaõ, que huma parte com o seu todo; porque hum he parte de cinco; mas no num. 45. do Sermaõ verá a connexaõ.

A conclusaõ da censura com pouca mudança se acõmoda muito bem ao Critico, que diz: *Isto, que unicamente dissemos, basta, para que V.P. entenda, qual he o conceito, que se deve fazer de semelhantes Sermocns*. Basta para sabermos o conceito, que devemos fazer de semelhantes criticas. Os quacs (ponhamos isso no feminino, e digamos, as quacs) nada mais saõ, que hum mero jogo de palavras (ou palavradas) sem verdade, nem verosimilidade alguma, e que se desfazem em vento, quando se examinaõ de perto. Critica feita em vento, naõ he mûito, que em vento se desfaça. Havia ainda mais quatro, que examinar, mas essas deixo á sua consideraçaõ. E á nossa julgar, que naõ prestariaõ. Entende V. P. que o Santo fica elogiado com tal Sermaõ? Entende S. P. que o Sermaõ fica bem criticado? Se assim o julga, entende mal. O auditorio

*ficará persuadido, que o Orador merece ser louvado por tal Sermaõ? Sem duvida, que ficou, e nesse pensamento perseveraõ, os que entendem da materia. Sey a resposta, que V. P. me ha de dar. Não sabe, porque as cartas são para correspondente, que não ha neste Mundo. Mas nem todos do seu parecer. E qual será o homem entendido, que o seja? V. P. não me negará, que mais gente estuda pelo tal Author, que pela Escriitura, e Santos Padres. Pois não adverte, que são mais os que sabem Portuguez, que Latim? E aqui verá a grande estimação, que tem Vieyra, e não he S. P. o que lha ha de tirar. Melhor he ler pelos Sermoes de Vieyra, que pelos muitos livros hereticos, que S. P. com grande curiosidade inculca nas suas cartas.. Mas he tempo de fallarmos no Sermaõ da Senhora da Assumpção; e para que se perceba melhor a sem-razão do Critico, quero copiar algumas clausulas delle.*

# SERMAO DA GLORIA DE MARIA MÃY DE DEOS,

Em dia da sua Gloriosa Assum pção,

P R E G A D O

Na Igreja de Nossa Senhora da Gloria em Lisboa

*Delle se transcrevem alguns numeros.*

Num. 31 **B** Em se concordaõ neste dia, e neste lugar o titulo da Casa com o da festa, e o da festa com o da Casa: a Casa da Senhora da Gloria, e a festa da Gloria da Senhora. O Evangelho, que deve ser o fundamento de tudo, o que se ha de dizer, tambem eu o quizera concordar com esta Gloria; mas o que delle, e della se tem dito atégora, não concorda com o meu desejo, nem com o meu pensamento. O Evangelho diz, que escolheo MARIA a melhor parte: *Maria optimam partem elegit*: e os Santos, e Theologos, que mais se alargaraõ, applicando esta escolha, e esta parte á Gloria da Senhora, só dizem, que verdadeiramente foy a melhor; porque a Gloria, a que a Senhora hoje subio, e está gozando no Ceo, he melhor, e mayor gloria,

Bb 2

gloria, que a de todos os Bemaventurados. Os Bemaventurados da Gloria, ou são homens, ou Anjos, e não só em cada huma destas comparações, senão em ambas, dizem, que he mayor a gloria de MARIA, que a de todos os homens, e a de todos os Anjos, e não divididos, mas juntos. Grande gloria! Grande, incomparavel, immensa! O Sol não só excede na luz a cada huma das Estrelas, e a cada hum dos Planetas, senão a todas, e a todos incomparavelmente. Porisso a Senhora neste dia se chama escolhida, como o Sol: *Quæ est ista, quæ ascendit, electa, ut Sol*. O mar não só excede na grandeza a cada huma das fontes, e a cada hum dos rios, senão a todas, e a todos immensamente: porisso a Senhora se chama MARIA, que quer dizer Mar, e só por este nome (que não tem outra couza no Evangelho) se lhe applicão as palavras delle: *Maria optimam partem elegit*. Isto he, como dizia, tudo o que dizem os Santos, e Theologos; mas nem o Evangelho assim entendido, nem a gloria da Senhora assim declarada, nem a comparação della assim deduzida, concorda com o meu pensamento. O Evangelho dizendo: *Optimam partem*, parece-me, que quer dizer, muito mais: a gloria de MARIA, sendo de MARIA Mãe de Deos, parece-me, que he muito mayor; e a comparação com os outros Bemaventurados sómente, parece-me muito estreita, e quasi indigna. O meu pensamento he (Deos me ajude nelle) que a comparação de gloria a gloria, não se deve fazer só entre a gloria de MARIA com a gloria de todas as outras creaturas humanas, e Angelicas, senão com a gloria do mesmo Creador dellas, a quem MARIA criou. O texto, e a palavra *Optimam*, a tudo se estende; porque sendo superlativa, poem as couzas no summo lugar, do qual se não exclue Deos,



Deos, antes se inclúe essencialmente. Neste taõ remontado sentido pertendo provar, e mostrar hoje, que comparada a gloria de MARIA com a gloria do mesmo Deos, e fazendo da gloria de Deos, e da gloria de MARIA duas partes, a melhor parte he de MARIA: *Maria optimam partem elegit*. Até não me ouvirdes, não me condeneis. E espero, que me não haveis de condenar, se a mesma Senhora da Gloria me assistir com a sua graça. *Ave Maria*.

32 *Maria optimam partem elegit*. Suspenso confidéro todos, os que me ouvem, na expectação do assumpto, que propuz: os Curiosos com indifferença, os Devotos com alvoroço, os Criticos com a censura já prevenida, e todos com razão. He certo, e de Fé, que por grande, e grandissima que seja a gloria de MARIA Senhora Nossa, a gloria de Deos he infinitamente mayor, assim como elle (que só se comprehende) he por natureza infinito. Pois se a gloria de MARIA, como gloria de pura Creatura, posto que Creatura a mais excellente de todas, he gloria finita, e infinitamente menor, que a gloria de Deos, como me atrevo eu a affirmar, e como se póde entender, que ainda em comparação da gloria do mesmo Deos se verifiquem as palavras do Evangelho na gloria de MARIA, e que goze MARIA a melhor parte: *Maria optimam partem elegit?*

33 Para intelligencia desta verdade, nas mesmas palavras do Evangelho temos outra duvida não menos difficultosa, que se deve averiguar primeiro. Esta, que o texto chama a melhor parte, diz o mesmo texto, que MARIA a escolheo: *Maria optimam partem elegit*: e tambem esta escolha não tem lugar, nem se póde verificar na gloria da Senhora. A eleição para a gloria he só de Deos.

Deos

Deos he o que elegeo , e escolheo para a Gloria a todos os Bemaventurados , que porisso se chamaõ escolhidos. E ainda que entre todos os escolhidos a Senhora tenha o primeiro , e mais sublimè lugar , ella tambem foy a escolhida , e não a que escolheo. Assim o canta a Igreja , quando canta a mesma entrada da Senhora no Ceo : *Elegit eam Deus, & præelegit eam, in tabernaculo suo habitare facit eam.* Pois se MARIA foy escolhida para a gloria , que tem no Ceo , e a escolha foy de Deos , e não sua , como diz a mesma Igreja nas palavras , que lhe applica , que a Senhora foy , a que escolheo , e elegeo esta melhor parte : *Maria optimam partem elegit?* Na intelligencia desta segunda duvida consiste a solução da primeira. Ora vede , e com attenção. He certo , que a Senhora foy a escolhida por Deos para a Gloria , e tambem he certo , que a gloria de Deos he infinitamente mayor , que a gloria da Senhora : e com tudo diz o Evangelho , que MARIA foy a que escolheo , e que escolheo a melhor parte ; huma , e outra couza com grande mysterio , e energia. Diz , que MARIA foy a que escolheo ; porque ainda que a eleição não foy da Senhora , a grandeza da sua gloria he tão immensa , que não parece , que foy a gloria escolha para ella , senão que ella foy , a que a escolheo para si. E diz , que MARIA escolheo a melhor parte ; porque ainda que a gloria de Deos he infinitamente mayor , que a sua , a melhor parte , que póde escolher huma Mãe he , que a gloria de seu Filho seja a mayor. Como MARIA he Mãe de Deos , e Deos Filho de MARIA , mais se gloria a Senhora , de que seu Filho goze esta infinidade de gloria , e de ella a gozar em seu Filho , do que se a gozára em si mesma. E daqui se segue , que considerada a gloria de Deos , e a gloria de

de MARIA em duas partes; porque a parte de Deos he a maxima, porisso a parte de MARIA he a optima: *Maria optimam partem elegit.*

34 Para todos, os que sois pays, e mãys, não hey mister mayor, nem melhor prova do que digo, que os vossos proprios affectos, e o dictame natural dos vossos coraçoens. Dizey-me: Se houvera neste mundo huma dignidade, huma honra, huma gloria mayor que todas, e se puzera na vossa eleição, e na vossa escolha querêla para vós, ou para vosso filho; para quem a havieis de querer? Não ha duvida, que para vosso filho. Pois isto mesmo he o que devemos considerar na gloria da Senhora. He verdade, que a gloria de Deos he infinitamente mayor que a gloria de sua Mãy; mas como todo este excesso de gloria he de seu Filho, e está em seu Filho, ella a possue, e goza em melhor parte, que se a gozára em si mesma. Assim o entendo, e supponho, que o entendem todos, os que são pays, e mãys. Mas porque muitos dos que me ouvem, não tem esta experiencia; e porque em algum coração humano, ainda que paterno, ou materno, póde estar este mesmo affecto menos bem ordenado, para gloria da Senhora da Gloria, e para mayor evidencia, de que mais gloriosa he pela gloria de seu Filho, que pela sua, e que gozando nelle toda esta gloria, a goza na melhor parte; ouçamos, e provemos esta mesma verdade pelo testemunho universal, e concórde de todas as letras Sagradas, Ecclesiasticas, e profanas. No primeiro lugar ouviremos os Filósofos, no segundo os Santos Padres da Igreja, no terceiro as Escrituras Divinas, e no ultimo ao mesmo Deos na Pessoa do Pay; e veremos, quam conforme foy o seu affecto com o desta Soberana Mãy, pois ambos são Pay, e Mãy do mesmo Filho.

Temos

39 Temos ouvido os Filósofos , que fallaõ pela bocca da natureza ; ouçamos agora os Santos Padres , que fallaõ pela da Igreja. S. Sidonio Apolinar Bispo Arvennense , e Padre do quinto seculo , escrevendo a Audaz Prefeito dos Reys Godos , no tempo , em que domináraõ Italia , promette-lhe suas Oraçoens , e conclue com estas palavras : *Deum posco , ut te filii consequantur , & quod magis decet velle , transcendant.* Rogo a Deos por vós , e por vossos filhos , diz o eloquentissimo Padre , e o que peço para elles , he que vos imitem ; o que peço para vós he , q̃ vos excedaõ. Que vos imitem ; porque isso he , o que elles devem fazer : que vos excedaõ ; porque isso he , o que vós deveis desejar : *Et quod magis decet velle , transcendant.* Oh quizesse Deos. que fossem hoje taes os pays , e tal a criação dos filhos , que por huns , e outros lhe pudessemos fazer esta oração ! Mas he tanto pelo contrario , que podemos chorar da nossa idade , o que o outro Gentio lamentava da sua : *Ætas parentum peior avis tulit nos nequiores , mox daturos progeniem vitiosorem.* Os avós foraõ mãos , os filhos são peores , os netos seraõ pessimos. Havião-se de prezar os pays , não só de ser bons , mas de dar tal criação aos filhos , que se pudessem gloriar de serem elles melhores. Mas , deixadas estas lamentaçoes , que não são para dia taõ alegre , continuemos a ouvir os Santos Padres , e sejaõ os dous mayores da Igreja Grega , e Latina , Nazianzeno , e Agostinho.

40 Faz duas elegantes epistolas S. Gregorio Nazianzeno , huma a Nicobulo famoso Letrado , em nome de hum seu filho , e outra ao filho em nome do mesmo Nicobulo : e na primeira pedindo o filho ao pay , que lhe dê licença para frequentar as escolas , e seguir as letras , diz assim :

*Gratia*



*Gratia, quam posco, Genitor charissimè, patris est mage, quàm nati:* a graça, que vos peço, pay meu, he mais para vós, que para mim; e mais he vossa, que minha. Se isto dissera o moço, que ainda não tinha mais, que o desejo de saber, não me admirára o dito; mas fallando por boca d'elle o grande Nazianzeno, do qual com singular elogio affirma a Igreja, que em nenhuma couza, das que escreveu, errou, como póde ser verdade, que a gloria do filho seja mais do pay, que do mesmo filho: *Patris est magè, quàm nati?* E se esta proposição he verdadeira, segue-se della, applicada ao nosso intento, que a Gloria de Deos he mais de MARIA, que do mesmo Deos, porque Deos he filho, e ella Mãe. E porque não faça duvida o fallarmos da Gloria de hum, e outro, com a mesma palavra se explica o Santo Padre nas que logo accrescenta: *Gloria namquè patris natorum est fama, decusque, ut rursus natis est gloria fama parentum.* Como póde ser logo neste caso, ou em algum outro, que a gloria do filho seja mais do pay, que do filho: *Patris est magè, quàm nati?* Não ha duvida, que fallou nesta sentença Nazianzeno, como quem tão altamente penetrava, e distinguia a subtilidade dos affectos humanos, entre os quaes o amor paterno, como he o mais efficaç, e mais forte, he tambem o mais fino. Diz que a gloria do filho he gloria do pay, e mais sua do pay, que do mesmo filho; porque mais se gloriaõ os pays de a gozarem seus filhos, ou a de gozarem nelles, que se a gozáram em si mesmos. E neste sentido se póde dizer com verdade, e propriedade natural, que a Gloria de Deos em certo modo he mais de MARIA, que do mesmo Deos; porque não sendo sua, como não he, he do Filho unicamente seu, em quem ella mais a estima, e da qual mais se gloria,

Cc

glória, que se pudera ser, ou fora sua.

41 Isto he, o que disse Nazianzeno ao pay por boca do filho; vejamos agora o que diz, e responde ao filho por boca do pay: *Si sanè præstantior ipse parente*. Queres filho seguir-me na profissão, e ser grande, como o mundo, e a fama diz, que sou na sciencia, e nas letras? Sou contente; mas não me contento só com isso: o que peço a Deos, he que sayas tão eminente nellas, que me faças grandes ventagens, e sejas muito mayor que teu pay: *Sis sanè præstantior ipse parente*. Assim diz Nicobulo, ou Nazianzeno por elle, e dá a razão, tão propria do nosso caso, como se eu a dera: *Gaudet enim genitor, cum palmam præripit ipsi virtutis sua progenies: maiorque voluptas hinc oritur, quàm si reliquos præverteret omnes*. Desejo filho, que sejas mayor, que eu; porque não ha gosto para hum pay, como vêr que seu filho lhe leva a palma; e de se vêr assim vencido delle, se gloria muito mais, que se vencera, e avantejára a todos, quantos houve no mundo. Muday agora o nome de *Genitor* em *Genitrix*, e entendey, que fallou Nazianzeno da Gloria de MARIA no Ceo, onde gloriosamente se vê vencida da Gloria de seu Filho: *Gaudet enim Genitrix, cum palmam præripit ipsi virtutis sua progenies*. Vê-se MARIA, quando vê a Deos, infinitamente vencida da immensidade de sua Gloria; mas como he Gloria, não de outrem, senão de seu Filho: *sua progenies*, o vêr-se vencida delle, he a sua vitoria, e a sua palma: *Cum palmam præripit ipsi*. Nas outras contendidas a palma he do vencedor; mas quando contende o filho com o pay, ou com a mãy, a palma he do pay, ou da mãy vencida; porque a sua mayor gloria he ter hum filho, que a vença nella. Este dia da Senhora da Gloria chama-se tambem da Senhora da Palma;

ma ; porque , como he tradição dos que assistirão a seu glorioso transito , o Anjo , Embaixador de seu Filho , que lhe trouxe a alegre nova , lhe meteo juntamente na mão huma palma , com a qual , como vencedora da morte , e do mundo , entre as acclamaçoens , e vivas de toda a Corte beata , entrasse triunfante no Ceo. Subi Senhora , subi , subi ao Trono da Gloria , que vos está aparelhado sobre todas as Hierarchias , que lá vos espera outra palma infinitamente mais gloriosa. E que palma ? Não aquella , com que venceis em Gloria a todos os Espiritos Bemaventurados , senão aquella , com que na mesma Gloria sois vencida de vosso Filho : *Cum palman præripit ipsi sua progenies*. Grande Gloria da Senhora he , como lhe canta a Igreja , ver-se exaltada no Ceo sobre todos os Córos , e Hierarchias dos Espiritos Angelicos : grande Gloria , que os Principados , e Potestades , que os Cherubins , e Serafins lhe ficam muito abaixo , e que no lugar , na dignidade , na honra , na Gloria excede incomparavelmente a todos ; porém o vêr , que nesse mesmo excesso de Gloria he excedida infinitamente de seu Filho , isto he o de que naquelle már immenso de Gloria mais se gloria ; isso he o de que naquelle verdadeiro Paraíso dos deleites eternos mais a deleita : *Maiorque voluptas hinc oritur , quam si reliquos præverteret omnes*.

42 Mas ouçamos a Agostinho , que mais subtilmente ainda penetrou os effeitos , e causas desta tão verdadeira , como racional complacencia. Escreve Santo Agostinho em seu nome , e no de Elvídio a Juliana , mãy da Virgem Demetriade , bem celebrada nas Epistolas de S. Hieronymo : e porque esta Senhora Romana de nobreza Consular , desprezadas as grandezas , riquezas , e pompas do mundo , se tinha dedicado toda a Deos no

estado mais sublime da perfeição Evangelica, dá o parabem Agostinho á mãy com estas ponderosas palavras: *Te volentem, gaudentemque vincit: genere ex te, honore suprâ te: in qua etiam tuum esse cepit, quod in te esse non potuit*: Vossa filha Demetriade, ó Juliana, vence-vos sim na alteza do estado, a que vedes sublimada; mas muito por vossa vontade, e muito por vosso gosto vos vence: *Volentem, gaudentemque vincit*; porque he filha vossa aquella, de quem vos vedes vencida. *Genere ex te, honore suprâ te*: a honra, que goza, he muito sobre vós; mas como a geração, que tem, he de vós, tambem esta mesma honra he vossa; porque o que não podeis ter, nem alcançar em vós, já o tendes, e gozais nella, por ser vossa filha: *In qua etiam tuum esse cepit, quod in te esse non potuit*. Vay por diante Agostinho, ainda com mais profundo pensamento: *Illa carnaliter non nupsit, ut non tantum sibi, sed etiam tibi, ultrâ te, spiritualiter augetur, quoniam tu eâ compensatione minor illâ es, quod ita nupsisti, ut nasceretur*. Demetriade, vossa filha, he mayor que vós, e vós menor que ella; mas se ella vos excedeo a vós no que tem de mayor, não vos excedeo só para si, senão tambem para vós; porque esse excessão se compensa com nascer de vós: *Non tantum sibi, sed etiam tibi, ultrâ te eâ compensatione, ut nasceretur*. Em huma só couza não vem propria a semelhança; porque MARIA póde ser Mãy com Juliana, e Virgem tambem, como Demetriade; mas em tudo o mais especulou, e ponderou a agudeza de Agostinho, quanto se póde dizer no nosso caso.

43 *Te volentem, gaudentemque vincit*. Vence-vos vosso Filho na gloria, Virgem Mãy, mas muito por vossa vontade, e por vosso gosto; porque esse mesmo excessão de gloria, por ser sua, he  
o que



o que mais quereis , e de que mais vos gozais ; *Genere ex te , honore supra te* : a sua honra , a sua grandeza , a sua Magestade , a sua Gloria immensa , e infinita he muito sobre vós ; porque elle hé Deos , e vós Creatura : *Honore supra te* ; mas a geração do mesmo Deos , que he tanto sobre vós , he de vós : *Genere ex te*. E que se segue daqui ? Segue-se , que tendes , o que não podeis ter , e que toda a gloria , que he sua , começa tambem a ser vossa. *Etiã tuum esse cepit , quod in te esse non potuit*. Vós não podieis ser Deos ; mas como Deos pôde fazer , que fosseis sua Mãe , tudo , o que não podieis ter em vós , tendes nelle. Elle he mayor que vós , e vós menor : *Minor es* ; mas tudo , o que tem de mayor ( que he tudo ) não só o tem para si , senão tambem para vós. *Non tantum sibi , sed tibi , ultra te*. Oh quem pudéra declarar dignamente a uniaõ destes termos , *ultra te , & tibi* ! Em quanto a gloria de Deos he infinita , e immensa , estende-se muito além de vós : *Ultra te* ; mas em quanto he gloria de vosso Filho , toda se contrahe , e reflecte a vós : *Tibi*. Para os rayos do Sol fazerem reflexaõ , he necessario , que tenhaõ limite , onde párem ; mas a gloria da Divindade de vosso Filho , que não tem , nem pôde ter limite , porisso se limitou á Humanidade , que recebeo de vós , para reflectir sobre vós , nascendo de vós. *Eã compensacione , ut nasceretur*. E chama-se este nascer de vós compensação , ou recompensa , com que Deos vos compensou toda a grandeza , e gloria , que tem mais que vós ; porque nascendo de vós , he vosso verdadeiro Filho , e sendo toda esta gloria de vosso Filho , tambem he vossa , e vossa naquella parte , onde a tendes por melhor : *Optimam partem elegit*.

44 Parece , que não podia fallar mais concordemen-

côrdemente ao nosso intento, nem a Filosofia nos Gentios, nem a Theologia nos Santos Padres: vejamos agora, o que dizem as Escrituras Sagradas.

48 E porque a preferencia deita eleição não fique só no juizo dos entendimentos creados, subamos aos arcanos do Entendimento Divino, e vejamos como o Eterno Pay em tudo, o que teve liberdade para eleger, e escolher, também escolheu esta parte, e a teve por melhor.

Para intelligencia deste ponto havemos de suppor, que tudo, quanto tem, e goza o Filho de Deos, o recebeo de seu Padre, mas por differente modo. O que pertence á natureza, e attributos Divinos recebeo o Verbo Eterno do Eterno Padre, não por eleição, e vontade livre do mesmo Padre, senão natural, e necessariamente. E a razão he; porque a geração Divina do Verbo procede por acto do entendimento, antecedente a todo acto da vontade, sem o qual não ha eleição. He verdade, que ainda que a geração do Verbo não procede por vontade, nem he voluntaria, nem por isso he involuntaria, ou contra vontade. E daqui se ficará entendendo a energia, e propriedade daquellas difficultosas palavras de S. Paulo, onde diz, que a igualdade, que o Filho tem com o Padre na natureza, e attributos Divinos, não foy furto, nem o mesmo Verbo o reputou por tal: *Non rapinam arbitratus est esse se æqualem Deo*. E porque declarou S. Paulo o modo da geração do Verbo pela semelhança, ou metáfora do furto, dizendo, que não foy furto, nem como furtado, ou roubado, o que recebeo do Padre? Divinamente por certo, e não se podia declarar melhor. O furto he aquillo, que se toma, ou se retêm, e possue, *invito domino*, contra vontade de seu dono. E a Divindade, que o Verbo recebeo do Padre, ainda que da parte do mesmo

mesmo Padre não fosse voluntaria, com tudo não foy invíta: não foy voluntaria sim, mas não foy contra vontade: e como o Padre não foy invíto na geração do Verbo, e na comunicação da sua Divindade, posto que fosse necessaria, e não livre, porisso a igualdade, que o Verbo tem com elle, he verdadeiramente sua, e não roubada: *Non rapinam arbitratus est esse se aequalem Deo.*

49 Atéqui o que o Filho recebeu do Padre necessariamente, e sem eleição sua. E que he o que recebeu por vontade livre, e por verdadeira, e propria eleição? O que logo se segue, e accrescentou o mesmo S. Paulo. *Sed semetipsum exinaniavit formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus, & habitu inventus ut homo: propter quod & Deus exaltavit illum: & donavit illi nomen, quod est super omne nomen.* Recebeo o Filho do Padre por verdadeira, e propria eleição o officio, e dignidade de Redemptor do genero humano, fazendo-se juntamente Homem; e com esta nova, e ineffavel dignidade recebeu hum nome sobre todo o nome, que he o nome de JESU, mais sublême, e mais veneravel pelo que he, e pelo que significa, que o mesmo nome de Deos: *Ut in nomine JESU omne genuflectatur.* Recebeo a potestade judiciária, que o Padre dimittio de si, competindo ao Filho privativamente o juizo universal, e particular de vivos, e mortos: *Pater non judicat quemquam, sed omne judicium dedit Filio.* Recebeo o primeiro trono entre as tres Pessoas da Santissima Trindade, assentando-se á mão direita do mesmo Padre: *Dixit Dominus Domino meo, sede à dextris meis.* Tudo isto, e o que disto se segue, com immensa exaltação, e gloria recebeu o Filho de Deos de seu Eterno Padre por vontade livre, e propria eleição.

51 Mas se toda esta exaltação, e toda esta  
nova

nova gloria não era devida á Pessoa do Filho por força, ou direito da geração eterna, em que sómente era igual ao Padre na natureza, e attributos Divinos, e a eleição livre de dar, ou tomar a mesma exaltação, e gloria, estava, e dependia da vontade do mesmo Padre, porque a não tomou para si? Assim como encarnou a Pessoa do Filho, assim pudéra encarnar a Pessoa do Padre. E no tal caso a nova dignidade de Redemptor, o nome sobre todo o nome, a mayor veneração, e adoração de homens, e Anjos, e todas as outras prerogativas, e glorias, que pelo Mysterio da Encarnação, e Redempção sobrevierão, e accresceraõ ao Filho, não haviaõ de ser do Filho, senão do mesmo Padre. Pois se a eleição voluntaria, e livre de tudo isso estava na mão do Padre, e podia tomar para si toda essa exaltação, e gloria, porque a quer antes para a pessoa do Filho? Por nenhuma outra razão, senão porque era Filho, e elle Pay. *Ego autem constitutus sum Rex ab eo super Sion montem sanctum ejus: Dominus dixit ad me, Filius meus es tu.* Assim como o Eterno Padre, para encarecer o amor, que tinha aos homens, não se nos deo a si, senão a seu Filho: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret*; assim para manifestar o amor, que tinha ao mesmo Filho, não tomou para si estas novas glorias, senão que todas quer para elle, e lhas deo a elle, entendendo, que quando fossem de seu Filho, entãõ eraõ mais suas, e que mais, e melhor as gozava nelle, que em si mesmo.

51 E que Filho he este, Virgem Gloriosissima, senão o mesmo Filho vosso, Filho Unigenito do Eterno Padre, e Filho Unigenito de MARIA. E se o Eterno Padre em tudo, o que pode ter eleição propria, escolheo os excessos de sua gloria para seu Filho, essa mesma gloria, que elle goza em si,



si, e vós nelle, 'em que infinitamente vos vedes excedida, quem pôde duvidar, se tem inteiro juizo, que seria tambem vossa a mesma eleição? Toda a Igreja Triunfante no Ceo, e toda a Militante na terra, reconhece, e confessa, que entre todas as puras creaturas, ou sobre todas ellas, nenhuma he mais parecida a Deos Padre, que aquella singularissima Senhora, que elle creou, e predestinou ab æterno para Mãy de seu Unigenito Filho; porque era justo, que o Pay, e a Mãy, de quem elle recebeu as duas naturezas, de que ineffavelmente he composto, fossem, quanto era possivel, em tudo semelhantes. E se o amor do Pay, por ser amor de Pay, e Pay sem Mãy, escolheo para seu Filho, e não para si, as glorias, que cabião na sua eleição, não ha duvida, que o amor da Mãy, e Mãy sem Pay, escolheria para o mesmo Filho tambem, e não para si, toda a gloria infinita, que elle goza. E esta he a eleição, que teria por melhor: *Maria optimam partem elegit.*

52 Assim o entendeu da mesma Mãy o mesmo Pay, e o provou maravilhosamente o juizo, e amor da mesma Senhora para com seu Filho, onde a eleição foy propriamente sua. Quando o Eterno Padre quiz dar Mãy a seu Unigenito, foy com tal miramento, e attenção á Grandeza, e Magestade da que sublimava a tão estreito, e soberano parentesco, que não só quiz que fosse sua, isto he, do mesmo Pay a eleição da Mãy, senão que tambem fosse da Mãy a eleição do Filho. Bem pudera o Eterno Padre formar a Humanidade de seu Filho nas entranhas purissimas da Virgem MARIA sem consentimento, nem ainda conhecimento da mesma Virgem; assim como formou a Eva da Costa de Adam, não acordado em si, senão dormindo. Mas para que o Filho, que havia de ser seu, posto que

Dd

era

era Deos, não só fosse seu, senão da sua eleição, porisso (como diz S. Thomás) lhe destinou antes por Embaixador hum dos mayores Princepes da sua Corte, o qual de sua parte lhe pedisse o fim, e negociasse, e alcançasse o consentimento, e o aceitasse em seu nome. Este foy, como lhe chamou S. Paulo, o mayor negocio, que nunca houve, nem haverá entre o Ceo, e a terra, dificultado primeiro pela Senhora, e depois persuadido, e concluido por S. Gabriel. Mas quaes foraõ as razoes, e os motivos, de que usou o Anjo, para o persuadir, e concluir? He caso digno de admiração, e que singularmente prova da parte de Deos, do Anjo, e da mesma Virgem, qual he na sua eleição a melhor parte.

53 Repara MARIA na Embaxada, insta o Celeste Embaxador, e as promessas, que allegou para conseguir o consentimento, foraõ estas: *Eccè concipies, & paries Filium, & vocabis nomen ejus JESUM: hic erit magnus, & Filius Altissimi vocabitur: dabit illi Dominus Deus sedem David patris ejus, & regnabit in domo Jacob, & regni ejus non erit finis.* O Filho, de que sereis Mãy, terá por nome JESU, que quer dizer, o Redemptor do mundo: este será Grande: chamar-se-há Filho de Deos: darlhe-há o mesmo Deos o throno de David seu Pay: reynará em toda a casa de Jacob, e seu Reyno, e Imperio não terá fim. Não sey se advertis no que diz o Anjo, e no que não diz: no que promette, e no que não promette. Tudo, o que promette, são grandezas, altezas, e glorias do Filho; e da Mãy, com quem falla, nenhuma couza diz; e á mesma, a quem pertende persuadir, nada lhe promette. Não pudera Gabriel dizer á Senhora com a mesma verdade, que ella seria florecente Vára de Jessé, que nella resuscitaria o Sceptro  
de

de David; que a sua Casa se levantaria, e estenderia mais, que a de Jacob; que seria Rainha sua, e de todas as Hierarchias dos Anjos, Senhora dos homens, Emperatriz de todo o creado, e que esta Magestade, e Grandeza, tambem a lograria sem fim? Tudo isto, e muito mais podia, e tabia dizer o Anjo; pois porque diz, e promette só o que ha de ser o Filho, e não diz, nem promette, o que ha de ser a Mãe? Porque fallou como Anjo, conforme a sua sciencia; e como Embaixador, conforme as suas instruções: porisso, nem elle diz, nem Deos lhe manda dizer, senão o que ha de ser seu Filho; porque nas materias, onde MARIA tem a eleição livre, o que mais péza no seu juizo, e o que mais móve, e enche o seu affecto, são as Glorias, e Grandezas de seu Filho, e não as suas. As de seu Filho, e não as suas; porque as tem mais por suas, sendo de seu Filho: as de seu Filho, e não as suas; porque as estima mais nelle, e as goza mais nelle, que em si mesma. Isto he, o que segundo o conhecimento de Deos, e o do Anjo, e o seu, elegeu MARIA na terra: e isto he o que na presença de Deos, dos Anjos, e de todos os Bemaventurados tem por melhor no Ceo: *Maria optimam partem elegit.*

### *Reparos satyricos do Barbadinho.*

O Primeiro reparo do Critico he o seguinte. *Este o Sermao, no qual não ha pouco, que observar. O Assumpto, que tira, he tal, que se tivesse a infelicidade de o provar directamente, dizia hum heresia.* Grande Theologo! Se fosse heresia, então he, que a não poderia provar directamente; porque sendo a heresia hum acto falso, e contradito-

Dd 2

ria.nen-

riamente opposto á verdade da Fé Divina , poderia proferir-se , mas não provar-se. Mas deixando esta advertencia , ouçamos a heresia. *Nossa Senhora não podia escolher huma couza , em que não entra liberdade , como he ser a gloria de hum tal Filho mayor que a da Mãy , porque isso era necessario. Teve a Senhora liberdade para accitar , ou não aceitar , o ser Mãy de Christo , mas nada de liberdade sobre a gloria.* Responde o *P. Vieyra* no num. 33. do Sermaõ , que vay copiado a pag. 197 , e dá esta cabal soluçãõ : „ Como MARIA he Mãy de Deos , e Deos Filho de „ ; MARIA , mais se gloria a Senhora , de que seu Filho „ goze esta infinidade de gloria , e de ella a gozar „ em seu Filho , do que se ella a gozára em si mesma. E no num. seguinte torna a responder : „ A gloria „ de Deos he infinitamente mayor , que a gloria de „ ; sua Mãy ; mas como todo este excesso de gloria „ he de seu Filho , e está em seu Filho , ella a pos- „ sue , e goza em melhor parte , que se a gozára „ em si mesma. Nestas clausulas dá o *P. Vieyra* genuina resposta a toda a duvida do *Critico* , que não percebeo a delicadeza do conceito , o qual parece concordar com outro de *Santo Thomás p. 3. q. 58. art. 4 ad Primum* , onde diz : *Quia Christus est caput nostrum, illud, quod collatum est Christo, est etiam nobis in ipso collatum.* Se esta consideração he dos membros a respeito da cabeça , e o que tem esta , se reputa ser dos membros ; com quanta mayor razão será de huma tal Mãy a gloria do Filho , e a estimará nelle , como se fosse sua ?

A Senhora não escolheo a gloria , que tem Deos , para a dar a seu Divino Filho ; porque elle a tem essencialmente , e *ab æterno* , e aqui não ha escolha. Gozar-se porêm a Senhora , de que seu Divino Filho tenha tão grande gloria , e reputar esta mesma gloria , como sua propria , pelo muito , que  
nelle



nelle a estima, he acto heroico de huma vontade livre, e abrazada em amor: assim como he acto livre o opposto de huma vontade obstinada, e abrazada em refinado ódio, se tivesse pena, de que Deos gozasse tanta gloria; affligindo-le em considerar, que a goze, desejando ter, com que lha poder tirar. E assim como este acto não suppoem liberdade para tirar a gloria a Deos, mas tem liberdade essa vontade para desejar, que a não tivesse, tendo por tormento vê-la, ou considerála em Deos; assim pelo contrario, o acto da Senhora não suppoem liberdade para dar a Deos a gloria, que tem de si; mas he de huma vontade, que livremente se goza tanto de conhecer a immensa gloria de Deos, que estima, que elle a tenha, como se fosse sua, e a reputa, como propria, por força do excellente, e singular amor, com que o ama, e com amor de Mãe. Daqui se vê, que aquella parte da censura: *Mas nada de liberdade sobre a gloria*, he falsa: porque se a Senhora não tinha liberdade para dar a Deos a gloria, que tem, tinha liberdade para se alegrar, de que Deos tenha essa gloria; e com tanto excesso, que ella mesma tinha por gloria sua o vê-la, e considerála em seu Unigenito, e Amado Filho. Este he o amor de huma Mãe a mais amante, e para com hum Filho digno de infinito amor. E onde vay aqui a heresia descuberta pelo dogmatico Critico? No dia de Juizo dirá Christo: Tive fome, sede, e nudez, e me destes de comer, beber, e vestir. Responderão: Senhor, quando vos vimos nú, com sede, ou fome, e vos acudimos? Repare agora no que diz Christo: *Quandiu fecistis uni ex his fratribus meis minimis, mihi fecistis. Matth. 25.* De sorte, que estima, como feita á sua Pessoa, a obra de charidade exercitada com aquelles, a quem intitula *minimos Irmãos seus*: e he heresia dizer, que

que a Senhora repute, e eltime, como sua, a gloria de seu amado Filho?

Diz mais o R. Barbadinho. Na suposição impossível, que a Senhora de sem a escolher o tomar para si a gloria toda do Filho; ou consentirse de ter hum Filho, que a tivesse assim, eu não sey, o que a Senhora diria, nem pertence ao Pregador adivinhá-lo. He verosimel, que a Senhora não deixaria de escolher para si hum gloria de tanta dignidade. He bem reparar de caminho dizer-nos, que nem sabia, o que a Senhora diria, nem pertence ao Pregador adivinhá-lo; mas pertence ao Critico saber, e adivinhar, que a Senhora escolheria antes para si, que para o Filho, esta gloria? Santo Agostinho, que tinha o coração abrazado no amor de Deos, dizia, que no caso impossível, que Deos o não fosse, e elle lhe pudesse dar a Divindade, tirando-a de si, o faria, só para a dar ao seu Deos, a quem tanto amava. Se isto dizia o coração inflâmado de Agostinho, que diria o da Senhora, que no amor levava extraordinario excesso ao de Agostinho? Esta verosimilidade, que naquelle caso reconhece o Critico, he nascida, de quem desconhece, não só o amor da Senhora, mas a sua profundissima humildade.

Nos Cantares cap. 4, elogiando o Esposo Divino a profunda humildade da Senhora, a quem os Santos Padres acõmodaõ o texto: *Vulnerasti cor meum in uno crine colli tui*, lhe deo o glorioso titulo de *Minima*: *Id est*, cõmenta Ruperto, *in nimia humilitate cordis tui, quem videlicet crinem semper unum vidi, quam humilitatem uniformem, & indeficientem esse conspexi. Quid uno crine gracilius, & quid humilitate subtilius? Quid crine flexibilius, & quid humilitate confractius? Crinis unus vix compareret, humilitas tua vix consentit, quod computari possit inter homines.* Foy taõ nimia a humildade da  
Senho-

Senhora, que a não conjecturar das palavras de S. Gabriel, que o Principado do Eterno Filho, para que era destinada Mãe, só havia de ser espiritual, e não temporal, abdicaria a dignidade de Mãe, só por não se privar da sua humildade. He pensamento, não de Pregador Portuguez, mas Italiano, o R.<sup>mo</sup> Oliva sobre o texto de S. Lucas: *Turbata est in sermone ejus. (41) Regni Davidici nomen exhorruit comitatu contenta fabri. Et nisi ex verbis Angeli conjectasset, non temporalem fore Principem, cujus regni finis non futurus prædicebatur: audeo dicere, abdicasset Verbum, nè à vilitate abdicaretur. Et ideo forte Gabriel, cum de regno Filii multa dixisset, cum nunquam salutavit Reginam; quin tot inter titulorum fulgores ipsa sibi seposuit ancillæ vocabulum.* E como aceitará tomar para si a gloria do Filho, quem não aceitará a gloria de Mãe do mesmo Filho, no caso de ser temporal o seu Principado?

No caso d'essa escolha, se a tornasse para si, affectava subir; couza muito alheya da sua inexplicavel humildade. Subio ao mais alto, que podia subir, mas humilhando-se, e abatendo-se: *Ipsa sibi seposuit ancillæ nomen.* Exemplar, ainda que inferior, desta humildade foy a ditosa Ruth, que prostrada aos pés de Boós, se intitulou escrava sua: *Ego sum Ruth ancilla tua.* E qual foy o prêmio desta extraordinaria humildade? Subio a ser progenitora de Christo, e de MARIA. He pensamento do Doutor Maximo S. Jeronymo: (42) *In angustâ, & malè materiata casula latet ingloria, se nominat ancillam Boósi, ad cujus pedes demissa jacet... Quid sublimius eâ, quæ in capite Evangelii præscripta, Mater Regum, & Progenitrix Christi Dei*

[41] P. Oliva l. 4. Stromat. 5. Multiplicabo semen tuum, super cap. 1. Luc. [42] S. Hieron. in Prozm. super c. 3. 7 v. 9. Osce.

*Dei esse meruit.* Foy Ruth nestas circumstancias figura de MARIA Santissima: he sentença do *Monteladense*: (43) *De abjectis aratoris pedibus excelsè crebitur Ruth ad Evangelii caput, quasi humilitatis sit stipendium de squalidis pedibus ad tanti capitis dignitatem sublimari, & inter primos Christi progenitores in Evangelii capite recenseri. Profectò Maria, Ruthæ soboles, non modò indolem, sed quodammodò mores arripuit, hausit, expressit. Assim imitou a Senhora a seu Divino Filho, que pelo descenso da humildade, em certo modo subio, e cresceo, não tendo já para onde subir. Foy pensamento de S. Bernardo: Christus, cum per naturam Divinitatis non haberet, quò cresceret, vel ascenderet, quia ultra Deum nihil est; per descensum quomodo cresceret, invenit, veniens incarnari, &c.*

A Virgem Senhora subio do mesmo modo; ficando tão semelhante a seu Bemdito Filho, que bastava esta semelhança para nos persuadirmos, que a gloria do Filho era sua; porque de Pessoa com muita especialidade sua, e tanto sua, que não duvidou S. Pedro Damiao (44) explicar-se com o nome de *identidade*: *Cum Deus aliis rebus sit tribus modis (por essencia, potencia, e presença) in Virgine fuit quarto specialem modo, scilicet per identitatem, quã idem est, quòd ipsa. Huc taceat, & contremisecat omnis creatura; quis enim audeat aspicere tantæ dignitatis immensitatem.* Santo Thomas, (45) que usa de estylo escolastico mais rigoroso, que o concionatorio, explica esta Maternidade com os mesmos termos, ou equivalentes: *Suâ operatione fines Divinitatis propinquius attingit.* Daqui se pôde inferir, de que maneira diz o P. Vieira, que a Senhora escolheo

[43] Monteladens. de Benedict. Patriarch. 5. 353. pag. 422. & 423.

(44) S. Petrus Damian. in Serm. de Nativit. Virginis. (45) S. Thomas 2. 2. q. 103. art. 4. ad 1.



colheo para si a gloria de seu Divino Filho: e com muita razão a reputava por sua, não só pela força do amor, mas também por força desta especial conjunção, com que se unia tanto, e tanto se aproximava a elle, como se fosse a mesma, pertencendo-lhe como própria aquella gloria do Filho; porque de hum Filho, com quem tanto se aproximava, que chegava a parecer a semelhança identidade; verificando-se aqui com mais propriedade o antigo proverbio: *Amicus est alter ego*.

Quanto á prova Theologica (continua o Critico com a sua censura) he ella tal, que me envergonho sabê-se da boca, de quem estuda Theologia. Na verdade, que o Critico he muito vergonhoso; mas para mostrar, que o era na realidade, devia fugir de apparecer em publico, e tão descomposto nas suas cartas. Mas que prova será esta, que lhe fez as faces tão vermelhas? Propoem (diz) as palavras de S. Paulo ad Philip. 2. *Non rapinam arbitratus est, esse se æqualem Deo... propter quod & Deus exaltavit illum, & dedit illi nomen, quod est superà* (diga super) *omne nomen*. As primeiras palavras do texto: *Non rapinam arbitratus est, esse se æqualem Deo*, estão explicadas no num. 48., que copiei do P. Vieira, e com tão acertada Theologia, que só póde duvidar della, quem nunca aprendeo couza alguma desta sciencia: ao tal numero remetto o leitor. Não foy rapina, ou furto. Assim explicação contra os Arianos, como confessa Erasmo, os Santos Padres, e Theologos este texto de S. Paulo. Velasques Jesuita, seguindo os PP. Gregos, e Latinos, diz: *Id est, cum Dei imago, & verus Deus esset, non rapuit, ut esset Deus, sive æqualis Deo*. O mesmo diz A. Lapide hinc: *Non rapinam arbitratus est, quia non usurpavit alienum, sed quod suum erat; cum sentiret, diceret, & gereret se, quasi æqualem Patri*. Por  
Ee todos

todos os Santos Padres ouçamos a *Santo Agostinho*, que foy bom Theologo: (46) *Necquè enim usurpationis erat, ut rapina diceretur, sed naturæ inerat, ut esset æqualis.* Esta a explicação do *P. Vieyra*, como de tão excellente Theologo; e não entendo, que reparo possa haver contra ella. Terá o *Critico* por novidade, que diga, que a geração do Verbo, sendo necessaria, nem porisso he invíta, e contra vontade? He o que nos falta; e dirá tambem, que os Bemaventurados amaõ a Deos contra vontade, porque o amaõ sem liberdade.

Daqui deduz (continúa S. P.) que recebeo o Filho do Pay, por verdadeira, e propria eleição, o officio, e dignidade de Redemptor do genero humano, fazendo-se juntamente homem. Mas explique primeiro, de que parte do texto o deduz: se da primeira parte: *Non rapinam arbitratus est, &c.* se da segunda: *Exinanivit semetipsum.. propter quod &c.* porque faz muito ao caso? Toda a dignidade, que, diz o *P. Vieyra*, déra o Eterno Pay ao Filho, não a deduz das primeiras palavras do texto de *S. Paulo*; porque ellas não pertencem á eleição do Pay, e só fallaõ da geração do Verbo. Deduzem-se sim das segundas: *Exinanivit .. propter quod*; porque entra a eleição livre. „ Recebeo, diz *Vieyra*, „ *ra*, o Filho do Padre por verdadeirã, e propria „ eleição o officio, e dignidade de Redemptor do „ genero humano, fazendo-se juntamente Homem. Aqui diz o *Critico*: Em primeiro lugar he falso, que o Pay desse ao Filho, como propria eleição somente sua, a grandeza de Redemptor; porque sendo a Incarnação obra ad extra, como lhe chamaõ os Theologos, todas as tres Pessoas com huma unica vontade concorreraõ para ella. E isto não são Theologias exquisitas, mas os primeiros elementos da Fé, Toda a caraminho.

[46] S. August. Epist. 120: tom. 2.

caraminhóla deste argumento vay fundada ( para ter alguma apparencia ) em huma impostura do *Critico*, fingindo, que o *P. Vieyra* diga, que aquella eleição do Pay foy sómente sua; porque este termo *sómente* he exclusivo das mais Pelloas, e tal couza não disse *Vieyra*, como se póde ver no seu n. 49. Diz sim, que a eleição foy propria do Pay: e quem póde duvidar disso, sendo a unica vontade, com que se fez a eleição, tão propria do Pay, como das mais Pelloas! Este modo de explicar as obras *ad extra*, apropriando-as a huma das Pelloas Divinas, he tão trivial na Escritura, que só disso duvidará, quem nunca a lêo.

Obra *ad extrà* foy a Incarnação, e não duvidou o Anjo dizer a S. Joseph: *Quod in eâ natum est, de Spiritu S. est.* Obra he *ad extrà* a Creação do Mundo, e as Revelações feitas aos Profetas; e com tudo dizemos: *Credo in Unum Deum Patrem Omnipotentem, factorem Cæli, & terræ... & in Spiritum S. . . qui locutus est per Prophetas.* Muito bem sabia Theologia o Apostolo Santiago, e mais diz no cap. i. v. 17: *Omne datum optimum, & omne donum perfectum desursum est, descendens à Patre luminum.* O mesmo se acha nestas palavras de Christo: (47) *Hec est voluntas ejus, qui misit me, Patris.* E nestas: (48) *Pater meus usque modò operatur. Pater meus agricola est.* Quer mais textos? Ouça estes: *Spiritus, ubi vult, spirat. Ille vos docebit omnia. Calicem, quem dedit mihi Pater, &c.* Faça semelhante critica a estas authoridades; mas vá com sentido, não dê em algum barranco. Como podiaõ os Qualificadores censurar aquella proposição de Vieyra, tendo tantas semelhantes na Escritura? Sim, *R. Critico*; o Pay mandou o Filho ao mundo a fazer-se Homem, e delle recebeo por vontade livre,

Ee 2 e pro-

[47] Joan. 6. (48) Idem v. 14. & 15.

e propria eleição sua, o officio de Redemptor.

Sobre aquellas palavras de S. Matth. *Confiteor tibi Pater . . . . Omnia mihi tradita sunt*, diz A. Lapidé, ex Hilario, & Augustino: *Quasi diceret: Omnia, id est, omnium rerum, sed praesertim hominum, dominium, potestas, gubernatio, & dispensatio à Patre ab aeterno data fuit mihi, quia Filio, per aeternam generationem (isto foy necessariamente) & in tempore eadem mihi data fuit quasi homini per hypostaticam unionem (esta foy disposição livre do Pay) ut possim, quos velim, v.g. humiles Apostolos, eligere, illuminare, praedestinare, salvare . . In manu enim mea est omnium praedestinatio, vel reprobatio, salus vel damnatio; quasi diceret: Constitutus sum à Deo Patre mundi Salvator, & Redemptor, & in manu mea, ac potestate posuit Pater universa, ut ea reparem, & restaurem: ut sicut per me, ut Deum, omnia creavit, sic per me in carne assumptâ omnia recreet, & reparet. Ad hoc veni, & ad hoc sum homo factus. Christus hic suum officium, dignitatem, & auctoritatem edocet, & stabilit, ut omnes ei, quasi Legato Patris, auscultent, credant, & obediant: sicut Vice-rex, vel Gubernator demonstrat populo sibi hoc munus à Rege esse demandatum, ut sibi auctoritatem, & obedientiam conciliet. Se o P. A. Lapidé fosse vivo, eu lhe encômendára, se acautelasse do Critico; como tambem quando disse sobre o texto de S. João c. 17: *Ego te clarificavi (glorificavi lê o Syro, e Arabico) quasi diceret: Opus redemptionis, ad quod me, quasi Legatum tuum, misisti in mundum, jam post paucas horas passionis, & mortis meae consummabo, finiam, & absolvam. Aqui tem, como o Pay com propria eleição sua, e livre elegeo para o Filho a gloria de Redemptor: e isto não são Theologias exquisitas. De nenhum destes termos se póde inferir, que o Pay tenha huma vontade distinta da do Filho, como*  
injuriôsa-*



injuriolosamente quer inferir o *Critico* das palavras do *P. Vieyra*; e não sey, de que Logica o tira: o peór he dizer, que *sem esta supposição não corre o argumento.*

Continúa S. P. dizendo: *Em segundo lugar he falso, que o nome de Jesus seja mayor, que o nome de Deos. Aquelle supra (diga super) omne nomen, não se entende comprehendendo o nome de Deos.* Respondo ser verdade, o que diz *Vieyra*, e falso, o que diz o *Critico*. He Nome sobre todo o nome, como diz o texto: (49) *Nomen super omne nomen, ut in nomine Jesu omne genuflectatur.* Este Nome JESUS deriva-se da raiz *Jascha*, id est, *salvavit*: em Hebrêo he *Jeschua*, e em Latim *Jesus*; quasi *salus*, & *Salvator per essentiam*. Veja-se *Angelo Caninio*. (50) Não se pôde negar ser esta a etymologia de tão sagrado Nome; e assim a explicou o *Anjo*, quando disse: (51) *Vocabis nomen ejus Jesum, ipse enim salvum faciet populum suum à peccatis eorum*: e daqui se segue ser por excellencia o Nome do nosso Redemptor, e Salvador: (52) *Deus noster, Deus salvos faciendi. Jesus est Deus salvos faciendi. Jesus Hebraicè significat Salvatorem*, cõmentou *Le Blanc*. Nome proprio do Verbo Incarnado lhe chamou *Santo Agostinho*: (53) *Verbi incarnati, sive bujus hominis, qui est Filius Dei, nomen proprium est Jesus. Significat ergò nomen Jesus, cõmenta A' Lapide híc*, (54) *totam Incarnationis, & Redemptionis Christi economiam, in quâ, præ cæteris operibus à Deo creatis, aut factis, relúcent, & concurrunt Dei Sapientia, Potentia, Bonitas, Maiestas, omniaquè Dei attributa.*

O No-

[49] *Epist. ad Philip. cap. 2. v. 10.* [50] *Angelus Canin. in Nom. novi Testam. & Galatin. l. 3. c. 20.* [51] *Matth. 1.* [52] *Psal. 67. v. 21.* [53] *S. August. tract. 3. in Joan. Epist. 1. tom. 7.* [54] *A' Lapide hic ad v. 9. c. 2. ad Philip.*

O Nome de JESUS, pelo que he , e pelo que significa, he , como já insinuámos, mayor, mais santo, e mais veneravel que o nome de Deos. Assim em proprios terminos o escreveo o Grande Cornelio A' Lapidé sobre o texto acima citado: *Hinc sequitur, nomen Jesu esse maius, sanctius, venerabilius, quàm sit nomen Dei Tetragrammaton, quod vulgò dicitur Jehova, & absolute, quàm sit nomen Dei.* Com erudição portentosamente superior prova o excesso de hum a outro nome o incomparavel Abulense. (55) A razão fundamental do insigne Bispo he; porque o nome de Deos significa a Deos, em quanto he Senhor, e Creador: JESUS significa a Deos, em quanto Salvador, e Redemptor, como já apontey no texto: *Ipse enim salvum faciet populum suum a peccatis;* e assim como foy mayor o beneficio, e obra da Redempção, que o da Creação, assim mayor he o nome de JESUS, ou Redemptor, do que o nome de Creador. A Igreja o reconhece naquellas palavras, que manda dizer na Missa: *Deus, qui humane substantie dignitatem mirabiliter condidisti, & mirabilius reformasti.* Jehova significa aquelle que he, e este he o nome de Deos: *Ego sum, qui sum.* (56) JESUS significa aquelle, *qui Creator est, & perditos salvat, vivificat, justificat, ac Beatos facit.* Jehova significa a fonte, e principio do Ente; JESUS a fonte, e principio da graça, salvação, e gloria: Jehova foy o Vencedor de Faraó, e do Egypto; JESUS o Triunfador do Demónio, e do Inferno: Jehova o Legislador de Israel, e do antigo Testamento; JESUS o Legislador dos Christãos, e do Testamento novo: Jehova conduzio os Hebrêos pelo mar Vermelho para Chanaán; JESUS pelo seu proprio Sangue, em que fomos baptizados, e purificados, nos guia para a Pátria Bemaventura-

(55) Abulense quæst. 7. in cap. 10. Exod. (56) Exod. 3.

aventurada. Emfim o Nome de JESUS representava-se no nome *Jehova*, e *Jehova* era como Enigma de JESUS, e o Nome de JESUS he declaração do nome *Jehova*. E por todas estas razoes he por determinação da Igreja mais adoravel o Nome de JESUS, do que o Nome de Deos: *Ecclesiae communis, & laudabilis consuetudo magis honorat hoc nomen Iesus, quam nomen Deus. Unde, audito nomine Iesu, devoti Fideles aut caput inclinant, aut genua flectunt; quod non faciunt, audito nomine Deus. (57)*

Finalmente erra crassamente o Critico em dizer, que *aquelle*, super omne nomen, não se entende, comprehendendo o nome de Deos. O texto de S. Paulo falla do Nome de JESUS: e a quem significa, e explicamos por este Nome? He certo, que a Christo; e este he o nome, com que o nomeavaõ os Hebrêos, e com que o dáraõ a conhecer, pondo-lho no titulo da Cruz, para denotar a todos, quem era o Crucificado: este o Nome, que se lhe poz na Circumcisaõ: *Vocatum est nomen ejus Iesus*; e este, o que declarou o Anjo: *Vocabis nomen ejus Iesum*; e logo explicou o que significava este Nome, que era a razão, porque lho dava: *Ipse enim salvum faciet populum suum à peccatis eorum*. Nome, que significa Salvador de peccados, necessariamente deve significar quem juntamente he Deos; porque nenhuma pura creatura póde satisfazer condignamente pelos peccados, nem póde salvar. Finalmente com este grande Nome JESUS significamos a Christo, e com isso significamos huma Pessoa, que he Deos, e Homem; e esta mesma verdade se deduz claramente das authoridades, que ficaõ apontadas.

Passemos a outra critica. *He falso, que o Pay abjudicasse ( diga abdicasse ) de si a potestade judiciale*

[57) Abul. paulò antè quest 7. citat.

OV/B

*judiciaria*. Vamos em primeiro lugar á proposição do *Vieyra*, e he esta por suas proprias palavras: „Recebeo a potestade judiciaria, que o Padre de-  
„mittio de si, competindo ao Filho privativamen-  
„te o Juizo universal, e particular de vivos, e  
„mórtos: *Pater non judicat quemquam, sed omne ju-  
„dicium dedit Filio*. Como esta authoridade he da  
Escritura, devemos confessar, que contém em si  
algun sentido verdadeiro; e dizer o contrario he  
blasfema heretical: devemos logo afirmar, que o  
Pay deo ao Filho o poder judiciario. Só admitte  
duvida, se esta potestade foy dada ao Filho em  
quanto Deos, ou em quanto Homem? Alguns San-  
tos Padres, como *Chrysostomo*, *Theophylacto*, *Leoncio*,  
e *Ambrosio* são de parecer, que o Pay deo ao Filho  
este poder, não em quanto Homem, mas em quan-  
to Deos na eterna geração, em que o constituio  
Juiz. *Santo Ambrosio*: (58) *Omne judicium dedit Fi-  
lio; dedit utique generando, non largiendo*. A razão  
desta sentença he: (59) *Quia hoc ipso, quod Filius  
erat, potestas illi judicandi, tanquam primogenitæ Pa-  
tris Sapientiæ, debebatur*. Do sentir destes Padres se  
segue, que o poder judiciario competio ao Divino  
Filho necessariamente pela geração, e não por pro-  
pria eleição.

Esta sentença porém não se oppoem á pro-  
posição do *P. Vieyra*; porque a sentença falla do  
poder judiciario, comunicado ao Filho pela gera-  
ção, na qual comunicando-lhe o Pay a natureza,  
lhe comunica a Omnipotencia, e com esta tem  
aquella suprema, primária, e alta jurisdição sobre  
todo o creado. com a qual he Senhor supremo, e  
absoluto; e este dominio he indivisivel em todas as  
tres Divinas Pessoas, e não o póde Deos dimitrir  
de

(58) D. Ambros. lib 2. de Fide cap 4. (59) Maldonad. in E-  
vang. Joan cap 5.



de si, por lhe ser essencial. Mas o assérto do P. Vicyra he do poder judiciario para julgar vivos, e mórtos, que se chama secundario, o qual constitúe verdadeira, e propria potestade judiciaria; o que se prova com dous exemplos bem claros. O primeiro he do poder, que Christo deo a S. Pedro, elegendo-o por Cabeça da sua Igreja, entregando-lhe as chaves della: *Tibi dabo claves regni Cælorum*; com pleno poder para absolver, e condenar: *Quodcumque ligaveris, & quodcumque solveris*; dando-lhe a jurisdicção de Pastor universal: *Pasce oves meas; pasce agnos meos*. O segundo he dos Reys, aos quaes dá Deos pleno poder para castigarem os delinquentes, privando-os da vida, quando as suas culpas o merecem; e com tudo em hum caso, e outro sempre Deos fica Senhor supremo, e absoluto com o poder primário; mas este não impede para se não dizer com toda a propriedade, que S. Pedro, e seus Successores tem verdadeira, e propria potestade judiciaria; como tambem os Reys tem proprio, e verdadeiro poder judiciario para julgarem os seus vassallos.

Deste poder he que, diz o P. Vieyra: „ Re-  
„ cebo a potestade judiciaria, que o Padre demit-  
„ tio de si, competindo ao Filho privativamente o  
„ Juizo universal, e particular de vivos, e mórtos.  
Nega o Critico, dizendo: *He falso, que o Pay ab-  
judicasse (abdicasse) de si a potestade judiciaria*.  
Devia porém advertir, o que diz o Grande Soares  
Granatense (60) no seu tom. 2. dos Comentários,  
cujo titulo he: *Utrum judiciaria potestas conveniat  
Christo secundum quod est homo?* que he o seguinte:  
*Datam esse Christo in humanitate aliquam judiciariam  
potestatem... de fide certum est, & ex aliis locis*  
Ff Scriptu-

[60] Suar. Granatens. tom. 2. Cõment. ad 3. part. Div. Thom.  
quæst. 59. ad art. 2. pag. 1066.

*Scripturæ evidentèr colligitur. Santo Thomás no lugar citado diz o seguinte: Sciendum tamen, quòd quavis apud Deum remaneat primæva authoritas judicandi; hominibus tamen cõmittitur à Deo judiciaria potestas respectu eorum, qui eorum jurisdictioni subjiçuntur.. Christus etiam in natura humana est caput totius Ecclesiæ.. Unde ad eum pertinet, etiam secundum naturam humanam, habere judiciariam potestatem; propter quod Aug. tr. 19. in Joan tom. 9. authoritatem Evangelii sic dicit esse intelligendam. Potestatem dedit ei iudicium facere, quia Filius hominis est.*

Allega aqui o Angelico Doutor tres razoens para mostrar, que esta potestade judiciaria compète a Christo *secundum naturam humanam*. Primeira, por causa da afinidade de Christo com os mais homens; porque assim como Deos obra pelas causas médias, como mais proximas aos effeitos, assim para ser mais suave o Juizo, por hum Homem Christo julga os mais homens. Segunda; porque tambem no Juizo universal resuscitarão os mortos, como diz Santo Agostinho: (61) *per filium hominis*. Terceira; porque, como diz o mesmo Santo, (62) os que haõ de ser julgados, he conveniente, que vejaõ o seu Juiz. Por occasião da reposta ás duvidas, que se podiaõ oppôr, diz admiravelmente o mesmo Angelico Doutor: *Adducere homines ad beatitudinem convenit Christo, in quantum est Caput, & Author salutis eorum, secundum illud Heb. 2. Qui multos filios in gloriam adduxerat, Authorem salutis eorum per passionem consummari. Ex fluentia Divinitatis ad animam Christi convenit etiam ei cognoscere, & judicare occulta cordium. Et ideo dicitur Rom. 2. In die, cum judicabit Deus occulta hominum per Jesum Christum.*

O Exi-

(61) S. Aug tr. 23. in Joan. tom. 9. [62] Idem lib. de Verb. Di-

O Eximio Soares (63) no lugar citado, cõmentando, e seguindo a *Santo Thomás*, diz o seguinte. A terceira, e legitima exposiçaõ do texto he, que nelle falla Christo da potestade de Excellencia para julgar pela humanidade, o que lhe foy cõmunicado pela uniaõ ao Verbo; a qual exposiçaõ he de *S. Agost. tr. 19. & 22. in Joan.* a quem seguem *Beda*, e *Ruperto l. 5. in Joan.* e os mais expoitores Latinos. *S. Jeronymo in Isaia 50.* de Christo, em quanto Homem, entende aquellas palavras: *Sicut audio, judico.* *Tertulliano contra Praxeam cap. 21.* não lê *quia*, mas *quã*, e diz: *Judicium dedit illi facere in potestate, quã Filius hominis, per carnem scilicet.* Na *disp. 52.* do mesmo tomo, cujo titulo he: *De judiciaria Christi potestate, atquẽ ejus usu;* na *sect. 1.* pôde o Critico ler, e advertir o seguinte. No §. *Primò ergò certum est*, ensina, que a Christo, em quanto Homem, foy dado especial poder para julgar tudo, o que pertence ao prémio, ou pena, salvaçaõ, ou condenaçaõ; e diz, que todos os Theologos dizem o mesmo: e se confirma com o texto de *S. Pedro, Act. 10: Et præcepit nobis prædicare populo, & testificari, qui à ipse est, qui constitutus est à Deo Judex vivorum, & mortuorum;* e accrescenta ser evidente, que o texto falla de Christo, em quanto Homem. No §. *Secundò dicendum*, mostra, que esta potestade judiciaria he proprio, e verdadeiro poder de julgar. E posto seja delegada, e *ex commissione Dei*, se pôde chamar poder ordinario *in suo ordine*, por lhe convir pela razãõ do officio de Sũmo Sacerdote, e Rey espirital. No §. *Nihilominus*, diz, que este poder dado a Christo, *verè, propriè, & simpliciter esse judiciariam potestatem.*

No §. *Ex dictis colligitur primò*, ensina, que este poder dado a Christo, posto seja inferior

Ff 2

ao

[63] Exim. Doct. d. 52. Sect. 1. q. 59. art. 6. p. 1074 1075. & 1077.

ao Divino, e neste sentido Ministerial, com tudo he supremo entre toda a potestade *cōmunicata creaturis*, e porisso se póde chamar potestade judiciaria de singular excellencia. No §. seguinte explica os titulos, pelos quaes convêm a Christo este poder, e diz: Que não era *simpliciter* preciso, que este Juizo se houvesse de exercitar, e exercite por hum Homem; ( porisso, diz *Vieyra*, que o Padre o podia reservar para si ) mas que foy muito conveniente: primò, da parte dos homens; por ser natural, que os homens sejaõ julgados por hum Homem Cabeça de todos. Secundò: da parte de Deos, a cuja liberalidade pertencia cōmunicar este poder. Tertiò: da parte do Verbo Incarnado, a quem por titulo, e razaõ da uniaõ hypostatica, se devia cōmunicar esta perfeiçaõ *in naturá assumptá*; e finalmente, porque mereceo ser exaltado a esta grande dignidade: e conclúe, que todas estas razoes doutamente expendo *S. Irmão l. 4. contr. Heræf. c.37. Ruperto l. Cōment. in Daniel. c.11. S. Aug. Serm. 64. de Verb. Dom.*

Daqui se segue claramente, que competindo ao Filho por verdadeira, e propria eleiçaõ o poder de julgar, o demittio de si o Pay; e tambem se collige do mesmo texto, que allega o *Vieyra*: *Pater non judicat quenquam, sed omne judicium dedit Filio.* Em figura vio *Daniel* (64) esta demissaõ, com a explicação do Jesuita *Ulhoa*: (65) *Antiquus dierum sedit.* Non tanquàm (accrefcenta *Ulhoa*) qui futurus esset Judex sensibilis, sed tanquàm orígo illius (Filii) qui publicè exerciturus est actionem illam, necnòn potestatis, & maiestatis, quibus illam exercebit. *Et ecce in nubibus Cæli quasi Filius hominis.* En symbolum, & signum Jesu Christi, objectum oculis Danielis. *Et usque ad antiquum dierum*

[64] Daniel. cap. 7. (65) P. Ulhoa, de Prim. & ultim. temporib. d. 4. c. 2. á n. 25.



*rum pervenit, & in conspectu ejus obtulerunt cum. Quia sic solet fieri apud homines, quando unus accipit ab alio magnam aliquam authoritatem, seu investituram, ut aiunt. Et dedit ei potestatem, & honorem, & regnum. In quo utique imbibitur potestas, & maiestas judiciaria. Sendo pois este poder dado pelo Pay ao Filho, bem se vê, que o demittio de si, nos termos do texto allegado: *Pater non judicat, sed omne judicium dedit Filio. Non judicat* (explica aqui Maldonado) *sumptâ Persona judicis, quæ ab hominibus, quos judicat, videatur... Filius autem hoc sensu solus judicat, quia solus homo est, qualem eum, qui homines judicet, esse convenit.. propterea redditur ratio. Quia Filius hominis est.* Se o Critico tivesse estudado esta questão, não diria com tão reprehensível facilidade, que era falsa a proposição do P. Vieyra.*

Passa o Critico a censurar outra proposição, e diz: *He falso, que o Filho tenha o primeiro trono entre as Pessoas da Santissima Trindade.* Já se sabe, que as tres Pessoas Divinas não necessitam de trono material, em que estejam sentadas, como fazem os Reis da terra. Com o nome de trono, e assento se explicaõ as Divinas letras, para nos significarem a grande Magestade das Divinas Pessoas: assim como com o assento da mão direita exprimem a honra, que alcança, quem merece aquelle lugar. Neste sentido he de Fé, que Christo tem assento á mão direita do Padre, não só em quanto Deos, senão também em quanto Homem; porque neste ultimo sómente se podem entender as palavras de S. Paulo ad Rom.8: *Christus Jesus, qui mortuus est, qui & resurrexit, qui est ad dexteram Dei.* Ad Ephes. 1: *Suscitans illum à mortuis, e constituens ad dexteram suam.* O P. Soares (66) no tomo já citado,

[66] Suar. lib. citat. disp. 51. sect. 3. quæst. 48. art. 4. p. 1052

tado , allegando estes textos , diz : *Igitur sedere hic per metaphoram significat, idem quod regnare, seu prae-esse omnibus, tanquam supremum Regem.* E ainda que que Christo, em quanto Homem, não iguale, nem exceda a Deos ; com tudo a respeito de nós, e quanto á honra do lugar, parece, que estar á mão direita he final de honra singular entre as Divinas Pessoas, como logo accrescenta o mesmo Eximio Doutor: *Juxta hanc doctrinam responderi potest, Christum dici sedere ad dexteram Dei Patris, non quia sit Persona dignior Patre, sed quia licet.. secundum humanitatem sit inferior, tamen respectu nostri, & quantum ad Ecclesiae gubernationem, quidam singularis honor concessus est Filio inter omnes Divinas Personas.. Nam quia Christus suo sanguine, & meritis regnum amissum Patri comparavit, ideo exaltatus est, & consecutus nomen, quod est super omne nomen.* Esta singular honra, por propria, e livre eleição, deo o Pay a seu Filho, e não a tomou para si; o que faria, se incarnasse.

Ouçamos agora o mayor Expositor dos Psalmos o P. Lorino, explicando aquellas palavras do Ps. 109: *Dixit Dominus Domino meo, sede à dextris meis. Pater imperavit Domino Christo, prout est homo.. Sederet à dextris ejus in Caelum conscendens...* Tanta dignitas convenit naturæ creatæ sic elevatæ per unionem hypostaticam; ut ita etiam posset esse caput omnis alterius creaturæ. Esta he a sentença de Santo Ambrosio, (67) respondendo aos Arrianos, como accrescenta o mesmo Lorino: *Dictum est à Patre Christo in tempore, ut sederet ad dexteram ipsius; quia revera tantum in tempore ille, ut homo, acquisivit eam dignitatem.* Que esta eleição para o throno fosse do Padre, escolhendo ao Filho, he certo; porque

(67) S. Ambros. 2. de Fide c. ult. de Apolog. August. lib. contr. Serm. Arian. c. 11, & 12.

que se lhe deo em quanto Homem, como nota o mesmo Expositor: *Nomihil favet modus imperandi, sede, quasi liberè invitet Pater, cum Sessio conveniens Christo, quatenus Deo, sit necessaria, & naturalis. Ne, quasi nolente Patre, honorem videatur rapuisse Christus, Patrem eo modo loquentem induci docet Cyrillus Alexandr. 10. in Joan. 9. Nissen. in Fragment. disertè scribit, quòd Pater ad Christum postquam, ut homo, potestatem accipit, dixit: Sede.*

Agora veja o Critico o sentido, em que este trono, e assento da mão direita seja o primeiro entre as Pessoas Divinas, e ainda com certo modo de excessão; posto que tanto não disse Vieyra. Maldonado sobre as palavras: *Et sedet à dextris Dei.* (68) diz o seguinte: *Ceterum valde meus in eam opinionem animus inclinatur, ut existimem per dexteram; non solum æqualitatem, sed quidquam etiam æqualitate maius significari; non quod Filius quidquam maius, quam Pater, habeat; scio enim omnibus rebus æqualem esse: sed quò maiorem præ se, si officii functionem consideremus, dignitatem ferat, cum ad dexteram, id est, in regali sede sit Ecclesiam inde gubernans. sicut in iudicio non habebit quidem maiorem, quam Pater, honorem, non maiorem potestatem; sed maiorem tamen ostendet, ac præferet; quia ipse, non Pater, iudicis officium visibilibus exercebit. Moreor consuetudine loquendi, unde sine dubio metaphora ista ad dexteram Patris sedendi traducta est. Cum sedent duo, qui honoratior est, sedet ad dexteram. O que confirma com o exemplo de Salamaõ, quando mandou pôr á sua mão direita o trono, em que se sentasse sua mãy Betsabé. A mesma sentença se pôde vêr em Velasques; (69) e não só allega Maldonado, mas também ao P. Soares. S. João Chrysost. (76) diz: *Suæ sedis fecit esse participem, & quod plus**

(68) Marc. c. 16. 19. (69) Velasques in Epist. ad Philip. c. 2.

*plus est, ad partem sue dexteræ collocavit. Pende illud, quod plus est, diz o Expositor, quod aperte ostendit, dexteram sedis partem omnibus excellentiæ, & dignitatis præ se ferre. Não he bem, que passe em silencio as palavras de Lorino ad Pl. 109. Quantum ad nos, & ratione gubernationis, videtur ijsso Patre maior Christus significari, cum ad ejus dexteram sedere dicitur, quia concessit Christo regni administrationem, omneque judicium dedit ei.*

Finalmente diz o Critico: *He falso, que a gloria do Filho, que resulta da Redenção, seja maior que a do Pay.* Tal clausula se não acha no Sermão de *Vieyra*. Mas dado, que estivesse, he certo que a gloria de Redemptor significa Deos feito homem, remindo o mundo perdido pelo peccado original: a do Pay significa Deos, em quanto Creador; e mayor gloria foy a da Redempção, que a da Creação, como já disse, e affirma a Igreja: *Humane substantiæ dignitatem mirabiliter condidisti, & mirabilius reformasti.* Grande, e admiravel a obra da Creação, porém mais admiravel a da Reformação, ou Redempção!

Por conclusão da Critica tem graça dizer a pag. 145. *Que o Pregador com as suas provas, concedidas de barato, desfaz o que tinha dito. E qual he a razão, R. P. Mestre? Dá esta: Ou daqui se segue, que da mayor gloria do Filho resultou mayor gloria no Pay, ou não? Se resultou, ficam desmentidas as provas; senão resultou, nunca se pôde dizer, que o Pay escolheo meliorem, in unum & optimam partem.* Forte argumento! Veja o num. 50 do Sermão, que vay trasladado, e bastará essa diligencia, para se vêr claramente, que o *Vieyra*, no que diz, nada pretende mostrar do que diz o Critico; mas fim provar com esse exemplo das novas glorias, que



que o Padre escolheo para o Filho, e não tomou para si, como pudéra; (mas antes todas lhe deu a elle, porque era Filho, entendendo, que então eraõ mais suas, quando fossem de seu Filho, e que melhor as gozava nelle, que em si mesmo:) que também a Senhora escolheria, e estimaria, como proprias, e muito suas, as glorias de seu amado Filho; reputando-as mais suas, e tanto melhor possuidas, quando nelle, e não em si mesma, as gozasse: e a respeito do Filho da Senhora, e não a respeito do Padre Eterno, diz o *Vieyra*, que a Santissima Virgem MARIA escolheo a melhor parte, &c.

# S E R M A Õ

## D E

# S. BARTHOLOMEU.

Prégado em Roma.

*Do qual foraõ copiados os seguintes numeros.*

N.396 **V**Ejo, que me perguntaõ os ouvintes por S. Bartholomeu; como se em quanto disse até agora, não fallara delle. Tudo, o que disse do Melhor dos melhores, se entende deste Gloriosissimo Apostolo. E se, por ser no seu dia, he licito dar-lhe alguma preferencia aos demais, o mesmo lugar, que lhe dá o Evangelho entre os Eleitos, não favorece pouco este pensamento.

Gg

O lu.

O lugar, que dá o Evangelho a S. Bartholomeu, he o sexto; e se tirardes daquelle sagrado numero (como se deve tirar) a Judas reprovado, o sexto entre os onze he o lugar do meyo, sempre, e em todas as Naçoens estimado pelo de mayor honra. Do Sabio humilde disse o Espirito Santo, que se alevantaria no meyo dos Magnates: *Sapientia humiliati exaltabit caput illius, & in medio Magnatorum confedere illum faciet.* E quem foy entre os Apostolos o Sabio humilde, fenaõ Bartholomeu? S. Bartholomeu, segundo a opiniaõ mais recebida, foy aquelle grande Doutor da Ley Natanaél, de quem disse o mesmo Christo: *Eccè verus Israelita, in quo dolus non est.* E deste grande Sabio, metido entre pescadores humildes, e idiõtas, (mas elles os Magnates do Reyno de Christo) se verifica pelo lugar, que tem no meyo de todos, a promessa do Divino Oraculo: *In medio Magnatorum confedere eum faciet.*

397 Daqui se ficará entendendo a soluçaõ, ou concordia de dous textos ao parecer muito encontrados; hum do Testamento velho, outro do novo. No Testamento velho foraõ significados os doze Apostolos nas doze pedras do Racional, que o Summo Sacerdote trazia sobre o peito: e no Testamento novo saõ significados outra vez nas mesmas doze pedras dos fundamentos da Cidade nova de Jerusalém, que S. Joaõ vio descer do Ceo. A duvida agora, e o encontro está na disposiçaõ, e ordem das mesmas pedras; porque no Racional a primeira pedra era Sardio, e nos fundamentos da Jerusalém Celeste a mesma pedra Sardio era a sexta. Pois se esta pedra em huma parte tem o primeiro lugar, como se lhe dá o sexto na outra? O sexto lugar, como diz S. Lucas, he o de S. Bartholomeu; a pedra Sardio, como diz S. Joaõ, he o sexto

sexto Apostolo : pois se o Sardo , e Bartholomeu em huma parte tem o sexto lugar , como tem nas outras o primeiro ? Porque o lugar do meyo he o primeiro lugar : e quando o sexto lugar he o do meyo ( como he o de S. Bartholomeu ) he sexto , e primeiro juntamente. Porisso nas doze pedras dos fundamentos da Jerusaleem nova tem o Sardo sexto lugar ; e nas doze pedras do Racional o primeiro. Este he pois o lugar , que em hum , e outro Testamento se deo a S. Bartholomeu ; porque os primeiros lugares , como até agora mostrámos , se devem dar ao melhor do melhor.

398 Plinio tratando da pedra Sardo diz , que he tão semelhante á carne viva , que parece carne convertida em pedra preciosa. Por esta semelhança se chama vulgarmente pedra Carnerina. E quem não vê retratado nella ao natural o nosso S. Bartholomeu , todo em carne viva , e sem pelle , da qual se deixou esfolhar , ou hir esfolhando por partes cruelissimamente , com tal valor , fortaleza , e constancia , como se não fora de carne , mas verdadeiramente de pedra. Os doze artigos da Fe , que se contém no Symbolo , tambem forão repartidos pelos doze Apostolos , pronunciando cada hum o seu. E o sexto , que coube a S. Bartholomeu , foy o da Resurreição , com a mesma propriedade ; porque a carne resuscitada he viva , e impassivel. Assim o provou a do fortissimo Apostolo com assombro dos tyrannos , quando o esfollavaõ vivo ; sendo tal a dureza da sua paciencia naquelle estranho tormento , que mais parecia impassibilidade , que paciencia. E desta sorte ficou Bartholomeu entre as doze estátuas dos Apostolos singular na figura , e no exemplo. No exemplo , digo , das virtudes heroicas , de que devem ser dotados , os que haõ de ser eleitos aos

primeiros lugares da Igreja; e na figura, com que devem pôr nelles os ólhos, e formar delles juizo os Eleitores.

---

*Reparos da ignorancia do Barbadinho.*

**E** Ste arrogante Monstro da presunção, e mal enfarinhado aprendiz da *Critica*, para censurar mais a seu salvo os escritos do Grande *Vieyra*, desatou com sinistro animo as partes deste Sermaõ (como já fizera aos de Santo Antonio, e Nossa Senhora da Gloria) para com isso mostrar a alguns poucos, e que pouco, ou nada distinguem, que os Sermoens de Varaõ taõ consummado *naõ tem artificio algum rhetorico*. Faça a mesma charidade a qualquer Oraçaõ de *Cicero*, e parecerá o mesmo. Hum edificio da mais perfeita architectura agrada aos que o vêm, se entendem da materia; mas cahido em terra, perde toda a sua belleza, e fica hum rude monte de pedras, e huma indigesta cópia de materiaes.

Naõ gastemos o tempo em semelhantes persuasoens; porque já nos desafiaõ a curiosidade, e tambem a *lastima*, as censuras do *R. Critico*. Diz: *O mesmo Author em outra parte, devendo pregar de S. Bartholomeu, e socedendo isto em huma Cidade (era Roma) em que se estava para eleger hum grande Prelado (aqui erra; porque naõ era eleiçaõ de Bispo, mas proxima creação de Cardeaes) que naõ tinha commexaõ com a festa, tomou por thema estas palavras de S. Lucas: Elegit duodecim ex ipsis, quos & Apostolos nominavit; (he o Evangelho, que a Igreja traz na sua Missa) e em vez de pregar de S. Bartholomeu, pregou das obrigaçoens das Eleiçoẽs, sem dizer palavra de S. Bartholomeu. No ultimo §. se lembrou da sua falta, e para remediar o caso,*  
*diz*



diz muy secamente, que tudo, o que dissera, se devia applicar ao Santo. Julga V. P. que se pôde chamar esta justa digressão, não fallar huma palavra no *Assumpto*, para se meter em materia alheya?

Este o primeiro cômto do Critico, agora o meu. Porque o P. *Arsenio* disse, que a questão do *Principio Quo* se tratára no Concilio Florentino, cuja verdade provarey no cap. da *Theologia*; respondo o *Barbadinho*: *E eu digo, que he mentira.* E quantas se achão nesta censura do Sermaõ, que acabo de copiar? A primeira he dizer, que a eleição não tinha conexão com a festa; sendo que o Evangelho da festa he de Eleições: *Elegit duodecim ex ipsis.* Segunda: *Sem dizer palavra de S. Bartholomeu: não fallar huma palavra no Assumpto.* Veja-se o que vay transcrito do Sermaõ, e o mais, que nelle se acha, e se verá, se he verdade, o que critica. Terceira: *No ultimo § lembrouse da sua falta.* Tem não menos, que cinco grandes numeros: e sem se lembrar do que tinha dito, acrescenta: *Examine-mos esse pouco, que diz de S. Bartholomeu.* Já fallou do Santo? He isto não dizer palavra? Deixando porèm estas incoherencias de S. P. que não são só estas, vamos ao ponto de prégar das Eleições.

Estas digressões são tão usadas nos grandes Prégadores, como se deixa ver dos seus Sermoens, não digo de Portugal, mas da mesma Italia. Seja o primeiro o Grande Geral da Companhia o P. *João Paulo Oliva*, prégando de Santa Luzia com o thema: *Simile est regnum Cælorum, &c.* tirou este assumpto: *O unico emprego, e cumpenho dos Ecclesiasticos, e que occupaõ as dignidades da Igreja, deve ser a mayor gloria de Christo, e a mayor utilidade, e fruto da mesma Santa Igreja; e assim em primeiro lugar veremos o inestimavel preço do Estado Ecclesiastico, mais superior, e mais sublime,*  
que

que qualquer outro: e em joguindo observarmos, que não se pôde perpetuar em nos tão alta dignidade, se para a conseguirmos, não desprezamos tudo, que não he santo, ou de Deos. E de Santa Luzia, de quem era o dia, apenas o seu nome humo só vez. Prêga de S. Thomé com o thema: *Venit Jesus januis clausis*; e foy o assumpto, que os Prelados da Igreja com mayor zelo, e cuidado devem applicarse a reprehender, e emendar os erros da sua familia, e domesticos, do que á correccão dos subditos, que vivem fora dos seus palacios, e familiar educaçãõ; e de S. Thomé couza nenhuma. Prêga de S. Nicoláo, Bispo de Myra, com o Evangelho: *Hmo quidam vocavit servos suos, & tradidit illis bona sua*; e tira por assumpto; que o mayor, e mais poderoso inimigo da Igreja he a ambiçãõ: e do Santo Bispo nada. No Sermaõ de Santo André Apostolo com o Evangelho: *Venite post me, faciam vos fieri piscatores hominum*; tem por assumpto: *A beneficencia dos Prelados da Igreja deve ser exacta imitaçãõ do Redemptor*: e contenta-se com nomear o Santo humo só vez.

Deixo outros muitos deste Cicero Christaõ, que se pôdem ver em tres grandes volumes; e passo a ponderar os argumentos de outro Prêgador mais moderno, e tambem do Palacio Apostolico, o Cardeal Cassini, Francisco Maria de Arezzo. No Sermaõ de Santa Luzia com o thema: *Omnis Scriba doctus in regno Cælorum, &c.* traz por assumpto: *Humana religiosa concordia entre os opinantes da Moral, que nem a antiguidade reprove toda a pratica benigna, nem a novidade condene todo o rigor antigo.* O Sermaõ de S. Thomé com o Evangelho: *Nisi videro, non credam: noli esse incredulus, sed fidelis*; tomou por assumpto: *Quanto agrava o peccado peccar em Roma*: e dos Santos da festa nada. E o mesmo faz no Sermaõ de Santa Luzia, no de Santo André Apostolo, e ou-

e outros muitos deste Eminentissimo; como tambem nos do *P. Scneri*, e em outros. Merece especial reflexão o do Grande *Oiva*, prégado no Vaticano dia de Santo Estevão Proto-Martyr, em que Alexandre V.I. deo hum publico banquete á Raíinha de Suecia *Christina Alexandra*; com o thema: *Et dixit illis Angelus, nolite timere; ecce enim evangelizo vobis gaudium magnum, quod erit omni populo*; cujo assumpto se póde ver traduzido em Latim no *P. João de Buffiers* Francez; sendo quasi todo o Sermaõ allusivo á generosa renuncia da Raíinha de Suecia, passando a circumstancia a ser objecto do Sermaõ.

O que mais he, que sem haver circumstancia alguma de Eleiçoens, prégando o mesmo *Cassini* no dia de *S. André*, tomou por thema: *Vidit duos fratres Simonem, & Andream, mittentes rete in mare, & ait illis; Venite post me. Vidit alios duos fratres, Jacobum Zebedæi, & Joannem, resicientes retia sua, & vocavit eos*. E todo o discurso do Sermaõ foy mostrar, que não está na liberdade dos Eleitores promover ás dignidades os mais amados, ou os mais conjuntos, ou os melhores recômandados; mas aquelles só devem ser preferidos, que com a incessante continuação do trabalho, e com a eminencia da virtude fazem, que prudentemente se espere delles o feliz desempenho dos cargos, e empregos, que lhes fôrem confiados. Agora perguntára eu ao *Critico*: e para que tratou aqui o Prégador das eleiçoens, deixando de fóra a *S. André*? O Evangelho he das Vocaçoens para o Discipulado de Christo, admittindo os chamados na sua escola; mas as virtudes do Santo ficaraõ sem elogio. Muito menos fez o *P. Vieyra*, porque envolvendo no seu Sermaõ a circumstancia presente das eleiçoens, tambem se lembrou em elogiar a *S. Bartholomeu*; o que não se acha nos Sermoens, que tenho apontado, e em  
muitos

muitos outros , que deixo de referir. A todos estes exemplos de Varoens taõ eminentes no pulpito deve responder o *Critico* , que os Sermoes na Capella do Papa naõ saõ panegyricos , mas discursos moraes. E que Ley havia , para que o *P. Vieyra* naõ seguisse em parte este methodo , prégando em Roma naquellas circumstancias de tempo? O Sermaõ de *S. Bartholomeu* foy panegyrico-moral.

Continuando em repetir a *Critica* do *Barbadinho* , diz elle : *Aquillo de querer , que S. Bartholomeu foje criado na sexta eleição , he falso ; porque tal naõ diz o Evangelho. O aquillo he boa pedanteria , palavra de S. P. O P. Vieyra naõ diz , que houve seis eleições , diz sim , que o Santo foy eleito em sexto lugar ; e dizer o contrario he calumnia. No mesmo tempo elegeo Christo os doze discipulos para o emprego de Apostolos , e em sexto lugar foy nomeado S. Bartholomeu. Só se póde dizer sexta eleição , naõ por ser feita em diverso tempo , ou por diverso Eleitor , mas tomando-a pelos termos , a que se dirigia , que eraõ doze , cabendo a cada hum sua particular eleição ; porquanto a de Pedro naõ foy a de Joaõ , e assim a dos mais ; em cujos termos a de S. Bartholomeu se podia chamar sexta : mas que faz isto contra o Sermaõ do *P. Vieyra*? Bem se vê , que o aquillo naõ vem a proposito.*

Diz mais o *Barbadinho* : *O certo he , que o Evangelho naõ explica circumstancia alguma da sua vocação , e da sua vida. Demos que assim seja ; só racionavelmente podia censurar ao Vieyra , se no Sermaõ dissesse alguma couza contraria ao Evangelho ; mas se o Padre o naõ diz , que vem cá fazer esta advertencia? Quando muito fará alguma couza para os que , por naõ o lêrem , ou naõ o entenderem , se persuadirem , que o Critico aqui apanhou*  
o Vi-



o *Vieyra* em algum grande erro. Disse, que dava, que assim fosse; porque não he assim, como diz S. P. se nos fundarmos na recebida opiniaõ entre graves AA. que ensinaõ ser S. Bartholomeu o mesmo Nathanael, de quem falla o Evangelho varias vezes. *A' Lapid. in Apocal. (71) Jansenius, Rupertus, & alii censent Bartholomæum esse Nathanael, qui ad Christum à Philippo adductus, audivit ab eo: Ecce verè Israelita, in quo dolus non est. Calmet (72) Nathanaelem fuisse S. Bartholomæum; quare cum hoc satis verosimile sit, alter ab altero distinguendus non est: Evangelistæ, qui de S. Bartholomæo differunt, nihil referunt de Nathanaele; & S. Joannes, qui loquitur de Nathanaele, Bartholomæum silet. Propè finem Evangelii S. Joannis legimus, Christum post resurrectionem suam se videndum D. Petro, D. Thomæ, Nathanaeli, & filiis Zebedæi, dum piscarentur in lacu Genesareth, exhibuisse. Erant simul Simon Petrus, & Thomas, & Nathanael, qui erat à Canà Galilææ, & filii Zebedæi. Joan. 21. O mesmo Evangelista S. Joã no seu cap. 1. falla de Nathanael, contando as miudas circumstancias da sua vocação; da noticia, que S. Filippe lhe dêo de Christo, e a pratica, que teve com o Redemptor. E não diz nada o Evangelho? Julgue-o, quem o entende.*

Vay por diante a *Critica*, e diz: *Nem menos historias temos, como morreo Bartholomeo, havendo grande disparidade de pareceres; ainda que a mais cõmua he, que morresse esfolado. Tambem não apparece, que venhaõ aqui fazer estas clausulas. Se confessa, que o cõmum parecer he de ser o Santo esfolado, e isso diz Vieyra no Sermaõ, que casta de censura he esta? He fallar. Ora tomo tambem a con-*

Hh

fiança

(71) *A' Lapid. in Apoc. c. 21. pag. 253. [72] Calmet Diction. hist. Crit. tom. 2. pag. 84.*

fiança de fazer huma pequena *Critica* a estas palavras do *Barbadinho*. Que incoherencia em tão poucas palavras ! *Naõ temos historia, como morreo Bartholomeu. A mais cõmun he , que morresse esfolado. A primeira oração desmente a segunda , e a segunda faz o mesmo serviço á primeira. Diz a primeira : Naõ temos historia, como morreo Bartholomeu. Responde a segunda : Naõ diga isso P. Mestre das historias ; porque ha muitas , e a mais cõmun he , que morreo esfolado. He tambem falso dizer ; que o parecer cõmun he , que o Santo morresse esfolado. A cõmun opiniaõ he , que foy degolado, depois de esfolado; e se elle morresse no tormento, quando o esfolaraõ , naõ dava lugar ao matarem, degolando-o. Lêa as Liçoens, que a Igreja approvou na resa deste Santo , e achará o seguinte : *Usque adeò Astyagem Polymii Regis fratrem in Apostolum incenderunt , ut is vivo Bartholomæo pellem detrabi jufferit , ac caput abscindi , quo in martyrio animam Deo reddidit. Lêa a Santo Antonino , Arcebispo de Florença , e na 1. p. c. 12. tit. 6. concordando varios pareceres, conclue , que foy : primò excoriatus , exindè crucifixus , demum nondum mortuus decapitatus. A Lapidè in Cronot. Act. Apost. Per hæc tempora S. Bartholomæus, qui & Nathanael, Apostolus apud Persas excoriatus capite plectitur, ait Onuphrius in Chronico. Se S. P. soubesse isto, naõ diria tão assertivamente : Nem menos historia temos, como morreo Bartholomeu !**

A outra clausula da sua censura he : O motivo , que teve o Prégador , foy ver, que S. Lucas , depois das ditas palavras , nomeasse em sexto lugar Bartholomeu : e assim entendeo , que forao todos eleitos naquella occasiaõ. Hum bocadinho , que soubesse mais da historia , lhe poutaria este erro tão censuravel em hum Theologo. Erro, e bem crasso he , e nada

nada desculpavel em hum *Critico*, que tanto nos encômanda o estudo da Historia Ecclesiastica, e escreveo huma grande *carta* da Grammatica; o qual evitaria, se reparasse nas palavras de *S. Lucas*, que he Historiador verdadeiro, e a Grammatica do Evangelho está bem clara. Não soube distinguir *Vocação* de *Eleição*. *S. Bartholomeu* teve a sua vocação, quando *S. Filippe* o conduzio á presença de Christo, e este o tomou por seu Discipulo, como consta do Cap. de *S. João*. (73) Depois de o aceitar por Discipulo, diz *S. Lucas*, (74) que o Senhor passando a noite em oração, tanto que amanheceo, chamou os seus Discipulos, e delles escolheo doze, aos quaes deo o nome de Apostolos: *Factum est autem in illis diebus, exiit in montem orare, & erat pernoctans in oratione Dei. Et cum dies factus esset, vocavit (N.B) discipulos suos, & elegit (torne a reparar) duodecim ex ipsis, quos & Apostolos nominavit.* Agora o cômto do sempre advertido *A' Lapide*. *Nota: Christus proximè antè sermonem in monte habitum è turbâ discipulorum selegit duodecim Apostolos, ut disertè docet Lucas.* Dos Discipulos todos elegio então Christo doze Apostolos, ou Legados seus primarios, com plena authoridade, e poder para annunciarem pelo Mundo todo o seu Evangelho a todas as gentes. No numero, e classe delles entrou *S. Bartholomeu*, e outros onze: os mais, que tambem elegera Discipulos, e faziaõ o numero de setenta e dous, não instituio Apostolos, e só designou, e intitidou Discipulos, os quaes ainda que se chamassem vulgarmente Apostolos, e Legados de Christo; porque na realidade tambem evangelizavaõ ás gentes; era com menos authoridade, e poder o seu ministerio, porque fugeitos, e subordinados aos doze Apostolos: (75) *Elegit ergo duodecim Apostolos, id*  
Hh 2 *est,*

est, Legatos suos primarios, quos cum plena auctoritate, & potestate legavit, & misit per totum orbem, ut Evangelium suum annuntiarent omnibus gentibus: alios enim septuagintaduos quoque elegit, sed hos non Apostolos, sed discipulos nuncupavit; licet & hi à veteribus subinde Apostoli, id est, Legati Christi vocentur, & revera tales fuerint, sed cum minore potestate, utpotè subjecti, & subordinati duodocim Apostolis.

A vocação de S. Bartholomeu para Discipulo, e a sua eleição para Apostolo, foraõ entre si tão diversas, como até no tempo distantes. A vocação de S. Bartholomeu para Discipulo de Christo, foy no primeiro anno da sua prégação a 4. de Março, cincoenta e nove dias depois do Bautismo do mesmo Salvador, conforme o computo do P. Tirino (76) no seu *Chronicum sacrum*. E quando de Discipulo foy eleito para a dignidade de Apostolo, diz Du Hamel com Tirino citado, que foy no principio do segundo anno da prégação de Christo: *Electio Apostolorum à Discipulis facta refertur Luc. 6. 13. quos verisimile est, electos fuisse anno secundo à predicatione Christi incepta circa mensem Januarium*. Conforme esta conta, a vocação de S. Bartholomeu para Discipulo foy mais de quatorze mezes, antes de ser eleito para a dignidade de Apostolo. Se o Critico soubesse estas historias, não cahiria em o erro, com que quiz censurar no P. Vieyra a falta da Historia.

Continúa a censura do Critico. A outra couza, que o sexto Apostolo fosse mais nobre, que o primeiro, he humna idéa nova: o que só poderia entenderse, se pozessemos os Apostolos em linba, ou dobrassemos a linba em angulo. Depois disso seguirseia,  
naõ

(75) A<sup>c</sup> Lapid. in cap. 10. Matth. v. 1. (76) Tirin. Chron. Sac. cap. 49. pag. 64.



naõ que o sexto era mais nobre que o primeiro, mas sim que o sexto, e primeiro era o mesmo. E já em lugar de doze, que contaõ se nomcaõ, se reduzem os Apostolos a onze. Póde haver impostura mais clara! Em todo o Sermaõ naõ diz *Vieyra*, que o sexto Apostolo fosse mais nobre: diz, que o lugar do meyo he o de mayor honra, o qual coube a S. Bartholomeu, por ser nomeado em sexto lugar. O peór he o argumento, que aqui faz da linha, e do angulo, que ainda com isso naõ prova o *Critico*, o que pertende; porque ainda que dobre a linha, faça angulo, triangulos, e quadrangulos, ponha o Apostolo no lugar, que quizer, quando muito póde dessa combinaçaõ ficar em lugar de mais honra; mas nenhum Logico da mayor honra do lugar deve inferir a mayor nobreza. Sirva de exemplo: Hum Princepe tem só Ordens menores, hum pobre Clerigo he Sacerdote, este tem melhor lugar no Estado Ecclesiastico, e nem porisso he mais nobre, que o Princepe. Hum Duque quiz ser padrinho de hum pobre official, levou-o á Igreja no seu coche, e no melhor lugar: quem daqui deve inferir? O official he mais nobre, que o Duque. A'lem de que, dado que S. Bartholomeu fosse por nascimento mais nobre que S. Pedro, isso naõ faz, que este, como Cabeça da Igreja, e Summo Pastor, naõ exceda áquelle na dignidade, e poder. Nem tambem se segue, que o primeiro, e sexto Apostolo seja hum, e o mesmo; só se segue, que o lugar do meyo entre onze he primeiro na honra, e sexto na ordem da conta: que implicancia acha aqui?

Naõ foy o *P. Vieyra* o que reduzio os Apostolos a onze, ainda que disse, que o sexto lugar, lançando fóra a Judas, era o do meyo; quem o reduzio foy o mesmo Judas, que fez a conta de diminuir, e com a sua perfidia, e morte, que a si se deo,

deo, tirou ao Apostolado o numero de doze, que depois completou S. Mathias. Accrescenta o *Critico*: *Tambem aquillo de querer, que S. Bartholomeu seja mayor, que S. Pedro, não sey, se se pôde sofrer.* Tal não quiz o P. Vieyra, que em todo o Sermaõ não disse palavra alguma, em que nomeasse S. Pedro: o que se não pôde sofrer he, que o *Critico* lhe levante esse falso testemunho, desculpavel em quem escreve sem o devido reparo.

Finalmente conclue a sua erudita censura com estas palavras: *Mas peor he o caso da pedra Sardonio; se esta, por ser de cor de carne, se chama Carnerina, tanta semelhança tem com Bartholomeu, como com os mais Apostolos, porque todos eraõ de carne, e carne vivente. Mas o nosso Pregador fundou-se na palavra viva, que applicada à carne significa em Portuguez (mas não na lingua de Plinio) carne sem pele; e dahi he que tirou o pensamento, que como affirma dizia, se reduz a hum mero jogo de palavras. Este he o costume destes Pregadores, quando se examinaõ as suas provas com sangue frio (com sangue frio? Indigno termo!) nada mais são, que hum mero trocadilho de palavras, sem verdade, nem ainda verisimilidade; sem a qual he certo, que ninguem pôde persuadir. Podia citar destes exemplos a milhares, sem sabir do mesmo Pregador. Tambem o Critico nada persuade, porque os seus argumentos são frivolos; e se os exemplos, que citasse a milhares, fossem como os deste Sermaõ, faria huma obra grande no volume, mas totalmente escusada.*

Vamos porẽm ao caso da pedra Sardonio. O *Barbadinho* não he grande Contraste destas preciosidades, nem as soube avaliar. Esta pedra corresponde a S. Bartholomeu, por ser de cor da carne viva, e o Santo no seu martyrio ficar sem pelle, e todo da cor da mesma pedra preciosa: *Sardius in Bartholomeum*

*mæum jam excoriatum optimè quadrat.* (77) Se a palavra *viva* applicada á carne não significa na lingua de Plinio carne sem pelle, certamente o significa na lingua Portugueza, e isso bastava para lhe não dever reparos o pensamento; mas para focigar o seu escrupulo, ouça o que na mesma lingua Latina dizem do *Sardio* varios Authores, e o bem que compete a S. Bartholomeu. Vamos á cõr, que he de carne sem pelle, e toda sanguinea. *Barthol. Anglic.* (78) diz: *Sardius in Hebræo idem est, àc Odem, diciturque à verbo Adam, quod significat rubrum.* *Arias Montan.* (diz Sylveira) *putat nomen deduci à sanguine, cujus colorem refert, esseque eundem cum nostro rubino, quod probat ex radice Chaldaica.* O mesmo diz *Abulense*, (79) *S. Isidoro*, (80) e outros. Temos já authorizada em Latim a cõr do *Sardio*, não só vermelha, mas sanguinea, que he mais propria da carne sem pelle, e a mesma que em Portuguez *carne viva*. Mas não basta isto, vamos vêr, se na lingua Latina se acõmoda a S. Bartholomeu, e abramos o Apocalypse.

*Fundamentum sextum Sardius. Representat S. Bartholomæum, qui Sardi habuit speciem, cum excoriatus fuit pro Christo; tunc enim tota ejus caro rubea apparuit; diz A' Lapide, fallando na lingua de Plinio.* (81) Ainda com mais propriedade, e mayor elogio do Santo Apostolo disse o mesmo famoso Cõmentador sobre o cap. 28. do Exodo v. 27: *Tropologicè Sardius fervidam significat doctrinam, & pro ea martyrium; est enim colore sanguineo, & igneo. Hinc Apoc. 21. tribuitur S. Bartholomæo, qui pro Christo excoriatus totus sanguineus.* Veja, que fundamentos

[77] Tirin. in Apoc. c. 21. v. 20. [78] Barthol. Anglic. l. 16. de Proprietatib genimar. cap. 89. (79) Abulens. ad c. 28. Exod. v. 27. [80] S. Isidor. lib. Etymolog. cap. 8. (81) A' Lapid. in Apoc. cap. 21. v. 19.

mentos teve o Grande *Vieyra* para applicar a S. Bartholomeu a pedra *Sardio*, e conheçera, que nenhum teve para o censurar; que quanto sahir com as consequencias, que traz nella *Critica*, da mesma forte o podia fazer criticando os pensamentos, e conceitos, que já alleguey, tirados dos Santos PP! Diga porêm o que quizer, que isso nada nos importa; basta sabermos, que se S. Bartholomeu foy significado naquella preciosa pedra, o seu panegyrico tambem foy huma joya de preço inestimavel. Outro officio, Charissimo *Fr. Barbadinho das Estrelas*. A' vista de tantos, e tão craslos erros tenho *lastima* de huma insipiencia tão sacrilegamente audáz. Nestas materias he o Frade muy *Noviço*. Quanto melhor fora para a sua tal qual reputação não ter sahido com semelhante *Critica*! As fétas, com que presumio fazer tiros ao Sol, quero dizer, ao Grande, e sempre Venerando *P. Antonio Vieyra*, as revoltou contra si, sem tal imaginar; vindo-lhe de molde o *Sagittæ parvulorum factæ sunt plagæorum*. Ficou com a injuria de blasfemo, e ganhou a infamia de temerario. Não quizera Deos, que este homem se acaba-se de conhecer, e que puzesse termo á sua presunção! Ora conheça-se, que a todos, he intoleravel arrogancia tão desmarcada!

## C A P I T U L O VII.

### *Da Poesia.*

**N** Esta *Reflexão VII*, que serve de reposta ao *P. Arsenio*, me occorreo usar de hum termo, que com muita frequencia, ainda que com pessima acõmodação, repete o *Critico*, quando diz: *Pro-*  
vais



vais isto de modo, que mette compaixão. Da que a mim me move, dou a razão. Logo no § I, pag 56, e 57, entra o *Critico* com duas fallidades. A primeira he dizer: *Em lugar de provar, o que devieis, demoraiscos com certas palavrinhas em attribuir ao A. o que não disse.* II. Diz: *Lembrado estareis, que sempre na Philoſofia vos adverti, que o principal ponto de quem argumenta, he provar a contraditoria, e fazeis o contrario.* Começando pela segunda clausula, bem vejo a ancia, que tem de ser *Mestre*; mas ainda te não vio a cadeira, em que ensinasse: e mal podia exercitar este emprego com o *P. Arsenio*, havendo tamanha desigualdade, e distancia tão notoria de hum a outro, e por outras mais razoens, que pudéra apontar; mas como estamos em materia de Poetias, para estes: *Quilibet audendi semper fuit æqua potestas.* Não ha duvida, que se mostra no capitulo antecedente a sua destreza em assinar contraditorias!

Quanto á segunda clausula: *Em lugar de provar, o que devieis, &c.* Vá vendo o *Critico*, quantas couzas lhe provou *Arsenio*. I. O *Critico* prometteo na sua carta VII, em que falla da Poesia, huma nova idéa de *Arte Poetica*: e ella não apparece; e só se tira della a generalidade, de que o Poema se deve fazer com *Arte*, *Invenção*, e *Modo*. Diz *Arsenio*, que isto não he idéa para ensinar, e mostrar as regras da *Arte Poetica*: e tudo dissimula o *Critico*: só diz na pag. 275, que hum seu amigo tinha acabado hum manuscrito, mas que ainda o não vira; e com isto se despéde. II. Diz, que *Camoens* não teve estimação, ainda que o verteraõ em Italiano: e quer desfazer esta prova com outra, toda contra o arguente: que tambem as obras do *Vieyra* se verteraõ na mes na lingua, sem que fosse estimado em Italia. Mostra *Arsenio* ser futil a prova; porque *Vieyra* lá teve grande estimação, co-

mo diffusamente fica provado no capitulo antecedente; e que *Camoens* foy singular na Poesia Portuguesa: a que podia accrescentar, que o *P. Muzancio* nas suas Táboas o nomêa entre os Poétas insignes com estas palavras: *Sic & Camoens Poeta Lusitanus*; porém o *Critico* diz, que os Poétas Portuguezes são méros versejadores, sem exceptuar a *Camoens*; querendo provar, que o mesmo não conhecera as leys do Poema Epico; igualando-o com versejadores, que são os que fazem trovas para os cégos cantarem, ou pouco mais. Daqui inferio muito bem *Arsenio*, que na estimação de S. P. o *Camoens* não vale nada.

III. Diz mais, que *Camoens* usa de muita finaléfa. Mostra *Arsenio*, que não he erro com o exemplo de *Virgilio*. E a isto se cala o *Critico*; e agora lhe accrescento a sua propria authoridade no seu célebre Soneto, que repete duas vezes, e nós copiaremos neste capitulo; no qual, tendo quatorze regras, se contaõ dezeseis finaléfas: não ha duvida, que estas, póstas com eleição, afermoscção o verso, e por esta causa notaõ alguns *Criticos* a *Claudio* o pouco, que dellas usa. Diz mais, que *Camoens* traz versos com erros. Responde *Arsenio*, que seriaõ erros de imprensa: e diz a verdade; e para o *Critico* provar o contrario, devia apontálos. Accrescenta, que os erros da impressaõ não são evitáveis, (muito mais, quando se fazem muitas) o que prova com as suas mesmas cartas, e o podia eu provar com os muitos, que se achão nesta sua modesta *Resposta*. A verdade he, que nenhum prudente faz caso de erros, quando se vê claramente serem do impressor.

E para acabar com a satyra, que faz a *Camocius*, accrescenta: *Se V. P. consulta os seus nacionaes, os achará tão preocupados pelo Camoens, que mais*

mais facilmente ouvirão dizer mal da Religião (arrojada exaggeração, porque nisto são mais escrupulosos, que o R. Censor!) que do poema epico de Camoens. (pag. 261.) Os versos de Camoens são languidos, e pela maior parte sem graça. Pag. 264. Quem disser, que são armoniozos, he necessario, que tenha orelhas muito compridas. (As orelhas compridas são, as que não percebem a armonia, como não a percebiao as daquelle animal, que deo a sentença pelo cuco contra o rouxinol) São poucos os versos de Camoens, que não tenham algum defeito de dissonancia. As obscuridades ninguem lha pode duvidar. (pag. 265.) O que fez de bem, tomou dos nossos, pois nas suas obras conheço eu, que entendia o Italiano, e que se aproveitou bem de Petrárca, Bocácio, e outros. (pag. 261.) Ha satyra mais descõmedida, e falta de verdade! Conheço, que entendia o Italiano. Não só o entendia, mas o possuía perfeitamente, como tambem a lingua Latina. Este admiravel Poéta foy dotado de raras prendas: nelle se admirou hum espirito grande, hum juizo maduro, e huma sciencia tão vasta, como a da Mythologia, Geografia, e Mathematica. O que fez de bom, o tomou dos nossos. Não se dignava Camoens da imitação desses Poétas Italianos; sim imitou, mas foy a Virgilio. E que nobre imagem a de Camoens, e em tudo semelhante á de Virgilio na Eccloga 1!

*Ipsæ te, Tityre, pinus,*

*Ipsi te fontes, ipsa hæc arbuscula vocabant.*

Descrevendo o sentimento do Vegetativo na morte do primeiro Rey de Portugal o Veneravel Senhor D. Affonso Henriques, diz no Cant. 3. Estanc. 84.

*Os altos promnitorios o choraraõ,  
E dos rios as agoas saídas  
Os semeados campos alagaraõ  
Com lagrimas correndo piedosas.*

li 2

Mas

*Mas tanto pelo mundo se alargaraõ  
Com fama suas obras valerosas ,  
Que sempre no seu Reyno chamaráõ  
Affonso , Affonso , os ecos , mas em vaõ.*

Naõ me quero cansar em transcrever as semelhanças do nosso Poeta com o *Mantuan*, e só apontarey algumas imagens , em que certamente o excedeo. Nobre foy aquella de *Virgilio* na *Æneid.* 1. v. 139. *Quos ego : sed motos præstat componere fluctus.* E quanto mais nobre a de *Camoens* no *Cant.* 2. Estanc 41 , quando introduz a *Venus* fallando a *Jupiter* em favor dos *Portuguezes*!

*Mas morra emfim nas mãos das brutas gentes;  
Que pois eu fuy ... e nisto de mimosa  
O rosto banha em lagrimas ardentes,  
Como com o orvalho fica a fresca rosa.  
Calada hum pouco, como se entre os dentes  
Se lhe impedira a falla piedosa,  
Torna a seguila, e indo por diante  
Lba atalha o poderoso, e graõ Tomante.*

Estupenda descripção, e vivissima imagem, a que fez *Virgilio* do *Tritaõ*, retratando-o com idéa *Atica* na popa de hum navio. *Æneid.* 10. v. 209.

*Hinc vebit innans Triton, & cærulea concha  
Exterrens freta: cui laterum tenuis hispida nanti  
Frons hominem præfert, in Pristin desinit alvus.*

E quanto mais estupenda, e certamente vivissima he a *hypothipose*, feita em estylo *Asiatico*, que do mesmo *Tritaõ* nos deixou este Monstro dos Poetas no *Cant.* 6. da *Lus.* Estanc. 16!

*Tritaõ, que de ser filho se gloria  
Do Rey, e da Salacia veneranda,  
Era mancebo negro, forte, e feyo  
Trombeta de seu pay, e seu correyo  
Os cabellos da barba, e os que descem  
Da cabeça uos hombros, todos eraõ*

*Huns*



*Huns limos preñhes de agoa, e bem parecem,  
Que nunca brando pente combeceraõ:  
Nas pontas penduados não fallecem;  
Os negros mexilhoens, que alli se geraõ:  
Na cabeça por gorra tinba posta  
Huma grande casca de lagosta.*

*O corpo nú, e os membros genitæes,  
Por não ter ao nadar impedimento;  
Mas porém de pequenos animacs  
Do mar, todos cubertos cento a cento  
Camaroens, caranguejos, e outros mais,  
Que recebem de Phebo crescimento,  
Ostras, berbiguens de musco fujos,  
A's costas com a casca os caramujos.*

Admiravel imagem, e artificiofamente fantastica a  
de *Virgilio*, quando disse na *Æneid.* 6. v. 412!

*Simul accipit alveo*

*Ingentem Æneam, gemit sub pondere cymba  
Sutiles, & muttam accepit rimosa paludem.*

E quanto mais admiravel he a do nosso Poeta na  
*Estanc. 12.* do *Cant. 10*; pois sem dizer, que a sua  
fantasia se enganava no que diz, parece affirmar  
resolutamente, que a não, e o mar sentiriaõ o pe-  
zo do famoso *Duarte Pacheco*, e que os troncos  
gemiriaõ dentro do mesmo mar!

*E canta como lá se embarcaria  
Em Belém o remedio deste dano,  
(Sem saber o que em si o mar trazia)  
O Graõ Pacheco, Achilles Lusitano.  
O pezo sentiraõ, quando entraria,  
O curvo lenho, e o fervido Oceano,  
Quando mais n'agoa os troncos, que gemerem,  
Contra sua natureza se meterem.*

O que porém excede toda a comparação, e faz  
unico a *Camoens* entre todos os Poetas, he aquel-  
la imagem de *Adamastôr*, representado no Cabo da  
Boa

Boa esperança, atemorizando os Argonautas Portuguezes para o não passarem. Oit. 56. do Cant. 5.

O ! que não sey de nojo como o conte,  
Que crendo ter nos braços quem amava,  
Atrazado me achey com hum duro monte  
De aspero mato, e de espessura brava:  
Estando com hum penedo fronte a fronte,  
Que eu pelo rosto angelico apertava,  
Não fiquey homem não, mas mudo, e quedo,  
E junto de hum penedo, outro penedo.

Valente expressão, e sem exemplo ! Conceito tão natural, e tão elevado não lêo ainda o *R. Critico*, nem o lerá em Poéta algum! Mas lêa, se não para consolação, ao menos para deiengano seu, o que desta portentosa imagem diz Monsieur *Voltaire* no seu Tratado : *Essai sur la Poésie epique. J'é suis persuadé que cette figure passera pour belle, et sublime dans tous les siècles, et Chez toutes les nations.* Já me não admiro, de que certo Engenho Portuguez, e não pouco acreditado no orbe literario, depois de ter dito : *Sunt, qui Camonium Virgilio præcellere arbitrentur, adductis ex utroque locis ;* proproz este problema : *Quid alteri gloriosius ? Virgilium præponi Homero, an Virgilio Cammum ?* E não duvidou offerecer-se a defender em publico Certame os gloriosos excessos do sempre immortal *Camoens*.

Que dirá agora o *Critico*? Os versos de *Camoens* são languidos, e pela mayor parte sem graça. Ainda se atreverá a dizer : São poucos os versos de *Camoens*, que não tenham algum defeito? Pergunte-o a *Manuel de Faria e Sousa*, a *Ignacio Garcez Ferreira*, que foram seus Cômmentadores ; a *Lope da Vega e Carpio*, a *D. Antonio Soliz*, que foram seus Elogiadores. Ouça-lhes a reposta. Dizem, que a *Lusiada* de *Camoens* he o Poema, em que mais perfeita-

feitamente se observaraõ desempenhadas as leys, e regras do Poema Epico, ou Heróico. Primeira: por ter por assumpto hum só Heróe, que foy o Grande *Vasco da Gama*; e o ser acção do mesmo Heróe, e unicamente delle a gloria, a qual se repartio por aquelles, que nella o acompanharaõ. Segunda: a de ser executada a acção, que no Poema se celebra, em tempo nem muito antigo, nem muito moderno; porque, como a propoz para imitação, não convinha, que fosse taõ remota, que as cinzas da antiguidade a cobrissem; nem taõ proxima, que o nimio resplendor pudésse cegar os ólhos de quem a contemplasse, mas com proporcionada distancia entre o antigo, e moderno. Terceira: a de ser o seu Poema em estylo sublimé sem escuridade; vicio, que falsamente lhe impoem o *Critico*; magestoso sem affectação, e suave sem froxidão, e só a ignorancia o póde julgar languido. Emfim está composto com o ornato de todas as figuras, e elegancias da Rhetorica; antes de ter apparecido, a que prometteo aquelle amigo do *Critico*, de que falley no fim do capitulo antecedente. Nos Apóstrofes se conformou com as pessoas, com quem fallou: nas Prosopopeyas se transformou nas mesmas, que fallaõ; e finalmente neste Poema se admira huma série, e continuação historica, mas com seus Epifodios, e digressões de fábulas, acontecimentos, e enredos engenhosos; que recreaõ, admiraõ, divertem, e instruem; e que por todas estas razões he superior a quantos Poemas até o dia de hoje se cantaraõ.

S. P. não quererá estar pelo voto dos que assim fallaõ, que são Portuguezes, e Hespanhóes; e em tal caso busque fóra das Hespanhas os homens mais intelligentes, e eruditos do Mundo; mas prepare-se para os ouvir. Todos lhe dizem, que

Ca-

*Camões* foy o Monstro dos Poétas, e o Principe da Epica Hespanhóla, excellente, e divino Poéta; Fenis da Poesia, e Cisne da Lusitania. *Antonio Paggi* nobre Genovez no principio da sua Tradução lhe dedica immortaes louvores. Informe-se, como deve ser, e acabará de entender, que o seu Poema foy traduzido não ió em Italiano, mas tambem em Francez em tres tomos de oitavo por Monsieur *Du Perron de Castéra*, que ate lhe escreveo a vida. Saiba, que a *Lusiada* do nosso Poéta mereceo duas versoes Latinas: hum a por *André Bayão*, e outra pelo insigne *P. Macedo*, e a conserva manuscrita o Marquez Almirante, como joya de raro preço. Na lingua Ingleza se acha igualmente traduzido tão estimavel Poema. Morreo o nosso Poeta ha cento setenta e hum annos, merecendo seculos de applausos entre os Eruditos; e veyo agora hum *Barbuidinho* a satyrizálo, e tão indignamente! Lança-lhe em rosto imitar outros Poétas; (e quaes? Não os Italianos) o que certamente he louvor, e que adquirio o melhor Poéta Latino *Virgilio*, imitando a *Homero*. As mais censuras, que lhe dá, todas são temerarias, irrationaes, e sem fundamento.

De *Camões* passa a criticar certo Poéta, que não devêra. Quanto ao Poema de *Filis*, e *Demophonte*, obra do *Chagas*, elle he tal, que eu não sey, como lhe chame... Este Poeta não sabia, o que significava poema Epico... Onde torno a concluir, que de poema Epico o *Chagas* não sabia nada. pag. 266. e 267. Eu primeiramente digo, que não conheço ao *Chagas* por Author do tal Poema, mas a *António da Fonseca Soares*. Assim o nomêo, porque só com este nome he Author dos seus discretos versos profanos, e com pouca, ou nenhuma attenção lhe chama neste lugar o *Chagas*, quando com este appellido já não era o mesmo, mas gloriosamente



mente se tinha mudado em outro, largando o mundo, e vestindo o burel da Sagrada Religião Seranica, de quem o *Critico* falsamente se intitula filio; e neste estado eraõ muito diversos os seus cuidados, não de Poéta profano, mas de Millionario Apostolico, Varaõ penitente, e Exemplar de virtudes heroicas. Diz pois, que o *Fonseca* no Poema citado disséra o seguinte, e saõ o 3. e 4. verso da primeira Oitava.

*Y en los echizos de agradables daños*

*Menti las horas, e engañè los dias.*

Naõ he nada: aslenta a p. 242, que *alli os trocadilhos jogão os murros*. Prova-lhe *Arsenio*, que naõ he digno de censura, naõ só allegando as palavras, de que usa a Igreja, fallando do peccado de Adaõ, a que chama *Felix culpa*; mas com muitos exemplos, em que se verifica o dito: *Rectum ab errore*. Tudo isto dissimula o *Critico*, contentando-se com acudir ao seu ordinario bordaõ: *O que provais de modo tal, que merecc compaixão*; mas naõ diz o porque: e era o contraditorio, que devia provar. Accrescenta: *O peior he, que confessais em outra parte, que os Poétas ainda naõ alcançaraõ licença para miir contraditorios*. Disse muito bem: e que pertende o *Critico* provar com isso? Que a palavra *agradables* era contraditoria de *daños*? Seria particular empenho. Perguntaõ os Filósofos, se o máo se póde amar? Respondem, que *Malum quia malum non potest finalisare*; mas que póde revestir-se de tal circumstancia, que possa terminar amor. Máo he, que ao doente lhe córtem hum braço; porêm, se he operação precisa para conservar a sua vida, ama a perda daquella parte, por naõ perder o todo. Máo he para hum pobre, que o ladraõ lhe fure o dinheiro, que leva na bolsa; mas se com isso veyo a remir a vida, agrada-lhe aquella perda, em quanto

foy occasião de o não matarem. Por esta causa dizem os Theologos Escolasticos, (que tudo he bom saber) que ha humas acçoens, que tem mistura de voluntario, e involuntario; o que provaõ com o caso do navegante, que por evitar o naufragio, lança ao mar as suas amadas riquezas, amando antes o perder estas, que o ser sepultado nas ondas: e esta, que, por ser perda, lhe he involuntaria *secundum quid*, lhe he voluntaria *simpliciter*.

Sexta. Censura o *Critico* hum Soneto, que hum Hespanhól fez a hum nariz grande, e diz, que destróe, o que tem dito, *com huma frioleira*. E qual he ella? Assim esta: *Admitida de graça a comua opiniaõ do vulgo, de que os Judcos tem narizes grandes... que Anaz por ser Pontifice o devia ter maior; he certo, que não teria hum nariz maior, que todo o corpo: que proporção tem isto com huma pyramide do Egypto, e nariz infinito?* De toda esta censura se mostra com evidencia, que a razão que dá para provar, que o Poéta destróe, quanto tem dito, he, por dar a hum homem hum nariz mayor, que todo o corpo; nariz taõ grande, como pyramide do Egypto, e nariz infinito. Prova *Arsenio* com exemplos terminantes, que estas hyperboles são muy proprias dos Poétas. Tudo isto dissimula o *Critico*; e não achando soluçaõ, que dar, diz agora, que não era essa a razão, porque notára o Soneto, mas porque *desfizera quanto tinha dito com a frioleira de Anaz*; e acrescenta: *E temos outra calunnia: nunca haveis de ver nos Authores, o que dizem?* De sorte, que provando-lhe, que a sua censura he destituída de fundamento, porque as hyperboles não se devem notar nos Poétas, principalmente burlescos, diz agora, que *são fantasmas, que só existem na mal regulada imaginação*. Não seja taõ liberal com os mais, guarde tambem para si! Eu ainda digo mais:

mais : que as hyperboles se não devem tomar ao pé da letra , não só no verso , mas também na prosa ; e o que he mais que tudo , e basta a convencer o *Critico* , o acharem-se na Elcritura Sagrada. Elle mesmo aponta a de S. *Joaõ* , que conclúe o seu Evangelho , dizendo , que se escrevêra , quanto fez Christo , não caberia neste Mundo : e lhe lembro outra de *Daniel* no cap. 4 , explicando o sonho daquelle grande arvore : *Tu es, Rex, qui magnificatus es, & invaluisti, & magnitudo tua crevit, & pervenit usque ad Cælum.* A' vista disto , como quer que se constrúa ao pé da letra , e materialmente a exaggeração de hum Poéta na descripção burlesca de hum nariz ?

Setima. Allega o *Critico* hum Soneto para exemplar dos bons , no qual se empenha a mostrar , que a fealdade de huma mulher a faz parecer formosa. Eu o quero dar copiado , como promettí a pag. 250 , já que elle o transcreveo na *carta da Rhetorica* a pag. 190 ; e na *da Poesia* a pag. 248. O Frade , ou ao menos algum dos seus Confrades , deve ser o A. do tal Soneto. Elle vay com a mesma Orthografia , e pontuação de S. P.

*Es feia: mas de tal sorte , que orroroza  
 A' tua vista é bela a fealdade :  
 Mas tens fortuna tal , que a enormidade  
 Te consegue , os tributos de formosa.  
 Cara tão feia , coiza tão pasmoza  
 Todos observaõ , e move a raridade.  
 Não desperta o comum a curzidade :  
 Ser rara , é que te adúlta vaidosa.  
 Ama-se o Belo , e cega o mesmo afeto.  
 O feio , pois não liga o pensamento,  
 Deixa miudamente ver o objeto.  
 Isto faz que se observe esse portento.  
 Quanto estás obrigada , a esse aspeto ;  
 Se no-enorme te-dá merccimento !*

KK 2

Respon-

Responde *Arsenio*, que sendo as exaggeraçoes proprias dos Poétas, não foraõ, nem são as unioes de contraditorios, quaes são *feia, formosa*; e para confirmar, que o Soneto não presta, bastava a mesma sentença, que contra si dá o *Critico* a pag. 219, onde diz: *Mas a verdade he, que hum conceito, que não he justo, nem fundado sobre a natureza das coizas, não pôde ser bello.* Diga-nos agora, como se funda a fermosura sobre a natureza da fealdade, para sahir bello o seu conceito? Disse mais *Arsenio*, que nas primeiras quatro regras daquelle seu Soneto vinha hum fermosio pleonalmo; porque o mesmo dizem as primeiras duas, que as segundas. Aqui se cala o *Critico*; e contenta-se com responder: *Na censura, que fazeis, dizeis coizas bem indignas.* Notavel soluçãõ! Finalmente disse *Arsenio*, que o mais, que trazia a *carta da Poesia*, não merecia reposta, mas total desprezo. Aqui se agasta o *Critico*, allegando, que tudo o que disse, provava com os melhores Mestres da eloquencia: e logo nomêa aos Jesuitas *Jouvency, Contuci, Venturi, Noceti*, e outros mais, a quem canoniza por melhores Mestres Latinos; como se conhecesse todos, os que ha no orbe literario, para que examinando hum por hum, dêsse a odiosa sentença por estes. Não duvido, que são grandes na materia; nem tambem das regras, que aponta, tiradas dos Mestres da eloquencia: o que *Arsenio* remetteo ao desprezo, foy a censura, que quiz dar contra os *Authores*, e obras, que critica, como se ella fosse bem deduzida daquelles preceitos: e isto foy bem dito; e para sua authoridade devia allegar as palavras, com que *Jouvency* escarnece de *Juglar*; porque não he crível tal censura, ao menos no principio do Elogio, que critica, de que logo fallarey; e antes disso quero fazer-lhe huma pergunta.

Na



Na *carta da Poesia*, e nesta *Resposta* confessa, que he verdade não ter muita noticia dos Poetas Portuguezes; e a pag. 216. da mesma *carta* diz: *Noticia ... não tenho, a que he necessaria para formar juizo delles.* Se pois assim o confessa, com que razão dá sentença sem excepção alguma, definindo, que os Portuguezes só são Versejadores? Não pôde negar, que a sentença he injusta, fazendo-se juiz, e sentenceando sem exacta noticia dos autos. Que diria, se eu dissesse, que os Italianos são meros Versejadores, e desse por fundamento, que não tenho noticia delles; mas que lendo dous, ou tres, me não agradaraõ: e talvez hum delles fosse a Versaõ de *Virgilio* em verso; accrescentando muitas comparaçoens facetas, que o Poeta não traz, como quem escarnece do mesmo *Virgilio*? Que homem prudente não avaliaria por iniqua semelhante sentença? Muito mais, se concluisse a minha censura com as palavras da sua: *Desde que li alguns, os desprezei quasi todos, porque não me agradaraõ.* He boa razão, como se todos fossem obrigados a ter o seu paladar, que na verdade he estragado! Ora torne a ler esses, e queira ler as obras Poéticas de outros muitos AA. Portuguezes, os quaes se achaõ reimpresos em hum notavel Collecção de dous corpos separados, hum dos Poetas vulgares, e outro dos Latinos: e sem estar completo, já comprehende dezoito tomos de quarto grande? E que crescerá, se os Jesuitas imprimirem as muitas, e excellentes obras dos seus esclarecidos Poetas, Alumnos da Provincia de Portugal!

Mas já he tempo de dar huma vista pela sua *carta da Poesia*, tão larga, como enfadonha. Nella traslada algumas regras boas da Poesia; e ainda que disto temos bastante em livros, principalmente

mente Latinos, como do *P. Alexandre Dmato*, e de outros jesuitas de grande nome, com tudo, se se occupasse a traduzir ellas regras no Portuguez (menos as Italianadas, que ás vezes lhe elcapan) mostrando, que a Rhetorica he precisa para os bons Poetas, (do que ninguem duvidava) e aqui parasse, bom seria, tomando aquelle conselho, que dá na pag. 259: *Naõ aconselho, que ninguem faça satyras a pessoas particulares... o verdadeiro modo, que os honens. intelligentes tem achado, he depois destas geraes reflexoens apresentarhe os melhores exemplos na materia, e mostrarlhe com o dedo o artificio, e galantaria.* Está porêem metendo pelos ólhos, que se occupou em traduzir as boas regras, que trazem os livros, para dizer mal de toda a Nação Hespanhóla. Humas vezes, o que disserão, são rapaziadas, puerilidades, palavras sem sentido, e parvoíce: outras, não se contentando com as estrellinhas, nomêa, e trata incivilmente a muitos, que compuzeraõ obras, ou foraõ louvados, tratando-os só com a sua authoridade, como se fossem idiótas; chegando a dizer de hum pag. 223: *Ajſentey, que a Fornada, que devia fazer, era de sua caza para o hospital. Esta sorte de Poetas são doudos.* E porque *Arsenio* lhe responde com acrimónia, diz, que lhe fez huma continuada invectiva, e a mayor satyra, que vio. Pois não sabe, que o seu telhado he de vidro? Eu confesso, que não tenho lido *satyra mais insolente*, que a das cartas, e não contra huma, ou outra pessoa; não contra hum, ou outro estado; mas *contra huma Monarchia inteira*, tratando a todos, como pudêra fazer *aos Cafres de Guiné*. E não quer, que se diga, que isto nelle he prefunção condenavel?

Com ella crítica, e não sem temeridade, a pag. 260. outros elegantes Poetas, e os seus Poemas

mas Epicos; como o *Comdestavel* de Francisco Rodrigues Lobo, o *Machabéo* de Miguel da Sylveira, a *Ulyssæa* de Gabriel Pereira de Castro, dizendo, que por confissão dos mesmos Portuguezes de melhor doutrina (elle he, quem o diz, sendo apenas meyo Portuguez) não merecem este nome. Algum outro, que possa haver, e que agora não me ocorre, pertence á mesma classe. Pois saiba, jactando-se de saber tanto, que ha muitos outros impressos, e alguns manuscritos. E como a todos se estende a sua esfera critica, lhos nomêo: o *Virginidos* de Manoel Mendes de Barbuda, o *Chauleidos* de Diogo de Paim de Andrade; o *Alpheo*, e *Arethusa* de Manoel Pinheiro Arnaut; a *Insulana*, e *Fenis da Lusitania* de Manoel Thomás, o *Affonso Africano* de Vasco Mouzinho de Quevedo, o *Ulyssipo* de Antonio de Sousa de Macedo, a *Henriqueida* do Erudito Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, a *Eliada* de Luiz Pereira, *Lidia*, e *Arnindo* de Manoel de S. Joseph, *El Nuevo Mundo*, e o *Alfonso* de Francisco Botelho de Moraes e Vasconcellos, *Malaca Conquistada*, de Deos; e em Latim o *Paciécidos* do P. Bartholomeu Pereira, Jesuita muy acreditado. E se S. P. houvesse de guardar respeito ás composições métricas de algumas Senhoras Portuguezas, lhe lembraria os Poemas: *Espana Libertada* da insigne Senhora D. Bernarda Ferreira de Lacerda, a quem intitularão *decima Musa*.

Da satyra dos AA. dos Poemas Epicos passa á dos Romances, pag. 246: *São dignos de rizo certos Poetas, e Poetezas* (Poetissa diz o P. Bento Pereira no seu Thezouro da lingua Portugueza; e em Latim *Poétridas*, ou *Poétreas*) *que fazem Romances com tal estudo, que se não entendem sem Comentario. A Madre Joanna de Mexico he humna dellas.* (E nem por Senhora lhe deveo respeito) *Tambem Gongora*  
nos

uos seus Romances; e dos modernos Eugenio Gerardo Lobo... isto he defeito geral dos Espanhoes... dos Espanhoes o receberam os Portuguezes. Dos Romances aos Sonetos; o que se pode ver da pag. 248. até 254. (Delles já fallámos, e ainda fallaremos) na qual, e no principio da seguinte pagina diz assim, tratando dos Epigrammas: *Os modernos achão-se alguns bonitos; mas encontrei tambem colleções de Epigramas modernos indignissimos, e a maior parte são assim...* Diz com graça o douto P. Rapin, que o Epigrama, se não he excellente, nada vale; e que tão difficultozo he fazer hum bom, que se pod e contentar, quem chega a fazer hum em toda a sua vida. Se assim he, para que satyriza aos Portuguezes? Porém deixa intactos os do Jesuita Manuel Pimenta! Daqui passa a satyrisar a pag. 254, e 255. os Epigrammas, e Equivocos de certo A. Portuguez moderno, a quem certa pessoa chamou *Latinissimo*; cuja defenſa não me pertence: mas admiro-me, de que o Critico não a passasse em silencio, tendo algumas razoes, que o deviaõ obrigar a isso. Mas S. P., como he Escrivaõ do judicial, e notas, lá lhe achou culpas no seu Cartorio. Assim o diz em hum papel, que imprimio com este titulo: *Carta de um Filologo de Espanha a outro de Lisboa acerca de certos Elogios Lapidares. Madrid (eu direy, Nápoles) 10 de Setembro de 1749. Fatal Barbadinho!* E não se livrou o Elogista Portuguez da sua satyra, nem ainda protegido do alto respeito de cinco Monarcas! Féro genio! Insupportavel petulancia! Do sabio Elogista Portuguez não tenho, que dizer: elle muito bem zurzio ao Fr. Barbadinho, que de Mendicante passou a Plagiano: quizera por curiosidade haver vista das culpas do *Latinissimo*, que S. R. lá lhe conservava occultas, e agora dellas passou certidaõ authentica; e para que ficasse ad  
perpe-



*perpetuam rei memoriam*, a imprimio na carta proximamente referida. Vaõ as suas palavras: *Se S. R.* (he recado para o *R. Elogista*, a respeito do *A. Epigrammatario*) soubesse quantas culpas tem no Cartorio da Latinidade, e do bom gosto aquelle autor Latinissimo: quantos defeitos de Oratoria, de Poética, e de lingua os entendentes lhe acharaõ, se absteria de citalo aindaque anonimo.... Naõ quero com isto dezenquietar as cinzas frias, para que naõ diga *S. R.* que dou cutiladas em corpos mortos.... Quando *S. R.* se ache com doutrina, e rezoluçaõ bastante, para defender as obras, e bom gosto do Latinissimo, que lhe mostrarcemos distintamente os defeitos, que tem: e que nos fale em lingua, que entendaõ os cruditos de Europa, que saõ juizes dezenterefados. Isto he, entre muita arrogancia de sabio, douto, incomparavel, o que escreveo nessa carta a pag. 43. E haverá quem lhe perdoe?

Eu com tudo sobre os Equivocos lhe naõ perdõo o testemunho, que levanta aos Portuguezes pag. 222, dando a entender, que saõ naturaes da terra. Os equivoccos (diz elle) naõ os acho na antiguidade separados dos Enigmas, tirando rarissimo, saõ invenção moderna, &c. Eu naõ o duvido: mas a Italia, fingida pátria do *Barbadinho*, o foy de taes Equivocos. Muita graça acho eu ao célebre *Luiz Antonio Muratori*, Bibliothecario do Duque de Módena, e ha pouco fallecido, em querer attribuir a Hespanha o invento dos Equivocos; falsidade he esta certamente infosfrivel, que naõ duvidou escrever na sua obra *Della perfetta Poesia Italiana*, l. 2. c. 3. *R. P. Critico*: o Equivoco das vozes lá nasceo na Italia, aonde V. C. imprimio o *Verdadeiro Methodo*, e de lá veyo para as Hespanhas no principio do seculo decimo sexto. Naõ sou eu, que o digo: ouça ao *Boileau Critico Francez* no primeiro

Canto da sua Poética: *Laiſſons a l' Italie De tous ces faux bullans l' eclatante folie.* Sim, na Italia nasceo o bom, ou máo gosto dos Equivocos: *Marmmo* foy o seu inventor, e não o Hespanhól *Lope da Vega* em Hespanha; e assim converta para os genios de Italia as suas zelosas exhortaçoes.

Naõ alcanço o motivo, porque tratando o *Critico* da Poesia, naõ desse nesta sua carta, em que taõ dignamente trata della, algumas liçoens, ou recômdaçoes da Musica aos Poétas. Antigamente nenhum era Poéta, sem saber Musica; pois a huma, e outra arte eraõ cômuns os numeros armoniosos. O Jesuita *Alexandre Donato* na sua Poética pag. 3. cuida, que o advertio, quando disse: *Ideo quidquid canitur musicis modis, ferè carmen est: & Poetæ scribentes carmina aiunt, non se scribere, sed canere.* Homéro, e Virgilio assim o praticaraõ; e todos sabem, que os Poétas Lyricos eraõ Musicos, que ao som da lyra compunhaõ, e cantavaõ os seus versos. Talvez naõ tratou da Musica, por naõ fallar com boa consonancia.

Na pag. 224 fallando dos Equivocos, e agudezas diz: *Com effeito o Thezauro, mas principalmente o Juglar, de quem se servem neste genero dos Equivocos, e agudezas, he insupportavel: e tem sido o que arruinou muita gente, que naõ péza bem, o que abraça. Elle compoz huma certa coiza, a que chama Elogios... Pag. 225. E que diriaõ os nossos antigos Romanos, se vissem abusar da magestade dos Elogios, destruir a naturalidade, e simplicidade da lingua Latina, preverter a propriedade das suas expressoens sómente para dizer quatro sutilezas, que naõ concluem nada. Ora interrompa-se a exclamação, que naõ he o caso para tanto! Juglar tambem fazia bem os Elogios, que os Romanos antigos conheceraõ; e se lessem estes, naõ haviaõ de desgostar,*

gostar, nem achar de menos nelles a magestade, que V. P. julga ultrajada. Se elles conheceriaõ na sua Era Elogios, como os que V. C. repróva, não o direy com certeza, nem tenho, a quem peça certidão authentica; razaõ, porque a couza fica em duvida, e o *Jaglar* assim o insinúa no Prólogo, ou *Monita ad lectorem*, dizendo: *Nostro seu natum, seu renatum in seculo pleraque nobilitavit ingenia*. E porque lhe não perguntassem pela licença da Assembléa das Mulas, ou pelas leys, que lhe prescrevêra Apóllo, accrescentou: *Libera poësis hæc suis solum propemodum legibus vivit*. Nem só *Jaglar* tomou esta licença, mas outros muitos discretos Jesuitas; como o P. L' Abbè Francez, *Jouão André*, e *Joaõ Battista Masculo* Italianos; e o Author do livro: *Columnæ militantis Ecclesiæ*, além de outros famosos Elogistas, assim estranhos, como da Companhia de JESUS.

Nem he de admirar, trate o *Critico* com tanto desprezo aos AA dos Elogios, quando na pag. 230 diz, que *Cicero tratando das Facecias do Orador, aponta frioleiras, e ridicularias*; e na pag. 222, que *Ovidio cabio em muitos defeitos, e escreveo com mais facilidade, que reflexaõ*; imitando nisto fielmente ao seu grande fidalgo, e bom Catholico *Scioppio*. E quando lhe não occorrem outras razoens para reprovar, acode á sua costumada, que são composicoens do *seculo da ignorancia*, que não imitaõ o bom gosto da eloquencia dos AA. antigos. Com a mesma podia eu dizer, que quanto diz de sua casa, e quanto censura nos AA. desta, e das mais Faculdades, tem muito do *seculo da ignorancia*, e em nada se ajusta com o bom, que se deve aprender. Sirva de exemplo aquella grande, e engenhosa agudeza, que traz na pag. 218 por estas palavras: *Quando o Poëta diz, que a garganta da*  
Ll 2 *sua*

sua amada he branca, como a neve, nisto não apparece engenho; se porem acrecenta, que he igualmente fria, nisto está o engenho. Julguem os discretos, aonde vay aqui o engenho? Do frio sabemos, que he inimigo da vida: *Frigus est inimicum naturæ*. Do corpo frio, como a neve, se pôde dizer, que ou está morto, ou o parece. E he parto de hum bom engenho chamar a huma garganta defanimada, e com semelhanças de cadavérica? Com mais propriedade, tirada da neve, se pôde dizer, que o conceito he huma frioleira; como tambem são as notas, que traz contra as primeiras cinco regras do Elogio do P. Juglar, e são as seguintes.

*Amicus silentii Deus est.*

*Semèl in tota æternitate locutus*

*Uno omnia dicit in Verbo.*

*Primâ sui facunditate facundus*

*Ipsâ sui Conceptione fit Parens.*

Na verdade, que mete compaixão (palavra sua) ler a censura, que faz a estas cinco regras. Contra a primeira regra diz, que a palavra *silentium* he impropria; porque significa estar calado, quem primeiro fallou. Devia advertir, que *silentium* tambem se applica a quem nunca fallou, e não poucas vezes se usa de *Sileo*, e *Taceo* sem differença: he uso não menos, que de *Virgilio*, que não he do *seculo da ignorancia*, em quanto á boa Latinidade, o qual diz, que a armada dos Gregos voltara sobre Troya: *Tacite per amica silentia Luce*. Aqui tem a palavra *silentium* applicada a quem não tinha fallado antes, e *Taceo* com *Sileo* no mesmo sentido.

Segunda regra. A palavra *semèl*, que alli se acha, diz, que he impropria; porque não significa huma couza, que sempre se faz, mas huma só vez. Sem duvida, que erraraõ S. Jeronymo, e os mais, que verteraõ, ou emendaraõ a Versaõ do Psalmo.



Salmo 61, quando escreverão: *Semèl locutus est Deus, duo hæc audiivi*; e parece, que a ellas alludio aqui *Juglar*. Tambem esta claudica na Theologia. Falla o A. na geração do Divino Verbo, a qual, por ser huma só, e unica *ad intra*, he *semel*; e com tudo, como permanente, he *ab æterno*, e será *in æternum*; e porisso se faz sempre. Diz mais o *Critico*, que o nome *locutus* não significa, quem pronuncia huma palavra, mas quem faz hum discurso. O mesmo diz pag. 225. da palavra *facundus*; que não significa, quem pronuncia huma só palavra, mas quem he eloquente, e sabe fazer muitos, e bons discursos. Primeiramente a geração do Verbo he a mais eloquente; porque com ella tudo diz o Pay ao Filho: *Omnia dicit Filio*; ao qual por força da geração lhe comunica toda a sua Sabedoria, e tudo, quanto tem, como ensinaõ os Theologos: *Pater omnia dedit Filio, præter esse Patrem*. Da nota se seguia não ter Deos eloquencia. Como nos homens o fallar requer muitas palavras, e uso de amplificação, para mostrarem a sua eloquencia; porisso a não podem exercitar com huma só: mas Deos, conhecendo tudo comprehensivamente com hum acto indivisivel, e indistinto de si, não necessita de rodeyos para a locução *ad intra*. Da mesma palavra *locutus*, e fallando do Padre Eterno, usa *S. Paulo*, que sabia, o que dizia, melhor que o *Critico*, na Epist. ad Hebr. *Olim Deus loquens Patribus in Prophetis, novissimè diebus istis locutus est nobis in Filio*.

A'lem de que, nesta palavra *locutus*, se pôde dizer, que o Eterno Pay na geração do Verbo fez hum equivalente, e omnipotente discurso. A essa Palavra, ou Verbo Eterno, dá este titulo o Espirito Santo no cap. 18. v. 15. do livro da Sabedoria: *Omnipotens sermo*. Esta unica palavra he hum  
omnipo-

omnipotente sermaõ, e sermaõ, que só teve hum Ouvinte; porque só ao Filho o disse o Pay divinamente eloquente. He alto, e Theologico dizer de outro inligne A. de semelhantes elogios o P. L' Abbe. Ouça-o, ainda que não queira.

*Eloquens Pater omnia Verbo uno dicit, & Unui,  
Nec alius esse potest, qui dicat,  
Nec alius esse, qui audiat,  
Nec præter id, quod dixit, est aliud:  
Exhaurit magnum Oratorem sermo unicus,  
Nihil habet ultrà, quod dicat, qui dixit omnia.*

A terceira regra he: *Uno omnia dixit in Verbo*: devia trasladar *dicit* no presente, para exprimir, e não corromper o conceito do *Juglar*. Diz, que para com os Latinos *Verbo dicere*, não he dizer hum palavra, mas poucas. Grande Latinidade! A's aveſſas devia dizer; porque o ablativo *verbo* está no singular, e porisso no rigor do Latim não significa, nem ainda duas palavras, que bastão para serem muitas, e deverem pertencer ao plural. E quando no Latim, para significar que alguém disse poucas palavras, se usa do singular, *verbo dicit*; he exaggeração, que esta tambem se pôde fazer diminuindo: assim como de hum couza, que val pouco, podemos dizer: *Nihil valet*; e quando queremos dizer, que hum fallou muito, nos explicamos com contraria exaggeração: *Diem dicit*, e mais elle não fallaria todo o dia. Se eu quizer explicar bem em Latim a reposta, que deo Pedro, perguntado se sabia, quem tinha feito estas *cartas* do *Methodo*, o qual respondesse esta unica palavra: *Nescio*, não posso dizer: *Interrogatus respondit uno verbo: Nescio?* Significa este Latim dizer poucas palavras, ou hum só? *Accrescenta: A palavra verbum aqui he rigoroso equivoco.* E não presta? Vá perguntálo a *Santo Ambrosio*, que usou do mesmo no l. 2. in c. 2. Luc.

Luc., trazendo as palavras dos Santos Pastores : *Transeamus usque ad Bethlém, & videamus hoc Verbum. Accrescenta : Verbum videtur, quod est Filius.*

Contra a quarta regra, que he: *Primá sui fœcunditate facundus*, vem o seu cõmento: Não sey o que quer dizer; porque eu não acho, que o Padre Eterno gerasse mais, que hum Filho, e a palavra Prima he relativa. E não achou lá por essa Italia, quem lha explicasse? Pergunte-o a S. Jeronymo, que era bom Latino, e viveo alguns annos em Roma, sobre o texto do cap. 1. de S. Mattheus: *Antequàm convenirent, inventa est in utero habens de Spiritu Sancto*; e peça, que lhe ensine, se a palavra *antequam* he relativa, e ouça a resposta no l. 1. cõmentando o mesmo capitulo: *Non sequitur, ut postea convenerint, sed Scriptura, quod factum non sit, ostendit.* Pergunte, se he relativo este texto, quando falla do parto de Nossa Senhora: (1) *Peperit Filium suum primogenitum*; e lhe responderão, que não he relativo, e significa o mesmo, que *Unigenitum*: e bem se conclue, que estas palavras nem sempre são relativas.

Diz mais, que *fœcundus* não significa gerar huma só vez, mas muitas. Consulte a S. Pedro Chrysologo no Serm. 89, que he do Baptista, e sobre aquellas palavras do Evangelho de S. Lucas: *Et non erat cis Filius, &c. Partus non ablatu est, sed dilatatus... ut in Filio singulari tota fœcunditas pensaretur... beata sterilitas, quæ unum servabatur ad partum.* E porque se não applicará o termo *fœcundus* a quem gera hum Filho, que excede infinitamente a todos os mais? Acha alguma ley em Cícero, que a fecundidade só attende ao numero, e não á qualidade? Consulte a S. Joaõ Damasceno, (2) e ouvirá o Santo explicando a alegria de S. Anna, vendo-

(1) Luc. c. 2. (2) D. Jean. Damasc. in Orat. 2. de Nat. B. Virg

vendo-se Mãy da Mãy de Deos: *Sterilitatis mæstiam exui, ac lætam fœcunditatis vestem indui*. Se o unico parto de *Santa Anna* se póde chamar *fecundidade*, attenta a excellencia de tal Filha; com muito mayor razão se póde chamar o Padre Eterno fecundo *ad intrà*, gerando hum Filho, que excede infinitamente a Senhora. De caminho advirta o *Critico* sobre a palavra *fecundus*, que a Palavra, de que aqui se falla, he *ad intrà*, e val o mesmo, que *Conccito*, e *Intellecção Divina*, da qual procede o Verbo Divino, e por força da sua geração se lhe cõmunica toda a sciencia do Pay. Donde se segue, que justamente se diz fecundo o Pay, gerando hum só Filho, e não podendo gerar outro: e tão fecundo, que com razão se admira *Isaiás* desta geração no cap. 33: *Generationem ejus quis enarrabit!* Pois sendo tanta a fecundidade do Pay, só hum Filho gera, nem póde gerar mais, na qual exhaure toda a virtude generativa *ad intrà*, sem que lhe possa dar Irmaõ, como diz o mesmo *Juglar* no citado elogio:

*Ita Patris fœcunditatem exhauriens,*

*Ut illi fratrem dare non possit;*

*Unus cum sit,*

*Numeri damnum compensat.*

Resta a quinta regra: *Ipsa sui Conceptione fit Parens*. E logo a censura: *A palavra Conceptio he outro equivoco: não significa conhecer, mas comprehendere, como hum vaso comprehende hum licor*. Notavel advertencia! A intellecção chama-se *conceito*: o nosso entendimento o produz; e porisso o concebe, e ao tal conceito se chama *parto do entendimento*. O conceito, ou intellecção (que he o mesmo) do Eterno Pay, he o principio generativo, e o denomina generante. Finalmente a tudo isto chama *arengas*, e appella para os antigos Romanos, segundo



segundo temos ouvido; como se estes deixassem alguma ley inviolavel, para que ninguem se atrevesse a compor esta sorte de elogios, e ficassem com obrigação grave de estar por ella. Faça a experiencia, e componha hum pequeno Elogio, e verá, quanto lhe custa para o fazer bom; que quanto dizer a pag. 257: *M. Agrippa L. F. Conj. Tertium fecit.* Marco Agrippa filho de Lucio, terceira vez Consul, fundou este Pórtico; não o faziaõ os Romanos para mostrarem a sua eloquencia, mas para que ficasse em memoria o author da obra: e isto nas suas o sabem gravar os officiaes; como nos seus relogios *Martino London*; nas espingardas *os tres irmãos*; e hum ferralheiro de Braga, a quem chamavaõ o Fagulha, insculpia nas suas obras, *Fagulha me fecit.*

Passemos da critica dos Elogios á da Tragedia, feita em Evora na Canonizaçaõ dos dous Santos, *Luiz Gonzaga, e Estanislão Kyska*. Diz na pag. 59 da *Reposta Fr. Barbadinho*: *Compõem hum A. de credito em Portugal na Canonizaçaõ dos SS. Luiz Gonzaga, e Estanislão hum Tragedia Latina, e dalhe este titulo: Aloysius, & Stanislaus Actor, & Imitator. Mente o Frade: o titulo da Tragedia he: Ludovicus, & Stanislaus. E na Economia Poética: Ludovicus Actor, & Imitator: Stanislaus Prototypus, & Fautor.* Mas que remedio! Havemos de sofrê-lo. Logo (os Jeuitas de Roma) no titulo acharaõ o geral defeito da obra, que em vez de hum accção primaria, representa duas... lepidamente lhe chamarão livro de *Ortu, & Interitu*. Dou-lhe de barato este testemunho; porque nem os *Leigos da Ordem* tal diriaõ: como tambem o outro, de que o A. a mandou a Italia para abismar os Italianos. Principiemos pelo titulo, que lhe déraõ (como diz) de *Ortu, & Interitu*. Não faltou quem, ao ler semelhante titulo da censura, deo hum tal cachinada de riso, que se en-

gasgou no meyo do applauso ; mostrando assim ; quanto lhe dava no gotto a lepida esperteza do *Fr. Barbadinho*. Não he V. C. quem estranha os equívocos ? Pois como agora os poz em pratica , quando só por equívoco , e não sey , se por allusão pueril , he , que tal defençaixo poderá conseguir desculpa ; pois he tão sem tom , nem som , que pôdem casar sem dispensa o *Ortu*, & *Interitu* da censura , como o *Actor*, & *Imitator* do titulo , ainda viciando-o. Eu sempre devo presumir ( ainda que me engane , como agora ) que o *Critico* não leva as couzas pela toáda , e que lá lhe chega á medúla. Pois diga-nos , a qual dos dous Santos canonizados se julgou em Roma perante V. P. , como *Auditor em Rota* de Archicriticos , o *Ortu* , e a qual o *Interitu* ? Eu até agora imaginava , que em Roma . só quando Gentilica , se dava sentença de morte aos Santos : agora porêem não sey o que diga ; pois me persuade V. P. , que hum dos Santos , por determinação dos Arbitros Romanos , ficou com vida , e outro com sentença de morte : e não diz , como foy a partilha ? Pois saiba , que a nenhum dos dous coube a pena do *Interitu* , mas a ambos a felicidade do *Ortu*. Deixe para a sua *carta da Medicina* , se quizer , o livro de *Generatione*, & *corruptime* , e ouça-me , que será por pouco tempo ; pois bem sey lhe he necessario para mil couzas do seu Instituto.

A nenhum , digo , dos dous Santos he applicavel a clausula do *Interitu* ; porque hum , e outro tinhaõ consummado já , e felizmente , o breve curso da vida mortal : para ambos foy a morte verdadeira vida , e o dia do transito o seu dia natalicio : razão , porque a clausula do *Interitu* se lhes adoptou com notoria impropriedade , e clara repugnancia. O motivo , porque o Poéta deo a *S. Luiz* o titulo de *Actor*, & *Imitator* , e ao *Santo Estanislaõ* o de

de *Prototypon*, & *Fautor*, foy; porque a *S. Luiz* precedeo na Religião vivo, e no Ceo já Bemaventurado *Santo Estanislão*; e pela precedencia do tempo mereceo, que o Poéta propuzesse a *Kostka* por Exemplar, e Protéctor de *Gonzaga* para o exercicio das virtudes heróicas, e para o unico fim de conseguir a Bemaventurança.

Agora passemos á censura da Tragedia, á qual quizeraõ attribuir (como nos diz) os *Reverendissimos de Roma* dualidade de acçoens. Sabemos pela definição da Tragedia, que esta he, e deve ser: *Imitatio actionis unius, totius, justae magnitudinis, verae, vel falsae, verosimilis, insignis, vel vulgaris, quae metro, & harmoniâ non narrando, sed agendo, vel quosdam animi affectus excitat, & perpurgat, vel ite private exemplum proponit.* E todos estes preceitos reconhecio praticados na Tragedia criticada. Mas, como nella sómente se notou faltar-lhe a unidade da acção primaria, deve saber o *Critico*, que consistindo essa unidade na connexão de todas as partes, e circumstancias entre si diversas, para de todas resultar hum como todo, não faltou o nosso A. á observancia do mencionado preceito, e unidade; porque a acção, e imitação de *S. Luiz Gonzaga*, e o exemplo de *Santo Estanislão* formaraõ huma quasi individua, e unica acção primaria; porque dirigida toda ao mesmo fim, que era a pratica de todas as virtudes, que exemplificadas no seu Prototypo *Santo Estanislão*, já Glorioso, e Bemeventurado no Ceo, imitava com heróica diligencia *S. Luiz Gonzaga*, ainda neste Mundo viador, para conseguir a mesma felicidade de *Santo Estanislão*.

Desta sorte soube o nosso Poéta unir na fábula, e idéa desta bem composta Tragedia o exemplo de *Estanislão* com a imitação de *Gonzaga*; encaminhando a hum só alvo, e dirigindo ao mes-

Mm 2

mo

mo, e unico fim aquelle heróico exemplo, e a sua gloriosa imitação. Eu, depois de alguma reflexão sobre a doutrina dos Jesuitas *Martin Del-Rio*, de Tragedia, *Alexandre Donato* na sua Poética, *Le Bossu*, *Le-Jay*, e outros muitos, estou convencido, que a unidade da acção consiste na unidade do fim. Sey, que *Aristoteles* em muitos lugares, que não cito, por evitar diffusão, ensina, que a unidade da acção, que he a que póde fazer a perfeita unidade da fábula, consiste na unidade do fim. Ponho hum exemplo. A guerra Troyana foy huma só, porque houve huma só Troya, a quem os Gregos fi-tiaraõ; mas como o fim primario, a que todos se encaminhavaõ, era tomar aquella Cidade, porisso esta acção tem a sua devída unidade. O Reyno do Ceo era a projectada conquista de *Luiz*, assim como o fora de *Estanisláo*: esta o seu fim, não só primario, mas unico; e sendo huma só aquella Cidade de Deos, e hum mesmo, e unico o fim dos dous Santos, bem se concilia com duplicidade de pessoas a unidade da acção.

Nem póde obstar o dizermos, que *S. Luiz*, e *Santo Estanisláo* não concorreraõ ao mesmo tempo para a conquista da Celestial Jerusalém; pois *S. Luiz Gonzaga*, como fica dito, quando entrou na Sagrada Religião da Companhia, já *Santo Estanisláo* era feliz possuidor da Bemaventurança. Não póde obstar a descontinuação do tempo; antes se assim fosse, não seria perfeita a fabula, que foy argumento da Tragedia. A razão he; porque não são poéticas as couzas, que assentaõ na unidade do tempo; e só he proprio do Historiador observar com impreterivel exactidaõ a Chronologia, referindo na historia do mesmo tempo as acçoens de diversos Princepes, e Naçoens. Não uso de exemplos; porque não necessita o aserito de confirmaçoens. E ainda que al-guem



guem diga, não ser a alma da fábula a unidade, e para confirmação produza alguns exemplos da antiguidade em não poucas Tragedias, e Comedias, em que não se reconhece esta unidade; como são a do *Hercules furioso*, e a *Andria* de *Terencio Pamphilo*: na primeira das quaes he morto *Lyco*, e os filhos de *Hercules* por varias causas, sem huma unica circumstancia, que as adune, e enlace: e na segunda *Terencio Pamphilo* pede por esposa a *Pasibula*, e *Charino* a *Philomena*; e tambem aqui não ha unidade de acção, como doutamente adverte o Jesuita *Alexandre Dornato* na pag. 158: eu me não valho, como pudéra, desta razão, e authoridade, e me contento com o que tenho respondido á iniqua censura de *Ortu, & Interitu*. E se o *Critico* se não der por satisfeito, recorra ao A., que talvez, por ser anno santo, o ache em Roma. Mas se quizer poupar as passadas, e tambem o vergonhaço, advirta, que o nosso Poéta, tão discreto, como sabio (pois além de ter subido ao alto cume, e *Serra* do *Parnaso*, he Mestre egregiamente instruído em todas as séveras disciplinas, e mayores Faculdades, de que foy nas duas Universidades de Portugal illustre Professor) soube prevenir todo o reparo, e o advertio na *Economia Poética*, que serve como de Prólogo á mesma Tragedia. „Huma só difficuldade se offerece, e he: que, como estes dous Santos em nenhum tempo, ou lugar viverão juntamente, se „juntamente se introduzirem no theatro, será inverosimel tudo, o que representarem; o qual „vicio he mayor nesta, que em outra qualquer Poesia. „Para se evitar tão grande inconveniente, sem faltar ao theatral applauso, que se manda dar juntamente aos dous Santos canonizados, determina- „se para a Representação o tempo, em que S. Luiz „pertendeo, viveo, e morreo na Companhia, introduzindo

„duzindo a este Santo *Imitador de Santo Estanislão*,  
 „e a *Santo Estanislão seu Exemplar, e Protector*. Deí-  
 „te modo as acçoens de S. Luiz feraõ representa-  
 „das, e as de Santo Estanislão referidas: represen-  
 „tará no theatro, como ainda vivo, S. Luiz; e San-  
 „to Estanislão apparecerá vindo do Ceo, como já  
 „defunto, e no mesmo Ceo depois da morte de S.  
 „Luiz: e porque as Canonizaçoens succederaõ mui-  
 „tos annos depois deste tempo determinado, não se  
 „representaráõ, como celebradas, mas determinar-  
 „se-haõ de presente por decreto da Divina Justiça  
 „para o futuro. Agora diga o *Frade*, aonde estão  
 as duas acçoens primarias? Huma fô propriamente,  
 e essa de *Gonzaga*.

Passa adiante, chegando a sua vara censória a  
 ferir atrevidamente os Hymnos da Igreja. Pag. 227.  
 diz: *Achaõ-se ainda alguns hymnos Ecclesiasticos, fei-  
 tos no undecimo, duodecimo, e seguinte seculo, com con-  
 soantes, e toantes. Vi alguns Portuguezes (já eu me  
 admirava de não virem elles á culpa) que gostavaõ  
 disto; e he não conhecer, qual he a beleza, e harmonia  
 da lingua Latina. E porque os não delata a Congre-  
 gação dos Ritos para lhes dar baixa? Engenbos ordina-  
 rios, que não pôdem chegar á galantaria dos antigos, e  
 bons Poetas: querem-se singularizar com tal estilo, e  
 porisso se devem desprezar. Pois que vay? E aonde  
 estão elles Hymnos? No Breviario Romano? Cui-  
 do que não. Sey, que neste Breviario não foraõ  
 insertos os Hymnos, senaõ depois do seculo duode-  
 cimo: Rome verò hymni cani ceperunt... hinc disci-  
 mus post duodecimum duntaxat seculum hymnos (Bre-  
 viario Romano) insertos fuisse. (3) Sey, que o San-  
 to Padre Urbano VIII no anno de 1629 mandou, que  
 os tres Jesuitas, que no precedente cap. da *Latimida-  
 de* deixámos louvados, fizessem a correcção dos Hy-  
 mnos*

[3] Gracôl. Cômentar. Histór. in Breviar. Roman. l. 1. c. 28.

mnos do Breviario Romano; e a fizeraõ, emendando mais de nove centos e cincoenta erros em metro, e em syllaba, e mudando o principio a mais de trinta Hymnos: o que obrigou a dizer o Papa: *Patres inchoasse potius hymnos, quam perfecisse*. Sey finalmente, que *Henrique Valesio* fez huma acerrima critica contra esta emenda; (com que razão, se ignora!) e que tambem houve, quem se queixasse, dizendo: *Hymnos illos, ut ad Poeseos, & Latine lingue leges (repare) exigercntur, veterem simplicitatem amisisse, atque, pietatis vi penitus enervata, accessit Latinitas, & recessit pictas*. O mesmo *Gracolas* no lugar citado, pag. 84. Deixo de formar juizo critico sobre a jactura da piedade, de que estes zelosos se queixaõ pela correcção dos Hymnos: o certo he, que confessaõ, estarem restituídos á mais pura Latinidade. E só quizera saber, que Hymnos faõ estes, que V. C. critica? Melhor fora rezálos, que censurálos. Sey, que o mesmo *Urbano VIII* não quiz, se mudassem os tres Hymnos do Officio do *Santissimo Sacramento*, de que foy *A. Santo Thomás*, ainda que nelles se acha algum genero de toantes; por estarem compóstos com muita suavidade, e elegancia, como diz o Jesuita *Guyeto*: (4) *Tres dumtaxat habentur in Romano Breviario, utpotè à S. Thoma compositos, quos intactos reliquit Urban. VIII... tanta siquidem est Rythmorum illorum mixta cum eruditissimi sensus expressione suavitas*. O Hymno *Stabat Mater dolorosa*, puro na Latinidade, e feito depois de *Urbano VIII*, he devotissimo.

Se eu me quizesse divertir em fazer a mesma anatomia ás notas, que o *Critico* faz aos mais versos, podia mostrar, que não tem razão; como lhe provou concludentemente o douto *A. do Soneto*, feito á morte da Senhora Infanta *D. Francisca*:  
tomem

(4) P. Guyet. Heortolog. Sacra, d. 3. c. 5. de Hymn.

tomem porêem esse trabalho os Poétas , que eu não me jácto de o fer ; e tó direy alguma couza do Soneto de Antonio da Fonseca , feito a hum cavallo do Conde de Sabugosa , do qual transcrevo o primeiro quarteto , e he o seguinte.

*Galhardo bruto , teu acorde alento*

*Musica he nova , com que aos olhos cantas ,  
Pois na harmonia de cadencias tantas*

*He clave o freyo , he solfa o movimento.*

A sua sentença he , que aqui se acha hum *complete parvoicc* ; e que tambem se podia fazer outro a hum burro da Valada com metáfora de Logica , ou Geometria , e se podia descobrir na seriedade destes animaes semelhança de hum homem , que *filosofa*. Bem acõnodada ficava a metáfora , se a Logica , e a Geometria fosse tal , que com propriedade se pudesse chamar *asneira*. E não adverte o Critico , que semelhante gracinha se póde applicar ao seu celebrado Soneto , que copiámos a pag. 259 ; tomando por assumpto , consistir a fermosura de hum mulher em fer fêa ! Dirá hum Poéta burlesco , que unir fermosura com fealdade he *asneira* ; e que dêssta sorte se póde unir em hum burro da Valada a descripção com a *asneira* , e em outros semelhantes.

Mas vamos ao caso do quarteto. Não póde soffrer , que se applique a metáfora de Solfa a hum cavallo. Se he , porque o cavallo he animal , nada faz ao ponto. Do animal chamado Perguiça diz o erudito *P. Kirker* , que ao mesmo passo , que se móve , vay cantando as intonaçoens da Solfa com notavel certeza ; e tambem reduzio a Solfa o canto das codornizes. E que dêstros musicos são os rouxinões , méltros , e canários , que sem o trabalho de aprenderem , receberaõ da natureza esta prenda ! Dirá , que o despropósito todo está , não por ser animal , mas por ser cavallo. Ha animaes destes tão bem



bem ensinados, que fazem cabriólas; outros, que dançam ao som de huma vióla; outros, que percebem huns certos sinais, que lhes dão, como moderadamente vimos hum, que até notava as horas, dando tantas patadas, quantas mostrava o relógio. Isto posto, meneando-se hum destes brutos, e muito mais, sendo discursivo, como approva o *Critico*, pôde mover-se com tal proporção, que o seu passo pareça compasso, servindo-lhe de clave o movimento, que o freyo lhe obriga a fazer; e como não tem voz para cantar, porisso disse o Poéta, que era nova casta de musica o seu acorde movimento: e se perguntar, se o movimento acorde pertence á Musica? Responderá Pythágoras, que sim; porque affirmava, que o ouvia, e que eraõ surdos, os que não percebíão o movimento dos Ceos.

Naõ seja embóra esta acõmodação de metáfora para se meter em huma composição séria, e heróica; mas não he despropositada para hum Poéta, que teve a ociosidade de compor hum Soneto em louvor de hum cavallo. Que mayor desproporção se vê aqui, que no lugar, em que *Virgilio* introduz em hum Poema heroico, e grave, como a sua Eneida, a hum cavallo chorando? Diz elle, que morto Pallante ás mãos de Turno, levavaõ o seu cadáver com pompa funebre, em que hiaõ Capitães, e soldados, conforme o costume Militar; mas o Poéta méte na procissão o cavallo de Pallante chamado Ethon, e diz, que aquelle animal caminhava penetrado de grande dor, por ver morto hum mancebo, com quem sempre andara ás costas, e o servira com grande cuidado; e para prova do seu sentimento hia chorando lagrimas de punho: *Æthon It lacrymans, guttisquè humectat grandibus ora.* Ovidio com todo o seu engenho, para explicar o mimo, com que eraõ tratados os cavallos do Sol, que

Nn

tiravaõ

tiravaõ pelo seu coche, diz, que sahiraõ da caval-  
larice fartos de ambrosia: *Ambrosiæ succo saturos*.  
E se naõ he despropósito, que o Poeta os ponha  
iguaes nos pratos, com que se servia a meia dos  
seus Deoses; nem no outro, que descreva hum ca-  
vallo chorando a perda de seu senhor; que muito  
se applique a outro o solfear com o seu compassa-  
do movimento? A verdade he, que facilmente oc-  
correm razoes para escarnecer, que ainda sem se-  
rem sólidas, tem tal apparencia, que enganaõ a  
muitos, que cuidaõ, que tudo o que luz, he ouro.

Em defenõa geral de todos os Poetas, a  
quem critica, faço este argumento. Ou elle se per-  
suade, que os versos, que condena, saõ iguaes ao  
Soneto, que louva, e repete; ou entende, que o  
seu Soneto he bom, e os que reprõva, saõ máos?  
Se julgar serem todos da mesma casta, naõ faz jus-  
tiça ás partes, condenando huns, e approvando o  
outro. Se cuida, que o seu que louva, merece es-  
timaçaõ, e os mais desprezo, dizem, e com razãõ,  
muitos Poetas o contrario. Nesta opposiçaõ de vo-  
tos, porque devemos estar pelo seu, e pelas razoes,  
que allega, e naõ pelo mayor numero de votos,  
que decidem o contrario? Dirá, que lhe desfaçaõ  
as razoes, com as quaes quer provar naõ serem  
bons. Diraõ, que já se tem desfeito algumas, e  
que as mais saõ do mesmo calibre. Instará dicen-  
do, que todos esses votos nada valem, por serem  
de pessoas, que naõ tem voto na materia, e ainda  
se conservaõ na cegueira da *ignorancia*, que se aca-  
bou no seculo passado para alguns, e que elle per-  
tence á *Confraria* dos que pela graça de Deos se  
*achaõ no mundo culto*, e que tem já os olhos abertos.  
Acodiraõ os contrarios, e clamarãõ, que o *Critico*,  
e os seus *Confrades* saõ os cegos em condenarem  
tanta gente boa, e que a vaidade os faz imagi-  
nar,

nar, que nelles está o destillado das sciencias. E com estes argumentos nada se conclue pela parte do *Critico*: muito mais, que não tem faltado em *Italia*, *França*, e *Hespanha*, quem se tenha opposto a estes novos *Methodos*, dizendo que, quando muito, servem para hum homem se enfarinhar em quatro principios geraes das materias, e ficar com este tal qual soccorro habilitado de alguma sorte para fallar nellas, ainda que seja parando na primeira superficie. Diraõ finalmente, que desejaõ saber, qual foy o *Santo*, que abriu os olhos a estes *Criticos*, e os collocou no mundo culto, deixando os mais na cegueira, que lhes imputaõ, sem declararem o dia, mez, e anno, em que aconteceu esse prodigio, para servir de Epoca aos Eruditos? As suas obras não tem ainda apparecido taes, que mettaõ medo, e só saõ louvaveis as experiencias *Physicas*, igualmente familiares aos *Peripateticos*, e com principios verdadeiramente sólidos, e superiores ás incongruas cogitaçoens dos que, desprezado, ou não entendido o *Filosofo*, insistem méros sectarios do *Mechanismo*. Pelo numero dos que se fazem *Rigoristas no criterio*, não; porque saõ os menos: e posto digaõ, que, os que os não querem ouvir, lhes metem compaixaõ; dizem esses, que da sua compaixaõ tirem a primeira syllaba, e ficará paixaõ. Fiquem-se com ella o *Critico*, e os da sua *Confraria*.

## CAPITULO VIII.

*Da Logica.*

**V**erdadeiramente, que nesta *Resposta* do *Critico* não he facil desculpar a injustiça, com que lhe dá principio. *Arsenio* na sua *Reflexão* principia dizendo, que a principal culpa, que os Filósofos da moda attribuem a Aristoteles, he; porque admittem fórmãs substanciaes, e accidentaes distintas: ao qual crime repetidamente chama o *Critico* prejuizo. Respondeo *Arsenio*, que não era pequeno louvor do Filósofo concordar em hum principio tão recebido em toda a boa Filoſofia, e Theologia; por quanto se não podia negar, que a alma racional fosse fórmula do corpo, como definiu o Concilio Lateranense: nem tambem, que haja actos do entendimento, e vontade sobrenaturaes, e por consequente distintos realmente da alma, que he Ente natural; nem que haja habitos sobrenaturaes de Fé, Esperança, e Charidade, e esta se perde com o peccado grave, e se recupera com a graça, que tambem he distinta da alma, e pertence aos accidentes. Desta materia tratarey em outro lugar. Tudo isto passa o *Critico* em silencio, e começa a sua invectiva com duas notas. He a I. *Duvidais, se o que disse o Critico da historia da Filoſofia he verdade?* II. *Dizeis, que dali não se tira nada.* Vamos á I. De que premissas infere S. P. esta duvida da Historia? O P. *Arsenio* diz: *Todas estas historias, sejam, ou não sejam assim, lhe concedemos de boa vontade.* Este termo he o mesmo, de que se usa, quando se propoem alguma couza, que não faz para o caso, dizendo: *Quidquid sit, transcat*; e isto não significa negar.



negar. Vê-se neste argumento : *Deus poterat aliquam creaturam producere ab æterno : ergo mundus ab æterno est. Possibile est infinitum actu : ergo datur de facto.* Poderey dizer aos antecedentes : *Quidquid sit : Sejaõ , ou não sejaõ verdadeiros , nego as consequencias.* Muito mais , que *Arsenio* accrescentou , que *lhas concede de boa vontade.* Que mais queria ?

Mas visto , que se não acõmoda com a resposta de *Arsenio* , eu agora lhe digo , que algumas partes da sua Historia são falsas. Quer , que seja sem duvida huma Historia , que começa muitos annos antes do Nascimento de Christo ? Mais moderna he a Historia Ecclesiastica do doutissimo *Baronio* , e em varios lugares pertencentes aos annos , e Consules , se lhe oppoem o Franciscano *Paggi* , e em outras o Cardeal de *Noris*. Muito mais modernas são as Historias dos Imperadores , e Reys Christãos , e que variedade não ha nos Historiadores oppostos huns aos outros ? A Historia dos nossos Monarcas he mais moderna , e logo no primeiro ha diversos pareceres a respeito da Rainha *D. Tareja* ; huns dizem , que he filha legitima , outros negão. Da Historia da Apparição de Christo ao Veneravel Rey *D. Afonso Henriques* , diz S. P. , que he erudição , que guardaõ os rapazes nas suas gavetas : e parece demasiado arrojo ; porque he fazer perjuro a hum Rey de tanta virtude , que deixou o caso firmado com o seu juramento. Alguma Nação estrangeira o nega , e em parte a Italiana , seguindo ao *P. Marianna* , a quem julgaõ por texto nas Historias de Hespanha : mas nesta parte o não he ; porque os Nacionaes fallaõ com mais sólidos fundamentos. O mesmo diz do óleo , que trouxe hum Anjo para a Sagração dos Reys de França , não obstante , que muita gente boa o affirma : entre elles o *P. Causino* na sua Corte Santa , tom. 2. pag. 149. No tûmulo deste

deste Monarca se conserva a memoria deste caso. Veja *Morum de Unit.* l. 7. c. 7. *Santo Thomás* no livro da Instituição dos Principes; *Clemente IV.* nas suas Questões: porêm a gaveta do *Critico* tem originaes mais authenticos! Muitos duvidaõ, se são verdadeiras as Leys fundamentaes de Lamego, e nas Cortes do Senhor Rey *D. Pedro II*, celebradas em Dezembro de 1679, se allegaraõ como verdadeiras, pedindo-lhe dispensa de huma clausula dellas para o casamento da Real Princeza *D. Isabel* com o Duque de Saboya. Destas controverlias estaõ cheyas as Historias, e só não podemos duvidar das que estaõ nos livros Canonicos. Accrescenta o *Critico*: *E nisto mostrais a vossa ignorancia, no que pertence a esta profissão*; que destes elogios he mais liberal, que prudente. Eu digo pelo contrario. Quanto mais he hum homem lido nas Historias, tanto mayor razãõ tem para duvidar de muitas: e não se deve de parecer com os rusticos, que lendo os Actos de *Maria Parda*, Jornadas do Conde *D. Pedro* pelas sete partidas do mundo, e Aventuras de *D. Quixote*, cuidaõ que são verdadeiras.

Com razãõ disse, que negava algumas das suas historias, e começando pela sua pag. 278, nego todo o diálogo, que alli conta, teve com hum Mestre, cujo defeito diz, que era *não malicia, mas ignorancia*. Introduzio este diálogo para allegar *Descartes*, *Galilei*, *Gazendo*, *Neuton*, *Malebranche*, *Baile*, *Regis*, *Le Grand*, *Maignan*, e *Saguens*. Se eu quizéra fazer destes catálogos, podia allegar milhares oppóitos, como *Petavio*, *Tirino*, *Reguêra*, *Vinhas*, *Mayr*, *Gabriel Daniel*, *Benedictis*, *Loffada*, *Aranha*, além dos mais antigos, *Soares*, *Vasques*, *Arriaga*, &c. A clausula, que accrescenta na pag. 279: *Visto isto temos, que as fórmas accidentaes no sentido de Aristoteles são de fe?* Respondo, que

que he de Fé haver fórmās substanciaes , e acciden-  
taes distintas ; e como estas saõ as que admite o  
Filosofo, atinou com a verdade ; e que com gran-  
de probabilidade se mostra ser a mesma , que defi-  
nio a Igreja. He o mesmo , que vemos na senten-  
ça de Aristoteles sobre a definição da liberdade,  
questaõ bem ardua , e de que se seguem varias re-  
soluçoens dogmaticas. Contra esta Filosofia Aristo-  
telica se armou *Vincentio Lenis*, dizendo : *Nihil ma-  
gis in hoc argumento de libero arbitrio suspectum esse  
debet , quam Aristotelica Philosophia . . . desinat hic  
obstrèpere Aristotelica Philosophia , quæ in istâ causâ  
cum Pelagio , atquè Juliano plenis buccis eam crepan-  
te damnata est.* A esta asserção herética respondeo  
o douto *P. Petavio* no seu *Elenchus Thiriacæ* cap. 3 :  
*Nihil est consultius , quam ut interpretes adhibeantur  
Aristotelicæ mentis , & Philosophiæ veteres , & eru-  
diti Theologi , quorum auctoritatem illi ipsi , contra  
quos contendimus , sanctissimam habere profitentur.  
Tales sunt , quos in libris de libero arbitrio nomina-  
tim percensui , quorumquè sententias accuratè descri-  
psi , Græci , ac Latini Patres.* E no cap. 4 : *Ex hoc  
itaquè Peripateticæ Philosophiæ fonte hausta sunt il-  
la , quæ de voluntate hominis liâber Christiana sapien-  
tia decrevit . . . Eadem Leges apud Nemesium c. 33.  
& sequenti , Maximum Martyrem , necnòn apud Jo-  
an. Damascen. l. 2. c. 22. in hac ipsâ liberi arbitrii  
notione , ac naturâ definienda cum Aristotele , Catho-  
licisque Philosophis , ac Theologis.* Sendo pois do-  
gma Catholico a liberdade humana , a qual os San-  
tos Padres , Theologos , e Filósofos reconhecem ser  
bem definida por Aristoteles , pergunte o *Critico*, se  
estâ definida pela Igreja a definição de Aristoteles?  
Responderey , que a Igreja declara a sua verdadei-  
ra definição , e que daqui se segue , que o Filosofo  
atinou com a verdade.

Destas

Destas palavras de *Petavio*, de cuja sabedoria não pôde o *Critico* duvidar, se pôde inferir, que com razão se devem negar algumas clausulas da historia Filosofica, que expende na sua *carta*, principalmente no que pertence a *Aristoteles*. Diz na pag. 284: *Já nos tempos de Cicero esta Escola se achava muito descabida. Não he assim. Cicero approva os Peripateticos in Tuscul. 2. c. 3: Mibi semper Peripateticorum, Academiaeque consuetudo de omnibus rebus in contrarias partes differendi non ob eam causam solum placuit, quod aliter non posset, quid in utramque partem verisimile esse, inveniri, &c.* Na pag. 286: *Os Theologos receberam benignamente Aristoteles, e pouco a pouco o introduziram na Theologia, o que soceddo no seculo decimo tertio.* Contra isso está a authoridade acima allegada do *P. Petavio*, que he bem clara, e nella se lê, além dos Padres Gregos, e Latinos, a que se remette, e floreceram muitos annos antes do seculo decimo terceiro, a *Nemesio*, que he do seculo oitavo. *Muzancio* nas suas Táboas diz, que já no seculo de duzentos para trezentos a alguns Padres parecia mais opportuno para a Religião Christã *Aristoteles*: *Aliis Patrum Aristoteles, aliis Plato hoc seculo Christiane Religioni opportunior videri cepit.* Veja, quanto distavam do seculo decimo terceiro? Continúa naquella mesma pagina dizendo, *que depois do seculo decimo terceiro, veyo Okam fundador da seita dos Nominaes.* E *Muzancio* diz, que appareceram os Nominaes no anno de 1000 para 1100, e he não menos que dous seculos antes do decimo terceiro: *In fine huius seculi dividuntur Peripatetici in Reales, & Nominales.*

Na pag. 287, e nas duas seguintes diz: *Desde o fim do Concilio de Trento, em que os melhores Theologos tinham aberto os olhos sobre a Theologia,*  
e co-



e começado a entender, que não se devia misturar com ella a Peripatetica, tinha esta descaído muito. Não pôde haver historia mais falsa; porque acabado o Concilio de Trento, apparecerão no Mundo todos os Theologos da Religião da Companhia, que são innumeraveis, e muitos de grande nome, e outros de varias Religioens, como tambem seculares, que todos são Peripateticos; e com razão se deve dizer, que do Tridentino para cá teve Aristoteles mayor sequito. Continúa o Critico a dizer: Mas depois que se virão atacados por estes modernos Filosophos, os quaes no principio deste seculo conspirarão todos (são bem poucos) para abrir os olhos ao mundo literario. Em algumas partes de Italia se virão obrigados a reformar o antigo methodo: tão persuadidos estão hoje, que não serve para nada. Com quão pouca razão queirão persuadirnos, que os SS. PP. approvarão a doutrina de Aristoteles; pois não sendo ella, ou pelo menos esta, que passa com o nome de Aristoteles, conhecida antes do seculo decimo terceiro, he bem claro, que os PP. não podião approvar huma coiza, que não conheciam. Os escritos dos PP. nada mais encomendão, que deitar fóra das Escolas Aristoteles. Tudo isto diz sem mais prova, que o dizêlo. As authoridades, que acima expendi, mostrão o contrario; mas não me contento com essas.

O P. Muzancio, sem controversia eruditissimo, diz nas suas Táboas no titulo da *Filosofia*, que já no anno de 100 para 200, sendo Imperador Marco Aurelio Antonino, os Hereges Carpocracianos *Platonem, & Aristotelem adorabant*. Tanta era a estimação, que delle tinham. No seculo de 400 para 500 Themistio, e Olympiodoro interpretarão Aristoteles. No seculo de 500 para 600 se lê este elogio: *Boethius Aristotelis libros aliquos Latinâ linguâ*

*primus donat, & Commentariis illustrat; hinc apud Latinos magis inclarescit Aristoteles. No anno de 1200 para 1300 diz: Hallensis, Albertus, & S. Thomas præcipue Aristotelem, quo Arabes contra nos abuti consueverant, Christianæ veritati servire fecerunt. No anno de 1200 diz, contra o que tantas vezes repete o Critico: Non Aristotelis opera, sed falsò Aristoteli adscripta damnata, & combusta sunt, ut Labbeus recte monet. No seculo de 1400 para 1500. Bessarion Cardin. & Marsilius Ficinus jam diu jacentem Platonis sectam erigere nisi sunt, sed conatu parum felici; semper enim à pluribus sæculis doctrinæ, & Religioni summorum virorum judicio Aristoteles visus est opportunior. Concorde estas historias com as da sua carta, e veja como deviaõ os Santos Padres mandar lançar fóra das Escólas a Aristoteles? O P. Tirino no seu Index Authorum traz em louvor dos Peripateticos, allegando a Sozomeno lib. 8. Tripart. Histor. e a Phocio in Bibliotheca, que: Themistius Euphradas Peripateticus Philosophus Christianus à Juliano Constantinopoli Præfectus epistolis ad Valentem Imperatorem Ariannum multum profuit Ecclesie. Scripsit etiam Orationes 14. & Paraphrasin in Aristotelis Physica, & Analytica.*

O P. Reguera Varaõ doutissimo, e que modernamente escreveo em Roma os seus tomos de Theologia Mystica, pag. 620, num. 858. diz, que he digno de se observar, que Nebridio Mundalhein copiou de Santo Agostinho varias resoluçoens Filosoficas, e todas saõ de Aristoteles; e no num. 860, alludindo á prohibiçaõ dos livros, diz, que foy *prò tunc, & donèc libri Aristotelici magis examinati purgarentur*; o que prova com as palavras do Papa. E com que diversas côres refere o Critico esta prohibiçaõ! Foy necessaria esta diligencia, porque Almerico, e seus discipulos abusaraõ destas obras vi-  
ciadas

ciadas para sustentarem os seus erros ; porque os Arabes em Africa, e Cordova de Hespanha tinham feito huma versão, e exposição dellas cheya de mil embustes. Examinadas porém depois, como desejava Gregorio IX : *Præfati libri* (continua Reguera) *reperiti sunt utiles à viris magnis, primum ab Alexandro Alensi, qui jussu Imoc. IV. non multò post Gregorium Aristotelis theoremata per totam (Summam) sparsit. Deindè Albertus M. mox S. Thomas ultimam manum imposuit utili, & correcto usui Aristotelis, post quem omnes Scolastici sine inconvenienti ullo fidei... Quinimo soli nuperi sectarii, qui sub prætextu Aristotelis Scholasticam contempserunt, inventi sunt deficientes à fide.*

Quanto aos muitos, que seguem a nova Filosofia, com os quaes vay acabando a sua historia Filosofica, citando a Descartes, Galiléo, 'Ticho-Brahe, Gasendo, &c. affirmando, que os melhores Theologos entenderão se devia tirar Aristoteles, e que os melhores Filosofos conspirarão para abrir os olhos ao mundo literario, são historias para os rapazes guardarem nas suas gavetas. A verdade he, que as Academias experimentaes são de muito proveito, e engenho para se descobrirem varios effeitos naturaes ; mas não infringem os principios Aristotelicos, com que os mayores homens ha tantos seculos tem affirmado a existencia da Materia prima receptiva das fórmãs, e a das fórmãs substanciaes, e accidentaes realmente distintas da materia ; como tambem ensinaõ, que da materia, e fórma resultaõ os compósitos ; que muitos effeitos além da Causa primeira tem causas segundas, de que procedem fysicamente, e outros principios Peripateticos. Todas as experiencias modernas provaõ algumas causas secundarias, das quaes se não prova a exclusão das primarias, como novissimamente prova o Domini-

cano *João Agnani*, (1) e o Jesuita *Loffada*; (2) de que em outro capitulo fallarey. E posto que obrigados das definições da Igreja concedaõ fórmulas substanciaes, accidentes, actos da vontade, e entendimento naturaes, e sobrenaturaes, retendo os mesmos nomes; são nomes, que realidades com difficuldade se colhem dos seus principios.

Digaõ embõra, que abrião os ólhos ao Mundo; que pelo contrario vemos o empenho, com que pertendem tirar as especulações Filosoficas, e Theologicas, querendo grande elegancia no Latim Escolastico; quando o principal he ser conciso, nervoso, e expressivo. Nos seus livrinhos se empenhaõ em trocar o estylo Dialetico em Oratorio, diálogos, cartas familiares, e conversações. São estes methodos excellentes para Cavalheiros, que não tem mais obrigação de estudos, que a sua louvavel curiosidade, para saber fallar nas materias com acerto. Não falta quem diga, que a Filosofia inculcada em semelhantes livros, he Filosofia de leigos, de capa, e espada, e de estrados. Monfr. *Aldrete* Doutor Veneziano a chamou Filosofia de Senhoras. Consta do livro, que imprimio em Milão no anno de 1737, e intitulou: *L'Newtonismo per le Dame, ovvero Dialoghi supra la luce, i colori*. Porém semelhantes compendios não bastaõ, para quem tem obrigação de se occupar em alguma destas Faculdades, quando deve procurar entrar pelo ânago dellas, quanto puder, valendo-se das questões especulativas para alcançar com mais probabilidade algumas das verdades, que não temos reveladas; e tambem para mayor explicação das reveladas, e saber dar razão dellas. Bem se sabe, que o engenho humano he muito limitado para alcançar

(1) Fr Ioan. Agnan. lib. 1. Prodrum. suæ Philosoph. (2) Loffada in Dissertat. Prælimin. ad Physic.



cançar scientificamente muitas couzas pertencentes ás causas fýficas, o que nos advertio Salamaõ no Ecclesiast. cap. 8: *Apposui cor meum, ut scirem sapientiam, & intelligerem disensionem, que versatur in terra .. & intellexi, quod omnium operum Dei nullam possit homo invenire rationem eorum, que sunt sub sole, & quanto plus laboraverit ad inquirendum, tanto minus inveniat: etiã si dixerit sapiens se nosse, non poterit reperire.* Assim fallava hum taõ grande sabio como Salamaõ; e porque era sabio, assim fallava. Sendo pois tanta a difficuldade de alcançar estas verdades, naõ he prudencia desprezar os principios, approvados por tantos seculos, e por homens doutísimos, e tomar hum novo caminho em muitas partes arriscado, por naõ se ajustar bem com algumas verdades definidas; mostrando a experiencia os absurdos, que se tem seguido de varias novidades, que se quizerãõ introduzir no Mundo.

Com melhor fundamento se póde dizer, que estes novos Mestres naõ saõ, os que abriãõ os ólhos ao Mundo, mas que elles saõ, os que pertendem introduzir com o seu methodo Filosofico, e Theologico huma grande cegueira. Léa-se o *P. Reguera* na segunda parte em toda a sua questãõ 6; com quanta energia o prova. Contento-me com transcrever o que diz na pag. 618. num. 849. e 850: *Quia non esset reformare novam Philosophiam, sed aliam intrudere: non modò esset transformare Philosophiam ab una in aliam, sed etiã Theologiam transformare, saltem Scholasticam; quandoquidẽ hæc in sua methodo dialectica, & in suis principiis extrinsecis metaphysicis, & physicis, ratione cujus methodi dicitur Scholastica, Aristotelica est. De factò qui novam viam philosophandi subeunt, plus minus à Scholastica tam Philosophica, quàm Theologica horrent; & omnia vellent tractari non disputationibus, sed dialogismis;*  
non

não vi consequentiarum, sed ornatu verborum; sola experimentalis mechanicâ in physicis, solâ historicâ narratione in Theologicis, Physicam ad Geometriam reducendo, Scholasticam Theologiam ad Dogmaticam. Quàm hæc non in melius, sed in deterius sunt, nemo non videt? I. Quia attenta veritate philosophica, non sunt potiora, & solidiora principia, quæ à novitatis produciuntur patronis. II. Quòd etiam ad Dogmaticam perniciosum esset recedere à Philosophia, & Theologia Scholastica. III. Quòd satis, superquè damni esset (quod utinam non experiremur!) disputandi vim amitti, scholæ terminos non percipi, quæ à maioribus exceperamus, continere... qui malunt expatiari liberè per campos amænos, quam restringi ad semitas veritatis. Quòd demùm est novo prætextu manus dare A catholicis, contra quos Catholici omnes steterant, hæc in re Scholasticam à scholis relegando. Absit invidia verbo (aiebat ponderose Canus l. 8. cap. 1.) nec enim minima Scholæ authoritas esse potest, quam parvi facere nemo sine fidei discrimine potest; connexæ quippe sunt, ac fuere semper post natam Scholam, Scholæ contemptio. & hæresum pestes. Concordem-se estas razoes com as historias do Critico.

Com grande fundamento disse Arsenio, que de toda sua historia Filosofica para o caso da reforma da Dialetica nada se concluía. As historias, quando não provaõ, o que se pretende, devem-se omitir; porque mais parecem contadas por affectação, que por utilidade. Que bem o disse Seneca: (3) *De illis nemo dubitabit, quin operose nihil agent, qui in literarum inutilium studiis detinentur, quæ jam apud Romanos magna manus est.* E nota aos Gregos de quererem averiguar, quantos remeiros havia na não de Ulysses: qual se escreveo primeiro, se a Illiada, ou a Odisséa, e se eraõ ambas do mesmo Author?

E accres-

(3) Senec. l. de Brevit. vit. cap. 3.

E accrescenta: *Eccè Romanos quoque invasit inane studium supervacua discendi!* He o que querem resuscitar estes novos sabios, que aborrecendo a especulação da Filosofia, e Theologia, a qual sem duvida lhes causará dores de cabeça, buscão novos inventos para se mostrarem eruditos: querem filosofar por experiencia, theoligizar por criticas; aprender por inscripções de colúnas, e medalhas antigas; o que tudo se lhes podia louvar, se o quizessem fazer, sem se intrometterem a condenar, o que não querem estudar: promovaõ sim a Physica experimental, e deixem os especulativos com o seu trabalho.

Na pag. 288. diz o Critico: *Eu sey de certo, que os Jesuitas se viraõ obrigados a reformar o antigo methodo, e introduzir estudos novos.* Para que he este empenho de alistar na sua Confraria os Jesuitas? Eu sey de certo o contrario, e o vemos claramente nos livros, que ha pouco tem dado a luz, nos seus manuscritos, e o testificaõ, os que lá estudaraõ, ou de lá escrevem; e não o podiaõ fazer, sem faltar (o que não costumaõ) ás severas prohibiçoens, que tem, de varias sentenças destes novos Filósofos. Na pag. 293 diz, que os Peripateticos a cada proposição acrecentão huma larga cadeia de argumentos, que hum homem adiantado teria trabalho em responder. Parece grande exaggeração, como se póde ver nos livros da Escolastica: quando porêm se nega alguma proposição, o prova-la com a razão exposta em hum, ou outro syllogismo, he meyo mais conciso, e nervoso, que diálogos, ou discursos oratorios. Lêa o seu allegado Facciolato na Oração ad Dialect. & Rhetor. *Nos quia verum tantum, & veri proxima querimus, Syllogismis, atque Inductionibus disputamus ex ipsa rerum natura petitis, & ad exquisitas artis leges castigatis.* Na pag. 300 diz, que o syllogismo não serve  
para

*para desfazer os Sofismas.* O contrario he a verdade; que esta foy a causa, que obrigou a Aristoteles a compor, e ensinar os modos de concluir, e confundir os Sofismas, que no seu tempo tinhaõ adquirido estimaçaõ: e he muito naõ achasse o Critico esta hiltoria, quando a podia ter lido em o mesmo *Facciolato in Orat. 13. ad Dialect.* fallando de Aristoteles: *Cum in ea tempora magnus hic Philosophus incidisset, quibus Megaricæ captivæ valerent, eoquè plus famæ sibi quisque compararet, quò plures posset suis interrogationibus irretire, & in arctum compellere; id seriò cogitare cœpit, quomodo insanam istam veritatis contaminandæ cupiditatem extingueret, vanosquè homines ad silentium adigeret.* Itaque ratiocinandi artem ingenti contentione scribere aggressus, miras subtilitates excogitavit, quibus tanquàm clavo clavum, istiusmodi fallacias truderet. Conta Bernini no 2. tom. seculo 4. cap 9, que Secundo, e Teona Bispos Arrianos com syllogismos apparentes, e sutis enganaraõ muitos Bispos, Parochos, e mulheres para seguirem a sua heresia: se estes fossem bons Dialecticos, talvez que os dous Hereges naõ os pervertessem. Na pag. 302 diz, que os *Escolasticos fazem grandes discursos Dialecticos.* O contrario devia dizer, que para serem breves usaõ de estylo conciso Dialectico. E naõ faz ao caso a amplificaçaõ, que compoz de sua casa com huma cadea de syllogismos, que naõ ha de achar em algũ bom Escolastico, para provar esta proposiçaõ: *Quer vos bem, pois vos tenho obedecido:* mas quando fosse necessario usar de outros syllogismos para provar o negado, he o meyo mais breve; do que se quizesse proválo com historias dos muitos, que obedeciaõ ás pessoas, que amavaõ. Por ora digo, que he inepto modo de provar o amor com a obediencia. Muitos obedecem por temor, outros por conveniencia



veniencia propria, e nettes não he a obediencia final de amor, antes talvez aborrecerão aos mesmos, a que obedecem.

Não he justo, que passe sem reparo algumas clausulas da *Resposta* contra as *Reflexões* do P. Fr. Arsenio. Disse este, que a Filosofia experimental era digna de estimação, mas que não destruía o systema Peripatetico: e de caminho trouxe por exemplo o pezo do ár, e que para bem se devia fazer a experiencia junto da Lua, onde o ár não tem mistura dos vapores, e exhalacoens, que facilmente pôdem causar aquelle pezo; e que se Aristoteles negou o pezo do ár, ou fallou delle livre dos vapores, ou respective aos corpos mais crassos; mas dado que se enganasse, o que era proprio dos filhos de Adão, que por tão leve culpa não merecia o Filosofo ser desterrado. Respondeo o Critico: *Que bela graça! Estivestes vós já algum dia junto da Lua para saber, se tem vapores, exhalacoens, e atmosfera; ou medistes já a altura do ár para saber, se chega até a Lua? Grave impugnação! E S. Reverendissima passou já pelos campos da Lua para saber, se o corpo della era como o da terra; e para medir os seus montes? Ha de dizer, para fallar verdade, que não. Pois para que accrescenta no parágrafo seguinte: Por ora só vos digo, que a Lua he hum corpo como a terra solido, e opáco, cheyo de valles, e montes mais altos, que os nossos. A verdadeira resposta he, que tudo se affirma com grande probabilidade. Mas para que veja, como Arsenio naquellas breves palavras ferio o ponto da questão, faiba agora, que Aristoteles, sem noticia das novas experiencias, affirma, que o ár, que nos cerca, era pezado; assim o diz no texto 30, fallando dos elementos: In sua regione omnia gravitatem habent, præter ignem, etiam aer ipse, signum autem est, quod*

Pp

plus

*plus trahit inflatus uter, quam vacuus.* Mas donde procede essa gravidade? Pergunte-o ao *P. Benedictis*, que he *A. moderno, Italiano, e Peripatetico*, e lhe responderá no l. 6. *Physic.* que *immediatè infra Lunam* (e mais não foy lá) *non esse ignem, qualem hic habemus, sed substantiam tenuissimam, quæ propter nullam, aut exiguam halituum mixtionem Æther appellatur*; e se lhe perguntar, em que se distingue *Aer* de *Æther*? Responderá no cap. 4. q. 2: *Aerem per se esse tenuissimum corpus, Ætherem sciicet ipsum... qui, ubi à corporum, præsertim aquorum, halitibus impurior evadit, & crassior, aeris nomen subit.* Pergunte mais, se tem pezo? E dirá na q. 1. c. 4: *Ætherem, qui ad aeris confinium ad firmamentum usquè protenditur, esse corpus positivè leve.* Porém na q. 3. c. 4. diz, que he pezado o ár: final claro, e evidente, que falla delle pela razão da mistura, que tem; porque aslendendo, que *Aer*, e *Æther* he o mesmo, só a gravidade daquelle provém dos vapores, que este não tem: assim como diz o mesmo do fogo; que de si he leve; mas que este, de que usamos, *fumis, & terreis halitibus impuratum* tem gravidade; e assim se prova das experiencias de *Roberto Boyle*. Daqui deve inferir o *Critico*, quando estiver mais livre dos vapores da paixão, a muita probabilidade, com que disse o *P. Arsenio*, que a gravidade do ár se não podia provar, sem se fazer a experiencia no lugar livre de vapores, e exhalações, e que a tal questão não era incognita ao *Filosofo*.

Continúa com a sua censura na pag. 61. da *Resposta*. He o caso. Disse o *Critico*, que tirando alguns syllogismos da primeira figura, os mesmos são superfluos, e ninguem usa delles. Respondeo *Arsenio*, que já isso era velho, e o confessava o *P. Arriaga*. S. P. chama a esta resposta *calúnia*; porque

que *Arriaga* não diz tanto, como elle, e falla só de huma Materia. Diga nos porêm, onde descobre a calúnia? Se *Arriaga* disse menos, isso he bastante, para que o seu dito não seja velho? Se *Arriaga* falla só de huma materia, como he a do uso do syllogismo, essa he a de que se trata: as demais materias tanto Filosoficas, como Theologicas, são da Dialectica, ainda que esta sirva para argumentar em todas. Porêm ainda que os syllogismos de mais figuras sejam embaraçados, e de pouco uso para argumentar, não he acertado, que quem dicta, ou imprime a materia, deixe de explicar todas para não ser diminuto, como se faz nas mais materias, e o *Critico* o pratica em historias, e nomes de *Authores*, em que he nimio. Com isso não se obriga, a quem lê as materias, que estude tudo: passe o que lhe parecer. Reprehensivel seria o *Author*, se allegasse figuras falsas; porque nesse caso ou era ignorante, ou queria enganar.

Concedeo o *P. Arsenio*, que as Filosofias Portuguezas, e principalmente nos Universaes, e Sinaes, traziaõ algumas questoes, que se podiaõ omittir. Dá logo porêm duas razoes, que servem de desculpa. Primeira: que os arguentes tem a culpa levantando essas duvidas, e são causa, de que os *Mestres* as discutaõ; porque se o não fizerem, com essas futelezas ficarão os seus discipulos em apertada confusaõ: e só se podia evitar com huma ley, feita com legitima authoridade, que prohibisse falar em taes questoes. Segunda: porque ao menos servem para apurar o discurso: e se vemos tanta superfluidade em vestidos, carruagens, e ornatos de casa; e muitas vezes, sabe Deos, se com o remedio dos pobres, a quem se não paga; e nisso não querem reforma, donde lhe vem tanto zelo contra os *Escolasticos*, que, se procuraõ estes ornatos da es-

peculação, não lhe fazem injuria? Não se satisfaz o *Critico* empenhado nesta refórma, cujo motivo se não esconde; e diz, que, se não se emenda por malicia, são condenaveis: mas já dey a razão, que basta, para se absolverem. E se o fazem por inadvertencia, que devem ser avisados. E quem o chama cá para esses avisos? Quer com isso estimular a quem lhe dê huns poucos?

Na pag. 62 da mesma *Resposta* vem outra accusação. Disse o *Critico*, que não ha discurso, que persuada, e não seja em virtude de algum syllogismo; mas que daqui não se segue, que sem a noticia distincta dos syllogismos, não se possa explicar bem, e que tudo prova com o exemplo de mastigar. Serve esta razão para sabermos, que ha Dialética natural, de que se valem, os que tem boa percepção, e só quando muito, sabem ler, e escrever, os quaes ajudados de hum discurso natural, raciocinão optimamente, principalmente quando se defendem; porque neste caso *vexatio dat intellectum*. Bem se vê, que este deve ser o intento do *Critico*, pois traz a prova do mastigar, que he couza, que até os innocentes sabem, e os brutos vão buscar o alimento, que mastigão, e engólem; o que tudo sabem sem ensino. Porém o *P. Arsenio* mal se podia persuadir, que esta era a idéa da Logica promettida; e porisso lhe disse, que humas vezes approva, outras reprovava a Dialética artificial, e os seus syllogismos: e com muita razão; porque o exemplo do discurso, que acima aponta, junto com o exemplo do mastigar, bem mostraõ querer provar, ser escusada a Logica artificial, sobpena de se não trazerem a proposito.

E não só deste argumento, mas de muitas clausulas da sua carta, se póde inferir a incoherencia, com que procede nesta materia. Na pag. 290 diz,



diz, que alguns fizeram tratados, em que se podêsse aprender o modo de se não enganar. A isto chamando *Logica*, ou *Dialectica*. E mais abaixo: *Logica* nenhuma coisa he mais, que hum methodo, e regra, que nos ensina a julgar bem, e discorrer acertadamente. Isto deve-se entender da *Logica* artificial, pois falla em tratados para aprender, methodo, e regra, que ensina. Ora reparemos agora na pag. 296. Eu lhe deixo considerar (diz elle) se quando provão, o que lhe negão, ou discorrem familiarmente, o fazem, porque se lembraão das regras; ou se o fazem, porque assim se costuma discorrer no mundo; e a lição, que tem tido, lhe subministra os argumentos, e meios termos, e a natural penetração, que cada hum tem, lhe mostra com a maior prontidão a conexão das partes. Quando o homem quer provar, o que lhe negão, nunca se serve de taes arengas. O homem ignorante das regras.. vay direito á razão, e busca aquellas, que conduzem ao seu intento... Esta mesma razão me dá fundamento para dizer, que he melhor, que se não falle em taes regras. Eis aqui claramente regeita a *Dialectica* artificial. Fallando da demonstração *Mathematica*, accrescenta, que o syllogismo não fez mais, que mostrar a conexão das partes. E na pag. 299: O syllogismo mostra sómente a união do meyo com os extremos: elle mostra sómente a união dos extremos entre si em virtude da conexão com o meyo, que já está conhecida. Eis aqui já lhe dá serventia.

Na pag. 300 diz: O syllogismo não dá a boa ordem das idéas, e percepção; porque isso faz a alma per si só. Mas logo accrescenta: Serve sómente de pôr em certa ordem as poucas idéas, que nós temos. Valha-me Deos! Não dá a boa ordem das idéas: põe em certa ordem as idéas. São textos antinomicos. Continúa dizendo: O maior uso, que tem, he nas disputas dos Escolasticos, onde ás vezes dá a vitoria.

vitoria. O mais informado nesta arte confunde com elles, e convence, o que não he tanto. Aqui confessa, que serve esta Dialetica, para que o defendente não fique vencido. Mas logo quer provar a sua inutilidade com hum argumento, que nada prova; porque diz, que nunca se vio, que aquelle, que fica vencido, passasse para a opinião do contrario. Combeccerá, que não sabe responder, mas não receberá tanta luz, que haja de passar para a parte do seu adversario. Isto porém não he culpa da Dialctica; porque se ella fosse espada, que ferisse, o sangue fallaria, e mostraria quem era o vencido: porém como disse Ovidio: *Qui velit ingenio cedere rarus erit*; e Seneca na Epist. 82. diz, que o vencido, *Ad confessionem perductus aliud respondet, aliud sentit*. Na pag. 302 diz: *Além disso acho outra nova razão para desprezar totalmente estas doutrinas: vem a ser o enfadonho methodo, que introduzem em todo o genero de discursos: não ha coiza mais desagradavel, e confusa, que hum longo discurso Dialettico. Pelo contrario não ha couza mais Laconica, que huma prova com ordem Dialetica: quando passa a discurso, enfadonho he, se igualmente passa a discurso declamatorio, como este do Critico, enfadonho pelo muito que repete o mesmo, já amplificado de hum modo, já de outro; e o mais he, que na pag. 305 se esquece do que disse nesta; porque lá confessa, que se pode usar do dito methodo, quando se quer introduzir hum dialogo, para evitar os discursos compridos, e oratorios.*

Mas vamos á sua pag. 303, na qual começa assim hum parágrafo: *Diz-me á V. P. que este meu discurso tem por fim condenar todo o syllogismo, e desterrar do mundo todos os livros, que se explicão por syllogismos, e mostrar, que não só são inúteis, mas prejudiciaes. Mas a isto respondo, que não he*  
essa

*essa a minha intenção.* Bem está; temos já approvado o tratar da *Dialetica* artificial. E porque se havia de persuadir o Padre, a quem o *Critico* escrevia, que havia a minima razão na sua carta para provar, que se devia desterrar a *Dialetica*, e que era inutil, ou prejudicial? Nella não se lê couza, que tal possa, ainda levemente, persuadir. Na pag. 304 diz: *Com tudo aprovo, que se aprenda alguma noticia mais geral.* Aqui dá licença para algum estudo da *Dialetica*; accrescenta porém, que se pôde fazer em duas palavras. Melhor seria mostrá-lo, que o dizê-lo he facil. Diz mais, que o *sylogismo* pôde ter seu uso entre aquelles, que desde rapazes estão costumados a elle. Aqui não só o approva, mas dá a entender, que não he estudo tão embaraçado, que os rapazes o não possam perceber. Finalmente conclue com dizer: *Quizera porém que a gente reconhecesse, que o sylogismo vale dez, e não cem mil.* Não sey, quem até aqui o puzesse em venda, e pedisse por elle mais do que val; como porém no pedir não ha engano, cada hum offereça, o que julgar que val; advertindo, que o que tiver necessidade delle, não deve reparar, se lhe custar mais caro, do que a muitos, a quem não serve a tal mercadoria; e tambem quem comprar hum bocadinho da *Dialetica*, menos lhe custará, do que se a quizer toda.

Acaba este parágrafo com dar hum bom conselho, e he o seguinte: *Sirva-se cada hum do que quizer, e mais lhe convier; o que importa he, que os Peripateticos não julguem todos pela mesma medida, e da falta de oculos nos outros, não infiram, que todo o mais mundo anda ás cegas.* E porque não tomam estes novos Reformadores esse conselho para si? Para que nos diz o *Critico*, que a sua gente abriu os olhos, e nós andamos cegos? Quando se persuadem, que a sua vista he mais aguda, tenham esse pensamento

mento por tentação do inimigo", e que he engano da sua imaginação. Todos temos necessidade de óculos para ver algumas couzas, e muitas nem ainda bastão microscópios para as descobrirmos. Devemos reconhecer a limitada esféra do nosso entendimento, como nos adverte *Salamão* acima allegado, e em muitas couzas todos andamos ás cegas, e ás apalpa-délas; e cuidar o contrario, he imaginação mal regulada. Nas materias opináveis o mais prudente he seguir o que tem fundamentos mais sólidos, e com mais geral approvação; porque mais vêm quatro ólhos, que dous. De todas as clausulas tiradas da *carta do Critico* se prova manifesta a muita razão, que teve o *P. Arsenio* para dizer, que humas vezes approvava, outras reprovava a *Dialetica* artificial, e os seus syllogismos.

Passa a outra nota. Disse o *Critico*, que se explicassem a hum rapaz: *Aquelle ramo, que rês naquella porta, he final, que ali se vende vinho, que o ha de entender. Ora falle V. P. por estas palavras: Aquelle ramo he final ex instituto do vinho, que se constitue por hum respeito da dependencia do acto da vontade, &c.* Depois de toda esta arenga *Filosofica* o tal rapaz entenderá muito menos, o que lhe dizem, do que se lhe falassem em *Caldéo*. Respondeo o *P. Arsenio*, que tambem se eu disser ao rapaz este *Latim*: *Ramus ad ostium appensus significat vinum venale*, não me ha de entender; não por ser escura a explicação, mas porque lha digo em lingua, que elle ignora. Queixa-se agora o *Critico*, querendo desculpar-se, e diz, que elle fallando no que experimentaõ os *Mestres* com os *estudantes* dissera, que dizendo-se a hum destes, que o ramo he final de vinho pelos termos communs, logo entende, se pelos termos *Filosoficos*, que com difficuldade entende. Não sey, que quer provar com isto. O estudante vay á *Filosofia*  
para



para aprender, que o ramo pendurado a huma porta significa vinho de venda? Quanto isso sabe qual-quer marióla. Deve saber filosoficamente, que couza he final arbitrario, a dependencia, que tem da vontade, por cuja causa significa vinho, e não azeite, para isso deve servir a doutrina, e explicação do Mestre; assim como confessa o *Critico*, que o que se diz no *Priori*, & *Posteriori* da Logica, não se explica aos rusticos, mas aos Filósofos principiantes. Tudo, o que agora diz na *Resposta*, he méra desculpa; e lêa-se o parágrafo allegado na pag. 295, e não se achará o que diz agora, mas em substancia o que acima delle copiey; nem as palavras, que agora acrescenta, *com difficuldade entende*, nem ahi traz mais, que afirmar, que a mesma explicação dita por termos cômuns clara, e por termos Filosoficos escura, se diz ao mesmo rapaz. E por boa consequencia se vê, que o reparo do *P. Arsenio* foy muito ajustado.

A ultima censura contra o *P. Arsenio* he, porque nesta *carta* não apparecia a Idéa promettida de huma Logica. Por esta causa despéde contra elle huma grande trovoadá de injurias, que, por virem com tanta repetição, e sem artificio, não fazem abá-lo aos prudentes, que as lêem; porque, como disse o Filosofo: *Ab assuetis non fit passio*. O *P. Arsenio* não allegou para prova do seu dito, nem eu tambem agora allego, testemunhas de longe; allego o mesmo livro, e carta, na qual a pag. 308 traz o titulo: *Idéa da Logica*: mas se alguem souber Dialectica, ainda que saiba de cór, o que diz nos seus trinta parágrafos, eu me dou por convencido. Não pertence á Dialectica artificial; que desta he que se falla; ensinar a materia, em que se ha de argumentar, ou seja sobre actos intellectuaes, ou substancias, accidentes, corpo, ou espirito, &c. e ou seja

Q1

o argu-

o argumento na Filosofia, ou na Theologia, Mathematica, ou Direito, e qualquer outra sciencia, porque isso não lhe toca; assim como a Rhetorica não assigna a materia, sobre a qual o Orador ha de discorrer. Occupa-se todo o artificio da Dialetica em ensinar o modo de argumentar, como nos pudémos valer das razoes, que acharmos póstas em boa fórma, e methodo; e tambem ensina os modos, que são inuteis, e não servem para com elles provarmos, o que pertendemos.

Isto supposto, occupa o *Critico* os seus parágrafos em explicar, como se adquirem os conhecimentos, divide as idéas da nossa mente. falla na causa dos nossos enganos; por final que só para si os não admite; diz, que o methodo Analytico se emprega em conhecer a verdade de muitas questões, e para adquirir conhecimentos: falla em methodo Sintetico, Didatico, ou Didascalico, e conclue na pag. 320 com estas palavras: *Tendo visto o modo, com que o estudante se deve regular no methodo das sciencias.* E da sua confissão se infere, que até alli fallou em geral das sciencias, e ainda não tem chegado á idéa da Dialetica. Só pode estar nas palavras, que traz no mesmo parágrafo, e vem a ser: *que se deve argumentar com razoes, e não com palavras, fogindo de Sofismas, e quem quizer servir-se de syllogismos, o pode fazer; porém parece-lhe, que muitas vezes sem syllogismo exporá melhor as suas razoes, servindo-se de hum methodo de dialogo.* Eis-aqui as regras, que traz para se aprender a argumentar. Vamos ás regras para o defendente. Em summa diz, *que se o arguente se servir de syllogismos, pode seguir o mesmo methodo; e que se lhe pozereu Sofisma, o reduza fora da fórma, não deixando passar proposição obscura:* (cá em Portugal dizemos *escura*) *que se não explique, como fazem os Peripatc-*

*Peripateticos, que se lhe distinguem humna proposição com termos incognitos, mandaõ que a expliquem; e que pondo-se o estudante neste principio de não deixar palavras confuzas, como fazem os Geom. tras, verá que se acabaõ as disputas. Grande documento! E cuida, que fica assim o defendente metido em hum fino? Conclúe logo: Com isto tenho dado em breve humna idéa da Logica. Razaõ tem, porque não a ha mais breve; mas falta sabermos, como havemos de aprender Dialectica, que era o ponto. Bem entende o Critico, que na sua carta não está o tratado de Dialectica; e porisso entrando a visitálo, quando isto escrevia, hum amigo lhe perguntou, se sabia de alguma boa Logica? O qual lhe respondeo, ter humna, de que lhe deo individual noticia, e como lha approvou, fazia o amigo conta de a imprimir; e acaba: Deos o permita. Eu digo, que sendo boa, Deos o queira; porque Deos permite o máo, e porisso são muito para temer as suas permissoens.*

O que posso dizer he, que não apparecendo nesta carta a idéa da Logica, onde tinha o seu proprio lugar, tanto nesta, como nas outras, se achao quantidade de consequencias mal tiradas, e pessimamente deduzidas. Só na primeira da Grammatica se achao bastantes; sirva de exemplo: diz na pag. 7, que os Romanos tendo escola para aprender a sua lingua, a ella se applicavaõ homens grandes, e nella gastavaõ hum tempo consideravel. De sorte, que homens grandes aprendendo humna lingua viva, e que já fallavaõ, ainda assim gastavaõ nesse estudo tempo consideravel; e no titulo da segunda carta diz: *Nova idéa de humna Grammatica Latina facilissima, com que em hum anno se pôde aprender fundamentalmente Grammatica*; sendo para os rapazes esta lingua morta, haõ de aprendêla fundamentalmente em hum anno, e os homens grandes Romanos gastavaõ tempo

*consideravel?* Segundo exemplo: na pag. 5. continúa: *Porque muitos não entendem o que significa este nome Gramatica, porisso não fazem grande progresso nella.* Grave argumento! Da etymologia de hum nome depende o saber-se Grammatica? Hum rustico ignorante, ouvindo explicar a significação daquelle nome, nada sabe de Grammatica; e hum estudante póde saber todas as regras da Grammatica, sem saber a sua etymologia.

Terceiro na pag. 10: *Deixe-me V. P. lamentar, e admirar a negligencia dos Portuguezes em promover tudo, o que he cultura de engenho, e utilidade da Republica.* A proposição he tirada de hum animo empenhado a dizer mal; mas vamos ao que accrescenta: *Especialmente noto isto sobre a falta de escritos para instruir hum Secretario principiante.* Deste defeito de não haver instrução para hum Secretario, que he particular, infere huma falta geral de tudo, o que he cultura de engenho; como se différa: Pedro he ignorante, logo todos são ignorantes. Quarto: notando, que se ponha nas cartas o titulo de pay, irmão, &c. dá esta razão: *O que tudo póde dar occasião a abrir a carta por curiosidade.* Com que se levar aquelle titulo, meterá curiosidade para se abrir; se não o levar, não haverá tal curiosidade? He tal o argumento, que com a mesma Logica se póde fazer pelo contrario. Se levar o titulo, não haverá aquella curiosidade; se o não levar, póde havêla. Quinto: na pag. 14: *Nas lingoas mortas faço escrupulo de mudar hum letra; mas nas vivas, em que nós temos todo o poder, e uso:* assenta, que se não deve escrever letras dobradas: o argumento para ser bom, devia ser para inferir o contrario, e dizer: Nas linguas vivas temos o poder, e uso; atqui o uso dos que podem, que são os Nacionaes, he escrever letras dobradas: logo com ellas se deve escre-



escrever. Basta isto por amostra do panno, e inferirmos a sua Logica: em havendo occasião, que não faltará, apontarey outras semelhantes consequencias.

## C A P I T U L O IX.

### *Da Metafisica.*

**N**A sua *Resposta* diz o *Critico*, que tendo mostrado evidentemente a inutilidade, e impertinencia da *Metafisica* vulgar, e o prejuizo que fazem os que demoraõ a mocidade com semelhantes arengas, *Arsenio* passa por tudo isto sem responder huma só palavra. Se elle quizesse responder a tudo, o que dizem as *cartas*, devia fazer outros dous tomos ainda mayores; porẽm assim como ninguem obrigou o *Critico* a escrever as suas *cartas*, salvo se foy o desejo de se mostrar erudito, assim tambem não era *Arsenio* obrigado a responder a tudo; e o seu silencio não foy approvaçãõ da obra, quando muito podia ser dissimulaçãõ, julgando que o que se lê naquella *carta* critica, só podia causar grande aceitaçãõ em pessoas, que não querem cansar-se com especulaçoens, que necessitaõ de mayor applicaçãõ, e se divertem com as experiencias da mechanica, que causaõ mais gosto. Costumados ao divertimento de vêr aquelles instrumentos; a ouvir a razãõ, tal ou qual, porque a agoa sóbe na bomba; o fogo faz quebrar as pedras; o rayo desce com grande impeto; achaõ notavel desprazer em se applicar a discursos de outra casta. Parecem-se estes com os que se costumaõ a viver de esmólas, que, ainda tendo boa saude, não querem ganhar o sustento trabalhando; porque exercitando aquella

vida

vida descansada , o tem certo na charidade dos fieis. Desta variedade se compoem o mundo, huns applicando-se á especulação , outros ao pratico; e como os estudos destes não embarçaõ os daquelles, não he prejuizo , que haja no mundo ambos. O mesmo *Critico*, que entendo não será muito velho, não se dedignou de revolver as materias especulativas Peripateticas , para agora nesta critica mostrar , que se occupou em as lêr; e tenho por sem duvida , que não estará arrependido de ter gasto algum tempo neste estudo. Não duvido , que se a sua critica *Metafisica* se lêr em huma casa de conversa , onde tão-mmente se achem homens , que não professão estes estudos , ficarão persuadidos , que tem muita razão, e que o que reprova, he escuzadissimo; porque quem não sabe a *Arte*, não a estima.

Os que sabem , que couza he este genero de estudo , não se capacitarão das razoes do *Critico*; senão estiverem possuidos de alguma particular preocupação ; nem devem julgar , que seja prejuizo demorar a mocidade com estas , que continuamente chama arengas; como se bastasse porlhe esta alcunha , para fazer desterrar as especulaçoens; porque ao menos servem , para que, os que estudaõ, possaõ facilmente penetrar qualquer difficuldade , ainda que seja de si embarçada. Lêa-se a quem não estudou, nem está costumado a especulaçoens , huma figura de *Euclides*, deduzindo humas consequencias de outras , até concluir: *Quod erat demonstrandum*: com grande difficuldade ha de perceber , o que , com muita facilidade alcançará , quem está costumado a especulaçoens. Se os que vão á *Filosofia*, determinão seguir outro modo de vida , prejuizo terão em lá se demorarem; e para não sentirem esse damno , tomem logo o caminho , que devem seguir; mas quem fallar com acerto nas materias

rias especulativas, deve estudalas. Servem-lhe os Universaes para saberem, que couza he razaõ commua, na qual convem muitas couzas; e não se admirará, como succede aos rusticos, que tambem os homens são animaes; como tambem quaes são as proposições universaes, particulares, e singulares, e a razaõ, porque, convindo entre si varias couzas, humas differem mais, que as outras; e saberá a razaõ, porque sendo verdade que todo o homem he animal, nem todo o animal homem, por ser mais ampla a razaõ generica, que a especifica. Saberá que couza seja Genero, Especie, Diferença, Proprio, e Accidente; e como humas destas convêm essencialmente, outras necessariamente, e outras contingentemente.

Deixada a Fyfica experimental, serve a Especulativa para saber, que couza he composto humano, de que partes consta, que são materia, forma, e uniaõ, com que se ajuntaõ: saber só estes nomes, he o que basta para os rusticos, mas não para quem quer entender. Qual he a proporção, que tem essas partes; que couza he Materia prima, e porque se chama assim; se he indifferente para receber qualquer forma; quaes são as suas propriedades; se he operativa, ou puramente receptiva; que couza he forma, e uniaõ; e se esta póde separar-se das partes, que une, assim como as partes se podem separar della? Entra-se logo a disputar, que couza he causa, e se produz por acção distinta de si; se he o mesmo ser causa, que o seu termo producto ser defectivel; questaõ agitada entre Latinos, que affirmavaõ, e Gregos, que o negaõ; e porisso não duidavaõ dizer, que o Pay era causa do Verbo Divino, quando os Latinos só dizem que he Principio. Devese passar adiante, e inquirir as causas particulares, e as suas espe-

especies de Efficiente, Material, Formal, Final, e Exemplar, e saber, qual he a sua natureza, e como produzem?

A *Metafisica* occupase em saber mais geralmente, que couza he ente positivo, e se o negativo he o mesmo que *Nada*; e sendo-o, como he quasi certo, que objecto tem o acto, quando se termina á negação? Explica as suas propriedades transcendentaes *Unum, Verum, Bonum*; quem não estudou, ficará admirado ouvindo dizer, que hum acto de mentira tambem tem aquella verdade; e que hum acto máo da vontade, e até o mesmo demónio, participão daquella geral bondade. Explica, quanto a nossa limitada esfera póde alcançar, que couza he substancia corpórea, e espiritual; que couza he subsistencia, se he distinta, ou indistinta; noticia, que vem a servir para de algum modo se dar razão da distincção das tres Divinas Pessoas, e porque razão o Verbo Divino *assumpsit humanitatem, & non hominem*? Explica, quantas sortes ha de accidentes; se necessitaõ de alguma couza, em que se sustentem, para existirem sem milagre: e assim melhor se percebe o milagre da Eucharistia; e tambem se a impenetrabilidade provém da quantidade? Pergunta, se póde huma entidade ter no mesmo tempo ubicações em diversos lugares? E com isto dá alguma razão da Existencia real de Christo no Ceo, e na Eucharistia. E finalmente varias reflexoens curiosas sobre estas materias, que por tantos seculos trataraõ homens de tão alta esfera, como *Santo Thomás, Escoto, Soares, Vasques*, e outros muitos, com quem se não devem comparar, nem igualar estes Filósofos modernos; e muito mais, que ainda actualmente se trataõ estas questoes não só na nossa Espanha, mas fóra della, como se mostra dos livros, e manuscritos, que de lá vem, e o testemu-

nhaõ



nhaõ os que lá estudaraõ. Confesso, que nestas materias se trataõ algumas queitoens escusadas, de que já dey a razão no cap. antecedente, e a dá *Reguera* na sua Theologia ha pouco impressa em Roma, o qual propondo esta meina inutilidade em algumas queitoens, responde na 2. p. do t. i. l. 2. q. 6. §. 863. p. 620: *Verum hoc jam est vitiose nimis, à secumiam quid tale migrare in simpliciter tale; ab eo, quod est per accidens, ad id, quod est per se, a vitio quorundam, & per sonarum, ad vitium commune omnium, & rerum in se... hoc totum est per accidens ad substantiam rei, quæ in se optima, & utilissima est, in multisque doc.issimis semper floruit, & riget; quidquid sit de aliquibus notæ minoris.*

Nesta reflexaõ traz o Critico quatro reparos contra o *P. Arsenio*. He o primeiro: que devia mostrar, que não havia defeitos na Metafisica; e que, como os não mostrou, segue-se, que o Critico tem razão, e não a ha para o condenarem. E onde achou ser o mesmo não responder a huma couza, e confessála, e dar por certo tudo aquillo, a que se não responde? A regra de Direito: *Qui tacet, consentire videtur*, só se entende, sendo *in commodum, & non in danum*; e tambem ha outra: *Is, qui tacet, non fatetur*. Nem para reprovar o seu discurso he necessario provar, que a Metafisica tratada pelos Peripateticos he *utilissima*. He preciso, que logo subamos ao superlativo; não bastará parar no positivo? Eu lhe provarey, que he *utilissima*, com condiçaõ, que me prove primeiro, que o seu *Methodo de estudar he verdadeirissimo*: que as experiencias do pezo do ar são *utilissimas*, e todos os AA. que inculca, são *proveitosissimos*: que quanto diz he *singularissimo*. Não me provará, que seja *utilissima* a questaõ, em que se pergunta, se os meninos, que estaõ no Limbo, são atormentados com a pena *sensus*, como lhe chamaõ os Theologos? E

com tudo ião *Santo Agostinho* a trata largamente ; e em varios lugares se inclina á parte affirmativa , ainda que a negativa de *Santo Thomás* he a mais cõmuã.

Disse o *Critico* no summario da sua carta : *Explicase , que coiza he Metafisica , e se mostra , que he inseparavel da Logica , e Fysica.* Respondeo o *P. Arsenio*, que o dividir as questoes do Ente em varios tratados não he erro ; e posto que humas partes tenham connexão com as outras , não obsta para se tratarem com separação , e divisaõ de varias materias ; huma considerando o Ente de hum modo , e outra de outro : como nem tambem errou o *P. Soares Granat.* tratando toda a Filosofia debaixo do unico titulo de *Metafisica* ; porque pertencendo quanto á razãõ do Ente , se pôdem dividir em tratados as diversas sôrtes do Ente. Não he menos , que identificada em Deos a sua Sciencia com a sua Vontade , e os seus Atributos ; e com tudo para mayor clareza dividem os Theologos os tratados ; hum de *Scientia Dei* , outro de *Voluntate* , e outro de *Atributis*. No mesmo *Critico* temos outra prova. Se a *Metafisica* he *inseparavel da Logica , e Fysica* , para que dividio estas materias em tres cartas ? Huma he da Logica , outra da *Metafisica* , e passa a outra da Fysica. Dirá , que assim lhe servia para mayor clareza da sua critica : o mesmo fazem os Peripateticos. Não achou o *Critico* outra resposta , que dar ás razoes bem claras do *P. Arsenio*, senão esta : *Que profundo pensamento ! Não se diz coiza melhor. Mas que tiramos daqui contra o que diz o Critico ? Isso deixo eu á consideração dos que lerem.* Eu digo o mesmo.

O que daqui se tira he , que não he verdadeira a sua definição , em quanto diz , que a *Metafisica* he *inseparavel da Logica , e Fysica* ; porque  
se

se podem separar estas materias. Confessa o Critico na sua carta a pag. 4, que Silla Litador, ou Apellido Atbeniez, tendo disposto em varias classes as obras delle (Aristoteles) uniraõ todos os mais livros, que julgaraõ não pertencer para a Logica, ou Fysica, ou outra Faculdade, e lhe deraõ este titulo: Metafisica, que vale o mesmo, que livros postos depois da Fysica. Que erro pois he seguir esta ordem, e reservar para a Metafisica, o que se não tratou na Logica, e Fysica? Diz no parágrafo seguinte, que não temos necessidade de seguir esta ordem. Se não ha necessidade, basta que haja mais clareza. Se vay a fallar verdade, a questãõ he *de lana caprina*. Quanto ao que diz da estimaçaõ da sua obra, que por ella responde toda Lisboa; respondo duas couzas: a primeira he, que se S. P. quer provar nas suas cartas, que tudo em nós he ignorancia, e que andamos com os olhos fechados, como agora appella para a approvaçaõ dos mesmos? Segunda: que a isso póde responder aquelle Poéta, que descrevendo o engano de Narciso, contemplando-se no espelho de huma fonte, conclúe: *In re quisque sua fallitur, estquè puer*.

A segunda censura he a respeito do R. mo M. Feijó. Argúe a Arsenio, porque disse: *A mayor culpa, que o Critico dá a Feijó, he, porque nos seus escritos se aproveitou do que traziaõ os outros*. Pois não he culpa, e grande dizer S. P. delle, que *explicava muito mal, o que tirou das Collecções Regias, e que só agrada aos ignorantes*? Não he culpa o aproveitar-se do que disse Aristoteles, e porisso mesmo, que se meteo a Peripatetico, *não he Filosofo, nem nunca o foy*? Isto basta para o canonizar, e saber, que nem na Fysica, nem na Logica pode discorrer bem. Livrára-se o P. Feijó de se aproveitar das Collecções Regias, e das opinioens de Aristoteles, e fi-

cava livre das culpas, que por essa causa cõmetteo! Disse mais o Critico na sua carta: *Quanto a alguma erudição, que dá... quem tem na cabeça boa Logica, não necessita de ler aquillo. Estas erudições são cafos, que conta, e semelhantes allegações. E que mal ajustada acha a resposta de Arsenio: Como se a Logica fosse hum conglobado de todas as couzas? Continúa a defender se agora na sua Resposta, dizendo: Que importa, que o Critico nomee as pessoas, se falla sómente dos estudos, e falla com respeito dos mortos, e vivos? Sem duvida, que ou já se esqueceo do que disse nas suas cartas, ou nós não sabemos ler! Bastava para lhe mostrar o contrario repetir-lhe o summario dellas. He respeito dizer, que o Clero de Portugal he ignorante? Que os Portuguezes tem desmedida presunção de Juristas? Que não podem saber Medicina, e que os remedios pela mayor parte são imposturas? Não he isto dar a entender, que são embusteiros? He bom fallar com respeito dizer, que F. cabio na simplicidade; F. não soube o que disse; F. não era tão letrado, como se dizia; F. era doido, e merecia ir para o hospital, e outras muitas clausulas, que não allego, por evitar a occasião de se lerem!*

Só repetirey o grande respeito, com que trata ao P. Feijó. Agora na Resposta a pag. 66. confessa, que sómente dissera, que Feijó tem muita coiza boa, mas que alguma coiza, que na Fysica diz menos má, he o que tirou das Colleções das Academias Regias. Mas que nisso mesmo tem muita coiza má; e que pelo menos he inutil a hum Filozofio. Generosa confissão! Ora ouça o mais, que disse nos ultimos tres parágrafos da sua carta. I. Digo, que para hum homem, que ha de seguir a Filozofia, póde ser prejudicial, e não póde delle tirar coiza boa. II. Não ensina bem. III. Diz alguns erros gordos. IV. Nem he Filozofio, nem nunca o foy. V. Nem na Logica, nem na Fysica pode discorrer bem. VI. Da Mathema-



*Mathematica nada sabe.* VII. *Só agrada aos ignorantes.* VIII. *Os homens de juizo claro deixão a sua liça aos idiotas.* De caminho diz, que o seu antagonista Mañer, *porque não entende as materias, disse muita parvoice.* E em que incoherencias não cahe depois desta censura? Elle diz: *Examine V.P. as materias do Feijó á luz de huma boa Logica, e verá, que qualquer homem de juizo dirá o mesmo.* Se pois o que elle diz, póde dizer hum homem de juizo, como he prejudicial, e d'elle se não póde tirar couza boa, nem ensina bem, nem discorre bem? Como approva o que elle disse do proverbio: *Vox populi, vox Dei*, e os exemplos, com que o mostra? Como approva o que diz sobre os espiritos foletos, e diz, que *tudo isto persuade a boa razão?* E o confirma com o que disse *Lanceloto* no seu livro *L' Oggidi*.

O imprudente empenho do *Critico* em dizer mal dos meismos, a quem devia louvar, o obrigou a fingir nesta *carta*, que hum certo Collegial fazia estimação das obras do *P. Feijó*, para bulcar occasião de as satyryzar. Não he pequena contradição sua (erro em que frequentemente tropeça) esta: *Disse muita coiza; o que tem menos máo tirou das Collecções Regias; e tem mais graça ser tudo dito na mesma proposição!* A primeira clausula desfaz a segunda, e a segunda desmente a primeira; porque quem diz muita couza boa, não diz tudo máo: e quem o melhor que diz, he menos máo, nada do que diz he bom; sómente a respeito do peor, não he tão máo, mas sempre he máo. A sentença, que profere contra este erudito Padre, de que as suas obras são prejudiciaes a quem as lêr; que só se devem permittir a idiotas; e semelhantes desprezos vem a cahir sobre os muitos, que são de contrario parecer, não digo já de Hespanha; ainda que isso bastava para confusão do *Critico*,

*tico*, que se não tem as qualidades necessárias para medir a espada contra a erudição, talento, e critério de *Feijó*, menos a tem para a medir contra huma inteira *Marchia*; mas cahe sobre os mesmos Italianos, que conforme a sua sentença ficam sendo idiotas; porque fizeraõ tres traduções das obras de *Feijó* na sua lingua, e as imprimiraõ: huma na mesma Roma, (veja se dá lá com ella?) segunda em Veneza, e terceira em Napoles; mostrando com isto, que estimaõ estes escritos: e na realidade tiveraõ bom gosto. Segue-se da sua sentença, que tambem mostrou ser idiota o doutilino Abbade *Franconi* na Dedicatoria do 1. tom do *Theatro Critico*, feita ao Embaixador de Veneza, onde diz: *Al celebre Teatro Critico dell' eruditissimo Feijó, che á meritata l' approvazione, e il plauzo di tutta non solamente la Spagna, come delle molte impressione di esso fatta puo veder si, ma di que l' litterati ancora di altre nazioni, e specialmente di Rom.* Como este Abbade vive em Roma, sabe a estimação, que lá tem esta obra; porque não está preocupado do empenho condenavel de dizer mal de tudo, o que he bom da nossa Hespanha: o que muitos attribuem a refinada inveja, talvez porque presume, que as suas cartas do *Methodo* não teriaõ a estimação das do *Feijó*, como certamente não tiveraõ, antes desprezo.

Cahe tambem esta sentença do *Critico* contra hum Grande Jesuita o Eminentissimo Cardeal *Alvaro Cienfuegos*, o qual escrevêo de seu proprio punho ao erudito *Feijó* huma carta com a data de 27 de Junho de 1733, cuja copia he a seguinte.

*Reverendissimo mio.*

„ Este viêjo Presbytero es un singular venerador  
 „ E de los talentos, con que Nuestro Señor quiso  
 „ emi-

„enriquecer el entendimiento, y el génio de V.  
 „Rma. Ellos son tan grandes, que parece haver-  
 „selos Dios comunicado à fin de quitar la vanidad  
 „à los ingenios de su siglo: yà se considere aquella  
 „affluente nativa Eloquencia, que no necessita de  
 „mendigar flor alguna del Arte, porque las espar-  
 „ce todas prodiga la Naturaleza en su estilo: yà la  
 „erudicion casi infinita: yà una indecible gracia,  
 „como si se destilasse de todas las tres fabulosas una  
 „quinta essencia: yà un ingenio transcendente, que  
 „respira por cada clausula, como si estuviesse or-  
 „ganizada, y como si intentasse desmentir el co-  
 „mun sentimiento, de que vâ muerta la razon en  
 „la letra. Y aunque todo esto admira mucho; me  
 „causan mas alta admiracion la modestia, y la hu-  
 „mildad, que parece que vãn arrastrando à su due-  
 „ño por todos sus escritos. Por lo que desearia yo,  
 „que V. Rma. enseñasse al mundo desde sitio mas  
 „alto, desde el qual, quanto mas distante, se per-  
 „cibe la voz del Magisterio, tanto mas atenta, y  
 „distintamente. Tengo el honor de ser Abad en el  
 „Monasterio de Monreal de nuestro Gran Archi-  
 „patriarca San Benito, gloriandome mas de es-  
 „to, que de ser su Arzobispo: y assi tuve especial  
 „consuelo de reconocer los escritos insignes de un  
 „hermano mio, que son gloria de la Religion Be-  
 „nedictina, y honor immortal de la Nacion Espa-  
 „ñola. Ni V. Rma. estrañe, que una, ù otra plu-  
 „ma haya querido obscurecer tan bello dia, como  
 „amaneciò en su Critica; pues aunque parece emu-  
 „lacion, no es sino rabia de vèr su ingenio volar  
 „por tanta altura, que se puso fuèra de tiro à la  
 „embidia. Vale, scribe, & ora pro me.

Tambem esta sentença do *Critico* cahe con-  
 tra o Benedictino Cardeal *Angelo Maria Quirini*,  
 Nobre Veneziano, que escrevendo em 7 de Mar-

ço de 1749 ao mesmo Feijó; mandandolhe algumas obras, que tinha composto, diz: *Dezezojo yo mucho tiempo há de bazer conocer a V. Reverendissima la distintissima estimacion, que hago de su talento verdaderamente admirable en la arte Critica, e assi mismo en otras Ciencias mas sublimes, &c.* Finalmente esta mesma sentença he contra o Doutíssimo, e Gloriosíssimo Pontifice *Benedictus XIV*, que de presente occupa a Cadeira de S. Pedro, que na sua *Carta Pastoral*, expedida em 19 de Fevereiro de 1749, encômendando aos Bispos do Estado Pontificio procurem, que a musica dos templos seja grave, e não como a theatral, cita nella tres vezes com honra ao P. Feijó no discurso, que fez sobre a *Musica dos templos*, disc. 14. tom. 1. do *Theat. Crit.* mostrando, que lê, e estima as obras deste verdadeiramente doutíssimo P. Diz mais o *Critico*, que Feijó o menos não que disse, he tirado das *Coleções Regias*; mas isto he falso, como se vê combinando humas obras com outras. Toda esta fábula seria tirada de hum mentiroso carta, que escreveo aos Literatos de *Trevoux* D. Francisco Antonio de Texeda, que estafou a muitos *Draguistas* com o pretexto de ter achado a pedra Filosofal, a quem Feijó impugnou no disc. 8. do 3. tom. Qual será porém hum das razoes, porque o *Critico* tanto se empenha contra Feijó, e diz, que nem he, nem foy *Filosofo*? Eu o digo: he porque elle não abraçou os *systemas* Filosoficos modernos de Descartes, Gzendo, e Nevvton, e no tom. 2. disc. 1. §. 3. reprehende com acrimónia os modernos, que tratao com desprezo a *Aristoteles*. Esta he toda a sua culpa, quando com isto mostra o seu profundo juizo, e que se não deixa levar de todas as novidades. Meu *Critico*, contra o acreditadíssimo Mestre Feijó só fallão Escriitores (escrevedores) pedantes, mendigos, e pla-



plagiarios, cujas obras, ou retalhos de outras obras, são escritos *de pane lucrando*, semelhantes aos de certo Author novíssimo, de quem falla o mesmo Feijó no tomo 3. das suas Cartas pag. 408.

Começa outro parágrafo da *Resposta*: Na terceira começaes com hum grande falsidade, dizendo, que depois da critica do Feijó, se segue hum grave reprehensão aos Peripateticos; porque depois da critica do Feijó não se segue nada na dita carta. Seria grande falsidade, se na carta não estivesse a tal reprehensão; mas logo ha de ser grande falsidade o trocar-lhe os lugares? He couza de grande importancia, e que faz muito para o caso! Quanto mais, que *Arsenio* diz couza diversa: não affirma, que a critica do Feijó vem antes da dos Peripateticos; diz sim, que depois de responder á do Feijó, segue-se para o mesmo *Arsenio* responder á critica dos Peripateticos. Pergunte agora, porque não poz a resposta pela mesma ordem da carta? Por cortar tão grave questão, poderá dizer, que não quiz: E porque S. P. quer responder em outro lugar, eu faço o mesmo.

A quarta censura he esta: *Fazeis aqui hum largo discurso, condenando o A. de ter criticado os actos primeiros proximos, e remotos. O Critico mostra entender bem estas palavras; não quer entender a arenga, que com ellas se forma na Fysica, e Metafisica. Se não quer, ninguém o obriga; mas não queira tambem obrigar os mais a não entenderem: e não he o mesmo. não querer, que serem culpados os ditos termos: diga mal das arengas, quando as haja; porém não diga, que os mais doutos Peripateticos confessa, que he hum embrulhada terrivel; porque redondamente o nego. Como porém permite, que a sua reflexão fosse leve, não me canso mais, e passo a reparar em algumas das muitas couzas, que diz nesta sua carta.*

Ss

Na

Na pag. 2 conta de hum Castelhana , o qual disse , que ametade deste Mundo vivia da opiniaõ da outra ametade ; e parecendo-lhe diminuto, diz , que *dos 9999 todos vivem da opiniaõ do decimo mil.* E qual ha de ser esse decimo mil, a quem se deve seguir seguramente , e sem perigo de errar ? Será S. P. , ou qual ha de ser ? Qualquer , que assine , logo ha de haver Critico, que diga , que fazem mal , e não escolhe- raõ bem: tal he a diversidade de pareceres neste Mundo. Conta mais de hum santo Religioso , que se admirava dos muitos , que não seguiaõ a Reli- giaõ Catholica; e elle lhe deo a razãõ: *porque não examinavaõ fundamentalmente as razoes , porque a abraçaõ.* Acõmodando agora o caso : quem saõ , os que não examinaõ fundamentalmente as razoes pa- ra escolherem as opinioens; os que allega S. P. , ou os que citaõ os Peripateticos ? Estes saõ os doen- tes , a quem na pag. 3 receita purga , sangrias , e vomitorio ? Elles diraõ , que o achaque he dos con- trarios , e que se curem com esse remedio, que lhe póde servir.

Na pag. 6 diz , que discorrem peor , os que julgaõ , que as especies do objecto representaõ o Animal , e Racional , sendo tudo a mesma couza ; a saber , a nossa alma , que discorre , e sente. Não ha duvida , que a mesma he principio desses actos; porẽm os actos saõ diversos: reparando pois o En- tendimento na distincãõ , ou variedade dos actos , como tem virtude precisiva , separa intencionalmen- te a potencia sensitiva da cognoscitiva ; e onde vay aqui o máo discurso ? O mesmo vemos , que se ob- serva a respeito dos Attributos Divinos. Em Deos tudo he a mesma couza indivisivel realmente ; mas porque humas vezes manifesta a sua Justiça casti- gando , outras a sua Misericordia perdoando ; já a Omnipotencia produzindo , já a Sabedoria conhe- cendo ;

cendo; distingue o nosso Entendimento em Deos os attributos de Justiça, Misericórdia, Onnipotencia, e Sabedoria; e nem porisso dizemos, que em Deos se distinguem realmente, e toda a distincção faz o entendimento, como potencia, que pôde *adunata dividere*: e onde vay aqui neste discurso o supposto falso, como diz S. P.? Doutamente, e em breves palavras prova tudo isto o P. *Benedictis*. (1) Pergunta elle: *Utrum intuitiva cognitio possit esse præcisiva?* Responde, que sim, e traz dous exemplos. I. *Dùm quis credit Deo, aut Deum amat, novit intuitivè eos actus, sed utrum supernaturales sint, an naturales, ignorat.* II. *Qui animal à longe videt, certus est de existentia, incertus de differentia.*

Accrescenta mais, que os brutos tem algum genero de discurso; e affirma, que ou he manifestamente falso, ou ao menos muito duvidoso, que o Racional seja differença do homem. Se pudésse provar, que o discurso dos brutos não era material, e improprio, mas da mesma casta, que o dos homens, boa estaria a sua opiniaõ; mas que couza he discurso dos brutos? He hum acto appetitivo material, regulado pelo instinto natural, com que fogem do que he nocivo, e procuraõ o que lhes he util, sem chegarem a conhecer couzas insensiveis. Não assim o do homem, que he verdadeiro discurso, e alcança a connexaõ, que tem humas couzas com outras, ainda que sejaõ insensiveis. Bellamente explica tudo isto Santo Thomás: (2) *Dicendum, quòd aliter invenitur impetus ad opus in brutis animantibus, & aliter in hominibus. In brutis fit impetus ad opus per instinctum nature; quia scilicet appetitus eorum statim apprehenso convenienti, vel inconvenienti, naturaliter movetur ad prosecutionem, vel fugam.* Lêa o P. *Peta-*  
 Ss 2 vio,

(1) P. *Benedicti*. l. 7. *Physic.* q. 5. cap. 4. [2] D. Thom. 1. 2. q. 17. art. 2 ad 3.

vio, que he Author de nome, no seu *Elenchus The-  
riacæ* cap. II. n. 13: *Ex hoc fonte Peripateticæ, Chri-  
stianæque sapientiæ certa ratio veræ, propriæque li-  
bertatis, & hujus à brutorum appetitione discrimen  
pétitur. Nam utraque ex cognitione, ac judicio pro-  
cedit: sed bruti judicium ex naturali inclinatione, id  
est, instinctu proficiscitur, & idcirco est uni affixum,  
ac determinatum, neque plura inter se comparat, ut  
ex ea intentione quidpiam anteponatur alteri, quia ne-  
cessariò illi unum prosequendum, aut vitandum objici-  
tur. Homo verò rationem sequitur, quæ plura cogno-  
scit, & inter se comparat.*

O P. Benedictis (3) A. Italiano passa a mais;  
e diz ser de Fé contra os infames Hereges Gnosti-  
cos, que os brutos não são racionais, afirmando  
o seguinte: *Certum deinde mihi est, sensum ejusmo-  
di non modò discursivum, sed neque judicativum in  
rigore esse posse per veram, formalemque compositio-  
nem, ac divisionem. De discursu res est comperta;  
tùm quia fide sanctum est adversus Gnosticos bruta ra-  
tionalia non esse; tum quia ubi discursus, ibi intelle-  
ctus, & rationalis animus; quare vel in nobis anima  
erit mortalis perinde, ut in brutis; vel in his immor-  
talis erit anima perinde, ut in nobis, si in discursi-  
vis, adeoque præcipuis operationibus cum iis conveni-  
mus; quum etiam hic gradus erit ad libertatem, meri-  
tumque, & nihil supererit, quo à bellis secer-  
nari. De judicio eadem videtur ratio, &c. Hiero-  
cles Pythagorico no livro de Nuptiis conheceo esta  
verdade, quando disse: *Animalia imaginationibus ad  
ea, quæ cõmoda sũt, attrahentibus, & impellentibus  
cupiditatibus ducuntur. Nobis autem natura rationem  
indidit. E para mostrar a improbabilidade da opi-  
nião do Critico, basta a cõmun, e geral persuasão  
dos homens, que sempre julgão os brutos por irra-  
cionaes,**

(3) P. Benedict. lib. 8. Physic. cap 8.



cionaes; e como taes os trataõ, e nomeaõ, julgando, que nelles val o mesmo serem brutos, que irracionaes.

Na pag. 7 diz, que *o Vacuo he hum ente muy real, e nada dependente da imaginaçãõ*. Não sey, de que Filosofia sahio esta nova, e verdadeira entidade! Até aqui julgávamos, que o Vacuo era o mesmo que nada, e estávamos persuadidos, que o nada não era ente muy real, e independente da nossa imaginaçãõ. Sahiria talvez de Carthesio, que ensina ser a essencia do corpo a extensãõ de comprido, largo, e profundo: mas como daqui infere, que he impossivel Vacuo; sendo impossivel, não pôde ser Ente muy real. Se entende por Vacuo, o que ficaria em huma casa, se Deos lhe tirasse todo o ar, e por conseguinte, como havia a extensãõ, ainda ficava entidade substancial: dado este despropósito, como falta este predicamento aos Aristotelicos, como ahi diz, se elles se lembraraõ do predicamento da Substancia? A doutrina de Carthesio neste ponto he erradissima; porque della se segue, que na Eucharistia não temos o Corpo de Christo; porque alli não tem a extensãõ de comprido, profundo, e largo. Segue-se mais, que, se Deos aniquilasle este Mundo, ainda ficava a extensãõ, e por conseguinte substancia corpórea, a qual devia ser conservada por Deos livremente; porque nenhuma creatura tem existencia necessaria, mas toda dependente da livre vontade de Deos; e se a não quizesse conservar, e não produzir couza alguma em seu lugar, eisahi ficava o espaço, que agora occupa o Mundo, reduzido aos mesmos termos, em que estava antes da sua creaçãõ, e este vacuo era nada; e se era nada, não pôde ser *ente muy real, e independente da nossa imaginaçãõ*. Se o Critico quizer ver bem convencido este delirio Carthesiano, lêa o *P. Aranha* in *Metaph.* p.1. d. 6. q. 1. art. 3.

art. 3. Na mesma obra achará bom divertimento; lendo os argumentos, que traz contra a Filosofia de Tósca este claro Escriitor, que soube descobrir as incoherencias daquelle Atomista, e de tal sorte, que nas suas incoherencias apparecesse Tósca contra Tósca egregiamente convencido.

Na mesma pagina diz, que se envergonha de repetir, o que dizem os Peripateticos das tres propriedades transcendentis do Ente, *Unitas, Veritas, Bonitas*. Eu, se me envergonhasse de dizer huma couza, não havia de fallar nella; mas isto são exaggerações para dizer galantarias contra a explicação destes tres attributos; como se não fosse facil dizer o mesmo contra as suas explicações. Grande Author he, e por todos os titulos muito grave, o Cardeal *Bellarmino*, e com tudo não se envergonhou de usar da unidade do Ente, para com ella provar, que não havia mais que hum só Deos. Veja-o nas suas Controversias, onde achará o seguinte. (4) *Tertiò probatur rationibus. Prima ratio. Deus est summum ens, ut patet Exod. 3. Ego sum, qui sum. Igitur Deus est summè unus. Nam Unum est passio entis, & proinde quò aliquid est magis ens, est etiam magis unum.* O mais he, que cuidando, que desfaz na definição, que os Philosophos dão á unidade, diz ser melhor esta: *Ser hum, he não ser dois.* Desta sua definição não se segue, que *ser hum* não seja o mesmo, que *ser tres*. Se porém he boa a tal definição, nella temos huma regra geral para definir tudo por termos negativos, e digamos: *Ser agoa he não ser terra; ser Sol he não ser Lua; ser homem he não ser bruto; ser vidro he não ser pão.* E acrescenta, que toda a disputa da Individuação vay pelos ares; porque o que tem de bom, o sabemos sem isso. Ou o sabe, porque o tirou da  
boa

[4] Bellarmin. Controvers. lib. 1. de Christ. cap. 3. pag. 239.

boa razão, ou porque o colheo dos livros: se da boa razão, nem todos tem tão grande capacidade, e he bem se ensine; e se o tirou dos livros, não deve condenar a quem nelles o diz. Depois de fallar nas questões especulativas do Ente da razão, Negação, e Privação, diz o que significão estes nomes; mas que basta, se digão de palavra aos discipulos. Este modo de ensinar he, como quem vay de caminho: e se os discipulos se esquecerem, que máo he, que se lhes dê essa doutrina por escrito?

Diz mais a respeito da célebre divisaõ do Ente em Divino, e Creado, que se o que perguntaõ he: I. *Se tanto Deos, como as creaturas, existem? A isto pôde responder qualquer criança, que saiba fallar.* II. *Se querem comparar a existencia de Deos com as creaturas, são loucos.* III. *Se dizem mais alguma coisa, nada nos importa, nem serve para as ciencias.* Não pôde haver resolução mais arrojada! Huma criança pôde dizer, se Deos tem necessaria existencia? Se existe *ab eterno*, e se ha de existir para sempre? Se he summamente independente? Se he Ente simplicissimo, immutavel, immenso, e incorpóreo? Se cooperando connosco para tudo o que obramos, ainda nos deixa liberdade para obrarmos? Na verdade, que não são desculpáveis semelhantes exaggeraçõs em materias tão graves! Em que Peripatetico achou, se era Catholico, que a existencia Divina era comparavel com a nossa? E que sendo a nossa contingente, tambem o seja a de Deos? Na terceira clausula me causa mayor admiracão. Della se segue, que basta saber, como qualquer criança, que Deos existe; tudo o mais *não nos importa, nem serve para as ciencias.* Deixem os Contemplativos o considerar na Grandeza de Deos; e da belleza, que vêm nas creaturas, levantar o pensamento a contemplar a Ferosura Divina. Não considerem

dêrem o inexplicavel gozo, que tem os Bemaventurados na sua Visão beata, e eterna. Não nos importa para as sciencias saber, que Deos tem infinita perfeição, e he Omnipotente; que são muitos os seus attributos; infinita a sua Sabedoria, e que he hum na Essencia, e Trino nas Pessoas: tudo isto são bagatêlas, que não servem para as sciencias, e enganou-se *S. Paulo*, quando nos disse na sua Epistola *ad Rom. c. 1. v. 20*, que das couzas visiveis nos podemos ajudar para alcançar as invisiveis de Deos: *Invisibilia ipsius à creatura mundi, pèr ea, quæ sunt facta, intellecta conspiciuntur*. Saber mais do que diz a Cartilha, não importará a quem se não applicar aos estudos: v.g. ao official, que todo se emprega no trabalho das suas obras; assim como a estes lhes não importaõ as experiencias da Fyfica mechanica, as resoluçoens de Nevvton, as intoaçõens da Solfa, e as mais couzas, que não são do seu officio. Estes he, que se haõ de rir, ouvindo fallar nestas, e semelhantes especulaçoens; porque na materia são ignorantes: e o mesmo fará o amigo, que o *Critica* insinúa no §. 2. da pag. 9. Alli com muita graça diz, que o Mestre, que se cansa em disputar o que pertence aos entes da razão, merecia estar fechado, e fazendo toda a vida entes da razão. Podia ter por companheiro aos que se occupaõ em especular, como sóbe a agoa na bomba; condenando-os a se occuparem sempre em tirar agoa para as officinas do hospital.

Tambem he boa a impugnação, que faz contra a definição da Possibilidade; porque diz, que a explicaõ por huma não repugnancia de extremos; e que perguntados, que couza seja esta não repugnancia de extremos, respondem, que, se se puzessem *à parte rei*, não se dariaõ contraditorios: e tornando a perguntar, que couza he não se darem contradi-



contraditórios, só devem dizer, que Deos os póde produzir: e conclúe, que vem a dar em hum circulo vicioso. Esta em summa a sua critica. Deve porém saber, que não he circulo vicioso, quando se dá por fundamental razão, o que he primeiro principio; por quanto nelle se pára; e se perguntaõ mais, responde se: *Patet ex terminis*. Em todas as definiçoens podemos ter a mesma critica; e não afinará alguma, contra a qual se não possa fazer a mesma quantidade de perguntas. Sirva de exemplo a definição, que affina na sua pag. 13 ao Accidente. *A cor* (diz elle) *consiste na diversa disposiçaõ da superficie de hum corpo, que reflecte a luz*. Se eu lhe perguntar, que quer isso dizer? Responderá o que lhe occorrer; mas não se livrará, que do mesmo, que disser, lhe peça eu a explicação, e tere-mos circulo vicioso.

Na pag. 12 diz: *Sendo a questãõ do Espirito taõ controversa entre as melhores penas da república literaria; e sendo hum dos principaes fundamentos para provar a existencia de Deos, he couza digna de admiraçaõ, que estes taes Metafisicos a suponhaõ certa*. A sua admiraçaõ neste ponto me causa a mim muito mayor admiraçaõ! R. P., a questãõ controversa entre os melhores sabios Catholicos só he o investigar, qual seja a essencia do Espirito; mas nenhum Catholico duvida, que haja Espirito, por ser couza certa de Fé, e de que estaõ cheyas as Escrituras Sagradas; e porisso he fóra de caminho admirar-se, que estes Metafisicos a suponhaõ certa. Se não a suppoz certa Tito Lucrecio, Epicuro, e Esinosa, erraraõ, e nenhum Catholico deve fazer caso de semelhantes disparates. Agora tomára, que nos dissesse, em que A. achou, que a questãõ do Espirito he hum dos principaes fundamentos para provar a existencia de Deos? O Cardeal Bellarmino no

no seu 1. 1. c. 3. traz bastantes provas para intimar, que ha Deos, e não se vale de tal questão. O *P. Tirino* (5) expende oito fundamentos para provar a existencia de Deos, e nenhum delles he a questão do Espirito. Na Filosofia se pergunta, se se pôde mostrar com razoes naturaes a existencia de Deos? E não necessitaõ de recorrer á questão do Espirito, nem os Theologos no *Tratado de Deo*. Porém o meu mayor reparo he em combinar as suas duas clausulas; huma diz: *Sendo a questão do Espirito tão controversa; he couza de admiracão, que estes Metafisicos a suponhaõ certa*. Temos logo, que se esta questão he controversa; e erraõ, os que a suppoem certa; tambem fica controversa a existencia de Deos, e muito mal provada? Porque de premissa controversa, e que se não deve suppor como certa; assim como a do Espirito; não pôde sahir conclusão certa, e infallivel, como he a existencia de Deos.

Tambem he debil a prova, que expende, para provar na sua pag. 13, *que a cor não he hum entidade distincta da substancia*. Em outro lugar repararey, o mal que esta proposição concorda com a cõr da Hostia consagrada; vamos á prova, *A cor de hum pedra rustica he hum accidente*. Concedo. Vay por diante a prova. *Aquella cor se muda, sem nova produçãõ, somente com alizar a pedra*. Nego que se mude, e tambem a falsa supposiçãõ, de que o alizar a pedra lhe dê nova cõr verdadeira; porque, a que entãõ se manifesta, he apparente, causada da luz reflectindo nessa pedra liza; assim como sãõ apparentes as cores do arco Iris. Eis-aqui com quanta facilidade se desfaz todo o seu argumento, e com elle nada prova contra os Aristotelicos. E que diria, se lhe affirmassem, que he provavel, que

*Aris-*

[5] Tirino Controv. 1. de Deo.

*Aristoteles* não conheceo senão cores apparentes; que pôde dahi tirar contra o Filosofo? Tambem he falso, que digão os Aristotelicos ser a diafaneidade huma entidade distinta da substancia; assim como huma estatua de pedra não he entidade distinta da pedra: e se algum disler o contrario, digo que errou; e que tem com isso os mais Filosophos Aristotelicos?

E que direy destas suas palavras na pag. 11. fallando da possibilidade. *Nesta materia basta saber, que aquillo he possivel, que Deos pode produzir. Daqui para diante tudo, o que se affirma, são parvoices; porque nem sabemos, nem temos idea alguma do possivel.* Assento na sua razaõ, que he certa; mas da-me a curiosidade perguntar, se pôde o Pay gerar segundo Verbo Divino? Hade responder, que se he possivel, pôde; se não he possivel outro Verbo, não? Eu porém não quero repostas condicionadas; quero, que me diga, se pôde, ou não? Como Catholico deve responder, que não he possivel outro; porque sendo a existencia essencial a Deos, tudo o que de Deos não existe, nem he Deos, nem he possivel. Eis-ahi sua P. lançado fóra da sua regra geral: agora digame se foy parvoice a resposta, que deo; que não he possivel outro Verbo? Vamos ao que diz na pag. 12. *Achey hwn, que provava, que se podia dar spiritus volens, & non intelligens. . . Verdadeiramente não sey, se os que affirmão a possibilidade desta substancia, entendem bem o que dizem: eu supponho que não, pelo menos eu não os entendo.* Que paradoxo aqui vay! Se sua Paternidade confessa lizamente, que os não entende, como pôde affirmar, que elles não entendem o que dizem? Seja exemplo. Ouço dous Tartaros disputando hum com o outro; eu não os entendo, e porisso posso dizer: *Eu supponho que estes homens*

*naõ entendem o que dizem?* He boa illaçãõ para quem diz ter dado a verdadeira idéa da Logica! Mas naõ paro aqui. Diz-me sua R. que a nossa Alma tem potencia intellectiva, e volitiva: eu levado da curiosidade perguntolhe, se he tal a identidade, que estas duas potencias tem entre si, que sem ambas naõ seria alma espirital, e para melhor me explicar pergunto; se pode haver alma com huma só potencia destas? Se diz que sim, ou que naõ, já se mete a fallar em questaõ de possibilidade, e conforme o que tem dito acima, he parvoice a reposta: se diz que isso naõ se pergunta; naõ he reposta de hum homem sabio, porque essa darã qualquer cabo de Esquadra.

Finalmente naõ me canso em ponderar tudo o mais, que diz da *Metafisica* Aristotelica; porque todo o seu empenho vem a parar, em que se desterrem as especulaçoens Filosoficas, e tratemos unicamente da Fyfica experimental. Por hora digo, que depois de assentarmos nas verdades reveladas, naõ he fóra de proposito especular tudo, o que se póde alcançar para melhor explicar os dogmas da Fé, como nos ensina o Apostolo S. Pedro na sua *Epist.* 1. *Parati semper ad satisfactionem omniposcenti vos rationem de eã, que in vobis est, spe.* O Doutor Angelico S. Thom. (6) fallando da Theologia nos ensina, que *Scientia accipere potest aliquid à Philosophicis disciplinis, non quòd ex necessitate eis indigeat, sed ad maiorem manifestationem eorum, que in hac scientia traduntur.* Reguera (7) *Discursu autem, & ratione opus habemus... sive ut alias veritates cum veritate connexas demonstramus; sive ut ad alias veritates probabiliter extendamur.* E com muita razãõ o mesmo Doutor Angelico (8) deduz

(6) S Thom 1. p. q. 1. art. 5. ad 1. (7) Reguera l. 2. q. 6. §. 846. (8) S. Thom. 1. p. q. 5. art. 5. ad. 1.



deduz de *Aristoteles*: *Minimum; quod potest haberi de cognitione rerum altissimarum, desiderabilius est, quam certissima cognitio, quæ habetur de minimis rebus.* Chame embóra o Critico a todas estas especulaçoens loucura, materia de riso, e parvoices, que dos seus dicterios nenhum caso se deve fazer, e ha muita razão para isso.

## C A P I T U L O X.

### *Da Fysica.*

**D**isse o *P. Arsenio* na sua *Reflexão*, que a *Fysica* experimental era engenhosa, e que com ella se tinhaõ descoberto muitas couzas, que os antigos ignoravaõ; assim como a experiencia mostrou, que havia antipodas, e que a Zona Tórrida era habitada. Que os Peripateticos modernos não admittiaõ tantas fórmas distintas, como os antigos; e que se alguma vez largavaõ esta, ou aquella opiniaõ de *Aristoteles*, nem porisso ficavaõ excõmungados. Que se a *Fysica* experimental he melhor, que a especulativa, podiaõ ficar ambas, e cada hum estudar ou ambas, ou huma dellas; e que não era acertado dizer, que se *S. Thomás* admittio formas distintas, não dissera bem, porque estas não se podiaõ negar. Mas porque foy dizer, que até aqui se não provava com a *Fysica* mechanica destruido o *systema Aristotélico*, entrou o Critico com grande furia a sua *Reflexão* dizendo: Desde o principio mostrais a vossa ignorancia; confundis a pratica da *Fysica* com a especulaçaõ. A verdade he, que a colera cega o entendimento. Se *Arsenio* diz, que estas experiencias não desfazem a *Filosofia* de *Aris-*

*Aristoteles*, bem dá a entender, que falla da especulação, que os modernos tiraõ da pratica. Nem tambem prova couza alguma com dizer, que a Mathematica he precisa para a *Fysica*; porque servindo para a experimental, não he precisa para a Escolastica, que trata da Materia, Forma, e Uniaõ, e das causas Fysicas declaradas no cap. passado. Explique embóra o Fysico moderno, o que quizer, com as leys do Movimento; porque os modernos Aristotelicos, que são muitos, e bons, julgaõ, que o movimento não he tão universal, como era para o favor o Manná; e affinaõ causas Fysicas para muitos effeitos; não obedecendo cegamente ás leys do movimento.

Na reposta a pag. 68. diz o *Critico*, q'era querer contraditorios unir *Aristoteles* com as experiencias modernas, e affina dez para provar o seu Assumpto. Vamos á I. *Passando o raio da luz obliquamente de hum meyo mais raro para outro mais denso, v. g. do ar para a agoa, não prosegue por linha direita, mas se inclina, ou afasta da perpendicular.* O mesmo diz do objecto visto por huma lente, que parece mayor. E que faz isto contra os Aristotelicos? Respondem, que tudo provém das especies visuaes, que de si despede o corpo lucido, as quaes na agoa, como corpo mais crasso, fazem refracção, e porisso quando nella se mete huma bengala, parece torta. Outros dizem, que seja a luz, a que se afasta da perpendicular: daqui só se prova ser corpórea, e não que seja quanta, e tenha quantidade; porque o calor chegando a huma parede reflecte, e ajuntando se o rayo reflexo com o direito, faz que seja mais intenso, como mostra a experiencia. Diz mais, que a experiencia não prova, que a luz não seja qualidade.

II. *Hum vidro verde pizado he branco. A pedra*

pedra negra pizada faz-se branca, e a pedra rustica alizada toma outra cor. Quid inde? Respondem alguns Peripateticos, que não há côres fenaõ apparentes, que se originaõ da luz adventicia junta com a superficie opaca dos corpos, pela razaõ da sua aspereza, porosidade, ou lizura reflexa deste, ou daquelle modo; e que isto disse *Aristoteles* antes das experiencias modernas, no l. 2. de *Anim.* t. 67: *Color omnis motivus est ejus, quod est perspicuum in actu.* Isto he, como explica o Jesuita *Benedictis* Author de Italia, e moderno lib. 8. *Physic.* *Colorem esse eam corporis dispositionem, quæ potest per medium actu perspicuum, seu illuminatum movere potentiam ad sui visionem.* E tambem c. 3. de *Sensu*, & *sensibili* diz o mesmo Filosofo: *Color est extremitas perspicui in corpore nominato;* e como explica o mesmo Author: *Sensus est, corpus terminatum, seu opacum in sua extremitate habere eam dispositionem, quã taliter coloratum dicitur.* Respondem outros *Aristotelicos* distinguindo as cores apparentes; como as do Iris, das permanentes; e dizem com *Ferrari*, (1) que tambem he Italiano, e moderno; que a cor do vidro, pedra alizada, e outras semelhantes, saõ causadas da luz, que nellas reflecte: porẽm que pizado o vidro, ou a pedra, perdem a apparente, e mostra a cor branca, que tem de si: *Vitrum, marmor, & alia, quæ comminuta albedinem induunt, diaphana sunt; ut patet, si in laminas distendantur: horum autem diaphaneitas ex plurium partium, veluti laminarum, congerie impeditur, ut contingit in vitreis laminis, si pluriès uniantur. Diaphana verò alba sunt, vel ad albedinem inclinant, nisi aliundè colore diverso inficiantur; quamborem, dum corpora illa contunduntur, atque in minutissimas partes resolvuntur, colores alios deperdunt, & alba apparent. Solâ autem*  
*contu-*

(1) *Ferrari* tom. 3. p. 3. *Physic.* q. 5. de coloribus.

*contusione, aut commixtione corpora non fieri alba, apparet in carbonibus, qui quantumcumque contundantur, aut comminuantur, nunquam album colorem induunt.* Diraõ mais, que assim o disse S. Agostinho (2) seguindo a *Aristoteles*; o que explicam com o exemplo dos cabelos, que de negros passaõ a brancos: *Sed diligenter intuentibus satis apparet, non separatione quasi emigrare aliquid à capite, dum conficit... sed cum qualitatem coloris ibi verti, atque mutari.* E no tr. 39. in Joam. post medium: *Quidquid mutari potest, mutatum non est, quod erat. Si non est, quod erat, mors quædam ibi facta est; peremptum est ibi aliquid, quod erat, & non est. Nigredo mortua est in capite albescentis senis.* Desto argumento do Santo se mostra a verdade da sentença Aristotelica, que admitte accidentes Fysicos, e reaes distintos da substancia; pois vemos a real separabilidade, v g. na agoa quente, separada do agente, que lhe introduzio o calor, recupera a sua frialdade, e se restitue ao seu estado connatural: o que não se vê em huma taboa pintada, que se lhe raspaõ a pintura, não a torna a recuperar; signal evidente, que a agoa, e outros semelhantes compostos tem forma substancial, que pede huns accidentes, e repugna a outros, sem o tal composto se variar substancialmente. Veja se agora, com que fundamento conclue o Critico esta sua experiencia. O Aristotelico não diz, nem póle dizer nada.

III. A agoa, o vinho, e a tinta bem batidas com hum pão fazem huma escuma branca. Aquella brancura não he sonho; com tudo, desfazendo-se a escuma, tornão aquelles corpos a adquirir a sua antiga cor. Daqui segue-se, que a cor não he huma qualidade distinta. Lá vay pelos ares a cor Peripatetica. Onde irá dar consigo a desgraçada cor? Respon-  
dem

[2] S. August. in lib. de Cathgor. & lib. 5. de Trin. c. 4.



dem os Peripateticos, que essa escuma consta de partes minutissimas dos licores cheyas de ár, e que reflectindo nellas a luz, apparecem brancas, por ler a côr apparente; e que desfeita a escuma, ainda nelle vinho, e tinta, fica a côr permanente, que tinha, e não vay pelos áres. IV. *Humra roza á proporção, que perde o cheiro, perde o corpo, e se vay secando.* Assim he; e que infere dahi? *Que o cheiro são as particulas, que se exhalão do corpo odorifero?* Nega o Peripatetico, e isso não prova a experiencia. O cheiro não he o corpo: he huma qualidade, que, para se diffundir pelo ár, vem nas particulas do mesmo corpo odorifero, e porisso seca; porque perde muitas das suas partes. O mesmo vemos em hum vidro aberto cheyo de agoa cheirosa, que ao mesmo passo, que se exhala a agoa, vão sahindo as partes da agoa levando consigo a qualidade do cheiro, e com isso a agoa se vay diminuindo. Diga agora, de que Logica tirou aquella illação: *E por consequencia não he qualidade Peripatetica?* V. *A luz reflectindo dos corpos para os olhos, segundo a diversa configuração, representa o objecto maior, ou menor: logo as especies impressas não são qualidades.* Tem a mesma reposta da sua primeira experiencia. Devia aqui provar, que nem as especies visuaes, nem a luz, sendo qualidades, pudésem fazer, que o objecto pareça mayor.

Na VI. depois de dizer, *que os animaes vivem, em quanto o sangue circula, e que a alma intelligente nada disso sabe;* o que cuido não negará Filosofo algum; continúa com tres couzas. I. *Que a alma não sabe nada desse fenómeno, que he a circulação.* II. *Que daqui infere o moderno, que, o que anima os viventes, não he a alma intelligente.* III. *Li vay pelos ares a alma informante.* Quanto á I. Responde o Peripatetico, que he de Fé, que nos homens

naõ ha mais que huma alma racional ; e que daqui infere , que todas as operaçoens lhe pertencem , tanto as que se attribuem ao grão vegetativo , como ao sensitivo, e racional. As do vegetativo , como movimento do coração , circulação do sangue , nutrição , &c. naõ são obras de intelligencia , mas de natureza , e se fazem pelos orgãos do corpo , que servem de instrumentos ; e porisso naõ he necessario , que a alma as conheça , e as faz sem alguma advertencia , e se executaõ ainda dormindo ; ou provenha a circulação do sangue immediatamente pelo influxo do novo sangue gerado , que impelle o primeiro ; ou pela dilatação , e compressão dos vasos , ou pela agitação dos espiritos ; mas sempre este movimento do sangue lhe provêm da potencia motiva da alma , e porisso , separada ella do corpo , se acabaõ todas essas operaçoens. E he inutil a prova : *Não sabe a alma disto , logo não o faz.* Pergunte á sua alma , que lhe diga , se habita em todo corpo , ou sómente no cérebro , e em que parte delle ? Que , quando fizer hum acto de Contrição , lhe diga , se o tal acto he sobrenatural , e quantos instantes permaneceo nelle ? Que lhe declare , se sentindo humadordor , a sente na parte ferida , ou lá no cérebro ? Pois , se fazendo estas couzas , naõ póde dar razão dellas , porque para isso naõ tem meynos ; que muito naõ alcance com o seu entendimento a circulação , que aliunde obra naturalmente ?

Quanto á II. he pasmar , que sendo a alma vivente , e sem a qual naõ vivemos , diga , que o sangue , e naõ a alma intelligente , he que nos anima ; de sorte , que sendo a alma vivente , naõ nos anima ; e o sangue , que de si o naõ he , tem poder para nos animar ! A circulação do sangue he precisa para vivermos , como tambem o cérebro , a respiração , e as tripas ; mas quem porisso dirá , que  
o cére-

o cérebro, a respiração, e as tripas são as que nos animão, e não a alma? Ouça porém a *Santo Agostinho*: (3) *Dicimus unam esse, eandemque animam in homine, quæ & corpus suâ societate vivificet*. A III. que da experiencia da circulação do sangue infere: *Lá vay pelos ares a alma informante*, he pessimamente deduzida: os Peripateticos com melhor Logica inférem esta: *Lá vay pelos áres a definição do Concilio Lateranense sub Leone X, que define, que a alma racional: Verè, pèr se, & essentialitèr humani corporis forma existit*; e com isto argumentão: He fôrma do corpo, logo infôrma-o; se não he informante, não he fôrma do corpo.

VII. *Todos os animaes, sem exceptuar o homem, nascem do ovo: logo não ha tal semente, que se corrompa, para lhe introduzir a fôrma Peripatetica do homem, como dizem os Peripateticos*. Respondem estes, que o corromper-se, não he dizer, que apodreça, como succede a hum pomo; mas que quando dizem: *Generatio unius est corruptio alterius*: querem significar, que quando na materia, que serve para a geração do homem, se lhe vão accrescendendo partes proporcionadas para receber a fôrma vivente, cria Deus a alma, e lha infunde; e perde-se a que essa materia tinha antecedentemente. Que faz esta experiencia contra Aristoteles? Com ella se suppoem, o que se devia provar; isto he, que a materia precedente estivesse sem fôrma substancial. E para que he recorrer á experiencia moderna? Não se sabe desde o principio do Mundo, que as áves nascem dos óvos fomentados com o calor? Daqui a ninguem occorreo inferir couza alguma convincente contra as fôrmas substanciaes.

VIII. *A pasta, que se cria entre os dentes, dizem os Peripateticos, que tem sua materia, e fôr-*

VV 2

ma

[3] D. August. lib. 1. de Eccles. Dogm. cap 5.

*ma particular, Dizem muito bem : e que temos contra isso ? Os modernos mostraõ com o microscopio, que não he outra coiza mais, que humna congerie de bichinhos. Mostrem embóra, e em lugar de se chamar pasta, chame-se congerie de bichos. O ponto era provar, que pelo microscópio se via, que esses bichinhos não tinhaõ fôrma vivente; como isto se não prova, que faz para a questaõ das fôrmas, que o que parece pasta, sejaõ bichinhos juntos, se nos não provaõ, que esses não tenhaõ fôrma substancial vivente.*

IX. *Hum animal pizado em hum almofariz reduz-se a polme. Não se duvida, e o mesmo succederia a hum homem, se lhe fizessem o mesmo. Diz o Peripatetico nesse caso, que pizado o animal, morre, e se perde a fôrma vivente, e esse polme tem outra fôrma proporcionada, e que já não he animal; assim como, separada a alma racional do corpo, já não fica homem, mas cadáver. Accrescenta com tudo o Critico, que o almofariz não tem virtude de produzir novas fôrmas. He taõ certo, que o almofariz só serve para pizar; e se alguém disser, que o almofariz póde produzir fôrmas substanciaes, diz muito mal, e deve emendar-se: e se o Critico fosse, quem tal affirmasse, mereceria ser castigado com mão de almofariz. Infere porêem esta consequencia: Logo a diversa modificação da materia he, a que faz hum novo composto, e lá vay regeitada a fôrma substancial Aristotelica. Nega-se a illação, que se suppoem, e não se prova com a experiencia do almofariz; e como a experiencia não he, a que regeita a fôrma Aristotelica, ainda não apparece couza, que a desterre. Aqui une outra experiencia, e para ella não he necessario grande estudo. Consiste em dizer: que o trigo pizado faz-se em farinha, e se depois de feito em pão, se torna a pizar, torna outra vez a ser farinha.*



*farinha.* Não se sabê, a que vem cá esta historia! O grão do trigo, a farinha, que delle se tira; a massa, que com agoa faz a pádeira; o pão, que, secando-se a agoa no forno, sahe cozido; e a farinha, que resulta do biscoito, ou pão seco pizado, sempre conserva a mesma fórma substancial, e toda a variedade he accidental. Nada disto obsta contra as fórmas.

X. O ferro, e o aço, confórme dizem os Peripateticos, tem duas fórmas substanciaes differentes: com tudo os modernos do ferro fazem aço, sem produzir nada de novo. Com que não ha tal fórma Peripatetica. A materia do argumento he forte! Antes da soluçãõ vay este. Posto hum vivente no fogo, v. g. Santo Eustachio no boy de metal, morre, e fica reduzido a cinzas; e o fogo fez, que se perdesse o composto humano. E quem daqui póde provar, que aquella cinza não tem já outra fórma? Ao menos, se a não tem, não se mostra com o caso do boy de metal; deve-se buscar outra. O mesmo digo das fórmas do ferro, e aço, se acaço são diversas. Não dizem os Peripateticos, que os modernos fazem essas fórmas; mas que applicando *activa passivis*, fazem, que o ferro receba novas disposiçoens, para aquella materia adquirir a fórma de aço, e perder a que tinha antes. *Fabri, Benedictis*, e outros Peripateticos dizem melhor: que o ferro, e aço só differem accidentalmente com mais, ou menos perfeiçãõ: e o mesmo affirmãõ do chumbo a respeito do estanho; e nesta supposiçãõ nem sombras ficaõ de argumento.

Não obsta porê, que estas experiencias nada provem contra as fórmas *Aristotelicas*; porque se houver alguma, que claramente prove alguma couza contra a doutrina seguida de Aristoteles, sem duvida, que a devem os Peripateticos largar; porque não se deve argumentar contra huma experiencia,

cia, em que se veja o contrario; e nem porisso deixarão de ser no mais Aristotelicos, porque não querem approvar, o que acharem, que foy erro d'elle. Como o *Critico* diz, que deixa outras mil experiencias, devia escolher outras melhores; que, as que expende, não concluem, nem ainda com boa probabilidade. Accrescenta, que os Jesuitas, que escrevem a Filosofia moderna, mostraõ, que os *systemas* são incompativeis; porque os seus são explicados pelo movimento da materia movida assim, ou assim; e os Peripateticos pelo movimento da produção. Não creyo, que os Jesuitas executem seguir doutrinas, que lhes são prohibidas; vamos porêr ao caso da questaõ. Não dizemos, que os *systemas* sejam os mesmos; porque qualquer rapaz sabe, que duas doutrinas oppostas não concordão entre si: só dizemos, que as experiencias mechanicas não destroem o *sistema* Aristotelico; e só seria boa consequencia, se provasse, que as experiencias mostravaõ concludentemente, que á vista dellas se não podia admitir a doutrina do Filosofo ácerca das *formas substanciaes*, e *accidentes realmente distintos da materia*.

O que diz o *Critico* no fim da pag. 73 da *Resposta*, que o P. *Arsenio* dissera, que as experiencias, e instrumentos eraõ *sistema* moderno; não sey donde o achou, porque na *Reflexão da Fysica* só diz o seguinte? *Todos os instrumentos da Mechanica não desfazem o Sistema Aristotelico*; e nem daqui devia inferir, que o pobre *Capucho* não sabia o significado desta palavra *Sistema*; antes entenda, que esta val tanto, como *hypotesi*, ou *supposiçaõ*, e se póde acõmodar a qualquer questaõ particular. Nota mais que *Fr. Arsenio* errara em afirmar, que o *sistema de Cartesio* ha muitos seculos, que morreo, porque o tal homem morreo no anno de 1650; e não repara S. P. que *Systema*, e *Cartesio* são duas  
cou-

couzas? O *Sistema* tinha-se sepultado com o cadaver de *Democrito*, de quem *Cartesio* se fez discipulo, e o resuscitou: falla pois *Arsenio* da primeira morte, e não da resurreição. Lêa o *P. Ferrari* (4) da Ordem dos Menores: *Maximè cum non immeritò Cartesius ipse à plerisque censeatur in Physicis Democriti discipulus. Ita sanè videtur.* E comparando huma doutrina com outra, conclue: *Quod sicut Epicurus censetur discipulus Democriti, quanvis ab illo dissentiat in qualitate motus, & sui principii, ita de Cartesio dicendum.*

Diz mais o Critico nesta sua *Resposta* a pag. 73, que o *commum* dos *Espanhoes* não faz *authoridade* na *materia* de *Filosofia*, porque seguem os *mesmos* *prejuizos* dos *Portuguezes*. Nas cartas do *Método*, e aqui na *Resposta*, são innumeravais as vezes, que falla, e torna a fallar nestes *prejuizos*, e não tomaria ao menos huma vez o trabalho de provar esses *prejuizos*, e porque o são? Servirá talvez de prova, o que acrescenta dos *Espanhoes*: *Fundarão em Sevilha, e Madrid duas Academias da Fysica experimental, e Medicina, para introduzirem no Reyno a boa Filosofia, e deitaraõ a baixo as parvoices de Aristoteles.* Nestas breves clausulas vem não menos, que duas falsidades. Primeira, que as duas Academias se fundaraõ para introduzir a boa *Filosofia*; quando consta que unicamente se introduziraõ para a boa *Medicina*: e o seu fim, que allega *Feijó* no tom. 7. disc. 13. he este tirado do seu Estatuto: *El fin primario, e idéa general de la Academia será manifestar las verdaderas, e provechozas maximas de la Medicina, y Cirurgia, por el camino de la observacion, y expericncia: proponer las utilidades de la Fízica mechanica &c.* Taõ longe está de se tratar nella a *Filosofia*, que o mesmo *Feijó*,

(4) *Ferrari* tom. 2 q. 5.

*Feijó*, que he Membro honorario da de Sevilha; neste mesmo discurso mostra larga, e doutamente, que tanto a Filosofia Aristotelica, como todas as mais dos modernos, são totalmente inuteis para a medicina; e accrecenta, que o Medico, *si não es totalmente fatuo, attendrá precisamente a lo que ó por lectura, ó por experiencia sabe, que en semejantes cazos ha arovechado*. E daqui se mostra, quanto sem proposito allega o *Critico* mal ao *Feijó* a seu favor; quando pelo contrario, se não lê neste discurso couza contra as Filosofias Peripateticas; mas antes no seu Discurso antecedente n. 47. louva o Curso Filosófico do Jesuíta *Loffada*, que he Peripatetico, e no tom. 2. disc. 1. §. 3. reprehende os que fallaõ com desprezo de *Aristoteles*; como faz o *Critico*, persuadido que nisto está a conclusão do seu negocio.

A segunda falsidade he dizer, que as novas Academias deitaraõ abaixo as parvoíces de *Aristoteles*; porque se esse não he o seu cuidado, mas unicamente adiantar o curativo, como se haviaõ de empenhar em andar aos trambulhoens com as doutrinas, que lhes não pertencem? E he para admirar a incoherencia, com que falla: pouco antes diz, que o commum dos Hespanhoes não fazem authoridade na Filosofia, porque seguem os Portuguezes: aqui diz que deitaraõ abaixo *Aristoteles*; e logo, pouco depois de dizer isto, sahe com esta profecia: *Dai tempo, e vereis, que os Espanhoes, que são os unicos, que faltaõ* (multissimos faltaõ de outras naçoens) *largaõ Aristoteles*. Pois se faltaõ, como já os Academicos de Hespanha o deitaraõ abaixo? Quanto á profecia, eu sempre profetizára o contrario. Vejo as muitas novidades, que do primeiro seculo da Igreja até o XVII se tem levantado, e pouco a pouco se desfizeraõ: as modernas vão tendo sua diminui-



minuição, prevalecendo a verdade; assim como o Sol desfaz as nevoas, que se levantão da terra: vejo, como em tão breve tempo descahirão as resoluções *Cartesianas*: os muitos, e prudentes sábios, que em toda a parte declamaõ contra a novidade de humas Filosofias em parte pouco ajustadas com as definições da Igreja, com as quaes as pretendem concordar com palavrinhas; e á vista disto he de crer, que todas estas novidades duren pouco, não obstante, que por este, ou aquelle motivo alguns as abracem; porque *novitas gratissima rerum*.

Seguem-se no §. seguinte da *Resposta* duas grandes advertencias contra *Fr. Arsenio*. He a primeira: *que, sem saber nada da Historia antiga, teve a confiança para fallar nella*. Grande deslucido! Darey huma só desculpa a seu favor. Ignorava o *Capucho*, que o *Critico* tinha arrendado o estanque das Historias com privilegio Real, para que ninguem sem sua licença fallasse nellas: eu o mandarey advertir, que se não meta em outra. A segunda he tão selecta, como a primeira. Teve a inadvertencia de unir com *Platão*, *Epicuro*, *Anaxágoras*, e *Empédocles* os *Chimicos*, que são modernissimos, comparados com aquelles quatro. Donde aprenderia o *P. Arsenio* a fazer semelhante misturada? Talvez fosse, porque lêo no Evangelho de *S. Matthews* no Catálogo da Genealogia de Christo unido Abraão com David: *Liber generationis Jesu Christi Filii David, Fili Abraham*; e o que mais he, ver que se nomêa em primeiro lugar David; sendo que Abraão era mais antigo mil annos. Póde ser tomasse o exemplo da Igreja na Ladainha dos Santos, na qual se unem huns antiquissimos com outros modernos: começa por *S. Miguel* antiquissimo, e chega a *S. Francisco*, que dista do primeiro, quanto vay do principio do Mundo ao seculo de Christo decimo terceiro!

Não me occorre outra razão, salvo quizer valer-me da authoridade do *Critico*, quando nos seus catálogos ajunta antigos com modernos.

Vamos adiante ao seu §. seguinte. Disse *Arsenio*, que examinados todos os *systemas*, veyo-se a concluir, que o de *Aristoteles* concordava mais com os dogmas da *Religião*. Pobre *Arsenio*, que tal disseste; espera pela esmóla, que levas! Diz o *Critico*, que isso concluirão os que sabião tanto, como *Arsenio*, a quem sempre favorece com o titulo de ignorante. Vem logo a dar este epíteto aos PP. do terceiro seculo, que, como nota *Muzancio*, julgaraõ ser *Aristoteles* mais proprio para a *Theologia*. Entraõ neste catálogo os dous Santos, e Doutores da Igreja, *Thomás*, e *Boaventura*; o Sutil *Escoto*, *Soares*, *Vasques*, *Conimbricenses*, *Petavio*, *Tirino*, e milhares de AA. da Companhia, muitos mil das outras Religioens, e tambem do Estado Clerical, e Secular. Entra *Immocencio IV*, Succesor de *Gregorio IX*, que, depois de tirados os erros, que muitos se tinhaõ introduzido nos livros do *Filosofo*, quiz que se usasse da sua doutrina; e não he este pequeno louvor seu. Não ha duvida, que os SS. PP. antigos, e tambem os modernos, reprováraõ tudo, o que nos *Filosophos* antigos acharaõ contra a Fé; mas não reprováraõ todo o *Aristoteles*; porque tinha tres erros, tirados esses, julgaraõ não ser caso reservado fallar neste *Filosofo*: e quizera, que nos allegasse os lugares, em que os SS. PP. reprovaaõ todo *Aristoteles*?

Que Mestre ha, que lance fóra da sua *Escola* todos os discipulos, porque entre elles achou tres, que eraõ loucos? Que pastor lança fóra todo o seu rebanho, porque vio tres ovelhas com ronha? Lancem-se fóra os que saõ loucos, e os que tem ronha, e fique o mais. Quantas vezes nos diz  
o *Cri-*

o *Critico*; que *S. Agostinho* foy *Platonico*, e mais este *Gentio* tambem tinha erros, como aqui confessa; e com tudo *S. Agostinho* não seguio esses erros. Se os SS. PP. se armaraõ contra os erros de *Aristoteles* oppostos á Fé, fizeraõ bem; mas não se meteraõ no empenho, em que ninguem fallasse nelle. Se houvesse, quem seguisse os erros de *Aristoteles* antes de expurgado, foy muito bem condenado. Se no seculo passado *Coringio* concluio, que não servia *Aristoteles*, por causa dos seus erros, e porisso lhe dá o titulo de famoso, tirados os erros; que já essa diligencia estava feita; nada conclue, e muito melhor concluem o contrario todos os grandes homens, que o seguem. Mas como o *Critico* chama a *Raynundo Lullo* louco, e mete a *S. João Damasceno* entre os espiritos sediciozos, e no tom. 2. pag. 102. diz que *S. Thomás* não disse bem, e *Escoto* já não serve, que podemos esperar do seu espirito de contradicção?

Mas não me esquece a certeza, com que affirma, que *Aristoteles* se persuadira, ser o mundo *ab eterno*. Lêa *S. Thomás*, (5) que *he não obstinadamente Aristotelico*, mas com prudente juizo, e madura critica; e nelle achará, que o Filosofo se empenhou em mostrar, que as razoes, que para isso déraõ os antigos, não eraõ demonstrativas; antes se oppoem a ellas: e que fallando nesta questãõ no *L. Topic.* põem a eternidade do mundo entre os Problemas duvidozos; *Utrum mundus sit eternus?* Daqui se vê, que não asentou em tal sentença, antes duvidou della. E que mais podia fazer hum Filosofo sem a luz da Sagrada Escritura? Ponhame o *Critico* á parte as razoes da Fé, e pròveme *à ratione*, que o mundo não he *ab eterno*, e estou certo, que o não hade fazer. Mas sejaõ,

Xx 2

ou

(5) S. Thom. 1. p. q. 46. art. 1.

ou não sejaõ todos os tres erros de *Aristoteles*, dizemos, que se pode seguir, livre já dos seus erros, e dos mais, que lhe encaixaraõ nas suas obras, como o livrou *S. Thomás*, de quem disse o Veneravel *P. Scñeri* no Panegyrico deste Santo, e Angelico Doutor, que o concordára com a verdadeira Religiaõ: *A lui la Filosofia dee un Aristotile accordato con Christo.*

Continúa a sua *Resposta*, dizendo: *Lede com atençãõ o Critico, e vereis, que as obras de Aristoteles foraõ queimadas no anno de 1209, e por alguns seculos prohibidas pelos Papas.* Não ha duvida, que o *Critico* assim o diz; mas tudo, o que aqui expende, he falso. Não houve tal queima, como já disse, allegando ao *P. Muzancio*, e *L' Abbè*: só a houve dos livros impóstos a *Aristoteles*, e por essa causa se mandaraõ expurgar. Se *Rucellino*, *Abailardo*, *Almerico*, e talvez outros mais seguiraõ os erros, que tinha, dislo não tem culpa, os que fouberaõ, e sabem usar d'elle sem se enganarem; porêm nem *Platão*, nem *Aristoteles* expurgado deixaõ de ser uteis para discorrer christanmente, como confessa *Santo Agostinho*, (6) o qual, depois de dizer, que estes dous eraõ os principaes Philosophos, que se seguiaõ no seu tempo, accrescenta o seguinte, que parece falar com o *Critico*, e seus partidistas: *Quod autem ad eruditionem, doctrinamquè attinet, & mores, quibus consulitur animæ, quia non defuerunt acutissimi viri, qui docerent disputationibus suis, Aristotelem, & Platonem sibi concinere, ut imperitis, minusquè attentis dissentire videantur multis quidem sæculis, multisquè contentionibus; sed tamen eliquata est, ut opinor, una verissimæ Philosophiæ disciplina.* Eis aqui como este Santo julgava ser util huma, e outra *Filosofia*, depois de correcta *sub fidei regulâ*.

Já

[6] D. August. lib. 3. contra Academ. cap. 19.



Já também disse, que Greg. IX, quando na sua Bulla, dirigida á Universidade de París, prohibio *Aristoteles* no anno de 1231, foy *prò interim*, e em quanto se não expurgava, como alli mesmo diz: *Libris illis naturalibus non utantur, quousque examinati fuerint, & ab omni errorum suspitione purgati*. Com pouca demora se fez essa diligencia, tirando-lhe os erros, que muitos eraõ accrescentados pelos Arabes: foraõ achados uteis por pessoas doudas, como *Alexandre de Ales*, que logo compoz a sua *Summa Theologica* com método escolastico, e se publicou não só com approvação, mas com expresso mandado de Innocencio IV, e na tal *Summa*, como se vê do seu indice, se achaõ insertos os Theoremas Aristotelicos: seguirão-se *Alberto Magno*, e depois *S. Thomás*, que poz a ultima mão a esta obra; *Escoto*, e outros Escolasticos. Vejaõ agora os Leitores a verdade, com que se diz nesta *Resposta*, que por muitos seculos estiveraõ estas obras do Filosofo prohibidas pelos Papas; quando Gregorio IX só as mandou expurgar; e o seu Successor Innocencio IV mandou publicar a sobredita *Summa Alense*: e sendo Gregorio IX eleito no anno de 1227; e Innocencio IV no de 1243; entre hum, e outro só houve distancia de 16 annos, e estes foraõ os muitos seculos!

Persuade-se, que errou *Arsenio*, porque disse, que sendo a Mathematica necessaria para se saber Filosofia, ficava mais difficultoso o estudo della. Eu julgo, que disse bem; porque para a Fyfica, que se occupa em tratar do composto humano, Matéria, Fórma, Uniaõ, e causas delle, não he precisa a Mathematica; ainda que he necessaria para a Fyfica experimental. Diz a isto o *Critico*, que se explicou muito bem, e que bastaõ dous annos para este estudo. Responderá *Arsenio*, que tal será elle,

dê, que menos baste. O que sabe he, que o *Critico* inculca para a Mathematica os cinco tomos de Wolfio, e parecendo-lhe ainda succinto, recômen-  
da a obra do Marquez do Hospital; e isto com o  
maior da Filosofia em dous annos he incrível: como  
a historia, que conta, de ensinar em poucos mezes  
hum rapaz, e só passeando, ou conversando tres  
vezes na semana; e sahio hum grande Logico. E tam-  
bem a hum Senhora lhe meteo na cabeça Logica,  
introduzio-a na Fyfica, e lhe ensinou Latim por hum  
*methodo totalmente novo*, que não quer ainda decla-  
rar; e isto sem livros, só com o que lhe dictava, e  
ella escrevia; de sorte, que em breve tempo soube  
não só Grammatica, e Latinidade, mas nas Bellas  
letras, e Filosofia podia-se ouvir. Tudo diz na pag.  
58. e 59: Fique dito, cada hum crerá, o que lhe  
parecer.

Resta hum argumento seu contra os Aris-  
totelicos, deduzido da experiencia. Foy ella de hu-  
ma redoma de metal cheya de agoa, na qual hum  
homem de forças introduzio mais a agoa de huma  
siringa. Contou este caso hum Jesuita ao *Critico*, e  
ambos entraraõ a discorrer sobre o modo, com que  
podia verificar-se. Antes de referir, o que se resol-  
veu na conferencia, faço hum reparo. Diz o *Cri-  
tico* nesta mesma carta a pag. 33: *Poem-se os olhos  
na experiencia, e procura-se dar razãõ provavel da-  
quillo, que se vê: na pag. 53 diz, que tem lugar ex-  
por o modo, com que a alma conhece, e passa de hum  
conhecimento a outro.. mas tudo por conjecturas, visto  
que neste particular nada temos de certo.* Pois se na  
historia da redoma se póde discorrer: se á vista da  
experiencia se procura dar razãõ provavel do que  
se vê: se por conjecturas podemos descobrir o mo-  
do, com que a alma conhece; com que consciencia  
diz na pag. 55: *Examinar, como fallaõ (os Anjos)*  
como

como se movem, e outras coizas destas he puerilidade? São mais graves aquellas questões, do que estas? Para aquellas he de homens grandes o discorrer; para estas he de rapazes! Quem ler com attenção o que o *Critico* diz nas suas cartas, e fizer miuda combinação de humas clausulas com outras, achará incoherencias bastantes. Mas vamos á conferencia, na qual tambem eu quero entrar.

Disse o *Jesuita*, que o bronze se tinha dilatado, ou parte da agoa sahido pelo bronze. O *Barbadinho* approvou a razão; e accrescentou mais, que huma bola de ouro, opprimida de huma máquina, cemeçára a suar agoa, de que estava cheia: disse, que todos os fluidos estavam cheyos de ar, o qual podia ter-se comprimido, ou sahido pelo ingresso da siringa, ou outra parte, dando lugar á nova agoa: e finalmente, que o cobre podia ter cedido em alguma parte, principalmente se era soldado. Eu tambem accrescento, que na agoa, e tambem no ar, admittem muitos *Vacuo*; não que elle ahi tenha ar, como agora diz na *Resposta*, porque dèssa sorte não he vacuo; mas porque na realidade não tem couza alguma, como se fosse huma rede: outros admittem nas partes ainda do mesmo ar, quanto mais da agoa, a materia, que chamaõ Sutíl, que he velocissima no seu movimento: finalmente em todos os metaes ha tambem seus póros, posto que não os divisemos. Apertada pois a agoa da redoma com a força, que lhe fazia a da siringa, foraõ sahindo pelos póros as partes da materia sutíl, e tambem alguma agoa reduzida a tenuissimo vapor; se havia vacuo introfperfo, perdeu-se, contrahindo-se, e ajuntando-se humas partes da agoa com outras: e o mesmo succederia na agoa da siringa, rebatida pela resistencia da que estava na redoma; e daqui póde vir, que, despejada a redoma de alguma parte, que a occupava, se

se dêsse lugar para a nova agoa da siringa entrar. Explico-me com hum exemplo. Estaõ quatro homens sentados em hum banco, e não cabem mais: chega o quinto; para ter lugar, hum dos quatro vay para outro, e dá o que tinha ao quinto, que veyo depois. Digaõ agora os Curiosos, que couza se encontra nesta experiencia contra os Aristotelicos? Que fazem estas razoens para provar, que a agoa não tem materia, fórma, quantidade, frio, e outros accidentes realmente distintos? Como podia o Jesuita exclamar: *Amigo, se isso he verdade, vay pelos ares toda a minha filosofia!* Se tal disse, bem suspeitou o P. Arsenio, que ou era Leigo da Ordem, ou o quiz lisongear; e eu disléra, lograr, e bem em cheyo. A esta evidente soluçãõ diz o Critico: *Fallais como agoadeiro, e não como Physico. O que dizeis, não obsta ao profundissimo conbecimento do Critico.* Profundissimo, será qualidade occulta! Mas diga-me: O que disse Arsenio, não era referindo as razoens, que S. P. tinha dado, e acõmodando-se com ellas sem accrescentar couza de novõ? Pois onde vay a soluçãõ de agoadeiro? Esta he a prova, que tira do caso contra Aristoteles? Bem a pôde guardar, e vamos a reparar em alguma couza da sua carta.

Na pag. 26 depois de aslentar, que Cicero entendera melhor Aristoteles, do que *Santo Thomás*. Deixo isso á consideraçãõ dos leitores. Na pag. 27 diz, que os PP. *Kirker, e Scheiner* crãõ máos *Filosophos*, e que para discorrer bem sobre a natureza, he necessario ter hum juizo claro. Com que estes não o tinhaõ? E como he tanta a estimaçãõ, que se faz das obras de *Kirker*? Em que obra tem o Critico confundido a *Kirker*? Componha hum par de Tratados melhores; e assim viremos a conhecer, quanto o excede, e como tem o conhecimento mais claro; que  
quanto



quanto o dizêlo, he couza muito facil. Aqui falla da circulaçãõ do sangue, e só para criticar o *Tra-*  
tado do *P. Francisco K beiro*, Jesuita de grande mé-  
rito. Expoem as razoes, que o Padre dá sobre a  
circulaçãõ, e diz, que com ellas quer provar, que  
ha a dita circulaçãõ. Tal couza não occorreo ao Pa-  
dre: com as suas razoes não pertende provar, que  
ha circulaçãõ: supposta ella, affina as congruencias,  
que lhe occorrerão para a haver; o que he couza  
tão diversa, como esta. Vemos, que hum arvore  
cresce, e frutifica: se discorrermos sobre a causa,  
que ha para isso, não queremos provar, que a ar-  
vore cresce, e dá fruto; porque he couza, que sup-  
pomos, e só inquirimos a causa. Daqui se vê ser fal-  
sa a illaçãõ, que tira, *que as razoes, que dá o Pa-*  
*dre, são para provar hum couza certissima.*

Nas pag. 33, e 34 diz algumas couzas, que  
julguey compendiar. Não devemos querer, que a na-  
tureza se componha segundo as nossas idéas; mas de-  
vemos acomodar as nossas idéas aos effeitos, que ob-  
servamos na natureza. Assim he: mas sempre repa-  
rando nas Escrituras, e declaraçoens da Igreja; como  
v. g. accidentes Eucharísticos, Transsubstanciaçãõ, os  
animaes com suas fórmãs viventes, a que as Sagradas  
letras chamaõ *alma*, como lemos no cap. i. do Gen.  
E isto não concorda com dizer: *que o animal he hum*  
*perfeito artificio, que não tem nada, que ver com a*  
*fórma, pois que existe, perdida ella.* O corpo do ani-  
mal he hum maquina Idraulica, a qual póde viver mu-  
to bem sem alma. Nem tambem concorda com o que  
disse a pag. 6: *Nós vemos, que os brutos conhecem,*  
*e fazem operaçoens, que não se podem explicar sem*  
*algum genero de discurso, no que convém alguns SS.*  
*PP. &c.* E aqui na *Resposta* a pag. 21: *A opiniaõ re-*  
*cebida não só entre Filósofos, mas Theologos he, que*  
*a alma dos brutos seja espirital.* São proposiçoens

bem oppóſtas ! E donde nos prova com todas as ſuas experiencias , *que quem explica o compoſto natural com materia , e fórma, he totalmente louco?* Supponho não ponderou bem o que diſſe ; porque, ſe reparaſſe ; não he crível, que advertidamente queira chamar loucos a tantos homens grandes, que aſſim explicaõ o compoſto, e ſe comprehendem nas tres Eſcôlas *Thomiſta, Eſcotiſta, e Media.* He paſmo ouvir a ſinceridade, com que acha loucuras ! Se as ha, devia primeiro provar, de que parte apparecem. Se as quer applicar aos Peripateticos, eſtes tem razão para ſe desforçarem, recambiando a letra.

Diz que *qualquer pobre molher Catholica he mais alumiada, que Plataõ, e ſabe mais verdades importantes, que elle.* Sem duvida ; mas eſtas não ſão tiradas da *Fyſica*, e mais *Filofofias*, ſão enſinadas pela luz da Fé, que *Plataõ* não teve. Mas a que vem eſte argumento ? Será para comparar a certeza das verdades reveladas, que não tiveraõ os *Filofofos Gentios*, com a [certeza das *Filofofias modernas* ? He o que nos falta ouvir. Na pag. 35 diz : *Eſtou certo, que ſe lér alguma Logica moderna bem feita, entenderá o que diz, e poderá tirar dittames, não ſo para a Filoſofia, mas para formar verdadeiro conceito da Fyſica.* E a *Fyſica* não he *Filofofia* ? Mas onde eſtá eſſa *Logica* bem feita ; ſe, como inſinúa, ainda não appareceo ? Talvez ſerá tão difficultoza de achar, como a pedra *Filofofal* ! Aquelle amigo, que no fim da carta 8. lhe dêo noticia de huma certa *Logica* ; e tinha tenção de a imprimir ; ainda a não dêo a luz : vivemos de eſperanças, que ſempre mortificaõ !

Na pag. 37. aponta eſte exemplo. *Se eu fallo a hum homem em materia, forma, privação, actos primeiros, e ſegundos, acçoens eductivas &c. he*

*he humma falada tal , que estou certo não entenderá palavra. Se o disser ao seu cozinheiro , tem muita razão ; mas para isso se estuda , para entender os termos Filosoficos ; e muitos Mestres dão aos discipulos hum breve cathalogo de todos , para saberem o que significaõ. Mas façamos tambem a experien-  
cia com o seu mesmo cozinheiro, e digamos-lhe qua-  
tro palavras, tiradas das clausulas desta sua mesma  
carta. Adverte , que se vê com hum microscopio , que  
a nossa carne he hum composto de fibras subtilissimas.  
Os vasos sanguinarios não são os menores. A trans-  
piração prova bem , que a linfa chega a todas as ex-  
tremidades dos vasos. O movimento do coração hade  
empurrar o sangue pela arteria. O Doutissimo Boyle  
mostra , que a estrutura das pedras preciosas he com-  
posta de folhas de figura geometrica. O corpo do  
animal he humma machina Idraulica. Estou certo ,  
que o cozinheiro , ouvindo tal fallada, fica pasma-  
do ; e cuidará que lhe falla na Arte de cozinhar, ou-  
vindo vasos , carne , sangue , linfa , e pedirá , que  
lhe explique aquella lição para se aperfeiçoar no  
seu officio.*

Tambem não basta dizer-nos aqui á carga  
cerrada, que não ha que contradizer ao que se vê  
com os ólhos ; porque isso se entende, quando es-  
tes consta, que não padecem engano, porque mui-  
tas vezes os ólhos mentem. Quantos, olhando pa-  
ra o arco Iris, se persuadirão, que tem cores ver-  
dadeiras? E com tudo enganaõ-se. O mesmo succe-  
de a quem vê de longe humma pintura de perspecti-  
va, que talvez lhe parece estar nella , o que se fin-  
ge. Muito mais, que os effeitos, que vemos nas  
experiencias da Fyfica, não nos mostraõ aos ólhos  
as causas, e estas se devem tirar pelo discurso : e  
onde mostraõ estes doutissimos modernos, que dis-  
correm melhor , que os que lhes não dão assenso?

Diz S. P. no fim desta carta a seguinte advertencia, que tambem a devia attender: *A melhor, e mais importante advertencia he, que o verdadeiro Filosofo deve persuadir-se, que nós neste mundo sabemos pouquissimas coizas com certeza, e das causas dos effeitos naturaes sabemos ainda menos.* Se se lembrasse desta sua advertencia, não cahiria no absurdo de dizer na pag. 34, *que quem explica os compostos naturaes com materia, fôrma, e privação, he totalmente louco.*

Naõ ha duvida, que vemos, que a agoa sóbe attrahida pelo canudo da bomba; os ólhos porém não vem o pezo do ár, que a impelle, e faz subir. Discorrem huns, e tambem Peripateticos, que o pezo he a causa; outros, que não he essa, por ser nenhum o do ár, e quando muito o dos vapores; mas que tapando o bocal do poço com huma táboa, ainda sóbe a agoa: e accrescentaõ, que o ár cercando este globo terráqueo não carrega nelle; assim como a agoa não carrega sobre o que mergulha debaixo della, e vão buscar por causa o impedimento do vacuo: e que essa he a razão, porque hum cópo cheyo de agoa, pondo-lhe hum lenço na boca, e voltando-a para baixo, fica a agoa suspenza sem cahir; porque, como não entra no cópo ár, haveria vacuo, se ella descesse. Vemos com os ólhos, que hum bicho pizado em hum almofariz morre, e fica em huma pasta, e não vemos mais. Discorrem os modernos, que ahi não ha mais, que huma pura modificação da materia: negaõ outros, e dizem, que o bicho tinha fôrma vivente, encostando-se aos textos do Gen. cap. I, e que a pasta não a tem; e que se para o composto vivente era necessaria fôrma, o mesmo se ha de dizer da pasta. Os ólhos não vêm o contrario; o discurso he opposto, e authorizado por homens de grande engenho. Quem ha de dar a sentença? Os modernos  
naõ



naõ. são juizes competentes . e os Peripateticos não os querem aceitar , porque lhes não agradaõ as suas sentenças.

Daqui se infere não ser acertada a sentença do Critico na pag. 38 da carta : *O fim do Fysico he descobrir a verdadeira causa dos effeitos naturaes, e para conseguir este fim não deve fazer caso do que dizem os outros.* Pouco antes tem dito , que o methodo de Nevvton he o que corre entre os doutos. Na pag. 35 deixa dito : *Se ler alguma Logica bem feita, poderá tirar dictames, &c.* e aqui o temos fazendo caso de Nevvton , e do author da Logica , que tambem são outros. Vamos com distincão. *O fim do Fysico he descobrir a verdadeira causa dos effeitos :* estes effeitos se mostraõ com as boas experiencias. Investigar a causa he todo o trabalho , e esta só se investiga com o discurso : para este ser bem fundado , que máo he ler o que dizem os outros , e attender as razoes , que daõ ? Porque mais vêm quatro ólhos , do que dous ; e fazendo caso do que elles dizem , poderey tirar melhor luz para o meu discurso , e talvez acharey , que me enganava ; muito mais tendo neste Mundo tantas causas para cahir em engano. O *P. Buffières* no seu disc. 9. diz , que não ha homem tão prudente , que possa segurar-se de si , e julgar de certo , que o he. Quantas vezes se persuadirá algum , que tem decidido bem hum caso de Moral , e indo ver os AA. , acha nelles tão claras razoes , que conhece , que errára ! O mesmo acontece nas mais Faculdades , e para isso he , que são os livros , que nos ensinaõ , e de quem devemos ser discipulos.

Na pag. 48 diz : *Vendo eu, que a agoa na siringa sobe pelo peso do ar .. quando ouço ao Peripatetico dizer, que sobe por medo do vacuo, não tenho necessidade de lhe responder, mas com hum a rizada*  
*lhe*

*lhe dezato o argumento.* Facil solução! Diz também o Peripatetico, e com mais razão: Quando ouço dizer a hum moderno, que vê subir a agoa na siringa pelo pezo do ár, dou-lhe huma risada, e com isso lhe desato o argumento. Digo, com mais razão; porque he materia de riso dizer não só que vê subir a agoa, mas que *a vê subir pelo pezo do ár.* Onde está elle microscópio para ver com elle o pezo do ár? A verdade he, que só vê o effeito, que he subir a agoa; a causa não se vê, e só pertence ao discurso; o mais he fallar. Vem logo com outro argumento, que consiste em dizer, que a cor da tintura do chá, ou da ourina provên da cor da tintura do mesmo chá, ou da ourina, que nádaão no fluido, as quaes separadas, fica o fluido transparente. Concedo tudo: mas onde está a prova, de que a cor da tal tintura não seja qualidade sua? Da experiencia só se infére, que a tal cor não he do fluido, mas da tintura misturada. Vamos á seguinte, que he da sarna, a qual, diz, que provém de huma quantidade de bichos insensíveis. E que tem os Peripateticos, com que a sarna sejaõ bichos? Isso não prova, que elles não tenhaõ fôrma substancial, que he o ponto! O que accrescenta, que só se póde curar com remedio, que mate os bichos: sempre será bom ouvir os Medicos; porque pódem dizer, que os bichos provém do destempero do todo, e que não basta matálos; porque, mortos huns, sem curar a causa, logo nasceráõ outros, e o doente não ficará com faude.

Na pag. 50 condena a leitura do *Larraga*, e outros taes Moralistas, não por terem escritos em Portuguez, mas *por serem más, e perigosos.* He valente censura! Se achou nelles alguma heresia, declare-a, e não diga em geral, que são perigosos: he certo, que o *Larraga* não a tem, e tem sido muitas

muitas vezes impresso com approvação do Santo Officio; e se a tivesse, não o approvaria. Já S.P. disse, que para censurar huma proposição era necessaria muita advertencia, e cautela, e agora com tanta facilidade censura o *Larraga*, e não menos, que com o titulo de perigoso; e isto não huma, ou outra proposição, mas todo o livro, e á volta delle outros taes Moralistas. Que quer que diga a isso?

## C A P I T U L O XI.

### *Da Ethica.*

**D**iz o *Fr. Barbadinho na Reposta*. Cauza horror ver as muitas falsidades, e puerilidades, que dizeis, por não entender, o que o Critico diz na sua carta. Vamos adiante, que destas palavras não faço caso. A primeira falsidade, que se encontra nesta, he dar a entender, que na Theologia se não trata tudo, o que pertence á *Ethica*, emendando tudo, o em que nesta materia erraraõ os Filósofos Gentios. Para as nossas acçoens serem boas, e honestas; fallando sómente do que alcança a razão natural, e pondo de parte o que nos ensina a Fé; se deve investigar, qual he o fim do homem, *id est*, qual he a sua bemaventurança natural, a que deve aspirar, e como diz o Critico: Conhecer, qual he o nosso fim, e dirigir para o conseguir todas as nossas acçoens, mas tudo sómente com o ditame da razão natural. Isto posto, perguntemos a esses Filósofos, qual he a bemaventurança natural? Todos erraraõ neste ponto; huns a collocaraõ nos bens da fortuna, outros nos da natureza, e outros no cumulo de todos.

dos. Mas nada disto he bemaventurança natural. O rico pôde ser doente, e vive descontente; o saõ pôde ser pobre, e vive com trabalho; o nobre quantas vezes vive mortificado, e o plebeo afflicto; e por mais bens, que tenhaõ de toda a casta, nada lhes satisfaz o coração, e já hum mundo inteiro não faciava o appetite de Alexandre Magno; porisso nos ensina o Ecclesiastico c. 1. *Vidi cuncta, quæ fiunt sub sole, & ecce universa vanitas, & afflictio spiritus.* Daqui vem que alguns Theologos com *Vasques* dizem, que nem o homem, nem o Anjo *in puris naturalibus* pôde conseguir bemaventurança natural. Outros com o Grande *Soares* (1) ensinaõ, que nesta presente providencia a não ha, ainda que se daria em outra providencia, se o homem não fosse creado para fim mais alto. Eis aqui como neste ponto nada pôdem os Theologos tirar dos Gentios, que seja verdadeiro. Ninguém o diz melhor, que *S. Agostinho* (2) *Puerunt quidam Philosophi de virtutibus, & vitiis subtilia multa tractantes... qui etiã dicere auderent hominibus, nos sequimini, si vultis beatè vivere; sed non intrabant per ostium: perdere volebant, mactare, & occidere.*

Podia servir esta *Ethica* para ensinar ao homem a conformar-se com a boa razão, e evitar os vicios. Porém se o *Critico* aqui confessa, que della se não podem deduzir preccitos para emendar perfeitamente os costumes, de que serve aos Theologos esta *Ethica*, quando na Theologia tem deduzidas as razoens naturaes unidas com as verdades reveladas, e como sua P. confessa, *ensina muitas couzas, as quaes não ensina a pura Ethica?* Não devemos porém estar pelo que accrescenta neste §. da pag. 79. Que ainda que alguns antigos obraraõ bem em alguns pon-

(1) *Suar. disp. 4. sect. 3. de Grat.* (2) *S. August. tr. 45. in Joau.*



pontos , *naõ obraraõ bem em tudo , porque se guiarãõ sòmente pela luz da razãõ , a qual naõ dá noticia da graça de Christo.* Porque naõ obraraõ mal , por se guiarem sòmente pela luz da razãõ ; por quanto esta nunca guia para o mal : obraraõ sim mal , porque seguiraõ os seus appetites. Confessa tambem , *que naõ pozeraõ por principio fundamental da sua Ethica o amor de Deos.* Pois este erro serve para os Theologos? Aqui mostraraõ que se naõ guiavaõ pela boa razãõ ; porque mostrando esta , que havia hum Senhor Supremo , que he Deos , erraraõ em naõ o tomarem por principio fundamental da sua *Ethica.*

Diz no §. seguinte da *Resposta*, que *naõ basta a pura Theologia sem a Ethica.* E quem lhe disse , que a Theologia naõ involva consigo tudo , o que he preciso , da *Ethica*? Muito mais , que confessa , *que a razãõ , e revelaçãõ tem vinculo necessario , e que a mesma Theologia mostra aos Filósofos idolatras , que os Theologos naõ introduzem , senãõ aquellas maximas , que a mesma razãõ persuade , e differaõ os antigos Filósofos.* Pois se a Theologia tudo isto mostra , vem sua P. a confessar , que naõ está despida da *Ethica* natural , antes se serve della ; e se segue , que naõ he necessario aos Theologos estudála separada , visto que na Theologia a haõ de encontrar pura , e emendada? Naõ dá aqui mais razãõ , senãõ a costumada da falta de methodo ; porque *confundem estas duas coizas , e fazem huma celada de materias.* A celada deve ter seu tempero , e este lhe dá a Theologia , mostrando , que as verdades reveladas naõ saõ contra a razãõ , ainda que algumas sejaõ *suprà rationem.*

Como pòdem os Theologos explicar o *Decálogo* , como fez *Sanches* , e *Fagundes* , sem exporem , que os taes preceitos saõ confórmes á razãõ? Como pòdem no *Tratado de Deo* provar , que ha

hum só Deos, e nem póde haver muitos, sem o provarem tambem com a razaõ natural? Como haõ de mostrar no Tratado de *Actibus humanis* a sua moralidade, malicia, bondade, e liberdade, sem se aproveitarem dos dictames da razaõ? Isto naõ he celada, he pôr as couzas em seu lugar. Esta razaõ o obrigou a confessar, *que os Theologos tem composto bellissimos Tratados da Religiaõ natural, para mostrar aos A'theos a existencia de Deos.* Em huma palavra. O P. Arsenio nunca disse, que naõ servia a *Ethica*, antes confessou ser util: negou ser aos Theologos necessario o seu uso separado, quando he preciso entrar na Theologia; e o que os Gentios, como faltos de Fé, tinhaõ errado, naõ servia. Destes famosos Ethicos disse elegantemente Facciolato: (3) *Prodièrunt isti novi magistri.. tùm dogmata funderè cæperunt.. peccata omnia esse æqualia, de re nulla dolendum, de nulla lætandum, jus omne, nisi summum, iniquum esse, nullum amicitie locum, nullum gratie, nullum misericordie tribui debere.* E mais abaixo se admira, que houvesse paciencia para dizer, que Diógenes, Aristippo, Zenaõ, Democrito, e Heraclito se deviaõ contar entre os Sabios. Por esta causa se mostra, quanto vem fóra da questãõ o que se lê na pag. 81 da *Resposta*: *Assim como nenhum Theologo duvidou da necessidade da Ethica natural; assim nenhum duvidou da necessidade da Ethica, ou do Moral natural.* A que vem cá este argumento? Quem disse, que ella andava na Theologia, naõ duvidou, que fosse necessaria; affirmou porém ser escusado separála. E com razaõ; porque na Theologia deve entrar a cada passo: quando o Theologo falla no Tratado de *Legib.* da Ley natural, he necessario apontar, como se naõ oppoem á recta razaõ, e quando cessa essa razaõ para naõ obrigar. No Tratado de *Virtu-*

[3) Facciolat. Orat. 9. ad Ethica.

*Virtutib.* deve mostrar a sua consonancia com a razão, e a dissonancia dos vícios, principalmente no *Tratado de Peccat.*; e daqui tirar a razão; porque nenhuma pura creatura póde condignamente satisfazer por qualquer culpa grave. Na mesma pag, 81 diz logo, *que o Theologo deve saber, porque cre, e convencer, os que não crem.* Assim he, e para isso estude bem a Theologia, e nella achará tudo.

Vem logo dizendo, que ha *Deístas* no Mundo, contra os quaes tem escrito os mesmos Hereges; e para isso o famoso Boyle, que assim o intitula, instituio em Inglaterra huma Cadeira para os confutar. E quaes seraõ as doutrinas destes Theologos? Diz *Bernino* (4) na sua Historia, que a feita dos *Deístas* consiste em não crerem, senão o que o entendimento póde alcançar com o conhecimento natural; e accrescenta, que *João Nider in Formiculario* l. 3. conta, que este primeiro Herege se curou á força de pancadas; como fazem aos doudos; e que com ellas se emendára da sua teima, e revogando a sua perfidia, entrára na Religião dos Paulistas em Hungria, onde tratou de servir a Deos. Bom remedio foy este, que o da *Ethica* pouco póde aproveitar; porque os Filósofos Gentios com ella não passavaõ álem do que a razão natural alcançava: e nem em tudo; porque a mayor parte seguia a pluralidade de Deoses, e nestes termos não excediaõ muito os *Deístas*. Tambem he certo, que os mandamentos do *Decalogo* saõ confórmes á razão, e porisso os Theologos usaõ della. Porém argumenta o *Critico* na *Resposta*: *E se o Gentio differ, que não saõ confórmes, como lho haveis de provar, senão com as razoes da Ethica?* Como as razoes saõ da mesma *Ethica*, se o Gentio as negar, vem a negar a mesma *Ethica*! Faço agora a mesma pergunta: E se

Zz 2

o Gen-

(4) Bernin. tom. 4. scul. 15. cap 5.

o Gentio negar as razões da Ethica, como lho haveis de provar? A resposta, que der, servirá para a sua pergunta.

E que grande foy o erro do *P. Arsenio* em dizer, que não bastava saber as regras de Direito, para nos casos repentinos julgar melhor, que os que affectaõ exquisita erudição! Diz na sua *Resposta*, que lhe truncou a proposição; porque diz agora, *que fallava dos que possuíam, e entendião bem essas regras*. Pois quem sabe isto, não he principiante, a quem S. P. diz, que déra o conselho, mas hum grande Jurisperito; porque as regras são tiradas do corpo de Direito, e para se possuirem, e entenderem bem, he necessario saber os termos, em que fallam; as excepções, que tem; e em que casos se devem applicar, ou não; e quem sabe isto, he o mesmo, que saber as questões de Direito pertencentes ás regras: e onde vay aqui a lição para os principiantes? Trocado o conselho em outras palavras, quer dizer, que para se decidir bem hum caso repentino, he necessario saber bem, o que dizem os AA. na questão occorrente; e este conselho he geral para todos, e para todas as materias, e não tem novidade.

He tambem culpado o *P. Arsenio*, porque reparou sobre dizer o *P. Barbadinho*, que os AA. *Casuistas não daval razão*. Agora dá-se por desculpa, que elle disséra, que *comummente* a não assina-vam. Ainda com esta desculpa he a proposição digna de reparo: porque nenhum ha, que não dê a razão da sentença, que segue; nem se pôde defender com allegar Felix Potestas, e Buzembaum, dizendo, que *dão a razão, que consiste ás vezes em humaregrinha muito pequena, e outras vezes nem isso*. Quanto a ser a razão dada em poucas palavras, não deixa de ser razão; e como aquellas obras são de Summas,



Summas, se se alargassem nellas, largariaõ o seu intento; e essas poucas bastaõ para o Confessor saber o que deve resolver no Confessionario: nem está o ponto na brevidade; consiste em ser bem dada. Quanto á segunda, *que ás vezes nem isso*. Não se achará nelles semelhante descuido, salvo for nos Indices, ou quando em lugar do fundamento aponta o lugar, onde se ha de achar. Porém o *Critico* ainda disse mais, quando disse, *que os Moralistas apontão somente os AA. Casuistas, donde o receberaõ, os quaes nem menos affinaõ razãõ, mas fundão-se em outros antecedentes; e accrescenta: Lendo Plutarco, Cicero, e Seneca observey varias vezes, que escrevião melhor, que os Theologos de profissãõ; naquelles verá V. P. principios de boa razãõ, nestes nem sombra*. Acõmode aqui a desculpa do *communmente*. Isto quer dizer, que nem daõ razãõ, nem sombra della.

Se se tomar o seu conselho, devem os Moralistas resolver os casos de consciencia por *Plutarco, Seneca*, e outros; porque devem buscar *Authores*, que dem razãõ, visto que os Theologos de profissãõ não a daõ, nem sombra della. Que conceito quer, que se forme de semelhante proposiçaõ? Melhor fora reparar, que em tudo, o que aqui diz contra homens taõ grandes, e afamados no mundo literario, pelas suas doudas obras, que escreveraõ, he huma calúnia, e aggravo, que lhes faz. Porém o seu genio fogozo, e pouco advertido não lhe dá lugar a fazer estes devidos reparos. Bem mostra o seu animo em tornar aqui a introduzir a historia do probabilismo, que na verdade vem sem nexo. Torna a allegar o R.mo *Thyrso*, contra quem logo escreveraõ doutissimas pennas, e os mesmos, a quem em Roma consultou, antes de imprimir a sua opiniaõ: algum chegou a dizer-lhe, que não se quizesse

zesse expor á contradição de seus mesmos filhos ; e por tudo bastava o parecer , que lhe deo o douto , e santo Varão *Paulo Senneri* , e mais este não era de consciencia laxa , como nem *Sanchez* , e *Soares* , e outros , que foraõ exemplares na virtude. Nesta historia falsamente confunde Probabilismo com Laxidão , sem reparar , que a opiniaõ laxa he o mesmo , que licenciosa ; e sempre he improvavel. Lêa *Caram. in Herc. Log.* onde achará , que a laxa *in materia morum* he o mesmo , que improvavel. Falsamente affirma , que do Probabilismo tem nascido a mayor parte das proposiçoens condenadas , quando não mostrará huma unica , que se reprovasse , por ser provavel ; mas da sua condemnação se collige , que não tinhaõ probabilidade solida , mas só apparente. Que do Tridentino para cá , os que tem escrito com fundamento , seguem as opinioens mais provaveis , o que he taõ claramente falso , que daquelle tempo para cá he , que escreveraõ todos os Authores da Companhia , álem de muitos milhares , que não são desta Religiaõ : salvo quer dizer , que nenhum destes escreveo com fundamento ; mas para esta censura , perdoe-me a sua ausencia , não tem barbas , ainda que se venda por *Barbadinho*.

Que os hereges , como diz , escarneçaõ os Casuistas por esta razão , seraõ sem duvida os discipulos de *Jansenio* , que , como diz S. P. , *foy , e he Catholico* ; mas pouco vay que elles zombem , quando julgaõ , que as suas opinioens são mais acertadas , que as condemnaçoens , que dellas fez a Cabeça da Igreja , que he infallivel *in materia morum*. Finalmente torna a dizer , que o *P. Concina* escreveo bellissimos livros nesta materia. Mas não se póde livrar , que logo lhe mostrassem , que nisto mesmo satyrizava muitos Authores da sua Sagrada Religiaõ ; e nos seus livros nada diz de novo , e a que  
 não

naõ esteja muitas vezes respondido. Mas visto estarmos em materia de Probabilismo, naõ achou sua P. no seu rigoroso moral, que era mais seguro, e provavel, e do conselho dos SS. PP. naõ arrastar contra a opiniaõ do Probabilismo tantas couzas, que della se naõ seguem; sendo ensinada por homens taõ doutos, e Santos, dos quaes vem a dizer, que escreveraõ sem fundamento? Deos só nos obriga a obrar prudentemente nas occasioens, em que naõ temos certeza em contrario: e quem obra com opiniaõ praticamente provavel, obra prudentemente. Querer decidir em toda a materia, qual he a opiniaõ mais provavel, he difficulosissimo, e naõ poucas vezes imprudencia dos que querem antepor o seu juizo ao dos mais; porque lhes falta a docilidade, que he ou filha, ou parte integrante da mesma prudencia. Outros crassamente erraõ nesta materia julgando, que o mesmo he ser huma opiniaõ mais segura, que logo ser mais provavel: mais seguro he preparar para a confissãõ Sacramental com hum acto de contriçaõ; e com tudo affirmar, que este acto seja preciso, e naõ baste o de attriçaõ, depois do Tridentino, he improvavel, e muitos julgaõ ser opiniaõ erronea. Muitos, que ensinaõ o Rigorismo, talvez o naõ executem em si, como diz o *P. Viva* sobre a primeira proposiçaõ condenada por Innocencio XI, e repete o texto de *S. Mat. c. 23. Tutioristæ, & Rigoristæ alligant onera gravia, & importabilia, & imponunt in humeros hominum, digito autem suo nolunt ea movere.* Veja o que diz dos Rigoristas huma abonada testemunha de casa do P. *Concina* na Historia do Seculo 17 fallando de alguns Rigoristas: *Certas regulas in disciplinã morali observandas nimium rigorem sapientes, præscripsérunt, & in errores lapsi sunt, quos ex eorum libris exceptos, & propositionibus 31 comprehensos Alex. VIII. die*

die 20 Decembris anno 1690. proſcripſit. E conclue com eſte conſelho prudente : *Si ſaluti tuæ , ut par eſt , conſultare velis , neceſſe eſt , ut à doctrina morali Caſuiſtarum cum laxiorum , tum rigidiorum tibi ſe- dulo cæveas.* (6)

Viſto eſtarmos neſta materia , quizera que o *Critico* me reſolvera hum pár de caſos. O primeiro he de hum Religioſo , que ſabe pintar , e julga , que não he licito uſar deſta arte nos dias Santos : o ſeu Prelado ſegue o contrario , e com preceito de ſanta Obediencia lhe manda , que pinte em hum Domingo. Que conſelho ha de dar a eſte ſubdito , que o vem conſultar ? Que pinte , ou que deſobedeça ? Como ſe ha de haver reparando na ſentença de *S. Agostinho* , que não era de conciencia laxa , referido no cap. *Quid culpatur.* 23. que he em caſo ſemelhante ? E diz que deve o Soldado militar , ſe o que manda o Principe , *non eſſe contra Dei preceptum certum eſt , vel utrum ſit , certum non eſt* Repare , que o Prelado tem jus certo fundado na ſua juridição , da qual o não póde deſpojar por huma opiniaõ duvidoza o ſeu ſubdito , não obedecendo naquelle caſo No Confessionario lhe diz o penitente , que nos dias de jejum toma chocolate pela manhã ; ſua P. que he Rigoriſta , lhe diz , que de nenhuma ſorte o póde fazer , porque quebra o jejum ; porè n reſponde o penitente , que tem a ſeu favor opiniaõ provavel , e praticada por homens doutos , e que largaria a ſua opiniaõ , ſe lhe conſtaſſe ſer contra a ley do jejum ; mas que *in dubio legis ſtat poſſeſſio pro libertate* , e que *S. Thomás* (5) diſſera : *Omniſ queſtio , in qua de peccato mortali agitur , niſi ex reſſe veritas habeatur , periculoſe determinatur.* Com que conciencia negará a abſolvição ao penitente , e julgará que vem indispoſto ? O terceiro caſo ,  
que

[5] S.Th Quæſt. 6. art 5. (6) Graves tom.8. Coll 3 p.84. & 85.



que quizéra me decidisse, he o seguinte. S. P. injurâ bastantemente o Probabilismo, e o censura não menos, porque introduzira o Laxiorismo na Theologia. Delle tem nacido a maior parte das proposições condemnadas, que os hereses por esta causa escarnecem dos Casuistas; que do Tridentino para cá, os que escrevem com fundamento, seguem as opiniões mais provaveis: e que o P. Concina escrevendo em Roma contra esta casta de Moralistas foy louvado pelos Papas. E em lugar de escrever estas, que não são bagatelas, não achou no seu Rigorismo, que era mais seguro na consciencia obedecer ao preceito, que impoem Innocencio XI no seu Decreto de 12 de Março de 1679, em que manda o seguinte? *Caveant ab omni censurâ, & notâ, necnôn à quibusque conviciis contrâ eas propositiones, quæ adhuc inter Catholicos hinc inde controvertuntur, donèc à S. Sede recognitæ sint, & super eisdem propositionibus judicium proferratur.*

Naõ deixemos porêm a Ethica, que, como diz o Critico, manda seguir o que se deduz da boa, e natural razão. Ponhamos em parallelo estas duas proposições: *Non licet sequi opinionem probabilem, relictâ probabiliore.* *Licet sequi opinionem probabilem relictâ probabiliore.* Qual destas contraditorias lhe parece mais provavel? Dirá, que a primeira: e eu digo, que estando nos principios da boa Ethica, ou razão natural, he mais provavel a segunda; porque tem mais probabilidade extrinseca, a qual se deriva da mayor parte dos AA. gravissimos, e doutissimos, que a ensinaõ; e tambem tem mais probabilidade intrinseca, que se deduz dos gravissimos, e sólidos fundamentos, em que se funda: o que achará largamente expendido nos Doutores, que a trataõ expresso; por cuja razão não duvidou o P. Viva suprà allegado dizer no num. 7: *Opinio ista de licito*

*usu opinionis minus probabilis in conflictu probabilioris est probabilissima, & moraliter certa, utpotè communissimè recepta, paucis exceptis, apud Dian. p. 1. tr. 13. res. 1.* Lêa por curiosidade este Author; e se defenganará, se o ler, sem estar preocupado da paixão. Deixemos já o Probabilismo, e vamos a outra couza.

No §. seguinte diz, que tem compaixão (termo ordinario seu) de ver o que diz o *P. Arsenio* em materia de Direito natural. Mas não dá a razão desta charitativa compaixão. O certo he, que lhe não occorreo, nem podia occorrer contra o que se acha naquella *Reflexão*; que, o que diz neste ponto, he incontroverso, e tirado dos AA., pondo a divisaõ do Direito natural, quando obriga, e quando cessa; quando se infere de conclusões immediatas, e quando de mediatas; quando he permissivo, e quando não; em que mostra a facilidade, com que se pôdem enganar, os que de repente fallaõ nesta materia: e isto respondendo ao que diz o *Critico* na sua carta, que ouvira Frades, e Clerigos dizer muitas parvoices em materia de Direito natural; provando-lhe o *P. Arsenio* a facilidade, com que pôde julgar mal, não só os que fallavaõ, mas tambem o *Critico*, que ouvia. No §. seguinte desta *Resposta* confessa, que quanto os Theologos na materia de *Actibus humanis* dizem de bom, he tirado da *Ethica*. He verdade; e porisso disse o *P. Arsenio*, que nesta materia a haviaõ de encontrar os Theologos. Accrescenta porém, que isso he para as virtudes sobrenaturaes, e não para as naturaes: mas a verdade he, que humas, e outras são conformes aos principios geraes da razão, e as sobrenaturaes accrescentaõ o motivo superior, a que se dirigem, e suppoem a graça auxiliante de Deos para a sua sobrenaturalidade.

Diz

Diz mais, que foy grande ignorancia no *P. Arsenio* dizer Astrologia em lugar de Astronomia; porque aquella he condenada por todos os bons Theologos, e Filósofos. Não quero chamar a esta censura, e razão dada, *ignorancia*; porque sou de animo mais pacato: mas digo, que nem *Arsenio* errou, nem acertou o *Critico* em dizer, que a Astrologia he condenada. Se ella he condenada, tambem fica condenada a Astronomia, que he especie da Astrologia, e condenado o genero, fica condenada a especie. O verdadeiro significado de Astrologia he o mesmo, que sciencia, que trata dos astros, assim como Theologia he sciencia, que trata de Deos. Occupa-se huma em contemplar o movimento dos astros, e conjunção, e daqui infere os Signos, em que anda o Sol, e o tempo, em que haverá eclipse do Sol, ou Lua. Outra he Judiciaria, a qual ainda se divide em duas: huma, que se chama Astrologia natural, porque com pouca, ou nenhuma probabilidade conjectura a chuva, ventos, calmaria, tempestades, e nem está prohibida. Outra, que he a condenada, pertende advinhar os actos livres do homem, a sua fortuna, desgraça, bondade, ou maldade, e outras couzas, que não dependem dos astros. No *Calcpino* achará o seguinte: *Astrologia scientia trans de cognitione, & motu astrorum, que & Astronomia dicitur. Verum hæc differentia non observatur. Cic. de Senect. In Astrologia C. Sulpitium audivimus.* He pois tão grande erro chamar á Astronomia Astrologia, como será chamar á Fyfica Filosofia. Tomada pois *in subjecta materia*, tanto valia dizer Astrologia naquelle lugar, como Astronomia, e neste mesmo sentido se lê nas Táboas do *P. Muzancio*. Eis-aqui a ignorancia, que descobrio naquella palavra! Aqui vem em seu lugar o termo *arranhar*, de que o *Critico* usa frequentemente contra o *P. Arsenio*.

Finalmente conclue a sua erudita *Resposta*, dizendo, que *já não tem paciencia para estar ensinando rapazes*. Mais acertado era não querer dar estas liçoens, persuadido, que com ellas ensinava o *P. Arsenio*, a quem chama rapaz; como se eu não soubesse tambem a idade do *Critico*. Com ellas fô vejo nos ensina a desprezar os Theologos, e homens doutos, e a dar suas desculpas taes, quaes. E já se enfada de ensinar rapazes, quando lhe succedeo com tão bom successo o ensino daquelle rapaz sem livros, e passeando; e daquelle menina, á qual com lhe dictar algumas liçoens, sahio eminente, de que faz menção na sua *carta* 10. p. 58!

Façamos tambem hum, ou outro reparo nesta *carta da Ethica*. Na pag. 62 diz, que a *Ethica* deve instruir os homens em duas couzas: *Ensinar, em que consiste a suprema felicidade do homem: explicar as virtudes, e modo de as conseguir*. Se esta lição ha de ser da *Ethica* dos Gentios, são couzas, que elles não alcançaraõ; porque, como lhes faltava a Fé, não sabião o verdadeiro fim, para que Deos nos creou, que he para a Bemaventurança sobrenatural, para o que nos deo os meynos, como quem sériamente queria salvar a todos. Tambem as obras, e virtudes dos taes Filósofos não valiaõ para a salvação; porque, como nos ensina *S. Paulo*: *Sinè fide impossibile est placere Deo*; e as virtudes, que exercitavaõ, eraõ ordinariamente com hypocrisia, sem as dirigirem ao verdadeiro Deos. O que posto, que casta de doutrina nos pôdem dar nesta materia? E que importa, como diz, *que a questão do summo bem fosse disputada pelas melhores pennis da antiguidade*, se não atinaraõ com a verdade, como logo abaixo confessa? A verdade da suprema felicidade do homem deve-se aprender no *Tratado de Ultimo fine hominis*; porque ahi vay a  
 agoa



agoa clara, e muito turba nos Filósofos Gentios. O mesmo digo das verdadeiras virtudes conducen-tes a conseguirmos o nosso ultimo fim; porque des- tas, que são sobrenaturaes, nada souberão Cicero, Academicos, e Estoicos com os mais, que allega no seu catálogo.

Diz mais, que as Escólas da antiguidade eraõ aquellas, em que se davaõ bellissimos preceitos para a vida. E não os daraõ melhores os livros Af- ceticos de *S. Francisco de Sales*, *Santa Thereza de Jesus*, dos *Veneraveis Padres Joaõ Eusebio Neri- berg*, *Fr. Luiz de Granada*, *Paulo Scñcri*, *Joaõ Gersaõ*, *Alonso Rodrigues*, *Diogo Monteiro*, *Ma- noel Bernardes*, *Joaõ Pedro Pinamonti*, e outros? Não concorda isto, com o que agora se lê na sua *Resposta*: *Que os antigos não obraraõ bem em tudo, porque a razão lhe não deo noticia da graça de Chris- to, e não pozeraõ por principio fundamental da sua Ethica o amor de Deos.* Nem tambem com o que escreveo na carta 10 pag. 34. onde ponderando o pouco, que os antigos sabiaõ, comparado com o que hoje alcançamos, diz que, *qualquer pobre molher Catholica he infinitamente mais alumada, do que não era Platão.* *Aprendemos mais em huma pagina dos nossos livros bem escritos, do que em livros inteiros de Platão.* Nem isto concorda com o que assima diz dos bellissimos preceitos da Escóla da antiguidade, nem com o que diz na pag. 65. *Lendo Plutarco nos seus livros de moral, Cicero no de officiis, Seneca; e outros, observey varias vezes, que escrevião me- lhor, que os Theologos de profissão: naquelles verá V. P. principios de huma boa razão, nestes nem jombra.* Não sey como se póde desculpar semelhan- te proposição; e taõ geral, que abraça todos os Theologos, em cujo coro entraõ Santos Doutores, e Varoens de eminente sabedoria! Este he o moral,  
de

de quem declama contra os Probabilistas, e manda seguir o mais tuto, e seguro na consciencia?

Na pag. 80. diz. *Tendo entendido, que couza he ignorancia, medo, concubiscencia, tres couzas, que se oppoem á liberdade dos actos.* Que a ignorancia se opponha á liberdade, não se duvida, porque como a vontade he cega, não pôde abraçar, o que o entendimento lhe não propoem. Porém quanto ao medo he certo, que não se oppoem á liberdade, porque nunca impede o consenſo, ou dissenſo da vontade. *No cap. Merito 15. q. 1.* se decide, que o que jurou falso por medo da morte, jurou falso voluntariamente. O navegante, que por medo de morrer afogado lança ao mar as suas riquezas, livremente as lança; posto que este acto da vontade se ajunte com a displicencia daquella perda, e se chame involuntario *ſecundum quid*. Se differem a Pedro, que o matao, ſenaõ negar a Fé, e elle assim o fizer; pecca, não obstante o medo, ſem o qual o não faria; e já ſe ſabe, que não peccaria, ſe não negaſſe a Fé livremente. Pela meſma razeõ peccavaõ os Chriſtãos, que por medo dos tormentos ſacrificavaõ aos Idolos. O peccador, que com o medo do inferno faz hum acto de attriçaõ: o que reſiſte á tentação grave por medo do meſmo inferno, ſem duvida, que fazem actos meritorios, e por boa conſeſquencia livres.

Quando a Igreja dá por nullo o matrimonio, e a profiſſaõ Religioſa feita por medo grave; não he, porque julgue, que aquelles actos não ſejaõ livres, mas porque não quiz houveſſe injuſta coacção para aquelles eſtados: o que ſe vê, quando hum, e outro eſtado ſe abraça por medo cauſado juſtamente; v. g. o que caſa por medo de cahir na excõmunhaõ, que lhe impoem o legitimo Juiz: e o que entra, e profeſſa na Religiaõ, por eſcapar do caſtigo

castigo merecido pelo crime, que cõmetteo; que tanto o consenſo, como os votos ſe fazem livremente, e com tudo não ſe fariaõ, ſenaõ folle o medo. *Pichler (7) Vis, ſcũ metus non tollit omninò voluntarium, & liberum conſenſum, ſed tantum ſecundum quid, & facit, ut conſenſus ſit ſpontaneus, nam coacta voluntas eſt voluntas, ut habet axioma deſumptum ex L. 21. §. eodem ibi: Quavis, ſi liberum eſſet, noluiſſem, tamèn coactus volui.*

Tambem ſe não oppoem á liberdade a concupiſcencia. Os ſeus actos provém do appetite ſenſitivo, que ſuavisaõ a vontade para amar, ou regeitar o objecto appetecido. Eſta he a cauſa, porque os Theologos cõmummente enſinaõ com *S. Thomás*; que a concupiſcencia não cauſa involuntario algum; porque move a vontade para o deleitavel, ao que ella com facilidade ſe inclina. Bem o conheceo o Filoſofo 1. *Rhetor. 6. ibi. Ea cõque videntur jucunda, & meliora, que unusquiſque cupit, & maxime afficitur.* O que daqui ſe ſegue he, que a força da concupiſcentia diminue algum tanto o equilibrio, pelo muito que inclina a vontade, mas não lhe tira, nem ſe oppoem á ſua liberdade. Eſta concupiſcencia move o ladraõ a furtar, o ſoberbo ao deſprezo do proximo, o iracundo á vingança, e com tudo os taes actos ſaõ peccaminofos; o que não ſeriaõ, ſe foſſem ſem liberdade. Quando os Theologos enſinaõ, que com o medo, e concupiſcencia ſe pôdem fazer actos não livres, não attribuem eſta oppoſição ao medo, e concupiſcencia, mas á falta do conhecimento, que ás vezes intervém, poſto que raras vezes, como acontece nos actos, a que chamaõ *primò primos*; e quando a paixaõ de tal modo cega o entendimento, que lhe não dá lugar a attender para o que faz. Tudo iſto enſinaõ os Theologos

[7] Pichler in Comp. jur. Can. ad tit. 40.

logos Escolasticos na materia *de Actibus humanis*, e porisso não poêm em igual paralelo a ignorancia com o medo, e concupiscencia na oppozição á liberdade; porque nesta parte ha grande differença entre o primeiro, e os outros dous. Tudo isto são verdades Catholicas; e se o *Critico* as nega, veja para que parte se inclina a sua doutrina. Assentemos, que para fallar com acerto nestas materias, he necessario estudar Theologia Escolastica, sem a qual se vem a cahir nestes, e outros erros semelhantes, no mesmo tempo, em que se pretende ensinar método para estudar Theologia.

## C A P I T U L O XII.

### *Da Medicina.*

**H**E admiravel o principio desta *Resposta*, e dá a razão da sua censura o *Critico* por estas doutissimas palavras: *O que fez mais vontade de rir aos nossos PP. foy o vér o titulo da Medicina. Quando soubestes vós, ou estudastes medicina? &c.* Eu nunca ouvi, que hum *P. Barbadinho* tenha mais privilegio, que hum *P. Capucho* para fallar em *Medicina*; e não o tendo o primeiro, pela mesma razão nos poderíamos rir, vendo na carta do *Barbadinho* o titulo: *Medicina*. Quanto mais, que o *P. Arsenio* não se meteo a ser Medico. Para impugnar as razões contra os *Galenicos*, e todos os *Medicos Portuguezes*, basta hum bocado de discurso; o que se pôde vér na dita *Reflexão*: e tambem se achará, que a *Resposta* não sóla os argumentos, que lhe poz. Seja embora sua *P.* grande Medico, e mereça ser Socio das Academias Regias; pois que tem estudo (como diz,



diz, e sem vaidade) mais Medicina, assistido a mais anatomias, conversado mais dias com os que erão insignes nestas materias, do que muitos, que as professão neste Reyno. E bem se vê, com saber, que o achaque da farna, e pasta, que se cria nos dentes, provém de bichinhos; e que muitas doenças se podem curar com óleo de amendoas, ou qualquer outro, e ás vezes só com esperar a crisis, que faça a natureza.

Mas vamos á *Resposta*. No terceiro parágrafo della conclúe, que o Medico deve ser *Anatomico*, e *Cirurgião*. E o confirma, dizendo, que *Hypocrates* foy *Cirurgião*. Não duvido, que o fosse; e se elle fosse *Musico*, tambem provaria, que a *Musica* he necessaria ao Medico? Falta com tudo a prova, de que o Medico deva ser *Cirurgião*; quando estas couzas são diversas: basta, que o Medico seja instruído na *Anatomia*, para a qual lhe basta saber especulativamente a estrutura do corpo para a boa cura das enfermidades; o que póde alcançar pelos livros, que tratao da *Anatomia* com suas estampas: porém obrar como *Cirurgião* não lhe pertence, e he sentença do mesmo *Hypocrates in suo jure jurando* ibi: *Nec verò calculo laborantes secabo, sed viris Chirurgiae operariis locum dabo*. Sempre o *Cirurgião* foy distinto do Medico, ainda no tempo de *Hypocrates*, e *Galeno*, como diz *Celso*. (1) De forte, que o fim do *Cirurgião* he *manu mederi*, e do Medico *naturæ agrotantis morbos depellere*, como diz o mesmo *Celso* citado. E *Valcriola* (2) com *Galeno* dizem, que a arte de curar tem tres partes entre si diversas: *Quarum una chirurgia dicitur, & est manualiter operans*.

Oppoem-se a *Resposta* no parágrafo seguinte dizendo, que não basta estudar *Anatomia* por

Bbb

estam-

(1) Cels lib. 7. c. 1. Galen. 6. Method. ad fin. (2) Valeriol<sup>2</sup> lib. 6. Enarrat. 4. cum Galen. lib. 1. de Anatomic. administrationib.

estampas, e com este argumento: *Manday estudar a hum relogoeiro por estampas, e dizeilhe, que vos faça hum relogio de minuets.* Não acho implicancia, em que hum engenheiro artifice possa fazer esse relogio, se as estampas trouxerem as rodas, medidas, e lugar dellas bem explicadas: e parece-me, que o primeiro, que fez minuets no relogio, não vio outro já feito com esse artificio; e hum architecto só por estampas póde fazer hum grande palacio. Concedo porêm á boamente, que só por estampas se não possa fazer o relogio: digo tambem coherente-mente, que nem Medico, nem Cirurgiaõ póde fazer hum corpo só por estampas; mas não se segue, que ellas não bastem ao Medico para curar as enfermidades, posto que não bastaráõ para todas as operaçoens do Cirurgiaõ. E accrescento, que ainda que tenha feito vinte mil anatomias, não bastaõ para curar a doença, se se não valer da experiencia dos medicamentos applicados em semelhantes casos. Se me disséssem, que o Medico abria o doente para ver, onde estava o mal; ou que o corpo do enfermo he diáfano, bem estava; mas elle não o abre, e a mesma febre, ou dor póde vir de varias causas; e mal póde saber o Medico, qual he a parte queixosa, ainda que saiba todas de cór. Esta he a razão, que por mais anatomias, que se tenhaõ feito, nenhuma basta para acodir ás epidemias; e porisso abrem alguns corpos para ver, se pódem alcançar, donde vem o mal. Esta he a grande difficuldade da Medicina, que, para curar o doente, começa por conjecturas, as quaes não são certas para atinar com a causa; e porisso se cansaõ os bons Medicos em ler, e tambem escrever as experiencias, que ha em semelhantes casos, para se valerem dellas, sem as quaes s'eraõ muitos os erros, e poucos os acertos. Com summa prudencia diz a este proposito o Douto

*Martin*

*Martin Martinez* na sua Carta ao M. Illustre P. M. Feijó: *Confieſſo la ignorancia de las causas morbificas, pero admito los caracteres, por donde experimentalmente se distinguen, y curan; y en esto consiste todo el arte. Aborresco los systemas, fundados en pensamientos de hombres; pero aplaudo las experiencias.*

No outro parágrafo, que começa na pag. 88 da *Resposta*, concede ao P. Arsenio, que o Medico só pôde conjecturar a causa da doença, e que o ponto está em indagar, qual seja o principio do mal, e qual deve ser o remedio. Accrescenta porém: *E que tiramos daqui? Para isto serve muito pouco a anatomia? Como pôde discorrer o Medico, se elle não sabe, quaes são as partes, de que se compoem o vivente?* E para este argumento manda ao P. Arsenio fallar com os negros de Angola? Cá mais perto temos a solução com a paridade do relógueiro, de que usa S. P. Hum grande Mestre destes artefactos sabe de cór toda a anatomia de hum relógio, o qual tem muito menos circumstancias, do que a máquina do corpo humano. Mostre pois hum relógio parado a hum destes artifices, e que não tem mais que hum dente quebrado; e peça-lhe, que lho cure, e sem o abrir lhe diga, onde está a causa da doença, visto saber com tanta perfeição as partes, de que se compoem? Estou certo, que nenhum lho ha de dizer! Como pôde pois o Medico, ainda que seja o melhor Anatomico do Mundo, dizer, de que parte vem o mal, se lhe mostrão aquella máquina fechada, e lhe não he licito abri-la? Bem se vê, que para esta causa pouco val a Anatomia; e que depois de conjecturar, qual seja a causa da enfermidade, deve applicar os remedios, que julga são necessarios, valendo-se ou da sua experiencia, ou do que em semelhantes casos ensinaõ os livros; e se não acha o caso exprello, discorra de

huns para outros. O Cirurgiaõ tem mais necessidade da anatomia individual, para se não enganar na operação manual, quando ha de cortar o braço, ou outra qualquer parte do corpo.

O seguinte §. da *Reposta* consiste, em que dizendo o *Critico*, que devia o Cirurgiaõ saber, como ha de picar a artéria, accrescentou o *P. Arsenio*; que este modo de sangria na cabeça era perigoso, e nas mais partes perigosissimo. Accrescenta agora S. P. de sua casa: *Logo não se deve saber? Bella consequencia! Temos outra asneira.* Mas onde achou S. Ch. que o *P. Arsenio* tirasse tal consequencia? Na sua *Reflexão* não apparece. Porventura disse mal em accrescentar, que aquella especie de sangria era perigosissima? E não he isto verdade? Aqui repete a cura, que, diz, fizera hum Florentino, curando com nabos as dores de almorreimas, que padecia hum seu amigo; e faz grande culpa ao *P. Arsenio*, porque referindo o calo disse, que a cura se fizera com óleo de nabos. Foy grande erro, quando era factivel, que os nabos pizados lançassem óleo. Diz porém, que contou o caso para escarnecer do remedio; porque naquella occasião o mesmo faria hum chichelo velho. De sorte, que o inferir o *P. Arsenio*, que a cura seria de óleo, he erro; e em S. P. he acerto persuadir-se, que naquella occasião o mesmo faria hum chichelo: e donde prova isso? Diz, que o mesmo succederia sem uso do remedio; porque era tempo de fazer a natureza a sua crisis, e acabarem as dores. He bom advinhar! Quando estiver doente, espere por ella, ainda que se aggrave o mal, contra o celebrado conselho: *Principiis obsta, sero medicina paratur, Cum mala per longas convaluere moras.* Tambem aqui escarnece do Medico *Curto*, porque disse, que com óleo de nabos curára certas burbulhas: e pede lhe prove,



prove, porque razão era d'óleo dos nabos, e não de qualquer outro óleo? Elle diria, que os óleos não são todos da mesma qualidade: huns são amargos, e outros doces; e que também he crível, que nem todos tenham a mesma virtude: e que lhe prove também S. P., porque razão aquella cura não provinha particularmente do óleo de nabos, e podia provir de qualquer óleo?

Tambem faz grave argumento contra os *Galenicos*, porque disse o *Curvo*, que as mulheres fermosas fazem aplanhar as feridas. Prove tambem, que o dito he falso, com a experiencia, que, diz, fizera, por se achar em exercitos, onde havia mulheres fermosas, e tambem em casas particulares, sem fazerem mal ás feridas; que tudo lhe concedo: mas do erro de hum tirar por consequencia na sua carta a pag. 105: *Eis aqui o que já os remédios, e a Filosofia Galenica, que o affirmam!* Não he illação digna de hum Logico! A mesma se pôde tirar contra a Medicina moderna; porque *João Dolleo Medico de Haffia Cassel*, Socio que se intitula do Sacro Romano Imperio, e Colléga, traz tantas fatuidades no seu livro de Medicina, que querendo emendálas nas seguintes impresloens, ainda ficou admittindo no homem duas almas; huma racional immortal, outra sensitiva mortal, espiritos governadores, e outros, que chama medicos de varias sortes, que no homem nascem da alma racional. A estes, e outros semelhantes reprehende o famoso Italiano moderno *Pompéo Sacco* no seu novo *Systema* cap. 1, e aconselha, que não entendaõ com a alma, e curem só o corpo, que he o que adocece. Que diremos da ridicula facécia de *Carlos Muzitano Medico moderno l. de Febr. cap. ult. & anteced. de febribus, que ex depravato, & intercepto motu sanguinis oriuntur*; onde dá esta receita: *Recipe Tabellionem*

*nem unum, testes numero septem, adde Sacerdotem cum aqua, & oleo benedicto, misce, & dis. oac. No L. de morbis mulierum cap. 1. Veneris usum magnoperè cōmendamus, & est præsidium non contemnendum.. præcipue, si tribudium agatur, ut a'ud Hispanos mos est. E he Medico moderno Romano. Se eu tirar agora esta consequencia: Eis-aqui as M di-  
 cinas dos Medicos, e Filósofos modernos: diia com  
 razaõ, que era errada consequencia, por querer  
 condenar a todos pela culpa de hum.*

No §. seguinte da pag. 89. apparece o preambulo de hum Catálogo das Academias de Medicina. E para que será toda esta trovoada? He porque o *P. Arsenio* não approvou huma censura, que dêo contra os *Galenicos*, por fazerem receitas de muitos ingredientes juntos, que nomêa na sua carta pag. 108; como a da cotovia queimada com a sua penna em vaso de barro, e pulverizada: e exclama: *Acba couza mais ridicula que esta!* E depois de notar ao Medico, porque não fez a experiencia de queimar cada couza separada; nem de queimar duas, ou tres juntas, e outras mil combinaçoens, tira por legitima consequencia: *Pois tudo era necessario para poder dizer, que se devia queimar toda.* O certo he, que esta sua *Logica moderna* he diversa da antiga, da qual se seguia o contrario: e a razaõ he clara; porque se o Medico fizesse aquellas combinaçoens separadas, e por ellas alcançasse, qual era a parte medicinal, só essa devia mandar queimar; e porque as não fez, e soube, que aquelles pós de toda a cotovia eraõ proveitosos, entãõ he, que podia dizer, *que se queimasse toda a cotovia.* Nem o *Critico* pôde provar, que não haja remedios, cuja virtude consista no conflado de partes etherogéneas; assim como vemos que a agoa destillada de muitas flores, tem diverso cheiro, do que a destillada de  
 huma

humã só dellas: e muito mais concedendo na página III, *que o pouco, que obra a triaga, provem somente de dois, ou tres ingredientes; e já temos que estas partes podem ser de proveito.*

Mas eu quero conceder, que na tal receita vá só hum ingrediente, que faça bem ao doente, e os mais nem bem, nem mal. Se he difficiltoza de fazer a experiencia da combinação, que se póde fazer nessas partes, e se vê por experiencia, que entre ellas vá humã, que serve, não ha razão prudente para se não applicar todo o mixto; visto que não faz mal, antes aproveita. Se hum pobre souber, que na roda de cinco homens está hum, sem distinguir qual elle he, o qual lhe dará humã boa esmola, será louco, se não representar a sua necessidade a todos cinco, sabendo já que hum delles o hade soccorrer. O *Critico* não póde dar boa saída a estas razoes, e retira-se dizendo, que *Arsenio he Fysico mor do espaço imaginario*; como se elle tivesse alguma vez pertendido a cadeira de S. P. He traça antiga de quem não póde soltar hum argumento, dar resposta desta casta. Nem he dissimelhante ao exemplo, que allegou *Arsenio*, de hum negro de Angola, do qual ouvio dizer a pessoa, que era verdadeira, que sabia curar Ethicos. Responde a isto: *Quasi esteve para dizer, que tinha sido chamado para Presidente da Academia de França.* Essa parvoíce não ocorreria ao *P. Arsenio*! O fer negro não faz o caso incrivel; porque muitas vezes se achão remedios por acaso, que muitos antigos não encontraraõ. Aos homens manda a Escritura aprender das formigas: *Vade piger ad fornicam.* Os que caminhaõ pelos certoens da America, comem sem escrupulo as frutas do mato, que vêm comer a outros animaes, que não costumaõ tocar couza venenosa. Na nossa Gazeta de 7 de Abril deste

deste anno se conta no cap. de Stocklomo, que hum paifano de Upsalia achára remedio contra a epidemia, que ha tempos reyna nos gados do Norte, e se aproveitavaõ do seu remedio. Eu não creyo em Gazetas, mas digo, que sendo certo o caso, não he de discredito aos Medicos; nem era bem se desprezasse, por ser inventado por hum paifano.

Conta o *P. Majfei* na Historia da India, que vendo os Portuguezes hum Indio morto com muitas feridas, se admiraraõ, de que por nenhuma dellas lançasse sangue; mas tirandolhe do braço hum osso, que trazia atado nelle, lançou grande copia de sangue. Este Gentio, por ter descoberto tão singular medicamento para estancar sangue, tambem seria convidado para a Academia de França? Qualquer dos grandes Medicos Européos estimariaõ estes remedios; porque não esta o ponto na vileza de quem os achou, mas na singularidade dos inventos; e quem he prudente, não despreza o alheio, se julga ser util para o seu fim. Não desprezaõ os Portuguezes o ouro, quando lho trazem os Cafres do certão de Moçambique; nem os Medicos a *quina*, e *salsi parvilha*, ainda que tenha o seu nascimento nas partes incultas da America.

Tambem he semelhante, a que dá nesta *Reposta* pag. 91. a outro argumento do *P. Arsenio*, e he em summa. Que se fóra de Portugal ha Medicos oppostos a *Galeno*, nem porisso os vemos fazer grandes milagres: se os ha bons, e *Galenicos*, he final, que ainda lá o estimaõ, e seguem; e se não são *Galenicos*, nem com isso morre menos gente. A cada passo vem noticia da grave doença deste, e daquelle Principe, e que he assistido do famoso Medico F. e com tudo morreo o Principe. Daqui se pódem inferir varias couzas. 1. Que nem por seguirem a Medicina, fundada em novos principios, acer-



acertaõ mais. II. Que se só estes modernos acertaõ, todos, os que lhe precederaõ, como *Hypocrates*, e *Galeno*, e os que escreveraõ fundados nos mesmos principios, e actualmente seguem o mesmo methodo, não saberiaõ curar; mas os antigos fizeraõ curas admiraveis, e tambem os *Galenicos* as fazem: e seria couza pasmosa, que curassem errando, como se dessem vida com veneno! O certo he, que a composiçaõ desta máquina do nosso corpo he a mesma, que teve Adão, e os seus descendentes tiveram, e tem os presentes: pois se ella he a mesma, e antes de se descobrirem estas novas composiçoens, havia bons Medicos, he evidente, que as novas Filosofias pouco, ou nada servem para a Medicina. Estas razoes são tão claras, que o douto *Feijó* no seu *Theat. Crit.* tom. 7. disc. 14. n. 13. depois de ter dito, que *Hypocrates* foy hum insigne Medico, e o podem ser outros pelas luzes, que lhes deixou, não duvidou dizer o seguinte: *No es sola la Filosofia Aristotelica la que consideramos inutil para la Medicina. A todos los systemas Filosoficos estendemos la misma censura. Tan fuera de proposito es para la curacion la Filosofia corpuscular, como la Peripatetica. Que baran ya mas al caso, ni los atomos de Gassendo, ni los Turbillones de Descartes, para determinar, si al tal enfermo en tal enfermedad se ha de sangrar, o purgar, o dar la Quina? La Filosofia systematica tomada en toda su extension, solo puede servir, para que el Medico conforme al sistema, que sigue, dé razon de los efectos, que palpa. Mas para reglar la curacion, si no es totalmente fatuo, atenderá precisamente a lo que, o por lectura, o por experiencia sabe, que en semejantes casos há aprovechado, o dañado, praticando lo uno, y evitando lo otro.* Nem as Regias Academias de Madrid, e Sevilha tem outro escopo mais, que, co-

mo diz o mesmo Feijó no num. 23: *Manifestar las verdaderas, y provechosas maximas de la Medicina, y Cirurgia por el camino de la observacion, y experiencia.*

Vamos agora á soluçãõ, que dá o Critico: Isto sim, que he argumento *ad hominem*. Dizia bem, se aqui parasse, e não continuasse. Eu respondo. No certão de Angola, nos do Brazil, na Ethiopia, &c. a gente vive tanto, como em Portugal, e talvez mais, como nos ensinaõ os Itinerarios mais celebres: logo os Medicos daquellas naçoens são tão bons, como os Portuguezes, e muito melhores. O que se deduz do seu antecedente he, que se lá vivem mais: logo nós cá vivemos menos: mas se a causa de viverem mais he, porque os seus Medicos os curaõ melhor, como elles lá se não governaõ por systemas Filosoficos modernos, bem se infere o nada, para que elles servem no curativo. Se lá vivem mais, deve-se attribuir a terem compleiçãõ mais robusta, a usarem de manjares mais salutiferos, e tem tantos tempêros, e talvez tenha razãõ o Doutor D. Martin Martines Hespanhol em huma Dissertaçãõ sobre os dias Quaresmaes, onde diz: *Aquellas comidas son mas saludables, que se cuécen mejor, y convierten en substancia nutritiva, dulce, suave, y gelatinosa; porque estas ni seran expuestas a la effervescencia, y tumulto, ni excitan en nuestros solidos tan enormes crispaturas, y vibraciones, e porisso não necessitaõ tanto de Medicos; e os que tem, facilmente os podem curar com as suas hervas, e outras medicinas experimentadas.*

Disse mais Arsenio, que se a experiencia mostra, que Galeno manda sangrar, e purgar a tempo, e com isso alivia o doente, que nos importa, que a sua Filosofia seja desta, ou daquella sorte? Responde S.P.: *Temos outra ignorancia! Esta proposiçãõ*

*sição envolve contraditórios.* Appello da sua sentença para todos os Logicos, ainda que sejaõ principiantes. Para mostrar a ignorancia, deve provar, que ainda no caso, em que a sangria, ou purga faça bem ao doente, se não deve applicar por causa da Filosofia, que segue o Medico: e para mostrar a contradicção, deve provar, que applicar remedio a tempo, e quando aproveita, confôrme a experiencia, he impossivel, sem o Medico seguir a boa Filosofia; e mostrar qual he ella. Ouçamos porêr a sua prova: *Não pôde a experiencia mostrar, que o homem manda sangrar, e purgar a tempo, se acaso elle não fórma justa idéa da doença.* A proposição do P. Arsenio he condicionada, como della se vê, e não se impugna com a sua prova absoluta, como esta: *Se o homem tivesse azas, voaria.* Ninguem a impugna bem dizendo: O homem não tem azas, e porisso não pôde voar. Mas, deixado este reparo, concedo a sua proposição: *Quid inde?* *Não pôde formar justa idéa da doença, sem primeiro formar justa idéa do corpo, e das suas partes.* Muito ha aqui, que dizer: negada porêr a proposição: *Lá vay o argumento.* Mostre-nos primeiro, qual he a justa idéa do corpo, e suas partes: se a de Aristoteles, se a de Carthesio, se a dos outros modernos; porque antes disso he suppor, o que devia provar? Supponhamos mais, que o Medico errava no juizo do corpo, por ser Peripatetico: este erro he totalmente extrinseco, e não pôde impedir a virtude do remedio; vendo o Medico, que em casos semelhantes he util aos doentes fundado na experiencia.

Sirva de exemplo. Hum rustico sabe por experiencia, que o solimaõ he veneno, que máta. Applica-o a hum inimigo, dando-lho no caldo. Morrerá o homem? Parece, que sim. Eis aqui o rustico

formando juizo do solimaõ fer venenoso, alcança o fim, que pertendia, sem saber, qual he a justa idéa do corpo, e suas partes. Apertemos mais o caso. Hum Medico Peripatetico fórma huma idéa do corpo, e o que he opposto, fórma outra diversa: cada hum quer com solimaõ matar ao seu inimigo. applicaõ ambos o mesmo veneno, e com elle consegue cada hum o seu intento, matando a seu aduerfario. Eis aqui a mesma bebida obrando igualmente, naõ obstante as diversas idéas do Medico: logo assim como o veneno para obrar naõ depende de tal idéa, o mesmo se deve dizer do remedio para curar, quando a experiencia mostra a sua utilidade. Por esta causa disse bem o *P. Feijó*, que todos esses systemas Filosoficos saõ inuteis para a Medicina. Aonde vay aqui a ignorancia, e onde estaõ os contraditorios? Acode a dizer, que as leys necessarias para o Medico, e que elle recõmenta, naõ se achão em *Galeno*, e menos nos *Galenicos*. Como confessa logo, que *Galeno* fez boas curas? Como foy *Hypocrates* insigne Medico, e muitos, depois d'elle, seguindo a *Galeno*? Huma de duas: ou elles sabem as leys; ou as que o *Critico* aponta, naõ saõ precisas?

Outro argumento, e bem efficaz, lhe poz o *P. Arsenio* com o exemplo da *Quina*, a qual he remedio approvadissimo para as cezoens: e para o ser, tanto importa, que se componha o corpo do modo, que explicaõ os Peripateticos, ou como querem *Leusippo*, *Em'edocles*, *Cartesio*, ou outros, que todos iraõ com differença no seu discurso; mas nada disso obsta, para que ella naõ seja util para as cezoens. O mesmo exemplo allegou na cura de qualquer bruto, que fazem os alveitares: ou elle seja pura maquina; ou se componha de materia, fórma, e reaes accidentes; ou tenha alma divisivel, ou naõ; espi-



espiritual, ou corporea; ou seja composto de qualquer outra forte, e muito á vontade dos Filósofos modernos; o certo he, que o alveitar com as suas receitas, e remedios os lára, sem attender a mais composição, que saber tem corpo, e veyas para o sangrar, fundado na experiencia das suas medicinas. E com isto prova, que todas as historias da Filosofia moderna, exceptuando as experimentaes, são inuteis para a Medicina. A tudo isto dá huma tal resposta, que por indigna, a não repito. Diz de mais por modo de reconvenção, que *Arsenio* cuida, que *as opinioens particulares são os systemas*; sendo que elle fallou das Escólas inteiras, ás quaes se dá esse nome. Eu digo, que qualquer opiniaõ particular, que se suppoem, he, e se póde chamar *systema*. Da mesma sorte, que posso dizer: *Nessa supposição: posso dizer: Nesse systema*; porque *systema* significa o mesmo, que *suppositio*, vel *hypothesis*. Se no seu vocabulario, e no de *Daniel Clerico*, que allega, não tem essa significação, eu não tenho jurado nelle. Eis-aqui toda a sua soluçãõ. Tambem recommenda muito ao *P. Arsenio*, que não diga mal dos *livrinhos em doze*. Sem duvida que são muito bons para qualquer curioso os trazer no bolso, e delles tirar noticias geraes; mas não para estudar as materias plenamente. Agora ao que accrescenta, que são melhores, que aquelles *dois tomos*, que allude. Respondo I, que não padeceraõ na revisãõ dos Tribunaes aquella fatalidade, que experimentou no juizo, e deliberaçãõ dos Censores Romanos certa *Historia de Filosofia*; chegando a suspeitar-se da fé de seu Author, a quem o medo fez entrar na consideração do ponto, e na diligencia de emendar os erros; fazendo no *Original*, que de novo trasladou, as correçoens convenientes para conseguir na segunda revista a approvaçãõ, que na primeira se lhe negou.

gou. Respondo II, que estes dous tomos, de que o *Critico* quiz fazer memoria; e com a boa tenção, que se lhe agradece; tiverão a estimação, que se manifesta do breve consumo de toda a impressão; que constava de dous mil jógos: não dizem mal de ninguém; como as *cartas* do *Barbadinho*: não foram prezos no Santo Officio; nem foy necessario escondelos, refugiando-os a *Sagrado*, como os do *Methodo* (com quanta infidelidade, e desamor ao credito da Nação!) ou vendelos ás escondidas.

Na pag. 89. desta *carta* diz, que *se o Medico não souber o systema das cores, não poderá curar as enfermidade dos olhos*. E qual *systema* hade estudar? Se asentar em hum, como elle não está definido, correrá o risco de errar; porque, se o seu não for certo, seguese do que S. P. diz, que dará com o doente cego: o mesmo acontecerá ao que seguir o *systema* contrario, porque tambem pôde ser falso; porque os modernos, ainda depois das experiencias da *Mechanica*, seguem differentes opiniões. Nesta perplexidade, que deve fazer o Medico? Usar das medicinas, que apontaõ os Authores, corroboradas com a experiencia; e he o mais acertado. Logo na mesma pag. recômmenda o estudo do *systema Planetario*, e a constituição dos Planetas; mas o empenho he grande, tanto pela distancia dos Planetas, e influxos delles, sobre que ha sua diversidade; como pelas diversas opiniões, que ha a respeito da sua constituição. Dá porém esta razão: *Porque esta crudição dará ao Medico mil noticias sobre o ar, e muy necessarias para alcançar a cauza de muitas enfermidades*. Com estas noticias se enganará, se largar as experiencias approvadas, como se enganou *José Jacob Waldschmidt* Medico moderno, que dizia, que a febre consistia na mixraõ do sangue perturbada com a introdução de hum *Esber perigrino*.

grino. O homem era Carthesiano, como diz o M: Feijó no disc. 14. da Medicina n. 14. E além de que, esta imaginação nada concorda com Carthesio: o *Ether perigrino* he a materia sutil de rapidissimo movimento, e não se detém nos póros, e juntamente he toda uniforme. Mas o que muito se deve notar, he, que este moderno Author, para curar as febres, recorria aos mesmos medicamentos, que via nos outros AA; e he o costume dos modernos.

Na pag. 91. diz. *Concedem os mesmos Galenicos, que depois que Harveo descobrio a circulação do sangue, a Medicina temse adiantado, e augmentado muito.* E na pag. 102 afirma, *que Harveo abriu os olhos ao mundo com a circulação do sangue, que mostrou.* Se a circulação fez tudo isto, já de tempo mais antigo se tinha advertido na tal circulação? E ainda que o P. Muzancio diz, que elle a affirmou, não diz, que foy o primeiro, que reparou nella. *Mangetto* (3) cita treze lugares de *Hypocrates* claros, e demonstrativos da mesma circulação. *Aristot.* (4) no livro de *Juvent.* diz. *Necesse est, sanguinem continuò effluere ad cor propter perpetue motionis continuitatem.* Da mesma opinião foy *Galeno*, como advertio hum dos melhores praticos de Alemanha, e Medico da Camara do Imperador: (5) *Tandem Galenus noster antesignanus sanguinis circulationem non solum vidit, atque cognovit, verum etiam ferè demonstravit.* E *Primocio*, ainda que acerrimo inimigo da circulação, confessa: *Si Galeni placitis adhaerere velimus, opinio de sanguinis circulatione non adhuc absurda videtur.*

O que dos modernos se podia esperar, não era o terem advertido na circulação do sangue, ha  
tan-

[3] Manget. t. 1. de Anatom. p. 2. ex mente Caroli de Languetio pag. 900. usque ad 949. [4] Aristot. l. de Juvent. & Senect. cap. ult.

[5] Galen. tom. 2. Observ. 22. cent. 2. pag. 272.

tantos séculos conhecida ; era sim algum novo methodo de curar aquellas enfermidades , que procedem da falta da circulaçaõ ; mas ainda o não acháraõ : e quando curaõ estas doenças , se valem dos *Hypocraticos*, e *Galenistas* ; que esta he a traça destes novos *Esculapios*, dizerem mal de *Galeno*, e aproveitarem-se d'elle para curarem. O certo he, que os modernos só em méras palavras se distinguem dos *Galenistas*. Estes dizem, que a faude consiste na boa temperatura, composiçaõ, conformaçaõ, e tudo o mais, que concorre para a boa ordenaçaõ do composto. Os *modernos* dizem, que consiste na boa fluidez, currencia, e pondus dos humores, suas temperaturas, cursos, qualidades, e boas disposiçoens nas vias, &c. E tudo isto são méras palavras. Se em alguma couza se querem apartar dos antigos, ou vem finalmente a descahir nos remedios, que elles ensinaõ ; ou cahem em absurdos intoleraveis, que he o peór. O supra citado *Carlos Muzancio* no cap. 34. de *Fibr. Quæ pendet ab excrementis retentis*; depois de chamar aos *Galenicos* *Medicos estercorarios*, por usarem de ajudas, e querer curar por outro methodo ; vendo, que não aproveitava, mandou usar das mesmas ajudas.

Por causa da mesma circulaçaõ, com que o *Critico* faz tanta bulha, tambem os modernos cahiraõ em couzas bem galantes, das quaes vieraõ a ceder defenganados á custa dos muitos, a que tiráraõ a vida. Discorriaõ com a sua Logica, que por causa da circulaçaõ tanto valia a sangria em huma, como em outra parte do corpo ; e porisso, desprezando a rectidaõ das vias, tambem desprezaraõ a sangria nos braços em pleurizes, peripneumonias, asma's, febres catarraes, e outras ; mas vendo a falsidade do seu discurso, logo voltaraõ ao exercicio da doutrina de *Hypocrates*, e *Galeno*. Que absurdo  
naõ



naõ foy o da transfusão do sangue, que inventa-  
raõ, de hum moço para hum velho; de hum saõ pa-  
ra hum doente; persuadidos, que assim podiaõ re-  
mediar os males radicados na depravada diethese do  
sangue? Mas o fruto, que se tirou deste novo in-  
vento, foy a morte de muitos miseraveis; o que  
obligou ao Parlamento de França prohibir com gra-  
ves penas esta transfusão nos racionaes: e com ma-  
yores penas a prohibio S. Santidade ainda nos ir-  
racionaes, como tudo se pôde ver no 1. tomo de *Et-  
mulero* pag. 421. in *Dissert. de ortu, & progressu trans-  
fusionis*. E pag. 468. de *Chirurgia transfusoriâ*. E *Lu-  
cas Tosi* tom. 1. cap. 1. de *Motu cordis*, o qual he  
Medico Romano. O Grande *Libavio* dizia, que aos  
mancebos, a que se tirasse o sangue para esta trans-  
fusão, se deviaõ dar bons confortativos; e ao Me-  
dico, e Cirurgiaõ hum vomitorio bem forte: e eu  
dissera, que hum pouco de *hellébore*. Mas o que  
nesta transfusão se acha mais digno de riso, ou  
compaixão, he persuadirem-se estes novos Filósofos  
com a sua Filosofia, ser da mesma qualidade o san-  
gue humano, e o belluino, e que poderia este ali-  
mentar o homem, em quem se transfundisse, sem  
mais alteração, ou transmutação, que aquella, que  
circulando recebesse do coração.

Na pag. 102 diz: *De Galeno até Harveo se  
naõ deve fazer caso de Escola alguma de Medicina.*  
E na seguinte: *Neste Remo, em que todos são Gale-  
nicos, bastava isto para provar, que aqui se naõ sabe  
Medicina.* E porque o naõ prova? Tambem os *Ga-  
lenicos* dizem, que a *carta da Medicina* necessita de  
hum grande cura com sangrias, e purgas, porque  
padece hum *terrivel maligna*. O certo he, que mui-  
tos estrangeiros acháraõ nos Medicos deste Reyno  
a faude, que com os seus naõ puderaõ alcançar;  
como he a cura do escorbuto, de que em Portugal

Ddd

se

se tem curado muitos guiados pelos *Galenicos*. Em Lisboa curou o célebre Proto-Medico, e insigne Doutor *João Bernardes de Moraes* com o methodo *Galenico* ao filho de hum Medico moderno Alemão da doença de bexigas; sendo assim, que o mesmo pay com a sua medicina moderna, querendo curar outros dous filhos do mesmo mal, a ambos matou. Na pag. 104 diz, que no seu *vocabulario o mesmo he Galenico, que mezinheiro*. Elles dizem, que no seu o mesmo he esta *carta de Medicina, que caravina de Ambrosio*. Accrescenta: O *Galenico* não pôde formar verdadeiro conceito da enfermidade, porque não tem principios para isso. Negaõ os *Galenicos*, e dizem, que applique o conceito aos que não são *Galenicos*.

A verdade he, que como a máquina do corpo está fechada, só por conjecturas se pôde saber, donde vem o mal, como S. P. concede na pag. 88 da *Resposta*; e porisso huns, e outros devem fazer o seu discurso fundados na experiencia, e não que em semelhantes casos se acha nos livros da sua Faculdade; porque se olhamos para os principios Filosoficos, mais duvidosos são os modernos, do que os Peripateticos, tirando huma, ou outra questão. Por este motivo se não deve estar pelo que diz na pag. 105: O que considera o corpo humano como huma machina, e reconhece, que a doença pôde soceder no fluido, e no solido, e que por meyo da anatomia chega a conhecer, em que parte está a doença, forma muito differente conceito da cura, e procede muito differentemente nas receitas. Respondo, que as considerações do Medico, que pondéra a constituição do corpo humano conforme as doutrinas modernas, são fugeitas ao engano; e da mesma sorte se pôde enganar, quem fundar nellas o seu discurso. Concedo porém, que grandemente ajudaria ao Medico,

se

e por meyo da anatomia chegasse a conhecer, em que parte está a doença. Mas essa he a supposição falsa, e que lhe nego. Para se reconhecer, se tenho razão, basta, que se lêa nesta mesma carta a pag. 119 o catálogo, que alli vem: O nosso corpo tem foudos, fluidos, nervos, tendoes, ossos, canaes, sutileza das fibras, vasos, musculos, entranhas, glandulas, ação do ventre, intestinos, chilo, limfa, separação do escremento, mezenterio, boses, força das arterias, veias, cerebro, cerebello, baço, coração, rins, bexiga, fígado, tripas, &c. Dou tudo, e o mais, que falta, sabido de cór pelo Medico. A doença póde nascer de qualquer desconcerto de huma destas partes: como he possível, que o Medico, por meyo da natureza, chegue a conhecer a parte, em que está o mal, se toda essa máquina está fechada? Muito menor he a anatomia do relógio, e com tudo o relógoeiro não chegará a conhecer a causa, porque pára, sem o abrir!

Na pag. 111 diz, que os melhores Filósofos se rim da *Triága*. Dizemos porém, que cá nos ficamos rindo desse riso: mas confessa, que esse pouco, que obra, provém sómente de dous, ou tres ingredientes. Já temos, que o mixto de duas, ou tres couzas póde servir. E quem lhe disse, que os Medicos não tem feito experiencia, e combinado esses ingredientes, e alcançado, que todos são necessarios para a *Triága*? Demos porém, que o proveito esteja em dous, ou tres ingredientes; como a experiencia tem mostrado, que os outros, que leva, não fazem mal; que vay, se ajuntem todos naquelle confiado? A melhor *Triága*, que he a *magna*, lá vem de Roma, onde ha elles grandes Medicos: elles a approvaõ, e costumão ir examinar os ingredientes todos, antes que se faça; e se usa della nas mais partes da Europa: e assim pouco importa, que o *Critico* a reprove. Ella se inventou no primeiro se-

culo por *Andromacha*, Medico do Imperador Nero; e sempre foy remedio estimado. O *Calepino* tirando-o dos Professores da Faculdade Medica, e do Author do *Diccionario Oriental*, diz della: *Triaca medicamentum præstantissimum multis ex simplicibus conflatum, singulare adversus venena omnia remedium.* Nem obsta a razão, que allega, que não pôde a *Triaga* ser antidoto universal, obrando os venenos por tão diversas maneiras. Se os venenos, obrando por tão diversos modos, sempre mátaõ; porque não pôde a *Triaga* oppôr-se a todos esses modos diversos? Muito mais confessando o *Critico*, que o que obra, *provenem de dous, ou tres ingredientes.* Eisahi confessa virtude universal a esses dous, ou tres!

Diz, que são contra isso os *Filosophos*, que pensão bem. Devia provar, quaes são esses, e não suppor por provado o mesmo, que se lhe nega: e porisso nada conclue com dizer, que elles reprovão a pedra de *Bezoar*, *cordal*, *porco espinho*, e *aljofar*, que sem fundamento algum diz, que *são servem de sujar a agoa*; porque com a mesma resolução diremos, que só tem essa serventia a terra boloza de *Nocera*, e outros bolos de varias partes, que nos inculca. Diz mais, que *se não pôde fazer maior serviço á Republica, que dezenganar os Medicos, que a maior parte dos remedios são imposturas.* Outro maior serviço se pôde fazer, defengando a todos, que esta *carta de Medicina* he boa para matar gente, se os Medicos se guiarem por ella, e defengando o *Author*, que a tal *carta* necessita de huma *boa cura*. Finalmente na pag. 98 nos conta huma experiencia famosa, e he: *que morrendo hum animal, porque se destruiu o thorace, applicandolhe hum folle á laringe, e aqoprando-lhe os bofes, resuscitara.* Resuscitar mortos até aqui sempre se julgou obra milagrosa reservada á Omnipotencia Divina, e como tal se



se conta nas Vidas dos Santos; e são os mais evidentes milagres para os processos da sua Canonização. Parece-me, que o caso se meta no Tribunal, a que pertence averiguá-lo, que he o da *Congregação Extraordinaria dos Ritos*, presentes nella os tres Auditores da *Rota* mais antigos, e dando vista a *Santo Ambrosio* no liv. 4. sobre o cap. 4. de *S. Lucas*, onde diz: *Resurrectionem mortuis imperare divine solius est potestatis.*

## C A P I T U L O XIII.

### *Do Direito Civil, e Canonico.*

N Este capitulo da *Resposta* logo no seu primeiro parágrafo se achão varias couzas falsas, ou fingidas, que causa admiração, coubessem tantas nas primeiras onze regras. A primeira he inculcar-nos o grande espanto, que lhe causou, quando vio, que o *P. Arsenio* ajuntasse em hum unico titulo duas materias tão difficultosas, em que o *Critico* fallou com tanto fundamento, e tão copiozas, que bastarão para dar argumento a muitas cartas. Paremos aqui, que o texto tem muito, que admirar! E sirva de admiração a sua mesma authoridade, que he a mayor. S. P. não fallou em huma só carta do Direito Civil; sendo Faculdade tão copiosa, que podia dar argumento a muitas cartas? Toda a sua carta consiste em dizer mal dos Portuguezes, ainda que a critica envolve a todos os Jurisconsultos em cômum, sem que nella trate, ou expendá huma só questão de Direito Civil, e Canonico: e se isto não causa admiração, e muito menos a causaria, se taes cartas não sahisses a luz; donde lhe nasceo  
o pas-

o pasmo de ver, que em huma só *Reflexão* lhe reparassem em algumas das muitas couzas, que disse naquellas *cartas*? Com quanta mais razão podia eu pasmar, reparando na sua *carta* 16, e lendo o sumario della, que começa da Grammatica ate á Theologia: (veja, que grande salto!) *Modo util de exercitar Medicos, e Cirurgioens. O mesmo sobre as Leys, Canones, e Theologia. Como se devem exercitar os Confessores. Modo de instruir as mulheres, não só nos estudos, mas na economia.* Toda esta barafunda lhe coube em huma *carta*; e fica pasmado, de que em huma só *Reflexão* lhe fallem em ambos os Direitos? Com mayor causa podiamos pasmar, lendo a segurança, com que affirma (ainda que sem vaidade, nem desmedida presunção) que sendo as materias tão difficultosas, fallou nellas com tanto fundamento. Não quiz deixar esse elogio á cortezia dos leitores!

Mas vamos adiante. Sem duvida (diz elle) que no vosso vocabulario o Direito Canonico, e Civil são a mesma coiza. Bem arrancada illação! Eu, olhando para a sua *carta* 16, direy pelos mesmos consoantes: Sem duvida, que no vosso vocabulario he o mesmo Grammatica, Rhetorica, Ethica, Filosofia, e Theologia? He o mesmo Leys, e Canones; Medicos, e Cirurgioens; Confessores, e Instrução ás mulheres; os seus estudos, e a sua economia; porque de tudo isto fallais em huma só *carta*? A solução, que der, applique-a ao seu argumento. Continúa dizendo: *Como tambem já vimos, que Ethica, e Theologia moral; Grammatica, e Latindade; Astronomia, e Astrologia; Opinioens particulares, e Systemas tudo erão a mesma coiza.* Quantas imposturas aqui vão encadeadas! O que vio he, que a Ethica se acha no Moral, e em muitas materias Theologicas; e muito melhor, que nos Gentios, que aponta. Veja a pag 360, e seguintes, em que fica respondido?

pondido? Já no cap.V. p.62. lhe provey, que a Latindade inclúe a Grámatica, como parte, de q se compoem. Astronomia, e Astrologia se toma muitas vezes no mesmo sentido, e já lho mostrey no cap. XI p. 371. Tambem disse já no cap.XII.p.389, que qualquer opiniaõ, que se suppoem, se chama *suppositio*, ou *hypothesis*, e val o mesmo, que *systema*. Se não achou isto no seu vocabulario, accrescente-lho á margem?

No 3. §. diz, que *Arsenio nunca prova contra o principal intento, do que disse o Critico, e que não he isto, o que lhe ensinára*. Notavel ancia em se fingir Mestre! Não he bem perder o tempo em ensinálo, porque lhe faltará, para dár liçoens áquelle rapaz, e tambem á *Senhorita*, que com tanta facilidade ensinou; e quererá dar ainda algumas. Mas o bom Mestre deve ter sido bom discipulo! Veja lá, se o foy nos seus exames? Porque talvez se visse obrigado nelles a conceder o que tinha negado, e a negar o que tinha concedido! E disto estão cheyas as suas *cartas*. Conclue dizendo: *Perdoe Deos, a quem vos ordenou de Missa*. Digalhe pela alma hum pár das suas Missas; que eu cá nas minhas encômendo a Deos quem lhe dá de comer. No 4. §. da *Resposta* diz, que o *Critico* não nega, que em Portugal se saiba Direito. Já vem tarde a escusa. Quando fez a *Resposta*, devia tornar a lér a sua *carta do Método*, na qual se acha o seguinte, e mais não hey de referir tudo. Diz logo o titulo: *Mão methodo de tratar a Jurisprudencia em Portugal, e pessimas consequencias, que dali resultão. Desmedida presunção, que os Portuguezes tem de Juristas*. No corpo da carta vay explicando estas consequencias, e presunção; e diz na pag. 143: *Hum homem, que assim emprêga o seu tempo, por força não ha de saber Direito. Encontrará V. P. muitos homens, que communmente são tidos por grandes Jurisconsultos*.

*jurisconsultos*, os quacs tirados do puro texto, que tem estudado, são tão rudes, que parecem chegados novamente do Paraguay, ou Cabo de Boa esperança. Pag. 144. Hum Jurista, que não sabe a Historia Romana, nem Leys sabe. Pag. 145. Achará V. P. mil Advogados, que não sabem de memoria hum só Ley celebre. Estes taes, quando devem escrever em hum ponto de Direito, achão-se em calças pardas. (elegantemente!) Aqui he ella: as palavras faltão, os textos não apparecem, as razões não se encontram.

Sendo Juiz, não ha algum, que não escreva a sua sentença, ainda que não saiba Latim. Como ha de saber Direito, se não souber Latim? Nunca condeno hum homem por saber pouco; tenho delle summa compaixão; se o posso ajudar, o faço sempre. Grande charidade! Não posso sofrer, (tem charidade, e falta lhe a paciencia) que os que sabem pouco, tenham grande presunção; (como v. g?) e este he justamente o carathér destes *Jurisconsultos*. Na pag. 146. Aquelle mesmo Inglez, e Olandez de calção breado he de hum reino, onde se sabem Leys; e todas as ciencias divinas, e humanas melhor, que em nenhuma outra parte... Não ha mais verdade, que isto; e as nações cultas reem'becem aquellas duas, como prodigios nestas materias. Não he justo passar em silencio o grande excessão, que diz, fazem a todas as Nações nas letras Divinas. Estas são, Theologia, e Exposição da Escritura. Lá ficaão a hum canto as definições de Roma contra as falsas doutrinas destas duas Nações em pontos Theologicos, e de Escritura; supposto que lá se sabem melhor, que em outra parte! Explicação melhor as letras divinas, quando querem provar com textos da Escritura, que o Papa não he Cabeça da Igreja! Que as suas definições não são de Fe! Que he superflua a Missa! Que não ha sete Sacramentos!



ios! Que o preceito do jejum, e abstinencia da carne não obriga! Que Christo ou não está realimente na Eucharistia, ou está juntamente com o pão! Que basta para a salvação a Fé sem obras, e outros dogmas semelhantes!

Esta he a razão, porque diz na pag. 160: *Quem pôde nomcar sem admiração aquelle milagre de Olanda Hugo Grossio.. Foy hum dos maiores Theologos do seu seculo, e hum dos mais doutos Interpretes da Escriitura!* Este lhe agrada muito. Se foy hum dos mayores doutos na Escriitura, não errou nas suas interpretaçoens contra os dogmas Catholicos? Devemos assentar, que disse bem, e que não he máo o ser Protestante? Este *Fr. Barbadinho* das Estrellas errantes, ou este *Fr. Cometa Barbato* cuidará, que Portugal não conheceo ao Protestante *Hugo Grossio*? Ora ouça, que eu lhe descrevo o caracter. Foy certamente *Grossio* entre todos os Protestantes homem estimavel: foy dotado de grande modestia, e de exquisita erudição, principalmente profana: esta resplandece em todas as suas composições. Adornou o velho, e novo Testamento de Notas, ou Cômentarios não pouco célebres: e o que fez sobre o Evangelho de *S. Mattheus*, he bastantemente diffuso. Porém he Escriitor de escrupulosa, e perigosa lição. Attrahe com o estylo, e com o selecto das noticias; e ao mesmo tempo em varios dogmas se declara, e n'outros se dissimula Herege. A sua sentença a respeito da Divindade de Christo não he clara, e sincera, mas toda equivocaca; divertindo, e applicando sinistramente a diversos sentidos os Oráculos, e testemunhos da Sagrada Escriitura. Não he mais sincera a sua fé no dogma do peccado Original. A Prefacção, e as Notas ao livro dos *Cantares* não se lêem sem escandalo. O seu sentir a respeito das Epistolas de *S. Paulo* aos Thessalonicenses; de

Eee

S. Pedro

*S. Pedro* a segunda, e de *S. Judas*; e também ácerca do tempo, em que *S. João* escreveu o *Apocalypse*, he atrevidamente singular. Os Vaticinios sobre a Incarnação, e Pessoa de JESU Christo, ou infringe, ou totalmente despreza. Toda esta, e ainda mais concludente critica he do douto Benedictino *Calmet* no seu Diccionario da Sagrada Escritura. (1) E conclue, que viveo, e morreo proficiente do Calvinismo: *Grotius Calvinii erroribus tenebatur; occubuit anno 1645, ætatis suæ 62. Este he hum dos maiores Theologos do seu seculo, e hum dos mais doutos Interpretes da Escritura! Este o Milagre de Olanda,* que nos inculca o *Critico* entre admirações para o nosso aproveitamento, e este o de que usão para o estudo Theologico, e para a intelligencia das Divinas Escrituras! Não seria melhor, que nos inculcasse, e que também para si elegesse os famosos Jesuitas *Sirmondo, Petávio. Possevino, Garnério, Percira, Villalpando, Saliano, Ribera, Pinéda, Gaspar Sanches, Maldonado, Toledo, Scrario, Cossárcio, Lorino, Barbadás, Bonfrério, Alcazar, Menochio, Tirino, Valença, Descamps, Possino, Granado, Gretsero, Becano,* o Cardeal *Sforcia Pallavicino, Fontaina,* os AA. de *Viris, & Actis Sanctorum,* e muitos outros! Do Clero Secular, e de todas as Sagradas Ordens innumeraveis, os quaes não pertencem á *turba Scriptorum,* como injuriosamente costuma dizer o *Critico!* Porém Hereges para o estudo da Theologia, Escritura, e Historia Ecclesiastica, só o *Barbadinho* as inculca, e não sem grandes louvores cita! Meu R.mo para seu desengano queira ouvir ao Jesuita *Schubarz,* Professor Ordinario de Historia, &c. na Universidade de Inglaterra, na Instrução IV do Capitulo Preliminar das suas Instituições Historicas, pag. 63: *Inter A catholicos esse Historiæ cultores sedulos. Authores*

[1] Calmet Diccion. in Sacr. Script. tom. 1. verb. Hugo Grotius:

*thores eruditos, & si Historiam Ecclesiasticam excipias, suâ laude non de fraudandos, nemo peritus facile diffitebitur: nequè in Historicis locum habere videtur illud, quod in moralibus usurpanus: Bonum ex integrâ causâ, malum ex quolibet defectu. Entendermos, que os AA. hereticos nos haviaõ de instruir com verdade, e sinceridade nas letras Sagradas, e Historia Ecclesiastica, seria esperarmos salutem ex inimicis nostris!*

Na pag. 147 continúa o Fr. Barbadinho: *Conheci neste reino muitos Doutores em Leys, e Canones, que sabião muy pouco isso, que professado: Na pag. 155: Mas o que não posso sofrer, he a presunção, e quanto estão satisfeitos de si mesmos aquelles, que menos sabem, que coiza he necessaria para ser bom Jurista. Na pag. 180: Tanto o Advogado, como o Juiz, deve ter grande fundamento, e erudição da practica, não por cerimonia, como fazem muitos Juizes, que sabem menos disto, que os Escrivãos. Estas são algumas das clausulas da sua carta. Veja-se agora, com que razão na Resposta nega ter dito, que em Portugal se não sabe Direito; mas que só affirmára, que em Portugal se estudava com trabalho. Não ha duvida, que com trabalho se estuda, e porisso se sabe. Faculdade, que comprehende tantas, e tão vastas materias, não se póde adquirir sem estudo trabalhoso. O estudo barato por compendios, e livrinhos de bolso, he muito bom para hum Curioso se enfarinhar em quatro definiçoens, e principios geraes; mas não basta para o estudioso se fazer letrado, e douto.*

Diz mais o Critico neste §. da Resposta, *que elle communmente falla dos Estudantes, e Bachareis, e que Arsenio applica tudo aos Mestres com manifesta calunia. Os lugares da sua carta, que vão citados, mostraõ o contrario; e a calunia he do Criti-*

co, que delles falla. Dos Bachareis, porque nenhum delles faz a lição de ponto, infere com pessima Logica, que não sabem; porque dado não tenhaõ ainda a erudição necessaria para fazer huma lição, muitos delles daõ boa conta do que tem estudado. Tambem he falso dizer, *que todo o estudo daquelles oito annos se reduz regularmente a hum, ou dois; e que o mais tempo se perde*. Não se deve estar por esta sua conta de diminuir, que he errada; porque muitos são estudiosos, e não deixaõ de estudar todos aquelles annos; porque nem todos se esquecem da sua obrigação; e se alguns o fazem, não tem culpa disso o tempo, que se lhe affina para a sua Formatura. Em toda a parte ha mancebos applicados, e ha outros, que o não são; e porisso em todas as Universidades se achaõ bons, e máos: dizer o contrario he paixão teimoza.

Na pag. 94 da *Resposta* diz, que o *métbodo*, com que se ensina o Direito, não he bom; porque não começaõ pela *Ethica*, e *Historia*, que são as fontes do Direito. Nego, que a *Historia* seja fonte do Direito. A *Historia* dirá, quem fez a *Ley*, quando, e porque cauza; mas a *Ley* não nasceo da *Historia*, antes pelo contrario a *Historia* nasceo da *Ley*! A *Historia* de *Moyfès*, *Tremigisto*, e mais Legisladores; cuja erudição encaixa na sua carta; não fez as *Leys*, mas conta quem as fez. Sua P. diz na sua carta, que he couza clara, que o homicida mereça a morte: assim o ordenaõ as *Leys*; mas de que *Historia* nasceraõ ellas? Diz mais na *Resposta*, que os *Matriculas* estudando pouco, ou nada, depois com o exercicio do fóro fazem a sua obrigação, como os outros. Pois fazem a sua obrigação como os outros bem, ou mal? Se a fazem mal, aqui mostra outra vez, que não falla só dos Estudantes, e Bachareis; mas com a sua censura fere os



os Advogados. Se o fazem bem, segue-se, que com o uso, e exercicio de tratar tantas, e tão diversas causas, se fazem bons Letrados; e que bem disse *Arsenio*, que o *Letrado faz-se*, e muito mal sua P. em responder agora: *Pode-se dar cafrice semelhante*? Póde, e ainda peôr; a qual he negar esta verdade tão certa. Donde naceo o proverbio *Ars longa, vita brevis*. Porventura lá por esles paizes, que tanto encarece, logo de repente nascem os grandes Letrados? Assim como nós nacemos pequeninos, e com o tempo vamos crescendo; huns mais, outros menos: da mesma sorte os letrados, e doutos, salvo os que tiverem sciencia infusa. Aquelle milagre de Hollanda *Grossio* logo appareceo do mesmo tamanho?

Referio *Arsenio* o que dizia hum dos mais insignes Mestres da Universidade de Coimbra, e Lente de Prima de Leys; que sendo esta Faculdade muito larga, elle depois de tanto estudo apenas saberia huma pequena parte. Assim o dizia; porque era de juizo maduro, e douto sem *desmedida presunção*. O *Critico* na pag. 95 dá aqui duas soluçoens. Primeira, que elle argumenta com a razão intrinseca. Mas qual he ella? Como nos prova, que a Jurisprudencia he breve, e que facilmente se póde comprehender? Grande serviço faria á Republica Literaria, se o mostrasse: mas este seu *Método* faz este estudo ainda mais extenso do que he, como em seu lugar mostrarey. A outra solução, parenta da primeira, he, que a authoridade daquelle homem seria, de quem não sabia o que dizia. Os acertos só se reservaraõ para sua P. Fôrme o conceito, que quizer, que nisso nada vay. Accrescenta, que podia ser doutissimo, entendêlo assim, e errar. Não ha duvida, que tambem os doutissimos pôdem errar, e não está muito longe o exemplo; porém no caso pre-

presente não póde ser: como póde hum homem doutissimo na sua faculdade de Direito errar julgando que he extenso, se elle fosse breve? Menos má seria a soluçãõ, se negasse a pés juntos, que o tal homem fosse doutissimo. O peôr he, que sua P. aqui quer negar a extensãõ do Direito, sem se lembrar do que disse na *carta* delle pag. 237. *ibi*: *Esta he a serie do Direito, a qual he tal, que quem bem a considera, fica pasmado da sua vastidão.* Confirma o seu parecer com allegar varios Jurisconsultos, que souberaõ Direito, e outras mil couzas: parece muita couza; mas era necessario, que provasse, que elles sabiaõ plenamente todo o Direito, e para isso não devia na *carta* pag. 178. comparar o Direito Civil com o már; e na pag. 235 dizer, que o Direito Canonico era immensa planicie; ao menos para se não contradizer. Era tambem necessario, que elles A.A. confessassem, que se tinhaõ feito senhores de todo o Direito em breves annos, para terem tempo de aprenderem aquelles dez centos de couzas, que sabiaõ de mais.

De caminho não posso deixar de reparar na facilidade, com que o *Critico* condena o estylo de *Arfenio* em varias partes desta *Retorica*, e aqui chamandolhe *pedanteria*, palavra do seu prezado *Vocabulario*; e que sempre tem na ponta da lingua! Falla em estylo, sendo o seu taõ rasteiro, como vemos nas *cartas*, com Grammatica errada, palavras mal collocadas, e fóra do seu lugar; muitas, que já notou *Arfenio*, que não são Portuguezas, como *nito*, *inoto*, *crins*, *esfogado*, *abjudicar*, *redicular*, *em caza sua*; em lugar de dizer, *em sua caza*; e outras muitas? E que direy da pontuaçãõ de hum *Mestre*, que dá regras de *Orthografia*? Reparando no modo, com que usa das virgulas, parece-se com o agricultor, que depois de lavrado o seu

seu campo, lança nelle punhados de trigo: assim elle, feita humas cartas, parece que vay semeando virgulas ás mãos cheyas; dem, onde dêrem, a Deos, e á ventura: lá vão humas fóra do seu lugar, outras partindo a mesma oração; e da mesma forte, que elle diz na pag. 293, que usão as mulheres, quando escrevem.

Na *Resposta* pag. 96 diz, que *Axiomas*, *Maximas*, e *Arbitrios* não são a mesma couza. Em tal sentido se podem tomár, que á mesma couza se applicuem esses tres nomes. Vay o exemplo. Disse o *Critico*, que era necessario sair fóra do Reyno, para ser bom conselheiro da Fazenda, Ultramar, Secretario de Estado, e das Mercês. Como julga, que este dictame he para bom governo do Reyno, bem se póde julgar por *Maxima* sua muito particular. Para elle será isto tão certo, que o julgue por *Axioma* irrefragavel; e se dêr esse conselho, a quem haja de votar nas pessoas, que se haõ de eleger para os ditos empregos, servirá de *Arbitrio*. Neste mesmo §. traz humas palavras do *P. Arsenio*, e para cahir melhor a sua critica, lhe fez a graça de as mutilar, para que parecessem mal. Affirma, que dissera, *que para estes empregos basta a praxe, do que se tem ordenado em semelhantes cazos...* Eo mesmo bastará para o Conselho de Estado, e mais *Tribunaes*. Se trasladasse as palavras, como se lêem na *Reflexão de Arsenio*, não tinha que dizer, e são estas. *A verdade he, que para as Resoluções do Conselho de Ultramar bastaõ as noticias, que temos daquellas partes, os informes dos Governadores, e Ministros dellas, com a praxe do que se tem ordenado em casos semelhantes, e sobre tudo a prudencia, e capacidade do Conselheiro; álias será necessario, que tenha corrido as quatro partes do mundo; porque em todas tem a Coroa dominio.* O mesmo bastará  
para

*para o Conselho de Estado, e mais Tribunaes. Isto he fallar com acerto, com honra, e respeito das muitas, e graves pessoas, que S. Magestade tem recolhido para estes Tribunaes; e não fallar com a maledicencia do Critico, que se arroja a concluir este §. da Resposta com huma tão grosseira, e desatenta sentença, qual he esta: Pode tambem provar com evidencia, que os que não sabiraõ de Portugal, discorrem nestas materias, como vós, que beo que mais se pode encarecer. E vem a dizer, que discorrem tão mal, como Fr. Arsenio, a quem diz na pag. 93: Pareceis, que não tendes alma racional. Mas certo he, que nenhum cego pôde julgar de cores.*

Se para os empregos he necessario ter sahido do Reyno, preciso será, que todos se fação cavalleiros andantes: mas nós vemos o contrario; porque á nossa Corte tem vindo Ministros de varias Naçoens da Europa, e com tudo, tanto elles, como os seus Secretarios, era a primeira vez, que cá vinhaõ. Se os que não sahiraõ do Reyno, não sabem discorrer, segue-se I, que em todo Portugal não se acha hum, que saiba discorrer, como homem. II. Que em sahindo das nossas rayas, achaõ logo carregados de juizo, discriçaõ, critério, entendimento claro, e profundo. III. Que o Critico antes de sair do Reyno, tambem não sabia discorrer. Não obstante tudo o que diz, alguns vão fóra, que vem tão ignorantes, como foraõ; e outros ainda peór nos costumes, e Religiaõ. Assim como no Reyno ha bom, e máo, assim lá fóra corre a mesma moeda. Diz o Critico, que ao seu parecer podia ajuntar a autoridade de D. Luiz da Cunha, e do Conde de Tarouca, que Arsenio occultou, porque lhe não servia. Talvez não fallaria nelles Arsenio por julgar, que os testemunhos eraõ fingidos, ou tinhaõ diverso sentido,

do



do que o *Critico* lhe dá, e porisso com elles nada provava. Se com tudo são verdadeiros os testemunhos, e tem o sentido, em que os quer construir, melhor fora, que os passasse em silencio; porque a falsa interpretação, que lhes dá, he com summa desattenção, e opposta á grande, e conhecida capacidade destes dous Cavalheiros.

Na carta XIV. pag. 148 diz o *Critico*: D. Luiz da Cunha disse a hum amigo meu, que quando sabira de Portugal, e ouvira fallar a outra gente, o maior trabalho, que tivera, fora esquecerse de tudo, o que tinha aprendido em Portugal, para poder entender as coizas bem, e fallar com proposito. Não differentemente escreveo o Conde de Tarouca a outro amigo meu. De caminho reparo, em que o *Critico* com boa sutileza nos dê a entender, que tem amizade com pessoas grandes, quaes deviaõ ser aquellas, com quem se correspondiaõ estes dous Fidalgos. Poderá isto servir na tradução Italiana, e Franceza, que na pag. 5 da *Resposta* promette do seu *Methodo*: mas cá em Portugal fique reservado para o conceito, que formaremos, como nos parecer melhor. Vamos pôr ao caso. Como as politicas dos Reynos são diversas, differentes os modos de tratar com os Cortezãos, e Ministros, era preciso a estes dous revestirem-se do génio, e costume das Naçoens, com que tratavaõ. Tomando pois o dito de ambos no sentido, em que o *Critico* o quer interpretar, he summamente injurioso a estes dous Cavalheiros; suppondo, que elles em Portugal eraõ rudes, pouco instruídos, que não sabião discorrer, e que aprendendo lá a fallar com proposito, aqui só fallariaõ despropósitos; que tudo se segue da sua interpretação. Pelo contrario sabemos, que elles no Reyno mostravaõ huma não vulgar capacidade; que eraõ muito politicos, de claro entendimento, e vastissima

Fff

erudi-

erudição : e porque tinhaõ grandes prendas , porisso foraõ escolhidos para os empregos , que exerceraõ com grande louvor , e estimação.

E a ser verdade , que lhes foy preciso esquecer-se de tudo , o que tinhaõ aprendido em Portugal , segue-se , que tambem se deviaõ esquecer da Fé , Religião , e Piedade , e mais da lingua pátria ; sendo que escreviaõ com Portuguez mais puro , e limado , que o das *cartas* do *Methodo*. De que mais se deviaõ esquecer ? De Theologia , Filosofia. Leys , e Mathematica ? Não era esta a sua profissão , Haviaõ esquecer-se de fallar com cortezia , e attenção ? Trocada a interpretação em miudos , nada se tira della. Neste mesmo lugar da *carta* volta o *Critico* o discurso contra os Jurisconsultos , e diz , que *essas quatro Leys , que sabem , as metem em toda a parte , ou por força , ou por vontade*. Este he o defeito geral dos que sabem pouco , que em toda a occasião fazem pompa da sua erudição. Talvez , que eu tenha conversado com mais Jurisconsultos , do que o *Barbadinho* , e não achey nelles tal defeito , e injustamente o finge S. P.

Na mesma *Resposta* pag. 96 diz : *Não podeis entender , como os Interpretes fizeſsem mais embaracado o texto de Santo Thomás ? Pois he bem claro*. Não he isso , o que diz na sua *carta* , e lhe notou *Arsenio*. Diz o seguinte na pag. 167 : *Depois que os Comentadores explicarão Santo Thomás , ninguém o entendeo*. Isto significa muito mais. Respondeo *Arsenio* , que se o Cõmentador he máo , não tem virtude sympathica para fazer , que a doutrina do Santo , sendo clara , fique escura. O Cõmentario distingue-se da obra cõmentada : e que faz a escuridade daquelle para tirar a clareza desta ? Entende , que o Cõmentador he embrulhado ; largue-o , e vá ler o texto de *Santo Thomás* , e o achará da mesma sorte , que o Santo

Santo o compoz ; e se o não entender , não lance a culpa ao Cômmento , e não se desculpe com dizer , que o Cômmentador fez , que ninguém entenda o Santo ? Mas ainda a proposição com a moderação , que traz na *Resposta* , he falsa , e insufficientes os fundamentos , com que a pretende provar. O I. he , *que lhe attribuem coizas , que o Santo nunca disse*. Se lhe concedermos isso , segue-se , que não he essa questão , a que faz escuro a *Santo Thomas* ; porque se elle tal questão não traz no seu texto , nem lá está escura , nem clara : assim como se neste papel não ha cor vermelha , ninguém pôde dizer , que a tal cor aqui he boa , ou má.

A verdade he , que o Cômmentador deduz do texto do Santo as questões , que d'elle se podem deduzir : e esta he a sua obrigação ; porque , se só deve dizer , o que diz o Santo , he copiar superfluamente , e não cômmentar. Ponho exemplo , e será hum só , porque não he acertado fazer pompa de erudições escusadas. *S. Thomas* na 3. p. q. 47. art. 6. pergunta , se foy gravissimo o peccado dos que crucificaraõ a Christo ? Responde , que foy gravissimo , tanto considerado pelo que era em si , como pela malicia dos que o cômetteraõ. Está clara a resolução. Vamos ler o Cômmento do *P. Soares* , e veremos , se tem poder para a fazer difficil de entender. *Circà* , diz elle , *quam doctrinam , ut eam explicemus , nonnulla consideranda sunt* ; e nota , que sendo Christo innocente , este peccado foy de injustiça , e homicidio : considerando a Christo como Messias , e Redemptor , tem a malicia de impiedade ; considerando o Senhor como Prégador da Fé , tem a malicia de infidelidade ; porque o mataraõ por ódio da mesma Fé , que prégava. Considerando a Christo como Deos , e Homem , que era , foy peccado de sacrilegio opposto á Religiaõ. Explica logo , se este peccado foy má-

ximo: e mostra tambem, que nenhum dos que procuraraõ esta morte, tiveraõ escusa, que os livrasse da culpa; que o peccado dos Pontifices foy mayor, que o do povo, e ainda que o de Judas. Tudo explica com a clareza, e erudição digna de taõ Eximio Doutor. Quem se atreverá a dizer, que estas exposições são causa, de que o texto do Santo ficára mais embaraçado? Assim são as mais explicações.

Da mesma sorte são os mais fundamentos, que accrescenta, dizendo: *Fingindo sentenças, que elle nunca sonhou.* Quem lho disse? Fallou já com o Santo, para lho perguntar? Mas ainda que assim seja; huma couza he Summa, e outra Cômmentario; o que aquella não diz, accrescenta este. Outro fundamento do Critico: *Tirando daqui que flocns, que se não devem tirar.* Diga, quaes são; que sem as apontar he o mesmo, que nada? Outro: *De quatro regras, que elle escreveu, formando dez cadernos.* Já os contou? Mas esqueceo-lhe dizer, de quantas folhas era cada hum; que não era máo bocadinho de erudição! Para mayor admiração sua lhe digo; que de hum só texto se podem formar muitos centos de cadernos. Vá só este texto, que he de quatro palavras: *Dixit Dominus Domino meo.* Na palavra *Dixit* póde entrar a palavra de Deos *ad intra*, e estamos na materia da Trindade; e tambem *ad extra*, e temos o Tratado da Omnipotencia, e Creação do Mundo com o titulo *de Opere sex dierum.* Na segunda *Dominus* se entende Deos; e podemos tratar *de Deo, & Attributis.* A terceira *Domino* entende-se de Christo; e aqui se abre campo para tratar da Incarnação, e dignidade do Salvador. Na quarta *meo* entra a Genealogia de Christo, a quem David, sendo seu filho, chama Senhor; que foy argumento, com que Christo em huma occasião fez calar os Judéos, provando-lhes com este texto, que não só o Messias era  
Homem



Homem filho de David , mas juntamente Geo: Com a sua sentença quer também reprovár os Comentários da Escritura? Pois estes só na explicação de hum Psalmo enchem muitos cadernos. O uso dos Comentários he universal em todo o orbe literario; salvo se a todo elle se estende a sua critica. E para que allega tantos na sua *carta*, approvando huns, reprovando outros; se todos elles confundem?

Mas ponderemos outro argumento seu , e he : *Se os Commentadores tivessem explicado bem S. Thomás , porque não haviaão de concordar os Thomistas todos na intelligencia do texto?* Antes de tudo faço o mesmo argumento contra sua P. tirado do mesmo , que diz nesta sua *carta* pag. 163 , e he o seguinte. „ *Cujacio, Moreto, Hieromano, Gotesfredo, Antonio Fabro, &c.* nos deraão as mais acertadas „ interpretaçoens. Na pag. 173. O peôr he , que o „ mesmo Tribunal revoga ás vezes o que primeiro „ tinha determinado. Diversificaão muito os Doutores „ sobre o mesmo ponto. Os mesmos Juizes de hum „ só Tribunal, huns affirmão , e outros negão , ainda que cada hum tenha bem examinada a causa. „ Isto confessa o Cardeal de Luca soceder na Roma Romana , que he o mais acreditado Tribunal „ do mundo. Nos casos disputaveis particulares só „ ha opiniaão , nem ha certeza alguma. A's vezes „ he taão escura a verdade , que se acháraão Juizes „ de consciencia , que não quizerão julgar. Na pag. 176. „ *Jeronymo Zanchi* descobrio as contrariedades „ dos principaes consulentés. *Paulo Francisco Perre-* „ *muto* depois da ametade do seculo passado recolheo „ em cinco tomos as discrepancias , e contrariedades dos Interpretes. Na pag. 178. „ Se o caso o „ pedisse , podia notar hum , ou dous dos Interpretes melhores. As Leys Municipaes são sujeitas „ a varias interpretaçoens , como as Romanas.

Tudo

Tudo isto diz o *Critico*. Diga agora, qual he a razão, porque todos estes AA. buscando o genuino sentido da Ley, se oppoem entre si? Estes Juizes com tanta cautela ponderando o facto, e advertindo na Ley, porque revogaõ huns, o que outros julgáraõ; principalmente na *Rota*, onde são tantas as cautelas? Dê a resposta a esta variedade de juizos, e applique-a ao seu argumento. Respondendo porém directe ao que diz dos Interpretes de *S. Thomás*, digo, que ordinariamente não nasce a discrepancia da intelligencia do texto, mas sim das questões, que se tirão do texto, nas quaes os Cõmentadores são de diverso parecer. Sirva de exemplo o texto já allegado de *Santo Thomás*. O *P. Soares* diz, que o peccado dos Pontifices dos Judéos em procurar a morte de Christo foy mais grave, que o de Judas. *Caetano* no mesmo lugar diz o contrario. Daqui nasce outra questão: Se este peccado foy o mayor de quantos se tem cõmettido? Logo da questão sobre o texto pôdem fahir diversas sentenças? O *P. Soares* diz, que neste sentido se pôde entender *Santo Thomás*, e tamhem *S. Bernardo*, que em hum Sermão da Paixão lhe chamou peccado gravíssimo, e singular. O mesmo *Eximio Soares* diz, que alguns julgaõ, que ainda foy mais grave o peccado de Adão; porque foy nocivo a todo o genero humano; mas logo accrescenta, que *S. Bernardo* julga por mayor o dos Judéos; porque o Filho de Deos era mais estimavel, que todos os mais homens.

*Santo Thomás* diz no texto sobre as palavras de Christo Luc. 23: *Pater dimitte illis, non enim sciunt, quid faciunt*; que esta escuta foy a respeito da plebe, e não dos Principes dos Judéos, e o confirma com *Beza*; e o mesmo disse *factum quæst. 108*. *Soares* diz, que aquella oração de Christo foy universal para todos. Eis aqui como se encontraõ diversas

fas resoluções entre os AA., sem que deixem de explicar, e entender muito bem o texto; nem isto he fazêlo mais escuro, e que se não entenda. No fim deste §. da *Resposta* diz o *Critico*, que (sem se sentir) *ia já entrando na historia critica da Philosophia, que he coisa, que Arsenio nunca leo, nem ouvio.* S. P. tem a culpa disso, que mandou, que só se imprimisse hum livrinho em doze desta historia critica; e como esse unico o conserva lá, quem o pôde em Portugal ter lido? Com tudo se as historias da sua critica são tão certas, como a queima dos livros de Aristoteles; de que os Santos Padres o mandassem lançar fóra da Theologia; do anno, em que começaraõ os Nominaes, e outras semelhantes, que tem dito, lá as guarde, que nós cá as ajuntamos com a historia critica da carochinha.

Disse o *P. Arsenio*, que era elcufada a larga digressão, que o *Critico* faz nesta *carta* ácerca do estylo observado em Roma, e do methodo, com que trabalhaõ, e vaõ subindo os Advogados, e Juizes: que essa historia para cá não servia; porque se lá estudavaõ as Decisoens, cá os Aréltos, que são os que pôdem ajudar para decidir as causas: que se nos queria provar, que lá havia bons Juristas, com isso nada provava contra a sciencia dos nossos: e que não obstante toda a cautela, que se observa na *Rota*, a cada passo se revogavaõ as sentenças della; final certo, de que tambem se enganavaõ nas sentenças, que proferiaõ. E que responderá agora a isto S. P.? Diz, que *já sabia isso, e que assim se via no Cardeal de Luca; e que tinha conferido as Decisoens antigas de Serafino com as Recentiores, e com as que chamaõ Coram, v.g. Coram Molines, coram Falconerio, coram Caprara, &c.* Se continuava a referir Decisoens *Coram*, tinhamos huma boa ladainha! Pois se sabia isso, para que nos conta o modo,

do, com que se exercitaõ em Roma; como se com essa diligencia se não enganassem varias vezes?

No §. ultimo da pag. 97 da *Resposta* se achão algumas clausulas fallamente attribuidas ao P. Arsenio, e diz a primeira. *Ordena sua P. que não estudem os Juristas Grego.* Tal couza não diz Arsenio, mas o seguinte: *O Direito Civil todo está em Latim muito puro, e os AA. o explicão muito bem. Boa curiosidade he estudar as linguas, e historias, mas he impertinencia, que sendo o Direito tão vasto, lhe queira pôr mais esses dois contrapezos tão grandes, sem serem precisos para o intento. Isto he proposição muito diversa. Segunda. Em segundo lugar, que não estudem historia Romana, e Ecclesiastica; porque basta saber o que manda a Ley, sem ser necessario saber, se foy promulgada neste, ou naquelle caso.* Tal couza não disse Arsenio, mas o seguinte: *O mesmo digo do estudo da Historia. A Ley promulgada, e aceita obriga o subdito, em quanto se não abroga: e para obrigar tem mais força, que seja de Justiniano, ou de Adriano? O ponto está em saber, o que ella manda... que o Legislador fosse Pedro, ou Sancho; que se promulgasse neste, ou naquelle anno, nada faz ao caso. Onde diz aqui Arsenio, que não estudem? He o mesmo dizer: Não he preciso: pois não se estude? He tambem falso, que elle diga na sua Reflexão, que não he necessario saber, se a Ley foy promulgada neste, ou naquelle tempo. Terceira falsidade do Critico: inferir do que diz Arsenio, que o Papa, e os Principes fazem muito mal em consentir nas suas Universidades cadeira de Historia. Tal não disse. Lêa a Reflexão XIII. a pag. 57. Haja Cadeira de Historia, ao menos para della se aproveitarem os Cavalheiros, e os Nobres desoccupados; como há em muitos Collegios, e Universidades da Companhia. He na verdade estudo de Principes a Historia. Grande*



de he a sua excellencia ! *Historie magna dignitas : memórias legere prius ævi, bella inter summos Reges, Populorum ortus, & occasus, maximam dignitatem cum voluptate habet; escreveo Lipsio. (2) Cicero, (3) Feniz dos Eruditos, ainda disse mais : Cognoscere res gestas memoria veteris, ordinem tenere antiquitatis, exemplorumquæ omnium habere notitiam, decorum, laudabile, ac propè Divinum est. E porisso de Augusto escreveo Balduino infra citand. pag. 252: Unde Historiis non minorem, quam armis, aut legibus, operam dedit, ut nos tali exemplo amplius excitaret. Quarta falsidade. Accrescenta o Critico : Porque he huma couza *superflua*, e *prejudicial* ao Direito. Vay tanta differença de ser huma couza *superflua*, ou ser *prejudicial*, quanta vay do preto ao branco. O P. Arsenio só disse, que era *impertinencia*; e nem tanto disse. Não ignoro, que Francisco Balduino, aquelle grande nome entre os Jurisconsultos, persuade o estudo da Historia, para se possuir em grão perfeito a Jurisprudencia Civil; allegando no seu livro, que para este fim compoz, pag. *mibi* 245, a Cicero lib. 2. de Orator; porém daqui não se intere, que semelhante estudo seja condicão *sinè quâ non*, para se saber Jurisprudencia Civil; ou que facilite, e abrevie a sua comprehensão.*

Disse Arsenio, que o Critico não provava, que em Portugal se não soubesse Direito Canonico. Agora na *Resposta* diz, que tal não affirmára, e que he falso; porque o Critico só tem por fim mostrar os defeitos do método, com que se estuda. Estamos em tempo de averiguar, de quem he a falsidade, e será prova irrefragavel a sua mesma carta do Direito Canonico, na qual se acha o seguinte. Pag. 230.  
„ Tomara que V. P. tivesse a bondade de reflectir,  
Ggg „ se

[2] Lipsius Epist. 1. Decad. 1. in Epist. posthum. [3] Cicer. lib. 2. de Orat.

„ se hum homem, que estuda por este estilo, sabe que couza he Direito Canonico. Se este tal homem póde ser Advogado, ou Juiz... De sorte que examinando o caso, este estudante não sabe Direito Canonico. Com tudo isto não ha couza mais ordinaria, que Clerigos Advogados. Como póde hum destes ser Juiz? Sey, que o povo engana-se com esta gente; e huma vez, que ouça dizer, Senhor Doutor, ou veja o finete da Universidade dentro de huma caixa, não pede mais authenticas.. he tão capaz de julgar nestas materias, como será qualquer homem, que não sabe ler. Pag. 231: Perguntarme-á V. P. donde me consta, que estes Canonistas sabem tão pouco; e como provo, que não julgaõ bem, e não fazem a sua obrigação.. Nem a experiencia me desmente; pois fazendo algumas nesta materia, sempre tirey por fruto confirmarme na opiniaõ, em que estou, de que não sabem, que couza he Direito. Tudo isto se póde ler só em tres parágrafos do principio da carta. Não me canso com copiar mais para mostrar, que nega agora, o que tinha dito.

Disse tambem o *Critico*, entre outros males de *Graciano*, que citou muita coiza falsa. A isto respondeo *Arsenio*, que Gregorio XIII o mandára emendar. Parece, que ficou o *Critico* atalhado com esta resposta, e vem agora dizendo graças, ainda que sem fal; e accrescenta, que tambem Pio IV, e Pio V. antes de Gregorio XIII já o tinhaõ mandado emendar. Pois se assim he, para que nos quiz enganar dizendo, que tinha citaçoens falsas? O peor he dizer nesta carta a pag. 236: *Como este Religioso sabia pouco, introduzio muito erro Theologico, muito de Historia, e muitas authoridades falsas, e apocrifas; com tudo o seu livro teve accitação, e prevaleceo a todas as outras Colleçoens, e ainda hoje se conserva.*

*serva.* Por diverso sentido talle de Graciano o P. Pickler, Alemaõ doutissimo, e Cathedratico de Canones, e diz assim no seu *Candidatus Jurisprud. Sacrae Prologom.* n. 9: *Decretum Graciani jussu Gregorii XIII ab erroribus ita purgatum est, ut Canones in Gratiani decreto contenti censeantur esse conformes fonti, seu scriptis originalibus, ex quibus collecti sunt.* Os erros, que introduzio, como diz o Critico, devia mostrarlos; o que não faz. O certo he, que este Decreto contém authoridades da Sagrada Escritura; dos Concilios Geraes, e particulares, approvados por alguns Pontifices; Decretos de Summos Pontifices, e textos dos Santos Padres. Em quaes destes acha erros introduzidos? Diz, que este Religioso sabia pouco; mas Pickler citado diz o contrario: *Si Gratianus de suo aliquid addit, propriam dicendo sententiam, facit probabilitatem, sicut judicium alterius viri periti.* Como havemos de crer, que hum livro, que introduzio muito erro, se conserve ainda hoje, como reconhece o Critico? Agora na *Resposta* a pag. 99 diz, *Van Mastrich imprimio em Leipsick o Graciano com as Instituições de Lanceloto, e bellissimas notas.* Como concorda isto com o que diz na sua carta a pag. 234? Não ensina coiza alguma boa. Tudo, o que traz da Escritura, Concilios, e Santos Padres, não presta. O methodo he pessimo. Valha-nos Deos com tal Censor de Methodos!

Accrescenta na mesma pagina: *Podendo nós ir buscar a authoridade nos Padres, sem andarmos detraz de Graciano, que os entendeo mal.* Tambem eu não entendo, que quer dizer: *Andar detraz de Graciano?* Que entendesse mal os textos, he *liberè dictum!* Tambem não sey, que quer significar na *Resposta* a pag. 98? *Vede, se podeis achar outra (espia) que vos diga, que Graciano fez humma obra util, e digna de ser explicada com preferencia aos outros,*

que esta noticia seria mais necessaria para o ponto. A espia, que diz, foy digna de ser explicada, he o Senhor *Van Mastrich*, que lhe fez bellissimas notas. Que se haja de explicar com preferencia aos outros; he cõmento de S. P: *Que seria mais necessaria para o ponto.* Nada menos; porque o ponto he, se está correcto, se traz erros, e se não ensina couza boa?

Na pag. 99 da *Resposta* começa hum §. deste modo: *Em terceiro lugar diz (Arsenio) que os Canonistas não devem saber nem Historia, nem Grego, bastando, que entendaõ Latim.* He impostura. *Arsenio* não diz, que os Canonistas não saibaõ Grego, e Historia; porque islo seria dar a entender, que hum, e outro estudo era prejudicial aos Canones; e isso não diz o P. *Arsenio*: só o que se lê na sua *Reflexão* a pag. 58 he o seguinte: *Sendo a Ley revestida das circumstancias necessarias para obrigar, nada faz ao caso, que seja deste, que daquelle Papa. Os Canones estão em bom Latim; e para se entenderem he escusado o Grego.* Esta proposição pôde casar sem dispensa com a que o *Critico* lhe impoem, antes concorda com o que disse o mesmo *Critico* a pag. 233 ibi: *Quando eu sey, o que diz a Ley, e em que caso, e que hum, ou dois Interpretes assim a explicaõ, sey tudo, o que basta.* E que baste Latim para se entenderem os Canones, provou *Arsenio* com este exemplo: O livro de *Confucio* Filosofo Sinico anda vertido em bom Latim, e se pôde saber o que diz lendo a Versaõ, sem para isso ser preciso aprender a lingua dos Chinas. Tudo podia confirmar com as muitas vezes, que o *Critico* encõmenta livros vertidos de huma lingua em outra; e muito mais com dizer, que em França se escrevem as sciencias em lingua vulgar, e com isso se pôdem saber, sem recorrer ás fontes Latinas, donde sahiraõ as traduções.

Ao



Ao argumento responde S. P. com esta distincção, que para entender as sentenças de *Confucio superficialmente* não ha tal necessidade; mas para as saber fundamentalmente sim. Se a distincção he verdadeira, segue-se tambem, que usando, ou argumentando com as palavras da *Vulgata*, só podemos saber superficialmente o texto da Escriitura, e por boas contas não fez bem o Tridentino já allegado a pag. 99 em ordenar, que ninguem tome pretexto algum para a regeitar; declarando-a por authentica. Segue-se mais hum grande absurdo, e he o seguinte. S. P. diz na pag. 5 desta *Resposta*: *Ouvi dizer, que o Methodo já se achava traduzido em Italiano; e que brevemente se traduziria em Francez.* (Bom conselho seria não gastar o dinheiro inutilmente nestas impressões.) Servirão pois estas traduções para só se entenderem superficialmente, e não fundamentalmente os eruditos, e importantes documentos das *cartas*; e quem as quizer entender com fundamento, he preciso, que aprenda Portuguez, que he o original, em que nascerão. Devemos suppor, que o Jesuita, que se animou a verter *Confucio*, era douto naquella lingua, e não enganador; aliás podemos dizer o mesmo de todas as *Versoes* com notavel prejuizo da utilidade, que dellas resulta á republica literaria. Conclue S. P. o §. com estas palavras: *E já que estamos em huma materia, que vós não sabeis, (quem lhe meteo isso na cabeça?) quero com o vosso mesmo argumento mostrarvos, que dizeis mal.* Temo, não dê algum argumento contra si; mas venha essa amostra.

Consiste o argumento em dizer, que entre os mesmos Missionarios, que sabião bem a lingua Sinica, houve grande controversia sobre o significado destas duas palavras *Tien*, e *Xang-Ti*; affirmando huns, que por ellas querião os Chinas explicar

plicar huma suprema divindade; e outros, que queriaõ dizer a materia Celeste. Paremos nesta parte. A controversia não era na mera, e material palavra, mas na intenção, com que a proferiaõ, e o interior conceito, que com ellas queriaõ significar; e para isto não bastava saber a lingua, era necessario saber a sua feita, e systema Filosofico. Daqui nalceo a duvida dos homens doutos na mesma lingua, entre os quaes não tinha inferior lugar o *P. Riccio*. Mas que parentesco tem isto com a verdadeira intelligencia dos textos de Direito? Há seculos, que este anda vertido por homens doutissimos, e muitos nos seus *Commentarios*, sabendo Grego, não tem achado, que emendar na Versaõ. Que razãõ ha logo, para que sem a intelligencia do Grego se não possa saber fundamentalmente a intelligencia verdadeira do texto? Mayor difficuldade havia nos textos da Escritura; mas porque se sabia, que muitos homens grandes, e entre elles *S. Jeronymo*, tinhaõ trabalhado na sua Versaõ, o *Concilio Tridentino* declarou a *Vulgata* por authentica, e he mais correctã, que a que anda no Grego, e muito mais que a do Hebrêo.

O mais he, que o argumento tem bastante força contra o mesmo *Critico*; por quanto, ouvidas as informaçoes de huma, e outra parte, he certo, que para o Pontifice em materia tão grave dar sentença, e prohibir o uso daquellas palavras Sinicas, devia formar prudente juizo da controversia, e inteirarse fundamentalmente do que queriaõ os *Chinas* significar com aquellas duas palavras. Pergunto agora: para o Papa se inteirar do caso foy nestario aprender a lingua Sinica? He certo, que não. Pois como o soube? Sem duvida, que pelos informantes, que eraõ os Interpretes, e mais nem todos concordavaõ. Agora o argumento. Para o Papa dar huma sentença  
em

em questão dependente da lingua Sinica , e saber fundamentalmente a intelligencia das taes palavras , bastaraõ os Interpretes : logo *à fortiori* bastará , para o Jurista saber fundamentalmente o texto lêr , o que diz a Versão Latina , e o que dizem os Interpretes ? Tomara ouvir a diversa razão !

Na *Resposta* pag. 101 diz o *Critico*: *Em quarto lugar dizeis , que disse mal o Critico em afirmar , que a materia de Sacramentis pertencia ao Direito Canonico. Tal couza não diz Arsenio. O caso he , que nesta carta conta o Critico , que dizendo a certa pessoa ser a materia de Sacramentis de Direito Canonico , o fugeito não tivéra vergonha de dizer , que não era , mas que pertencia aos Moralistas. A este caso respondeo Arsenio na Reflexão XIII , pag. 59 o seguinte : Não ha duvida , que no Direito Canonico , principalmente no l. 4 , tem alguma couza dos Sacramentos ; ( eis aqui confessa , que nos Canones se trata ) mas tudo , o que lá anda , comparado com o que trazem os Moralistas , he tão pouco , que no sentido ordinario tomada por inteiro a materia de Sacramentis in genere , & in specie , com muita razão se diz pertencer aos Moralistas ; e bem se vê nas largas materias , e questões , que só a de Matrimonio faz hum grande volume ; e se ninguém souber mais , que os puros textos de Sacramentos , que trazem os Canonistas , em muita couza se acharia novo , e pouco saberia destas materias. Talvez neste sentido responderia o Ouvinte. He tão clara esta verdade , que para a provar basta abrir os tomos , que compuzeraõ os Moralistas , tratando da materia , fôrma , necessidade , e uso dos Sacramentos. Que vasta he a materia do Matrimonio , Esponsaes , Impedimentos , e requisitos para a sua validade ? Que diremos da materia do Sacramento da Confissão , e outros muitos Tratados ? Os mesmos Canonistas o estaõ confessando*  
nas

nas suas sentenças Matrimoniaes, valendo-se de *San-  
ch. Castrop. Ponc. Soares*, e outros muitos.

Agora se he verdade o que responde o *Cri-  
tico*: *Eu digo, que esse muito, que tratao os Mora-  
listas, pela maior parte saõ sutilezas, que se não de-  
viao tratar?* Fique á consideração dos Doutos, e ain-  
da dos mesmos Canonistas; como tambem o que ac-  
crescenta: *As questioes Escolasticas superfluas* (e  
quaes saõ estas?) *pertencem aos Theologos, que fal-  
laõ em coizas, que não entendem.* Oh sentença digna  
da cabeça de hum tal Juiz! Seja Deos bendito! De  
todas as Provincias Catholicas tem apparecido Theo-  
logos tratando a materia dos Sacramentos, e nenhum  
delles entende o que diz, e ficou esta intelligencia  
reservada para S. P. M. R! Compadeca-se dos Theo-  
logos; que elles pedirão a Deos lhe dilate a vida,  
para nos dar a verdadeira intelligencia nestas mate-  
rias! Accrescentou o *P. Arsenio*: *E quando errasse,*  
(o fugeito ouvinte) *não he bom censurá-lo com as pa-  
lavras*: Não teve vergonha: *que este estylo he mais*  
*para rusticos, que para Cortezãos.* S. P. concordan-  
do o fim com o principio da resposta, finge o que  
*Arsenio* não disse com estas palavras: *E aqui tenhaõ*  
*entendido todos, que as palavras*: Não teve vergo-  
nha: *saõ palavras obscenas, mal soantes, offensivas*  
*do proximo, indignas de sabirem da boca de hum Cor-  
tezaõ, e quasi quasi sapiunt hæresim; porque assim*  
*o define S. P.* O que *Arsenio* disse he, o que trans-  
crevi. O que agora diz o *Critico*, como he de sua ca-  
sa, multiplique, accrescente, finja o que quizer,  
que para tudo tem authoridade; mas saiba de cami-  
nho, que dizer a huma pessoa, que *não tem vergo-  
nha*, he o mesmo, que chamar-lhe *desavergmhado*;  
e he palavra, que cá em Portugal se avalia por  
descortez.

Segue-se agora reparar em algumas clausu-  
las,



las, que se encontrão nas *cartas do Methodo*, fallando do Direito. Na pag. 148 diz: *Os estrangeiros sabem melhor, que os Portuguezes, e o provo com os seus livros; argumento, que não tem resposta.* Tem, e dada por sua mesma Ch. na pag. 170, em que suppoem não haver livro de Direito bom, quando aconselha, que em quanto não apparece hum bom livro, deve aos discipulos ensinar hum Mestre douto; e para mostrar, que falla de todos, diz: *Este he o defeito geral, que eu acho em todos os Juristas, falta de methodo.* Argumenta-nos com os livros dos estrangeiros, e diz em bõ romance, que não prestaõ. Mais. Na pag. 152 diz: *Hum Dezembargador, que ha de julgar fazendas, &c. tem necessidade não só de conhecer o estado do seu reino, mas tambem dos seus vizinhos.* De que serve, para julgar as fazendas de Portugal, saber o que se faz em Castella? Na pag. 159 diz, que *Antonio de Gouvea foy hum dos mais doutos Jurisconsultos do seu tempo, e famosissimo Filosofo Peripatetico.* Já hum Peripatetico pôde ser famosissimo? Já esta Filosofia não impede ser bom Jurista? Na pag. 164 diz: *Quem sabe a Historia Romana, tem o perpetuo Comentario da Ley.* Não tinhão dado nisso os Juristas! Da mesma sorte, quem sabe a Historia dos Judcos, seus costumes, e usos, &c. percebe facilmente toda a Escritura. Sea Historia dos Judêos basta, ficão sendo escusados os Cõmentarios dos Santos Padres? Tomára, que nos explicasse o *Apocalypse*, e os Profetas só com a noticia da Historia dos Judêos!

Na pag. 167 diz: *Tendo visto muitos Comentadores das Instituições, e alguns bem pouco conhecidos neste reino, (neste, e escreve de Italia!) não vi algum, que se possa tolerar, e que não dissesse coizas indignas.* E na pag. 169 repete a mesma censura dizendo: *Hum homem, que saiba, que coiza he methodo,*

Hhh

thodo,

*thodo, e entenda bem Latim, não pôde menos, que rir-se destes Comentarios todos. Se assim o julga, para que diz logo: Quando o estudante está adiantado, pode ler hum Expositor, que resolva algumas questões, que nascem do texto, e que proponha todas as limitações?* Destas suas palavras se colhe, que também fóra de Portugal se não sabe Direito, e ha máo modo de estudar: que ainda se não tem composto livro algum capaz da refórma destes estudos: pois se a culpa, e defeito he geral, para que o impoem com especialidade a Portugal? Vá tambem prégar ás outras Universidades, e depois de as reformar, venha entender com a nosla, e traga consigo esses livros particulares, que se devem compor acómmodados ao intento.

Da pag. 172 até 178 affina os defeitos, que chama *intrinsecos*, e *extrinsecos* do Direito; e confessa na pag. 174, que a Jurisprudencia tem defeitos taes, que não ha industria, que os possa emendar. Se estes defeitos são geraes em toda a parte, para que os faz naturaes do nosso Reyno? Se não ha industria, que os emende, he escusado todo este seu trabalho! Na pag. 179 diz, que Exames privados, Vesperias, e outras couzas destas, são actos de amofinar a paciencia. Já o experimentou? Sem duvida, que os Actos literarios custão a quem os quer fazer com lustre; e quem não quer ter paciencia, vá a Italia tomar o grão de *Tibi quoque*, que he muito barato. Reprova a lição de Ponto, porque a fazem ao estudante, e aconselha, que o laureado faça huma oração Latina em algum ponto de Direito: mas não dá remedio, para que lha não faça outrem. Na pag. 243, e seguintes ha huma grande queixa contra o Direito Canonico. Diz, que o antigo tem defeitos, mas que *por outra parte tinha muitas utilidades, que se não achão no moderno.* Diz  
mais,

mais, que o corpo do Direito tem crescido de modo, que não se pôde explicar: e contando as Leys Pontificias, Decretaes, Bullas, Breves, e Declaraçoens do Concilio, que fazem grandes volumes, julga ser necessaria a noticia de tudo isso, porque tudo he Direito Canonico; que nas Bullas modernas hum Papa determina huma couza, e outro outra, e ás vezes o mesmo revoga o que tem mandado; e conclúe: *De sorte . que todos os dias he necessario ter novas noticias de Direito, e consequentemente os mais doutos Canonistas são principiantes na materia,*

Se conhece, e confessa tudo isso, que modo facil mostra para este estudo ser breve? Faz muito mais diffuso, e extenso o seu estudo. Em primeiro lugar ordena, que o Jurista aprenda a lingua Grega; o que demanda muitos annos para se saber de modo, que baste para o estudioso per si só julgar, se está boa a versão do texto. Daqui manda, que passe ao estudo da Ethica, que trata do Direito das Gentes: depois á Historia Universal do principio dos Romanos até Augusto, e saber os seus costumes, e usos: á Historia dos Imperadores do Occidente, e Oriente; á Historia do Direito Civil, e de toda a sorte de Magistrados; dos Consultos, e suas feitas; (e não setas, como diz) e confessa na pag. 155, *que não se aprende em quatro dias; para a saber he necessario estudar muita couza, e tela estudado muitos annos.* Agora reparo eu, que reque-rendo este estudo muitos annos, no que não ha duvida, ainda o Curioso, que quer ser Jurista, anda pelos arrabaldes do Direito. E ha quem julgue, que tudo isto he bom methodo; sendo que com mayor razão se pôde chamar contra-methodo?

Deixe pois o arrogante *Censor* a nossa Universidade de Coimbra com o seu methodo, que foy composto por Varoens egregios, e com elle tem

florecido insignes Cathedromaticos, famosos Jurisconsultos, Escriitores, e Commentadores de taõ acreditada literatura, que tem sido digna occupação da Fama, e ainda dos elogios de outras Universidades; e o que mais he, dos Soberanos Pontifices, e Supremos Arbitros do *Vaticano*. Baste por muitos, que pudéra transcrever, o do Santissimo P. Clemente XI de santa memoria, que em Carta de 10 de Mayo de 1717, escrita á mesma Universidade, disse: *Æqua, & planè egregia opinio, quam gerimus... de eximiâ sacrarum, humanarumquè legum peritiâ, quæ magnum adeò nomen insigni isti Academiæ ubique gentium péperit, facile Nobis persuaserat. &c.* Isto disse da eximia sciencia das Leys Canonicas, e Civis desta inclyta Universidade o Pontifice Summo da Igreja, e na verdade sapientissimo. E como falla da mesma Universidade o nosso *Reverendo Critico* a respeito daquellas duas Faculdades, em que tem tido Professores, e Escriitores taõ egregios, como *Francisco Caldas Pereira, Ruy Lopes da Veiga, Antonio da Gama, Diogo de Brito de Carvalho, Manoel da Costa, Ayres Pinhel, Pedro Ribciro do Lago, Gabriel da Costa*, e outros muitos de igual fama, que na mesma Universidade foraõ ou Mestres, ou Discipulos, como o Illustrissimo *Agostinho Barboza*, grande nome, e primeiro entre todos os Canonistas: *Manoel Barboza, Alvaro Valasco, Duarte Caldcira, Gabriel Pereira de Castro, Miguel de Cabedo, Manoel Themudo da Fonseca*, a que podemos juntar os Jesuitas *Francisco Soares Doutor Eximio, Baptista Fragozo, Estevaõ Fagundes, Fernando Rebello, Francisco Pinheiro, Francisco Valente, Miguel Tinoco*, e outros. Como falla? Com irrisaõ, e ludibrio. *Que seria de mim* (diz na sua carta 13. pag. 140, com a sua celebrada Ortografia, e com os seus pontos, e virgulas) *se esses seus Coimbreenses*



ouvissem dizer, que um Religioso Capuchinho, pum! a boca nas Leis? que alaridos! que risadas! que divertimento! parecem que os estão ouvindo! A' Universidade de Coimbra, dar Leis em Leis? uma Academia tão celebre, *Qua non in toto clarior orbe micat*; vir dar os dias Santos? uma Academia na qual, se faltassem no mundo os Digestos &c. se achariaão na cabeça de qualquer famulo: e em que se pode ensinar aos Romanos, a compor Bulas, Breves, e Rescritos: finalmente em que as mesmas paredes produzem textos, com mais fecundidade, e brevidade, que a era? Verdadeiramente este Padre endoidecêo (Quem he louco, sempre o foy:) e não merece atenção: Agora sim: que fallou verdade!

E atreve-se o desvanecido Capuchinho a escurecer as luzes de tantos Sabios Professores em ambas aquellas Faculdades; e a vituperar o seu *Méthodo*; e o que mais se deve estranhar, a querer introduzir o que intitula *novo*, com o additamento de *util á Republica, e á Igreja, e proporcionado ao estylo, e necessidade de Portugal*; que a depender de reforma, não eraão precisas para semelhante fim as fracas barbas do Fr. Barbadinho? Elle se faz digno de compaixão, ao mesmo tempo que de desprezo; pois ignorando as regras do Direito, se introduzia a *reformatador* do método de ambos os Direitos. Eu lhe perdoo pelo amor de Deos; porque ao menos não teve a confiança de nos offerecer claramente a sua cooperação, e conselho; como fez a certa *Assemblea* de Varoens doutos, que para o fim de os animar á introducção, e sequito das Filosofias, chamadas da *môda*, escrevêo ao Superior della huma carta Latina, em que se offerecia auxiliar a empresa *Opere, & Consilio*. (Oh que inconsiderado arrojo!) Eu mais dissera sobre as *cartas* do *Direito Canonico, e Civil*, se o mesmo Critico não publicara na

*Repos-*

*Resposta ao Fr. Arsenio*, que este emprego havia reservado á sua bem informada penna hum Engenho da nossa Corte. Elle responderá, e com pezar do *Critico*.

## C A P I T U L O    X I V .

### *Da Theologia.*

#### §. I.

#### *Verdadeira divisaõ da Theologia.*

A Theologia tomada na generalidade, que denota o seu nome, he o mesmo, que sciencia, que trata de Deos, como explica *Santo Agostinho*: (1) *Hoc verbo Græco significare intelligimus rationem, seu sermonem de divinitate*. Divide-se esta razão generica da Theologia em varias especies; porque tendo todas o mesmo objecto, que se chama *Attributionis*, que he Deos, tem diversidade no modo, com que trata delle. Se trata de Deos, em quanto Bom, e amavel, chama-se *Mystica*, e tambem *Scientia practica*; porque se occupa em dirigir a vontade para o amor de Deos, procurando a mayor perfeiçaõ. Se trata de Deos, em quanto Legislator; notando, quando as acçoens externas, ou actos internos saõ licitos, ou illicitos, chama-se *Theologia Mral*. A Theologia Symbolica occupa-se em explicar os symbolos, e figuras da Sagrada Escriitura. Destas tres especies naõ trato aqui, por naõ pertencerem á questãõ. Divide-se mais a Theologia em *Positiva*, e *Polémica*. A *Positiva* tem por fim principi-

(1) D. August. lib. 8. de Civit. Dei, cap. 1.

principal seu as Sagradas Escrituras; por cuja causa se chama tambem *Expositiva*, e os que a trataõ *Expositores*. A *Polémica* occupa-se em defender os dogmas da Fé contra os inimigos della, e porisso se diz *Dogmatica*, *Controversista*, e *Contenciosa*, como lhe chama o P. Muzancio, os quaes nomes significão o mesmo. A *Theologia Escolastica*, assim chamada, por se usar nas Escólas, deixa os modos, e estylo oratorio; mas concisamente, & *more dialectico*, por discursos deduz dos principios revelados, que suppoem, ou prova brevemente, outras verdades mediatas; dividindo as materias, e pondo em cada huma dellas as questoes, que lhe pódem pertencer; por cuja causa tambem se chama *Espectativa*.

Pergunta-se agora: de qual destas duas Theologias se deriva com mais especialidade a *Escolastica*? Se da *Dogmatica Controversista*, ou da *Positiva*? Digo, que da *Polemica*, que he a *Dogmatica*. A primeira defende os dogmas da Fé, valendo-se das armas da Escritura, Tradição, Concilios, e tambem allega os Santos Padres, e não raras vezes os mesmos Theologos Escolasticos. A *Escolastica* especulativa, ou suppondo as verdades reveladas, como certas, ou apontando brevemente a prova, passa a mostrar as razoes, que fazem crível essas verdades reveladas, e especula algumas couzas, que se seguem das reveladas, ou certa, ou provavelmente. Sirva de exemplo. Prova a *Dogmatica* a Incarnação do Verbo Divino; inquire a *Escolastica*, como se unio á Divindade a Humanidade: como a Humanidade se unio immediatamente á Subsistencia do Verbo; e porque se não póde dizer, que o Pay, e o Espirito Santo incarnasse, não obstante ler a Subsistencia do Verbo identificada com a natureza Divina, que he unica nas tres Divinas Pessoas? Entra a discorrer sobre os dotes da Alma Santissima de Chri-

Christo unida ao Verbo: daqui deduz a sua impecabilidade, e sciencia, liberdade, merecimento, e visão Beata, de que gozava, ainda sendo Christo Viador. Prova a *Dogmatica* o peccado Original, que inficionou toda a natureza humana. Contempla a *Escolastica* a necessidade, que havia, para que hum Homem Deos satisfizesse condignamente á Justiça Divina; e prova, que para isso não bastava qualquer pura creatura, por mais santa que fosse. Revelou-se na Escriitura a existencia dos Anjos. Ensina a *Escolastica*, como podem elles explicar-se entre si, não usando de vozes, mas de conceitos; e quando são segredos só manifestos a Deos, e quando servem de locução. Daqui se vê manifestamente, que a *Theologia Escolastica* he muito propria para melhor intelligencia da *Dogmatica*.

Por esta cauza diz o P. Reguera, que ha poucos annos escreveo, e dedicou a sua obra em Roma ao Pontifice Reinante, fallando da *Theologia Escolastica*. *Præcise habet speculari non tam mysteria ipsa Fidei, quæ supponit, ut sua prima principia, quàm veritates inde collectas pro Deo recognoscendo. Nam licet in substantia conveniat cum Theologia ut sic... Tamen post Magistrum capit Theologia in ratione methodi, quæ tota est dialectica, & ad normam Aristotelicam in scholis prævalere, vocata proinde Theologia Scholastica. Talis est Theologia, quam S. Thomas illustravit, antiqua sub hac methodo percurrendo, & enucleando cunctas omnino materias, quæ de Deo, & de rebus conducentibus ad Deum, excogitari possunt; per hoc discrepando à cæteris antiquioribus, quod illi neque ità universaliter, nec ità dialecticè, sed potius oratoricè, communiterque ad normam potius Platonis, quam Aristotelis. Veja o seu tom. 1. part. 1. pag. 2. Prova-se mais, porque a Theologia Positiva ex munere suo não usa de argumentos*



tos, e se entra a disputar, passa a ser Dogmatica, ou Especulativa. Pelo contrario a Dogmatica, e Escolastica convêm em argumentarem: a primeira contra os que se oppoem á fé, fundando-se nos principios irrefragaveis della; a Especulativa argumentando *more dialectico*, e tirando destes mesmos principios outras verdades conducentes á sua mayor explicação.

Confirma-se mais com o erudito P. Muzan-  
cio nas suas Taboas. Começa com o titulo de *Theologia Positiva*, e logo no primeiro seculo nomêa os Sagrados Evangelistas; e continuando pelos seguintes até o de 1700, declara nos seculos, a que pertencem, como Theologos da Positiva, os Expositores da Escritura, *Theodocio, Origenes*, os Santos *Hilario, Basilio, Epifanio, Jeronymo, Gregorio M.* e outros PP. Logo as obras das Concordancias da Biblia, e os famosos Expositores *Abulense, Salmeirão, Maldonado, Toledo, Menocchio, Barradas, A'Lapide &c.* No titulo da *Theologia Contenciosa* yay nomeando os Authores Controversistas, e no anno de 1200 para 1300 adverte, que no supplemento ao mesmo titulo dará os Theologos Escolasticos, começando por *Pedro Lombardo*, logo *Alberto Magno, S. Thomás &c.* até acabar o seu Catalogo com o anno de 1728. S. Agost. (2) diz: *Disputationis disciplina ad omnia genera questionum, quæ in libris sunt penetranda, & dissolvenda, plurimum valet, tantum ibi est cavenda libido rixandi.* E que Theologia he esta, senão a mesma, que reduzida a melhor methodo, hoje se chama Escolastica? O P. Reguera (3) se explica optimamente com as seguintes palavras: *Si est utilis, imò necessaria Theologia dogmatica, nequit non esse utilis, & necessaria*

iii

cessa-

(2) S. August. l. de Doctr. Christ. c. 31. (3) P. Reguer. t. 2. pag. 623. n. 825.

*cessaria Theologia Scholastica; utpotè quæ sese mutuò juvant, & perficiunt; tam ratione materiæ, quàm methodi, & modi; ut enim Dogmatica juvat eruditione, ita Scholastica juvat vi consequentiæ; atque adeò qui præcellunt in alterutrâ istarum Theologiâ, non aliam contemnuunt, sed eminent in utraque.* Para se acabar de defenganar, lêa o Critico as Controversias de Bellarmino, Bccano, e Fontaina, e verâ as muitas vezes que citaõ, e allegaõ os Theologos Escolasticos.

O Critico nesta *Resposta* a pag. 105 allega ao Jesuita *Annato in Appar. ad Theolog.* querendo com as suas palavras provar, que he o mesmo a Positiva, que a Escolastica; mas devia advertir, como notou *Reguera* citado, que aonde *Annato* diz Positiva, quiz dizer Dogmatica. Assim o affirma, continuando no mesmo num. 875: *Utilis ergò utraque (inquit bene Annat. in suo Appar. l. 1. art. 2. licet, quam vocamus Dogmaticam, accipiens sub nomine Positivæ magis æquivoço, & quod magis communiter appellatur Scripturæ, vel Canonum doctrinæ) necessaria utraque, sufficiens neutra; Semitheologum qualibet sola, illi juncta perfectum Theologum constituit altera.* Eis aqui o que diz o P. *Annato*, e conclue *Reguera*: *Ita verò, ut Scholastica debeat præire in Scholis acta, sic enim facile quisquæ ad Dogmaticam abibit.*

Supposta esta verdade, não se deve estar pelo que diz o Critico nesta *Resposta*, querendo, que a Theologia Positiva seja, a que defende a nossa Religião; porque esta mostra os textos, e a sua explicação com varios sentidos; e a Dogmatica defende as verdades da Fé contra os seus impugnadores. Nem tambem o dizer, que a Positiva, e Escolastica so tem differença no modo de explicar. Como nem, quando diz, que a Positiva se serve de hum estylo mais livre, e oratorio, como fizeraõ

os

os Santos Padres. Não ha duvida , que usaraõ deste estylo ; mas era iõmente explicando questõens ; como se vê em *Santo Agostinho* ; ainda que não *more scholastico* , nem precisamente para explicar o sentido da Escritura , como faz a Positiva ; mas as questõens , que della se tiraõ , como faz a Escolastica reduzida já a melhor methodo. Nem contra isto provaõ as palavras do *P. Petavio* ; e não sey , para que as manda notar : e da mesma sorte as do Cardeal *Gotti* , que sendo a favor da Theologia Escolastica , não vejo , para que fim as allega ! Diz este Eminentissimo , que se alguns Escolasticos se métem em subtilezas mais , do que he bem , *plus æquo* , que isso não he culpa da Theologia , mas de alguns Theologos : *Hoc non Theologiæ Scholasticæ , sed aliquorum Theologorum vitio vertendum esse*. Segue-se tambem , que a Especulativa se distingue da pura Dogmatica . e quando a Especulativa disputa com razõens explicando o dogma , he mixta , como disse o *P. Arsenio* ; ainda que toma o nome do que nella he mais frequente , que he a especulaçaõ.

Diz agora nesta *Resposta* a pag. 109 , que o *Critico* declara , que por Theologia Escolastica não entende no dito lugar , nem o methodo dialectico , nem as razõens naturaes. Ora já temos , que a Theologia Escolastica he boa ! Venha agora a razãõ , que tem para dizer mal della , depois de approvar o seu principal instituto. Diz , que he a Theologia fundada sobre as fórmulas substanciaes , e accidentaes. Grande crime ! Tem a Theologia materias inteiras , em que se não usa de fórmulas substanciaes , e accidentaes Peripateticas , como he a de *Trinitate* , *Angelis* , *Scientia* , & *Voluntate Dei*. Diz , que a graça auxiliante , e santificante he entidade distinta da alma , e isto devem dizer todos , para dizerem a verdade. o dar-lhe o nome de qualidades , nada faz contra as

questoens, que trata. Na *materia da Incarnação* diz, que a Humanidade foy assumpta sem a sua propria Subsistencia: e he couza, que nenhum Catholico nega. Contra isto não obsta, que a Subsistencia humana seja distinta, ou indistinta da natureza; porque he questão problematica ainda entre os mesmos Peripateticos. E que culpa tem estes, de que muitos Hereges abusassem da dialectica de Aristoteles para cahirem em erros, quando ella, e não outra, fosse a causa, como se allega na *Resposta*? Para isso se expurgou Aristoteles, como já disse: e se antes, ou depois dislo erraraõ, tanto faz isso contra o Filosofo; como contra *Santo Agostinho*, que Jansenio, Bayo, e Quesnel abusassem da sua doutrina, e della pertendessem deduzir as suas erradas proposições. Não está o mal no uso, senão no abuso.

Torna-se a dizer na *Resposta*, que os Santos Padres lançaraõ fóra da Theologia a Aristoteles. Dizendo isto tantas vezes, em nenhuma o prova; quando pelo contrario logo no seculo terceiro, como diz *Muzancio*, muitos PP. julgaraõ, que Aristoteles era opportuno para a Religião Christã: *Aliis Patrum Aristoteles, aliis Plato Christianæ Religioni opportuniorvideri capit.* No sexto seculo *Boécio* o achou tão bom, que o verteo em Latim. *Santo Thomás* constantemente seguiu a *Santo Agostinho*; e porisso se diz, que poz em methodo Escolastico a doutrina do S. Doutor; e nem porisso o mandaraõ apartar da Theologia, por ser Aristotelico, e seguir as formas substanciaes, e accidentaes. Agora acode dizendo, que *Santo Thomás* não podia concordar o Filosofo com a nossa Religião; porque o seu systema era contrario a ella. Veja o Panegyrico do mesmo Santo no *P. Señeri*, e verá se diz, que concordou *Aristoteles* com *Christo*? Os poucos erros, em que, como *Gentio*, cahio, lançaõ-se fóra; como tambem

*Santo*



*Santo Agostinho* não fez caso dos de *Platão*. O *Sup-*  
 pôr *materia prima*, *fórmās substantiaes*, e *acciden-*  
*taes reaes distinctis*, ninguém até aqui disse (exce-  
 pto o *Critico*) que fossem prejudiciaes á nossa Re-  
 ligião: trabalho tem, os que não o seguem, em  
 concordarem com a Religião (se acaso pôdem) as  
 novidades da sua Filosofia, quando os *Aristotelicos*  
 o fazem com toda a clareza. Torna também a re-  
 petir, e com nimiedade, a queima dos livros *Aris-*  
*totelicos*; e tendo tanta noticia da Historia, nunca  
 achou em *L' Abbè, Muzancio*, e outros a fallida-  
 de desta? Suspendeo-se por *Gregorio IX* a lição de  
*Aristoteles*, até se expurgar das muitas inepcias, que  
 os *Arabes* lhe tinham introduzido, e dahi a poucos  
 annos se concedeo o uso delle; como já disse; e  
 não por tres seculos, como erradamente diz o *Cri-*  
*tico*, que durou a tal prohibição, e com incoheren-  
 cia ao que diz na sua carta pag. 212, que abaixo em  
 seu lugar copiarey. Finalmente he falso o que diz,  
 que todos os dias nascem heresias da dialéctica de  
*Aristoteles*; porque ella não trata dos dogmas, mas  
 do modo de argumentar: e se com ella argumen-  
 taõ os *Hereges*, também com ella se defendem os  
*Catholicos*; assim como se não deve culpar a lin-  
 gua Latina, porque nella escrevem muitos *Hereges*.  
 Diz *Graveson*, (4) que semelhante argumento poem  
 os *Hereges*: *At iniquunt hæretici: Theologiae Schola-*  
*sticæ usus multis fraudi fuit, eosque suis præstigiis in*  
*varios errores induxit. Quid tum postea? At fraudi-*  
*ne fuit Athanasio, Basilio, Gregorio Nisseno, Augu-*  
*stino? Illorum scriptis quid, amabo, præstantius, quid*  
*acutius, quid subtilius?*

[4] Graveson Hist. Ecclesiast. tom. 4. Colloq. 6.

*Antiguidade da Especulativa , antes de ter método.*

**B**Astava para prova desta verdade reparar nas Obras de *S. Thomas* , que para as questões continuamente cita os SS. Padres , valendo-se da authoridade delles ; e por todos a *S. Agostinho* , de quem tirou muitas das suas resoluções. O mais he , o que diz o Jesuita *Balthasar Cordero* na XII , e ultima das suas Observações , que vem no principio das obras de *S. Dionysio* , em que faz huma grande colleção das muitas vezes , que cita a este antiquissimo Principe da Mystica , e conclue : *Ex quibus facile patet , Angelicum Doctorem totam ferè Theologicam doctrinam ex purissimis Dionysii fontibus hausisse , cum vix ulla sit periodus , ex qua non ipse , tanquam apud argumentosa , Theologicum succum extraxit.* Com razão diz a Igreja na Oração deste Santo Doutor : *Mirâ eruditione Ecclesiam clarificat.* Este he o Author, de quem o Critico , *ut suus est mos* , falla com o pouco respeito , que tenho advertido. O *P. Reguera* citado na sua pag. 619 n. 856 diz , que regeitar a Theologia Escolastica , por se servir da Filosofia Aristotelica , como faz o Critico : *Esset evertere , quod edificatum est ; improbare , quod probatum est ab Ecclesiâ per tot secula , ut melius ; idque à privatis quibusdam , & non probando , quod intendunt.* E dá por solida razão a sua antiguidade : *Non enim , que dicitur Scholastica Theologia , vel disputativa (quam Scrutatariam , & Inquisitivam dicit S. Bonav. in proe. Sent.) defecit inquam Ecclesiæ quoddam substantiam ; sed in modo cæpit perfici magis à S. Agostino , mox à Severino Boetio , mox à S. Anselmo , mox à Magistro sententiarum ; plenius tandem in modo , quo utimur , a S. Thoma , & Bonaventura ; &*  
sub

*Sub eisdem in Philosophia benè correctà Ecclesia profecit.*

A mesma antiguidade da Theologia Especulativa, e Argumentativa se prova das antigas disputas, que houve entre Catholicos, e hereges. No terceiro seculo foy celebre a disputa do famoso Cayo Theologo contra *Proclo*, estando presente o Papa *Zepherino*; e das razões, com que confundio ao herege, compoz Cayo hum livro, em que denotava as particularidades da disputa, objecções, argumentos, e repostas de ambas as partes, o qual livro confessa ter lido *Eusebio* (5) mas já delle só temos a fama. No seculo sexto *S. Fulgencio* converteo em Carthago muitos Bispos Arrianos disputando com elles, e o mesmo Rey *Theodoro* ficou admirado da eloquencia do Santo. Celebre foy a disputa entre *Agilano* Arriano, e o Doutissimo P. S. *Gregorio Turonense*, em que se achão quantidade de argumentos *à ratione*; como se póde vêr na sua mesma historia, e a allega *Bernino* (6) O mesmo se vê na disputa de *S. Gregorio M.* com *Eutychio*, toda cheya de argumentos *à ratione*, e se póde lêr na obra do mesmo Santo, Moral. l. 54. c. 29; e muitas outras, de que faz menção *Bernino* citado. E no seu tom. 1. seculo quarto conta, que *Teónas* perverteo muitos Catholicos, que eraõ ignorantes na Logica; e o mesmo se vê nas repostas dos Catholicos contra os Arrianos, de que trata no mesmo seculo. Tambem no seculo quinto foraõ grandes as disputas dos Catholicos com os Pelagianos, de que faz menção o Papa *Celestino I.* na confirmação, que fez da condenação destes hereges, escrevendo aos Bispos de França na Epist. 8, onde diz: *Profundiores verò, difficilioresque partes occurrentium questionum, quas latius pertractarunt, qui hæreticis resistèrunt, sicut*  
non

[5] Euseb. lih. 6. cap. 25. [6] Bernin. tom. 2. secul. 6. p. 146

*non audentis contemnere, ita non necesse habemus adstruere.* Eisa-qui a moderação, com que falla hum Papa das questões especulativas, com que aquelles Theologos argumentavaõ em confirmação dos dogmas, entre os quaes vem nomeado *S. Agostinho*, como notou o *P. Soares* no *Prologom.* 6. c. 6. E sem duvida, que se ellas só consistissem em textos da Escritura, ou Concilios, não diria *Celestino*, que não tinha necessidade de as approvar.

Finalmente bem especulativas eraõ as razões, com que se defendia a verdade da adoração das Imagens; e saõ as mesmas, de que hoje usaõ os Theologos Escolasticos. E para mayor defengano lêa a mesma carta de *Adriano I*, e a transcreve *Bernino*. (7) Item a carta de *Antonio* Bispo de Constantiniana em Africa, toda cheya de admiraveis razões especulativas, da qual faz menção *Baron*. (8) e de caminho attenda ao que nella diz á cerca da nossa alma: *Ad animum pertinet vita*; e não ao sangue, como diz o *Critico*. Facil me seria continuar até o tempo, em que a Theologia tomou o método de Escolastica, mostrando que sempre foy usada na Igreja Catholica. He porém razão frivola querer desprezar a Escolastica, por ser Aristotelica; porque na verdade, como já notey, *Aristoteles* na mayor parte das suas resoluções, quando argumenta *à ratiõ*, e suppoem, como fundamento de algumas questões, fôrma, uniaõ, substancia, corpo, espirito, relações, acções, qualidades, actos vitaes &c, diz o que todos devem admittir, ou se expliquem de hum modo, ou de outro. O certo he, que *S. Thomás*, que nas suas questões allega os Santos Padres, vale-se de *S. Agostinho*, que foy

Pla-

[7] Bernin. tom 2 p 424. no 5 Item Sancti Episcop. [8] Baron. ad an 435. ca Bibliot. Sanctor Col. 439. apud Bernin. tom. 1. pag 476.



*Platonico*, e de *S. Dionysio*: e com o mesmo método procedem os mais Theologos, sem que lhes faça mal o suporem a doutrina Aristotelica já expurgada. E se tantos gigantes na sabedoria louvaõ, e usaõ esta Theologia, nada valem os pygméos, que a querem deprimir!

### §. III.

*A mesma Escolastica Peripatetica servio nos Concilios Florent. e Trident.*

**F** Aço est §. em particular, para dar razão do que disse o *P. Arsenio*. O caso he, que disse o *Barbadinho* na sua carta da Theologia pag. 217. *Huma das famozas questoes he, qual seja o Principium Quo productivum.. e sobre isto fazem disputas immensas* (a huma questão chama disputas immensas!) e quem não vê, que todas estas questões são puerilidades. Respondeo *Fr. Arsenio*, que a questão do Principio Quo se tratára no Concilio Florentino. Diz agora o *Critico* na sua *Resposta* pag. 116. com a sua costumada resolução: *Eu digo, que he mentira: e logo accrescenta, antes que lho digaõ: Se Fr. Joaõ, ou o Bispo de Forli uzaraõ de alguns termos escolasticos, isso não he o mesmo, que ter necessidade o Concilio da tal questão para se definir o Dogma, ou tratar-se em termos a questão no dito Concilio. Ninguem lhe pergunta, se foy necessario tratar-se alli a questão em termos, mas sim se se tratou, ou não; que são couzas bem diversas entre si? Não ha duvida, que o Dogma não era o Principio Quo; mas para se explicar, que o Verbo procedia do Pay, e o Espírito Santo do Pay, e do Filho, era preciso mostrar, qual era o Principio delles. Para explicar este Principio se declarou, qual era o Principio Quo,*  
Kkk .
e for-

e formal : tratando-se pois esta questão , ou usando dos termos expressos della , fica claro , que foy injustamente appellada do *Critico* com o nome de *puerilidade* ; porque os Theologos , que estavaõ , e fallaraõ no Concilio , disputando contra os Gregos , não eraõ rapazes , mas grandes Letrados , e não haviaõ de sair lá com puerilidades.

Agora mostrarey , que *Arsenio* fallou *verdade* , e que no tal Concilio houve argumentos , e syllogismos em fórma ; e o que lhe causará talvez admiração he , que tambem nelle se allegou *Aristoteles*. Começou este Concilio em Ferrára a 4 de Outubro de 1438 , e se continuou , e concluiu em Florença em 1442. Erraraõ os Gregos negando , que o Espirito Santo procedesse do Filho. *Ir. Joaõ* , Theologo Dominicano , Provincial de Milaõ , na Sess. XVIII , celebrada em 2. de Março de 1439 , como diz *Bail* , ( 9 ) expoz a *Marcos* Metropolitano de Efezo o modo , como o Filho era gerado pelo Pay , dizendo : *Dixi equidem , Reverende Pater , Filium ex Patre , ac ex Patris substantia generari idem significare , ita tamen , ut Persona sit produccens , & generans ; Principium autem , Quo ipsa Persona generat , id , quod solum communicabile est. E logo : Pater ergo generativum Principium est , & suppositum quoddam significat ; divina vero substantia , quæ cum Patre realiter idem est , non quidem generat , sed est Principium , Quo generatio fit. É mais abaixo : Nam Patris Persona suppositum est , atque generans : divina vero natura generativum Principium , Quo Pater Filium generat. Item o mesmo Bail pag. 562. col. 1 : Hæc autem substantia (ut ita dixerim) absolutè , simpliciterque considerata , quæ generandi potestas est , Principium est , Quo , vel per Quod quidem à Patre Filio communicatur , & traditur. Item na col. 2. in principio : Quandoquidem Filium esse Consubstantialem*

[9] *Bail* in Sum. Concil. tom. 1. pag. 557. col. 2.

lem Patri; id, quod prima Synodus Nicæna declaraverat; ipsamque substantiam, per quam Filius Patri Consubstantialis existit, tribus Personis communem esse, ac illud ex Patris substantia Principium Quo, vel per Quod, non autem generans, significare firmiter tenemus. O mesmo Marcos Grego reconheceo os dous Principios Quo, e Quod, quando disse: *Siquidem communem Patri, e unoque Substantiam S. Spiritus causam, vel Principium Quo dicis esse, quid inde obsecro, &c.* De caminho repare, que os Theologos neste Concilio tambem usaraõ dos termos Escolasticos *absolutè, simpliciter, realiter, suppositum*; e tambem dizendo, que a Pessoa do Pay gera o Filho, e a do Pay, e Filho espiraõ o Espirito Santo, usaraõ do axioma Filosofico: *Actiones sunt suppositorum*: e a estes termos chama o Critico por *escarneo ingredientes*, que de novo appareceraõ; sendo que nas mais sciencias ha seus termos para explicar em huma palavra, o que se naõ faria em muitas, se se desprezasse o uso delles.

Tambem neste Concilio se usou de argumentos em fôrma, e naõ houve medo de allegar por seu proprio nome Aristoteles; que he contra o que diz o Critico na *Resposta* pag. 117: *Que sã se provou com authoridades da Escriitura, e SS. Padres, e naõ com questões metafisicas.* Nem faz ao caso, o que allega de Fr. Joaõ Dominicano, quando disse, que as sentenças da Escriitura, e Santos Padres habendas *esse veluti quosdam terminos disputationis, quos transgredi non liceat aut argumentanti, aut respondentis.* Sem duvida, que as questões Metafisicas naõ provaõ per si os pontos de Fé; mas nellas se expenderaõ em melhor fôrma as razoes deduzidas do mesmo texto, como fez o mesmo Fr. Joaõ Dominicano; sem porisso contravir ao que tinha dito. Vamos agora aos argumentos dos Theo-

logos. Estes achará o *Critico* no tom. 4. de *Bernino* no seculo decimo quinto, onde tambem falla deste Concilio. Pertendiaõ os Gregos, que aquella clausula do Credo *Filioquè* era novo dogma, que se não devia accrescentar: os Latinos affirmavaõ, que não era additamento, mas mera explicação do mesmo artigo, em que se confessa a processão do Espirito Santo; e depois de allegarem varios exemplos, *Fr. André*, grande Theologo Dominicano, Arcebispo de Rhodes, usou deste argumento, que transcreve *Bernino*: *Nulla expositio, seu declaratio alicujus scientiæ, vel disciplinæ dicenda est additio; sed vox illo in Symbolo Filioquè continetur in altera voce, scilicet, ex Patre, cum sit explanatio, & explicatio illius: non ergo est additio. Hujusmodi consequentia, & syllogismus est optimus, nec potest negari. Probanda jam est maior, & minor syllogismi. Maior hoc modo demonstratur. Quod alicui additur, extrinsecus additur, ita sentiunt (repare bem) Philosophi, & præsertim Aristoteles in l. de Generat. & Corrupt., ubi de nutritione ait. Necesse est, quod nutritur, addi aliquo extrinsecus addito. Si ergo omnis additio extrinsecus fit: explanatio verò, & explicatio non extrinsecus, sed ex eis, quæ in textu jacent: sequitur, quotiescunque fit expositio, vel explicatio alicujus scientiæ, quæ in præjacente continetur, non esse additionem. Alioquin multa sequerentur absurda, &c.*

Neste argumento repare o *Critico*, que a Dialectica não he impropria para se provar o dogma; nem se estranhou no Concilio allegar-se Aristoteles: nem Marcos Grego respondeo, como diz o *Critico*, que Aristoteles tinha sido a causa, de que da sua Dialectica nascessem heresias todos os dias; e a ser assim, tinhamos por boas contas cada anno 365 heresias, e huma mais no anno bissexto! Tambem aqui se usou do termo *extrinsecus*, e não foy aqui *ingrediente*.



diente. Fr. João de Montenegro Dominicano começou o seu argumento com este syllogismo: *A quo Spiritus Sanctus accipit esse in Divinis, ab eo etiam procedit: dicitur autem Spiritus accipere esse à Filio: ergo Spiritus Sanctus procedit à Filio juxta propriam Processionis significantiam.* Negou Marcos Grego a menor: allegou o Latino o texto de Santo Epiphânio: *Filium dico, qui ex ipso, id est, ex Patre est: Spiritum verò Sanctum, qui solus ex ambobus est.* E continuando a argumentar dialecticamente inferio: *Si Spiritus Sanctus ex ambobus est: ergo accipit esse ex ambobus.* E porque Marcos disse, que o termo *Si ex Patre, & Filio* denotava conveniencia, e consenso do Espírito Santo com o Pay, e Filho, e não processão; perguntou Fr. João: *Cum dicimus, creaturas esse à Deo, intelligimusne creaturas accipere suum esse à Deo? Concedeo* o Grego, e logo o Latino: *Quoniam creaturæ differentèr accipiunt esse à Deo, propterea differentèr etiam dicuntur esse à substantia Dei: at in dicto suo Epiphanius, Spiritus, inquit, est à Filio. Est autem infert esse; aut enim infert esse, aut aliud; nequè enim esse à Filio aliud est, quàm distinctum quid esse: non ergo est dicendum, Spiritum non habere esse à Filio; quare necessario colligitur, Spiritum habere idem esse à Filio, quod habet etiam à Patre: hoc enim significatur, cum dicit, Est.* Aqui tem S. P. como no Concilio appareceo o Principio Quo, e tambem argumentos Dialecticos; o que agora nega na Reposta. Bom fora ter lido o que sobre este Concilio escreveo o douto Graveson: (10) acharia In tertiâ, & in aliis sequentibus Sessionibus usque ad decimam quintam inclusive variæ disputationes Græcos inter, & Latinos more dialectico habitæ sunt de quinque potissimum capitibus inter utramque Ecclesiam

(10) Graveson. Hist. Ecclesiast. tom. 6. Colloq. IV. pag. 121. col. 2.

*fiam controversis.* O mesmo succedeo na Sess. XVIII. Veja, se he isto, como diz, *vender sonhos?*

O Concilio Tridentino, que começou no anno de 1545, e teve fim no de 1563, he certo, que não acabou no meyo do seculo decimo sexto, que era dizer no anno de 1550. Isto disse o *P. Arsenio*, ainda que na imprensa, que se fez, *illo inscio*, se poz hum 6 em lugar de 5; mas do contexto se vê: e nisto pouco, ou nada vay. Indo ao ponto, digo, que neste Concilio assistirão cento quarenta e seis Theologos, e talvez mais, e todos, ou quasi todos Aristotelicos. Primeiramente hum dos Legados, e Presidentes do Concilio, foy o Cardeal *Seripando* da Ordem dos Eremitas de *Santo Agostinho*, e Aristotelico, como Discipulo da Escóla Fundatissima; e desta mesma Religião, não fallando em Bispos, assistirão dezoito Theologos da mesma Escóla. Da de *Santo Thomás* assistirão, como diz *Graveson*, além de seis Arcebispos, e dezefete Bispos, vinte e oito Theologos Peripateticos. Da Escóla de *Escoto* tambem Aristotelica, não fallando em Prelados, assistirão dezenove Theologos da Observancia, e dezefeis da Conventualidade. Da do Doutor Resoluto *Baconio*, além dos Prelados, oito Theologos. Do Clero Secular muitos em numero, e qualidade, e entre elles o Doutor *Diogo de Pavia de Andrade* Portuguez, Theologo mandado pelo Serenissimo Rey *D. Sebastião*; e os insignes DD. *Francisco de Torres*, que depois entrou na Religião da Companhia de JESUS, e *Antonio Soliz*, nomeados pelo Pontifice. Da Religião da Companhia assistirão como Theologos da Sé Apostolica o *P. Diogo Laynes*, segundo Preposito Geral da sua Ordem, que regeitou o Bispado de Malhorca, o Arcebispado de Piza, o Capello de Cardeal, e taõ benemérito, que teve doze votos para a suprema dignidade Pontificia. O *P. Afonso Salmeirão* Nuncio Apostolico

co de Paulo III em Hybernia, Successor do doutíssimo *João Ekio* na Cadeira de Prima de Theologia na Universidade de Ingloftadio, e Lente na Sapiencia de Roma; o *P. Claudio Jayo*, e o *P. João Col- lonio*: este como Theologo do Duque de Baviera; e aquelle do Cardeal de Augusta. Não fallo no *P. Pedro Fabro*, nomeado Theologo da Sé Apostolica, a quem a morte impedio a jornada; nem no *P. Nicoláo de Bobadilha*, eleito pelo Imperador *Fernando*; a qual eleição não teve effeito por causa da guerra, que o Cesar fazia aos inimigos da Religião. E quem não sabe, que todos estes grandes Theologos eraõ Aristotelicos!

Na Sess. VI. se condenaraõ varios erros; e he de advertir, que todos se achaõ nas Resoluções dos Escolasticos, provando, e defendendo a parte contraria, e Catholica; e saõ *Dè extinctio hominis arbitrio per Adæ peccatum. De justificatione impii per solam fidem. De justificatione, exclusã gratiã sanctificante intrinsecã, & inherente. De impossibilitate mandatorum Dei. De inamissibilitate justificationis, nisi per peccatum infidelitatis. De excludendis à justificatione bonis operibus.* Todas estas questoes trataõ os Theologos Escolasticos Peripateticos, e se achaõ repartidas pelas materias, a que pertencem; sem que sejaõ prejudiciaes aos dogmas da Religião, por se fundarem na opiniaõ de formas substanciaes, e accidentaes; como diz o *Critico*; de que logo fallarey. Na Sess. XXIII. diz o mesmo *Bernino* estas palavras traduzidas em Portuguez: *Nesta, como nas outras, precedendo a doutrina Especulativa do assumpto em quatro capitulos, se continuou a definição dos dogmas em oito Canones.* Veja-se agora, se no Concilio servia a Especulativa, e se he erro dizer, que depois do Tridentino abriraõ os Theologos os olhos para desprezarem a Especulativa Peripatetica; quando

do vemos, que desse tempo para cá escreverão innumeraveis Theologos os seus livros da Escolastica Aristotelica, entre os quaes são todos os Theologos da Companhia, que foy confirmada no anno de 1540, poucos annos antes de principiar o Concilio Tridentino; que foy o anno de 1545?

#### §. IV.

*A Theologia Escolastica he aborrecida, e impugnada pelos Hereges.*

**H**E empenho particular dos Hereges tirar aos Catholicos todas as armas, com que se pôdem defender. Negaõ ser o Papa Doutor universal e infallivel nas definições *ex Cathedra*. Da Escritura tem feito varias impressões adulteradas, e accrescentadas a seu beneplacito; e neste cuidado se occupou Luthéro nas suas impressões de Alemanha. Em Inglaterra fizeraõ o mesmo os sequazes de Wicklef, a cujo dano quiz acudir o Concilio Oxon. Can. 7, prohibindo as impressões da Escritura na lingua vulgar. Porque sabem, que a nossa *Vulgata* está correcta, fogem della para o texto Grego, e Hebrêo, que não anda muito apurado nas suas mãos. Dos Concilios Geraes não fazem caso; e assim como os Gregos negaõ, que o Florentino fosse geral, assim estes modernos Hereges dizem blasfemias contra o Tridentino. Pela mesma causa aborrecem a Theologia Escolastica, desejando desterrála do Mundo, para que os Catholicos se não possaõ valer, e elles fiquem com bom partido para os confundirem com as mesmas difficuldades, que solta a Escolastica. He a razãõ, em que doutamente advertio *Graveyson* no tom. 5. pag. 215, onde diz, que a aborrecem, porque ella: *Hæreticorum errores pres-*  
so



so pede insequitur, nodos subtiliter explicat, offusas veritatis tenebras, atque involutas fraudes in medium diem producit.

A mais abonada testemunha nesta materia he o Papa Sixto V. na sua Constituição, que anda impressa no principio das obras do Serafico Doutor S. Boaventura, e diz o seguinte: *Cum hereticorum insidiae, & diabolicae machinationes, quibus Sacram Theologiam, que Scholastica appellatur, hoc luctuoso saeculo oppugnant vehementissime, Nos magnopere admoncant, ut eandem Theologiam, quā nihil Ecclesiae Dei fructuosius, omni studio retineamus, illustremus, propagemus. Divino enim munere inventa est à maioribus nostris Sapientissimis viris Theologia Scholastica.* Eis-aqui como falla a Cabeça da Igreja da Theologia Escolastica: e deve-se notar, que he louvando a de S. Boaventura, que tambem he Peripatetica, e tratada com methodo Aristotelico, e dialectico: temos logo, que esta he util, e fructuosa para a Igreja de Deos, e de nenhuma sorte prejudicial aos dogmas da Religião, como diz o Critico, condenando-a, por ser Aristotelica; sem advertir, que este pretexto he inventado pelos Hereges, como bem notou o P. Reguera: (11) *Soli nuperi sectarii, qui sub pretextu Aristotelis Scholasticam contempserunt, inventi sunt deficientes à fide.* Entre estes sectarios se póde contar Vergerio, Opstraet, Elias Dupin, e outros muitos. O mesmo escreveo Cano no l. 8. c. 1: *Nec minima Scholae auctoritas esse potest, quā parvi facere nemo sine fidei discrimine potest; connexae quippè sunt, ac fuere semper post natam Scholam Scholae contemptio, & haeresum pestes.* Do mesmo sentimento foy o doutissimo P. Salmeirão, que vay allegado no Cap. I. a pag. 7, o qual diz o seguinte: *Scholasticae Theologiae studium... non est hominis Catholici respiciere, nam*

LII

conte-

[11) Reguet. pag. 630. n. 861.

*contemnere heretici est.* Mayor experiencia tinha este doutissimo Varão do que succedeo no Tridentino, em que assistio como Theologo do Papa, do que o *Critico*, que se deixou levar de quatro livrinhos da moda. E se diz, que do Tridentino para cá abrião os olhos, foy para se applicarem com mayor cuidado á Theologia Escolastica Peripatetica; porque daquelle tempo até o presente tem florecido muito mais a Theologia.

Dirá o *Critico*, o que repête na sua *Resposta*, que elle expressamente declara, que por Theologia Escolastica não entende o methodo dialectico, nem as razoes naturaes, que estas com o mais são a verdadeira Escolastica, mas somente a Theologia fundada sobre as fórmulas substanciaes, e accidentaes. Só condena a Escolastica Peripatetica, ou comua Escolastica. Onde está o achaque desta Theologia? Suppor fórmulas, e accidentes distintos, não he suppor couza condenada pela Igreja, antes mais conforme a ella. Se condena a Escolastica comua, condena toda; porque não ha outra, e vem a condenar a que Sixto V. approvou, e a mesma, que S. P. na carta pag. 212 confessa achar-se approvada pelo Conc. Lateran. IV, Innocencio IV, Alexandre IV, Clemente IV, Gregorio X, Sixto IV, e pudéra accrescentar Urbano V, Clemente VIII. Sendo boa a Escolastica, quanto ao methodo, e ás razoes naturaes, com o mais, que a constituem verdadeira Escolastica, ella mesma he a de que usão os AA., sem que lhe fação o minimo dano as fórmulas distintas, que admite o Filosofo. Se não destróem as materias, que trataão os Theologos, acabe de apparecer esse dano, que até agora não descobrião os Papas! Affine-se huma unica proposição, que fosse condenada por causa dellas; mas, em lugar de razoes, só apparecem injurias todas cobertas com a capa de Aristoteles. Porisso disse muito

to bem Reguera, que o tiro era contra a Theologia Escolastica, e Aristoteles só pretexto: *Sub pretextu Aristotelis Scholasticam contempserunt. Santo Agostinho*, (12) sendo Platonico, admitte fórmulas distintas: *Intendi in ipsa corpora, eorumque mutabilitatem altius inspexi, quod desinunt esse, quod fuerant, & desinunt esse, quod non erant; cumque transitum de forma in formam fieri suspicatus sum.* O mesmo diz dos accidentes, como já disse, fallando das cores. E que mal veyo daqui á sua Theologia?

### §. V.

#### *Mostra ser a Theologia Escolastica necessaria ao Dogmatico.*

**P**ouco he necessario para alcançar esta verdade, que *Arsenio* mostra com evidencia na sua *Reflexão IV*, apontando muitas verdades, que se explicação especulativamente nas materias de *Trinit. Incarn. Merit. Angel. Virtutib. &c.* Na mesma *Reflexão* a pag. 61 mostrou as difficuldades, com que se podia ver apertado hum Dogmatico, se não souber a Escolastica. He dogma verdadeiro, que as tres Divinas Pessoas são iguaes entre si. Dirá hum Herege, que a mesma Escritura insinúa o contrario; porque ella diz, que o Pay mandára o Filho ao Mundo, e que tambem mandou o Espirito Santo em nome do Filho. He preciso ao Dogmatico saber a questão Escolastica de *Missionibus Divinis*. He de Fé, que Deos he Immutavel. Dirá o Herege, que tendo Deos sciencia, e vontade livre, assim como conhece, e quer a existencia de Pedro, podia conhecer, e querer o contrario, se não quizesse produzir a Pedro: e como os actos da sciencia são indistintos

LII 2

em

(12) D. August. lib. 2. Confess. cap 6.

em Deos , já este não seria o mesmo, que he , e se mudaria. Para explicar esta difficuldade, que he gravissima, deve recorrer ao que ensinão os Escolasticos nos *Tratados de Scientiã, & Voluntate Dei*. He de Fé, que Christo livremente morreo pelos homens. Replica o Herege, que Christo tivéra preceito de morrer pelos homens, e que, como era impeccavel , não podia deixar de cumprir o preceito, e que estava necessitado a morrer. Diz o Dogmatico, que os merecimentos de Christo foraõ necessarios para satisfazer condignamente pelos peccados dos homens. Perguntaõ-lhe, porque não bastariaõ para essa satisfação os merecimentos de huma pura creatura, se fosse muito santa, e tambem morresse crucificada? Destas duvidas se pôdem fazer largos Catálogos, para as quaes he preciso saber a Escolastica. A estas razoes se cala o *Critico*, contentando-se na *Resposta* com confundir a Theologia Positiva (que, tomada em seu proprio nome, he a que expõem a Escritura) com a Escolastica; sendo que esta he como irmã da Dogmatica: huma defendendo o dogma contra os Hereges; a outra inquirindo, e desfazendo as duvidas, que se pôdem oppor ás mesmas verdades na fórma apontada; sem que lhe façam o servir-se de Aristoteles, já livre dos erros, que tinha, e lhe impuzeraõ.

Nem obsta contra isto dizer S. P., que muitos cahiraõ em heresias. E que culpa tem disso Aristoteles? Tem a mesma, que podia ter Plataõ, a quem seguio *Santo Agostinho*, que por algum tempo cahio no erro dos Manichêos Hereges. Terá a mesma, que Gaslendo, Galilei, Nevvton, a quem seguem muitos Hereges. Estas culpas saõ dos homens, e não das Filosofias, como a de Aristoteles, que não estaõ reprovadas. Não ha duvida, que Almerico foy Herege, e Aristotelico, mas o culpado não he o Filoso-



o Filofofo, foy elle; porque, como diz *Rigordo* na Vida de *Filippe Augusto*: *Habuit opinionem privatam, & iudicium quasi sectum, & ab aliis separatam*; e logo dá noticia dos erros da fua Theologia, que, para os seguir, tanto importava fer, como não fer Aristotelico. No feculo decimo terceiro apparecerão outros Hereges Aristotelicos, e diziaõ: *Divina Essentia nec ab homine, nec ab Angelo videtur, nec videbitur. Divina Essentia est una in Patre, & Filio, sed non in Spiritu Sancto*. Semelhantes proposições não acháraõ estes homens em Aristoteles. Outros diziaõ: *Intellectus omnium hominum unus est numero. Voluntas hominis ex necessitate vult*. Ensina isto Aristoteles? Antes ácerca da liberdade ensina a verdade, como mostra com evidencia *Petavio* in *Elencbo Theriacæ*. E porque o *Critico* encõmenta a *Arsenio*, que lêa humas palavras deste Jesuita (que por certo he de grande nome) das quaes só se tira, que o estylo da Escolastica he diverso do que se usa na Dogmatica; em agradecimento lhe peço, queira ler com attenção as seguintes do mesmo A. no dito *Elencbo Theriacæ*, cap. 4. ibi: *Quæ de liberi arbitrii naturâ superiori capite collecta attulimus ex S. Thomâ, ea sunt ex Franne Damasceno, & hoc antiquiore Nemesio, quem, sub Gregorii Nissenii nomine, citare consueverant, maiori ex parte deprompta: quorum omnium (repare) fundus, Authorquè est Aristoteles*.

Na pag. 108 da *Resposta* diz, que *Arsenio* suppoem a Dogmatica distinta da Escolastica na substancia. Respondo que he a mesma, assim em quanto ao principal objecto de Attribuição, como nas muitas resoluções, que se achão em huma, e outra; mas a diversidade está principalmente no modo. A Dogmatica prova o dogma com a Escritura, Concilios, SS. PP. &c. a Escolastica ou os suppoem provados, ou brevemente o mostra, e entra a disputar

tar varias questões , que se pôdem deduzir não só dos principios da Fé , mas tambem de outros certos, ou provaveis : v. g. suppondo , que o Verbo he Filho , e não o Espirito Santo ; pergunta , qual he a razão dillo , e outras varias ; e posto que S. P. as intitule questões ridiculas , e impertinentes ; para nossa defesa basta , que se achem no quinto , e sexto Doutor da Igreja , e em outros Doutores sumamente louvados , e muito mais por *Sixto V* , e outros Pontifices , que tem authoridade , qual não tem o *Critico*. Accrescenta mais , que a Dogmatica tratada em método he Escolastica. Respondo , que nesse caso , tem parte de huma , e outra , mas sempre procedendo com a differença , que fica declarada. Assim como , quem quizer provar contra *Copérnico* , que o Sol he , o que se move , e não a terra , pôde trazer argumentos da Mathematica : se ajuntar provas da Escriitura , imita aos Dogmaticos : se textos literaes da Escriitura , como Expositor , he Positivo ; e se argumentos *à ratione naturali* , ou deduzindo a questão dos lugares da Escriitura , imitará os Escolasticos. Na pag. 110 diz , que os *Padres dos primivos seculos desziaraõ o Filosofo da Theologia Dogmatica*. Se falla dos erros contra a Fé , concedo ; do mais , nego com muitos DD. graves , e com *Muzancio* nas Taboas do terceiro seculo. Se os *Arrianos* , como diz , inventaraõ perigosos erros ; já disse , que o mal não vinha da Dialectica , mas do abuso. Os Santos Padres *Agostinho* , *Jeronymo* , *Gregorio* , por sobrenome o *Theologo* , *Hilario* , *Thomas* , e *Bonaventura* com *Escoto* sabiaõ Dialectica , e nem porisso cahiraõ em erros , antes os impugnaraõ com a mesma Dialectica.

Disse *Arsenio* , que raro será o erro contra a Fé , que não conheça , quem for versado na Especulativa , e realmente se mostra revolvendo as  
mate-

materias , que elles trataõ. Diz agora a *Resposta* por despique: *Será bem raro o erro , e tal , que nenhum rustico o possa ignorar , o qual conheça , quem sòmente he versado na Especulativa.* Não se fie dos livros da moda , que o enganaõ , porque levaõ outro intento. Fie-se do que dizem os Papas em louvor da Escolastica , que fallaõ sem paixãõ. Fie-se antes de *Bellarmino* , (13) que foy hum grande Controversista. Depois de dizer no seu num. 1. que não intentava tratar de tudo , o que os Theologos ensinaõ a respeito da perfeiçaõ da Alma de Christo , e só quer impugnar os hereges , no fim do capitulo allega os Theologos Escolasticos , dizendo : *Ita docent cum Magistro omnes Theologi* in 3. dist. 3. Como o mesmo Critico quer mostrar hum erro grande de *Arsenio* , porque disse : *Os Especulativos sabem dar razãõ da Escriitura , e que a Dogmatica pura pertence explicar o sentido , em que fallaõ as Escrituras.* Taes palavras se não achaõ na pag. 63. de *Arsenio* , que allega , mas estas : *A dogmatica , para se defender de qualquer erro velho , ou novo , sempre tem prontas as armas nas definiçoens da Escriitura Sagrada , da Igreja , e Tradiçaõ Apostolica , das quaes se vallem os SS. PP.* Parecelhe mal esta proposiçaõ ? Onde diz *Arsenio* a Dogmatica pura pertence ? E dado isso , que erro he , que o Especulativo explique hun textos da Escriitura , quando lhe for preciso ao seu intento , e que o Dogmatico faça o mesmo , quando lhe for necessario ?

Diz mais na *Resposta* pag. III : *S. Thomás não podia mostrar , que o systema de Aristoteles se unia com a nossa Religiãõ , porque não podia concordar couzas totalmente opostas.* Não he possivel mostrarmos , qual he o systema de *Aristoteles* , depois de expurgado , opposto á nossa Religiãõ ; salvo se  
por

[13] Bellarmin. tom. 4. de Anima Christi , c. 1.

por systema entendeo não ter verdadeira fé. Assim seria, se nisso consistisse a concordia: mas o Santo em razoes Filosoficas, e tiradas de hum bom discurso, he que mostrou, que não se oppunha á Religiaõ. Platonico foy *S. Agostinho*, e nem porisso deixou de ser divinamente orthodoxa a sua doutrina. Diz mais S.P: *Errou Arsenio em dizer, que S. Thomás com os principios de Aristoteles escreveo contra Gentios, porque só foy com os principios da boa razao. E que melhor para argumentar contra os Gentios, que usar dos mesmos principios naturaes, de que usou hu Gentio, qual era o Filosofo? Mais. S. P. nos tem recomendado ser necessaria a Ethica para a Theologia, porque dá os principios da boa razao. Pois se esta boa razao, tirando-se dos outros Filosofos, serve; porque, sendo de Aristoteles, não serve? O Santo Doutor usou dos principios da boa razao, e vio, que a elles se não oppunhaõ os de Aristoteles; e porque estas não bastavaõ, accrescentou outras, a que o Filosofo não chegou, porque não tinha as luzes da verdadeira Fé. Quanto ás authoridades, que aqui allega, só provaõ, que a Fé deve ir adiante, e a razao natural servir-lhe como de criada: he o que diz *S. Thomás: Oportet, quod naturalis ratio subserviat Fidei.* Que faz isto para se excluir Aristoteles expurgado?*

Disse tambem *Arsenio*, que para a pura Dogmatica serve a Historia Ecclesiastica, e pouco val a Civil. Diz a *Resposta*, que a Historia profana he precisa para as Profecias de *Daniel*, e para ambos os Testamentos, e que *Huetio* na Demonstração Evangelica se servio de toda a Historia para isto. Eu julgo, que para os livros Historicos do Testamento velho, como os de *Josué*, *Juizes*, *Reys*, *Paralipomenos*, *Tobias*, &c. nelles mesmos está a verdadeira Historia; e fóra della rara ha de ser a de que se possa



possa fiar o Dogmatico; pois vemos o pouco, ou na nada, que ha certo daquelle tempo. Se para hum, ou outro ponto for necessario alguma noticia mais, isso fará o Dogmatico, sem para tal lhe ser necessario gastar a vida em toda a Historia profana; quando só a Ecclesiastica do principio da Igreja até este tempo he impossivel, que hum homem a saiba toda: e que será a profana? Será necessario ao Dogmatico saber a Historia do Imperio dos Chaldéos, Persas, Gregos, e Romanos: como este ultimo, morto Joviano, (ou Joviano) em 364, se dividio em Imperio Oriental, e Occidental. Como Mahumet segundo filho de Amurathes tomou em 1453 a Constantino Paleologo, ultimo Imperador dos Gregos, a Corte, e Cidade de Constantinopla, destruiu o Imperio Grego, expugnando doze Reynos, e duzentas Cidades. Tambem lhe será preciso saber a origem do Imperio Othomano, e se este principiou em 1298, ou em 1300: como, e quando entraraõ os Arrianos em Hespanha, e depois delles os Mouros, e dahi os Christãos: a entrada dos Longobardos em Italia, e a divisaõ della em varios Senhores; e outras de França, e todo o Norte, &c. Na verdade he impossivel, que hum homem só possa comprehender tudo isso; e com muito menos póde defender contra os Hereges as verdades reveladas!

Varias couzas, e de preço diz S. P. nesta *Resposta* a pag. 114, e he o seguinte: *Daqui se vê a falsidade da vossa proposição. Que para a pura Dogmatica he que serve a Historia Ecclesiastica, e a Civil pouco lhe serve. Assim falla, quem não sabe, que coiza he dogma. Está muito bem fallado: vamos á prova, em que mostre a falsidade da proposição. Diz S. P. assim: O principal ponto da nossa Religião he a verdade de ambos os Testamentos: esta não se prova, senão com a fundada noticia da Historia profana.*

*fana.* Quem différa, que haveria homem, ao qual occorresse semelhante prova! He de fé Divina, que he verdade tudo, o que se acha em ambos os Testamentos, e he o principal ponto da nossa Religião: a fé Divina, como ensinaõ todos os Theologos, funda-se unicamente na authoridade Divina, e na sua revelação; e nisto se distingue da fé humana, que de si não tem infallibilidade. Como póde ser, que a verdade infallivel de ambos os Testamentos se haja de provar com a Historia profana, que de si não tem infallibilidade alguma? Nenhuma consequencia tem mais certeza, que as premissas, donde se deduz, que servem de provas á tal consequencia: sendo pois infallivel a verdade da Escritura Sagrada, como se anima a dizer, que se não prova, senão com a noticia da Historia profana? Veja nos Theologos Especulativos, qual he o motivo da nossa Fé, e verá, que as Escrituras são verdadeiras; porque são *Verbum Dei scriptum*, e que consta serem na realidade as Sagradas Escrituras de ambos os Testamentos, e não serem suppostas, tanto por tradição Apostolica, como porque o Testamento novo allega muitos textos do velho; e tambem pela definição dos Concilios, principalmente o Tridentino, que as declarou por authenticas na *Vulgata*, sem já mais lhe occorrer provar a verdade da Escritura pelas Historias profanas. A que nos serve he, a que temos nos dois Testamento, e desta he, que não podemos duvidar.

Com muito acerto, e muito ao ponto contra o Critico disse Melchior Cano: (14) *Præter AA. sacros nullus historicus certus esse potest ad faciendam certam in Theologia fidem.* Assim falla, quem sabe, que couza he dogma! Que a Historia profana pouco possa servir á Theologos Dogmaticos, como disse

*Arse.*

[14) Melch. Can. de Loc. Theologic. lib. 11. c 4 pag 182.

*Arsenio*, se prova com esta indução. Será a Historia Oriental? De que serve ao Dogmatico a Historia dos Indianos, do Mogór, da China, e do Japão? Toda ella, e outras semelhantes na estimação do douto Jesuita *Schwarz* são fábulas: *Varro, Romanorum doctissimus, distinguit tempora in fabulosa, & historica, incipitque tempora historica narrare a prima Olympiade, que, ut fatentur omnes Chronologici, annis dumtaxat septingentis septuaginta sex antevertit natale vulgare Christi Domini. E com muita razão accrescenta: Uni ergò standum est Historiæ Sacræ à Moyse divino spiritu afflato, quæ editæ, omnibus veritatis caracteribus cum sit insignita, fabulosas nationum Orientalium falsitates aperte convincit.*

A Historia dos Ethnicos como póde servir, para com ella provarmos a verdade das Escrituras? O Concilio Florentino na Sess. VII ordenou: *Romanorum, aut Græcorum historiâ nequaquam uti debemus.* Será boa a Historia de Beroso? A que *Amio* publicou em seu nome, he julgada pelos Eruditos méra ficção. Será a dos Gregos? São douradas mentiras, e divertidas fábulas. Dellas diz *Cic. in Orat. pro L. Flac. Testimoniorum religionem Græca natio non coluit. Scipião* apud *Livium* Decad. 8. lib. 8. reputa por fábulas as suas Historias: *Græcis historicis plerumque Poeticæ similem esse licentiam. Juven. Sat. 10: Et quidquid Græcia mendax Audet in historia.* Dos mesmos Gregos disse *S. Jeron. Non debemus eorum auctoritati acquiescere, quorum mendacia detestamur.*

E que diremos da historia profana dos Romanos? O que diz *Cic. de Clar. Orat. Historia rerum Romanarum est facta mendosior. Quædam autem in Livio esse, quædam in Sallustio, quædam in Trog, quorum fides manifestis testimoniis Labefactari possit, Flavius Vopiscus in vita Aureliani verissimè dixit. Não duvido, que entre os historiadores profanos ha-*

ja alguns de mais verdade, sem serem notados do vicio de fingir; como são Cesar, Valerio Maximo, Terencio, Varrao, Tacito, Seneca, Eutropio, Vopisco, Polybio, Julio Capitolino, Cornélio Népos, e outros. Dos Gregos he menos segura a verdade. Entre elles he acreditado Thucydedes: Appiano Alexandrino he verdadeiro na narraçao das guerras Romanas; talvez o não seria nas dos seus. Plutarcho illustrando as acçoens dos Gregos não se livrou de fingir, como nos seus Parallelos observou o erudito Elpanhol *Luiz Vives*. Diga porém o Critico, quaes são os dogmas, quaes as verdades da Escriitura, que se não provaõ, senão com a fundada noticia destes Authores? O mais que chegou a dizer o supra citado Cano, ainda a respeito da Historia Ecclesiastica, he que podem servir de argumento provavel; mas delles provar o principal ponto da nossa Religiao: Deos nos livre, porque a verdade desta he de ordem muito mais alta! *Historici graves, ac fide digni, quales nonnulli sine dubio fuere, probabile argumentum Theologo suppeditant, cum ad ea, quæ sunt corroboranda, tum ad falsas adversariorum opiniones refellendas.*

A noticia da Historia Civil, que póde servir ao Dogmatico, e tambem ao Expositor, he entre outras; a das quatro Monarquias dos Chaldeos, Perias, Gregos, e Romanos; mas veja as cautelas, com que falla o já citado *Melchior Cano*: (15) *Gesta, & Annales quatuor Monarchiarum non possunt negari, & rejici ab aliquo, quia solum publica fide notabantur, & in bibliothecis, aut archivis notabantur. Unde & in Esdra legimus, quod controversie de reparando templo definiebantur ex annalibus Persarum servatis in bibliothecis. Ex quibus colligitur, quod nemo in Chronicis suscipiendus est, nisi Annalibus quatuor Monar-*

[15] Melch. Can. lib. 11. c. 4. pag. 328.



*Monarchiarum concordet.* Do que tenho expendido se vê a verdade, com que disse o P. Arsenio, que a historia profana de pouco póde servir ao Dogmatico; por quanto, a que lhe serve, toda se acha na Escriitura, como doutamente disse Tirino Jesuita no seu *Chronicon*, a que deo este titulo: *Breve compendium totius Sacrae Scripturae, & in eo digestam per tempora reperies totius mundi historiam ab illo primum condito usque ad excisum à Tito templum, & urbem Hierosolymitanam, & extinctam Synagogam Judaicam; nam ad illa usque tempora se extendit Sacra Scriptura.* Eisa-qui as historias, que servem!

Quanto á Historia Ecclesiastica concedêo Arsenio ser util ao Theologo Dogmatico, como tambem ao Positivo Expositor. Mas que historia? A que for certa, e incontrovertida, como adverte o citado Cano: (16) *Communem scriptorum omnium traditionem certo, nè dum probabiliter, prò vera historia habendam esse.* Na pag. 289 tinha dito: *Si omnes probati, ac graves historici in eandem rem gestam concurrant, tunc ex horum auctoritate certum argumentum promitur, ut Theologiae Dogmata firma etiam ratione constituentur.* Põem dous exemplos. O primeiro: Todos os graves Authores concordão, que S. Pedro pôs a sua Cadeira em Roma, e a hi padeceo martyrio: daqui se tira por argumento, que o Bispo de Roma he successor de S. Pedro. Segundo: O Concilio Niceno foy celebrado em tempo de Constantino por ordem de S. Sylvestre: do que se segue, que as definiçoens deste Concilio são certas; porquanto he certo, que hum Concilio approvado pelo Papa não póde errar. Deve porém advertir o Critico, que para crermos com Fé Divina, que o Papa he cabeça da Igreja, devemos ir buscar a prova ás palavras de Christo: *Tu es Petrus, & super hanc petram*

(16) Can. l. 11. c. 5. pag. 291.

*iram edificabit Ecclesiam meam*, as quaes se entendem de Pedro, e seus Successores. Para crermos de Fé, que as definições daquelle Concílio não podem ter erro, devemos buscar a outra prova: *Portæ inferi non prævalebunt adversus eam*: porque este he o motivo da Fé, no qual se funda immediatamente; e a historia certa mostra a materia, a que se ha de applicar: assim como cremos, que Pedro naceo em peccado original, porque he de fé, que os descendentes de Adaõ por via ordinaria contraem o Original: a historia só mostra, que Pedro he dos descendentes de Adaõ. Veja os Theologos Especulativos no tratado de *Fide*.

Mas que trabalho, que advertencia, e critério he necessario para não errar o Theologo Dogmatico, e o Escriuario na eleição dessas mesmas historias Ecclesiasticas para servirem de manudução aos dogmas, e exposição da Escriura? Quarenta annos se occupou o Grande Cardeal *Barónio* neste vasto estudo, que S. P. nos pinta ás vezes breve, e facil; e não se livrou das notas, e censuras de *Pagi*, e do Cardeal *Noris* Augustiniano. Nem todos os Escriutores da Historia Ecclesiastica são seguros, ainda que sejam gigantes na erudição; são homens, como disse *Quintiliano*: *Summi enim sint, homines tamen*. Devem ter tres condições para servirem ao Theologo Dogmatico, e Expositivo, como diz *José Arnio*, e o confirma com o testemunho de *Methasteno*. I. Ser de Authores, que escrevaõ com publica, e aprovada fé II. De Authores, que examinaraõ os monumentos, de que se serviraõ. III. De taes Authores, que a Igreja reconheça nelles verdade, e os tenha por livres de suspeita. Daqui vem a cautela, com que se deve lêr *Philo H. breo* no seu *Temporum Breviarium*, onde são muitas as mentiras. *Josepho Hebreo* no conceito de muitos estimadissimo, na

na chronologia dos tempos, e distribuição dos successos erra frequentemente; e o que mais he, escreve varias couzas repugnantes á Sagrada Escri-tura: interpreta crassamente a pena dada por Deos á serpente: affirma ser ficticia a virtude da arvore da Sciencia do bem, e do mal: affirma, que Herodias não fora mulher de Philippe, e outras. *Tertulliano* affirma ser fingida a Historia de Suzana, e *Gelasio* Papa o dá por apocrito na dist. 15: *Santa Romana*. *Eusebio Cesariense* he notado de apocrito pelo mesmo *Gelasio*, defende *Origines*, e foy *Ariano*, e na Acção 6. do setimo Synodo diz delle *S. Epifanio*: *Eusebius ab illis in testem advocatur, qui tamen ab omni Catholica Ecclesia Arianae hereseos defensor esse cognoscitur*. Na sua Chronica conta couzas falsas, v. g. diz, que foy o mesmo *Sennacherib*, que no reynado de *Ezequias* sitiou *Jerusalem*, e *Salmanazar*, que rendeo a *Samaría*: o que he contra a Escri-tura, como ensina *S. Jeronymo* ao cap. 36. de *Isaias*; e no cap. 1. de *Tobias* se diz que *Salmanazar* foy pay de *Sennacherib*. Podia nomear muitos outros Authores antigos, que se devem lêr com cautela. O mais seguro he usar das historias, que approvaõ os Dogmaticos, e os mais graves Expositores, e nelles achará o Theologo Dogmatico, o que lhe for necessario, repartido pelos textos a que pertencem, sem o immenso trabalho de estudar *ex professo* toda a Historia Ecclesiastica, para a qual será limitada a sua vida.

Mas passemos á segunda proposição do Critico na sua *Resposta* a pag. 114: O outro ponto principal da Dogmatica Christã he a vinda de Christo. Para mostrar a verificação das profecias de *Daniel* he necessario recorrer á Historia antiga profana, e sem isso não se prova. Aqui confessa o Critico, sem tal cuidar, que só para a Dogmatica serve a Historia Ecclesi-

Ecclesiastica ; e a profana só em certos pontos , como são as profecias de *Daniel* , &c. he o mesmo, que disse *rr. Arsenio*. Mas antes de tudo he digno de reparo o modo , com que quer provar esta necessidade ; porque , sendo o ponto principal da Dogmatica a Vinda de Christo , para prova do que pertende, devia dizer , que a Vinda de Christo não se provava sem a Historia profana ; mas só diz , que he necessaria para as profecias de *Daniel*. Bem se podia conceder , que fosse necessaria para as profecias de *Laniel* , e negar , que fosse necessaria para provar a Vinda de Christo ; porque esta tambem se prova, sem recorrer ás taes profecias. O *P. Tirino* na *Controv. 4. de Christo* aponta oito fundamentos para provar contra os Judêos a Vinda do Messias ; e seis delles não são tirados de *Daniel*. O mesmo se póde ver no *P. Pinamonte* na sua *Synagoga Desenganada*, e nos mais *Controversistas*, que trataõ esta materia.

Fallando nas profecias de *Daniel* , he a primeira a da *Estatua* , na qual se significavaõ os quatro Imperios. A cabeça da Estatua era de ouro , e significava o Imperio de Babilonia , que foy o dos Chaldêos : o peito , e os dous braços de prata significavaõ o segundo Imperio dos Persas , que se augmentou no Reinado de *Cyro* , o qual unio em hum só o dos Persas , e Médos ; por quanto succedeo no Reyno dos Persas a seu pay , e no dos Médos a sua mãy , como diz *Theodor*: *Per dextram paternum genus, per sinistrum maternum significatur*. O terceiro Imperio significado no bronze , de que se compunha o ventre da Estatua , era o dos Gregos , que começou em *Alexandre Magno*. O quarto se symbolizava no ferro , e barro , e era o dos Romanos. De todos estes faz menção a *Escritura* , fallando de Chaldêos, Assyrios , Persas , Médos , Gregos , Macedonios , e finalmente dos Romanos. Lendo pois os *Expositores*,  
e DD. ,



e DD., como *A' Lapide*, *Saliano*, *Menochio*, *Tirino*, *Du-Hamel*, e outros, que explicaõ o cap. 2. de *Daniel*, se comprehende com notavel brevidade a interpretação da *Estatua*, e se adquire huma exacta noticia dos quatro Imperios, sem que seja necessario recurso a particular estudo da Historia Civil, ou alguma outra diligencia. O mesmo digo das *Hebdomadas* de *Daniel*, que são 490 annos Solares, em cujo computo erraraõ quazi todos os antigos Rabbins; ainda que nenhum delles as estendeo até o nosso tempo; mas sempre se enganaraõ nas contas: e naõ menos os *modernos*, entendendo por *quinto Imperio* o dos Turcos, quando este he o de *Christo* na promulgaçaõ do seu Evangelho, como claramente o escreve *Daniel*, e o mostraõ os Interpretes, e melhor que todos *A' Lapide* sobre o Cap. 2. *Dan. 41: Suscitabit Deus Cali regnum, quod in æternum non dissipabitur. Quintum hoc regnum est Christi, quod omnia alia regna evertit, quoad idolatriam, aliaque vitia, omniaque sibi, & suæ fidei, ac obedientiæ subiecit.* Eis aqui a grande bulha, que nos faz o *Critico* com a *Historia profana*!

A terceira proposiçaõ do *Critico* na *Resposta* he: O Testamento velho pela mayor parte he huma *Historia*. Devia dizer pelo contrario: O Testamento velho pela mayor parte naõ he *Historia*. Por quanto os livros do Testamento velho são quarenta e cinco, e os AA. os dividem em quatro classes, a saber: a primeira contém a *Ley*; a segunda a *Historia*; a terceira os dictames da *Sabedoria*; a quarta os *Prophetas*. Os livros, que contém a *Historia*, são dezeseite, Sc. os livros de *Josué*, *Juizes*, *Ruth*, os quatro dos *Reys*, os dous do *Paralipomenon*, os dous de *Esdras*, *Tobias*, *Judith*, *Esther*, *Job*, e o primeiro, e segundo dos *Machabéus*. Restaõ vinte e oito, que he a mayor parte, e naõ são pertencentes á *Historia*.

toria. Mas onde achará o Dogmatico esta historia em modo, que faça fé, fenaõ na mesma Escritura? Onde ha de achar a vida de *Samuél*, o seu governo, as guerras com os Filistêos, a eleição de *Saul*, primeiro Rey, a de *David*, e outras, que ahi se contaõ? Sem duvida, que naõ deve fahir da Escritura, fenaõ com certeza de errar!

O que só digo he, que se o estudo da Historia civil fosse necessaria para o Theologo, tambem o seria o de todas as sciencias, e artes, e ainda das fábulas Gentilicas; porq̃ de tudo se acha na Escritura: *Est enim Sacra Scriptura Encyclopædia quedam, cujus perfecta intelligentia sine omnium penè aliarum scientiarum notitia vix potest comparari: quare easdem scientias volunt Sanctorum Bibliorum Interpretes denotari per ancillas istas, quas, ait Salomon Prov. 9. v. 3. à Sapientia missas esse, ut invitarent homines ad mensam propositam, id est, Scripturam intelligendam, ut explicat Venerab. Beda.*(17) A Fysica no Génesis, Job, Ecclesiastes: a Ethica, e Politica no Exodo, Levitico, Deuteronomio, Proverbios, Sapiencia; a Metafica em Job, e nos Psalms. Algumas partes da Mathematica dispersa por varios livros Sagrados. Das superstiçoens, e fábulas Gentilicas se faz mençaõ nas mesmas Escrituras: *Quod si aliquis contradicat, exponat quomodo de communi opinione sit sumptum, vallis Titanorum in libris Regum; Sirene, & Onocentauri in Isaia; Arcturus, & Orion, & Pleiades in Job, & cetera his similia; quæ utique vocabula Gentilium fabularum & causas. & originem habent.*(18) Frequentemente se faz na Escritura mençaõ de Bosques, Excelsos, Altares, Ritos, Ceremonias, Sacrificios, e Deoses Gentilicos.

Tam-

[17] Hartzheim, lib. Explicat. Fabular. & superst. quarum ment. fit in Script. [18] D. Hieronym. in Epist. ad Galat. cap. 3. sub initium.

Tambem seria necessaria a *Poética*; pois como diz *Lu-Hamel*, insigne Francez, e sapientissimo Escurituario, nos Prologómenos da Biblia: (19) *Paulus auctoritate si á quasdam Judæorum Traditiones, quasdam Poetarum sententias efficere potuit authenticas, quæ ita dici possunt per accidens.* Achaõ se tambem na Escriura *Parémas*, ou vulgares *Adagios*, id est, como diz *S. Basilio* in *Proverbia*: *Sermo utilis moderatâ cum obscuritate cãitus, multum quidẽm per se utilitatis continens, multum verò etiam in recessu intelligentie recondens.* Assim lemos em *Ezechiel* c. 18. v. 2: *Quid vobis Maslim etib-hamajababzeb parabolisantes loquimini parabolam istam super humo Israel dicendo: Patres nostri &c.* A *Vulgata*: *Quid est, quod inter vos parabolam vertitis in proverbium istud in terrâ Israel, dicentes: Patres comederunt iram accrbam, & dentes filiorum obtupescunt?* *Eccles.* c. 10. 15: *Labor stultorum affliget eos, qui nesciunt in urbem pergere.* Este adagio refere *Desiderio*: *Quis aberret à fóribus?* *Eccles.* 7. 16: *Noli esse justus multum*, tirado do adagio: *Nequid nimis.*

Finalmente deveria o Dogmatico saber as historias dos Reptiz, pedras preciosas, plantas, arvores, metaes, moedas, e pezos, &c. Dos Reptiz da Escriura escreveo *Bustamante*: do que pertence á *Filosofia natural*, *Valcsio*: das plantas, e arvores *Levino Lemio*: das pedras preciosas *Francisco Evio*: dos pezos, medidas, e moedas *Luiz Alcazar*, *Tirino*, e antes delles *S. Epifanio*. Das fabulas, que se referem nas Escriuras, o Jesuita *Gaspar Hartzheim* no seu livro: *Explicatio Fabularum, & superstitionum, quarum in sacris Scripturis fit mentio.* Mas nem porisso se deve afirmar, que seja preciso ao Dogmatico estudar *ex professo* todas estas sciencias, e artes; basta lêr os principaes *Expositores*, e *Interpretes*

Nnn 2

pretes

[19] Du-Hamel in Script. Sacr. Prologom. cap. 9. n. 3. pag. 17.

pretes Literaes, que nelles para qualquer explicação se acha tudo, principalmente nos dois Jesuitas Ignacio Codrino, e Antonio de Balinghem; deixando outros muitos, como diz Hartzbeim: *Comportarunt nonnulli in unam quasi panopliam arma veritatis, & justitiæ, sive versus novi, & veteris Testamenti ad expugnandam hæresim cum vitiis, & defendendam veræ fidei, & virtutum gloriam. S. Paulo 2 ad Tim. nos ensina, que tudo acharemos nas Escrituras bem lidas, e entendidas: Omnis Scriptura divinitus inspirata utilis est ad docendum, ad arguendum, ad corripiendum, ad erudiendum in justitiâ, ut perfectus sit homo.*

Desculpa se o Critico de ter dito, que Bellarmino não dava cabal solução aos argumentos. Insiste em dizer agora, que a dava demasiadamente breve. He breve, quando não necessita de ser mais extensa: o ponto todo está em dizer bem, que a brevidade não lhe tira a energia. Dá tambem outra desculpa, e he, que os Hereses depois disso tem escarafunchado muitas couzas mais. Mas isto não prova, que deixasse de dar cabal solução aos argumentos, de que faz menção. Só advinhando podia Bellarmino soltar argumentos, que ainda estavam por nascer. Temos pois por boa concordia, que soltou bem os argumentos, que propoz, e que não deo solução, aos que haviaõ de vir? Mas para que S. P. fórme o alto conceito, que deve ter das letras do Veneravel Servo de Deos o Cardeal Bellarmino, quando não lhe baste o ler as suas Controversias, porque tambem he preciso entendêlo; lêa o que deste Grande Escriitor disseraõ dous homens doutos. O primeiro he o P. L' Abbè: *Nihil Bellarmini scientiam certius probat, quàm Controversiæ. Inclusit uno in volumine omnia volumina; sufficit omnibus scientiis, vix ei omnes scientiæ sufficiunt. Mirantur hæretici oppugnari*



guari ab uno hoste, & vinci uno certamine hæreses sexdecim seculorum. Debet Ecclesia huic operi Clypeum, quo se tegat; debet arma, & tela, quibus hæreses vincat: debet illi fides, nè sit amplius cæca; scilicet illustrat res credendas, & penè demonstrat. O segundo he o P. Alegambe in Biblioth. Soc. JESU? Spiritus Sancti amanuensis, validus Ecclesiæ Dei Colossus, piissimus Fidei Athleta, & hæreticorum hostis acerrimus; nunquam satis laudatus in nostro seculo, & posterioribus semper laudandus... Romanæ Sacræ Purpuræ decus immortale; in medio Ecclesiæ à Deo positus, tanquàm lucerna lucens, & ardens.

Finalmente não quiz Arsenio conceder, que os Judéos tinhaõ fortissimos argumentos contra nós, como disse o Critico; porque na realidade não o são, e nem ainda bastaõ para induzir verdadeira probabilidade. A razão he clara; porque sendo de Fé os Mysterios da Incarnação, e Trindade, segue-se, que tem infallivel verdade; e contra a verdade não pôde haver argumentos, que de sua natureza sejam fôrtes, pôde sim haver razoes meramente apparentes. Para se soltarem os argumentos contrarios, v.g. da Vinda do Messias, consiste a difficuldade em ser necessario explicar o genuino sentido dos textos do Testamento velho, principalmente dos Psalmos, e mais Profetas, por fallarem com muita profundidade, e sem clara expressão. Esta difficuldade não impede, que os argumentos de si não sejam fracos; porque *verum non opponitur vero*: mas he muy preciso estar pronto na verdadeira intelligencia dos textos, e saber, quando se devem tomar literalmente, ou em outro sentido, e mostrar, que não fallaõ no sentido, em que os allegaõ os Rabbinos. Sirva de exemplo. Se hum China me quizer provar, que ha muitos Deoses, e que os seus são verdadeiros; eu lhe não saberey responder, se me puzer

puzer hum syllogismo na sua lingua: não porque entenda, que o seu argumento possa ter força; antes julgo, que não presta; mas porque não sey, o que me diz. Da mesma sorte, se hum Judêo me argumenta com o texto escuro de hum Profeta, julgo, que o texto não prova, o que elle quer, mas não saberey responder; porque não entendo, o que quer dizer o texto: e isto he couza diversa.

Confesso, que os Theologos sómente especulativos não poderão de côr explicar os textos, porisso lá devem procurar os Expositores Literaes, e principalmente os AA. Dogmaticos, quando tratao a materia *ex prof.*; por cuja causa se não pôde duvidar, que o Escolastico, que tambem for Dogmatico, será melhor Theologo, e muito melhor, se for Expositor Mystico, e Symbolico. Daqui se segue, que não tem razão o *Critico* em accusar os Escolasticos; porque, tratando a materia de *Incarnatione*, não disputa a conclusão: *Datur Incarnatio*. Este ponto não lhes pertence, mas basta-lhes suppô-lo: e se o houverem de discutir, só para elle não basta hum anno, nem talvez hum tomo; e com isso não executaõ, o que pertence á sua obrigação, que he tratar das questoes Escolasticas, que não são *metaphisicas inutilissimas*, antes são uteis.

Na carta 14 a pag. 109 diz o *Critico* varias couzas, que irey apontando por partes. I. Suppondo, que apparece hum Judêo douto, pergunta: *Quem ha de convencer este homem? Entende V. P. que hum Theologo pôde fallar nesta materia? O Escolastico cuida, que em trazendo o texto: Non auferetur sceptrum de Juda; ou outro semelhante, tem provado tudo.* Respondo. Para o convencer não bastará o Theologo puramente especulativo, como nem sua P. com as suas experiencias da Fyfica mechanica; porém se o Theologo especulativo vir hum par de textos,

tos ; e argumentos contra os Judéos ; ha de saber expendêlos , e argumentar com elles muito melhor , que o Dogmatico puro , se for ignorante da especulação , e fórma syllogistica. Provo com a sentença do Critico na carta 15. pag. 232, comparando hum Filosofo com hum Jurista , onde diz : *Hum homem que estudou tres annos Filosofia Peripatetica . . defendendo que he mais capaz. Ao menos costumado a provar , o que lbe negão , e responder ao que lbe propoem , applicando-se ao foro , e sabendo manejar os livros , saberá , como deve tocar o ponto da difficuldade , o que certamente não fará outro , que nunca teve exercicio de argumentar , e defender bem.* Tambem de caminho reparo , quanto com este dito se contradiz , ao que disse contra os Peripateticos na sua carta da Logica?

Quanto á segunda parte, em que diz , que o Escolastico cuida , que tem provado tudo em trazendo o texto : *Non auferétur &c.* Respondo , que cuida bem , e muito mal S. P. em cuidar o contrario. Este texto he certo , e infallivel , que falla da Vinda do Messias ; porque ao ter cahido o governo dos Judéos na mão de Herodes , que o não era , se cumprio a profecia : que porisso S. Agostinho escrevêo com resolução digna do seu profundo juizo : *Non defuit Judæorum Princeps ex Judæis usque ad Herodem, quem primum acceperunt alienigenam Regem.* (20) E como a Profecia era verdadeira, he infallivel que se devia cumprir com a Vinda do Messias. Que concludente argumento contra os Hebréos , na intelligencia desta Profecia , he o de *Du-Hamél* , Sacerdote Secular , Doutor , e Professor da Sorbona , seguindo ao Grande *A'Lapide* , e outros DD! *Sceptrum à Juda non erat auferendum, donèc Messias adventret : at diu est, ex quo ablatum fuit à Juda,*  
 &

(20) D. August. de Civit. Dei lib. 18. cap. 45.

& *Judeis* : ergò jam diu est, ex quo *Messias* venit. *Utrumque* amisit *Judæa* post mortem *Christi*, *Sceptrum*, & *administrationem* : ergò *Christus* est *Messias*, quo adveniente, *Sceptrum* ablatum est. (21) Veja de caminho, que tambem a Logica Aristotelica pôde servir para convencer os Rabbinos, e seus discipulos? Que elles expliquem erradamente as Profecias, como os mais textos do Testamento velho, em que se trata da Vinda de Christo, não he o mesmo, que não se provar muito bem com elles : e da sua certa intelligencia, e de que fazem prova irrefragavel, nenhum Catholico duvidou.

II. O Hebréo não faz caso da *Vulgata*, vay direito á fonte *Hebraica*, e *Chaldaica*, e aos *Cómentarios* dos Rabbinos, que são infinitos. E quem conhece *V. P.* aqui capaz de entender estas couzas? Quanto á primeira parte: Se o Hebréo não faz caso da *Vulgata*, nenhum caso devo eu fazer da *Hebraica*, e *Chaldaica*, que nas mãos delle não he fonte, mas charco, adulterado pelos seus sequazes, como inimigos de Christo, e trazem os textos viciados. Os Hebréos são ignorantes da lingua *Hebraica*, e já o eraõ no tempo de *S. Jeronymo*, como elle diz no Proêmio ao *Cómentario* de *Oséas* : *Et quid de Hebræorum magistris viximo, & altero acceperim, quorum & apud ipsos jam rara avis est: diu omnes deliciis student, & pecuniis, & magis ventris, quam pectoris curam gerunt, & in hoc se doctos arbitrantur, si in tabernis medicorum de cunctorum operibus detrahant.* E se aquelles antigos eraõ tão ignorantes, que taes seraõ os modernos; que por ser esta lingua morta, e elles viverem dispersos entre tão diversas Naçoens, costumados a fallar a lingua dellas, e occupados nos seus contratos, e usuras, não chegaõ a entender a propriedade de muitos vocabulos?

Quan-

(21) Du-Hamel in cap. 49. *Genes.* v. 10.



Quanto á segunda de fogirem para os seus Rabbinos ; a bom sagrado se acolhem : o mesmo fazem os Gentios fogindo para as fabulas dos seus Deotes, e os Mahometanos para o seu Alcoraõ. A verdadeira intelligencia do texto está na Vulgata tirada do Hebréo : senaõ querem estar por ella, e recorrem ás ineptias dos seus Rabbinos, sem quererem admittir as verdadeiras interpretaçoens, nisto mostraõ, que não querem abrir os ólhos á verdade, e são imitadores dos seus antepassados *duræ cervicis, & in circumcisis cordibus* : o mesmo faziaõ ouvindo a Doutrina de Christo, e dos Apostolos, e vendo os milagres, que obravaõ.

Se quizessem attender á verdade, deviaõ reparar no estado, em que estão á dezefete Seculos, sem Rey, e nem ainda hum canto de terra, em que possaõ formár huma pequena Republica; sempre desprezados, e abatidos, como escravos entre as Naçoens, que habitaõ, despojados do Reyno, do Templo, da Cidade, e da Patria, e obrigados a padecer durissimo, e vilissimo cativeiro, em pena de negarem a Christo, e não quererem sujeitar-se ao seu paterno, e glorioso Imperio. Assim o adverte o sabio Tirino : (22) *E'n panam abnegationis Christi ! Cujus paterno, & glorioso imperio diu nolunt subesse Judæi ; ipsi omni suo imperio exiti, Templo, Urbe, Patriâ spoliati coguntur durissimam, fædissimamque sub exosis sibi dominis ubique terrarum servire servitutem.* E que bem ponderaraõ os Santos PP, e outros DD. os altos fins, que para a dispersaõ, e castigo dos Judêos teve a Providencia ! S. Agostinho : (23) *Et si hostes, tamèn per omnes Gentes dispersi, ut testes etiam inviti essent iniquitatis sue, & veritatis*

Ooo

[12] Tirin. in Daniel. cap. 10. vers. 26. [13] S. August. in Pl. 58.

*tatis nostræ. Devém meditar no que diz S. Gregorio M: (24) Ut Uriæ instar, per orbem circumferrent ipsimet Legem suam, veluti tabulas testes de perfidia suâ toties prædictâ, de impletis Oraculis, de Messia occiso, de latâ sententiâ desolationis, & perditionis propriæ. Não menos no que escreveu o Jesuita Menochio: (25) Ut veritatem Religionis Catholicæ, per Orbem dispersæ, ubique quærrent, agnoscerent, palpârent, & sese tandem converterent. E tambem no que disse Prudencio:*

*Exiliis vagus hinc illuc fluitantibus errat  
Judæus, postquam patriâ de sede revulsus  
Supplicium pro cæde Luit, Christi que negati  
Sanguine respersus, commissa piacula luit.*

III. Diz na mesma carta. Se hum Judeo inspirado por Deos se queira converter, mas queira hum Theologo, que primeiro lhe explique, e rezolva todas as suas difficuldades. Neste caso, que dirá o Theologo? Sem duvida ficará mui caladinho. Já o Critico tem sciencia dos futuros condicionados? Quem lhe disse, que ficará caladinho? Assim pôde succeder, se lá souber quatro historias, e outras tantas experiencias da Fysica abonadas por Newton; e couza semelhante. Primeiramente resolverse-há a ouvir o tal Judéo com espirito de brandura, suavidade, e compaixão, sem haver de mostrar desprezo algum a respeito dos seus argumentos, nem impaciencia em os ouvir; antes huma summa, e benévola attenção; lembrado do conselho, que o Grande Padre, e Doutor da Igreja S. Agostinho (26) dêo aos que houverem de tratar, e converter os Judéos: *Hæc, fratres Charissimi, sive gratanter, sive indignanter audiant Jidæi, nos tamen, ubi possumus, cum eorum dilectione predicemus. Nec superbe gloriemur adversus ra-*  
mos

[2] S. Greg. M. l. 3 Mor. cap. 21. [25] Menoch Centur. 1.º cap. 45. [26] D. August. tom. 6. in Orat. adversus Judæos.

*mos fractos, sed humilibus consentientes, non eis cum presumptione insultando, sed cum tremore exultando, dicamus; ambulemus in luce Domini.* Depois o persuadirá, a que se escrevaõ as difficuldades, que intenta proporlhe; visto querer com animo sincero converterse: e se o Theologo não tiver competente sciencia para as resolver (que não he bom em calos semelhantes trovar de repente) buscará os textos, e as suas verdadeiras intelligentias nos melhores Expositores, e AA: offerecerlle-há para que lea com attenção a *Synagoga Desenganada do P. Pinamonti*; e o tom. 2. do *Incredulo sem Escusa do Veneravel P. Seneri* no cap. 14: e se elle não for pertináz, tenho para mim, que se ha de converter, sem para essa diligencia haver necessidade de chamar a erudição de S. P. muito Reverenda.

IV. Diz na *Resposta* contra o P. Arsenio: *Aqui mais se escandaliza V. P. dizendo, que o Critico mette medo aos Theologos com dizer, que os Judeos tem fortissimos argumentos.* Teve muita razão para o seu escandalo, e no mesmo lugar dá a causa. Vamos agora á desculpa. O Critico (diz elle agora) *só falla dos Theologos Peripateticos, que são Theologos de agna doce, e destes diz com razão, que não sabem responder aos Judeos.* Tenha muita saúde; mas o remendo he de diverso panno! R. Theologo de agna salgada, he necessario provar o negado, que estes Peripateticos reparaõ muito nisso? O negado he, que os argumentos sejaõ fortissimos: e he o que devia provar. Veja, que tal he a sua Logica? Os Theologos de agna doce não sabem responder aos argumentos: logo são fortissimos? Nego a consequencia, que não tem parentesco com o antecedente. Hum rustico não sabe responder a esta pergunta: Tres vezes dez quantos fazem? Logo a pergunta foy difficilima. Que Logico o mais buçal não

negará a consequencia? Applique-a á sua desculpa; ou dê a diversa razão com toda a sua salgada Theologia?

Por confirmação de tudo conta huma disputa, que tivera em Italia com hum Hebrêo de vinte e dous annos, chamado Abrahaõ de Capua, o qual fallava as linguas Hebraica, Chaldaica, e Syriaca com mayor intelligencia, do que elle *Critico* a Portugueza. Aqui nos dá a entender a grande noticia, que tem daquellas linguas; porque em todas o ouvio fallar, e logo percebeo, que as possuía perfeitamente: mas ao mesmo tempo confessa, que não está tão adiantado na Portugueza; e porisso não devia cahir na tentação de querer nella distinguir estylos, e dar regras para a sua Orthografia? Diz, que cuidou convertêlo as duas palhetadas; (como se a couza pertencesse ao jogo do áro) mas que o Judéozinho logo fugio para as interpretaçoens dos seus Rabbinos, e tambem para a sua Theologia chamada *Kábala*; e que era incrível a futilidade, com que explicava os passos, que lhe allegava, de modo, que se vio muito apertado, e lhe custou a sair da disputa honradamente. Paremos aqui.

Grande he, e muito para o caso a circumstancia do nome do Hebrêo, e certeza dos annos da sua idade; mas faltou dizer, quantos annos ha, que aconteceo, em que mez, e em que dia, como tambem a pátria do mancebo? Diz, que fugio para os seus Rabbinos, e para a sua *Kábala Theologica*. Pois porque lhe não provou, que os Rabbinos erravaõ nas suas imaginarias interpretaçoens, e que a sua *Kábala* era hum monte de parvoíces? Para isto podia servir tambem huma boa noticia da Especulativa, e da Logica. E se elle não queria sair dos Rabbinos, e da *Kábala*, nada lhe importaria, quanto lhe dissesse contra isso. Se quizesse abrig

os



os olhos á verdade, devia combinar humas interpretações com outras, ponderar os textos, reparar nos finaes, que o Testamento velho aponta para se conhecer o Messias, e finalmente advertir, que no mesmo *Daniel* estava profetizado, que os seus Judeos o havião de matar: *Et in fine hebdomades occidetur Christus*. Finalmente, se se vio apertado com a sutileza do tal mancebo, vá daqui em diante com mais cautela! Faltou porém dizer nos, como sahio da disputa *honradamente*; porque se não concluiu couza alguma, e o Hebrêozinho zombou dos seus textos, em que consistio essa *honra*?

Continúa a historia com dizer ao *P. Arsenio*: *Tomara, que V.P. se achara ali presente*. E para que? Para ser testemunha ocular do aperto, em que se vio S. Ch? Dou o aperto por certo. *Para ver, que sabida dava ás ditas difficuldades com as suas metafisicas, e sutilezas Peripateticas*. O que faria *Arsenio* não sey: o que podia fazer era convidá-lo a casa, e alli fallar de espaço na materia, mostrando-lhe a natural exposição dos Interpretes, e DD, como os dous Jesuitas Portuguezes *Leytão*, e *Barradas*, *Abulense*, *A' Lapidé*, *Tirino*, *Serario*, *Richardo Simão*, os doutissimos Bispos *Bossuet*, e *Huécio*, *Adriano Fini* no seu *Flagellum in Judæis ex Sacris Scripturis excerptum*, *Jeronymo de Santa I'é*, *Paulo Burgense*, *Sixto Senense*, *Galatino*, *Lyra*, *Pedro Afonso*, e outros muitos. Provar os erros da sua Kábala. pedindo-lhe, que ponderasse tudo, despin-do-se de caprichos teimozos; e mostrar-lhe, como a Escriitura refere toda a vida de Christo, desde o seu Nascimento até á sua Resurreição: mostrar-lhe-hia, que os Evangelistas não mentiaõ em contar os milagres famosos de Christo; final, de que não era enganador; porque como os contavaõ em tempo, que em Jerusalem havia muitos, que viraõ, e ouvi-

ouviraõ a Christo, não se converteriaõ tantos milhares de Judeos á Fé, antes desprezariaõ os Pregadores da Ley da Graça por embusteiros, e mentirozos.

Vay por diante o *Critico*, e diz: *Mas V.P. nunca se vio nestes banquetes.* Quem lhe daria essa noticia? Como porêm S. P. se tem achado nelles, não entendendo, como sahio deste tão apertado! Finalmente diz: *Não cuide, que os Hebreos só sabem de contratos, como supoem; tem Escólas publicas, e Doutores nellas, (taes são os Doutores, como as Escólas, em que os vi pintados de capa, e volta, e chapéo amarelo) que sabem muito mais, do que V.P. não imagina.* Se soubessem mais, do q eu imagino, saberiaõ alguma couza, porêm mais do que eu não imagino, não entendendo tal Grammatica! *Leia o Basnage na Historia dos Judeos nos ultimos seculos, entãõ sabera, se tem homens grandes.* (não me cansarey em os medir) *principalmente em Olanda, Alemanha, Polonia, Hungria, e Turquia.* Muita terra tem andado o *Critico*: dalle se queixaõ os de Argel, França, Russia, Inglaterra, e Dinamarca, porque não os incluio neste seu catálogo? Diz tambem, que o *Basnage* não era Judeo. Quem sabe, se o seria no affecto, quando o não fosse pelo sangue?

Encarece S. P. a grande sabedoria dos Judeos, e os grandes letrados, que ha entre elles, noticia tirada de *Basnage*: porêm nós temos cá noticias contrarias, e abonadas com mais testemunhas. Já expendi a de S. *Jeronymo*, que he boa. A segunda he da casa delles mesmos: *Jeronymo de Santa Fé*, que foy Hebreo, e delles diz: *Tali doctrine student Hebræi, & versantur sine intellectu, sine discretionem, sine pudore, & sicut bestiales homines vivunt.* A terceira he tambem da mesma: *Paulo de Santa Maria*, ou *Burgense*, nome que lhe deo o Bispado de Burgos, a que foy promovido da Igreja, e Mitra de Cartha-

Carthagena: Non solum antiqui Thalmudici, sed etiam moderni Rabbinii, inter quos praecipuus est Rabbi Moyses Aegyptius, quem alterum Moysen dicunt, qui in multis erravit, quae ad cognitionem divinorum pertinent. (27) A quarta he Pedro Afonso da mesma descendencia: Eos video solum Legis superficiem attendere, & litteram non spiritualiter, sed carnaliter exponere; unde maxime decepti sunt errore: Judaei verba Prophetarum carnaliter intelligunt, & falso ea exponunt. (28) A quinta he vinda de Italia, a qual nos dá o P. Menochio na sua obra intitulada: *Trattenimenti Eruditi*, impressa em Veneza no anno de 1724. Diz elle no tom. I. cent. I. cap. 55, que traduzirey em Portuguez: „Não se póde crer, quantos erros „se encontraõ nas exposições da Escritura Sagra- „da, feita pelos Judeos Rabbinos. He certissimo, „que são ignorantissimos, e os seus livros cheyos de „fabulas, por não terem a sciencia necessaria para „a intelligencia da Sagrada Escritura. São muito „ignorantes da mesma lingua Hebraica.. Corrom- „pem, e depravaõ as palavras dos Sagrados Escri- „tores, dando-lhes o sentido, que fingem, ou ima- „ginaõ. Por esta causa se não concede a todos li- „cença para os lerem, mas só a pessoas de pieda- „de, e prudencia, de quem se possa crer, que, *Si „mortiferum quod biberint, non eis nocebit*; porque „de outra sorte haverá perigo de cahir em algum „erro. Os que são afeiçoados aos Rabbinos, e ás „suas exposições, facilmente se arrojaõ a condemnar „a *Vulgata*, como se elles soubessem melhor o He- „braico, que S. Jeronymo, e outros grandes Mestres; „no que ha grandissimo inconveniente, e abre ca- „minho a muitos erros na Fé, &c.

Disse o Critico, que os Theologos não sa-  
bem

(27) Paul. Burg. diss. 6. cap. 8. [28] P. Alph. Biblioth. Patr. tom. 21. pag. 173. & 174.

bem responder aos Hebreos, e que se hum destes se  
 quizer converter pedindo, lhe expliquem as suas  
 difficuldades, o Peripatetico ficará *inuy caladinho*.  
 Contra isso está, que o Grande P. Antonio Vieyra des-  
 afiando em Hollanda os Judeos para huma disputa,  
 elles se não atreveraõ a aceitála. Propondo-lhe hu-  
 ma difficuldade, que he o seu Achilles; e he a Paz  
 universal promettida pelos Profetas, como final da  
 Vinda do Messias, a qual paz ainda se não cum-  
 prio no Nascimento de Christo: o Sabio P. Vieyra  
 respondeo, que a paz promettida pelos Profetas, era  
 hum dos sinaes da Vinda do Messias; mas que huns  
 sinaes eraõ antecedentes, outros concomitantes, e  
 este da paz era subsequente. Santo Agostinho parece,  
 que assim o disse: *Non videmus completum textum, au-*  
*ferens bella usque ad finem terræ.* Esta se ha de cum-  
 prir no Reyno de Christo *in terris consummato*, quan-  
 do todo o Mundo se converter á Fé; *Et erit unum*  
*Ovile, & unus Pastor.* Sic ego ( diz o Grande Vieyra  
 no seu *Clavis Prophetarum* ) *trigesimo abhinc anno co-*  
*gitare cepi post longam Scripturarum præscrutationem,*  
*certè magno, & pertinaci studio veritatis indagandæ,*  
*Prophetarum libris sæpe, & diu, eorumque Interprè-*  
*tibus diligenter evolutis, nunquam tamen, & nusquam*  
*inveniens, ubi pes requiesceret, sicut columba Noëtica;*  
*donèc tandem iste ramus olive mihi affulsi, quem pu-*  
*to, ut cum Paulo loquar, naturalem esse, id est, ve-*  
*rum, genuinum, & legitimum sensum illius pacis,*  
*quæ à Prophetis promittitur.* Hoc enim ( accrescenta  
 o mesmo Vieyra ) *uno observato, omnia Judeorum ar-*  
*gumenta uno ictu (Catholici) jugulabunt: quod ego tan-*  
*tò confidentius dicam, quanto certius expertus sum*  
*in privatis disputationibus cum Hebræorum Magistris,*  
*à præsertim Amstelodamensibus, dat hac unâ solutione*  
*obmutuisse, nè verbum habuisse, quod instarent; im-*  
*mò ad publicum confictum coram totâ Sinagoga pro-*  
*vocatos ventre renuisse.*

Outra



Outra duvida propósta foy da Restituição de Israel ás suas terras, e união com Judá, profetizada por *Isaias* no cap. 11: *Congregabit iugos Israel, & dispersos Judá colliget à quatuor plagis terræ.* Respondeo *Vicrya*, que o texto se havia de cumprir na conversão universal dos Hebrêos á Fé de Christo; distinguindo dous Cativeiros, e duas Redempções: a primeira do cativeiro da culpa, que já se cumprio; a segunda do cativeiro, que padecem, dispersos pelo Mundo, e fóra da sua pátria, e liberdade, por que suspirão, á qual julgou poderião vir a ser restituídos. Com esta intelligencia, diz o douto, e diligente *Escriptor* da sua *Vida* a pag. 525, e 527, que reduzira a hum Hebrêo chamado D. Filippe de Moscozo, e com a mesma, comunicada ao *P. Soares Lusitano*, se convertera em Coimbra hum pertináz Hebrêo, que estava relaxado. Da mesma intelligencia se valeo hum Jesuita Portuguez para convencer a outro Hebrêo.

## §. VI.

*Mostra-se, que o P. Arsenio notou com acerto algumas proposições do Critico.*

## PROPOSIC, A M I.

**D**Eve-se advertir antes de tudo, que *Arsenio* não notou as proposições da mesma sorte, que se achão na *Resposta* de algum modo modificadas, mas assim como se lêem nas cartas do *Barbadinho*. Diz a primeira na primeira parte a pag. 308: *O peccado de nosso primeiro Pay nos trouxe por castigo sermos sujeitos ao engano.* He de suppor, que sendo absolutamente a fugeição ao engano castigo do peccado, não se daria o castigo antes de se cometer; porque

Ppp

o casti-

o castigo suppoem a causa delle. Porisso disse Deos a Adaõ, que, em comendo do pomo, morreria, que era ficar iugeito á pena; mas não disse, que o estaria antes de comer. Supposta esta verdade, não foy acertada aquella proposição do modo, que a escreveo o *Critico*; e isto por duas razoes. Primeira: porque Eva, antes de peccar, cahio no engano da serpente, como ella confessou: *Serpens decépit me*. Adaõ levado das palavras, e exemplo de Eva tambem se enganou: logo antes do peccado estava sujeito ao engano. A esta prova chama o *Critico caraminbola*, mas não lhe dá soluçãõ, que era o que devia fazer. Segunda razãõ: porque se Adaõ não peccasse, dizem muitos AA. com *Arriaga*, (29) que ainda alguns de seus descendentes poderiaõ cahir em hum, ou outro peccado; pois assim como elle peccou, podiaõ peccar seus filhos: e neste caso, que não seria ordinario, tambem cahiriaõ no engano de alguma tentaçãõ; e tinhamos engano, sem ser castigo do primeiro peccado.

O *P. Tirino* (30) diz com o cõmun dos Theologos, que Adaõ *per lapsum non fuit spoliatus naturalibus, sed solis supernaturalibus perfectionibus*; posto que accrescenta, que foy *læsus in naturalibus*. E em que consiste esta lesãõ, quanto ao entendimento? Em que depois do peccado ignoramos mais, e mais nos enganamos. Vê, como isto he muito diverso do sentido obvio da sua proposição, e sem modificação alguma proferida? Se quer que não lha censure, diga, que aquelle peccado nos trouxe o cahir em mais ignorancias; porque ficámos padecendo alguma lesãõ nas perfeiçoens naturaes, e que por esta causa cahimos em muitos mais erros. Accrescenta agora, que *não disputa, se Adaõ se podia engana-*

[29] *Arriag. de Oper. sex dier.* [30] *Tirin. tom. 2. in Indic. Controvers. Fidei, Controvers. 11.*

enganar antes de peccar, e confessa, que peccou. Pois para que disse, que a culpa de Adão nos trouxe por castigo o engano, se se havia de ver obrigado a confessar, que antes do peccado estava Adão, e Eva sujeitos ao engano do demonio? He axioma dos Theologos, e Filosofos, que todo, o que pecca, ignora: *Omnis peccans est ignorans*. Em que consista esta ignorancia, explica o P. Viva: (31) *Peccans dicitur ignorans; ut notat Herrera tr. de Angel; non quia formaliter semper ignorat, aut non advertit ad legis obligationem, & actus inhonestatem, cum sæpè verum sit illud Poetæ, Video meliora, proboque, Deteriora sequor; Sed ignorat semper, saltem interpretativè, quatenus operatur perinde, ac si ignoraret, quid sibi opus sit: eodem modo interpretativè tantum, & practice errant semper, qui operantur iniquitatem, per hoc quod aberrant ab ultimo fine, quanvis non semper errent formaliter, & speculativè.*

## PROPOSIC, A M II.

**P**orisso nós pecamos, e pecando nos desviamos da Ley Divina, que he tão conforme á boa razão; porque não damos atenção á dita verdade? Provou Arsenio, que aquella causal porisso, e se acha na proposição dita sem restrição, he falsa. A primeira razão he; porque se Adão não peccasse, e depois peccasse algum de seus filhos, já essa falta de atenção não provinha do Original. Ponho agora este dilema. Quando Adão peccou, ou deo atenção á conformidade da Ley Divina com a razão, ou não a deo? Se deo essa atenção, eisahi peccou, sem que fosse a causa essa falta de atenção: e se não deo a tal atenção, segue-se, que antes do peccado já a havia, e por boa consequencia não he effeito d'elle.

Ppp 2

Pro-

(31) Viva in Expof. 2 propos. Damn. ab Alex. VIII.

Provou também *Arsenio* com o exemplo do ladraão, o qual metido na grave tentação de furtar, tendo opportuna occasião, illustrou-lhe Deos o entendimento com hum claro conhecimento do mal, que faria, cõmettendo huma culpa contra toda a boa razão natural. Pedro fortalecido com tão clara, e opportuna illustração, podia ainda peccar, ou não podia? Se não podia, nada mereceo em resistir á tentação, por falta da liberdade para peccar, ou não peccar: e nessa supposição estamos fóra da questão; porque o caso só he, quando peccamos, que he o mesmo, que suppor liberdade para o acto. Se podia peccar, e não peccou, também podia peccar; e se peccasse, cõmettia a culpa, não obstante toda essa advertencia, e só teve a ignorancia interpretativa, que explica o *P. Viva* já allegado.

Vem agora a proposição moderada na *Resposta*, dizendo, que *se o homem examinasse bem fundamentalmente a conformidade do preceito com a razão, communmente não pecaria.* Isto agora he couza diversa; porque communmente já tira a proposição censurada da sua generalidade, e falla de casos particulares: mas ella não se acha assim em hum livro, que se intitula: *Verdadeiro método de estudar.* Outra moderação de novo: *Pois vemos, que quem tem sempre diante dos olhos a Ley Divina, suposta a graça, difficulosamente peca.* O termo difficulosamente muda a proposição, e a poem em outro estado. Assim se podem mudar muitas condenadas. Na proposição XIII de João Hus condenada no Concilio Constant. Sess. XLV: *Papa non est manifestus Successor Petri, si vivit moribus contrariis Petro,* accrescente: *Non est Successor in sanctitate.* Na trinta e cinco de Bayo: *Omne, quod agit peccator, vel servus peccati, est peccatum;* accrescente: *Si operatur, ut peccator, contra aliquod præceptum Legis Divine,*  
e assim



e assim teremos licença para proferir aquellas proposições; e se alguém reparar nellas, demos-lhe logo com o accrescimo modificante, tirando-a do sentido obvio.

Aqui diz tambem, que *para criticar huma proposição, he necessario ter diante dos olhos o contexto do livro, e o fim, que teve o Author.* Respondo, que o contexto do livro se salva muito bem com a proposição entendida nos mesmos termos geraes, em que se acha proferida, e que porisso se deve censurar; porque, como he axioma dos Theologos, *ex verbis inordinate prolatis incurritur heresis.* O fim do Author não basta, quando as palavras, que escreve, expressamente são censuraveis. Os que proferem proposições erradas, podem dizer, que o seu fim era buscar a verdade, e com tudo isso lhas censuraraõ como erradas. No Concilio Basiliense foy accutada huma proposição de Agostinho de Roma, Arcebispo de Nazareth em Napoles, que dizia: *Christus quotidie peccat, & ex quo fuit Christus, quotidie peccavit.* Desculpava se elle com dizer, que o seu fim não era fallar de Christo nosso Salvador, em quanto Cabeça da Igreja, mas dos seus membros, que *quotidie peccant*; e podia accrescentar o texto de S. Paulo 1. ad Corint. *Nescitis, quoniam corpora vestra membra sunt Christi?* E com tudo a tal proposição foy condenada, como merecia; porque olharaõ para o sentido obvio della, e não fizeraõ caso do fim, que podia ter o Author. Veja-se Bellarm. (32)

### PROPOSIC, A M III.

**O** *Accidente da cor consiste na diversa disposição de hum corpo, que reflecte a luz, que he o mesmo; que dizer, que não he huma entidade distinta da substancia.*

(32) Bellarm. de Scriptor. Eccles. & Bernin. ad Scul. 15. c. 6.

*stancia*. Advirto, que o *P. Arsenio* não notou a proposição, senão pelo que tocava aos accidentes Eucharísticos. O *Critico* porém repetindo a proposição censurada, começa a fallar nas proposições de Wiclef, de que logo fallarey: item da alma racional, graça santificante, e em summa diz, que o systema moderno se defende em Roma, e o da Graça sem formas distintas; mas esqueceo-lhe concordar a sua proposição com o milagre Eucharístico, que disto não falla, sendo o principal. Diz porém: *Se alguém dissesse, que a Hostia consagrada não era branca, e o vinho depois de Consagrado não tinha cor, o mandariaõ para o hospital, por ser couza, que se vê com os olhos*; final, de que seria louco, quem tal côr negasse. Ajuntemos agora estas duas proposições. O accidente da côr he huma entidade indistinta da substancia: na Hostia Consagrada dá-se o accidente da côr: logo na Hostia Consagrada dá-se a substancia do pão. A mayor, e menor são as duas proposições do *Critico*: a consequencia não parece má; porque na Hostia o accidente da côr não he indistinto da substancia de Christo, e por força ha de ser indistinto da substancia do pão. Isto bastava para mostrar, que *Arsenio* com muita razão censurou aquella proposição.

Vejamos o que agora diz de Wiclef. Diz, que não negou os accidentes. Respondo, que negou os accidentes reaes, e absolutos, que admittem os Peripateticos. O certo he, que o Concil. Constant, na Sess. VIII, approvado por Martinho V, condenou-lhe esta proposição: *Accidentia panis, & vini non manent in eodem Sacramento sine subjecto*: e condenar o Concilio esta proposição era dar por certa a opposita: *Accidentia manent in eodem Sacramento sine subjecto*. Que o Herege negasse, que na Eucharistia se davaõ accidentes reaes, e absolutos; posto que expref-

expressamente se não definio, se prova; porque este herege, como diz o agudo Minimo *Naxera* pag 303. era Peripatetico: dado porém que o não fosse, mas Atomista, disputava contra os Theologos Peripateticos, que com a commua sentença admittem accidentes reaes, e absolutos; como se manifesta de *Thomás Waldense* opposto a *Wicklef*, que no Cap. 79. traslada esta blasfemia do herege, que dizia, seguirse da sentença dos Theologos, que *coleretur accidens sine subjecto tanquàm Deus*; em cujas palavras se vê, que se oppunha aos Peripateticos, por admittirem accidentes reaes, e absolutos, e daqui tirava a sua errada proposição.

Quer agora o *Critico* fazer huma das duas proposições de *Wicklef*, e diz que os Theologos, que assistirão no mesmo Concilio, tomaraõ no mesmo sentido ambas as proposições; porém não he assim, e o provo. O Concilio reprovoulhe tres proposições pertencentes á Eucharistia, e são as seguintes. I. *Substantia panis materialis, & similiter substantia vini materialis manet in Sacramento altaris.* II. *Accidentia panis non manent sine subjecto in eodem Sacramento.* III. *Christus non est in eodem Sacramento identicè, & realitèr in propria persona corporali.* A primeira proposição contém o erro dos hereges chamados *Impanatores*, e tambem de *Luthero*. A terceira he dos hereges *Sacramentarios* com *Zuinglio*. A segunda he de *Wicklef* para impugnar os Aristotelicos, que admittem na Eucharistia accidentes reaes, e absolutos; o que se confirma com a blasfemia, com que dizia: *Stercus esse melius Sacramento Catholicorum, quia stercus est substantia, Sacramentum autem Catholicorum tantummodo est accidens.* E sendo a mesma a primeira, e segunda proposição, era couza incrível, que o Concilio, e os Theologos, que censuraraõ estas proposições, de humas fizessem duas! Pro-

Prova-se mais com as censuras, que deraõ os Theologos a estas duas proposições separadamente, e com notavel differença, como diz o Jesuita *Labbé* (33) A' primeira: *Substantia panis &c. Hec propositio declaratur falsa, erronea, & hæretica.* A' segunda: *Accidentia panis &c. Hoc est falsum, erroneum, sapiens hæresim universalitèr intellectum.* Se as proposições fossem identicas, tambem deviaõ ser identicas as censuras. O mesmo se prova das razoes, que os Theologos deraõ para esta sua segunda censura, que não vinhaõ a proposito para a primeira proposição: *Quia si talis quantitas, quæ fuit quantitas panis, non manet sine subjecto in Sacramento altaris, erit tunc vel in corpore Christi, vel in pane, vel in utroque, vel in aere circumstanti?* E impugnando estes tres modos, accrescentaõ: *Qui alitèr sentit de Sacramentis Ecclesiæ, quàm Romana Ecclesia, hæreticus est: Romana autem Ecclesia sentit, accidentia esse sine subjecto in Sacramento altaris.* (34) A que proposito allegaraõ isto, senaõ julgassem distintas as duas proposições, e que *Wicklef* negava os accidentes reaes, e absolutos?

Nem prova o *Critico* com allegar o Cardeal *Alliaco*, que disse, não ser heresia negar os accidentes reaes, e absolutos. Assim he; mas os Theologos, que censuraraõ as proposições, dizem, que he *sapiens hæresim*! A'lem de que, o ponto principal devia ser acudir á sua proposição proferida: *O accidente da cor não he huma entidade distincta da substancia.* *Wicklef* na segunda proposição não exprime, que sujeito era este; o *Critico* diz, que he a substancia, e daqui formou *Arsenio* a sua duvida. Nem para o caso fazem couza alguma as palavras de *Alliaco*; porque escrevendo os *Commentarios* vinte e hum

(33) *Labbé* tom. 16. Concil. pag. 846. (34) De Celeb. *Missar. Decretal.* l. 3. tit. 41. cap. 6. Cum Marth. de Hæreticis.



e hum annos antes de se celebrar o Concilio , como notou *Fortunato de Brixia* , mal podia de antemão explicar a mente daquelle Concilio ; e ainda depois do Concilio , como diz o mesmo *Fortunato* , affirmou : *Sententiam Scholasticorum consonam magis esse doctrinae Ecclesiae , & eandem quoque ipse defendit.*

*Graveson* tom. 6. pag. 70, e os mais , que fallão nesta materia , contaõ 45 erros de Wicklef condenados neste Concilio , e se as duas proposições mencionadas contêm o mesmo erro , são só por boas contas 44. Tambem nada prova com a Bulla de Martinho V. dizendo , que este Papa , pondo varios *Itens* , para conhecer , quem eraõ os sequazes de Wicklef , não pôz este dos accidentes ; porque respondo , que aos 45 artigos de Wicklef se ajuntaraõ 30 de Joaõ Hus , e fazem 75 : e as perguntas especiaes , que na sua Bulla manda fazer Martinho V , são 38 , sem que daqui se possa inferir , que as 37 , que não especifica com as outras , não sejaõ censuraveis. Entre as de Wicklef he a sexta : *Deus debet obedire diabolo* : e não se expressa na Bulla ; e nem porisso se deve inferir , que não seja heretica. Expressou o Papa alguns artigos , e julgou , que bastava , que os outros fossem propostos em geral , e porisso diz : *Item specialiter interrogetur Literatus , utrum credat , sententiam sacri Concilii Constantiensis super 45 propositionibus Joannis Wicklef , & Joannis Hus 30 articulis superius descriptis latam fore veram , & Catholicam.* Isto não allega o *Critico* , porque lhe não serve.

Para mais largamente se vêr a razão do *P. Arsenio* , me remetto á lição de *Ferrari* na sua questão de *Accidentibus Eucharisticis* , e na pag. 206. repare o *Critico* nestas razoes do Author , que he moderno , e Italiano Franciscano ; porque ainda lá parecem mal estas novas doutrinas ; o qual advertin-

do nas interpretaçoens , que estes novos sabios daõ aos textos , que se allegaõ contra as suas proposiçoens , diz com grande ponderaçã. *Hæccine est legitima interpretatio? Quæ authoritas Literarum aperiri , ut verbis utamur Augustini lib. II. contra Faustum c. 2; quis sacer liber evolvi , quod documentum cujuslibet Scripturæ ad convincendos errores exeri potest , si hæc vox admittitur , si alicujus ponderis æstimatur , si denique cuilibet pro Marte suo licet sacras literas interpretari? Interim verò nos summo animi dolore afficimur , cum Catholicam juventutem hisce cunctis principiis animadvertimus , atque distortis admodò assuescere venerabilium decretorum interpretamentis , quæ falsa omnino , commentitia , & absurda esse sacra Theologia Facultas ubique prædicat , proprios verborum sensus in sacris Ecclesiæ definitionibus semper intelligens , aliosquæ à naturali vocum proprietate alienos omnino proscribens.*

Diz mais neste lugar da *Resposta* varias couzas. Huma dellas he , que o *P. Fortunato* defende a Filosofia moderna , e que estas opinioens são toleradas pela Igreja , e que ninguem lhes chamou nomes. O contrario repeti agora de *Ferrari*. Não só tolerada , mas approvada he por Sixto V , e outros Papas a Theologia fundada nas fórmulas substanciaes , e accidentaes , e sua *P.* lhe chama não menos , que prejudicial á Religião. Outra he , que o *P. Tosca* defende o systema da Graça conforme as opinioens de *Maignan* , e *Saguens*. Transcreve elle lá no principio da sua obra alguma Bulla Pontificia , que lhe louve esse systema . ou as suas opinioens , assim como he por Sixto V. louvada a Theologia de *S. Boaventura* , e a mesma Peripatetica por varios Pontifices? Pois sem isso não faz exemplo. Bom seria , que elle , e os que o seguirem , respondeão aos argumentos dos Padres *Lossada* , e *Aranha* , com que o impugnaõ , e mos-

mostrão as suas incoherencias. Diz mais, que não ha Concilio, que diga, que a alma racional he fórma Peripatetica; e que a graça santificante seja accidente no mesmo sentido. Para sabermos, que o Filosofo disse bem, basta vermos, que elle affirmou ser a alma racional fórma incompleta espirital, vivente, e racional: isto mesmo nos consta do Concilio Lateranense, porque lhe chama *verè forma corporis*. Tambem he certo, que a graça santificante se infunde na alma, e se perde pelo peccado: daqui inferem os Peripateticos com evidencia, que ella he distinta da alma; porque he principio evidente, que *separatio est signum distinctionis*; e daqui tambem, que não he substancia, mas accidente. Isto he, o que diz o Peripatetico: e que faz ao caso chamar-lhe o Concilio *forma* com o epíteto *Peripatetica*? O mesmo digo da graça, e habitos sobrenaturaes.

As definiçoens da Igreja não se métem a definir reflexamente as verdades com a circumstancia de serem ditas por este, ou aquelle Filosofo; mas quando vemos definida hum verdade, e que a mesma disse hum Filosofo, vimos a inferir, que discordeo acertadamente. Péssimo he o Alcorão, no qual se prohibe o homicidio, adultério, e furto; pois para dizermos, que estes vicios, que nelle se prohibem, são máos, devemos esperar a definição, de que são máos com a circumstancia de prohibidos no Alcorão? O mesmo digo da verdadeira, e Catholica intelligencia do livre arbitrio. Diz a isto *Petavio* no *Tratado Theiæ: Proba est, & Christianæ regule consentanea liberi arbitrii definitio, quam vetus Peripateticorum disciplina constituit*. Para este grave Alhe chamar Christã, esperou alguma definição, que disselle: *Catholica liberi arbitrii definitio est Peripatetica*? Finalmente diz, que *Santo Agostinho* se explicou,

cou, *sem se servir de formas accidentaes Peripateticas*. Se não se explicou com ellas, quanto ao nome, foy quanto á realidade; porque defendendo a necessidade da graça auxiliante contra os Pelagianos, não a affirmou indistinta da alma, mas distinta, e que consistia em actos sobrenaturaes do entendimento, e vontade. Isto mesmo he o que dizem os Aristotelicos, e lhes chamaõ fórmās accidentaes; que estes novos Filósofos lhes dêem outro nome, pouco importa. Nem para o Santo Doutor se explicar, era necessario fallar em Aristoteles, ou Plataõ, recorreo aos textos da Escriitura. Agora o que S. P. acrescenta, que estas fórmās Aristotelicas só se introduziraõ no seculo duodecimo, já mostrey, que no seculo terceiro se julgou ser Aristoteles proprio para a Religiaõ Christã, como diz nas suas Táboas *Muzancio*.

#### PROPOSIC, A M IV.

**A** *Natureza humana unida á Pessoa do Verbo não he Pessoa humana, mas Divina*. Diz agora na *Resposta*, que só quiz dizer, que a natureza humana unida ao Verbo perde a sua subsistencia, e subsiste na Divina. Esta segunda proposição he bem diversa da primeira. Devemos suppor, (deixada a desculpa, que não tem lugar) que muitas vezes os Theologos com *Santo Thomás* (35) tomaõ o nome *Persona pro Personalitate, Subsistentiá, Hypostasi*; e neste sentido não he humana, mas Divina, e val o mesmo, que dizer: *Persona Verbi est Divina, & non humana*. Não se falla neste sentido, mas de Christo, cuja Divina Subsistencia se unio á natureza humana. Item. Devemos suppor, que a mesma proposição tirada de hum principio, pôde ser heretica, e tirada de outro Catholica. Sirva de exemplo.

(35) D. Thom. apud Suar. in 3. p. dist. 12. & alib.



emplo. Estas palavras: *Sanctus Deus, Sanctus Fortis, Sanctus Immortalis, qui crucifixus est pro nobis*. Os Catholicos admittirão por boa a tal proposição, e assim a julgou João II no Concilio de Roma, ajuntando-lhe no fim a palavra *in carne*. Os hereges com as palavras: *Crucifixus pro nobis*: querião significar, que a Divindade tinha padecido, attribuindo com *Eutyches* os predicaos *in abstracto* de huma natureza a outra. Os Catholicos querião significar, que Deos morrera pelos homens, attribuindo a morte *in concreto* á Pessoa de Christo Deos, e Homem. Da mesma sorte esta: *Christus est Persona humana*: he herética no sentido de *Fotino, Cerinto, e Ebrião*, que diziaõ, que Christo não tinha Divindade; e *Arrio*, que affirmava, que o Verbo Divino era Creatura. Esta he a causa, por que os Catholicos, por não parecer, que concordavaõ com elles, fugiaõ de proferir semelhante proposição; e sem duvida, que neste sentido se não póde proferir.

Por semelhante causa, os que seguiaõ a Fé de Christo no principio da Igreja, sem tomarem o nome de Christaõs, como diz *Santo Athanasio*, (36) mas o de Discipulos: *Omnes, qui credebant in Domino nostro JESU Christo, non Christiani, sed Discipuli vocabantur*; largaraõ este nome, por não se equivocarem com os que seguiaõ a Simaõ, e se começáraõ a chamar *Christaõs*, como diz o mesmo Santo: *Apostoli convenientes Antiochiæ discipulos uno nomine, id est, Christianos appellabant*: mas levantando-se a brutal heresia dos Gnosticos, que tambem se intitulaõ *Christaõs*; os que o eraõ verdadeiramente, por se distinguirem delles, se começáraõ a chamar *Catholicos*. Não ha duvida, que estes nomes *Discipulos, Christaõs, e Catholicos*, tomados em bom sentido, significaõ o mesmo: e porque acabaraõ os Gnosticos,

[36] D. Athanas. apud Berain. tom. 1. cap. 2.

ticos, já os Catholicos não recusaõ o nome de Christãos. Apollinar, homem aliundè douto, cahio no erro de dizer, que Christo não tinha verdadeira humanidade, por não ter alma, a qual suppria o Verbo Divino; e para explicar a sua heresia, chamava a Christo *Homo Dominicus*; a qual proposição, porque também tinha outro sentido Catholico, della usou *Santo Agostinho*: mas no l. 1. das suas Retratações se abstem della: *Quippe vidi non esse dicendum, quavis nonnulla ratione posset defendi*. Quem quizesse fundar-se nos falsos princípios de Apollinar, e dissesse: *Christus, sive Persona Christi non est humana*: significando com isto, que Christo não tem verdadeira Humanidade, nem he perfeito Homem, dizia huma heresia, na qual cahiraõ também os Manichêos.

Isto supposto, distinguio *Arsenio* na sua *Reflexão* os sentidos, que podia ter aquella proposição. Disse porêm, que, para Christo se poder chamar Pessoa humana em sentido Catholico, bastava attender á natureza humana, ainda que a Subsistencia fosse Divina: e assim como era Pessoa Divina, tendo natureza humana, porque tinha Subsistencia Divina; assim se podia chamar humana, por causa desta natureza, ainda que tivesse Subsistencia Divina. Prova-se em primeiro lugar com o Symbolo de *Santo Athanasio*. Ahi se diz, que Christo he huma unica Pessoa: *Unus omnino non confusione substantiæ, sed unitate Personæ*. Diz mais, que esta Pessoa Christo *est minor Patre secundum humanitatem*. Que alli fallasse o Symbolo da Pessoa, he evidente, como se vê das suas palavras; porque se fallasse não da Pessoa, mas da Humanidade, era o mesmo, que dizer: *Humanitas est minor Patre secundum humanitatem*; e seria proposição frivola. Daqui se póde formar este syllogismo. Tudo, o que he menor, que o Pay, não he Deos; por quanto *in Trinitate nihil maius, aut minus*:

*minus*: sed sic est, que a unica Pessoa Christo he menor, que o Pay *secundum humanitatem*; e elle mesmo neste sentido o disse: *Pater maior est me*: logo no mesmo sentido não he Pessoa Divina, *ac prout* humana. Prova-se mais; porque esta palavra *Homo* val o mesmo, que *Pessoa*: e se Christo he Homem, no mesmo sentido he Pessoa humana. O *Critico* nega, que Homem signifique Pessoa: mas nega mal; por quanto *Homo* não he o mesmo, que *Humanitas*: *Humanitas* he abstracto, e *Homo* concreto. Daqui vem, que sendo verdadeiro dizer: *Verbum Divinum assumi sit humanitatem*; he falso dizer: *Assumi sit hominem*. A razão he; porque *Homo* significa Humanidade subsistente, e isso mesmo he *Pessoa*. Em Christo *Homo* significa Pessoa subsistente pela Subsistencia Divina; em nós significa pessoa subsistente por subsistencia creada, e fica sendo puro homem. E porque não fique o dito sem boa authoridade, veja *Be'llarmino* (37) citado, o qual diz: *Nam Homo significat Personam, ut etiam Deus; caro autem non Personam, sed naturam, vel potius partem nature humane significat.*

Se basta a humanidade, não obstante se unir com a subsistencia Divina, para se dizer da Pessoa Christo *Est homo*; basta para dizer *Est humana*: e na verdade parece implicatorio ser homem, e não ser humano. Falso he dizer, que he pessoa só, ou puramente humana, mas não *Divina simul, & humana*. *Be'cano* (38) allegando a sentença cõmua dos Catholicos com *S. Thomás*, diz: *Quando plures nature uniantur in unâ, eademque personâ, tunc possunt de illa in concreto trãdicari*; e aponta este exemplo: *Sicut in perso a Petri uniantur corpus, & anima, & recte dicimus, Petrus est corporeus, animatus, intellectua-*

[37] Be'larm. cit. pag. 394. col. 2 S. Argument. 8. [38] Be'can  
Manual Controv. r. 1. 2. c. 1. n. 27.

*tellectualis .. que omnia perinde valent, ac si dicas: Petrus, seu Persona Petri habet corpus, animam, intellectum. Item Christus, seu persona Christi habet divinitatem, humanitatem, mortalitatem &c. Pois se a Pessoa de Christo, por ter mortalidade, e immortalidade, se pôde dizer mortal, e immortal; tambem por ter Divindade, e Humanidade, se pôde dizer Divina, e humana. O Veneravel Cardeal Bellarmino (38) diz o seguinte: Quia Deus accipi potest pro quolibet supposito divino, & proinde pro supposito secundæ Personæ, quod est simul divinum, & humanum.. Quod suppositum verè, & realiter est Deus, & verè, & realiter est homo.. In Christo autem suppositum divinum, & humanum unum est. Que o mesmo seja supposto, que pessoa, he trito entre Filósofos, e Theologos: veja Snar. (39) Hec autem relatio, quavis humanitati inhæreat, propriè Suppositum, seu hunc hominem denominat. Muito ao ponto o P. Tirino: (40) Sed unio hypostatica solum facit, ut idiomata, seu proprietates tam divinæ, quam humanæ naturæ, uni, eisdemque Personæ, seu Supposito realiter communicentur, & de eo verè prædicentur, ac per consequens etiam de se mutuo, ratione unius illius Suppositi.*

Quanto ás duvidas do Critico, respondo, que nada provaõ. Diz a primeira: Assim como he verdade dizer *Perfectus Deus, perfectus homo.. Deus, & homo unus est Christus*; assim tambem será verdade dizer: *Persona divina, & persona humana unus est Christus*. Grande argumento! Se a conjunção *Et* significa multiplicação nas pessoas, supõem falso, porque he huma só: se não significa multiplicação, e vál o mesmo, que dizer: *Eadem per-*

[38] Bellarm lib. 3 de Incarn. c. 9. §. Itaque. [39] Snar. de vitâ Christi d. 12. l. 2. §. Dico 2. [40] Turin. in Sac. Script. tom. 1. Controv. 4 de Christ. n. 9.



*persona divina simul , & humana unus est Christus*, he verdadeira. Eu lhe mostro dous argumentos da mesma casta. *Christus est Deus , & homo*: ergo são dous Christos? Quem quer negará a consequencia, sabendo o que diz a Cartilha do Mestre Ignacio. *Senhor meu Jesu Christo Deos , e homem verdadeiro.* E o Symbolo: *Deus , & homo unus est Christus*. Outro: *Pater est Deus , & Filius est Deus*: ergo sunt duo Dii. Nega-se a consequencia; porque assim como he a mesma natureza no Pay, e no Filho; e sendo duas Pessoas, he hum só Deos: assim porque em Christo he a mesma subsistencia, não se multiplicação as pessoas, ainda que sejam duas as naturezas. E para isto diz, *tirelhe lá a prova?* Traz tambem esta duvida, e diz: *Expliquenos V. P. porque a natureza humana de Christo, unida ao Verbo Divino, não he pessoa humana.* Fácil explicação. Porque da natureza nunca se póde predicar o ser pessoa: do supposto, que della resulta com a subsistencia, sim. Porisso he falso dizer, *Humanitas Petri est Petrus*; porque a parte não se predica do todo.

Accrescenta mais com grande intelligencia, allegando contra Arsenio o que se lê *in tract. de Incarnat.* pag. 135. n. 267, & 268. O que se acha nestes dous numeros, não pertence ao ponto, de que aqui se trata. No I.º num, diz, que o Verbo Divino *assumpsit humanitatem , & non assumpsit hominem*. No II.º vem este argumento: *Christus dicitur perfectus homo*: ergo *verè assumpsit hominem*. Nega a consequencia, e dá logo a razão. *Ut subsistentia divina assumeret hominem , debbat preintelligi in humanitate aliqua subsistentia , quod falsum est*. Não entendendo para que allegou estes dous numeros, melhor faria, se allegasse o num. 286. onde diz: *Verum est dicere : Christus est Deus , & homo*: ergo *est simul æqualis Patri , & minor Patri ; temporalis , & æternus*,

*nus, conjungendo scilicet prædicata utriusque nature humane, & divine: idem enim valet, ac si dicas: Persona Christi est simul humana, & divina; habet mortalitatem, & immortalitatem &c. Et hinc probatur 2. pars; si enim Christus est homo, etiam est mortalis, temporalis, finitus. Conclue finalmente a sua defenſa com a clausula: Para que me diga, quem foy, o que cõmeteo o erro. Do que está aqui dito infra, quem errou?*

### PROPOSICAM V.

*Quando a natureza creada se une a huma pessoa divina, perde o alto dominio, que tinha nas suas acçoens, que se ficaõ attribuindo á divina. Não achou o Critico desculpa boa, que dár, e em lugar della faz grande queixa, porque o P. Arsenio lhe truncou a sua proposição, não trasladando aquellas ultimas palavras, que agora accrescentey; a saber, que se ficaõ attribuindo á divina: e com isto dá a sua proposição por defendida. Mas isso nada faz., para que a natureza perdesse o dominio das suas acçoens boas, santas, e meritorias. Da proposição censurada se infere evidentemente, que a natureza creada, unida á Divina, ao mesmo passo, que perde o dominio das suas acçoens, perde a liberdade dellas; porque esta não a póde haver sem dominio. Este mesmo dominio he a definição da liberdade, *posse agere, vel non agere*; e mal póde haver liberdade, onde não se verifica a sua definição. He certo, que as acçoens de Chrísto, e proprias da Divindade, não eraõ meritorias, porque Deos não merece. Todo o merecimento de Christo provinha das acçoens proprias da humanidade unida ao Verbo; e não póde haver merecimento em actos, que não são livres; nem estes o podem ser, sem que provenhaõ de*

de vontade indifferente para elles; e mal pôde ter indifferença sem ter dominio, para se determinar a huma das partes. He esta verdade tão certa, que parecerá escusado allegar AA. mas apontarey algum. *Petavio* (41) *Homo ex libertate sua dominus actuum suorum dicitur. S. Thom.* (42) *Ex hoc contingit, quod homo est dominus sui actus, quod habet deliberationem de suis actibus. Ex hoc enim, quod ratio deliberans se habet ad opposita, voluntas in utrumque potest. Item no cap. 4. num. 1. no fim. Arbitri, à domini sumus, ut ea, vel contraria capessere, ac circa hæc agere, vel non agere pro voluntate possimus. Item cap. 13. n. 3. torna a dizer, que S. Thomás: Negat esse quempiam dominum suorum actuum, nisi quatenus libero utitur arbitrio. Negat mereri quemquam, nisi per actum, cujus sit dominus. Christo, como diz S. Mat. c. 26. disse, que podia pedir a seu Eterno Pay mais de doze legioens de Anjos, que o defendessem dos Judêos, e com tudo não as pedio. E de quem havia de ser esta petição? Do Verbo não; porque Deos não pede. Havia de vir de Christo em quanto homem; tinha logo a humanidade poder, e dominio para pedir, ou não pedir aquelle soccorro; de outra sorte lhe não seria livre, nem o Senhor diria *possum rogare Patrem meum*.*

As desculpas, que dá, são duas. He a primeira: *Pelas palavras*, alto dominio, quiz dizer o Critico, que perdia a sua subsistencia, e subsistia na Pessoa Divina. Não haverá Vocabulario, em que se ache, que estas suas palavras queiraõ significar as da primeira proposição censurada: a ninguem cuido lhe occorrerá, que não ter subsistencia propria, queira dizer, perder o alto dominio. E se o quiz dizer, ahi vay o erro em se persuadir, que a natureza,

Rrr 2

que

(41) Petav. in Elencho Theiæ cap 3. n. 4. (42) S. Thom. 1. 1. q. 6. art. 2. ad 2.

que não tinha propria subsistencia, por essa causa perdia o dominio das suas acçoens, quando he certo o contrario; porque a natureza humana de Christo tinha liberdade, excepto para peccar. He a segunda, que *as acçoens se attribuião á Pessoa Divina*. Talvez, que a desculpa seja tal, que mereça censura. As dores, que Christo padeceo na Cruz, a sede, e mais tormentos, sim se attribuem á Pessoa Divina *in concreto*, isto he, Christo, e isto sómente *per cōmunicationem idiomatum*, como se explicaõ os Theologos; e he dizer, que aquellas acçoens eraõ de hum supposto, que juntamente era Deos, e Homem. Por esta razã as taes acçoens se chamaõ *theandricas*, e porisso de valor infinito. Mas isto não tirou á Humanidade de Christo o dominio nas suas acçoens livres; antes, por serem de infinito merecimento, se mostra serem livres. Veja os Theologos, quando trataõ *de Cōmunicatione idiomatum*.

#### PROPOSIC, A M VI.

**O** Homem, que não despe primeiro, por meyo da *Ethica*, os vicios do animo, todas as acçoens deste homem não são offieios, mas vicios, e maldades. Aqui de passagem reparou *Arsenio* na Grammatica da oraçaõ, que não está com acerto: mas vamos ao principal. Esta proposição he a mesma, que a 25 de Bayo, condenada por Gregorio XIII, e faz tambem o mesmo sentido, que a 35 do mesmo. A 25 diz: *Omnia opera infidelium sunt peccata*. A do Critico falla de todos os viciosos fieis, ou infieis. A 35 diz: *Omne, quod agit peccator, vel servus peccati, peccatum est*. Sendo pois verdadeira a proposição do Critico, ficaõ os viciosos sem remedio para largarem os vicios do animo; porque qualquer obra, que façã, será maldade, e desta sorte mais se irãõ radicando no vicio.

A ra-



A razão he clara; porque qualquer obra, com que se queiraõ livrar do vicio, sempre he antes de lançarem fóra os vicios do animo, ou sejaõ actos, ou habitos. Que os taes vicios se hajão de despir por meyo da Ethica, tem a mesma difficuldade; porque qualquer obra, com que comecem, he antes de se despirem dos habitos máos, e consequentemente tambem são novos vicios, e maldades. E se estes vicios se devem largar, para que o peccador se ponha em estado de salvação, primeiro deve começar a graça Divina excitante, a qual não pertence á Ethica natural: mas como devemos conceder, que essas acções são boas, e antes de se despir o homem dos habitos máos, fica claro, que não são vicios, e maldades.

Não achou o *Critico* bom effugio á censura do *P. Arsenio*, e porisso com toda a brevidade diz, que o *Critico* não fallou ali em sentido *Philosophico*, ou *Theologico*, mas no sentido vulgar, e politico. Temos pois, que o sentido vulgar, e politico tem licença para proferir o que quizer, ainda que sejaõ proposições condenadas! Esta mesma desculpa podia dar Bayo á sua proposição; mas o Papa não esperou porisso, e attendendo ao sentido obvio das proposições, condenou-as. Podia dizer Bayo, que a sua proposição era no sentido vulgar, e queria dizer: *Omnia opera infidelium plerumque, & frequentèr sunt peccata*: podia dizer: *Sunt peccata, quando operantur, ut infideles, exercendo ritus gentilicos*; mas porque este não he o sentido obvio das suas proposições, justamente se condemnaraõ. Diz tambem o *Critico* na *Resposta*, accrescentando á proposição sexta estas clausulas: *A Politica sem Ethica he arte de enganar*; mas isso não tem parentesco com a proposição sexta, que proferio. Diz mais: *A Jurisprudencia sem a Ethica não pode produzir senão muitos erros*. Dou, que produza hum milhaõ de erros; que connexaõ tem isso para se dizer,

zer, que quem não despe primeiro os vícios do ânimo, tudo, o que obra, são vícios, e maldades? Nem com tudo julgo por certa esta ultima asserção. Finjamos o mais malvado Jurista, que possa haver no Mundo, obrando contra toda a boa Ethica; porque não poderá explicar com acerto varias Leys Canonicas, ou Civis? Os Escribas, e Fariseos no tempo de Christo eraõ os Jurisperitos de Judea, e obraraõ tanto contra a razao, que o Redemptor encõmendava, que não imitassem as suas obras; e com tudo dizia, que observassem a sua doutrina, como lêmos no cap. 23. de *S. Matthews*.

#### PROPOSIC, A M. VII.

*A Theologia fundada sobre as formas substanciaes, e accidentaes, he prejudicial aos dogmas da Religião.* Esta proposição he injuriosa a tantos DD. sapientissimos, que depois do Mestre das Sentenças com *Alexandre de Ales*, *Santo Thomaz*, *S. Bonaventura*, *Escoto*, *Snares*, *Vasques*, *Molina*, e infinitos outros admittem *formas substanciaes, e accidentaes*; e não he pequena injuria, que hum *Barbadinho* diga, que todos estes dêraõ a publico huma Theologia prejudicial aos dogmas da Religião. Que mais se podia dizer fallando em geral das obras de *Luthero*, *Calvino*, *Bayo*, *Janfenio*, e outros semelhantes? Ha tantos seculos, que dura esta Theologia, e a nossa Santa Madre Igreja nunca advertio, que fosse prejudicial á Religião para a condenar? Não he pequena desattenção contra os Pontifices, que com tanta dissimulação vão permittindo huma doutrina prejudicial. Qualquer proposição, que se lhe delata, a manda examinar; e se he prejudicial, sem demóra a condena, ainda que seja opposta a hum, ou outro dogma; e não tem condemnado huma Theologia

logia contraria indefinidamente á Religião ! O que mais he, que muitos Papas não só puzeraõ nos altares com o titulo de Doutores da Igreja aos dous principaes defensores della *S. Thomis*, e *S. Boaventura*, mas passando a mais louváraõ essa mesma doutrina. Lembre-se o *Critico* do que escreveo na carta da *Theologia* pag. 212, onde se lê o seguinte. *S. Thomás*, cujas obras foraõ approvadas por alguns Pontifices, e a sua *Summa* foy lida em algumas Universidades por ordem delles. A *Summa* de Pedro Lombardo, cujo methodo approvou expressamente o Concilio Latcran. 4. A *Summa* de Alexandre de Ales expressamente mandou que a compozesse Imoc. IV, e a confirmou com seu diploma Alexandre IV. S. Boaventura, cuja doutrina approvaraõ Clemente IV. Gregor. X, e Sixto IV, e Sixto V. A'lem destes podemos accrescentar Urbano VIII. que disse, *doctrinam D. Thomæ esse sequendam tanquam veridicam, & Catholicam*. Clemente VIII. e Innocencio IV. a louvaraõ; como diz *Viva*. (43) E finalmente Clemente IX, que elogiou a Doutrina Theologica da esclarecida Companhia de JESUS, da qual tanto blasfema o *Ir. Barbadinho*: *Adeo propenso animo intendere statüimus, perque Theologicæ Facultatis solida Doctrina, & scientia... Catholicæ Religionis veritas ubiquè locorum elucescat. Attentis igitur, quòd Societas JESU semper summum... disciplinis Christianæ pietatis conciliatis, ad ingeniorum culturam, simul & animarum exercuit salutem; prout testantur perennia Religiosæ sapientiæ monumenta, quibus litteraria laureantur theatra, & Catholica coronatur Ecclesia... & providè considerantes, quòd, si ejusdem Societatis Religiosi, qui, præ aliis scientiis, in Sacra Theologiâ summoperè præstant, in publicis Universitatibus, præcipuè insignium, Cathedris illam perlegerent, & interpreta-*

(43) *Viva* in exposit. 30. propos. damn. ab Alex. VIII. n. 4..

*tentur, Nos exoptatum finem, facile consequi valeremus.* In Bul. erection. Cathedrar. complutens. Esta he a Theologia, que o *Critico* extermina como prejudicial aos dogmas da Religiao; e a mesma, que os Pontifices louvaõ nas tres Escõlas, e dezejaõ como utilissima, ensinada, e defendida nas publicas, e mais insignes Univerlidades. Basta esta ponderação para mostrar, com quanta razao se deve escandalizar, quem lêr esta setima proposição do *Critico*.

E que frivolas são as desculpas, que agora apparecem na *Resposta*! A primeira he, que Gregorio IX. mandou queimar os livros de Aristoteles. O *Critico* traz esta queima na casa dianteira, persuadido, que com isto mete medo aos Peripateticos; e ainda que tenho dito ser falsa esta historia, agora para lhe mostrar, que isto não o desculpa, quero suppor, que fosse verdadeira: que tiramos daqui? Que se queimaraõ os livros, porque admittiaõ fórmas substanciaes, e accidentaes? He certo, que não; porque, a ser verdade, não as admittiriaõ tantos, e tão graves Authores na sua Theologia, nem a louvariaõ tantos Pontifices, antes pela mesma razao a deviaõ prohibir. Não he o mesmo queimar-se hum livro, que ser falso, quanto nelle se acha da primeira palavra até á ultima: merece ser queimado o Alcoraõ; mas disse, que Christo era Profeta Santo: merecem queimados os livros hereticos de Arrio, Nestorio, Luthéro, Calvino, e outros, e mais affirmaraõ, que havia hum Deos. Diz mais, que o mesmo Papa Gregorio IX, e seus Successores prohibiraõ por muitos seculos a leitura de Aristoteles: se assim fosse, torno a dizer, que não foy por causa das fórmas substanciaes, e accidentaes, que he o ponto da proposição. He porém tão falsa esta prohibição, que logo depois de Gregorio IX, o seu Successor Innocencio IV. expressamente mandou com-  
por



por a *Summa* de *Alexandre de Ales*, e o mesmo *Critico* o confessa na pag. 212 acima allegada; e de hum a outro Papa foy tão pouco tempo, que morrendo Gregorio IX. em Agosto de 1241, foy Innocencio IV. eleito em Junho de 1243, e morreo em Dezembro de 1254: estes são os seculos!

Diz mais, que se permittio o uso de alguns livros de Aristoteles, por comprazer ao genio depravado de muitos Professores Parisienses. E quem ha de crer, que os Papas fizessem a vontade a estes depravados, permittindolhes couzas oppostas á nossa Religião? E os que se seguirão foraõ louvando a tal doutrina? Acrescenta, que o Cardeal *Alliaco*, e outros clamáraõ contra o abuso dos Theologos; por introduzirem Aristoteles na Theologia. O Cardeal *Alliaco* era Dominicano, e discipulo de *Santo Thomás*, e nunca declamaria contra tal doutrina; antes foy Aristotelico. Não he o mal, por se fundar a Theologia nas fórmulas *Peripateticas*; e he todo o ponto da proposição; foy o abuso, porque não tratavaõ as questoes utels para melhor intelligencia das verdades reveladas, e outras, que dellas se seguem: e este abuso censurou a Faculdade Parisiense, porque das resoluções de *Aristoteles* tiravaõ conclusões erradas; mas estas não se achaõ nos Theologos Escolasticos, cujas obras estaõ approvadas pelos Revisores, que as examinaraõ: e tanto se podem tirar as conclusões erradas da Theologia Especulativa, como da Dogmatica, como disse o mesmo *Critico* na pag. 211. ibi: *Tanto dano pode resultar na Igreja de discorrer mal sobre as Theologias Especulativas, como sobre as Dogmaticas; porque entre as especulativas trataõ-se quantos dogmas bastaõ para dizer mil herezias.* Repare o Leitor, como concorda isto com as palavras do *Critico*, que vaõ acima notadas no §. 5. *Que será bem raro o erro,*

o erro, que conheça, quem somente he versado na *Especulativa*; e agora diz que os *Especulativos* tratão dogmas!

Tambem diz, que o Concilio Lateran. 5. condenou as opinioens de Pedro Pompanacio, e outros, porque continhaõ o mesmissimo systema Aristotelico. Bom seria, se provasse aquella sua causal *porque*. Mostrenos huma unica proposição condenada, que supponha com o Filosofo, que ha formas substanciaes, e accidentaes; em quanto não provar isto, não mostra que a Theologia fundada nellas he prejudicial, *hoc erat probandum*; mas como o póde provar, se está declarado, que a alma racional he verdadeira forma, e da verdade da Eucharistia haver formas accidentaes, como lhe chama S. *Thomás* nas liçoens, que approvou a Igreja na festa do Sacramento? *Graveson* no Seculo XV. refere algumas proposições, que se condenaraõ pela faculdade Parisiense, como saõ as de *João de Gorelo*, *João Angelo*, e *João Marchand*; se algum destes he o *João Minorita*, que agora nomeya, nada servem para o caso, porque nas taes proposições, nem sombras apparecem de *formas Aristotelicas*; e he de admirar, que fallando o *Critico* tantas vezes em condemnações, nunca se animou a declararnos ao menos huma para nossa confusão. Cançase em nomear Fulano, e Fulano, este, e aquelle Author, como que, para quem não entende, faz grande bulha, e com isso tem confundido os Peripateticos; mas já que fallou em proposições condenadas, por serem Aristotelicas, que não mostra, lêa o mesmo *Graveson* (44) onde allega hum diploma de Sixto IV; e repare no seguinte, que diz o Papa: *Parochiani Sacerdotes de cætero non dicant à Mendicantibus hæreses processisse, cum in veritate fides nostra sit illuminata,*

(44) Gravel. tom. 6. colloq. 3.

*minata, & Ecclesia exaltata per eosdem, & praesertim per Ordines Praedicatorum, & Minorum, ut jura testantur &c.* Estes não são Aristotelicos?

Segue-se hum, a que chama syllogismo, e he o seguinte. Os Papas modernos (16 nomea o presente) e principalmente Benedicto XIV, introduzio nos estudos da Sapiencia Romana Leitores de Filosofia modernissima. Sit fides penes authorem. Para o intento devia mostrar Bulla, ou Breve, em que declarasse, que o fazia; por quanto a Theologia fundada na Filosofia antiga de Aristoteles, era prejudicial á Religiao: em quanto não mostra isto, não escusa a temeridade da sua proposição. Continúa seu syllogismo, e diz, que o Collegio de Propaganda fide, que se instituiu para os seus alumnos irem pregar a Fé Catholica, os Padres das Escolas pias, Comunidades de Celestinos, Benedictinos, Somascos, S. Francisco de Paula, e muitos outros fazem o mesmo: logo he temerario, e alguma coiza mais, condenar o que fazem tantas Comunidades, e o que louva, e manda fazer os Papas. Não ha duvida, que quem ouvir semelhante ladainha, fica esperando alguma condenação das formas Aristotelicas; mas ainda não chegou, e era o ponto principal. O que se segue daqui he, que não está ainda condenada a Filosofia modernissima: mas que Logico, ainda que seja desses modernissimos, póde inferir daqui: *Ergo a Theologia fundada nas formas Aristotelicas he prejudicial aos dogmas da Religiao.* Agora dizer, que os Papas mandão fazer o mesmo; que significa? Bom seria explicar-se. Porque os Papas ainda não declararão, que a Theologia era prejudicial aos dogmas, nem o haõ de declarar; sendo couza approvada por tantos Antecessores, e tambem em alguns Concilios: e nem ainda sabemos, que Papa algum mandasse por Bulla Apostolica seguir a Filosofia de Nevvton, Galilei,

Ságuens, e outros destes. Conclúe este syllogismo; que não o he, porque não tem mais, que *antecedente*, e *consequencia*, dizendo: *Dêlbe V. P. a solução*. Supponha o *Critico*, que os Peripateticos querem fazer huma junta, para assentarem na reposta, que devem dar a este seu syllogismo de huma só premissa!

Passa o *Critico* a dar huma reposta direita, e diz, que os Papas nunca approvaão *Santo Thomás*, e *Escoto*, porque defendiaão *Aristoteles*; approvaão *sim o methodo* naquelle tempo, em que não havia outro mais util. Hoje porém o mundo tem aberto os olhos, e porisso as coizas se tem mudado totalmente. Vamos por partes. Quando os Papas approvaão hum livro, como fizeraão aos de *Santo Thomás*, e *Escoto*, he bom argumento para se inferir, que nesse livro não ha couza prejudicial á Religião, nem he necessario, que digaão os Papas, que o approvaão, porque se segue, ou não segue *Aristoteles*. Approvaão os Papas as obras daquelles dous Doutores, sabendo muito bem, que defendiaão *Aristoteles*: daqui se colhe, que podemos dizer com toda a verdade, que a tal Theologia fundada nas fórmulas Aristotelicas não he prejudicial á Religião: logo he falso dizer, que he prejudicial aos dogmas da Religião; porque he condenar o que os Papas, *saltem implicitè*, & *indirectè* approvaão. Approvaão o methodo, porque então não havia outro mais util. E como havemos de crer, que approvassem hum methodo, em que se achavaão couzas prejudiciaes á Religião? Quem se ha de persuadir, que aquelle era o unico, que havia util, e que envolvia prejuizo á Religião? Em nenhum tempo se póde chamar util á Religião, o que he prejudicial aos seus dogmas. Hoje porém o mundo tem aberto os olhos. Até aqui esteve cêgo em seguir couzas prejudiciaes á Religião? Salvo se os dogmas da Religião



gião se mudaõ, e se conhece agora o erro, que havia contra ella. E quem he o mundo, que abriu os ólhos nesta materia? Quatro modernos persuadidos, que só se mostraõ sabios, defendendo novidades contra o mayor, e melhor numero dos Theologos; e nisto está a mndança?

Quer sustentar a sua proposição com dizer, que a Theologia Peripatetica abriu a porta a muitas heresias. Diz isto várias vezes, mas nunca o prova. Esta peste logo nasceo no principio da Igreja, e tem continuado até agora: venha huma heresia, que se siga de *Aristoteles* introduzido na Theologia Escolastica? Que culpa tem das heresias ácerca da Trindade, Incarnação, Graça, Liberdade, Eucharistia, e outras? Diz mais, que os PP. no Concilio Tridentino ordenáraõ aos Theologos que tirassem as decisoens da Escritura, Tradição &c. Erro fora, que tirassem as decisoens das verdades reveladas dos livros de *Aristoteles*! Já sabemos, que não são Canonicos: mas isto nada faz ao nosso intento; como tambem, que não se metessem os Theologos em ventilar questoes superfluas, e he o que diz *Melchior Cano* allegado pelo *Critico*: mas que no Concilio previamente se altercassem, ou tratasem doutrinas da Especulativa, o diz *Bernino*, que alleguey no fim do §. 3. O ponto he se nos PP. do Concilio, ou em algum dos AA. que allega, achou ser a Theologia nas fórmãs substanciaes, e accidentaes prejudicial aos dogmas da Religião, que he o que devia provar, para defender a sua proposição.

#### PROPOSIC, A M VIII.

**D** Eos no estado da innocencia ensinou aos homens muitas verdades. Reparou *Arsenio* naquella clausula: *Homens no estado da innocencia*; porque só houve

houve hum, que foy Adaõ. Bem fey, que no Latim significa *supposto*, ou *pessoa humana*, ainda que seja mulher; e a Igreja por esta palavra *Homo* entende hum, e outro sexo, quando nos manda lembrar da nossa mortalidade: *Memento homo, quia pulvis es. Virgilio* com a mesma palavra, que significa Deosa: *O' quam te memorem, Virgo, namq' è haud tibi vultus Mortalis, nè vox hominem sonat, ò Dea, certè.* Porêm, como o *Critico* he tão advertido, reparou-lhe, em que no Portuguez se possa huma *mulher* com acerto chamar *homem*; e tambem, se na mesma lingua, fallando de Sempronio casado com Bertta, podemos dizer: *Aquelles dous homens são casados?* Tambem podia reparar em dizer, que Deos lhes ensinou muitas verdades; porque só consta, que desse sciencia infusa a Adaõ. Mas não gasto tempo em couza de pouca entidade.

#### PROPOSIC, A M IX.

**D**A Tradição nasce a authoridade da Igreja universal, dos Concilios geraes, e da Igreja Romana. Para melhor se entender esta preposição, e se he, ou não, bem proferida, devemos suppor, que a nossa Fé toda se funda na infallivel verdade da palavra Divina, que he o seu objecto. Esta palavra Divina nos consta, ou pela Escritura Sagrada, em que se acha escrita, e os Theologos lhe chamaõ *verbum Dei scriptum*; ou pela Tradição Apostolica, que se intitula: *Verbum Dei traditum*. E porque na Escritura se achão algumas verdades reveladas, mas sem expressa declaração, esta mayor clareza se tira da Tradição ensinada pelos Apostolos, que a aprenderão de Christo V. g. o numero septenario dos Sacramentos; a verdade da processão do Espirito Santo, que, estando expressa na Escritura a respeito do Eter-

Eterno Pay : *Spiritus* , qui à *Patre* procedit ; não está com a mesma clareza a respeito do Filho. Isto supposto. digo, que a Tradição, que he de Fé, sómente se diz aquella, que he *verbum Dei traditum*, & non *scriptum*. E se contém na fé da Igreja, e nos escritos dos Padres.

Que esta Tradição seja *Verbum Dei traditum*, & non *scriptum*, se prova de Bellarmino no l. 4. de *Verbo Dei non scripto*. O mesmo titulo o está dizendo, chamando á Tradição *Verbum Dei non scriptum*. No cap. 2. diz : *Tamet si verò Traditionis nomen generale sit ; tamen hoc ipsum nomen accommodatum est a Theologis ad significandam tantum doctrinam non scriptam*. A mesma distincção ensina Santo Irineo no l. 3. c. 2. *E' venit, neque Scripturis, neque Traditioni consentire eos*. Tertul. no l. de *Corona militis* : *Si Legem postules, Scripturam nullam invenies, Traditio tibi prætenditur auctrix*. O mesmo Bellarmino nos numeros seguintes diz : *Parvulos esse baptizandos vocatur Traditio Apostolica, non scripta, quia non invenitur hoc scriptum in ullo Apostolico libro. Est autem duplex partitio Traditionum. Prior est in Traditiones Divinas. Divinae dicuntur, quæ acceptæ sunt ab ipso Christo Apostolos docente, & nusquam in Divinis literis inveniuntur*. S. E. iphan. hæres. 61. *Non omnia à Divina Scripturâ sunt accipi, quapropter aliqua in scriptis, aliqua in Traditione Sancti Apostoli tradiderunt, quemadmodum dicit Sanctus Apostolus, sicut tradidi vobis*. Tirin. (45) nas Controversias diz : *Undè, præter verbum Dei scriptum, necessario admittendum aliquod verbum Dei non scriptum, sive vivâ voce traditum, scilicet Traditiones Divinas, vel Apostolicas*. Becan. (46) *Generatim loquendo extant quædam Traditiones Apostolicæ, quæ expresse in Scriptura non habentur, sed tamen*

[45] Tirin. Controv. Fid. Controv. 2. n. 12. [46] Becan. in Annual. lib. 1. cap. 2. n. 12.

*inien parem cum Scriptura auctoritatem habent.*

Que a authoridade da Igreja se ache na palavra de Deos escrita, he couza certa. *Mat. c. 16. : Ego dico tibi, tu es Petrus, & super hanc petram edificabo Ecclesiam meam.* Eis-aqui a sua suprema authoridade! E juntamente expressada nas palavras seguintes: *Tibi dabo claves Regni cælorum.* A infallibilidade nas definiçoens *ex cathedra.* *Rogavi pro te, Petre, nè deficiat fides. Portæ inferi non prevalebunt adversus eam. Confirma fratres tuos.* O cuidado de apascentar a todos os Fieis: *Pasce oves meas, pasce agnos meos.* Optimamente diz neste lugar S. Bernardo: (47) *Non modò ovium, inquit Christus, sed etiam Pastorum tu iuvus omnium es Pastor.* Unde id probem, quæris? *Ex Verbo Domini.* S. Leão (48) Papa dos textos da Escritura prova a authoridade Pontificia, sem fallar em Tradição. Bellarmino no l. 3. c. 5. largamente prova a authoridade da Igreja não com a Tradição, mas com os textos expressos da Escritura. Daqui se pôde formar este argumento. O dogma, que se prova da Tradição, não está expresso na Escritura: o dogma da authoridade da Igreja prova-se da Tradição: logo não está expresso na Escritura. A mayor consta das authoridades, que tenho allegado. A menor he do Critico. A consequencia não parece mal deduzida. Mas como pôde esta consequencia ser verdadeira, á vista dos textos allegados?

Diz o Critico na Reposta sem allegar Author por sua parte, que com a Tradição se prova mais copiosamente a authoridade da Igreja. Este accrescimo mais copiosamente não estava na proposição censurada, e claramente se deve negar, por ser dito sem fundamento. Se lhe serve de fundamento dizer,

[47] S. Bern. l. 1. de Consid. [48] S. Leo Papa Serm. 2. in Anniv. Assumpt. suæ.



zer, que sem Tradição não entenderíamos os dogmas, que confusamente estão revelados na *Escuritua*: isso concedo; mas devia provar, que a authoridade, que Christo dêo a *S. Pedro*, fundamento da Igreja, está confusamente revelada na *Escuritura*, e authorizar o dito com alguns *Authores* bons. Alias digamos, que da Tradição se prova, que ha hum Deos, e tres Divinas Pessoas; que o Verbo Divino incarnou; que Christo morreo crucificado; que o Sol se escurreceo, e que a Senhora estava ao pé da Cruz &c. Que *Du-Hamel*, como agora allega, reduza os lugares intrinsecos Theologicos a dous, *Escuritura*, e *Tradição*, não entendo, que prova dahi quer tirar: só se infere, que ha essas duas couzas *Tradição*, e *Escuritura*; o que não lhe negaõ. Nem tambem se defende com dizer, que fallou da *Tradição Divina*, ou de *Christo*. Essa mesma he a que os Theologos chamaõ *Verbum Dei traditum, non scriptum*.

Na *Resposta* accrescenta, que os lugares Theologicos se dividem em dez. Sim: mas tambem sabemos, que nesses dez fazem o mesmo Concilio Geral, e Pontifice; porque sem isso não he verdadeiro Concilio: eis aqui o Concilio Geral inclue o Papa, que he a Cabeça! Tambem sabemos, que Igreja universal, e Romana em rigor não são duas couzas; porque quando dizemos *Igreja Romana*, não entendemos sómente os Fieis, que móraõ em Roma, mas os que estão dispersos pelo Mundo debaixo da obediencia do Papa, como Cabeça, e porisso crêmos, que a Igreja he huma, e unica: *Unam Sanctam Ecclesiam*. E porque podia haver quem se enganasse, vendo na carta do *Critico* separados os dous lugares, *Concilio Geraes*, e *Papa*; julgando, que o Concilio Geral, ainda sem o Papa, e sua confirmação, he de infallivel authoridade, e de indubitavel juizo: ou que tambem he sobre o juizo, e definiçoens do

mesmo Papa; e muito mais, estando tanto na nossa memoria para o escandalo (e não sey, se no coração de alguns para a aceitação, e impiedade do exemplo) a frivola, e sacrilega appellação *ad futurum Concilium*; seria melhor explicar-se, como faz Bellarmino: (49) *In genere dicimus, Judicem veri sensus Scripturæ, & omnium controversiarum esse Ecclesiam, id est, Pontificem cum Concilio.* O Juiz unico, e infallivel das controversias da Religião he a Igreja, isto he, o Papa com o Concilio; porque o Concilio sem o Papa não tem privilegio de não poder errar, nem he infallivel nas suas sentenças, e Decretos: e o que mais he, que sem a sentença do Papa nem he Concilio absolutamente Geral, nem representa perfeitamente a Igreja. No Concilio Geral assistem os Bispos, e os Legados do Papa: e ainda que aquelles representaõ o corpo da Igreja, e o que elles fazem se julga, que o corpo da Igreja o determina, e o faz; estes com tudo não representaõ de tal sorte a Cabeça da Igreja, isto he, o mesmo Papa, que absolutamente se julgue feito pelo Papa, o que os seus Legados ordenaõ, e determinaõ; porque entaõ seria de todo superflua a confirmação Pontificia. Representaõ sim ao Papa, como seus Vigarios, e Internuncios, para haverem de lhe referir as duvidas, que se moverem, e esperar a sua sentença definitiva para a executarem: e deste modo como o Concilio não represente absolutamente a authoridade da Cabeça, só imperfeitamente representa a Igreja. Donde se collige, que Igreja perfeita, e absolutamente considerada he o Concilio Geral *simul cum Papa*; porque entaõ se acha nelle o consenso da Cabeça, e Membros, isto he, de toda a Igreja: e tanto não pôde errar, que a sentença, que o tal Concilio profere, e manda exarar, he sentença definitiva,

[49] Bellarm. lib 3. cap. 3. 3. *Tota igitur.*

finitiva, ultima, e infallivel da Igreja; pois toda a firmeza procede do consenso, e conjunção do Corpo com a Cabeça, do Concilio com o Papa. Tudo se póde ver diffusamente em *Bellarmino*. (50)

A respeito dos Legados Pontificios, mandados aos Concilios Geraes, devo advertir, que algumas vezes os enviáraõ os Papas com as precisas instruçoens aos mesmos Concilios: como o fizeraõ no Chalcedonense de 630 Padres Leaõ o *Magno* em 450 contra Eutyches, Abbade Constantinopolitano, que affirmava, que em Christo não havia duas naturezas, mas só a Divina, e que o corpo, que assumira na Incarnação, era fantaltico: no Constantinopolitano III de 170 PP. Agathaõ em 681 contra os Monothelitas, que publicavaõ, que Christo tinha huma só vontade, e operação: e no Niceno II de 350 Adriano I em 787 contra os Iconomachos, ou impugnadores das Imagens. A estes Concilios sómente consta, que foraõ expedidos os Legados com instruçoens Pontificias; porque em cada hum dos referidos Concilios se havia de tratar huma unica questão, como fica mostrado. Não foy assim no Tridentino, em que os Legados assistiraõ sem instruçoens, porque nelle se haviaõ de disputar, e resolver muitas, e gravissimas questões.

Naquelles Concilios, a que saõ expedidos os Legados com instruçoens Pontificias, não póde algum dos taes Concilios errar nos seus decretos, e definiçoens; porque nelle se verifica o consenso de toda a Igreja, e a conjunção da Cabeça, e Membros. Porque ainda que a instrução dada pelos Papas aos seus Legados não se considere sentença da Sé Apostolica; com tudo quando o Concilio convém, e unanimemente concorda com a sentença do Pontifice, e pelos Legados deste se fórma o Decre-

Ttt 2

to,

[50] Idem lib. 2.º de Concilior. auctorit. cap. 11. Col. 84.

to, logo principia a ser sentença definitiva, e ultima, não só do Concilio, mas tambem do Pontifice e de sorte, que nem este a póde retratar; porque certamente entende ser sentença de Deos, quando foy approvada pelo Concilio. Assim o declarou o Papa S. Leão na Epist. 63 a Theodoreto: *Quæ Dominus Noster prius ministerio definierat, univæ Fraternitatis irretractabili firmavit assensu, ut verè à se prodire ostenderet, quod prius à prima omnium Sede formatum, totius Christiani orbis iudicium recepisset, ut in hoc quoque Capiti membra concordent.* Da formalidade, com que os Pontifices daõ, e podem dar a sua instrução aos Legados, que enviaõ aos Concilios Geraes, se póde ver o já citado Cardeal Bellarmino.

De tudo, que fica dito, se convence, que o Concilio Geral com o Papa he infallivel. Nem haja quem se atreva a afirmar, que Christo naquellas palavras de S. Matheus do cap. 16: *Tu es Petrus, & super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam.* E de S. João ao cap. 21: *Pasce oves meas;* prometteo á Igreja, ou ao Concilio Geral, não unido ao Papa, a infallibilidade; pertendendo mostrar, que a S. Pedro, como quem representava a Igreja, fizera o mesmo Christo a promessa da infallibilidade. Por quanto debaixo do nome de S. Pedro não se entende representada a Igreja; entende-se sim a Cabeça da Igreja, isto he, o mesmo S. Pedro, (e nelle seus legitimos Succesores) a quem como Cabeça da Igreja foy promettida aquella privativa infallibilidade. De outro modo seriaõ irrisorias as palavras de Christo, e seria este, e não outro o sentido dellas: *Tu Ecclesia pasce Ecclesiam meam. Fundabo Ecclesiam super Ecclesiam meam.* E que outra couza he S. Pedro, como representando a Igreja, do que a Igreja representada em S. Pedro? He discurso do douto Pickler:



*ckler: (51) Quid enim est Petrus, ut Ecclesiam representans, aliud, quam Ecclesia representata in Petro?* Temos pois por sentença indubitavel, que o Juiz infallivel nas controversias da Religião he a Igreja, a qual he o Papa com o Concilio. Mas daqui ninguem deve inferir, que o Papa sem o Concilio Geral não he infallivel Juiz nas controversias *circa fidem, & mores*. Julgo com tudo preciso mostrar, (e perdoe-se-me a digressão, que cuido he indispensavel) para instrução de alguns, que lêem por livros, que não deverão abrir, nem conservar, e reprehensão de outros, que fallaõ com escandalosa liberdade, e faltos de pia afeição á Religião, e tambem de competente literatura; que o Pontifice Romano, ainda sem o Concilio Geral, he Juiz infallivel nas controversias já insinuadas.

He raõ certa esta proposição, que o *Doutor Eximio*; (52) e o Veneravel Servo de Deos, e Grande Cardeal *Bellarmino* (53) a affirmão ser de Fé: *Bañes* a intitula *proxima fidei*: *Pickler* taõ insigne na Jurisprudencia Canonica, como na Theologia Polémica, tem por probabilissimo, e ainda moralmente certo ser verdade revelada. Hoje entre os DD. que se prézaõ de verdadeiros Catholicos, he sentença cõmunissima com o *Doutor Angelico*, (54) e admittida ainda pelos mesmos Jansenistas, que só negaõ ao Papa a infallibilidade *circa quæstiones facti*: e porisso não querem confessar, que sejaõ heréticas as cinco famosas proposições de Jansenio, segundo a mente do mesmo Jansenio. Tres poderosos fundamentos manifestaõ a verdade da proposição. I. No cõmun sentir dos Santos PP, e verdadeira intelligencia das

[51] *Pickler Theolog. Polem. part. 2. art. 2. de Conciliis. §. 2. n. 16. pag. 765.* [52] *Suar. l. 3. de Fid. Defens. cap. 13.* [53] *Bellarmin. l. 4. de Roman. Pontif. cap. 2.* [54] *D. Thom. 2. 2. quæst. 1. art. 10.*

das Escrituras a *S. Pedro*, e nelle a seus Successores, foy promettida a suprema superioridade de jurisdicção, a indefectivel assistencia do Espirito Santo, e por conseguinte a infallibilidade nos decretos *circa fidem, & in præceptis morum, quæ toti Ecclesiæ præscribuntur*, segundo o texto: *Tu es Petrus, & super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam: Et portæ inferi non prævalebunt adversus eam: (55)* sendo muy digno de se notar, como judiciosamente reflectio o *P. Viva*, (56) que dizendo Christo estas palavras na presença dos mais Apostolos, que representavaõ a Igreja, ou Concilio; não a estes, mas a *S. Pedro* sómente prometteo aquella assistencia, e infallibilidade. E como daria Christo a necessaria providencia á sua Igreja, se não alligasse a assistencia do Espirito Santo, e a infallibilidade nas materias definiveis para doutrina dos filhos da mesma Igreja só ao seu Vigario, sem dependencia do Concilio Geral? Quem não sabe as perigosas controversias, que em pontos de Fé, e de costumes se tem excitado em diversos tempos na Igreja: e se para a decisaõ dellas se houvessem de convocar precisamente Concilios Geraes, que gravissimos inconvenientes, que fataes prejuizos de erros, e dissensões não padeceria a Igreja? Facilmente os reconhecerá, quem reflectir nas grandes difficuldades, que sempre se encontraraõ, para haverem de se convocar Concilios Geraes; não sendo de menor consideração o lapso de annos, que he preciso para se concluirem, e terminarem. Em dezeseite seculos e meyo, que conta a Igreja, só dezoito Geraes se tem celebrado. (Alguns contaõ vinte Concilios Geraes.) E o Tridentino, que teve principio em 1545, se não pode terminar senão em 1563. Donde se a infallibilidade esti-

(55) Math. cap. 16. (56) Viva Quæst. Prodrom. ad damnat. ab Alexand. VII.

estivesse alligada ao Papa, como dependente do Concilio Geral, e a elle unido, isto he, ao Papa *simul cum Concilio*, não haveria dado Christo sufficiente providencia á Igreja, sua Esposa, e universal Mãe nossa; antes pelo contrario ficaria a porta aberta aos hereges para mil erros, e disturbios.

II. A authoridade dos mesmos Concilios Geraes. O Viennense, *Clementina unica de Summa Trinitate ibi: Ad Apostolicam dumtaxat considerationem pertinere, ea. quæ fidei sunt, declarare*. O Florentino na Sessão XXV. definio: *Pontificem esse Doctorem, & ipsi pascendi, regendi, & gubernandi Universalem Ecclesiam à Christo Domino potestatem traditam esse*. O mesmo ensinaõ os SS. PP.; e tantos Pontifices Santissimos, como S. Lucio Martyr, Leão, Agathaõ, Nicoláo I, Innocencio III, que se pôdem vêr em *Bellarmino*. (57) Efficazmente se comprova o mesmo com o unanime sentir, e perpetua invariavel praxe da Igreja (58) *Cui repugnare insolentissime insanie est*: na qual desde o seu principio se conveyo, que os Bispos nas controversias da Fé, e costumes, reccorressem aos Pontifices *etiam extra Concilium*, e estivessem pelas suas resoluçoens, tendoas por infalliveis; principalmente, quando as dirigissem a toda a Igreja, para nella serem observadas: e como consta de todo o Direito Canonico em innumeraveis respostas, e resoluçoens Pontificias. Donde se segue, que *Melchior Cano* (59) diz ser heretico negar, que se deva crêr como infallivel, o que o Pontifice propõem a toda a Igreja para esse fim.

III. O costume antiquissimo da Igreja; pois sem Concilio condenaraõ os Papas varias heresias. Assim foy condenada a de Pelagio; como diz *Prospero*  
in

[57] Bellarm. lib. 4. cap. 3. (58) D. August. Epist. 118.

[59] Canus. de Locis Theolog. lib. 5. cap. 5.

*in Chronico* anno 420: assim as de Priscilliano; Vigilancio, Joviniano, e outros, que se pôdem vêr em *Bellarmino*: (60) e assim ultimamente as heresias de Jansenio por Innocencio X, e Alexandre VII, e de Paschasio Queinél por Clemente XI. Até o tempo de S. Agostinho rarissimas foraõ as heresias, para cuja condemnação se necessitasse de Concilio: (61) *Aut verò Congregatione Synodi opus erat, ut aperta perniciēs dammarétur? Quasi nulla hæresis aliquandò, nisi Synodi congregatione, damnata sit: Cum otius rarissimæ inveniantur, proptèr quas dammandas necessitas talis extiterit.* O mais he, que ainda os Concilios Provinciaes, sendo confirmados pelo Papa, se tem *in materia fidei, & morum* por indefectivel regra. Taes saõ o Arausicano, Milevitano, varios Toledanos, Romanos, Carthaginezes, e outros, que se pôdem vêr no Jesuita *Tanner*, e nos já citados *Soares*, e *Bellarmino*: o que tudo convence, que ainda sem Concilio Geral he infallivel o Papa *circà fidei, & mores*. De outra sorte se diria não ser só o Papa immediato Vigario de Christo, mas também o Concilio Geral; proposição 37 de Wicklef, condenada no Concilio Constanciense. *Nec Papa est proximus, & immediatus Vicarius Christi.* Já antes tinha definido esta verdade o Concilio Niceno, (62) o Lugdunense, (63) o Lateranense II, e o Florentino *in litteris unionis*. Antes se hey de dizer tudo; accrescento, que ser o Pontifice, sem o Concilio, legitimo, e infallivel Juiz, he não só praxe, e costume da Igreja, mas tradição Apostolica: he sentença expressa de Santo Anacleto, (64) que reynou no throno Pontificio em 101: *Sacrosancta Romana, & Apostolica*

[60] Bellarm. l. 4. c. 3. [61] D. August. l. 4 contra duas Epist. Pelag. c. 12. [62] Nicæn. Can. 39. inter octoginta articulos com. 1. Concilior. post. Acta Nicæni. [63] Lugdun. r. lat. in cap. Ubi periculum de elect. in 6. [64] Sancti Anacleto. Epist. 1.



*tolica Ecclesia, non ab Apostolis, sed ab ipso Domino Salvatore nostro Primum obtinuit. . . . Quod, si difficiliore ortæ fuerint quæstiones, aut Episcoporum, aut Majorum iudicia, aut maiores causæ fuerint, ad Sedem Apostolicam referantur: quoniam Apostoli hoc statuerunt iussione Salvatoris.*

Aos argumentos em contrario, deduzidos, principalmente, de varios textos da Escriptura, e do Direito Canonico, dão plenissima solução o Cardinal Bellarmino loco citat; o P. Viva, (65) Eugenio Lomb, (66) e ultimamente o P. Pichler (67) Theologo Polemyco, o qual com brevidade, e solidez responde a tudo: e tambem a algumas objecções, fundadas nas resoluções, e repostas dos Pontifices, que parecem destruir a infallibilidade dos mesmos *extra Concilium in materia fidei, & morum*; quaes são a de Nicoláo I. referido no Cap. *A' quodam* 24. de *Consec. d. 4*: de Gregorio III. no Cap. *Proposui*; *causa* 32. 9. 7: de Alexandre III. no Cap. *Cum esses* 10. de *Testam*: do mesmo no Cap. *Licet de Sponsa duorum*; e de Innocencio III. no Cap. *Pèr venerabilem, qui filii sint legitimi*: de Celestino III. no Cap. *Quanto de divor-tus. &c.*

Destá infallibilidade se segue, que sendo o Papa legitimo, e infallivel Juiz *in controversiis fidei, & morum*, se não póde appellar delle para o futuro Concilio Geral, como fizeraõ Martim Luthéro, Joáo Hus, Paschasio Quesnél, e outros hereges, aos quaes imitaõ os Appellantes de França; como mostra o *Parallélum appellationis quatuor Episcoporum Gallie cum Appellatione tum Lutheri, tum Pelagianorum*; que não ha muito sahio a luz. Com seis evidentif-

VVV

linas

[65] Viva jám laudat, & in Trutin. ad proposition. 19 ex damnatis ab Alexand VIII. (66) Eugen. Lomb. in Regali Sacerdotio lib. 3. 5. 9. num. 4. (67) Pichler part 1. cap 4. de Cap. Ecclesie, art. 3 p 787, & seqq & pag. 795. & seqq.

simas razoens se faz manifesta esta verdade.

I. Porque he incontroverso em todo o Direito, que da essencia de qualquer appellação he ser de inferior para superior: *Text. & DD. in Cap. Cum inferior. hoc tit. cap. 17. & seqq. cap. 6. de Appellat. Item in Leg. 21. ff. & Leg. 32. Cod. cod. L. 4. ff. de Recept.* A razão he evidente. Porisso se appella, para que a sentença do Juiz à *quo* se examine, refórme, e emende, ou se confirme pelo Juiz *ad quem*: donde se segue, que neste ha de haver jurisdição, e superioridade *super acta, & judicata Judicis à quo*. O Concilio Geral nenhuma jurisdição, ou superioridade tem sobre o Papa; porque não consta, que Christo lha conferisse; antes o contrario, que a deu ao Papa sobre o Concilio: pois todos os Padres delle ainda congregados são ovelhas, e todas fugeitou Christo a *S. Pedro*, e a seus Successores, quando (68) lhe disse: *Pasce oves meas*: (*Scientiâ, & doctrinâ.*) (69) e o constituiu Cabeça do Corpo mystico da Igreja: bem se vê, quanto se ajusta com a razão, que o Pastor seja superior ás ovelhas, e que a cabeça dirija, e governe o corpo. Muy repugnante seria a todo o bom juizo, que as ovelhas tivessem superioridade a respeito do Pastor, e que os membros do corpo governassem a cabeça.

II. Porque o Papa, além de ser, como já fica expendido, immediato, e unico Vigario de Christo, tem suprema authoridade, e occupa o mayor, e o mais sublime Tribunal; e desta privativa excellencia resulta, que delle não póde haver appellação para o Concilio, porque seria appellação de mayor para menor tribunal: o que he inaudito em Direito. O Papa faz o mesmo Tribunal com o de Christo; (do qual, por ser o mayor, que se póde imaginar, não haverá quem diga, que delle se póde

(68) Joan. cap. 21. (69) Jerem. cap. 3.

de appellar) pois conforme a Direito o Vigario faz o mesmo Tribunal com o do principal, de quem he Vigario; *ex Cap. Non putamus de Conflict in 6. Cap. 1. de Offic. Vicar. in 6. Cap. Romana de Appellat. Clement 2. de Rescript. Leg. unic. C. de Sent. praf. prator.* e se do Tribunal de Christo, que he supremo, não ha, nem pôde haver appellação para o Concilio Geral, que, como inferior, lhe he sujeito; tambem do Tribunal do Papa, por ser o mesmo com o de Christo, não pôde haver appellação para o Concilio, que lhe he, como inferior, subordinado, e sujeito? A'lem de que, se o Concilio, como distinto do Papa, fosse Vigario de Christo (como se seguiria no erroneo sentir dos appellantes) teriamos contra a verdade das Escrituras. e definiçoens dos Concilios dous Vigarios de Christo, duas Cabeças da Igreja, ou huma Igreja monstuoza, porque com duas Cabeças.

III. Porque pela appellação se aparta o Appellante da obediencia do Juiz, de quem appella; pois recuza obedecer-lhe, e executar a sua sentença: e a nenhum fiel, e verdadeiro filho da Igreja, ou seja considerado por si só, ou congregado em Concilio, he, ou pôde ser licito apartar-se da obediencia do Papa constituído por Christo Pastor universal, e suprema Cabeça de todos os Fieis: e fazendo-o, deixaria de ser ovelha de Christo, porque deixaria de ser sujeito ao Pastor, que Christo lhe dêo.

IV. Porque, appellando-se do Papa para o Concilio, ou se appella para este, como unido, ou como separado do Papa? Mas de nenhum modo he legitima a appellação. Porque, se para o Concilio separado do Papa, este como Acéfalo, não representa a Igreja, como fica insinuado a pag. 514, a qual sempre deve ter Cabeça; e semelhante appellação não tem vigor algum; como consta dos textos

tos expressos Dist. 17, e está decidido nos Sagrados Canones, e Concilios Ecumenicos, q̃ ensinaõ ser tanta a authoridade do Papa sobre os Concilios Geraes, que sem ella não pôdem estes convocar-se, nem transferir-se, nem dissolver-se; e que, para terem validade os seus Decretos, haõ de ser (como já dillémos) approvados, sottoscritos, e confirmados pelo Papa, que nesta approvaçãõ, e confirmaçãõ lhe dá toda a validade: e porisso se appella do Concilio para o Papa, como superior. Assim o definio o Concilio Niceno ibi: *Non debere absquẽ Romani Pontificis authoritate Concilia celebrari* E no Can. 18: *Apostolicæ Sedis dispositioni omnes majores Ecclesiasticas causas, & Episcoporum judicia antiqua Apostolorum, eorumque successorum, atque Canonum authoritas reservavit.* E que bem o intimou em duas Epistolas contra os Bispos Orientaes o Papa S. Julio no anno 336! *Conciliolorum convocandorum jura, & majores causas ad Sedem Apostolicam Evangelicis Apostolicis institutis referri oportet. Id à Sanctis Apostolis, & Successoribus eorum, id à Nicæna Synodo definitum est.* O mesmo consta das Actas do Concilio Chalcedonense, onde, como nota S. Thomás (70) se diz, que o Concilio seja confirmado pelo Papa, e que para este se possa appellar dos decretos do Synodo. Item do Lateranense sub Julio II, & León X, no qual Sess. X se determina expressamente; que só o Romano Pontifice *pro tem ore* existente, como quem goza de authoridade sobre todos os Concilios, e de suprema jurisdicãõ, (como consta da Escriitura, dos SS. PP, dos Decretos dos antigos Pontifices, Sagrados Canones, e consislaõ dos mesmos Concilios, que sempre recorreraõ ao Papa para a confirmaçãõ dos seus Decretos Conciliares,) pôde convocar, transferir, e dissolver os Concilios: e Sess. XI diz: *Papæ auctori-*

[70] S. Thom. de Pot. quæst. 10. art. 4. ad 13.



*authoritatem Conciliis præcellere.* O mesmo se collige do Can. 10. & 15. *seqq.*, & *refert. tota Caus. 9. q. 3.* Donde se segue evidentemente, que se não pôde appellar do Papa para o Concilio, como separado, e desunido do Papa.

Tambem não pôde haver legitima appellação do Papa para o Concilio, como junto, e unido com o Papa. Porque seria contra a natureza da appellação appellar-se do mesmo para o mesmo; pois todo o valor, jurisdicção, e authoridade dos Concilios inteiramente se funda na assistência, approvação, e consenso do Papa, sem a authoridade do qual nada valem. E que absurdo se não seguiria de semelhante appellação? O Papa mesmo, do qual se appellava para o Concilio unido com o Papa, havia de nomear, e constituir Juiz contra si mesmo, o qual havia de ser o Concilio; pois só a elle toca convocar, dar authoridade, e valor ás sentenças do mesmo Concilio, ou Juiz: e como por esta virtude, authoridade, e confirmação necessaria, para ser valido o juizo, e sentença, era o Papa Juiz, e Com-Juiz com o Concilio, viria a ser Juiz de si mesmo; e se, por impossivel, deve-se estar pela sentença do Concilio dada contra a sua primeira sentença, seria obrigado a dar armas contra si, pelear contra si, votar, e confirmar o voto contra si: o que he absurdo inaudito, e perverte toda a ordem do Juizo, e jerarquia Ecclesiastica.

V. Porque toda a appellação, reprovada por Direito, he illicita, e invalida: *Ex cap. Pastoral. cap. Consuluit de Appellation. Ex Leg. 7. §. 1. ff. de Appellation. Recipiend:* e toda a appellação do Papa para o futuro Concilio he reprovada, e nulla no Direito Canonico pelos Summos Pontifices, AA. delle; como consta de *Nicoláo I. in cap. Patet 10. caus. 9. q. 3. de Gelasio in cap. Cuncta 17. ead. quest.*

*quest:* da Bulla de *Pio II.* anno 1460 no Concilio de Mantua; na qual repróva, e condena a tal appellação por errónea, pestifera, e detestavel, e como tal a declara por nulla, impondo, aos que cahem em semelhante attentado, excômunhaõ a si reservada, e as mais penas, em que por Direito incorrem os réos de lesa Magestade, e os fautores da heresia: de *Xisto IV*, que por Bulla sua do anno de 1483 declara a tal appellação por fraudulenta, sacrilega, e herética; a qual Bulla, como diz *Raynaldo in Annalibus Ecclesie*, ann. 1483. n.22, recebeo, e mandou publicar em toda a França o Christianissimo Rey Luiz XI: e bom seria, se lembrassem disto os Appellantes daquelle florentissimo Reyno: e finalmente de todos os Pontifices, que em cada hum anno na Bulla de *Feria quinta in Caná Domini* excômungão aos taes Appellantes.

VI, e ultima. Porque toda a appellação frivola, e frustratoria, que só se interpoem para dilatar a causa, e evitar a sentença de condemnação, he regeitada por todo o Direito Natural, e Positivo; como sentem todos, e se decide no *cap. 61. de Appelat. & in Leg. 41. ff. de Usuris*: e toda a appellação do Papa para o futuro Concilio he frivola, e frustratoria; porque com ella só intenta o appellante dilatar a causa, para que nunca chegue a terminar-se, e desta sorte evitar a condemnação; pois sabe ser moralmente certo, que em quanto elle for vivo, ou ao menos, que antes de muitos annos, se não ha de congregar o dito Concilio Geral pelas razoes, que ficão expendidas a pag. 518, e tem mostrado a experiencia. E assim vem a appellar para hum Juiz, que não ha, nem moralmente haverá. E quando o houvesse, e sentenceasse contra o appellante, com a mesma razão poderia este appellar para outro Concilio, e deste para outro *in infinitum*,

*tum*, e andariaõ os Conciliares toda a sua vida em jornadas para os Concilios, e a causa sem já mais se terminar. E quem não vê, quanto intoleravel seja este absurdo? Tal appellante será tão cego, como imitador de Luthéro, que appellou do Cardeal *Caetano*, como suspeito, para o Papa: deste, mal informado, para melhor informado: logo do Papa para o Concilio; e vendo o Concilio congregado, do Concilio, como não livre, para outro Concilio: na falta deste para a Sagrada Escriitura; desta para o instincto interno, e propria intelligencia, isto he, para si mesmo.

Nem digaõ, os que são menos zelosos, e que pouco se prezaõ de Catholicos, que da Historia Ecclesiastica consta, que muitas vezes se interpuzeraõ appellaçoens do Papa para o futuro Concilio. Que de *Bonifacio VIII* appellou *Filipe* o Formoso Rey de França: de *Imocencio IV* o Ministro do Imperador *Federico II*, e tambem (não esqueça) de *Clemente XI* os não aceitantes da Bulla *Unigenitus* com o famoso *Quesnél*. Porque se lhes responde, que sim se appellou, porém iniqua, e injustamente, de facto, e não de *jure*; porque essas, e semelhantes appellaçoens estão prohibidas *sub panâ excommunicationis Pontifici reservatæ*. e havidas por sacrilegas, e heréticas, como fica dito.

#### PROPOSIC, A M X.

**D** *Epois do seculo sexto dilatandose a jurisdicção dos Pontifices não só sobre os Ecclesiasticos, mas tambem sobre os seculares em algumas coizas &c.* Não se duvida, que se dilatasse a jurisdicção secular dos Pontifices; porque *S. Pedro*, e os primeiros Papas não tinhaõ Estado secular, como hoje tem no territorio, de que he Senhor, como qualquer Principe secular, e pos-

e poslue já muito menos, do que em outro tempo. Toda a duvida he na jurisdicção Ecclesiastica, e não vemos, como ella se tem ampliado; porque logo a *S. Pedro* se deo tão amplamente, que não se póde dizer com propriedade, que o Papa Reinante tenha mais jurisdicção Ecclesiastica, do que teve *S. Pedro*, e que se dilate sobre os Ecclesiasticos. Da parte do Papa sempre he a mesma, que Christo lhe deo, quando fez seu Vigario a *S. Pedro*, e aos mais Papas Successores do primeiro. O exercicio dèssa jurisdicção depende de ter mais, ou menos subditos, em que se exercite. Com muita propriedade diremos, que se dilatou a jurisdicção de hum Principe, se conquistar hum Reyno, que antes não tinha, e estava fugeito a outro Principe: mas quaes são os Ecclesiasticos, para com os quaes tivesse o Papa menos jurisdicção, para se dizer ampliada nos seus Successores? A questão póde ser de nome; mas como o *Critico* he tão facil em condenar, dá occasião, a que tambem se faça reparo nas suas palavras. O argumento porém, com que conclue, e a illação, que infere, não vejo, donde com acerto se deduz; porque dizendo *Arsenio: Diversa couza he exercitar a jurisdicção, ou não a ter*: o que he sem duvida; porque se hum Juiz não quizer castigar hum réo, nem porillo deixa de ter jurisdicção para lhe dar o castigo; infere a *Resposta: Com que no vocabulario de V. P. dilatar significa uzurpar aquillo, a que não tenho jus*. Bem se vê, que o antecedente de *Arsenio* não tem parentesco com semelhante consequencia. Se hum Rey adquirir por herança huma nova Provincia, em que dilate a sua jurisdicção, que Logico ha de inferir: *Este Principe usurpou a provincia, a que não tinha jus?*

PRO.



**A** *Authoridade dos PP. Antigos he infalivel.* O Critico na sua carta pag. 223. aponta seis lugares Theologicos, Escritura, Tradição vocal, Concilios Geraes, Igreja Univerfal, Igreja Romana, PP. Antigos, e diz logo: *A authoridade destes seis lugares he infalivel.* Com razão se devia reparar, em que contasse os SS. PP. com authoridade infallivel, igualando-os com a Escritura, Tradição, Concilios, e Igreja, cuja authoridade nas suas deciffoens he de Fé, e a dos SS. PP. não. Singular Doutor entre os mais foy S. Agostinho, e com tudo Melchior Cano, (71) a quem algumas vezes allega o Critico, diz: *Stultum esse libris Canonicis Augustini opuscula aequare.* De modo, que se a Igreja definir huma couza, por ella devemos estar, ainda que S. Agostinho diga o contrario, como se prova da prop. 30, que condenou Alexandre VIII. O mesmo Santo nos ensina com as suas Retrataçoens esta verdade, e com as muitas, opinioens, que seguio; e outros seguem o contrario: e se fora infallivel a sua authoridade, nenhum Catholico duvidaria dellas. Para facilmente se entender, que a *Resposta* do Critico não desfaz a duvida, devemos distinguir a sentença de hum Author, e a authoridade, que tem esse Author; porque bem pôde a sentença, que profere v.g. Pedro, ser de si infallivel, e Pedro não ter authoridade infallivel. Luthéro, Calvino, e muitos hereges dislerão que havia hum só Deos, e tres Pelloas distintas; e sendo esta verdade infallivel, ninguem dirá, que Luthéro, e Calvino tem authoridade infallivel; e a razão he clara; porque o infallivel da sentença não vem do Author, que a diz, mas do lugar, v. g. da Escritura, ou Tradição Apostolica, donde a tirou. Quando

Xxx

Alexan.

[71] M. Ich. Can. cap. 3. de Locis Theol,

Alexandre VIII. condenou aquella 30. proposição ; não duvidou das muitas verdades infalliveis , que se achão nas obras do Santo , principalmente na *materia de Gratia*, & *libero arbitrio* contra os Pelagianos ; condenou o dar-se nella authoridade infallivel ao Santo.

Quando os SS. PP. conspiraõ em affirmar alguma verdade , final he de que , o que dizem , seja infallivel. Mas donde vem essa infallibilidade ? Dos lugares da Escritura , Tradição , ou Concilios , donde tiraraõ a tal doutrina. Optimamente falla nesta materia o P. Viva na exposição desta mesma proposição : *Quanti fiat ab omnibus Augustini doctrina, præsertim ubi de Gratia, nemo est, qui ignoret. . . Quamvis autem plurimi fiat Augustini authoritas, ea tamen non censetur irrefragabilis, nisi tantum quoad ea, quæ à Conciliis, & Pontificibus approbata sunt, ut veræ.* E no num. 11. diz o seguinte. *Quare sicut infallibilitas, & assistentia Spiritus S. solum inest Pontifici ex cathedra loquenti, non verò judicio TT. adeò, ut post præmissam TT. consultationem Pontifex utatur verbis Actor. 15. Visum est nobis, & Spiritui Sancto, non verò visum est Theologis; ita pariter solum definitionibus Ecclesiæ inest irrefragabilitas, non verò doctrinæ præviæ Augustini, & aliorum simul Patrum; quæ solum deservit ad faciem præferendam, ut humano, non cæco modo, res fidei decernatur.*

Daqui se infere ser falso , o que accrescenta nesta sua *Resposta* pag. 141. onde diz. Grande ignorancia ( de Arsenio ) não saber , que hum dos lugares Theologicos , que daõ argumento infallivel , he o consenso de todos , ou da mayor parte dos PP. em *materi dogmatica*. Antes mostraria ignorancia , se tal dissesse ! Onde achou , que a assistencia do Espirito Santo , para definir com infallibilidade , se prometteste ao consenso dos Santos Padres ? Eu não acho, que

que se prometteſſe a elles ; a *S. Pedro* ſim , quando ſe lhe dêo o Pontificado o que fica aſſás provado. a p. 518, & ſeqq. O conſenſo dos SS. PP. na explicação da Eſcritura , como diz Gotti , que allega , he ſinal infallivel da doutrina revelada ; mas que ſinal ? *A' poſteriori* , porque ſuppoem a approvação da Igreja tacita , ou expreſſa , com que recebo a doutrina , ou expoição dos SS. PP. como verdadeiramente tirada da Eſcritura , que allegaõ ; e daqui vem , que toda a infallibilidade ſe reduz á meſma Eſcritura , ou Tradição , como a ſeu principio. Os noſſos actos de Fé tem por objecto a veracidade Divina , e não a dos SS. PP , ainda que a authoridade deſtes ſeja grande ; mas ſempre humana , como de Doutores particulares. He o que enſina o Doutor Eximio citado , a quem com razão allega o *P. Viva* ; o qual fallando das queſtoens , que trata *S. Agoſtinho* ácerca da Predeſtinação , connexas com as reſoluçoens definidas na materia de *Gratia* , onde diz ſer irrefragavel a doutrina , que traz o Santo , por cauſa da conexão com os artigos definidos ; em quanto aos mais , que não ſão connexos , *maximi quidem fieri ab omnibus , eam tamen non eſſe irrefragabilem*.

Apparece na meſma pag. 141. da *Repoſta* huma , que ſe perſuade ſer grande reconvenção contra o *P. Arſenio* , o qual diſſe , que a infallibilidade era prerogativa , que ſó pertencia á *Sagrada Eſcritura* , e definiçoens da Igreja. Infere daqui o Critico , que errára ; porque naquella ſua propoſição excluira a authoridade infallivel da Tradição divina , e Igreja universal diſperſa , e congregada. Mas quem lhe diſſe , que naquellas duas ſe não incluem implicitamente as outras ? Antes de reſponder a eſta ſua duvida , infiro tambem : logo a Eſcritura , e Tradição Divina ſão duas , e por conſequite não ſe deve confundir huma com outra , e devemos confeſſar , que a

Tradição he *Verbum Dei traditum*, e não he Escritura; por não ser *Verbum Dei scriptum*? Quanto á sua illação, respondo, que para o intento do P. *Arse-*  
*nio* naquelle lugar, não era necessario fazer expressa  
 divisaõ dos lugares da infallibilidade. Apontou aquel-  
 les dous, porque sabia, que nas definiçoens se in-  
 clûe tacitamente a Tradição, que pertence aos do-  
 gmas; e sempre a recebeo, e reconheceo ser Aposto-  
 lica ensinada por Christo. As definiçoens da Igreja  
 são as mesmas, ou se tome dispersa, ou con-  
 gregada em Concilio; com tanto que seja unida á  
 sua Cabeça, que he o Vigario de Christo na terra.  
 Da infallibilidade da Igreja dissemos já na Proposi-  
 ção IX. a pag. 514, & seq.

Finalmente conclue a sua defeza com esta  
 proposição condicionada: *E se o Critico respondesse,*  
*que a doutrina de Santo Agostinho em materia de gra-*  
*ça deo sempre regra ás definiçoens da Igreja?* Res-  
 pondo, que muito mal diria, se não se explicasse  
 melhor. A doutrina do Santo Doutor, em quanto  
 doutrina sua, não pôde dar regras á Igreja, quan-  
 do pelo contrario da Igreja as recebeo, como filho  
 obediente della. A infallibilidade prometteo-se a  
*Pedro*, e não a *Agostinho*. Quando a Igreja define,  
 o que o Santo disse na materia de Graça, he, por-  
 que vê, que essa doutrina he nascida dos principios,  
 e lugares da infallibilidade, como se vê na obra do  
 mesmo Santo, allegando contra os hereges os tex-  
 tos da Escritura. E se dissesse, que a doutrina de  
*Santo Agostinho* em materia de Graça deo sempre  
 regra ás definiçoens da Igreja, cahiria na proposi-  
 ção condenada, que já citey, e ainda peor; porque  
 a proposição dava infallibilidade a *Santo Agostinho*,  
 e o fazia igual á Igreja: e esta o faz superior, dan-  
 do regras á Igreja. De muito differente modo falla  
 o Santo Doutor: (72) *Ego verò Evangelio non cre-*  
*derem,*



*derem, nisi me Ecclesie Catholice commoveret auctoritas. Vá com Santo Agostinho, que não vay mal!*

PROPOSIC,AM XII, E ULTIMA.

**A** Cartilha chamada do M. Ignacio he coisa indigna. Com razão se scandalizou o P. Arsenio; e muitos com elle, lendo no *Critico* semelhante resolução; pois não sey, que mais se possa dizer de hum Catecismo tirado de Lutheo! Porque esta palavra *indigna* leva consigo tudo, o que he máo; que de tudo se póde dizer, que he *couza indigna*. Esta *Cartilha* he hum Compendio do que devemos saber para bem pedir, crer, e obrar: para esse fim traz as orações, as Obras de Misericordia, os Artigos da nossa Santa Fé; e tudo isto com acerto, e sem lhe acharem erro algum em quasi duzentos annos, que conta de idade, e sempre approvada pelo tribunal do Santo Officio. Se ella fosse *couza indigna*, por conter erros na Fé, como todo o Reyno aprende por ella a doutrina Christã, teria aprendido muitos erros. Vamos ás desculpas, que dá o *Critico*. I. Os Judeos, e alguns Clerigos, que aqui vi queimar em Lisboa, e os mais, que castiga o Santo Officio, estudaraõ pela *Cartilha do M. Ignacio*? Responderá, que sim: logo a *Cartilha* não basta para conservar o reino sem herefias. Concedido tudo, dahi não se segue, que a *Cartilha* seja *couza indigna*. Estes Clerigos, que morreraõ queimados (nos nossos tempos o foy hum Manoel Lopes de Carvalho, natural da Cidade da Bahia: e tambem, segundo minha len branca, no anno de 1717 esteve taõ perto da fogueira, que se vio afogueado hum Fr. N. de quem não expresseo o nome, e a profissãõ, ainda que não careciaõ de allusãõ para o caso; que affirmava:

[72] D. August. lib. contr. Epist. Fundam. c. 5.

mava : (73) *Se non esse, quod appareret, sed Cbristum sub speciebus hominis, ita in Eucharistia latet sub panis specie. Quos tangeret, ipsos reddi sibi similes. Hoc stultitiæ velo imposuit simplici fœminæ, que paret hominis libidini* : e com tudo este não havia aprendido a doutrina Christã pela indigna Cartilha de Portugal, mas pelo Catecismo não indigno, de que se usa, e com grande aproveitamento dos Fieis, na Cidade de Murcia em Castella.) Esses Clerigos, torno a dizer, não liaõ pelo *Breviario*, e diziaõ Missa pelo *Missal*? Responderá, que sim: logo não bastou o *Breviario*, e *Missal* para os conservar sem heresias? E daqui pôde inferir, que o *Breviario*, e *Missal* sejaõ couza indigna? Certo, que não. Provaria bem, se mostrasse, que os castigos, que lhes dava o Santo Officio, eraõ, porque estudavaõ pela *Cartilha*. A causa, que daõ para o seu castigo, he, porque nem crêm, o que diz a *Cartilha*, nem obraõ, o que ella ensina; antes dizem, ou fazem couzas, que não estaõ na *Cartilha*. Sem duvida, que de outra parte, e não da *Cartilha*, nascem os erros, e as culpas, que se castigaõ. Tomára, que me dissesse, que quer dizer esta palavra aqui; porque vindo o *Metodo*, e a *Resposta* de Italia, não devia dizer aqui, mas ali? Até para fingir he precisa memoria, e coherencia. Porque esta lhe falta, diz na carta da *Theologia* a pag. 209 fallando dos Hebrêos : *Quem conhece V.P. aqui capaz de entender estas coizas?* A palavra aqui, visto vir a carta de Roma, a ella se deve referir, e não a Portugal: O mesmo diz na pag. seguinte: *Hum destes Judcos de Olanda, que ás vezes aqui vem negociar. Aonde vaõ negociar? A Italia? Talvez, que estas cartas sejaõ daqui, e dalli, de cá, e de lá?*

Outra

[73] Franco *Synopsis Annal. Societ. Jesu in Lusit.* ann. 1717. n. 11 p. 457. ubi addit: Sanæ tandem menti p̄r P. Carolum Antonium Calnéda Mediolanensem restitutus.

Outra desculpa he: *A Congregação da Doutrina em Roma mandou, que se servissem da Doutrina de Bellarmino: e a Congregação de Propaganda não mandou traduzir a do Mestre Ignacio.* Bem está. E declararaõ, que a do *Mestre Ignacio* era *couza indigna*? Pareceme, que não. Tambem não mandou usar da do *P. Canizio* feita para Alemanha. O que daqui se segue he, que aquellas são boas, e nada mais. Finalmente diz por legitima solução, que lhe chamou *indigna*, pelo que lhe faltava: mas não declara, que faltas tenha; salvo se a causa he, como insinua, por não ser *Catecismo historico util para a mocidade*. Com que tambem os meninos devem aprender nas Escolas as historias misturadas com os dogmas da Fé? E porque lhe faltaõ essas historias, logo teve a desgraça de ser *couza indigna*? Tambem este seu *Verdadeiro Methodo de estudar* não traz *método algum*, para se aprender com mais facilidade a lèr, e escrever: não traz *método* para se aprender *Mathematica*, e *Solfa*; tratando do modo, com que devem governar-se as mulheres, não ensina o governo, que devem ter os homens nas suas cazas, e nos seus gastos, para que não excedaõ as suas posses, donde nascem muitos, e graves inconvenientes; e com tudo não ha de querer o *P. Barbadinho*, que se diga ser este seu tal, qual *Método couza indigna*. Se dissesse, que o papel, e letra, e estampinhas da *Cartilha* são ás vezes *couza má*, bem se lhe podia relevar a censura!

Nem he bem, que o *Critico* para defen-  
sa da sua censura contra a *Cartilha*, faça men-  
ção dos que em Portugal se castigaõ pelo Santo  
Officio, quando esse mesmo argumento (se aca-  
so merece tal nome) se póde voltar contra sua P; e  
senaõ ouça? Certo, que não era indigna a Doutrina  
dos SS. PP; mas *S. Agostinho* (74) disse, que muitos  
Mon.

Monges ; Clerigos , e seculares erão falsos. Tem disso culpa a doutrina dos SS. PP? Santissima era a doutrina de *S. Paulo* , e della sahiraõ quatro heresiarcas, Figello, Hermogenes, Filetto, e Himenio. Da Escóla de *S. João Evangelista*, Princepe dos Theologos da Igreja, sahiraõ, como escreve *Climaco*, sete heresiarcas. Se dérmos credito ao que do mesmo *Climaco* retêre *Salmeirãõ*, (75) de cento e vinte, que receberaõ o Espirito Santo no dia de Pentecostas, quatorze, tomando outra lingua, levantaraõ na Igreja hum grave incendio de heresias ; e com tudo o Divino Espirito he singularissimo Mestre. Os *Catecismos* da Doutrina Christã da *Congregação* della em *Roma* : da *Congregação* da mesma Doutrina, instituida em França pelo Veneravel Sacerdote *Celarde Buz* em 1598, approvada por Paulo V. em 1606, saõ bons, e nada tem de indignos. E todos os que em França, Italia, e outras partes aprenderaõ por esses Catecismos foraõ firmes na Religiaõ? Diga-o a Assembléa Geral do Clero em França no anno de 1682, onde se estabeleceraõ cinco proposições offensivas da authoridade Pontificia ; de que se fez já memoria a pag. 74. A Facção dos Jansenistas, que elles intitularaõ *Ordem*, propagada por França, e Flandres, e dividida em Abbadias, Priorados, Collegios, Seminarios, Hospitaes, e Ermos ; sendo Geral Prelado, e Cabeça de toda esta Irreligiosa Familia, em 1694, por óbito do celebre Doutor da Sorbona *Antonio Arnaldo*, o famoso appellante até á morte, e para depois della, Paschasio Quersnel, Presbytero Parisiense : Simaõ Morino, Francez, que dizia ser o Espirito Santo, queimado em Paris em 1663 : Miguel de Molinos condenado em Roma em 1687 : a escandalosa, e heretica Associação, ou Uniaõ de Quietismo, Anabaptismo, e Chialismo em 1693 :

(74) D. August. in Pl. 132. (75) Salmeir. d. 17. in Epist. Joan.



1693: Os Cavaleiros do Apocalypse em Roma, re-  
 produção dos Fanaticos tumultuosos da França, em  
 1694: Beccarello Restaurador dos erros de Molinos  
 em Veneza, morto no carcere: a Juncção dos A'theos  
 em Velétri, Cidade Episcopal dos Estados da Igreja,  
 em 1719: Picenino em Italia, moderno herege re-  
 formado: e varias reliquias da impura Seita de Mo-  
 linos em Roma, e outros Dominios Catholicos,  
 extinta pelo zelo dos Sagrados, e sempre veneran-  
 dos Tribunaes da Santa Inquisição, a quem devem  
 a sua pureza, e inteireza a nossa Santa Fé, e os  
 bons costumes. Entenda pois o *Critico*, e com elle  
 os seus *Confrades*, que a palavra Divina he, segun-  
 do a Doutrina de Christo, (76) como a semente,  
 que nem toda cahe em boa terra para frutificar.  
 De tudo, o que tenho expendido, fica manifesto,  
 que o *Barbadinho* não póde defender as Proposi-  
 ções, que justamente lhe censurou o *P. Arsenio*.

Finalmente em recompensa dos escusados  
 conselhos, que o *Critico* no fim da sua *Resposta* se  
 animou a dar ao *P. Fr. Arsenio*, eu, que não me  
 canso com o aconselhar, lhe quero repetir a defi-  
 nição, que faz o eruditissimo *Feijó*, dos *Criticos*,  
 que se occupão em impugnar os escritos alheios:  
 e he a seguinte, que traslado do seu tomo 3. das  
*Cartas*, Carta 7. pag. 91. „ Se puede decir, que es-  
 „ tos son una especie de ratones racionales, porque  
 „ su ocupacion es la misma de los ratones, hacer  
 „ ruido, inquietar, y roer. Hacen ruido en el vul-  
 „ go, y con el ruido, que hacen en el vulgo, in-  
 „ quietan al que no es vulgo. Unos, y otros se  
 „ sustentan royendo, mas con una considerable dife-  
 „ rencia. Los ratones irracionales roen los libros por  
 „ afuera, estotros por adentro: aquellos el perga-  
 „ mino, estos la escritura. Y aun hay entre ellos

Yyy

algu-

[76] Math. 13.

„ algunos tan ruines, y malignos, que nó solo róen  
 „ los escritos, mas aun los zancajos de los Escri-  
 „ tores; aloque nunca llegan aquellas bestezuelas  
 domesticas.

## §. VII.

*Da doutrina Theologica do Grande P. Antonio Vieyra,  
 expendida na sua portentosa obra, intitulada:*

## CLAVIS PROPHETARUM.

**N**O Cap. V. pag. 103. promettemos dar hum suf-  
 ficiente Resumo desta obra; mas, por evitar  
 diffusão, della só copiaremos a divisaõ dos livros,  
 e os titulos, e tratados, ainda que não todos: o  
 que bastará para se reconhecer a preciosidade, que  
 encerra a obra, e a profunda sabedoria, de que foy  
 singularmente dotado seu Author.

## CLAVIS PROPHETARUM,

S E U

Opus plusquam mirabile

D E

REGNO CHRISTI DOMINI

IN TERRIS CONSUMMATO.

LIBRI TRES.

LIBER I.

*De Christi Domini, ut Regis, potestate.*

Consta de doze Capitulos, ou Questoes gravissimas,  
 este livro.

LI-

## LIBER II.

*De Christi Domini Regni in terris perfectâ consummatione.*

Inclue este livro vários Tratados, como são os seguintes.

## TRACTATUS

*De Sanctitate ultimi status Ecclesiæ; & an omnes tempore illo futuri sint iusti, atque adeo salvandi?*

## TRACTATUS

*De Pace Messie.*

## TRACTATUS

*De Universalis Evangelii prædicatione ad ultimum Ecclesiæ statum, & Regni Christi consummationem præviâ.*

## TRACTATUS

*De Templo Ezechielis, & ejus interpretatione literali.*

## TRACTATUS,

*Sive difficultas de Sacrificiis, & Cæremóniis Legalibus.*

## LIBER III.

*Agit de tempore, quo consummandum est Regnum, & an post consummationem durare debet.*

## TRACTATUS:

*An liceat futurarum rerum tempora scrutari, & de hoc aliquid statuire?*

Discute com divino engenho, e com vasta, rara, e exquisita erudição das Escrituras, e Padres esta questão; e conclue o primeiro capitulo (que he sómente, o que ha deste terceiro livro) dizendo: *Sed iam ad scrutinium istorum temporum accedamus, duce Verbo Domini.*

Yyy 2

Esta

Esta estupenda, e portentosa obra desejava de todo completa a Augustissima Rainha a Senhora D. Maria Sofia de Neoburg de eterna saúde, Mãe do Fidelissimo Rey nosso Senhor, e Protecção tão empenhada da Religião da Companhia de JESUS, que a Corte lhe deu o bem merecido titulo de *Regina Apostolorum*. Tal era a ancia de S. Magestade para ver nos olhos do Mundo, e nos da publica admiração o *Clavis Prophetarum*, que mandou pelo seu Confessor o Rmo. P. *Leopoldo Fúez* escrever ao Grande *Vieyra* huma carta, a qual foy servida fazer da sua propria letra o additamento, que he, e será eterno Padrao da immortal gloria, e eterna fama de *Vieyra*: e he o que se segue.

„ Ainda que pelo P. Confessor ficareis sabedor do meu desejo, quero empenhar os cabedaes „ proprios para fazer mais meu o thesouro, que „ pertendo; e bem merece este obsequio o grande „ affecto, que tenho á Companhia em levarme esta „ pertença, além dos interesses proprios, o zelo, „ de que não fiquem em silencio obras, de que lhe „ póde resultar tanta gloria: e crede, me deveis hum „ ma grande estimação da vossa pessoa, e excessiva „ ancia, de que Deos vos dilate a vida, &c. (77)  
Passou a mais o Soberano empenho de S. Magestade, porque escreveo ao Rmo. P. Preposito Geral da Sagrada Companhia huma carta, assinada pela sua Real mão, á qual aquelle Grande Prelado deu a resposta, que agora transcrevo.

## S E N H O R A.

**O** Singularissimo affecto de V. Mag. á nossa Minima Companhia he para mim tão notorio, e provado com a experiencia, que não posso deixar de

[77] A Carta do P. Confessor foy de 28 de Fev. de 1695.



de venerar qualquer insinuação de V. Mag. por hum rigoroso preceito da minha obediencia: e o que V. Mag. agora me ordena sobre a impressão do livro intitulado *Clavis Prophetarum* do P. *Antonio Vieyra*, ainda que eu, e a Companhia não fossemos tão interessados no credito, que nos grangêa hum *Varão* tão douto, e admiravel pelos seus escritos, bastava o desejo de V. Mag. para me obrigar a fazer todo o empenho, para que esta obra, que justamente he a expectação de toda Europa, say a luz. A todos os particulares, que V. Mag. me ordena, dou inteiro, e devido cumprimento. Ao mesmo P. *Vieyra* escrevo, e encômendo muito, satisfaça ao gosto de V. Mag., e para o mesmo fim lhe concedo permanentes quantos Religiosos lhe forem necessarios, e elle pedir para o seu alivio. No caso tambem, em que Deos o chame a melhor vida, e fique o livro imperfeito, ordeno ao Provincial do Brasil com preceito grave de obediencia, exercite o que V. Magestade deseja, e manda. Deos guarde a Real Pessoa de V. Mag. por muitos, e felicissimos annos, como eu, e toda a Companhia lhe pede, e seus Vassallos necessitaõ. Roma a 28 de Janeiro de 1696.

De V. Magestade

Obsequiosissimo, Humilissimo, e Devotissimo  
Servo

*Thyrso Gonzales de Santalha.*

A mesma admiravel obra, ainda que não perfeitamente coordinada, e muito menos completa (o que a todos merece huma eterna dor; pois, como diz o Eloquentes Historiador da Vida do Grande *Vieyra*, sendo tão raro, o que della escreveo, lá ficou

com escondido no seu entendimento o secho desta Chave, e o maravilhoso fim, a que tão sublimes idéas atiravaõ: ) qualificou em Roma o doutissimo P. Jacyntho Santaromana, da Sagrada Ordem dos Pregadores, e Doutor na Sagrada Theologia; e assim exprime a sua censura: *Sed silcat lingua eum laudare insufficiens, qui maior est omni laude: loquantur opera, quæ ipse fecit, & testimonium perhibeant de illo. In isto, quod maius eorum est, in quo de Regno Christi in terris consummato sermonem instituit, illum in omni scientiarum genere Doctorem, & Magistrum consummatum ostendit: in Theologia Positiva peritissimum; in Scholastica, quæ docet manus ad prælium, ac digitos dirigit ad bellum, bene foundation. In Traditionibus Divinis, & Apostolicis indefessum; in Pontificiis Constitutionibus, & Ecumenicis Conciliis valde practicum, &c. Nihil continet illius Catholice dissonum, & bonis moribus contrarium: quapropter illum publicæ luce dignum censeo.* Não contente com esta approvaçãõ o sapientissimo Theologo, defendeo de certo Censurador huma sentença do P. Vieyra sobre a gravissima questãõ dos Ritos Legaes com hum doutissimo parecer, o qual conclhe assim: *Ex dictis clarè apparet totum meum, in quo ferè omnia Authoris sunt verba, quæ mihi videntur pro solvendis in contrarium argumentis sufficientia. Ità censeo, salvo meliori iudicio, &c.* In Conveniũ Sanctæ Mariæ supra Minervam die 4 mensis Augusti anni 1715.

Fr. Hyacinthus Santaromana, Magister, & Theologus Casanatensis Ordinis Prædicatorum

Depois de ter voado tanto esta aquilina penna, subio com repetido desvelo a esfera do Sol da Theologia & Angelico Doutor Santo Thomás, de quem tirou novas luzes, achando hum singular tex-

to

to do Santo em rara confirmação da sentença de Vieyra, do qual texto formou, além do já escrito, hum breve, e concludente Additamento. Não pudé-  
raõ deixar de reconhecer as luzes do seu Sol outras Estrellas do Ceo Dominicano, e assim afinaraõ tudo dous gravissimos Mestres da mesma Ordem: *Præfatum votum in sensu, quo exponitur, acceptum, & fideliter ab Authore censurato depromptum, verissimum censeo, cui propterea libentissime me subscribo.*

*Fr. Marius Diana, Magister Ordinis Prædic.  
Fr. Petrus Platamone, Magister Ord. Præd.*

Na mesma Roma examinou o mesmo *Cla-vis Prophetarum* o erudito P. Andre Semiri da Companhia de JESUS, e concluiu assim a sua elegante censura: *Cum igitur in toto illo opere nihil inveniam, quod Christianam, & Catholicam pietatem, maxime vero ardentem in Christum amorem non redoleat, non video ex quo capite à typis publicis arcere debeat. &c.*

Emfim a mesma obra vio, examinou, e reduzio a Compendio nesta Corte o doutissimo P. Carlos Antonio Casnédi, Professor Publico de Theologia na Universidade de Milaõ, e bem conhecido pelos seus escritos no orbe literario; o qual por estas elegantes clausulas dá principio ao seu parecer. *Operis Author est incomparabilis Pater Antonius Vieyra, Vir heroica illimitatæ mentis comprehensione humani intellectus metas longè transcendens... Incredibile est; quantum mirabilis hic Author se ipsum, ut ita dicam; in hoc libro excedat... Fateor, quod in toto mirabili opere nullibi magis ingenium, eruditio sacra, & profana, & Theologica, tanto splendore micat, quàm in hoc tractatu, (he sobre a questão dos que não ouviraõ o Evangelho, e se haõ de condenar, &c. & in hoc, quod movet, arduo dubio.). Explicado o juizo, que*

que formou desta incomparavel, e estupenda obra; conclue dizendo: *Hic vero mirabili adeo Prophetarum, & Prophetiarum consonantia, præstat, ut, dum auditur, & legitur, necesse sit præ stupore obmutescere. Inde est, quod incomparabilis Author, sicut infra omnes Interpretes locandus foret, si nova edideret in Sacro textu non contenta, ita supra cæteros evenendus, quod que in Scripturæ thesauro latentia erant, lincca sua mente effoderit, & publicæ lucis fecerit. Aurum, & gemmas, quas educit, nova non sunt, sed Sacro textui coeva; effossio est nova, quia acumen mentis novum.* (78)

E que elogio dará a esta obra o R. no. Fr. Barbadinho das Estrellas? Boa pergunta! Hum daquelles, que já deo a muitos dos Grandes Doutores da Igreja, e aos mayores DD. Escolasticos. Hum muy semelhante aos que lhe deveraõ S. Joã Damasceno, S. Bernardo, Santo Thomás, (ainda que elle de alguns dias a esta parte inculca estar devoto do Doutor Angelico, a quem já vay acordando algum favor; porém pelo que ouço, mais por necessidade, que por virtude: elle bem me entende; e porisso me não explico mais; só lembro o que deixo escrito no Cap. XII a pag. 389, e 390) o Sutil Escoto, o Eximio Soares, e os mais Egregios Doutores deste Reyno. Não percamos tempo. Elle Rev. Critico com o desembaraço, melhor direy liberdade, de que he bem dotado, o escrevêo na sua carta 6, em que continúa a materia da Rhetorica, a pag. 106, e seguintes. He elogio não breve, porque S. R. em descompor sempre he liberal.

„ Não posso deixar de insinuar, (diz elle)  
 „ que a maior prova do que proponho, é a sua de-  
 „ cantada Obra, *Clavis Prophetarum*: de que nos dá  
 „ uma

[78] P. André de Barros, Vida do Apost. P. Anton. Vieira, pag. 619. 630 e 631.



„ uma ideia, no-livro que intitula, *Historia do-Fu-*  
 „ *turo*. Neste livro acha V. P. uma chimera mui bem  
 „ ideada, e que a ninguem mais occorre. Promete  
 „ provar primeiro, que á -- de aver no-mundo, um  
 „ novo Imperio: mostrar, que Imperio á -de fer:  
 „ determinar, as suas grandezas, e felicidades,...  
 „ o qual á-de fer tam grande como todo o mundo....  
 „ Prova isto, segundo diz, com uma profecia de S.  
 „ Frei Gil: com o juramento d' El - Rey D. Afonso:  
 „ e com outras provas deste calibre. Diz tambem,  
 „ que a maior parte á-de sair da Escritura; na  
 „ qual estam reveladas, todas estas coizas..... Eu  
 „ entro aqui a disputar, se estes fundamentos, (nam  
 „ falo das - Escrituras, pois é loucura persuadir se,  
 „ que falam em tal materia) sejam bastantes, para  
 „ afirmar tal paradoxo: é bem claro, que isto tem  
 „ apparencias de comedia... E quanto aos expozito-  
 „ res que ele aponta, e ás profecias destes moder-  
 „ nos, em que se-funda; creio nam faremos injuria  
 „ ao P. Vieira, se nos-rirmos de todas estas provas,  
 „ esperando, que as-procure mais fundadas... O  
 „ peor é, que pola maior parte, funda-se *em pa-*  
 „ *lavrinhas da-Vulgata*. E este é mui mau modo de  
 „ interpretar: porque nam tendo Deus falado em  
 „ Latim, mas em Ebraico, Caldaico, e alguma coi-  
 „ za em Grego; é necessario saber estas linguas,  
 „ para alcanzar, a verdadeira intelligencia do-ori-  
 „ ginal. sem estas preparafcoens, nenhum interprete  
 „ se-mete a dizer, coizas novas: mostrando a ex-  
 „ periencia, que communemente se-inganam, e só  
 „ podem dizer, sutilezas pouco soffríveis. E eu creio  
 „ que nam sam mui toleráveis, as que ele aqui es-  
 „ creve: observando-se summa contrariedade, na in-  
 „ terpretaçam que dá, aos seus mesmos fundamen-  
 „ tos... Eis aqui tem V. P. o que sam todas estas chi-  
 „ meras, da - Historia do - Futuro; e das-coizas (o

Zzz

„ *Clavis*

„*Clavis Prophetarum*) que tem parentesco, com „ela. Seja em satisfação dos meus peccados o trabalho de copiar tão extravagante Ortografia, assim como a cega distribuição de pontos, e virgulas!

E como se parece esta censura do *Barbadinho* com os elogios, que deixamos transcritos? Mas que ha de ser, se o *Critico* quer ser Mestre dos Mestres, levantar a sua vara censoria sobre os Escriitores mais insignes, e contra os escritos mais singularmente acreditados! Petulancia igual, ha seculos, se não vio! Chegar a dizer desta portentosa Obra, que não vio, e de que só conjecturou a idéa, pelo que lêo na Historia do futuro; que *he hum Quimera muy bem ideada, e que a ninguem mais ocorre*; que *tem apparencias de Comedia*; que *he loucura persuadir-se, que as Escrituras falem em tal materia*. Pôr-se a rir (e diz, que *sem fazer injuria ao P. Vieyra*) dos *Expositores*, que *aponta, e das profecias modernas, em que se funda: e que o peor he, que pela mayor parte se funda* (não ha audacia mais intoleravel!) *em palavrinhas da Vulgata*. Veja o que fica dito no Cap. XIV. a pag 479 E finalmente: *que sem as preparaçoes das linguas Hebraica, Chaldaica, e Grega, necessarias para a intelligencia do texto Original, nenhum Interprete se mete a dizer couzas novas: e que não são muy tolcraveis as que Vieyra ahí escreve: e conclue: (hey de dizêlo pelas mesmas palavras do Barbadinho) Eis-aqui temos, o que são todas estas Quimeras do Clavis Prophetarum.*

O que o *Critico* merecia, he, o que de outro (e talvez de lingua menos iniqua) julgou o discretissimo Historiador do Grande *Vieyra*: (79) *Mere-*

(79) O P. André de Barros liv. 5. n. 177. pag. 610, e pag. 126. 109.

*Merecia, que, como a Corvo, áve infausa, o depen-  
nasssem, ou lhe quebrassem o grosseiro bico.* Eu porém  
julgo para atrevimento tão delmarcado a ser muy  
diminuto o castigo. Dizer, que *Vieyra*, o Heróe  
das Escrituras, escrevêo expoliçoens, e interpreta-  
çoens, que não são muy toleraveis! Dizer, que  
*Vieyra*; e não menos, que quando se remontou,  
como Aguiã (e na verdade sobre si mesmo) com vôo  
tão sublime, que á vista della Obra tudo o mais,  
que communicou ao publico, he huma pequena Es-  
trella em comparação do Sol; fez huma *Quimera*  
*muy bem ideada, e hũa paradoxo, que tem apparen-  
cias de Comedia!* Emfim: que ao *P. Antonio Vieyra*  
faltavao as preparaçoes necessarias, para na inter-  
pretação das Escrituras *dizer couzas novas*; e ainda  
para a mesma intelligencia das Escrituras!. Porten-  
toza foy a humildade (80) do Grande *Vieyra*. Ja-  
ctancia sua nunca se ouviu na sua boca: antes, sendo  
obrigado em justa defeza a fallar de si, portou se  
com aquelles termos, em que se fecha a modestia,  
que são os da pura, e despida verdade. Ouça-o  
agora o *Critico*, que assim importá: e acabará de  
conhecer, quem foy este Varão esclarecido.

„ De idade de 17 annos me encomendárao  
„ os meus Prelados as *Annuas da Provincia*, (do  
„ Brasil) que vaõ a Roma *historiadas na lingua*  
„ *Latina*: e de idade de 18. annos me fizerao Mes-  
„ tre da primeira Classe de Rhetorica, aonde dictey  
„ commentadas as Tragedias de *Seneca*, de que  
„ até entao não havia Cõmento: nos 2 annos se-  
„ guintes comecey hum Cõmentario Literal, e  
„ Moral sobre *Josué*, e outro semelhante so-  
„ bre os *Cantares de Salamaõ* em cinco sentidos  
„ diversos: e indo estudar Filosofia de idade de 20  
„ annos, ao mesmo tempo compuz huma Filosofia

Zzz 2

pro-

„propria: e passando até á Logica, me consenti-  
 „raõ os meus Prelados, que não tomasse postilla,  
 „e que compuzesse para mim mesmo as materias,  
 „como com effeito compuz, e estão na minha Pro-  
 „vincia; aonde de idade de 30 annos fuy eleito  
 „Mestre de Theologia, que não proseguì, por ser  
 „mandado a este Reyno na occasiã da Restauraçã  
 „delle. Em Portugal continuey nos mesmos estudos  
 „com summa applicaçã, sendo mais morador da  
 „livraria, que da cella; não prejudicando em nada  
 „a estes estudos as peregrinaçoens de França, Hol-  
 „landa, Italia, e Inglaterra, aonde fuy *Inviada*  
 „por S. Magestade; porquanto sobre a noticia,  
 „que já tinha muito universal dos livros, sendo  
 „sempre *Bibliotecario* em todos os Collegios, pu-  
 „de vêr, como vi, as melhores Livrarias do Mun-  
 „do, e tratar com os homens mais doutos delle, e  
 „consultálos em estudos particulares, e estudar to-  
 „do o genero de *Controversias*, não na paz, fenaõ  
 „com armas na mão. Appliquey-me ao *conhecimen-*  
 „to das terras, e mares, á exacta *Cosmografia*: á  
 „intelligencia da *Historia Profana, Ecclesiastica, e*  
 „*Sagrada*; e tambem muito á *Chronologia* dos tem-  
 „pos, ordem, e successiã das Idades do Mundo,  
 „dos homens, e da Igreja, e dos Varoens, que  
 „nelle, e nella floreceraõ; querendo conhecer os  
 „ditos homens pelas suas Obras, e lendo-as para es-  
 „te fim nas suas fontes; principalmente as dos SS.  
 „PP., e *Expositores da Escritura*, a qual passey  
 „por vezes toda, e mais particularmente os *Livros*  
 „*Profeticos*, insistindo sempre no sentido genuino,  
 „radical, e pertendido pelo Espirito Santo, sem me  
 „divertir nas folhas, e nas flores; e procurando so-  
 „bre tudo a coherencia de huns lugares com outros  
 „de modo, que todos se pudésssem entender concór-  
 „demente, e sem contradiçã, nem repugnancia al-  
 „guma.

Que



Que diz P. R.mo? Teve o *P. Vieyra* os estudos, que deve, e pôde ter hum Sabio por excellencia, hum Varaõ, que seja milagre de muitos seculos; e finalmente os que V. R.ma quizerá, que todos, se possível fosse, tivessem? Pois como se animou a escrever o que fica transcrito? Se agora duvida da admiravel, estupenda, e sublime doutrina do *Clariss Prophetaurum*, ou dos tres Livros de *Regno Christi in terris consummato*, que não lêo, e de que só concebeo huma tal qual idéa pela lição da Historia do Futuro; saiba, para consolação sua, e tambem confusão, que no anno de 1739 presidio em a Igreja do Seminario Irlandez della Corte o doutissimo Mestre, que então era Professor Publico de Controversias, humas Conclusoens Magnas de toda a *Theologia Polemica*, em que tambem defendeo a doutrina do Venerando *P. Antonio Vieira* dispersa pelas Conclusoens, a que cada huma das questoes pertencia; e foraõ dedicadas á Magestade do Augustissimo, e Poderosissimo Rey nosso Senhor. Busque estas Conclusoens, que são tão estimadas, como raras. Não dirá, que o novo Imperio (a que se dá o nome de V.) he Paradoxo, e huma Quimera bem ideada. Lêa na 6. pag. da Conclusão VI. *Adversus Rabbiniſmum* o seguinte: *Quæres 1. An casu, quo spirituale Christi Regnum, quod hætenus ab initio novæ Fidelium, & Justorum multitudine propagatur, ad eam perfectionem aliquandò perveniat, ut totus Orbis Christianus sit, convenientius pro toto unum tantum habeat Imperatorem? Resolutio affirmativa patet ex iis, quibus Monarchicæ regiminis utilitas præ aliis ostendi solet: & ex congruentiâ, quæ Christus in primo adventu unum pro toto tunc Orbe cognito Imperatorem invenit!... Quæres tandem: utrum illud spirituale Christi Regnum dicendum sit quantum Imperium, maxime si tunc unus pro toto Orbe in tempora-*

*Por alibus Imperator fuerit? Res parvi momenti est: Dic quintum, vel sextum, decimum, vel vigesimum. Cum tamen quatuor tantum Universaliora hactenus in Mundo fuisse Imperia nonnulli teneant, istud quintum appellant: quod nonnullis Scripturae locis laudare contendunt. Este o novo Imperio, de que trata o Clavis Prophetarum. O ser V. ou não, he questão de nome.*

## C A P I T U L O X V.

*Em que se dá hum Extracto do livro do P. Bernardo Lamy, intitulado: Entretiens sur les Siences, dans lesquels outre la methode d'étudier, on apprend comme l'on se doit servir des Siences pour se faire l'esprit juste, &c.*

### S U M M A R I O

*Das materias, que se tratao nestes*

## E N T R E T E N I M E N T O S.

### E N T R E T E N I M E N T O I.

**O** Motivo destes Entreenimentos. Utilidade das sciencias. Ellas fazem o espirito ajustado, e o coração perfeito, quando se aprendem bem. Não ha sciencia alguma, que não possa servir á Religião, e ao estado: porém he preciso estudar com methodo.

O Entreenimento II se omitta.

IDE'A

## 551

### IDEA DA LOGICA.

**O** Fruto principal do estudo he a rectidão do animo, a qual se adquire pela applicação a esta parte da Filosofia, que se chama *Logica*, cujo objecto he regular o espirito, fazêlo capaz de distinguir a verdade, de a descobrir, e seguir. Dá-se hum *Ideia* desta *Logica*: isto he, mostra-se o que he preciso fazer, para se não enganar, tomando o falso pelo verdadeiro; o que he verosimel por certo: em hum *palavra*, para conhecer a verdade, e livrar-se do erro.

### ENTRETENIMENTO III.

**D**epois de ter mostrado a utilidade das letras, e dado os dictames geraes para regular o coração, e o animo, se manifesta o grande uso do conhecimento das linguas, da Historia, e da Geografia. Por meyo dellas comunicamos com os homens, que vivem connosco, e com aquelles, que distaõ de nós, ou que tem vivido nos tempos antigos. Pela Historia, e Geografia hum homem póde ser de todos os paizes do Mundo, e de todos os seculos, alcançando tanta experiencia, como se tivesse corrido toda a terra, e vivido desde Adão até o presente. Methodo para estudar com utilidade a Historia, e Geografia. Reflexoens, que he preciso fazer, para christianizar este estudo.

### ENTRETENIMENTO IV.

**O** Assumpto deste Entretenimento he o estudo das linguas, e o da Eloquencia. Quando se sabem as linguas, póde fazer-se util uso de todos os pensamentos, e conceitos, que tiveraõ, ou formaraõ,

os

os que primeiro escreverão: e quando se possue a Eloquencia de tal modo, que se saiba fallar, e escrever, pôde cada hum expressar os seus proprios pensamentos: o que he de huma grande importancia, porque ao mesmo tempo, que recogita as idéas, de que quer servir-se, lhe pôdem occorrer os sentimentos, e affectos, que convêm ás materias, em que se falla. Progresos, e ventagens da Eloquencia. Como se haõ de estudar as linguas, e aproveitar da lição dos Poétas, e dos Oradores. O fim, que deve haver neste estudo, he saber demonstrar a verdade, explicála, persuadila, e fazêla amar.

*Carta do R. P.\*\*\* tocante ás Humanidades.*

**E**Sta carta he dirigida a hum mancebo Ecclesiastico, que ensinava as Bellas letras em certa Universidade. Contém excellentes dictames para se aperfeiçoar no conhecimento do Latim, e do Grego, para ler com ordem, e com fruto os AA. destas duas linguas, os Poétas, os Oradores, os Historiadores. Este hum plan, ou mappa do estudo das Humanidades, isto he, do que se chamaõ *Bellas letras*, com as quaes se cultivaõ os engenhos, e se fazem mais trataveis, mais agradaveis, e mais uteis huns aos outros.

O *Entretenimento V* se omite.

## ENTRETENIMENTO VI.

*De pag. 217 até 277.*

**O** Conhecimento dos livros he huma grande parte da sciencia, ou, ao menos. huma disposição necessaria para chegar a ser sabio. Neste Entretenimento se pertende dar a conhecer os bons livros.



vros. Suppoem-se huma Bibliothéca, em que se ache tudo, quanto ha de bom na literatura. Está posta em ordem pelas materias. No mesmo tempo, que se lêm os titulos, se escolhem os que trataraõ cada Sciencia com mais perfeito méthodo, quaes saõ os melhores Authores, com que ordem se deve estudar. Dá se huma idéa da Filologã: daõ-se a conhecer os bons Grammaticos, os Dictionarios, os Comentários. Discorre-se bastantemente sobre todas as partes das Mathematicas, para dar hum perfeito conhecimento do modo, com que se pôdem estudar, com que ordem, e quaes livros seja necessario lêr.

## T I T U L O S,

Que comprehende este Entretenimento.

**B**ibliografos: de pag. 217. até 221.  
*Encyclopedia, ou Sciencia universal*: de pag. 221. até 227.  
 Dictionarios: de pag. 227. até 231.  
 Grammaticos: de pag. 231. até 234.  
 Authores Classicos: de pag. 234. até 239.  
 Historicos: de pag. 239. até 241.  
 Mathematicas: de pag. 241. até 265.  
 Filosofos: de pag. 266. até 277.

## DISCURSO-SOBRE A FILOSOFIA.

*De pag. 279 até 301.*

**E**Ste Discurso descobre a utilidade da Filosofia, a sua excellencia, o que ella ensina, sua origem, seus progressos, como se deve estudar, quaes saõ os melhores Filosofos, quaes saõ suas obras, a extensã do conhecimento, que dá a Filosofia, quanto fruto se pôde tirar della.

Aaaa

EN-

## ENTRETENIMENTO VII.

*De pag. 303 até 365.*

**E**Ste he huma continuacão do que se passou nella Bibliothéca, de que se fallou no sexto Entretenimento. Neste discurſo, por motivo dos livros da Eſcritura Sagrada, dos Santos PP. e Theologos, ſe faz conhecer, quaes ſão os melhores Comentários da Eſcritura, as melhores Edicções dos Santos PP., como ſe haõ de ler, e outros livros Eccleſiaſticos, os Concilios, e a Hiſtoria da Igreja. Dá ſe huma idéa da Theologia, para que ſe conheça, o que he neceſſario eſtudar, para ſer Theologo. Deſcrevem ſe todas as partes da ſciencia Eccleſiaſtica. Trata ſe do eſtudo do Direito Canonico. Falla ſe com eſpecialidade do eſtudo das Eſcrituras. Não ſe omitta tratar da Prégação, ou arte Concionatoria,

## T I T U L O S,

Que comprehende eſte Entretenimento.

**B**iblias: de pag. 303. até 305.

Interpretes: de pag. 305. até 308.

Os PP, e Eſcritores Eccleſiaſticos: de pag. 308. até 311.

Theologos Eſcolaſticos: de pag. 311. até 315.

Os Concilios: de pag. 315. até 318.

Do Direito Canonico: de pag. 318. até 321.

Hiſtoria da Igreja: de pag. 321. até 323.

Do eſtudo da Theologia: de pag. 323. até 346.

Do eſtudo da Eſcritura: de pag. 346. até 353.

Da Prégação: de pag. 353. até 365.

Eſtes ſão os titulos, que contêm eſte ſetimo Entretenimento, o qual conclue o Author a pag 364, e 365 com o ſeguinte.

Eu

Eu sempre tenho notado, que aquelles, que têm muito por *Cicero*, tem hum modo judiciozo de escrever: que os Theologos, que estimaõ a *S. Agostinho*, são mais elevados: que os discipulos de *Descartes* escrevem com melhor ordem, e clareza: e que aquelles, que tomaõ por modello aos Antigos, tem melhor gosto em materias de Eloquencia. Entre os AA. modernos temos alguns, que são originaes, e que he preciso lêlos com tempo. Eu não sey, se atéqui tem algum escrito melhor, que *Monsieur Paschal*, em menos palavras, e ao mesmo tempo mais agudo, e mais nobre. Nunca Filosofo algum tratou questão Methaphisica com mais exactão, e clareza, do que o *P. Malebranch*. *Escaligero*, *Casaubon*, *Saumaïse* são admiraveis no seu genero. O Cardeal *du Perron*, o *P. Sirmond*, o *P. Morin*, o *P. Petavio*, *Monsieur de Marca* são excellentes modellos. *Grocio* faz hum bello uso da Erudição. A Eloquencia de *Monsieur Arnaud* he admiravel. *Monsieur Nicole* he tambem hum destes AA. originaes, que se devem lêr, para tomar desde o principio huma bella maneira de escrever.

Esta a docilidade, a moderação, e o estylo, de que usa no seu *Metodo*, e *Critério* o *R. P. Lamy*. Não o propoem aos seus Francezes com a arrogancia de sabio, e sabio sem semelhante; qual a do *Barbadinho* no *Metodo* não seu. *Justo receio*, (diz elle (81) *que devia ter qualquer douto, quando pegasse na pena, para escrever contra um ónem* (mayor, se tivesse *b*) *de tão vasta, e profunda doutrina, como o Critico &c.* Não descompõem a Nação Franceza, nem os AA. della: sem offender, nem ainda aos de inferior merecimento, só aponta os que lhe parecraõ mais habeis para o seu util estudo. Não assim o nosso *R. Critico*, que diz (82) *exemplificara os vicios*

Aaaa 2

nos

[81] Carta a pag. 557. [82] Na mesma carta.

nos 'AA. Portuguezes :: o que fizera com advertencia . . . e que o certo é , que sô invejosos , e ignorantes não agradecerám este serviço. E que bem fraco ! Bem pudéra o Fr. Barbadinho , assim como se valêo de todas as noticias daquelle Escriitor erudito ; e não poucas vezes de algumas frases ; aproveitar-se tam bem do estylo suave , docil , e attento do *Methodo*, e Critério do mesmo Rever. Padre , como tambem do de Monsieur *Rolin* , do Jesuita *Jouvenci* , e de outros , de que furtou ; porque sem os citar nem hum só vez : e logo não daria a conhecer o seu altivo genio , arrogante audacia , e descortez maledicencia ; injuriando os Sabios de hum Nação tão culta , como a Portugueza , os muitos , e muy venerádos de Castella , e até alguns dos Santos Padres , e Sagrados DD. da Igreja. Eu sou hum dos que reconhecem a necessidade, e utilidade da Critica; pois sem ella seria hum confuso cháos a Republica Literaria : porém ao mesmo tempo devo julgar , que nem todos são habéis para o emprego de *criticar* ; e que aquelles , que o houvessem de exercer , deviaõ ser dotados das virtudes da veracidade , modestia , e cortezania , e depois examinados em engenho , e sciencia. E quanta se não requer em hum digno , e competente Critico ? Que universalidade de estudos , e que vastidão de doutrinas tanto antigas , como modernas não são precisas para tão perigoso exercicio ? *Quot genera studiorum teneat, oportet ; quàm multa lègerit, viderit, audierit, perceperit ex omni vetustâ, recentique doctrinâ, qui tantum in literas sibi permittat, judiciumque tam periculosum exerceat ?* (83) E que o nosso R. Barbadinho com estudos tão desiguaes , porque não seus , se animasse a querer dár méthodo de estudar ás Universidades , e Escolas de Portugal ! Já houve quem lho disse , e bem claro. Elle mesmo

o po-

(83) Jacob Facciol Orac. 15. pag. 155.



o publicou na sua já citada *carta* de 10 de Setembro de 1749, queixando-se de que certo *Elogista* dicesse, ( e a graça he, que sem lhe mentir ) que o *Critico* introduz o seu *Methodo* como coisa nova, e ateli nam descoberta. Que se aproveitou dos tratados já escritos nesta materia, para produzir volumes a pares. Que tem fama entre os ignorantes, porque estes não podem descobrir os seus robos. (84) E que responderá S. R? Já respondeo, e na mesma *carta*; (85) mas com a sua innáta soberba, arrogancia, e vaidade. Deve confessar o *Elogista*, que o *Critico* é *Original* por tres razoes. I. Porque foy o primeiro, que mostrou os seus defeitos aos Portuguezes em todas as materias Literarias, e lhe ensinou o modo de emendalas. ( Que petulancia ! ) II. Polas prudentes, e eruditas reflexoes, que faz em todas as materias, até o dito tempo nam tratadas por nenhum natural; ( Pois o Frade donde he? Não he de Italia? ) sendo certo, que as Obras, que fizeram os outros, nam tocam os defeitos Portuguezes, que sam diversos em muitas coizas. (Mais obrigados estamos aos Estrangeiros.) III. Pola abundancia, (redundancia) profundidade (confusão) e facilidade (moral impossibilidade) com que trata em poucas palavras (enfadonho multiloquio) essas mesmas materias, que nam achará em outros semelhantes livros. Se assim fosse, não descobririaõ os Sabios os roubos do *Critico*, nem o R. *Elogista* lhe chamaria *Plagiario*, porque nenhum homem de bem levanta ao seu proximo falsos testemunhos!

Charissimo Senhor Fr. Barbadinho das Estrellas, desenganayvos. Para dár *metodos* de estudar, e fazer *Criticas* não bastaõ esses vossos taes, quaes estudos, ainda ajudados dos da vossa Confraria :

(84) Carta de hum Filólogo de Espanha a outro de Lisboa á cerca de certos Elogios. &c. pag. 47. (85) Ibidem. pag. 50.

ria : a tanto não chegaõ as vossas fracas barbas , e não provectos annos. Lá mais de perto , porque de Bolonha , ouvi o grande voto do Erudito *Jacob Facciolato* , que bem pôde servir-vos de defengano : *Illud mihi non difficile erit ostendere , paucissimis hominibus ætate , & sapientiâ valentibus arma hæc concedenda esse ;* ( E ouvi a razão ? ) *quibus non rectè adbibitis , solitudo , & vastitas asferri potest.* Sois acaso Varaõ grave em annos , consummado em Sabe-doria ? Fallay verdade ? Se o não sois , como eu vejo , e todos publicaõ ; largay a vára censoria , deixay cahir da mão a penna , se não quereis destruir , devastar , e reduzir a soledade os Jardins das bellas letras , e os fecundos férteis campos das Sciencias ? Enfeixay os *Méthodos* , que ainda tendes por mãos alheas com esperanças de os soltares : fazei-os transitar pelos paizes , que bem vos parecer , para se embolsar o irmaõ Syndico da Comunidade dos gastos da impressaõ ; e sahey vós , e tambem os vossos *Confrades* , e apaixonados ( isto he ; os *amigos* , que vós dizeis , *vos escrevem* , *que estiveraõ fóra do Reyno* , *que tem gosto delicado* , e *Critica muy purgada* , e não *Jaõ dos seiscentistas* ) que a todos os doutos , e prudentes deste Reyno tem cheirado taõ mal o chamado *Métbodo* , que para qualquer Tratado , e escrito , que possa aqui chegar vosso , estaõ já *precaucionados com certos defensivos* , *que chamaõ antiatrabiliarios* , *antiinvidos* , *antisuperbos* , *antimalédicos* , e *antimalignos*. He receita do douto *Feijó*. (86)

### CONCLUSAM DO P. SEVERINO.

**E** Stes saõ , meus Amigos , os apontamentos , que não sem repugnancia me sacrifiquey a ler-vos nestes dias ; deixando outros discursos , que não julguey

[86] Feijó Carta 31. do 3 tom. num. 10. pag. 389.

guey conveniente referir, e tambem por não ser mais extenso. Em todos elles (outro foy o meu diſtame *à principio*) pouco, ou nada quiz responder ás injurias, melhor diſſera, blasfemias, que ſe lêm na *Repoſta* do fingido *Barbadinho*. Muito me occorria, que lhe pudéſſe dizer, e certamente havia de ficar ſem cara para apparecer: mas ſó tratey do ponto principal. Com tudo ſe repetir alguma *Repoſta* ſemelhante á primeira; quando eu não tenha vontade de mudar de eſtylo, poderá o Author do *Retrato* ſahir com outro de mais vivas côres; que para tudo tem arte, génio, e ſublime maneira, prediſcados, que o collócaõ em claſſe muy diſtinta, fazendo-o merecedor da eſtimaçaõ, que o Publico deo ao *Retrato de morte cor*. Eu ſeguro, que nada haverá, que lhe poſſa ſuſpender, nem ainda demorar, os golpes do ſeu dẽſtro pincel. Elle ſabe com total certeza, que o *Barbadinho* não he o unico *adverſario* do *P. Arſenio*, que ſão alguns mais; (delles, e do *R.mo* dirá os nomes, ſem que poſſa haver quem juſtamente o dirvide) e eſſes todos com ſeu bocado de trabalho; porque tiveraõ o de conduzir materiaes para a obra: agora, que eſſes *adverſarios* ſejaõ muitos, com grande doutrina, com muitos amigos, e com poder baſtante, como o *Frade* apregõa no fim da ſua *Repoſta* a pag. 146, não o crê, iſſo não!

Poderofos em Portugal (dentro dos limites da devida ſugeiçaõ) ſão, os que naceraõ *Grandes*, e procedem de *Grandes*, e com elles eſtaõ aparen-tados: aquelles, que ſão na Jerarquia dos Illuſtres Vaſſallos os *Primeiros*, e dos *Primeiros* do Reyno: aquelles meſmos, aos quaes, e a ſeus inclytos Aſcendentes ſatyrizou na ſua *carta da Rhetorica* com inaudita temeridade, e ſolta petulancia, negando-lhes a eloquencia, a erudiçaõ, o methodo, e a profunda ſabedoria, que reſplandecem com alto brá-do

do da fama entre as Naçoens cultas em as suas composições, e escritos. São aquelles, e tó aquelles, a cujos Avós, e gloriosos Ascendentes ultrajou, fingindo historias, para lhes negar a sciencia Militar, em que foraõ completamente instruídos: para lhes escurecer os milagres do valor, e as acçoens de eterna fama, que obraraõ na guerra da feliz Acclamação. Para opprobrio destas desenterrou a pag. 6, e 7 da sua *Resposta* o livro, que imprimio em Inglaterra o *Marechal de Schomberg*, quando descontente de Portugal. E que desinteressado Escriitor para merecer credito! Para infamia da sciencia bélica fingio na mesma pag. 7, que passando por Genova encontrára hum Cavalleiro Flamengo de Gante, homem doutissimo, (só com gente desta esféra tem cõmunicação) a quem, por desfazer na Nação Portugueza, e referir, que depois do Reinado de D. João III (alias do Senhor Rey D. João o III de gloriosa memoria) não tinhamos feito nada de bom, nem tido homens, que prestassem para nada; se oppuzéra respondendo, que não era assim: porque na guerra da Acclamação tinhaõ havido grandes Generaes, e entre elles D. João da Sylva, que fora pedido por Luiz XIV para General da sua cavallaria: porém que o Flamengo dando hum grande risada, (aqui entra a satyra do *Barbadinho*, que não he Flamengo, mas sim meyo, ou mais de meyo Francez) dislera: *Como se o Marechal de Schomberg, quando chegou a Portugal, pedindo aos vossos Generaes (aqui se bautiza Portuguez o Barbadinho; porém eu agora creyo, que elle o he só pela Bautismal pia) as plantas Militares dos confins do Reyno, nem menos estes entenderão o que pedia? Como pôdem saber os Portuguezes a arte Militar, se ignorão os primeiros principios della, como evidentemente prova o mesmo Schomberg no livro, que imprimio das Campanhas de Portugal?*

Meu



Meu *Charissimo*, declare-se de todo: Vós-cade parece-me, que está tentado a compor algum *Verdadeiro Methodo* para as Tropas, e Milicias de Portugal? Se assim he (pois reconheço, que he homem dos *Cincocentistas*) mude de intentos, e faça pelo gastar lá, onde for mais preciso. Como he tão universal nas linguas, faça o tal *Methodo Militar* em idioma estrangeiro: e porque na Prussia he superfluo, por ter hum modernissimo, e em que se perscreve ás Tropas huma tão nova, e expedita fórma, que a França, e a Germânia o tem abraçado, dé com elle em Constantinopla, que ainda vay a tempo; porque o famoso *Baxá de Bmuerál*, que nasceo, e foy bautizado na França, não acabou de instruir no novo *Methodo* os *Janizaros*, e mais Tropas da *sublime Porta*. O *Methodo* de V. C., como sempre corta, poderá servir de *tizoura* (não estranhará o nome, que já deo á *Fyfica Aristotelica*) para lhes aguarentar as Roupas taláres, que servem de embaraço nas Campanhas. Ora faça, meu *Fr. Barbadinbo*, o que quizer, siga a torrente precipitada do seu vão, altivo, e arrogante génio; que eu peço a Deos, que lho quebrante, para que escreva com melhor *methodo*, e observe com os beneméritos o que for mais ajustado com as leys de bom Italiano; que assim terá na pátria, e fóra della *muitos amigos com grande doutrina, e com poder bastante para fazerem arrepender a todo aquelle, que se lhe declarar injusto adversario.*

F I M.

Bbbb

ERRA-

# ERRATAS.

## NO PORTUGUEZ.

### ERROS.

### EMENDAS.

havia	pag. 10	lin. 14	haveria
alguns	pag. 20	lin. 19	alguns privilegios
do Japão	pag. 26	lin. 11	da China
abobeda	pag. 40	lin. 5	abobada
<i>Antonio. The-</i>	pag. 58	lin. 16	<i>Antonio Thesawro</i>
<i>sawro</i>			
e na Epistola	pag. 75	lin. 22	na Epistola
Dispauterio	pag. 84	lin. 23	Despauterio
també o estylo	pag. 129	lin. 15	e tambem o estylo
Sermoens Pa-	pag. 133	lin. 4	Sermoens, e Pane-
negyricos			gyricos
dar-lhe	pag. 140	lin. 25	dar
<i>P. Nardi</i>	pag. 144	lin. 34	<i>Nardi</i>
Luxemburgo	pag. 148	lin. 16	Luneburgo
outras vezes	pag. 168	lin. 28	raras vezes
Mayens	pag. 170	lin. 7	Mayans
citado	pag. 192	lin. 6	citado accrescenta
fez de bem	pag. 251	lin. 13	fez de bom
musco	pag. 253	lin. 13	musgo
<i>Plagiano</i>	pag. 264	lin. 3	<i>Plagiario</i>
Sabugosa	pag. 280	lin. 4	Sabugal
se igualmente	pag. 302	lin. 23	e se igualmente
uzaõ	402	lin. 14	uza
Novo	pag. 429	lin. 19	verdadeiro
accidentaes re-	pag. 437	lin. 3	accidentes reaes
aes distintas			distintos
testamento	458	lin. 28	testamentos
de Brixia	pag. 489	lin. 2	Brescia
pouco tempo	pag. 505	lin. 3	pouco o tempo
Theologo Po-	pag. 521	lin. 17	Theologia Polemi-
lemico			ca

onde

## ERROS.

## EMENDAS.

onde diz	pag. 531 lin. 19	diz
que he	pag. 533 lin. 9	que o he
tit. e Tratados	pag. 542 lin. 11	titulos dos Tratados
a fer	pag. 547 lin. 3	fer
com armas	pag. 548 lin. 20	com as armas
O parenthesis a pag. 543 <i>juxta finem</i> ha de principiar depois das palavras: <i>arduo d. bio.</i>		
Dictionarios	pag. 553 lin. 8	Diccionarios
Bolonha	pag. 558 lin. 3	Padua
petulancia atrevida	§§ lin. 1	petulancia animoza

## N O L A T I M.

### ERROS.

### EMENDAS.

<i>Benemeretiffi-</i>	pag. 17 lin. 19	<i>Benemerentiffimorum</i>
<i>morum.</i>		
<i>Noftra,</i>	pag. 17 lin. 27	<i>Nostræ</i>
<i>baufte</i>	pag. 67 lin. 30	<i>baufte</i>
<i>dativo</i>	pag. 90 lin. 32	<i>dativo</i>
<i>ma</i>	pag. 104 lin. 4	<i>ma</i>
<i>Hic</i>	pag. 106 lin. 9	<i>Ei</i>
<i>fortitè</i>	pag. 118 lin. 12	<i>sortitò</i>
<i>re arida</i>	pag. 118 lin. 22	<i>re tam arida</i>
<i>supere</i>	pag. 133 lin. 29	<i>stupuere</i>
<i>viros</i>	pag. 153 lin. 18	<i>viros</i>
<i>Plagæorum</i>	pag. 248 lin. 20	<i>Plagæ eorum</i>
<i>muttam</i>	pag. 253 lin. 19	<i>multam</i>
<i>liâber</i>	pag. 287 lin. 24	<i>libera</i>
<i>contempzio</i>	pag. 294 lin. 22	<i>contemptio</i>
<i>viris</i>	pag. 402 lin. 24	<i>vitis</i>
<i>que editæ</i>	pag. 459 lin. 12	<i>editæ, que</i>
<i>Santa</i>	pag. 463 lin. 9	<i>Sancta</i>
<i>in circumcisis</i>	pag. 473 lin. 11	<i>incircumcisis</i>
<i>à prefertim</i>	pag. 480 lin. 34	<i>præfertim</i>
<i>dat</i>	pag. 480 lin. 34	<i>data</i>
<i>arcere</i>	pag. 543 lin. 18	<i>arceri</i>
<i>Monarchichi</i>	pag. 549 lin. 31	<i>Monarchici</i>

*Consum-*

*Confiannata a pag. 148 lin. 13 não foy erro  
da impressão, foy arbitrio, ou licença do Orador.*

---

## ADVERTENCIA.

**S**E o fabio Leitor descobrir alguns outros erros em dicções, ou em virgulação, e accentos; esperamos, que os desculpe; por serem mais occasionados da ignorancia do idioma, que da incuria do Revisor, ou negligencia do Compositor. E tambem, porque á nossa mão não chegou o Original, que em Abril deste anno de 1750 se divulgou, senão huma copia, que com grande trabalho pudémos conseguir em 31 de Julho deste presente anno. Valenía 2 de Novembro de 1750.

Antonio Balle.

MA4451

